





ACADEMIA DE MARINHA

ACTAS

XIII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA MARÍTIMA

NOS MARES DA CHINA

**A propósito da chegada de Jorge Álvares, em 1513**



28 a 30 de Outubro de 2013

## **Ficha Técnica**

**Título:** Nos Mares da China. A propósito da chegada de Jorge Álvares, em 1513

**Edição:** Academia de Marinha, Lisboa

**Coordenação e revisão:** José dos Santos Maia e Luís Couto Soares

**Data:** Maio 2016

**Tiragem:** 300 exemplares

**Impressão e Acabamento:** ACD PRINT, S.A.

**Depósito Legal:** 409195/16

**ISBN:** 978-972-781-126-7

## ÍNDICE

Organização	IX
Programa	XI
Comunicações	
<b>Palavras do Presidente da Academia de Marinha</b> Nuno Vieira Matias	17
Conferência de abertura <b>Ocidente – Oriente: um Diálogo continuado</b> João de Deus Ramos	21
<b><i>Tzin, Cataio, Malchina, Chini: notícias e imagens europeias do mundo chinês, 1499-1510</i></b> Francisco Roque de Oliveira	25
<b>Os Matemáticos Jesuítas da Assistência Portuguesa e os historiadores portugueses da Matemática (1819-1940)</b> Luís Saraiva	55
<b>Portugueses nos mares da China e do Japão nos séculos XVI e XVII</b> Carlos Francisco Moura	57
<b>Confrontos militares navais nos “mares do Sul e da China”: razões dos primeiros insucessos das armadas portuguesas</b> Vitor Gaspar Rodrigues	79
<b>Alguns aspectos da acção do Padre Melchior Nunes Barreto, primeiro missionário português na China quinhentista</b> Manuel Cadafaz de Matos	89
<b>Ofícios de artilharia na cidade de Macau no final do século XVI e início do século XVII</b> Tiago Machado de Castro	115

<b>O descobrimento da China através da cartografia portuguesa quinhentista</b> José Manuel Garcia	135
<b>As bombas de fogo e as lanças de fogo (séculos XVI-XVII) entre os róquetes chineses, indianos e de Congreve</b> Fernando Gomes Pedrosa	173
<b>Comércio e prestígio no Extremo Oriente: a Fauna exótica</b> João da Rocha Joaquim	195
<b>O Padre Cristóvão Borri no Oriente</b> António Costa Canas	211
<b>O relato de Diego de Pantoja e as coisas notáveis da China</b> Paulo de Assunção	235
<b>Notas mínimas sobre os “Papéis de D. Francisco Mascarenhas”, primeiro Capitão Geral da cidade de Macau. 1623-1626</b> João Abel da Fonseca	265
<b>Imagens de Macau no século XVIII. Diários de Viagens Portugueses</b> Cristina Costa Gomes	275
<b>As ingerências britânicas em Macau na Era Napoleónica</b> António Alves-Caetano	297
<b>A marinha mercante portuguesa na carreira de Macau. Homens, navios, rotas e cargas no primeiro quartel do século XIX</b> Alexandre de Paiva Monteiro	319
<b>Macau e a Marinha no Tratado Luso-Japonês de 1860</b> Fernando David e Silva	397
<b>Macau e a implantação da República</b> António Chrystéllo Tavares	411
<b>Contra-almirante Alfredo Motta: memórias de um marinheiro em Macau (1926-28 e 1937-38)</b> Manuel de Melo e Mota	421
<b>Caminhos do Presente e do Futuro</b> Fernando David e Silva	431

<b>O passado e a construção de uma relação sólida com a China do século XXI</b>	433
José Garcia Leandro	
<b>Nos Caminhos da Lusofonia: Macau e o Futuro das Relações Sino-Portuguesas</b>	461
Carmen Amado Mendes	
<b>A China e a Transformação da Ásia</b>	485
Carlos Gaspar	
<b>Palavras do Presidente da Academia de Marinha</b>	493
Nuno Vieira Matias	



## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

### **PRESIDENTE**

Nuno Vieira Matias

### **VICE-PRESIDENTE**

Francisco Contente Domingues

### **SECRETÁRIO**

Adriano Beça Gil

### **VOGAIS**

João Abel da Fonseca

Luís Couto Soares

Paulo Damásio Afonso

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

### **PRESIDENTE**

João de Deus Ramos

### **VICE-PRESIDENTE**

Francisco Contente Domingues

### **SECRETÁRIO**

João Abel da Fonseca

### **VOGAIS**

José Manuel Malhão Pereira

José António Rodrigues Pereira

João Paulo Azevedo de Oliveira e Costa

Rui Manuel Taveira de Sousa Loureiro

Fernando Alberto Carvalho David e Silva



## PROGRAMA

### 28 de Outubro

09:30 Recepção aos participantes e entrega de documentação

10:00 Sessão solene de abertura, presidida pelo  
Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada

Palavras do Presidente da Academia de Marinha, do Presidente da  
Classe de História Marítima e do Presidente da Comissão Científica  
do Simpósio

Conferência de Abertura  
pelo académico João de Deus Ramos  
**Ocidente – Oriente: um Diálogo continuado**

11:00 Intervalo para café

#### **1.º subtema – As Primeiras Viagens**

11:30 **1.ª mesa**

**Presidente: académico Francisco Contente Domingues**

Académico João Paulo de Oliveira e Costa

#### **Apresentação do subtema**

Prof. doutor Francisco Roque de Oliveira

***Tzin, Cataio, Malchina, Chini: notícias e imagens europeias do mundo chinês, 1499-1510***

Académico Paulo Sousa Pinto

**“Os Folangji caracterizam-se pela sua crueldade e astúcia e as suas armas são melhores que as dos outros bárbaros”. Notas sobre a chegada dos Portugueses à China**

13:00 Almoço

15:00 **2.ª mesa**

**Presidente: académico João Abel da Fonseca**

Académico Luís Filipe Thomaz

**A longa marcha do Tejo ao Rio das Pérolas**

Académico António de Andrade Moniz

**A viagem de Fernão Mendes Pinto e companheiros no Mar da China**

Académica Ana Paula Avelar

**Das descrições dos ‘mares da China’ nas escritas de viagem do séc. XVI**

16:30 Intervalo para café

17:00 **3.ª mesa**

**Presidente: académico António de Andrade Moniz**

Prof. doutor Jorge Santos Alves

**Um estranho no Paraíso? A viagem de Simão de Andrade à China, 1519-1520**

Prof. doutor Luís Saraiva

**Os Matemáticos Jesuítas da Assistência Portuguesa e os historiadores portugueses da Matemática (1819-1940)**

Académico Carlos Francisco Moura

**Portugueses nos mares da China e do Japão nos séculos XVI e XVII**

18:30 Final dos trabalhos do 1.º dia

## **29 de Outubro**

09:00 Recepção aos participantes e entrega de documentação

**2º subtema – Estabelecimento e Comércio**

09:30 **4.ª mesa**

**Presidente: académico Jorge Semedo de Matos**

Académico Rui de Sousa Loureiro

**Apresentação do subtema**

Académico Rui de Sousa Loureiro

**A primeira expedição portuguesa a Cantão, em 1517**

Académico Vítor Gaspar Rodrigues

**Confrontos militares navais nos “mares do Sul e da China”: razões dos primeiros insucessos das armadas portuguesas**

11:00 Intervalo para café

11:30 **5.<sup>a</sup> mesa**

**Presidente: académico Vítor Gaspar Rodrigues**

Académico Jorge Semedo de Matos

**Chineses e Portugueses nos mares do Extremo Oriente na primeira metade do século XVI**

Prof. doutor Manuel Cadafaz de Matos

**Alguns aspectos da acção do Padre Melchior Nunes Barreto, primeiro missionário português na China quinhentista**

Académico Tiago Machado de Castro

**Ofícios de artilharia na cidade de Macau no final do século XVI e início do século XVII**

13:00 Almoço

15:00 **6.<sup>a</sup> mesa**

**Presidente: académico Rui de Sousa Loureiro**

Académico José Manuel Garcia

**O descobrimento da China através da cartografia portuguesa quinhentista**

Académico Fernando Gomes Pedrosa

**As bombas de fogo e as lanças de fogo (séculos XVI e XVII) entre os róquetes chineses, indianos e de Congreve**

16:30 Intervalo para café

17:00 **7.<sup>a</sup> mesa**

**Presidente: académico José Rodrigues Pereira**

Dr. João Pedro da Rocha Joaquim

**Comércio e prestígio no Extremo Oriente: a Fauna exótica**

Académico Vítor Serrão

***Ars Orientalis*, ou tessituras entre a China e Portugal: fenómenos de miscigenação artística**

Académico István Rákóczi

**Fernão Mendes Pinto e os Léquios**

Prof. doutor Sandro Mendonça

**Novas Pontes, possibilidades criativas: que fazer a partir de tanta história tecnológico-marítima**

19:00 Final dos trabalhos do 2.º dia

### **30 de Outubro**

09:00 Recepção aos participantes e entrega de documentação

09:30 **8.ª mesa**

**Presidente: académico Adriano Beça Gil**

Académico António Costa Canas

**O Padre Cristóvão Borri no Oriente**

Prof. doutor Paulo de Assunção

**O relato de Diego de Pantoja e as coisas notáveis da China**

Académico João Abel da Fonseca

**Notas mínimas sobre os “Papéis de D. Francisco Mascarenhas”, primeiro Capitão Geral da cidade de Macau. 1623-1626**

11:00 Intervalo para café

11:15 **9.ª mesa**

**Presidente: académico António Costa Canas**

Doutora Cristina Costa Gomes

**Imagens de Macau no séc. XVIII. Diários de Viagens Portugueses**

Prof. dr. António Alves-Caetano

**As ingerências britânicas em Macau na Era Napoleónica**

Dr. Alexandre de Paiva Monteiro

**A marinha mercante portuguesa na carreira de Macau. Homens, navios, rotas eargas no primeiro quartel do século XIX**

12:45 Almoço

14:30 **10.<sup>a</sup> mesa**

**Presidente: académico José Manuel Malhão Pereira**

Académico Fernando David e Silva

**Macau e a Marinha no Tratado Luso-Japonês de 1860**

Doutor António Chrystêllo Tavares

**Macau aquando da implantação da República**

Prof. doutor Manuel Galvão de Melo e Mota

**Contra-almirante Alfredo Motta: memórias de um marinheiro em Macau (1926-28 e 1937-38)**

16:00 Intervalo para café

**3º subtema – Caminhos do Presente e do Futuro**

16:15 **11.<sup>a</sup> mesa**

**Presidente: académico Fernando David e Silva**

Tenente-general José Garcia Leandro

**O passado e a construção de uma relação sólida com a China do século XXI**

Prof.<sup>a</sup> doutora Carmen Amado Mendes

**Nos Caminhos da Lusofonia: Macau e o Futuro das Relações Sino-Portuguesas**

Prof. doutor Carlos Gaspar

**A China e a Transformação da Ásia**

17:45 Intervalo

**Preparação da mesa de encerramento**

18:00 Sessão solene de encerramento,  
presidida pelo Almirante CEMA

Conferência de encerramento

pelo Doutor Jorge Alberto Hagedorn Rangel,

Presidente do Instituto Internacional de Macau

**500 anos nos Mares da China: um legado valorizado e renovados desafios**

Palavras dos Patrocinadores e entrega dos Prémios e Diplomas

Palavras do Presidente da Academia de Marinha



## PALAVRAS DO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE MARINHA

Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada,

As primeiras palavras deste XIII Simpósio de História Marítima são dirigidas a V. Exa., naturalmente para o cumprimentar, mas também para lhe agradecer o relevo que a presença do Comandante da Marinha Portuguesa confere a este acto, como que içando no tope do mastro desta nau de pedra o sinal do seu interesse pela Academia de Marinha. Muito obrigado.

Cumprimento, também, os restantes ilustres membros da mesa.

Dou, igualmente, as boas-vindas a bordo às senhoras e senhores convidados, aos Senhores Almirantes e Generais, Senhoras e Senhores Académicos. Peço que se sintam bem nesta casa que é de mar, mas que não balança.

Estou reconhecido pelas vossas presenças, assim como pelos apoios intelectuais e também materiais já prestados e, principalmente pelos que irão sendo desenvolvidos, ao longo deste nosso Simpósio. De facto, é minha indeclinável obrigação prestar público reconhecimento às individualidades que aceitaram os nossos convites, quer para fazerem parte da Comissão Organizadora e da Comissão Científica, esta presidida pelo Senhor Embaixador João de Deus Ramos, que também aceitou a responsabilidade da intervenção inicial, quer para proferirem a intervenção final do Simpósio e de introdução dos subtemas, respectivamente Senhor Dr. Jorge Alberto Hagedorn Rangel e Senhores Profs. Doutores João Paulo de Oliveira e Costa e Rui de Sousa Loureiro e General José Garcia Leandro.

A este distinto grupo junto os senhores presidentes de mesa, oradores e todos os intervenientes que, ao longo dos três dias de debate, darão vida e alma a este XIII Simpósio.

Uma palavra de gratidão é também de justiça ser endereçada ao nosso patrocinador e aos nossos apoiantes.

De facto o contributo da EDP permitiu que este ano, pela primeira vez, fosse instituído um prémio financeiro para cada um dos subtemas, assim como o apoio do Banco Espírito Santo que facilitou a logística, o Instituto Internacional de Macau que patrocinou o convívio final e a Comissão Cultural de Marinha, através do Museu de Marinha, que organizou a exposição *China Trade: visões do Oriente*, com onze pinturas, patente na nossa galeria.

Bem hajam.

Perante o programa que elaborámos, tiramos a conclusão de que é ambiciosamente intenso, mas isso está na linha, e perdoe-se-nos a imodéstia, da actividade constante que aqui estamos habituados a desenvolver.

De facto, isso pode ser exemplificado, indicando que, no corrente ano civil, à semelhança dos últimos, já foram realizadas 36 sessões culturais a que acresce a parte que aqui teve lugar do Colóquio *Brasil e Portugal – unindo as duas margens do Atlântico*, iniciativa esta organizada conjuntamente pelas Academias Portuguesa da História, das

Ciências, de Marinha e Internacional de cultura Portuguesa, Sociedade de Geografia de Lisboa e Comissão Portuguesa de História Militar e pelos nossos parceiros brasileiros. Participou-se ainda noutra sessão conjunta com o Instituto de Cultura Europeia e Atlântica realizada na sua sede, na Ericeira. Também na actividade editorial, temos procurado dinamizar as capacidades da Academia e, nessa linha, em 2013, foram dados à estampa, dois volumes da História da Marinha – *Navios Marinheiros e Arte de Navegar 1500-1668* e *Navios Marinheiros e Arte de Navegar 1669-1823*, respectivamente coordenados pelos nossos académicos Professor Francisco Contente Domingues e Comandante José Manuel Malhão Pereira, mais dois livros de memórias, relativos a 2008 e 2009 e também outro com as *Actas do XI Simpósio de História Marítima*. Ao mesmo tempo, estamos a ultimar a tradução para português da obra do Prof. John P. Cann, *Brown Waters of Africa – Portuguese Riverine Warfare*, em 2ª edição que acolheu volumosa colaboração de membros da Academia e que já está a ser comercializada pela *Helion Company* de Londres. Em português, a propriedade será da Academia de Marinha, já que o nosso académico John Cann nos vendeu todos os direitos por 1 Euro. Estamos também a ultimar, em conjunto com o Instituto de Estudos Superiores Militares, a publicação de um volume com os textos das conferências proferidas nessa Escola superior por membros da Academia sobre as experiências operacionais nas três frentes dos últimos conflitos em África.

Gostaria ainda de referir, em termos prospectivos, que decorem já os trabalhos do Júri para atribuição do *Prémio Almirante Sarmiento Rodrigues* ao qual concorrem 11 obras e começámos a planear a XIII Exposição de Arte sobre *O Mar e Motivos Marítimos* a ter lugar no próximo ano, na expectativa de que o número de artistas concorrentes, pintores, escultores e modelistas, ultrapasse a marca da centena, atingida em 2012.

Para o Simpósio deste ano decidimos, em elaboração com o Conselho Académico, escolher o tema *Nos mares da China – a propósito da chegada de Jorge Álvares, em 1513* e, assim, relembrar a data em que, pela primeira vez, um navegador luso chegou à China. Foi uma presença logo assinalada com um padrão colocado em Ta-mang, próximo do porto de Cantão.

Passaram 5 séculos e vale a pena recordar o evento, percorrendo o diversificado horizonte do seu valor histórico, mas olhando-o também como marco inicial de um longo relacionamento de mútuo respeito e de admirável convivência que constitui uma vultosa mais-valia, longamente acumulada, atingindo hoje forte importância prospectiva. Por isso, procuramos orientar os participantes no simpósio na elaboração das suas comunicações sugerindo-lhes três subtemas:

- As primeiras viagens;
- Estabelecimento e comércio;
- Caminhos do presente e do futuro.

Isto é, seguimos uma linha já habitual nesta Academia de procurar estudar a história visando dela retirar ensinamentos, lições, para o presente, que nos permitam, também em termos políticos e estratégicos, prospectivar o devir, detectando erros a corrigir, mas também potenciando os factores positivos. E este nosso multiseclar relacionamento

pacífico e amistoso com a China e as suas gentes é modelarmente valioso e contém até um exemplo paradigmático no caso da cidade do Santo Nome de Deus de Macau. Esta foi e é o produto da respeitosa convivência de duas civilizações. Isso está de resto, magistralmente representado no Museu da cidade de Macau, mandado erigir pelo seu último Governador, Senhor General Rocha Vieira, aqui presente, e projectado pelo arquitecto Bonina Moreno, antigo oficial de Marinha. Recordo que a entrada se faz por um corredor fortemente convergente, que expõe, num lado, muitos elementos representativos da civilização ocidental e, no outro, semelhantemente, ícones da civilização chinesa. Essa simbólica convergência física dá, repentinamente, acesso a um amplo espaço que representa a cidade de Macau, qual produto dessa aproximação progressiva. É uma feliz representação de mais de quatro séculos e meio de tolerante convivência. Esta metáfora está igualmente presente no Museu Marítimo de Macau, também projectado por Bonina Moreno, onde a mão do nosso ilustre confrade Almirante Manuel Vilarinho colocou em paralelo grandes descobertas marítimas chinesas e portuguesas. A par das nossas navegações e técnicas de construção naval, encontram-se referências às viagens chinesas e às suas invenções empregues na produção de navios como, por exemplo, a compartimentação estanque, resultado da observação do inafundável bambu, ou o leme compensado, certamente consequência da aplicação dos princípios de Sun Tzu de atingir o mesmo objectivo com o menor esforço.

É esta mais-valia histórica e sentimental que certamente aflorará, nesta sala, ao longo dos três intensos dias do Simpósio, na apresentação das quase quatro dezenas de trabalhos e nas correspondentes discussões. Começando do passado para a actualidade e desta para a visão futura teremos aqui, certamente, uma sequência continua em que todos participaremos.

De certa forma, trata-se de ir à origem, à Grécia Antiga, revisitar o conceito de simpósio, o qual, segundo Aristófanes, era formado por “*canções de mesa*” em que “*cada simposiasta entoava, ao som da flauta, um verso de uma composição conhecida e, depois, passava o ramo de mirto... ao que estava á frente para ele prosseguir*”.

Isto é, o ramo de mirto aqui serão as ideias que cada simposiasta expresse e passe, como deixa, para serem continuadas pelo orador seguinte.

Segundo Xenófanes, os simpósios terminavam com preces aos deuses e com libações. Na Academia de Marinha as preces estarão certamente no espírito de cada um de nós, pedindo pelo êxito dos nossos trabalhos. Quanto às libações, moderadamente, existirão no beberete com que encerraremos os nossos trabalhos na quarta-feira, oferecido pelo Instituto Internacional de Macau e pela Academia de Marinha. Também por isso vale sempre a pena estudar a História.

Renovo os meus agradecimentos e formulo votos de êxitos pessoais e colectivos a todos os que, por qualquer forma, colaboram no nosso XIII Simpósio.

Nuno Vieira Matias  
Almirante



## Conferência de abertura

### OCIDENTE – ORIENTE: UM DIÁLOGO CONTINUADO

Queria em primeiro lugar agradecer à Academia de Marinha, na pessoa do seu Presidente, a honra que me foi feita ao ser convidado a proferir a Conferência de Abertura do Simpósio “Nos Mares da China – a propósito da chegada de Jorge Álvares, em 1513”. É devida também uma palavra de agradecimento à Comissão Científica deste Simpósio, a que tive o privilégio de presidir. Foi integrada pelos Profs. Francisco Contente Domingues, Vice-Presidente, e João Abel da Fonseca que a secretariou, e contou com o apoio dos Vogais Almirante David e Silva, Profs. João Paulo Oliveira e Costa e Rui Loureiro, e Comandante Malhão Pereira e Rodrigues Pereira. Muito me apraz a todos agradecer publicamente a generosa e eficiente colaboração.

Parece-me de salientar, neste Simpósio que tem agora início, a relevância do tema e a sua oportunidade.

A relevância temática decorre, a meu ver, de duas realidades. Em primeiro lugar, ao longo dos séculos a Europa e a China mantiveram uma interacção estreita, quase que íntima, por nela se insinuarem por vezes vertentes emocionais: ao ciclo de sinofilia esfuizante de admiração excessiva pela China no século XVIII, encabeçada por figuras como Voltaire ou Leibnitz, fascinadas pelo conceito da aristocracia do espírito, seguiu-se outro ciclo de sentido inverso, de sinofobia, em que a China e os Chineses corporizavam tudo o que era negativo e decadente, também aqui em termos exagerados. Ao presente vivemos de novo um ciclo, em que se admira com objectividade e espírito crítico o renascimento de uma nação a partir de meados do século passado, e um crescimento e consolidação da economia espantosamente rápidos, ao longo das últimas três décadas. Em segundo lugar, a China é hoje a segunda maior economia à escala global, e a sua influência é já não apenas a de uma potência asiática, mas de uma grande potência mundial. Afigura-se, assim, sempre positivo aprofundar os nossos conhecimentos e forma de olhar para o milenar Império do Meio, que previsivelmente será uma entidade cada vez mais presente no nosso quotidiano, sublinhando a convicção de que com a mudança de século, o centro estratégico mundial passou do Atlântico para o Pacífico.

Quanto à oportunidade deste Simpósio, resulta ela não só da efeméride que se comemora – meio milénio volvido sobre a primeira ida de um português à China – mas também e sobretudo porque Portugal é, no Ocidente, o país que manteve os mais longos, intensos e contínuos contactos, que incluem uma presença ininterrupta de quatro séculos e meio no território de Macau. Fomos, de entre os europeus da Era Moderna, os primeiros a chegar e os últimos a partir; e salvo alguns desentendimentos e mal-entendidos inevitáveis neste percurso do tempo longo, as nossas relações e permanência em terras chinesas foi maioritariamente positiva. É assim oportuno que se não olvide esta realidade singular e que as mais novas gerações de investigadores e o público em geral dela tenham actualizada e plena consciência.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Escrevia Simon Leys, sinólogo belga, em meados do século passado (minha tradução): “A China é aquele Outro fundamental sem o conhecimento do qual o Ocidente não se tornaria verdadeiramente consciente dos contornos e limites do seu Eu Cultural”.

Aquilo que hoje entendemos por Ocidente tem a sua génese no fulgor do pensamento surgido na Grécia antiga em torno do Vº século antes da nossa Era, e depois, sem obnubilação da herança helénica, na notável competência de Roma na estruturação jurídica, administrativa e defensiva do seu vasto império. O Ocidente tornou-se, e é, na sua essência, a fusão da mundivivência greco-latina com a filosofia do Cristianismo.

Do outro lado do mundo, e pela mesma altura, ganhava alicerces definitivos aquilo que é a China de hoje. É no século VI antes de Cristo que vive Confúcio, que daria ao Império do Meio os fundamentos do seu pensamento social, político, ético e filosófico; e como seu contemporâneo Lao Zi, pai do Taoísmo, que saberia introduzir perenemente na estrutura do pensamento uma medida de abstracção, leveza e espiritualidade numa transcendência não revelada. A estas duas vertentes haveria de acrescer pouco depois o Budismo importado da Índia, ficando assim concluídos e sólidos os três pilares em que assenta, até hoje, a essência da forma de pensar e viver chinesas.

É no encontro entre estas duas civilizações - a mediterrânica e a chinesa - iniciado, quanto se sabe, a partir do segundo século antes da era cristã, que encontramos porventura as mais determinantes interacções no evoluir da História da Humanidade, das quais resultaram fascinantes, enriquecedoras e belas páginas do relacionamento humano e da compreensão da alteridade.

É este o tema subjacente ao Simpósio que aqui hoje nos reúne: o milenar diálogo Ocidente-Oriente, em que a partir do século XVI se abrem as portas a Portugal como o mais notável representante do Ocidente. No que toca à China, o marco inicial terá sido o Regimento de Almeirim de 1508, em que D. Manuel dá instruções precisas e pormenorizadas a Diogo Lopes de Sequeira, num questionário notável sobre tudo o que respeita à China e aos chineses; e é já claro o distanciamento das visões fantasmagóricas medievais sobre a Ásia e igualmente claro que por detrás das instruções está a dinâmica de um pensamento novo decorrente dos alvares do Renascimento. O Regimento de Almeirim é também a manifestação de uma vontade política forte criadora das condições para que Jorge Álvares aporte 5 anos depois a terras chinesas, e que Macau surja, passadas mais quatro décadas. Propicia ainda a futura dinâmica de aproximação da coroa portuguesa à Companhia de Jesus, à consolidação do Padroado Português do Oriente e à destacada acção dos missionários jesuítas.

Seja-me aqui permitido um parêntesis para referir que é à acção destes missionários, aos seus conhecimentos e aos seus textos, que maioritariamente se deve o nascimento da Sinologia como disciplina científica tal como a entendemos hoje. Pelas qualidades humanas e nível de conhecimentos, os inicianos souberam em pouco tempo ganhar o apreço das elites chinesas e do próprio Filho do Céu, o Imperador.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

O surto dinâmico do Islão a partir do século VII levou a que em simultâneo os muçulmanos chegassem à Península Ibérica através de Gibraltar, em 711, e ao sub-contidente indiano, a Debul, perto de onde hoje se encontra Karachi, no ano seguinte, em 712.

A islamização de uma parcela considerável da Ásia, contribuiu de uma forma significativa para a abertura do mundo às ideias e às pessoas. No mesmo sentido globalizante, no século XIII os Mongóis expandiram-se com uma força que deixou a Eurásia atónita e apavorada. Mas pouco depois, foi com esses mesmos Mongóis que a Europa cristã iria procurar uma aliança no combate ao Islão, nesta trama se envolvendo os poderosos do Ocidente e do Oriente em torno dos dois pólos, o Sumo Pontífice e o Grande Khan mongol. A visão do Papa Inocêncio IV e o espírito de cruzada do Rei São Luís fizeram convergir o pensamento e as vontades, no sentido de a cristandade, em aliança com os chefes mongóis, destruírem o mundo islâmico e os respectivos centros de poder, o Califato Abasside de Bagdad e o Sultanato Mameluque do Egipto. E a primeira escolha de um emissário da Cristandade ao Grande Khan recaiu sobre o Franciscano português Frei Lourenço de Portugal, nomeado pela bula *Dei Patris Immensa* de 1245. Mal conhecido entre nós, merecia sê-lo bem, pois como escreve Pisanu, “Porventura nenhum outro Franciscano do seu tempo teve mais poder que ele, sendo compreensível a estima de que gozava entre os membros da Cúria Papal”.

Frei Lourenço não seguiu viagem, mas foi a primeira escolha para dar execução àquela magna estratégica ocidental. Estava-lhe subjacente o mito do Preste João, mito esse que viajou no espaço desde a Ásia Central à Abissínia, e no tempo, da Idade Média aos alvares da Moderna.

É finalmente com a expansão portuguesa que se entra na fase da História que nos traz até à contemporaneidade em que o mundo tende a ser um só. Quando os portugueses chegam aos mares orientais, em finais do século XV, encontram uma Ásia em crescimento nas suas vias marítimas de comunicação. O comércio e o desenvolvimento económico eram potenciados por uma rede islâmica que favorecia os contactos interculturais e a transmissão de ideias, religiões, sistemas políticos e de administração. A mais-valia que os portugueses trouxeram foi dinamizar aquele crescimento, exponenciando as tendências existentes, ao mesmo tempo e quando possível, adaptando-o aos seus desígnios e impondo paulatinamente as suas regras.

O grande sinólogo inglês Joseph Needham escreveu, no Vol. IV da sua imensa obra *Science and Civilization in China*, o seguinte (a tradução é minha) “Quem quer que tenha tido a boa sorte de deambular nas costas das províncias de Fujian ou de Cantão e observado a passagem dos grandes navios de Zheng He, e também de ter estado no alto daquela colina donde se avista o Tejo, a Torre de Belém e a praia do Restelo, não pode deixar de ficar impressionado pela estranha contemporaneidade das grandes viagens de descobrimento portuguesas e chinesas. É na verdade uma coincidência histórica notável,

que a navegação chinesa de longo curso tenha atingido o seu apogeu ao mesmo tempo que a maré das viagens marítimas portuguesas iniciava o seu espectacular fluir. Estas duas grandes correntes quase se encontraram nas costas do continente africano. A inspiração para uns e outros proveio de dois homens ambos excepcionais, de um lado um patrono real das navegações e do outro um eunuco imperial, embaixador e almirante. Impossível evitar a comparação, pois aqui se encontra o apogeu da empresa marítima chinesa”.

Com efeito, enquanto a nossa expansão ultramarina nos marcou e marcou a história universal, no caso do Império do Meio constituiu um evento excepcional. Os chineses sempre lançaram o olhar mais para o interior, para a sua própria terra, e esta característica dominante enfraqueceu a sua vertente marítima. A atenção dada às expedições oceânicas do almirante Zheng He deveu-se tão só ao seu já referido carácter de excepção, à dimensão suposta dos navios e das frotas, e ao quase sincronismo com a génese da expansão europeia; no caso chinês não voltou a repetir-se semelhante iniciativa, podendo assim dizer-se que no Império do Meio prevaleceu a voz do Velho do Restelo.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

A China de hoje é a China de sempre, numa história de quatro milénios. A geografia, a escrita e a coerência entre civilização e cultura terão sido os factores principais desta singular continuidade.

A presente liderança de Xi Jinping e Li Keqiang parece querer encontrar soluções para alguns desequilíbrios e problemas prementes: o seu regime político é gerador de tensões, as desigualdades sociais agravam-se, o envelhecimento demográfico acentua-se. Com Portugal as relações podem qualificar-se hoje de excelentes, uma vez que os 13 anos já decorridos de existência da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China são verdadeiramente uma história de sucesso, a Parceria Estratégica de 2005 coloca o relacionamento luso-chinês num nível elevado e a circunstância de o Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial com os Países de Língua Portuguesa estar sediado em Macau desde 2003 mantem abertas as portas a uma cooperação multilateral com efeitos benéficos para todos. Saibamos nós daí tirar todas as vantagens possíveis. Este clima e esta realidade de relações cooperantes e amistosas veio além disso propiciar uma historiografia mais dinâmica e objectiva, permitindo a convergência de esforços e saberes por parte de investigadores portugueses e chineses, com o recurso às respectivas fontes. Isto permitirá avançar no conhecimento histórico do longo contacto luso-chinês, relevante não só para os protagonistas mas também numa perspectiva global, porque na sua essência enforma o longo e continuado diálogo entre as duas maiores civilizações.

João de Deus Ramos

# ***TZIN, CATAIO, MALCHINA, CHINI: NOTÍCIAS E IMAGENS EUROPEIAS DO MUNDO CHINÊS, 1499-1510***

Francisco Roque de Oliveira

## **Introdução**

Durante a década e meia que se seguiu ao desembarque de Vasco da Gama em Calecute, em 1498, um conjunto muito diversificado de agentes europeus, enquadrados pelas redes que os portugueses começavam a estabelecer na Ásia marítima, procedeu à recolha de informação relativa ao mundo chinês. Tanto na forma escrita, como na sua expressão cartográfica, estes inquéritos decorreram, em simultâneo, da procura de informação genérica sobre os mercados da Ásia oriental e de uma intenção explícita pelo conhecimento de um horizonte vagamente coincidente com a geografia aprendida no texto medieval de Marco Polo. Tratou-se de um levantamento muito lacunar, comprometido pela ausência de contacto directo com a China, algo que apenas começaria a ser resolvido de forma mais sistemática na sequência dos primeiros desembarques portugueses no Guangdong, em 1513-1514. Ainda assim, a reportagem chinesa que a Europa realizou nesta altura encerra um conjunto de notícias do maior interesse para o estudo da moderna imagem da China, tendo beneficiado, desde logo, de duas circunstâncias complementares: por um lado, da pluralidade de agentes envolvidos na realização e transmissão das notícias, os quais emprestaram olhares razoavelmente diversificados e propiciaram uma difusão à escala europeia igualmente ampla; por outro lado, do aproveitamento explícito de fontes orientais e na consequente produção de documentos híbridos, nos quais os cânones ocidentais de fixar a realidade geográfica da China se fundiram com fórmulas asiáticas de a representar.

Neste texto, sistematizaremos o essencial da aprendizagem europeia sobre o espaço e a geografia humana da China até ao momento imediatamente anterior à conquista portuguesa de Malaca, em 1511. Trata-se de uma opção cronológica justificada pelo facto de tal conquista ter induzido uma alteração substantiva em todo este processo de recolha noticiosa que decorria desde a transição do século XV para o século XVI. No essencial, a presença continuada em Malaca veio permitir que os europeus comesçassem por proceder a um inquérito directo junto da comunidade mercantil chinesa aí instalada, do que resultou um acumular de informações qualitativamente distintas de todas aquelas conseguidas até então, muito dependentes de intermediários muçulmanos e hindus. Em certo sentido – e excluindo a matéria mais precisa associada ao perfil e aos preços dos produtos transaccionados nas feiras de Cantão –, os dados trazidos pela primeira viagem portuguesa à China não irão acrescentar demasiado ao retrato genérico que os portugueses e os demais europeus presentes em Malaca antecipavam nas vésperas dessa expedição se ter concretizado – precisamente por intermédio de uma virtuosa parceria luso-chinesa,

que levou o mercador Jorge Álvares ao litoral de Cantão a bordo de um junco adquirido pouco antes em Martabão, no Pegu<sup>1</sup>.

O célebre planisfério português dito “*de Cantino*” (1502) referencia, antes de qualquer outro documento, o aproveitamento indirecto por parte dos portugueses recém-entrados no Índico ocidental de informação sobre a China. Uma legenda inscrita ao lado de uma Península Malaia de excelente traçado (haja em vista a cartografia portuguesa ou a demais cartografia europeia contemporânea) traz consigo uma novidade decisiva na representação cartográfica da Ásia marítima. Por intermédio deste mapa, a Europa tomava contacto com a expressão “*terra dos Chins*” e com o rol de mercadorias daí escoados, dados estes por certo ouvidos referir nas escalas do Indostão pelos primeiros portugueses que aí tinham desembarcado desde 1498. Lê-se na legenda em causa: “*malaqua em esta cidade ha todas as mercadarias que vem a qualicut .s. crauo & benjoym & lenholoe & samdalos estoraque & Ruy barbo & marfim & pedras preciosas de muita valia & perlas & almjzquer & porçolanas finas & outras mutas mercadarias todas a mor parte vem de fora contra a terra de chins*”<sup>2</sup>. A clara proveniência sanscítica do topónimo “*Chin*” reforça a probabilidade da generalidade destas informações proceder do espaço geográfico indicado. Quanto ao desenho do mapa, em particular no que se refere ao respectivo sector oriental, sendo certo que se mantém fiel a algumas das mais marcantes convenções ptolomaicas, não apenas incorpora muitas outras notícias recolhidas em segunda mão no Índico, como as deverá ter ajustado à referenciação dos lugares colhida em espécimes cartográficos não europeus, designadamente em cartas árabes e malaias<sup>3</sup>.

Sobram vestígios em textos coevos dos passos que possibilitaram a revelação muito rápida dos litorais asiáticos, incluindo aqueles situados entre Malaca e a China, na sequência da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia. A importância que a circulação de informações em suporte manuscrito continuou a ter nesta época aconselha a que, ao ensaiarmos a reconstituição deste processo de construção de conhecimento sobre o mundo chinês, concedamos idêntica atenção às fontes manuscritas e às fontes impressas das quais dependeu, em última instância, o acesso generalizado às novidades sobre este objecto geográfico por parte da Europa<sup>4</sup>. Por outro lado, ainda que escolhendo tratar cada fonte *per se*, não perdemos de vista que, em última análise, a sua cronologia não

<sup>1</sup> Rui Manuel LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 150-156.

<sup>2</sup> Ver Armando CORTESÃO e Avelino Teixeira da MOTA (eds.), *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. 1, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, p. 13; Ernesto MILANO, *La Carta del Cantino e la rappresentazione della Terra nei codici e nei libri a stampa della Biblioteca Estense e Universitaria*, Modena, Il Bulino, 1991, p. 151.

<sup>3</sup> Cf. Hiroshi NAKAMURA, *East Asia in Old Maps*, Tokyo, The Centre for East Asian Cultural Studies, 1962, pp. 22-23; Luís de ALBUQUERQUE, “Algumas observações sobre o Planisfério de Cantino”, in L. de Albuquerque, *Estudos de História*, vol. 4, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1976, pp. 181-221; Maria Teresa AMADO, “Planisfério de Cantino”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. L. de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 191-192.

<sup>4</sup> Ver, *inter alia*, Fernando BOUZA ÁLVAREZ, *Del escribano a la biblioteca. La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII)*, Madrid, Síntesis, 1992, pp. 33-48; F. BOUZA ÁLVAREZ, *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001, pp. 75-83 e 163-170.

é separável do ritmo que resulta do regresso das sucessivas frotas que deram continuidade à rota inaugurada por Gama em 1497-1499, assim como dos avanços portugueses no espaço asiático. Adquire aqui particular significado o primeiro reconhecimento de Malaca pela armada de Diogo Lopes de Sequeira, em Setembro de 1509, antecedendo em cerca de dois anos a conquista desta praça malaia e o consequente acesso directo ao mar da China por parte da navegação portuguesa e dos seus agentes.

Para além da indicação genérica sobre o contexto que enformou cada recolha informativa, a nossa leitura contemplará também o problema do pretexto, ou seja, o dos motivos subjacentes à redacção dos testemunhos seleccionados. Sempre que tal se nos afigurar pertinente, consideremos ainda a matéria do intertexto, quer dizer, a das dependências de conteúdo que os testemunhos revelam entre si de forma mais ou menos explícita<sup>5</sup>. Em todos aqueles casos em que tal for possível, procuraremos organizar a leitura em função de um triplo inquérito: à condição profissional e à origem geográfica ou nacional dos protagonistas da escrita; aos principiais locais de recolha e de divulgação das notícias; e, finalmente, à qualidade essencial da matéria chinesa revelada pelos documentos – o que, em todo o caso, executaremos sem a ambição de esgotar a microanálise dos textos.

## 1. O anónimo *Relato da primeira viagem de Vasco da Gama e a carta de D. Manuel ao cardeal D. Jorge da Costa, 1497-1499*

O comumente designado *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama* é omissivo em qualquer referência explícita à China. Tal como a extensa literatura de referência há muito fixou, trata-se do diário, relação ou relato da viagem atribuído ao marinheiro ou soldado Álvaro Velho, um dos participantes na expedição marítima comandada por Gama, tendo desembarcado em Calecute com o almirante português. Estava-se em 1497-1499, sendo que a narrativa abre a 8 de Julho de 1497, enquanto a derradeira notícia introduzida data de 25 de Abril de 1499 e foi escrita à vista da ilha de Santiago. Sabe-se que o relator não apenas aproveitou a experiência que teve dos sucessos desses meses, como se serviu de informações cedidas por homens como Gaspar da Índia (ou da Gama), nome de baptismo de um judeu de origem polaca, mercador, lapidário e corsário, que servira os Ádil-Cháhs de Bijapur, fora aprisionado em Calecute quando espiava os portugueses por conta do “Sabaio” de Goa e sabia falar veneziano, hebraico, caldeu, árabe, alemão e ainda qualquer coisa de castelhano<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Ver, *inter alia*, R. M. LOUREIRO, “Para uma nova leitura da *Relação do Novo Caminho* do Padre Manuel Godinho”, in *Ler História*, 15, 1989, pp. 4-5.

<sup>6</sup> Ver, *inter alia*, L. de ALBUQUERQUE, “Comentário à *Relação da primeira viagem de Vasco da Gama*”, in *Grandes Viagens Marítimas – Relação da primeira viagem de Vasco da Gama (1497), Relação da segunda viagem de Vasco da Gama (1502), Relação da viagem de D. Francisco de Almeida até à Índia (1505) e Relato da viagem de Fernão de Magalhães (1519)*, dir. L. de Albuquerque, coment. e transcr. L. de Albuquerque e F. C. Domingues, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 54-55; Vitorino Magalhães Godinho, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar – séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 287-288; José Manuel GARCIA, “Álvaro Velho”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 1064-1065; Joaquim Candeias Silva,

Os conhecimentos de Gaspar e de outra gente de vivência indiana transportada a bordo dos navios naquele trajecto de regresso seriam também aproveitados para compor a descrição sumária de terras e gentes do Oriente e o vocabulário português-malaiala que aparecem em anexo ao manuscrito original atribuído a Álvaro Velho<sup>7</sup>. Contudo, mesmo nessa pequena descrição que enumera o existente de Calecute “*pera a banda do sull*”, o máximo que aparece referido são as muitas porcelanas e a muita seda que havia em Malaca, sem qualquer apontamento adicional sobre a respectiva origem. Vemos desfilar aí os reinos de “Quorongoler” (Crangalor, actual Kodungalar), “Coleu” (Coulão, no Malabar), “Caell” (actual Kayal Patnam, na costa ocidental do Golfo de Manar), “Chomandarla” (Coromandel), “Ceylam” (Ceilão), “Çamatarra” (Samatra), “Xarnauz” (talvez Sornau, uma das antigas designações do Sião), “Tenacar” (Tanaçarim, na Birmânia), Bengala, “Peguo” (Pegu), “Bemguala” (Bengala), “Conimata” (para alguns Comar, no Cambodja) e “Pater” (talvez Patane, talvez Pedir), mas não surge nenhuma alusão expressa ao império chinês ou aos chineses<sup>8</sup>.

O resultado da primeira viagem de Vasco da Gama induziu o rei D. Manuel a solicitar a Roma um documento pontifício que corroborasse para as novas terras o “*senhorio e domínio*” concedido por doações apostólicas anteriores. D. Jorge da Costa, cardeal de Alpedrinha, foi o instrumento desta vontade, tendo a carta em questão sido remetida de Lisboa a 28 de Agosto de 1499<sup>9</sup>. Apesar de apenas nos restar cópia de duas outras missi-

---

*O Fundador do “Estado Português da Índia” D. Francisco de Almeida, 1457(?)–1510*, Lisboa, CNCDP, 1996, pp. 117–118; Jean Aubin, *Le Latin et l’Astrolabe. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales*, vol. 2, Lisboa e Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian; CNCDP, 2000, pp. 455–459; Stefania Elena Carnemolla, “Un certo Gaspar da Gama: una sffuggente figura di *interprete* dei viaggiatori portoghesi del Cinquecento”, in *E vós, Tágides minhas*. Miscellanea in onore di Luciana Stegnano Picchio, a cura di Maria José de Lancaster, Silvano Peloso, Ugo Serani, Viareggio-Luca, Mauro Baroni Editore, 1999, pp. 229–240.

<sup>7</sup> Ver José Pedro MACHADO e Viriato CAMPOS, *Vasco da Gama e a sua viagem de descobrimento – Com a edição crítica e leitura actualizada do relato anónimo da viagem*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1969, p. 229; Luís Adão da FONSECA, *Vasco da Gama: o homem, a viagem, a época*, Lisboa, Commissariado da Exposição Mundial de Lisboa de 1998, 1998, pp. 162–165; J. Aubin, op. cit., pp. 458–459. Cf. Carmen M. RADULET, *Vasco da Gama – La prima circumnavigazione dell’Africa, 1497–1499*, Reggio Emilia, Edizioni Diabasis, 1994, pp. 30–49; C. M. Radulet, “Acerca da autoria do *Diário da navegação de Vasco da Gama (1497–1499)*”, in *Os Descobrimentos Portugueses no Século XV, Actas do II Simpósio de História Marítima, Lisboa, 20/22 de Abril de 1994*, Lisboa, Academia de Marinha, 1999, pp. 89–100.

<sup>8</sup> Álvaro VELHO (?), *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia (Álvaro Velho)*, leitura crítica, notas e estudo introdutório de José Marques, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1999, pp. 120–125. Ver Álvaro Velho (?), *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, apresentação e notas de Neves Águas, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1987, pp. 93–98; Francisco Roque de OLIVEIRA, *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500–c. 1630. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*, Dissertação de Doutoramento, vol. 1, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2003, pp. 59–60 [Em linha] Disponível em <<http://ddd.uab.cat/pub/tesis/2003/tdx-1222103-160816/tdx.html>> Consulta a 6 de Julho de 2014; *Viagens dos Descobrimentos*, organização, introdução e notas de J. M. García, Lisboa, Editorial Presença, 1983, pp. 215–219.

<sup>9</sup> Carta de D. Manuel ao cardeal D. Jorge da Costa, Lisboa, 28 de Agosto de 1499, AN/TT, *Colecção de São Vicente*, liv. 14, fl. 1. Ver António Dias FARINHA, “A fixação da Linha de Tordesilhas a Oriente e a Expansão Portuguesa”, in *Congreso Internacional de Historia. El Tratado de Tordesillas y su Época*, vol. 3, Madrid, V Centenario Tratado de Tordesillas; Junta de Castilla y León; CNCDP, 1995,

vas régias do mesmo período – a que o *Venturoso* escreveu a 12 de Julho de 1499 aos Reis Católicos, Fernando e Isabel<sup>10</sup>, e a que seguiu de Lisboa para o imperador Maximiliano I de Habsburgo com data de 26 de Agosto<sup>11</sup> –, é de supor que as notícias de teor genérico que nela foram dadas para sustentar o pedido não diferissem demasiado do que passou para a maioria das cartas que D. Manuel enviou a outras personalidades ou entidades europeias, como o papa Alexandre VI ou o Colégio dos Cardeais, documentos dos quais só sobram notícias indirectas<sup>12</sup>.

A missiva que D. Manuel endereçou ao cuidado do cardeal D. Jorge da Costa é-nos particularmente útil não apenas porque pormenoriza a dívida dos portugueses para com as informações de Gaspar da Índia sobre “*todas as terras dacerca e cousas dellas des Alexandria pera la e da India pera o Sartaão e Tartaria, atee o Mar Mayor*”<sup>13</sup>, como porque foi acompanhada por uma *Certa êformaçã*, texto atribuído ao rei de Portugal ou à sua Secretaria. De entre uma série de produtos disponíveis nos mercados asiáticos, destacam-se aí as “*porcellanas que vem doutras provincias de fóra da Yndia a ella venderse e em asaz cantydade*” e de que “*os nossos agora nos trouxerã algũas peças*”<sup>14</sup>. A alusão à Tartária não deixará de convocar à memória a perspectiva asiática de Marco Polo, enquanto o Mar Maior nos remete para o *Sinus Magnus* de Ptolomeu. Por outro lado, se continua por especificar a origem das porcelanas das quais se fala, parece evidente que a ponderação de gabinete que esta escrita implicou fez um esforço para visualizar os confins orientais de acordo com uma fórmula para a qual já não interveio o rude (apesar de muito preciso) relator da viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia<sup>15</sup>.

pp. 1481; J. M. GARCIA, “Repercussões externas”, in *A Viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, coord. J. M. Garcia, Lisboa, Academia de Marinha, 1999, pp. 600-601; F. R. de Oliveira, op. cit., pp. 179-180.

<sup>10</sup> Carta de D. Manuel aos Reis Católicos, s.d. [12 de Julho de 1499], AN/TT, *Colecção de S. Vicente*, liv. 3, fl. 515 (1.ª minuta não datada); carta de D. Manuel aos Reis Católicos, 12 de Julho de 1499, AN/TT, *Colecção S. Vicente*, liv. 3, fl. 513 (segunda minuta). Cf. *Em Demanda do Oriente: VIAGENS E NOTÍCIAS QUATROCENTISTAS*, INTRODUÇÃO, MODERNIZAÇÃO DO TEXTO E NOTAS DE R. M. LOUREIRO, LISBOA, GTMECDP, 1998, pp. 63-64; J. M. GARCIA, “Repercussões externas”, cit., p. 595, notas 1 e 2.

<sup>11</sup> Carta de D. Manuel a Maximiliano I sobre o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, Lisboa, 26 de Agosto de 1499, Arquivo da Casa, Corte e Estado de Viena, “*Regesta imperii XIV (Maximilian-Regesten)*”, transcr. in J. M. GARCIA, “Problemática das Origens do Chamado “Plano das Índias”, in *A Viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, coord. J. M. Garcia, Lisboa, Academia de Marinha, 1999, p. 56.

<sup>12</sup> J. M. GARCIA, “Repercussões externas”, cit., p. 597.

<sup>13</sup> Carta de D. Manuel ao cardeal D. Jorge da Costa, Lisboa, 28 de Agosto de 1499, AN/TT, *Colecção de São Vicente*, liv. 14, fls. 1r.-2v., transcr. in *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente – Índia*, vol. 1, 1499-1522, ed. António da Silva Rego, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1947, p. 9.

<sup>14</sup> “*Certa êformaçã do mais que na India e provincias della ha*”, AN/TT, *Colecção S. Vicente*, liv. 3, fl. 511r., transcr. in *História da Colonização Portuguesa do Brasil. Edição Monumental Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil*, dir. e coord. literária de Carlos Malheiro Dias, dir. cartográfica de Ernesto de Vasconcelos, dir. artística de Roque Gameiro, vol. 2, *A Epopeia dos Litorais*, Porto, Litografia Nacional, 1923, p. 337. Ver R. M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cit., pp. 90-92.

<sup>15</sup> Cf. António Alberto Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, vol. 1, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, pp. 196-206; *Em Demanda do Oriente*, cit., pp. 65-68.

## 2. As cartas de Girolamo Sernigi e Guido di Tomaso Detti, 1499

Os primeiros textos impressos com as novas do feito de Vasco da Gama foram as cartas-relato que o mercador florentino estante em Lisboa Girolamo Sernigi escreveu a 10 de Julho e a 28 de Agosto de 1499, ambas enviadas para a Toscana e posteriormente publicadas, sem indicação do nome do autor, nos *Paesi nuouamente retrouati et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*, correspondente à importante colectânea de relatos de viagem compilada pelo gramático e cosmógrafo Fracanzio da Montalboddo e editada em Vicenza em 1507.

Com Bartolomeo Marchionni e Gianfrancesco Affaitati, Sernigi é um dos três principais mercadores-banqueiros italianos estabelecidos em Portugal nessa época. Apesar de não se conhecer a data exacta em que iniciou actividades na filial da firma que a sua família possuía em Lisboa, já em 1498 desfrutava de privilégios no negócio do açúcar da ilha da Madeira equivalentes aos dos portugueses, algo por demais excepcional atendendo à relutância que a Coroa portuguesa tinha em franquear tal trato a estrangeiros. Pela mesma altura foi-lhe permitido operar com um navio próprio nos mares da Guiné. Em 1499 recebe carta-branca para aparelhar em conjunto com Marchionni e outros especuladores o *Anunciada*, um dos treze navios da armada de Pedro Álvares Cabral que largou do Tejo com destino à Ásia a 9 de Março de 1500 e veio a colocar o Brasil no mapa. Os bons resultados obtidos determinaram que incrementasse o seu envolvimento em frotas subsequentes, como a de João da Nova, em 1501, a de Afonso de Albuquerque, em 1503, e a de Diogo Mendes de Vasconcelos, em 1510, esta última destinada a Malaca e onde se julga que todos os quatro navios que a compunham lhe pertencessem. A sua integração na sociedade portuguesa será consumada em 1515, quando D. Manuel, depois de lhe ter outorgado o título e os privilégios de cidadão de Lisboa em 1511, o reconheceu como fidalgo<sup>16</sup>.

A obra de Montalboddo que traz estas duas missivas de Sernigi de 1499 logo aparece em versão latina ao cuidado do monge cisterciense Arcangelo Madrignano sob o título *Itinerariũ Portugallẽsiũ e Lusitania in Indiã & inde in occidentem & demum ad aquilonem* (Milão, 1508). Tal tradução reeditar-se-á em Basileia em Março de 1532, em 1537 e em 1555 incluída no *Novus Orbis regionum ac insularum ueteribus inconitarum*, colectânea preparada por Johann Hüttich, cónego da catedral de Estrasburgo, e prefaciada pelo humanista Simon Grynaeus. Em Paris, sairá em Outubro do primeiro desses anos. A versão italiana reaparecerá em Milão em 1508, 1512 e 1519, em Veneza em 1517 e 1522, antes de ser integrada por Giovanni Battista Ramusio no primeiro volume de *Delle Navigationi et Viaggi*, ampla colectânea de viagens que começa a ser publicada em Veneza em 1550. Em 1508 surgirão também em Nuremberga uma edição em língua alemã pelo médico humanista Jobsten Ruchamer e outra em dialecto germânico. Ao longo do segundo decénio do século XVI sai em Paris, em francês, por diversas vezes, enquanto o

<sup>16</sup> C. M. RADULET, "Girolamo Sernigi", in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 2, pp. 983-984; Marco SPALLANZANI, *Mercanti fiorentini nell'Asia portoghese (1500-1525)*, Firenze, Studi per Edizioni Scelte, 1997, pp. 105-110.

holandês Jan van Doesborch publica uma edição em língua inglesa, em 1511. Quanto ao *Itinerariū Portugallēsiū*, será reeditado em alemão em Estrasburgo no ano de 1534 e em Basileia em 1555 (edição muito aumentada). Antuérpia oferece uma edição do mesmo, em flamengo, em 1563<sup>17</sup>.

Para a carta de 10 de Julho – que, ao contrário do que fez com a de 28 de Agosto, o impressor italiano não apresentou em versão resumida –, Sernigi serve-se da experiência dos recém-chegados mareantes da armada de Vasco da Gama para conjecturar sobre as notícias recolhidas em Calecute alusivas à gente que, oitenta anos antes, aí aportava cada dois ou três anos para trocar “*panni lini molto fini e ottono lavorati*” por especiarias. Trata-se de uma clara alusão às escalas chinesas que ocorreram regularmente nesta parte do Índico ocidental nas primeiras três décadas do século XV, coincidindo com o momento culminante do longo ciclo de três séculos de abertura da China ao exterior e ao mar, o qual a transformara na grande potência marítima da Ásia e que será celebrado pelas sete expedições comandadas pelo almirante Zheng He entre 1405 e 1433, durante os reinados dos imperadores Yongle (r. 1403-1424) e Xuande (r. 1426-1435). A redacção original é muito semelhante à que se lê nos *Paesi* (e, por sua vez, não muito distinta daquela que Ramusio apresentará em 1550) e especifica: “*E già circa di 80 anni che nella città di Chalichut vennono certi navili di cristiani bianchi c’ocapelli lunghi simili alli allamani, senza barba, salvo intorno alla bocca, come portano in Chostantinopoli e cavalieri e cortegiani; e smontonno in terra armati di corazza e capazzetti e beviere e con certe arme in aste. [...] Se fussino allamani mi pare n’aremmo qualche notizia. Può esser che sieno rossi de Rossia, se gl’hanno porto di mare*”<sup>18</sup>. Claro que não seria o linho, mas as sedas, um dos cobiçados produtos que ofereciam. Por acréscimo, a notícia também nada menciona de concreto sobre a China. No entanto, de novo se percebe a necessidade que “*Girolamo*

<sup>17</sup> A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 527-532; Numa Broc, *La géographie de la Renaissance, 1420-1620*, Paris, Ministère de l’Éducation Nationale, Editions du Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1986, pp. 29-30; Luís de MATOS, *L’expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. 139 e 141; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 367-369.

<sup>18</sup> O trecho completo: “E già circa di 80 anni che nella città di Chalichut vennono certi navili di cristiani bianchi c’ocapelli lunghi simili alli allamani, senza barba, salvo intorno alla bocca, come portano in Chostantinopoli e cavalieri e cortegiani; e smontonno in terra armati di corazza e capazzetti e beviere e con certe arme in aste. E detti navili portavano bombarde più corte che quelle che qui si costumano; e dipoi ogni 2 anni una volta vi tornano con xx o xxv navili, e sanno e detti che gente essi sieno né che mercantia alla detta città, salvante panni lini molto fini e ottono lavorati; e caricano di spezierie e vannosene. Le quali navi portano 4 alberi così come queste di Spagna. Se fussino allamani mi pare n’aremmo qualche notizia. Può esser che sieno rossi de Rossia, se gl’hanno porto di mare” — “Copia di una lettera avuta da Lisbona delle nuove terre trovate colle spezierie l’anno 1499 a di 10 di luglio” [Carta de Girolamo Sernigi, Lisboa, 10 de Julho de 1499], in *Codice Riccardiano 1910*, Biblioteca Riccardiana de Florença, fls. 63rb-63va, transcr. in C. M. RADULET, *Vasco da Gama*, op. cit., p. 174. Cf. Giovanni Battista RAMUSIO, *Primo volume, & Seconda edizione Delle Navigazioni Et Viaggi*, Veneza, Stamperia de Giunti, 1554, fl. 131r. Ver *Em Demanda do Oriente*, cit., pp. 43-49; Carmen M. RADULET e Luís Filipe THOMAZ, “Fontes italianas para a História dos Portugueses no Índico, 1497-1513 (I parte)”, *Mare Liberum*, 18-19, 1999-2000, pp. 265, 270-273, 290-291; S. E. CARNEMOLLA, *Fonti italiane dei secoli XV-XVII sull’espansione portoghese*, Pisa, Edizioni Ets, 2000, pp. 25-33; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 113-114.

*Sernigi in Lisbona*” sentiu de acertar pelos parâmetros conhecidos as intrigantes notícias que lhe dizem respeito e que chegavam das costas indianas.

Na segunda destas cartas voltam a mencionar-se as “*cose miracolose di que’ paesi, e delle gran ricchezze*” transmitidas no texto de Gaspar da Índia apesar de, neste caso, as informações do judeu terem sido captadas oralmente e de a missiva não retornar à memória das escalas chinesas em Calecute<sup>19</sup>. A correspondente leitura de Ramusio também faz alusão aos grandiloquentes títulos de “*rei de Portugal e dos Algarves d’aquém e d’além mar em África, senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia*” que D. Manuel tomara para si na sequência desta viagem, títulos que o monarca português inscrevera pela primeira vez na carta endereçada a 26 de Agosto de 1499 ao imperador Maximiliano e que, com diferenças mínimas, também se podem ler na carta régia enviada logo a seguir ao cardeal D. Jorge da Costa<sup>20</sup>.

Se nem a narrativa atribuída a Álvaro Velho, nem qualquer outra equivalente que possa ter existido, parecem ter passado a fronteira portuguesa e apenas surgem utilizadas cerca de meio século depois nas crónicas de Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e Damião de Góis, prova-se por aqui que são divulgadas com rapidez quer a notícia propriamente dita do regresso das naus de Vasco da Gama, quer as principais consequências políticas que daí decorreram<sup>21</sup>. Em boa medida, contribuiu para tanto o envolvimento dos interesses florentinos nesta fase da empresa portuguesa. Apesar da quebra súbita dos preços das especiarias no Rialto que aconteceu num primeiro instante, Veneza só entrou em pânico com o sucesso luso quando o seu mercado se começou a ressentir da nova concorrência, no ano de 1502. Até então minimizou ou, tão-somente, recusou-se a acreditar na viabilidade de um projecto articulado entre portos separados por uma distância imensa<sup>22</sup>.

Guido di messer Tomaso Detti, outro italiano presente pela mesma altura em Lisboa, enviou para Florença a 10 de Agosto de 1499 uma carta na qual repete, de forma resumida, as principais novas ecoadas por Sernigi, dizendo-as como “*notizie di molte cose nuove che ancora non sono a notizia alli umani [que] sono al mondo*”<sup>23</sup>. Esta carta não encontrou oportunidade para ser publicada. Ainda assim, a pressa com que se percebe que foi composta, acumulando dados sobre dados, repetindo vários deles e chegando a trocar a voz autoral pela do piloto da nau capitânia que era um dos seus informan-

<sup>19</sup> “Copia della siconda lettera dipoi venne el pidoto” [Carta de Girolamo Sernigi, s.d. (28 de Agosto de 1499)], in *Codice Riccardiano 1910*, fl. 65rb, transcr. in C. M. RADULET, *Vasco da Gama*, cit., p. 182. Ver *Em Demanda do Oriente*, cit., pp. 51-56; C. M. RADULET e L. F. THOMAZ, art. cit., pp. 301-303 e 313.

<sup>20</sup> Ver L. de MATOS, op. cit., pp. 213-219; J. AUBIN, op. cit., p. 462; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 179-180.

<sup>21</sup> J. M. GARCIA, “Repercussões externas”, cit., pp. 595-600.

<sup>22</sup> Ver, *inter alia*, C. M. RADULET, *Vasco da Gama*, cit., p. 65; L. de MATOS, op. cit., pp. 207-212; L. A. da FONSECA, op. cit., pp. 227-228; J. M. GARCIA, “Repercussões externas”, cit., pp. 602-603.

<sup>23</sup> “Copia di una terza lettera di Lisbona di Guido di messer Tomaso Detti, di di X d’agosto 1499 di questo medesimo, che viene a verificare tutto” [Carta de Guido di Tomaso Detti, Lisboa, 10 de Agosto de 1499], in *Codice Riccardiano 1910*, fl. 70va, transcr. in C. M. RADULET, *Vasco da Gama*, cit., p. 196. Ver C. M. RADULET e L. F. THOMAZ, art. cit., pp. 325 e 332-333.

tes, bastam para que tenhamos uma ideia da mais do que certa avidez com que o seu conteúdo foi recebido na época<sup>24</sup>.

### **3. A *Relação do Piloto Anónimo*, a carta de D. Manuel aos Reis Católicos, a *Relação da Índia* do padre José de Cranganor e o relatório alemão anónimo da frota dos primos Albuquerque, 1501-c. 1504**

Seria de novo sobretudo graças às colectâneas editadas por Fracanzio da Montalbodo e Giovanni Battista Ramusio que a *Relação do Piloto Anónimo*, correspondente ao texto diarístico que narra a viagem que Pedro Álvares Cabral concluiu em 1501, conheceria a grande publicidade que conheceu nos anos imediatamente posteriores à sua redacção. Tal peça não mereceu qualquer cabeçalho específico quer nas sucessivas edições italianas dos *Paesi* (Vicenza, 1507; Milão, 1508, 1512 e 1519; Veneza, 1517 e 1522), quer nas correspondentes versões latina (*Itinerariū Portugallēsiū*, Milão, 1508), alemã (Nuremberga, 1508), em dialecto baixo-saxónico (Nuremberga, 1508) e francesa (Paris, 1516 ou 1517; seis reedições no século XVI em Paris, s./d.). Outro tanto se passou quando foi integrada no *Novus Orbis* (Basileia, 1532, 1537 e 1555; tradução alemã, Estrasburgo, 1534; tradução flamenga, Antuérpia, 1563). Já Ramusio, que reproduziu com algumas diferenças o conteúdo oferecido por Montalbodo, acrescentou-lhe o seguinte título: *Navigazione del capitano Pedro Alvares scritta per un Pilotto Portoghese & tradotta de lingua Portoghese in la Italiana* (Veneza, 1550, 1554, 1563, 1587-1588, 1606 e 1613; tradução francesa, Lyon, 1556)<sup>25</sup>.

Dois pormenores vão ligados ao anterior. Em primeiro lugar, tudo leva a crer que Itália tenha recebido esta minuta por intermédio de Giovanni Matteo Cretico, secretário do embaixador da república de Veneza em Espanha, Domenico Pisani, o qual permaneceu em Lisboa entre Fevereiro e Setembro de 1501 buscando informações relativas às viagens dos portugueses à Índia<sup>26</sup>. Em segundo lugar, tudo aponta para que tenha acontecido uma significativa difusão por manuscrito no momento que antecede a chegada desta *Relação* aos prelos tipográficos. Constitui indício disso a sobrevivência de quatro apógrafos em dialecto veneziano produzidos pouco após o regresso da armada de Cabral, assim como a existência de uma quinta cópia incompleta remetida de Portugal em Maio de 1503<sup>27</sup>.

Desconhece-se o paradeiro do original da *Relação do Piloto Anónimo*. A respectiva autoria tem sido atribuída a um tal João de Sá, escrivão bem relacionado com os meios mercantis, que antes participara na expedição capitaneada por Vasco da Gama e que talvez pertencesse a um escalão inferior da nobreza. Apesar de tudo, é muito menos

<sup>24</sup> Ver A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 212-224; C. M. RADULET, *Vasco da Gama*, cit., pp. 70-72; *Em Demanda do Oriente*, cit., pp. 57-60.

<sup>25</sup> Ver Francisco Leite de FARIA e Avelino Teixeira da MOTA, *Novidades Náuticas e Ultramarinas numa Informação dada em Veneza em 1517*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977, ref. 213, pp. 263-267 e ref. 457, pp. 488-489.

<sup>26</sup> Ver L. de MATOS, op. cit., pp. 139 e 229-233.

<sup>27</sup> Ver A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 257-258.

provável que se tratasse de um piloto, como pretende o título apostado por Ramusio. À semelhança do que aconteceu com o *Relato* geralmente reconhecido como de Álvaro Velho, por exemplo, o texto em exame foi utilizado muito mais tarde para a composição das obras de Lopes de Castanheda e Damião de Góis. Contudo, nem sempre estes cronistas o superaram, apesar das fontes adicionais que então puderam consultar<sup>28</sup>.

A despeito de ser muito lacônica no que toca ao esclarecimento da generalidade dos espaços da Ásia oriental, esta *Relação* tornava possível esboçar algumas ideias inéditas a partir do inventário de produtos que menciona afluírem ao centro distribuidor de Calcutte, região que diz que apenas oferecia de próprio gengibre, pimenta, tamarinho, mirabólano, canafistula e alguma canela brava. A listagem das importações em causa inclui jóias de muitas espécies, sedas muito ricas, almíscar, âmbar, benjoim, incenso, madeira aloés, ruibarbo, porcelana, cravo-da-índia, canela, pau-brasil, sândalo, laca, noz-moscada e maçã<sup>29</sup>. Dois séculos antes, Marco Polo baseara-se em informações em segunda mão para compor muito do que compôs a propósito do Malabar. Depois dele, Álvaro Velho – ou quem possa ter escrito o texto que supomos de sua autoria – descrevera com outra clareza estes domínios. Não obstante, esta nova estada, tal como a provável experiência acumulada por via da viagem de 1497-1499, vinham permitir que se produzisse um relato em vários aspectos superior a qualquer desses dois importantes textos de referência anteriores. É neste contexto que o autor refere ainda a existência, a duas mil léguas de distância, de um país dito *Chini*, exportador do lenho-aloés, do ruibarbo, da cânfora e da galena, algo que não aparece demasiado demarcado dessa *Meluza* ou *Melucha* (Maluco) que, situada a mais de setecentas léguas da mesma cidade, se afirma ainda ser a origem do cravo, da noz-moscada e da maçã<sup>30</sup>.

O diário atribuído a João de Sá também serviu para que o próprio rei D. Manuel preparasse uma carta que endereçou aos *Reis Católicos* em 1501. O original também é dado por perdido, dela sobrevivendo três cópias contemporâneas não demasiado divergentes entre si: a de Santarém, de 29 de Julho, e duas de Lisboa, datadas de 28 e de 29 de Agosto, respectivamente<sup>31</sup>. A segunda destas versões, redigida em português, foi enviada para Veneza por algum comerciante, diplomata ou espião servindo em Portugal e menciona a dado passo “*grandes gentes de cristãos*”, “*homens brancos e de cabelos louros e havidos por fortes*” provenientes de “*Malchina*”, terra a Leste do reino de Cochim de onde chegavam “*porcelanas e almíscar e ambar e lenho aloés*”<sup>32</sup>. Por seu turno, esta designação *Malchina* – de *Mahâchîn*, termo sanscítico que por regra designa a China meridional, mas às vezes também a Península Indochinesa –, não sendo ainda demasiado precisa, remete-nos para a *Relação* daquele que é conhecido por padre José Indiano de Cranganor, um dos dois cristãos doutrinados por bispos arménios que são embarcados em 1501 na viagem de regresso da expedição de Pedro Álvares Cabral<sup>33</sup>.

<sup>28</sup> Ver *Viagens dos Descobrimentos*, cit., p. 267; L. de MATOS, op. cit., pp. 243-248.

<sup>29</sup> Ver F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 115-116.

<sup>30</sup> A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 257-267; Luís de MATOS, op. cit., pp. 252-254.

<sup>31</sup> A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 267-273.

<sup>32</sup> Carta de D. Manuel aos *Reis Católicos*, Lisboa, 28 de Agosto de 1501., transcr. in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, cit. p. 167. Cf. A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 267-273.

<sup>33</sup> Ver A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 369-377.

Tendo passado de Lisboa a Roma e a Veneza, onde se avista, sucessivamente, com o papa Alexandre VI e com o doge Leonardo Lorendan, este cristão de São Tomé oferece (entre muitas outras informações menos novas sobre a rota do Mar Vermelho ou sobre a rota da seda) a configuração das redes comerciais marítimas que ligavam a Índia ao Cataio, quer dizer a China na grafia tomada de empréstimo de Marco Polo. De facto, lê-se o seguinte nesse texto editado nos *Paesi* em 1507 (ao qual Johann Huttich dará também audiência no *Novus Orbis*, em 1532):

*“[...] ne laqual citta [de “Calichut”] ne concorre quasi tuta la ĩdia: & piu era ancora hauāti quando quelli dal Cataio soleuano praticare: questi populi de Cataio sono christiani: & sono biāchi comonui & ualētissimi hoĩ: liquali tenuano uno fontego in Calichut: & pol eĩr cerca āni .lxxx. i .xc. [...] questi popoli sono chiamati malasines portāo diuerse mercantie: cioe panni de seda de cinque sorte: Rami: Piombi: Stagni: porcelane: Muschio: & questi sono quelli leuano li Corali: & leuano bona quantita de Specie: se dice essere da Calichut fino ne la Region sua miglia vi. M. portano fesse in testa de grande ualuta: & sono richissimi mercandanti”<sup>34</sup>.*

Pecariam estes dois últimos escritos ao insistirem na existência de cristãos onde os não havia e por imaginarem gente loura quando ela não seria exactamente assim. Contudo, tanto o *louro* pode ser já assimilado ao alvo da terminologia somática que depois se repetirá a propósito dos chineses em várias fontes portuguesas do século XVI, como de novo se explicita o acesso a uma série de mercadorias exóticas vindas do extremo oriental da Ásia e se arrisca um termo que, não sendo ainda *China*, indubitavelmente o prenuncia<sup>35</sup>.

É bom recordar que, enquanto isto, saía dos prelos lisboetas do impressor morávio Valentim Fernandes a colectânea intitulada *Marco Paulo*, num gesto editorial claramente induzido pela descoberta do caminho marítimo para a Índia<sup>36</sup>. Desde logo, trata-se de

<sup>34</sup> Fracanzio da MONTALBODDO, *Paesi nouamente retrouati*, liv. VI, cap. CXXXIX, Veneza, Zorzo de Rusconi Millanese, 1522, fls. QvI.-QvV.. Ver F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 114-116; *Notícias de Missionação e Martírio na Índia e Insulíndia (de 1500 a meados do século XVII)*, dir. L. de Albuquerque, introd. Jorge Manuel dos Santos Alves, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 71; C. M. RADULET, “As sociedades do Índico e as relações com o Cataio através da documentação relativa às viagens de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral”, *Oceanos*, 34, Abril/Junho 1998, pp. 123-125; L. F. THOMAZ, “Introdução”, in *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, dir. A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Fundação Oriente, vol. 1, t. 1, 1998, p. 56.

<sup>35</sup> Ver Donald F. LACH, *Asia in the Making of Europe*, vol 1, book 1, *The Century of Discovery*, Chicago e London, The University of Chicago Press, 1994, pp. 157-158; A. A. B. de ANDRADE, op. cit., pp. 369-377; R. M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cit., pp. 96-97; C. M. RADULET, *Os Descobrimentos Portugueses e a Itália – Ensaio filológico-literário e historiográfico*, introd. L. de Albuquerque, trad. Edite Caetano, Lisboa, Vega, 1991, pp. 69-70 e 81-82; C. M. RADULET, “As sociedades do Índico e as relações com o Cataio”, art. cit., pp. 120-125; L. F. THOMAZ, “Calcutte”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 1, pp. 163-164; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 114-115.

<sup>36</sup> R. M. LOUREIRO, “Marco Polo”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 2, p. 910; José da Silva HORTA, “O Marco Paulo (1502) de Valentim Fernandes: a representação dos povos não-cristãos na construção de uma imagem do poder manuelino”, in Maria Adelina Amorim,

uma obra notável por dever corresponder à primeira colecção de textos de viagens publicada na Europa, ainda que sendo também certo que Gerard Leeu já promovera em 1483 ou 1484, em Gouda, a impressão conjunta de três livros de viagens em latim: *De consuetudinibus et conditionibus orientalium regionum* de Marco Polo, conforme a versão dada por frei Francesco Pipino por volta de 1320; o *Iter ad Terram Sanctam* de Ludolfo de Suchen; e o *Itinerarium* de Sir John Mandeville<sup>37</sup>. Na colectânea de Lisboa pontificava uma tradução do *Livro* do viajante veneziano muito semelhante à versão latina editada em Antuérpia em 1485, a mesma que Cristóvão Colombo possuía<sup>38</sup>. Tal como a Ásia em geral, a China que Fernandes se propunha divulgar junto do grande público correspondia à realidade que o saber desactualizado de Marco Polo-Rustichello da Pisa, Niccolò de' Conti-Poggio Bracciolini ou Girolamo da Santo Stefano permitira vislumbra em cada um dos três textos que dão corpo ao volume: além do *Livro* de Polo escrito ou reescrito por Rustichello, também o relato da viagem de Damasco a Cochim protagonizada por Conti entre 1415 (ou 1419) e talvez 1439 transfigurada pelo humanista Poggio Bracciolini em matéria apologal e, finalmente, a carta em que o mercador genovês Girolamo da Santo Stefano narra a sua viagem de ida e volta a Ceilão, decorrida entre 1494 e 1499<sup>39</sup>. Veja-se o que o compilador morávio escreve a concluir um texto-súmula da geografia oriental que ele próprio aí assina sob o título certos *capitulos das prouincias de titulo real*:

[...] *E toda a outra terra contra o oriente que desçe contra o syno grande. e ao vltimo mar de India atee as terras incognitas he chamada Syn e Serica., ajnda que chamam toda esta terra Gata. que quer dizer Catayo. pella unidade do senhorio. que os nossos simprizes todo chamam India septentrional*<sup>40</sup>.

Valentim Fernandes chega a superar os elementos medievais que pontificam em qualquer um desses três textos antigos quando anota a dado passo da “*epistola sobre a tralladaçam do liuro de Marco paulo*” – outra das matérias que incorpora de acordo com o seu critério – que a navegação de D. Manuel avançara até “*aos vltimos fims de occidente*”

Maria José Craveiro e Maria Lúcia Garcia Marques (coord.), *Homo viator: estudos de homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 116-118.

<sup>37</sup> Henri HARRISSE, *Bibliotheca Americana Vetustissima – Additions*, ed. Carlos Sanz, Madrid, Lib. Gen. Victoriano Suarez, 1952, n. 2, p. 35; R. M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cit., p. 98; Helga Maria JÜSTEN, *Valentim Fernandes e a literatura de viagens*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2007, pp. 96-110.

<sup>38</sup> Ver Juan GIL, “Libros, descubridores y sábios en la Sevilla del quinientos”, in *El libro de Marco Polo anotado por Cristóbal Colón. El libro de Marco Polo versión de Rodrigo de Santaella*, ed. J. Gil, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp. VII-XI.

<sup>39</sup> Ver Prospero PERAGALLO, *Viaggio di Geronimo da Santo Stefano e di Geronimo Adorno in India nel 1494-99*, Roma, Società Geografica Italiana, 1901, pp. 3-7; Maria Helena Martins Inês GARVÃO, *O Livro Marco Paulo impresso por Valentim Fernandes. Genealogia textual, leitura tipográfica e aspectos discursivos*, Tese de Doutoramento (polic.), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009, pp. 189-230; Attilio BRILLI, *Mercanti avventurieri. Storie di viaggi e di commerci*, Bologna, il Mulino, 2013, pp. 87-97.

<sup>40</sup> Marco POLO, *O Livro de Marco Paulo conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502*, ed. Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922, fl. Avjr. Ver idem, fls. Aiiyv.-Avjr.

e começo de oriente ate as terras do gram Cham”, onde surgem “as muy nobres prouincias Tenduch. Mangy. Tanguth. etc. o principio das quaaes segundo o meu pequeno saber achou o muy honrrado fidalguo Gaspar corte real”<sup>41</sup>. Mas tal associação entre as notícias recém-recebidas da exploração dos litorais da Terra Nova por Gaspar Corte-Real (duas viagens confirmadas, uma em 1500, outra em 1501) e uma toponímia chinesa de perfeito sabor poliano, se bem que devendo ser única entre tudo o que se escreveu a respeito em Portugal, só contribuiu para distrair a localização exacta dessas paragens<sup>42</sup>.

Terminamos este excuro com uma passagem de um relatório escrito por um desconhecido agente alemão que tomou parte na frota que os primos Afonso e Francisco de Albuquerque levaram de Lisboa à Índia em 1503. Integrado num velho códice dito *Paumgartnerisches Usancenbuch* (Livro Paumgartneriano de Usanças), foi, como o título indicia, pertença dos Paumgartner, importante dinastia de banqueiros e mercadores especializados em jóias e pérolas do Oriente originários da cidade imperial de Nuremberga os quais, em meados do século XV, haviam transferido a sede das suas actividades para Augsburgo. Além de próximo de Maximiliano I, o magnata Hans I Paumgartner (1444-1527) cuidou de assegurar, por via do casamento de algumas das suas filhas, relações de parentesco com famílias associadas ao comércio português, como os Welser de Augsburgo e os Imhoff de Nuremberga<sup>43</sup>. Mais do que provável organizador do códice onde o nosso manuscrito anónimo ocupa as páginas 147 a 174, este tê-lo-ia compilado antes de 1505, pelo que o texto em causa – que nada diz sobre sucessos posteriores àquela expedição de 1503-1504 – deve ter sido concluído o mais tardar no ano anterior a esse<sup>44</sup>.

Trata-se de uma detalhada descrição de escalas e distâncias da rota do Tejo às portas do arquipélago indonésio, acrescida da listagem das principais mercadorias oferecidas em cada uma delas, com indicação de preços e formas de pesagem. Surgem ainda intercaladas algumas pequenas observações ou discursos sobre, por exemplo, as belezas da cidade de Melinde, o poderio do rei de Adém, as rezas dos maometanos de Cambaia, o estatuto dos brâmanes indianos ou as anteriores viagens de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral. No que toca ao assunto que vimos destacando, anotam-se aí três ideias: primeiro, que do Ganges até Malaca toda a terra se chama “*Mätzin*”; segundo, que para leste de Malaca toda a terra se passa a chamar “*Sey tzin*”; e, por último, que na terra de “*Tzin*” está o Cã de Cataio, a quem o rei de Malaca paga tributo e o país inteiro paga fruto do mar<sup>45</sup>.

<sup>41</sup> Idem, “epistola sobre a tralladaçam do liuro de Marco paulo”, fl. Aijv.

<sup>42</sup> Ver R. M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, cit., pp. 98 e 100-104.

<sup>43</sup> Ver Marion EHRHARDT, *A Alemanha e os Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, Texto Editora, 1989, pp. 71-72; Marília dos Santos LOPES, *Da Descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem Editores, 2002, p. 23. Ver também K. S. MATHEW, *Indo-Portuguese Trade and the Fuggers of Germany – Sixteenth century*, New Delhi, Manohar Publishers, 1997, pp. 8-14.

<sup>44</sup> Karl Otto MÜLLER, *Welthandelsbräuche 1480-1540*, Stuttgart e Berlin, Deutsche Verlags-Anstalt, 1934, p. 94, cit. in Marion Ehrhardt, op. cit., p. 72.

<sup>45</sup> *Relatório alemão anónimo da frota de Afonso e Francisco de Albuquerque, c. 1504*, pub. e trad. in M. EHRHARDT, op. cit., p. 78. Referência: *Paumgartnerisches Usancenbuch*, Arquivo particular do príncipe de Waldurg-Zeil, Leutkirch (Baviera), fls. 147-174. Tradução portuguesa integral in M. Ehrhardt, op. cit., pp. 75-91.

Parte deste relatório, incluindo este segmento onde se prefigura a China, reaparece quase fielmente reproduzido nas folhas 177v. a 179r. do que resta do livro de memórias de um certo Lazarus Nuremberger, alemão estabelecido durante vários anos como comerciante em Lisboa, de quem se diz que foi várias vezes à Índia, embora apenas se confirme uma viagem em 1517. Pouco depois desta data, serviu em Nuremberga de intérprete e guia do filho português de Martin Behaim, tendo acabado por se instalar em Sevilha em 1520. Entre o material reunido nesse maço de papéis conta-se uma das duas cópias conhecidas de um perdido original saído da pena de outro embarcadiço germânico com o relato da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia (1502)<sup>46</sup>.

Apesar de ainda não ter sido possível determinar se Lazarus Nuremberger acompanhou ou não Vasco da Gama – facto que, a confirmar-se, em definitivo o favoreceria enquanto autor deste último texto –, é quase certo que o seu relatório foi dirigido à casa comercial Welser já que proveio do seu espólio, sendo que tanto este dado como o seu conteúdo se cruzam com as relações pessoais ou com os interesses profissionais de Valentim Fernandes. Ora, se este impressor bem pode tê-lo coligido, por que não pensar haver sucedido isso também com a carta-relatório escrita um ou dois anos depois por aquele outro seu campatriota anónimo?<sup>47</sup> Depois, é fácil notar como quer o Fernandes que lemos no *Livro de Marco Paulo*, quer o escriba alemão da frota dos Albuquerque são condicionados por idêntico tipo de estrangulamentos livrescos (a menos que a alusão ao senhor do Cataio do observador ido ao Índico não decorra de um deslize do próprio, mas de um acrescento produzido aos seus apontamentos por um eventual intermediário culto como o morávio).

Falta notar que o texto enviado aos Paumgartner nos aparece contaminado por formas correntes entre os comerciantes dos portos persas e árabes que Valentim Fernandes não acolhe (desde logo *Mahâchîn*, que, como vimos, se ia generalizando na forma portuguesa *Malchina* ou *Malsina* que irrompera no informe do padre José de Cranganor<sup>48</sup>). E apesar de uma leitura das adjacências da China que ainda permanece bastante equívoca, nota-se sobretudo que este relator teve o dom de ver algo que permanecia obscuro: a política de comércio tributário que o império Ming se esforçara por restaurar a partir de 1369-1370, marca maior da hegemonia que mantivera até poucas décadas antes sobre o mundo marítimo-mercantil asiático<sup>49</sup>.

<sup>46</sup> Josef POLIŠENSKÝ e Peter RATKOŠ, “Eine neue Quelle zur zweitem Indiefahrt Vasco da Gamas”, *Historica*, 9, 1964, pp. 53-67, ref. in M. EHRHARDT, op. cit., n. 21, p. 128. Tradução portuguesa integral in M. EHRHARDT, op. cit., pp. 41-54. Ver Miloslav KRÁSA, Josef POLIŠENSKÝ e Peter RATKOŠ (eds.), *European Expansion 1494-1519. The voyages of discovery in the Bratislava Manuscript Lyc. 515/8 (Codex Bratislavensis)*, Prague, Charles University, 1986, pp. 43-48; L. de ALBUQUERQUE, “Comentário ao *Diário* da segunda viagem de Vasco da Gama”, in *Grandes Viagens Marítimas*, cit., pp. 77-78; M. S. LOPES, “Relações de Portugal com a Alemanha”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 1, pp. 46-47; K. S. MATHEW, op. cit., p. 154.

<sup>47</sup> Ver EHRHARDT, op. cit., pp. 25-30, 40 e 92-92.

<sup>48</sup> Ver Henry YULE, “China”, in *The Encyclopædia Britannica. A Dictionary of Arts, Sciences, and General Literature*, vol. 5, 9.<sup>a</sup> ed., Edinburgh, Adam and Charles Black, 1876, p. 627; L. F. THOMAZ, “China”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 1, p. 243.

<sup>49</sup> Ver Luís Filipe BARRETO, *Lavar o Mar – Os Portugueses e a Ásia, c. 1480-c. 1630*, Lisboa, CNCDP, 2000, p. 43; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 104-113.

#### 4. A anónima *Viagio de India fato per .3. Naue portogalese* compilada por Alessandro Zorzi e a pretensa carta de D. Manuel ao rei de Castela, 1505

O mesmo reino que recebia, divulgava ou não conseguia evitar que se divulgassem pela Europa as novas mais revolucionárias relativas à Ásia e às suas riquezas, instruiu pormenorizadamente o referido Diogo Lopes de Sequeira, fidalgo da Casa Real, comandante de armadas e futuro governador da Índia, a inquirir sobre a China e os chineses – e não sobre o Cataio de Marco Polo, note-se. Referimo-nos ao Regimento de 13 de Fevereiro de 1508, no qual D. Manuel explicita pela primeira vez o seu interesse para Ásia oriental ao confiar a Sequeira o comando da frota que, além de reconhecer a ilha de Madagáscar, deveria atingir Malaca e explorar os respectivos mares. O segmento pertinente deste Regimento:

*“Item. Perguntarees pollos Chins, e de que parte veem, e de cam lomge, e de quamto em quamto vem a Mallaca ou aos lugares em que trautam, e as mercadaryas que trazem, e quamtas naaos delles vem cada anno, e pellas feyçoees de suas naaos, e se tornam no anno em que veem, e se teem feitores ou cassas em Mallaca ou em outra alguuma terra, e se sam mercatores riquos, e se sam homeens fracos se guerreiros, e se teem armas ou artelharias, e que vestidos trazem, e se sam grandes homeens de corpos e toda a outra enformaçam delles, e se sam christãos se gentios, ou se he grande terra a sua, e se teem mais de huum rey antre elles, e se vyveem antre elles Mouros ou outra allguma gente que nam vyva na sua ley ou cremça e, se nam sam christaãos, em que creem ou a que adoram, e que custumes guardam e pera que parte se estemde sua terra, e com quem confynam”<sup>50</sup>.*

O texto deste Regimento teve vários antecedentes: por exemplo, são do mesmo género o Regimento entregue a D. Francisco de Almeida em Março de 1505<sup>51</sup> e a carta régia enviada a este vice-rei da Índia em 1506<sup>52</sup>. Ainda ignorante de quase tudo o que respeitasse à Ásia, Lisboa quer conhecer em detalhe a grandeza das terras, o governo e o poder militar dos seus povos, a amplitude da influência muçulmana e a orgânica das redes comerciais instaladas. É certo que os chineses só aparecem especificados nesse documento guardado por Sequeira. No entanto, é anterior – e constante – a preocu-

<sup>50</sup> Regimento de D. Manuel I a Diogo Lopes de Sequeira, 1508, transcr. in António da Silva REGO, *A Presença de Portugal em Macau*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1946, pp. 1-2. Ver L. F. THOMAZ, “Introdução”, art. cit., p. 61; Tereza SENA, “Macau: o primeiro ponto de encontro permanente na China”, *Revista de Cultura*, 27/28, Abril/Setembro 1996, p. 34; David S. LANDES, *The Wealth and Poverty of Nations*, New York e London, W. W. & Company, 1999, pp. 89-93. Cf. A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 2, pp. 559-562.

<sup>51</sup> Regimento de D. Francisco de Almeida, Lisboa, 5 de Março de 1505, AN/TT., *Leis*, 2-13, transcr. in *Cartas de Affonso de Albuquerque Seguidas de Documentos que as Elucidam Publicados de Ordem da Classe de Ciências Moraes e Bellas-Lettras da Academia Real das Ciências de Lisboa*, vol. 2, dir. Raimundo António de Bulhão Pato, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1898, pp. 272-334.

<sup>52</sup> Carta de D. Manuel I a D. Francisco de Almeida (1506): AN/TT., *Leis*, 1-22, transcr. in *Cartas de Affonso de Albuquerque*, op. cit., vol. 3, pp. 268-276.

pação expressa em descobrir Ceilão, Pegu, Malaca e “*quaesquer outros lugares e cousas daquellas partes*”<sup>53</sup>, pelo que não deixariam de se somar pequenos indícios a respeito, como o comprova a citada legenda do “Planisfério de Cantino”, de 1502.

Um pouco posterior é a carta que deve datar de meados de 1505 atribuída a um feitor florentino embarcado numa das naus que se perdeu da armada do “*cavaleiro-navegador*” castelhano António de Saldanha que rumou para o Índico a 14 de Março de 1503<sup>54</sup>. Conhece-se o seu conteúdo por ter sido recuperada pelo cosmógrafo veneziano Alessandro Zorzi para uma das compilações manuscritas que preparou, o conjunto dito Alberico e Conti, de 1517<sup>55</sup>. Apesar da data tardia deste objecto de recolha e divulgação, a missiva em causa não deve ser desvalorizada enquanto testemunho das novidades que circulavam avulsas sobre as matérias chinesas.

Começa por se narrar aí que, quando de uma escala não prevista na ilha de Socotorá, os naturais tinham inquirido sobre “*se portogalesi era apreso la terra di jungos che li uegniua di .3. in tre anni nauí*”<sup>56</sup>. Se bem que se acrescenta logo a seguir que estes eram “*gente cosi bianca*” como os desembarcados europeus e que usavam viajar em grandes navios com “*4. arbolí*” de onde saía cravinho e seda<sup>57</sup>, apesar de tudo será prudente manter uma certa reserva quanto à hipótese dos visados serem chineses. Menos dúvidas oferece o encontro que a mesma tripulação portuguesa teve em Coulaão em finais de 1504 e que volta a ser mencionado nesta cópia de Zorzi. Agora sim, numa referência mais do que provável aos sobreviventes de uma colónia mercantil chinesa, o relator conta que “*in questa terra li chiamano chims lequali ne uidi in questa terra .4. ouel .5. i quali son bianchi como li Tedeschi o Fiamenghi*”, acrescentado que, muitas décadas antes, transportavam “*in le sue nauae arme cioe arnesi dogni sorte et de dogni sorte arme et le sue nauae sono maggior che le nostre e porta .7. albori cada una*”<sup>58</sup>.

Algumas das expressões alusivas aos chineses que encontrámos na carta que D. Manuel enviou aos *Reis Católicos* em 1501 voltam a aparecer na pretensa carta que o monarca português teria endereçado em 1505 ao seu par e parente Fernando (o facto é que nessa altura o rei de Castela era Filipe, o *Formoso*<sup>59</sup>) e que se editou em Roma com

<sup>53</sup> Regimento de D. Francisco de Almeida, Lisboa, 5 de Março de 1505, in *Cartas de Affonso de Albuquerque*, op. cit., vol. 2, p. 327.

<sup>54</sup> A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 1, pp. 332-333; João Paulo Oliveira e COSTA, “António de Saldanha”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, cit., vol. 2, pp. 961-962.

<sup>55</sup> *Viagio de India fato per .3. Nauae portogalesae*, Ms. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença, Magliabechiani XIII, 84, fls. 161r.-164v., transcr. in A. T. da MOTA, *A Viagem de António de Saldanha em 1503 e a Rota de Vasco da Gama no Atlântico Sul*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971, pp. 30-56. Ver idem, pp. 18-22 e 27-30; A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 2, pp. 750-752; F. L. de FARIA e A. T. da MOTA, *Novidades Náuticas e Ultramarinas numa Informação dada em Veneza em 1517*, op. cit., p. 7.

<sup>56</sup> *Viagio de India*, transcr. in A. T. da MOTA, *A Viagem de António de Saldanha em 1503*, op. cit., p. 40. Ver A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 2, p. 752; R. M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, op. cit., p. 108.

<sup>57</sup> *Viagio de India*, transcr. in A. T. da MOTA, *A Viagem de António de Saldanha em 1503*, op. cit., pp. 40-41.

<sup>58</sup> Idem, p. 47. Ver . M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, op. cit., pp. 104-105 e 107-109. Cf. A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 2, pp. 750-752.

<sup>59</sup> Sobre as questões de autoria suscitadas por este impresso, ver F. L. de FARIA e A. T. da MOTA, *Novidades Náuticas e Ultramarinas numa Informação dada em Veneza em 1517*, op. cit., p. 252.

data de 23 de Outubro de 1505. Intitula-se *Copia de vna littera del Re de Portagallo* [sic] *madata al Re de Castela del viaggio et sucesso de India*. Reeditada em Milão a 17 de Dezembro de 1505, apareceria em versão latina no ano seguinte, de novo em Roma.

Conhece-se que na Cidade Eterna o papa Júlio II acabava de escutar a *Oração de obediência* de Diogo Pacheco, o jurista que D. Manuel enviara com a incumbência de apresentar o primeiro relato oficial sobre as descobertas e as perspectivas comerciais e religiosas inauguradas no Oriente – e foi pela primeira vez que a Ásia e apenas a Ásia constituiu a matéria de um discurso deste género. Deste preito editar-se-á logo nesse ano, e quase de certeza em Roma, uma versão que omite não poucas das referências mais entusiásticas sobre a realidade de vários dos empórios asiáticos descritos oralmente pelo embaixador português, caso de algumas alusões feitas a Calecute e a Ceilão<sup>60</sup>. Tal versão também silencia toda e qualquer palavra sobre o ouro de Sofala e a riqueza de Quíloa, Melinde, Cananor, Cochim e Coulaão.

Ainda assim, é por certo no contexto de euforia que determina a publicação deste último título propagandístico que se forja a alegada missiva manuelina de 1505<sup>61</sup>. Para além de trechos da dita carta de 1501, percebe-se que coabitam aí passagens da *Relação do Piloto Anónimo* da viagem de Cabral, da *Relação da Índia* do padre José de Cranganor e de algumas missivas de mercadores italianos. Integrada muito provavelmente na estratégia editorial de algum impressor que procurava responder no mercado ao *Mundus Novus* de Amerigo Vespucci, não só refere os nossos conhecidos “*homini bianchi & de capelli zali*”, mas também uma gente de “*occhi verdi*” cuja terra principal se chamava “*Malchina*”, de onde vinham jarras grandes, bonitas porcelanas, âmbar, pau aloés e musgo (por almíscar, conforme o nome latino do cabrito almíscarífero: *Moschus moschiferus*)<sup>62</sup>.

## 5. O *Itinerario* de Ludovico di Varthema, 1510

A carta de 1505 atribuída a D. Manuel ou a referida carta de António de Saldanha coincidem no tempo com várias outras missivas, caso da carta enviada de Cochim a 21 de Novembro de 1505 por Pêro Tinoco com a sugestão de uma pronta viagem até aos longínquos chins. Nomeado pelo rei feito em Vijayanagar, Tinoco afirmava o seguinte para a Corte de Lisboa depois do vice-rei D. Francisco de Almeida lhe ter barrado a

<sup>60</sup> Diogo PACHECO, *Obedientia Potentissimi Emanuelis Lusitaniae Regis &c. per clarissimum Iuris. V. cōsultum Dieghum Pacettum Oratorem ad Iulium. II. Pont. Max. Anno Dñi. M.D.V. Pridie No. Iunii*, s.l. [Roma], Eucharisus Silber?, s.d. [1505].

<sup>61</sup> A propósito do intuito propagandístico inerente às *Orações de obediência*, ver, *inter alia*, Américo da Costa RAMALHO, “Os humanistas e a divulgação dos Descobrimentos”, in *Actas do Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, pp. 19-20.

<sup>62</sup> *Copia de vna littera del Re de Portagallo madata al Re de Castella del viaggio & successo de India*, Roma, per maestro Ioanni de Besicken, 23 de Outubro de 1505, cit. in M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, op. cit., p. 110 e n. 134, p. 114. Ver D. F. LACH, op. cit., pp. 160-161; A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 1, pp. 422-433; L. de MATOS, op. cit., pp. 170-175 e 566; D. Manuel, “Carta del Rey D. Manuel á los Reyes Católicos”, transcr. in Jaime CORTESÃO, *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Lisboa, IN-CM, 1994, p. 185; Ricardo JORGE, *Amato Lusitano – Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, s.d. [1962], pp. 242-244.

programada viagem até ao coração desse que era o último grande império hinduísta da Índia: “[...] *que eu lhe punha a cabeça que vossalteza lhe dese cem mil cruzados e que nos possesse huum homem nos chys, que era muito mais lonje sem conto, e menos pera se dela auer espeçaria somente por vossalteza pôr la a Cruz de Cristos*”<sup>63</sup>. Alguns anos depois, a 6 de Fevereiro de 1510 – ou seja, num contexto muito diverso, uma vez que entretanto se consumara o reconhecimento de Malaca pelos portugueses –, o feitor Rui de Araújo fez seguir de Malaca para Cochim uma notícia segundo a qual “*os chims é seu proprio tempo em que vem em Abryll e partem daquy pera sua terra em Mayo e [iligível] detensse no caminho XX e XXX dias aa ida e outros tantos aa vynda trazem de por [iligível: porcelanas?] almisque e damascos çetins baixos colinjam [?], canfora e algum rybarbo e aljofare [iligível] muito fina pedra hume, que vem cad’ano oyto dez jumcos e levam pera sua terra muita pimenta e [iligível: algum?] cravo*”<sup>64</sup>. Mais do que qualquer outro tipo de provas, eram letras de perfil mercantil como estas que contribuía para sedimentar os conhecimentos de quem se empenhava em perscrutar o que existia para lá de Malaca.

Por não se poder servir deste tipo de informação reservada, ao terminar a primeira década do século XVI será de novo por via de um impresso que a Europa fará o ponto de situação sobre o seu saber oriental e os negócios dos chineses. O texto em questão foi o Itinerario de Ludovico di Varthema (c. 1470-c. 1517), por certo o mais importante documento editado até então sobre o assunto. A forma sistemática como o italiano relata o “*lūgo peregrinare*” e o “*paudentoso esilio*” pelos quais diz ter passado na ida e volta dos lugares onde nasciam as especiarias permite que o seu escrito sacie, melhor do que todos aqueles entretanto divulgados, a expectativa de um público muito heterogêneo<sup>65</sup>.

Se isso foi assim, continuamos com muitas questões em aberto a respeito da enigmática personagem que temos pela frente. A verdade é que nada sabemos sobre a educação literária que contribuiu para a invulgar capacidade expressiva da prosa de Ludovico di Varthema. Nada sabemos sobre as circunstâncias que lhe condicionaram uma preparação geográfica que, por contraste, parece demasiado arcaica. Nada sabemos sobre se aconteceu ter servido como soldado os Colonna ou Federico da Montefeltro, duque de Urbino, como vários historiadores julgam provável. Sabemos muito pouco sobre as amizades que granjeou em várias partes da Península Itálica antes e depois de ter ido à Índia, em especial em Veneza, Roma, Milão e no reino de Nápoles. Enfim, apesar de Varthema nos querer fazer crer que partiu em viagem incitado pelo simples prazer de conhecer países e gentes diversas<sup>66</sup>, no mínimo será legítimo suspeitar que existisse algo de mais tangível

<sup>63</sup> Carta de Pêro Tinoco a el-rei, Cochim, 21 de Novembro de 1505, AN/TT, *Corpo Cronológico*, 1-5-59, cit. in J. P. O. e COSTA, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Macau, Instituto Cultural de Macau; Instituto de História de Além-Mar, 1995, p. 90.

<sup>64</sup> Carta de Rui de Araújo e companheiros de cativo a Afonso de Albuquerque, Malaca, 6 de Fevereiro de 1510, AN/TT, *Gavetas XIV-8-21*, cit. in A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 2, p. 564. Cf. A. A. B. de ANDRADE, *ibid.*, pp. 563-565; Gonçalo MESQUITELA, *História de Macau*, vol. 1, t. 1, *Do sonho do “Catayo” à realidade da “Chyna”, 1498-1557*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1996, p. 36.

<sup>65</sup> Ludovico di VARTHEMA, *Itinerario di Lodouico Barthema Bolognese*, “All Illvstriss. et Eccellentis. Signora la Signora Contessa di Albi, & Duchessa di Tagliacozzo Madâma Angelina Feltria Collonna”, in G. B. RAMUSIO, op. cit., fl. 160v.

<sup>66</sup> Ver L. di VARTHEMA, *ibid.*, fl. 161r.

escondido por detrás do seu gesto aventuroso. Fazendo nossa a interrogação de alguns, ter-se-á dado o caso dele haver sido um técnico de artilharia a soldo do Conselho dos Dez e de haver partido com a missão de ajudar os soberanos indianos a combater os portugueses?<sup>67</sup>.

O escrito deste bolonhês, como o quer o frontispício da edição *princeps*, ou romano, conforme se lê por duas vezes no texto<sup>68</sup>, surge editado em Roma a 6 de Dezembro de 1510 sob o título completo de *Itinerario de Ludovico de Varthema Bolognese nello Egypto, nella Suria, nella Arabia deserta et felice, nella Persia, nella India et nella Ethiopia. La fede: el vivere et costumi de tutte le prefate provincie*. Vem dedicado a Agnesina da Montefeltro Colonna, duquesa de Tagliacozzo, e oferece-nos a narrativa de alguém que deixou Veneza entre 1500 e 1502, que atingiu o Oriente através das rotas terrestres do Levante e que se encontraria no sul da Índia em 1504. É o próprio quem alega ter largado em direcção a Java em 1505 e ter feito supostas visitas intermédias a Ceilão, Negapatão, Paleacate, Tanaçarim, Satigão, Pegu, Malaca, Samatra, Molucas, Celebes. Regressará à Europa em 1508 a bordo do *São Vicente*, navio pertencente ao florentino Bartolomeo Marchionni que zarpou da Índia para Lisboa integrado na frota de Tristão da Cunha que descobriu a ilha de Ascensão. As seis partes em que se divide o relato oferecem, assim, quase tudo o que poderia interessar aos curiosos sobre povos e costumes que os portugueses só começariam a desvendar em profundidade e a divulgar nos anos seguintes. E esses curiosos premeiam-no pois Varthema conseguiu na sua época uma popularidade equivalente à de um Cristóvão Colombo ou à de um Fernão de Magalhães<sup>69</sup>.

Depois da edição original de 1510, o *Itinerario* reimprimiu-se cerca de cinquenta vezes ao longo dos séculos XVI e XVII. Ainda no século XVI tem outras edições italianas em 1517 (Roma e Veneza), 1518 (Veneza), 1519 (Milão), 1520, 1521 (ambas em Veneza), 1523 (Milão), 1525 (Veneza e Milão), 1526 e 1535 (ambas em Veneza). Em 1550, Ramusio traduz, modifica e edita o texto da primeira edição espanhola de 1520, por sua vez feita sobre a primeira edição latina de 1511. Esta versão é retomada nas reedições venezianas das *Navigazioni et Viaggi* de 1554, 1563, 1606 e 1613. O livro de Varthema parece ainda editado em Veneza “*per Matthio Pagan*” (sem data) e em 1589. Conhece a referida tradução latina de 1511, assinada por Arcangelo Madrignano e impressa em Milão por iniciativa do cardeal espanhol Bernardino López de Carvajal. O texto é integrado no *Novus Orbis* desde a edição de 1532. A primeira edição em castelhano é, como dito, de 1520, saída em Sevilha. Outras voltam a surgir aí sempre com o selo de “*Jacobo Cromberger Aleman*” em 1523 e 1576. Em alemão: edições de 1515 (Augsburgo), 1516 (Estrasburgo), 1517 (Frankfurt), 1518, 1530 (ambas em Augsburgo), 1548, 1549 e 1610 (todas em Frankfurt)<sup>70</sup>. Em flamengo: em 1544 e 1563 (ambas em Antuérpia).

<sup>67</sup> Ver VICENZO SPINELLI, “Prefácio”, in Ludovico de Varthema, *Itinerário (Primeira tradução Portuguesa)*, trad., pref. e notas de V. SPINELLI, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1949, pp. 8-13; Pietro BAROZZI, *Ludovico de Varthema e il suo “Itinerario”*, Genova, Pubblicazioni dell’Istituto di Scienze Geografiche, 1996, pp. 43-46; J. AUBIN, op. cit., pp. 486-487.

<sup>68</sup> Ver P. BAROZZI, op. cit., pp. 35-43; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., n. 79, p. 382.

<sup>69</sup> Ver N. BROCCO, op. cit., pp. 139-140; L. de MATOS, op. cit., pp. 261-265 e 269-270; P. BAROZZI, op. cit., pp. 46-50, 58-70 e 159-202.

<sup>70</sup> Ver M. S. LOPES, *Da Descoberta ao Saber*, op. cit., pp. 53-56.

Em francês: em 1556 (Lyon). Em inglês: em 1577 (tradução de Richard Eden editada em Londres na *History of Travayle* de Richard Willes). Fora isto, desde a primeira hora circulam um pouco por toda a parte inúmeros extractos e resumos do *Itinerario*<sup>71</sup>.

Bastará consultar o calendário das monções que afectam o Oceano Índico para logo se perceber da impossibilidade material da peregrinação oriental reivindicada por Ludovico di Varthema<sup>72</sup>. Do mesmo modo que João de Barros (que o leu no *Novus Orbis* de Grynaens), Garcia de Orta (que talvez o tenha lido na edição sevilhana de 1520) foi um dos que cedo lançaram avisadas suspeições sobre a veracidade do *Itinerario*. Nos seus *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India*, o naturalista português alega que Varthema não passou de Calecute e Cochim, tendo escrito “*o que á vontade lhe veo*” ao falar sobre Ormuz e Malaca<sup>73</sup>.

Ainda assim, o texto varthemiano não deixou de ser considerado como fonte válida. Muitos estão em crer que Magalhães o utilizasse na altura em que preparou os planos de navegação apresentados e aprovados por Carlos V<sup>74</sup>. O alemão Stvckivs (Gulielmus Stuckius) serviu-se dele para compor passagens dos seus comentários ao *Périplo* de Arriano, caso das que se referem às ilhas de Perim, no Estreito de Bad el-Mandeb, a Ceilão e a Samatra<sup>75</sup>. O médico-geógrafo espanhol Miguel Servet, editor da primeira impressão francesa da *Geografia* de Ptolomeu, cita-o a propósito de Adém, da ilha de Kamarán e da Taprobana (que identifica com Samatra), para além de o usar quando trata de Calecute, de Cochim e de Coulão, por exemplo<sup>76</sup>. O cartógrafo e cosmógrafo Sebastian Münster é igualmente explícito quer quando se serve do texto em causa para inscrever na primeira edição do *Novus Orbis* a “*Navigatio ab Europa ad Calachut Indiae emporium nominatissimum*” e um resumo do próprio trabalho de Varthema que intitula “*Cursus peregrinationis Ludouwici Varthomanni patritii romani ad partes Indiae*”<sup>77</sup>, quer quando o manuseia com outra profundidade na sua *Cosmographia Universalis* para tratar a toponímia, as produ-

<sup>71</sup> F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 382-384.

<sup>72</sup> J. AUBIN, op. cit., pp. 485-491; Joan-Pau RUBIÉS, *Travel and Ethnology in the Renaissance. South India through European Eyes*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, pp. 125-130; *Le voyage de Ludovico di Varthema an Arabie & aux Indes orientales (1503-1508)*. Avant-propos de Geneviève Bouchon, préface de Jean Aubin, traduction de Paul Teyssier, notes de Luís Filipe Thomaz, Gilles Tarabout, Paul Teyssier & Gérard Troupeau, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian; Editions Chandaigne, 2004, pp. 280, 287, 291, 292-293, 309, 311, 321, 322, 325 e 329.

<sup>73</sup> Garcia de ORTA, *Colôquios dos simples e drogas da Índia por Garcia de Orta. Reprodução em fac-símile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho*, vol. 1, Lisboa, IN-CM, 1987, p. 107. Ver idem, pp. 106-107.

<sup>74</sup> Ver, *inter alia*, J. H. PARRY, *The European Reconnaissance – Selected Documents*, New York, Walker and Company, 1968, pp. 91-93.

<sup>75</sup> Flavius ARRIEN, *Arriani Historici et Philosophi Ponti Euxini & maris Erytraei Periplus ad Addrianum Caesarem. Nunc primum è Graeco sermone in Latinum versus [...]. Addita est praeter loca, que solers Lusitanorum penetravit nauigatio*, Genebra, apud Eustathium Vignon, 1577, pp. 11-12, 89, 90, 92, 93 e 109, ref. in L. de Matos, op. cit., pp. 271-272.

<sup>76</sup> Michael SERVETUS (ed.), *Claudii Ptolemaei Geographicae enarrationis libri octo*, Lyon, Melchior & Gaspar Trechel, 1535, fls. i4v., i5v., i6v. e 12v., ref. in L. de MATOS, op. cit., pp. 272-273. Cf. N. Broc, op. cit., pp. 11-12.

<sup>77</sup> Johann HUTTICH e Simon GRYNÆUS, *Novus Orbis regionum ac insularum ueteribus inconitarum*, Basileia, apud Ioannes Hervagivm, 1532, fls. 4v.-5r., ref. in L. de MATOS, op. cit., pp. 272-273.

ções, as especiarias, os costumes, as forças militares, as cidades, a fertilidade do solo, o clima, a fauna e a flora orientais<sup>78</sup>.

Como afirmámos, as novidades que Varthema dá sobre a China são determinantes para a evolução da imagem que se tem na Europa a seu respeito. No capítulo intitulado “*Di alcuni mercatanti christiani in Banghalla*”, incluído no *Livro Terceiro da Índia*, começa por surgir uma referência a alguns mercadores cristãos “*d’vna città chiamata Sarnau*” (Ayudhya, a capital siamesa) que se diziam submetidos “*al gran Cane Cathaio*”<sup>79</sup>, prefigurando mais uma clara alusão ao sistema tributário chinês. A percepção deste tipo de fidelidades reaparece adiante no capítulo “*Della città Malacha, & di Gaza fumara, che alcuni pensano sia Ganges, & della inhumanità di queglii huomini*”, integrado no mesmo livro. Escreve-se aí que a cidade de Malaca se encontra “*in terra ferma, & paga tributo al Re delle Cine, il quale fece edificar questa terra gia circa settanta anni, per esseri iui buon porto, il qual è il principale de sia nel mare oceano*”<sup>80</sup>.

Logo à frente, depois de se acrescentar que fundeiam em Malaca mais navios que em qualquer outra parte do mundo e que aí chega “*tutte sorti di spetie & altre mercantie assaissime*”, lê-se: “*Qui non bisogna far traffico qui di cosa alcuna, saluo che di spetiarie & pãni di seta*”<sup>81</sup>. Esta última passagem serve para introduzir a ideia complementar de que existe um mundo marítimo extremo-oriental que absorve parte importante das produções da área índica, ideia que se concretiza para a China do seguinte modo, no capítulo “*D’un’altra sorte de pepe, & di seta, & diu belzui [benjoim], liquali nascono nella detta città di Pedir*”: “[...] *In questo paese di Pedir nasce grandissima quantità di pepe, qual è lungo che chiamano Molaga. [...] Et è da sapere che in questo porto se ne carga ogni anno 18. ouer venti nauì, le quali tutte vanno alle volta del Cataio doue si vende molto bene: perche dicono, che là cominciano à far grãdissimi freddi*”<sup>82</sup>. Tal noção, associada à que percebe uma diferenciação nítida entre Cataio e Mangi, é referida de imediato a propósito do escoamento da madeira de aloés no capítulo que trata das respectivas três qualidades:

<sup>78</sup> Sebastian MÜNSTER, *Cosmographia uniuersalis lib. VI. in quibus, iuxta certioris fidei scriptorum traditionem describuntur, Omnium habitabilis orbis partium situs, propriaeq3 dotes. Regionum Topographicae effigies [...]. Nobiliorum ciuitatum icones & descriptiones. Regnorum initia, incrementa & translationes. Omnium mores, leges, religio, res gestae, mutationes. Item regum et principium genealogiae. Autore Sebast. Munstero*, Basileia, apud Henrichum Petri, 1550, pp. 1082-1094, ref. in L. de MATOS, op. cit., pp. 272-273. Cf. V. SPINELLI, op. cit., pp. 7-8, 30-34 e 46-52; D. F. LACH, op. cit., pp. 164-166; A. A. B. de ANDRADE, op. cit., vol. 2, pp. 686-697; Luciana Stegagno PICCHIO, *Mar Aberto. Viagens dos portugueses*, Lisboa, Caminho, 1999, pp. 34-39.

<sup>79</sup> L. di VARTHEMA, op. cit., fl. 180v.

<sup>80</sup> Idem, fl. 181v. É certo que pode ler-se “Re delle Cine” por Rei do Sião, mas, como sabemos, a influência prolongada do sistema de “tributo” imposto pelo império chinês a Malaca e a citada datação fazem-nos cair em pleno período em que a influência chinesa sobre o Estreito de Malaca marca pontos sobre as pretensões siamesas. Ver, *inter alia*, Jorge Manuel dos Santos ALVES, *O Domínio do Norte de Samatra – A história dos sultanatos de Samudera-Pacém e de Achém, e das suas relações com os Portugueses (1500-1580)*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999, pp. 78-80. Cf. V. SPINELLI, op. cit., n. 86, p. 189.

<sup>81</sup> L. di VARTHEMA, op. cit., fl. 181v.

<sup>82</sup> Idem, fl. 182r.

*[...] ci dissero ancora li detti christiani [de Sarnau], la ragione perche nõ viene da noi [“nella parti di christiani”] il detto calampat [“che à la piu perfetta”], laquale è questa, che nel grã Cataio & nel reame delle Cine & Macini & Sarnau, & Giaua vi è molto piu abbondantia d’oro che appresso noi, & similmente vi sono piu grã Signori, che non sono nelle bande nostre di qua, quali si diletmano molto piu che noi di queste due sorti di profumi. di modo che doppo la morte loro spendono grandissima quantità d’oro in essi profumi. & per questa tal causa non vengono nelle nostre parti questi sorti cosi perfette. & vale in Sarnau dieci ducati la libbra, perche se ne truoua poco di questo*<sup>83</sup>.

## Síntese

Tal como se retira de imediato dos documentos acabados de elencar, o essencial da matéria informativa relativa ao mundo chinês recebida na Europa entre o final do século XV e o termo da primeira década do século XVI foi recolhida no Índico ocidental (sobretudo em Calecute) por mercadores florentinos e portugueses, sendo entregue por indianos ou gente de larga vivência no mundo mercantil malabar ou, ainda, por feitores portugueses entretanto enviados para essa zona. Só no final da década – com Rui de Araújo, no caso do manuscrito, ou com Ludovico di Varthema, para o impresso – é de supor que as notícias tenham sido obtidas em áreas situadas mais a leste. Em segundo lugar, verifica-se que a maioria dos textos que divulgam tais notícias graças à imprensa são redigidos ou compostos por italianos: Sernigi, o presbítero José Indiano (a despeito da sua controversa nacionalidade, a entrevista que dá origem ao texto é sistematizada em Itália), o editor romano da alegada carta de D. Manuel de 1505 e Varthema. Neste plano, apenas descortinamos entre os portugueses João de Sá (e, se não ele, quase por certo outro português, conforme o defende a crítica especializada que se debruça sobre a versão italiana sobrevivente da *Relação do Piloto Anónimo*) e D. Manuel I, neste caso por via do uso indirecto que terá sido feito da sua missiva de 1501 na carta forjada de 1505.

Quanto à correspondente geografia editorial, Itália é definitivamente a grande responsável pela difusão europeia destes conteúdos ao conseguir a unanimidade dos títulos originais publicados. Roma, Milão e Vicenza – sobretudo esta, que é a cidade onde se dão à estampa os *Paesi* –, encarregam-se de lançar as novas sobre a terra dos chins. Isto contrasta com o facto de ser através de Lisboa que a quase totalidade, senão a totalidade, das novidades chega à Europa. Porém, a Alemanha meridional, onde estão estabelecidas grandes firmas com interesses directos no comércio ultramarino, marca também uma presença relevante neste processo, conforme se pode ver pelas sucessivas edições do *Itinerario* de Varthema que aí são dadas desde muito cedo. Quanto a Castela, participa nele apenas por via indirecta através da epistolografia oficial que recebe de Portugal e que, depois, ressurgue lida em Roma ou em Milão. Algo de semelhante sucede com Veneza, que escutará um informador privilegiado como o padre José de Cranganor, mas que perde para Roma a sua primeira edição.

<sup>83</sup> Idem, fl. 182r.

Apesar dos muitos elementos esparsos sobre a China acumulados até ao final desta década, percebe-se que os mesmos traduzem um conhecimento ainda por demais incipiente do país e, na esmagadora maioria dos casos, até da sua importância relativa na Ásia: referências que começam por empregar uma terminologia sanscrítica, que aludem à existência de homens brancos sem articular muito mais do que isso, ou que fazem eco da lembrança das expedições marítimas oficiais do século XV. Os agentes oficiais da Coroa portuguesa na Ásia apenas por volta de 1508 começarão a catalogar e a remeter dados mais precisos sobre esse reino que mantivera importantes relações marítimas e mercantis com a Índia ocidental, Bengala e Malaca. Enfim, à parte os indícios identificados no anónimo relatório manuscrito alemão de c. 1504 que seguiu de Lisboa para os Welser de Augsburg, só com o *Itinerario* de Varthema se passa deste estágio para a visão de que existe na Ásia oriental um mundo mercantil e um conjunto de entidades assimiladas a nomes como Cataio, China ou Mangi suficientemente fortes para condicionar a existência de um sistema de reinos tributários e para absorver parte considerável das produções oferecidas nas praças da área do Estreito de Malaca.

Como começámos por dizer, a partir do início da segunda década do século XVI a recolha das novas sobre a China será sobretudo marcada pelos efeitos decorrentes da conquista de Malaca para a Coroa de Portugal por Afonso de Albuquerque, acontecimento que veio colocar os litorais chineses a cerca de um mês de distância do novo ponto de apoio da navegação lusitana<sup>84</sup>. Tal como também lembrámos, criar-se-iam então as condições para o desenvolvimento de um inquérito relativamente exaustivo junto da comunidade mercantil chinesa de Malaca. Com isto, seria possível rever a profunda dependência até então sentida em relação aos informadores muçulmanos e hindus, ainda que sendo também certo que o verdadeiro ponto de viragem na qualidade da matéria reportada só viria a ocorrer na sequência da frequência regular dos litorais do Guangdong, do Fujian e do Zhejiang pelos portugueses, num processo longo e acidentado inaugurado pela viagem de Jorge Álvares à China, em 1513.

Dir-se-á que os principais autores europeus que escreveram sobre a China na sequência imediata da tomada de Malaca pelos portugueses – Giovanni da Empoli, Andrea Corsali, Duarte Barbosa e Tomé Pires, antes de quaisquer outros – já foram capazes de acrescentar uma compreensão geral mais vasta sobre a realidade marítima e mercantil do país, a distribuição dispórica dos respectivos interesses e comunidades pelos mares da Ásia, as diferenças existentes entre comércio estatal e comércio privado ou, ainda, sobre os próprios mecanismos de funcionamento do sistema tributário chinês. Dir-se-á que alguns destes mesmos autores aprofundaram também o conhecimento europeu sobre os costumes e algum vocabulário chinês, assim como terão verbalizado a primeira identificação do Cataio com a China e de Pequim como sendo a capital do norte, o que não parece ter estado ao alcance dos observadores da primeira década de Quinhentos<sup>85</sup>. Mas se tudo isso é certo, o que também se percebe é que os ganhos objectivos no saber sobre a China

<sup>84</sup> Ver R. M. LOUREIRO, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, op. cit., pp. 128-129.

<sup>85</sup> Ver R. M. LOUREIRO, “Informações italianas sobre a China nos primeiros anos do século XVI”, *Svdia*, 58/59, 2002, pp. 89-111; F. R. de OLIVEIRA, op. cit., pp. 389-418.

então tornados possíveis só se entendem de forma cabal quando inscritos no inquérito simultaneamente diversificado e coerente que terá as suas expressões mais impressivas no *Planisfério de Cantino* de 1502, no Regimento manuelino entregue a Diogo Lopes de Sequeira, em 1508, e no compósito *Itinerario* de Ludovico de Varthema, publicado em 1510. Por outro lado, o conjunto de autores que analisámos não apenas inauguraram as modernas descrições ocidentais da China privados ainda do conhecimento directo do seu objecto, como o fizeram antes de haver ocorrido o primeiro contacto entre portugueses e chineses, reservado para o palco de Malaca em 1509. Se outro carácter distintivo não tivesse, bastaria ater a este par de circunstâncias decisivas para individualizarmos o seu legado e destacarmos a profunda originalidade do mesmo.

## Bibliografia

### Fontes

Cartas de Affonso de Albuquerque Seguidas de Documentos que as Elucidam Publicados de Ordem da Classe de Ciências Moraes e Bellas-Lettras da Academia Real das Ciências de Lisboa, vols. 2 e 3, dir Raimundo António de Bulhão Pato, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1903.

Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente – Índia, vol. 1, 1499-1522, ed. António da Silva Rego, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1947.

Em Demanda do Oriente: Viagens e notícias quatrocentistas, introdução, modernização do texto e notas de Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

Grandes Viagens Marítimas – Relação da primeira viagem de Vasco da Gama (1497), Relação da segunda viagem de Vasco da Gama (1502), Relação da viagem de D. Francisco de Almeida até à Índia (1505) e Relato da viagem de Fernão de Magalhães (1519), dir. L. de Albuquerque, coment. e transcr. L. de Albuquerque e Francisco Contente Domingues, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

Montalboddo, Fracanzio da, Paesi nouamente trouati per la Nauigatione di Spagna in Calicut, Et da Albertutio Vesputio Florentino intitulado Mondo Nouo. Nouamente Impresso, Veneza, Zorzo de Rusconi Millanese, 1522.

Notícias de Missionação e Martírio na Índia e Insulíndia (de 1500 a meados do século XVII), dir. Luís de Albuquerque, introd. Jorge Manuel dos Santos Alves, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

Orta, Garcia de, Colóquios dos simples e drogas da Índia por Garcia de Orta. Reprodução em fac-símile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho [1563], 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Polo, Marco; Conti; Niccoli de'; Santo Stefano, Girolamo da, O Livro de Marco Paulo – O Livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Estevam conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502, com três fac-símiles, ed. Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922.

Ramusio, Giovanni Battista, Primo volume, & Seconda editione Delle Navigazioni Et Viaggi In Molti Luoghi Corretta, Et Ampliata, Nella Quale si Contengono La Descrittione dell’Africa, & del paese del Prete Ianni, con varrij viaggi, dalla Cità di Lisbona, & dal Mar Russo à Calicut, & infin’all’isola Mollucche, doue nascono le Spetierie, Et la Nauigatione altorno il Mondo. Aggiuntoui di nuouo La Relatione dell’isola Giapan, nuouamente scoperta nella parte di Setentrione. Alcuni Capitoli appartenenti alla Geographia estrati dell’Historia del S. Giouan di Barros Portoghese. Tre Tauole di Geographa in disegno, secondo le Carte da nauigatione de Portoghese, & fra terra secondo gli scrittore che si contengono in questo volume. Un’Indie molto copioso, delle cose di Geographia, costumi, spetierie, & altre cose notabili, che in esso si contengono. Cun priuilegio del Summo Pontifice, & dello Illustriss. Senato Veneto, Veneza, Stamperia de Giunti, 1554.

Varthema, Ludovico di, Le voyage de Ludovico di Varthema an Arabie & aux Indes orientales (1503-1508). Avant-propos de Geneviève Bouchon, préface de Jean Aubin, traduction de Paul Teyssier, notes de Luís Filipe Thomaz, Gilles Tarabout, Paul Teyssier & Gérard Troupeau, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian; Editions Chandeigne, 2004.

Velho (?), Álvaro, Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama [1497-1499], apresentação e notas de Neves Águas, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1987.

Velho (?), Álvaro, Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia (Álvaro Velho), leitura crítica, notas e estudo introdutório de José Marques, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1999.

Viagens dos Descobrimentos, organização, introdução e notas de José Manuel Garcia, Lisboa, Editorial Presença, 1983.

## Estudos

Albuquerque, Luís de, “Algumas observações sobre o Planisfério de Cantino”, in Albuquerque, Luís de, Estudos de História, vol. 4, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1976, pp. 181-221.

Alves, Jorge Manuel dos Santos, O Domínio do Norte de Samatra – A história dos sultanatos de Samudera-Pacém e de Achém, e das suas relações com os Portugueses (1500-1580), Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

Amado, Maria Teresa, “Planisfério de Cantino”, in Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 191-192.

Andrade, António Alberto Banha de, Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 2 vols., 1972.

Aubin, Jean, Le Latin et l’Astrolabe. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales, vol. 2, Lisboa; Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

Barozzi, Pietro, Ludovico de Varthema e il suo “Itinerario”, Genova, Pubblicazioni dell’Istituto di Scienze Geografiche, 1996.

Barreto, Luís Filipe, Lavrar o Mar – Os Portugueses e a Ásia, c. 1480-c. 1630, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

Bouza Álvarez, Fernando, Del escribano a la biblioteca. La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII), Madrid, Síntesis, 1992.

Bouza Álvarez, Fernando, Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro, Madrid, Marcial Pons, 2001.

Brilli, Attilio, Mercanti avventurieri. Storie di viaggi e di commerci, Bologna, il Mulino, 2013.

Broc, Numa, La géographie de la Renaissance, 1420-1620, Paris, Ministère de l’Éducation Nationale, Editions du Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1986.

Carnemolla, Stefania Elena, “Un certo Gaspar da Gama: una sfuggente figura di interprete dei viaggiatori portoghesi del Cinquecento”, in E vós, Tágides minhas. Miscellanea in onore di Luciana Stegnano Picchio, a cura di Maria José de Lancastre, Silvano Peloso, Ugo Serani, Viareggio-Luca, Mauro Baroni Editore, 1999, pp. 229-240.

Carnemolla, Stefania Elena, Fonti italiane dei secoli XV-XVII sull’espansione portoghese, Pisa, Edizioni Ets, 2000, pp. 229-240.

- Cortesão, Armando; Mota, Avelino Teixeira da (eds.), *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. 1, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.
- Cortesão, Jaime, *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- Costa, João Paulo Oliveira e, “António de Saldanha”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 961-964.
- Costa, João Paulo Oliveira e, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Macau, Instituto Cultural de Macau; Instituto de História de Além-Mar, 1995.
- Ehrhardt, Marion, *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto Editora, 1989.
- Faria, Francisco Leite de; Mota, Avelino Teixeira da, *Novidades Náuticas e Ultramarinas numa Informação dada em Veneza em 1517*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977.
- Farinha, António Dias, “A fixação da Linha de Tordesilhas a Oriente e a Expansão Portuguesa”, in *Congreso Internacional de Historia. El Tratado de Tordesillas y su Época* (Setúbal 2 junio, Salamanca, 3 e 4 de junio, Tordesillas, 5, 6, 7 junio de 1994), vol. 3, Madrid, V Centenario Tratado de Tordesillas; Junta de Castilla y León; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995, pp. 1477-1482.
- Fonseca, Luís Adão da, *Vasco da Gama: o homem, a viagem, a época*, Lisboa, Commissariado da Exposição Mundial de Lisboa de 1998, 1998.
- Garcia, José Manuel, “Álvaro Velho”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. de Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 1064-1065.
- Garcia, José Manuel, “Problemática das Origens do Chamado “Plano das Índias” in *A Viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, coord. José Manuel Garcia, Lisboa, Academia de Marinha, 1999, pp. 55-94.
- Garcia, José Manuel, “Repercussões externas”, in *A Viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499*, coord. José Manuel Garcia, Lisboa, Academia de Marinha, 1999, pp. 595-611.
- Garvão, Maria Helena Martins Inês, *O Livro Marco Paulo impresso por Valentim Fernandes. Genealogia textual, leitura tipográfica e aspectos discursivos*, Tese de Doutoramento em Estudos Literários, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009 (polic.).
- Gil, Juan, “Libros, descubridores y sábios en la Sevilla del quinientos”, in *El libro de Marco Polo anotado por Cristóbal Colón. El libro de Marco Polo versión de Rodrigo de Santaella*, ed. Juan Gil, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp. I-LXIX.
- Godinho, Vitorino Magalhães, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar – séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990.
- Harrisse, Henri, *Bibliotheca Americana Vetustissima – Additions*, ed. Carlos Sanz, Madrid, Lib. Gen. Victoriano Suarez, 1952.
- História da Colonização Portuguesa do Brasil. Edição Monumental Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil*, dir. e coord. literária de Carlos Malheiro Dias, dir. cartográfica de Ernesto de Vasconcelos, dir. artística de Roque Gameiro, vol. 2, *A Epopeia dos Litorais*, Porto, Litografia Nacional, 1923.

Horta, José da Silva, «O Marco Paulo (1502) de Valentim Fernandes: a representação dos povos não-cristãos na construção de uma imagem do poder manuelino», in Maria Adelina Amorim, Maria José Craveiro e Maria Lúcia Garcia Marques (coord.), *Homo viator: estudos de homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa, Edições Colibri, 2004, pp. 109-134.

Jorge, Ricardo, *Amato Lusitano – Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, s.d. [1962].

Jüsten, Helga Maria, *Valentim Fernandes e a literatura de viagens*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2007.

Krasa, Miloslav; Polišíenský, Josef; Ratkoš, Peter (eds.), *European Expansion 1494-1519. The voyages of discovery in the Bratislava Manuscript Lc. 515/8 (Codex Bratislavenensis)*, Prague, Charles University, 1986.

Lach, Donald F., *Asia in the Making of Europe*, vol 1, book 1, *The Century of Discovery*, Chicago; Londres, The University of Chicago Press, 1994.

Landes, David S., *The Wealth and Poverty of Nations*, New York e London, W. W. & Company, 1999.

Lopes, Marília dos Santos, “Relações de Portugal com a Alemanha”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 44-48.

Lopes, Marília dos Santos, *Da Descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem Editores, 2002.

Loureiro, Rui Manuel, “Para uma nova leitura da Relação do Novo Caminho do Padre Manuel Godinho”, in *Ler História*, 15, 1989, pp. 3-27.

Loureiro, Rui Manuel, “Marco Polo”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 909-911.

Loureiro, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.

Loureiro, Rui Manuel, “Informações italianas sobre a China nos primeiros anos do século XVI”, *Stvdia*, 58/59, 2002, pp. 89-111.

Machado, José Pedro; Campos, Viriato, *Vasco da Gama e a sua viagem de descobrimento – Com a edição crítica e leitura actualizada do relato anónimo da viagem*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1969.

Mathew, K. S., *Indo-Portuguese Trade and the Fuggers of Germany – Sixteenth century*, New Delhi, Manohar Publishers, 1997.

Matos, Luís de, *L’expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Mesquitela, Gonçalo, *História de Macau*, vol. 1, t. 1, *Do sonho do “Catayo” à realidade da “Chyna”, 1498-1557*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1996.

Milano, Ernesto, *La Carta del Cantino e la rappresentazione della Terra nei codici e nei libri a stampa della Biblioteca Estense e Universitaria*, Modena, Il Bulino, 1991.

- Mota, Avelino Teixeira da, *A Viagem de António de Saldanha em 1503 e a Rota de Vasco da Gama no Atlântico Sul, separata de Estudos de História Marítima — Memórias, s.n.*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971.
- Nakamura, Hiroshi, *East Asia in Old Maps*, Tokyo, The Centre for East Asian Cultural Studies, 1962.
- Oliveira, Francisco Roque de, *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500-c. 1630. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*, Dissertação de Doutoramento, Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003, 2 vols. [Em linha] Disponível em <<http://ddd.uab.cat/pub/tesis/2003/tdx-1222103-160816/tdx.html>> Consulta a 6 de Julho de 2014.
- Parry, J. H., *The European Reconnaissance – Selected Documents*, New York, Walker and Company, 1968.
- Peragallo, Prospero, *Viaggio di Geronimo da Santo Stefano e di Geronimo Adorno in India nel 1494-99*, Roma, Società Geografica Italiana, 1901.
- Picchio, Luciana Stegagno, *Mar Aberto. Viagens dos portugueses*, Lisboa, Caminho, 1999.
- Radulet, Carmen M., *Os Descobrimentos Portugueses e a Itália – Ensaio filológico-literários e historiográficos*, introd. Luís de Albuquerque, trad. Edite Caetano, Lisboa, Vega, 1991.
- Radulet, Carmen M., “Girolamo Sernigi”, in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 983-984.
- Radulet, Carmen M., *Vasco da Gama – La prima circumnavigazione dell’Africa, 1497-1499*, Reggio Emilia, Edizioni Diabasis, 1994.
- Radulet, Carmen M., “As sociedades do Índico e as relações com o Cataio através da documentação relativa às viagens de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral”, *Oceanos*, 34, Abril/Junho 1998, pp. 118-126.
- Radulet, Carmen M., “Acerca da autoria do Diário da navegação de Vasco da Gama (1497-1499)”, in *Os Descobrimentos Portugueses no Século XV, Actas do II Simpósio de História Marítima*, Lisboa, 20/22 de Abril de 1994, Lisboa, Academia de Marinha, 1999, pp. 89-100.
- Radulet, Carmen M.; Thomaz, Luís Filipe, “Fontes italianas para a História dos Portugueses no Índico, 1497-1513 (I parte)”, *Mare Liberum*, 18-19, 1999-2000, pp. 247-340.
- Ramalho, Américo da Costa, “Os humanistas e a divulgação dos Descobrimentos”, in *Actas do Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, pp. 17-36.
- Rego, António da Silva, *A Presença de Portugal em Macau*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1946.
- Rubiés, Joan-Pau, *Travel and Ethnology in the Renaissance. South India through European Eyes*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- Sena, Tereza, “Macau: o primeiro ponto de encontro permanente na China”, *Revista de Cultura*, 27/28, Abril/Setembro 1996, pp. 25-59.
- Silva, Joaquim Candeias, *O Fundador do “Estado Português da Índia” D. Francisco de Almeida, 1457(?) - 1510*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996.

Spallanzani, Marco, *Mercanti fiorentini nell'Asia portoghese (1500-1525)*, Firenze, Studi per Edizioni Scelte, 1997.

Spinelli, Vincenzo, "Prefácio", in Ludovico de Varthema, *Itinerário (Primeira tradução Portuguesa)*, trad., pref. e notas de Vincenzo Spinelli, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1949, pp. 7-58.

Thomaz, Luís Filipe, "Calecute", in *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 161-168.

Thomaz, Luís Filipe, "China", in *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, dir. Luís de Albuquerque, coord. Francisco Contente Domingues, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 242-249.

Thomaz, Luís Filipe, "Introdução", in *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, dir. A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Fundação Oriente, vol. 1, t. 1, 1998, pp. 13-121.

Yule, Henry, "China", in *The Encyclopædia Britannica. A Dictionary of Arts, Sciences, and General Literature*, vol. 5, 9.<sup>a</sup> ed., Edinburgh, Adam and Charles Black, 1876, pp. 626-629.

## OS MATEMÁTICOS JESUÍTAS DA ASSISTÊNCIA PORTUGUESA E OS HISTORIADORES PORTUGUESES DA MATEMÁTICA (1819-1940)

Luís Saraiva

Na primeira história da Matemática Portuguesa, *Ensaio histórico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal*, a primeira história da Matemática relativa a um único país publicada na Europa Ocidental, escrita pelo importante matemático português Francisco de Borja Garção Stockler (1759-1829) e publicada em Paris em 1819, o controle da Companhia de Jesus na educação foi indicado como um dos dois factores do chamado “período de declínio” da Matemática portuguesa, sendo o outro o estabelecimento da Inquisição em Portugal. Este período durou aproximadamente dois séculos, sensivelmente delimitado pela perda da independência em 1580 e pela reforma da Universidade Portuguesa em 1772, quando foi criada a primeira Faculdade de matemática no país.

Desde então, e até 1940, esta opinião vingou sem oposição. Iniciando-se com um artigo de Pedro José da Cunha em 1940, e desenvolvendo-se nos últimos 30 anos, apareceu uma nova maneira de olhar quer para o período 1580-1772, quer para o trabalho matemático nele desenvolvido pela Companhia de Jesus.

Nesta comunicação tenho como objectivo analisar o modo como os historiadores da Matemática portuguesa até 1940 relataram esse designado período de “declínio”, e como analisaram a Companhia de Jesus e os seus matemáticos nesse período. Para além do trabalho pioneiro de Stockler, considerarei as seguintes obras: Francisco de Castro Freire: *Memoria Histórica da Faculdade de Mathematica* (1872); Rodolfo Guimarães : *Les Mathématiques en Portugal* (1909); Pedro José da Cunha: *Bosquejo histórico das matemáticas em Portugal* (1929), *A Astronomia, a Náutica e as Ciências Afins* (1929) e *As Matemáticas em Portugal no Século XVII* (1940); e Francisco Gomes Teixeira: *História das Matemáticas em Portugal* (1934).



## PORTUGUESES NOS MARES DA CHINA E DO JAPÃO NOS SÉCULOS XVI E XVII

Carlos Francisco Moura

Embora os portugueses tivessem começado a fazer viagens comerciais ao Japão logo depois do descobrimento (1543), as Viagens do Japão oficiais, anuais, com capitão-mor provido pelo Vice-Rei da Índia em nome da Coroa, ou pela própria Coroa, só começaram posteriormente. Charles Boxer, no livro *The Great Ship from Amacon* estuda detalhadamente essas viagens realizadas de 1555 até o fechamento do Japão aos portugueses, em 1639.

### As viagens do Japão

Muitos relatos dessas perigosas viagens, sujeitas a tufões, a grandes tempestades e a outros perigos, poderiam figurar na famosa *História Trágico-Marítima*.

Em 1558, a nau do comando de Leonel de Sousa foi ao Japão, e na viagem de volta naufragou no sul da China, mas o capitão-mor conseguiu salvar-se.

Em 1560, um dos dois juncos portugueses que foram ao Japão açoitado por violento tufão foi dar à costa na ilha de Hainão. Sem condições de navegar, enviaram um português até Cantão, que avisou a Macau para irem resgatá-los.

No ano de 1561, houve dois raros e trágicos incidentes entre portugueses e japoneses.

Em 1564, a viagem do Japão foi feita por três navios: a nau *Santa Cruz* (que enfrentou tufões que quase a puseram ao fundo), a nau *Santa Catarina* e um junco.

O que aconteceu aos galeões que tomaram parte nas viagens de 1565 e 1566 vai referido em outro lugar.

Em 1571, chega a Nagasáqui, inaugurando o porto, a nau do Capitão-mor Tristão Vaz da Veiga.

Em 1573, a nau do comando de D. Antonio de Vilhena, atingida por um tufão, naufragou à vista de Amakusa, mas apesar de seriamente desmantelado, um junco português de Malaca aportou a Nagasáqui.

Em 1577, um junco português desviado da rota do Japão, deu à costa na até então desconhecida Coreia. Os que tripulavam um sampan foram capturados e mortos pelos naturais, mas o junco conseguiu escapar a duras penas.

Em 1578, ia acontecer o mesmo à nau de Domingos Monteiro, na costa da Coreia, mas com grande trabalho conseguiu retomar a rota para o Japão.

Em 1582, um junco do comando de André Feio, por ter adormecido o piloto, encalhou na “*costa brava*” da ilha Formosa, e os portugueses foram atacados pelos gentios da terra “*despidos e encachados como canarins, com o cabelo comprido até as orelhas*”, comparados aos “*Brasis*”. Acantonados contra seus ataques os portugueses conseguiram construir um pequeno junco e voltaram para Macau.

Em 1587, não houve viagem oficial ao Japão, mas um junco de Francisco de Gouveia terá chegado a Nagasáqui (Boxer, 1988, p. 60).

Na viagem de 1598 houve grande tragédia relatada por Fernão Guerreiro: o navio de Nuno de Mendonça, com 70 portugueses e outros naturais e gente de serviço, “*com mais de 400.000 cruzados em prata, se perdeu no mar, sem mais haver novas dele nem do modo de seu naufrágio*” (que terá ocorrido no início de 1599).

## Os navios

### 1. Naus

Os principais navios utilizados pelos portugueses no comércio China-Japão eram naus de 400 e 600 toneladas, e até maiores, de 1.200 e 1.600. Aparecem nos textos portugueses contemporâneos com os nomes de: Nau da China, Nau do Japão, Nau da Prata, Nau do Trato, Nau do Trato de Macau.



Nau do tipo das empregadas na Viagem do Japão  
(*Memória das Armadas*, ed. fac-similada. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1979)

No longo *Processo* de João Serrão da Cunha, é possível extrair informes sobre as naus empregadas nas Viagens do Japão: a *Nossa Senhora da Vida* foi construída em Cochim, na Índia, e ele a adquiriu do rei local, nova do estaleiro, por mais de quarenta mil xerafins, posta à vela na barra de Goa. Esse era o preço ordinário que, naquele tempo, costumavam pagar os capitães das Viagens do Japão:

“... comprara a nao *Nossa Senhora da Vida* al Rey de cochim, noua do estaleiro que lhe custara acabada e posta a uella na barra de goa mais de quarenta mil xerafins, e este hé o preço comũ e ordinario que no tal tempo uallia a dita nao e ualẽ semelhantes naos nouas postas a uella que os capitães das viagens do Jappão costumauão comprar pera fazerẽ suas uiagẽs” (Boxer, 1963, p.210).

O *Livro de Duarte Barbosa* (1516), ao referir o Reino de Cochim, informa que os portugueses ali consertavam e faziam de novo naus, galés e caravelas, com tanta perfeição como as que se construam em Lisboa:

*“Nesta fortaleza e povoação de Cochim há el-rei nosso senhor corregimento de suas naus, e outras se fazem de novo, assim galés e caravelas, em tanta perfeição como se fizessem na ribeira de Lisboa”* (Barbosa, 1992, p. 138).

A nau *Nossa Senhora da Vida*, de João Serrão da Cunha, deveria fazer a viagem do Japão em 1613, mas, à saída de Macau, chocou-se contra uma rocha, e não prosseguiu. No ano seguinte, fez a viagem e aportou a Nagasáqui.

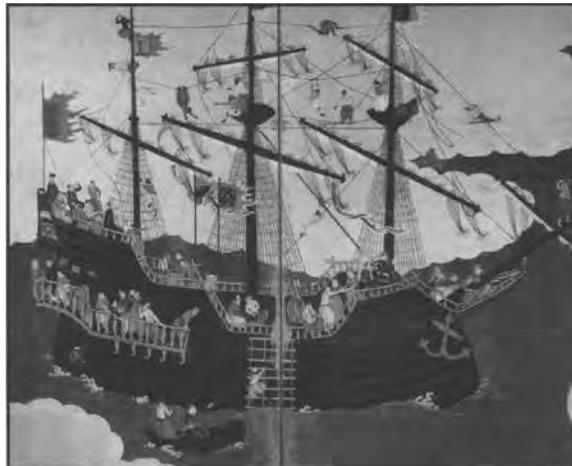
A Carta de “*hum portugues homẽ honrado*”, que descreve a tempestuosa viagem de 1564, afirma que a nau (*Santa Cruz*) era “*tam poderosa*”, e “*a melhor de paio que vi outra nao, & forte, sem fazer nenhua agoa*”. Atingida por um tufão, os tripulantes tiveram que atirar ao mar muita coisa, e “*jarras grandes, e pequenas cheas de agoa, de q depois tivemos estrema necessidade*”, pois “*na nao virião por rol quatrocentos & tantas almas*” (Cartas, I, 1598, p. 150v, 151v).

Os relatos dessa viagem e de outras no trajeto China-Japão, sujeito a violentos tufões, poderiam figurar na *História Trágico-Marítima*.

### **O Kurofune dos Nambans: Navio Negro dos Bárbaros do Sul**

Os portugueses, primeiros europeus a chegar ao Japão (1543), foram denominados pelos naturais namban-jin, ou simplesmente namban, que significa bárbaro do sul, porque eles chegavam pelo sul.

Ficaram famosas as grandes naus portuguesas que anualmente intermediavam o comércio entre a China e o Japão. Elas figuram com destaque nos Biombos Namban (Namban-byobu), primorosas pinturas japonesas dos séculos XVI e XVII, que representam com detalhes a chegada das naus ao Japão e o desembarque dos portugueses – o capitão-mor, soldados, comerciantes, marinheiros, lascarins, etc.



O Kurofune dos Nambans, Navio Negro dos Bárbaros do Sul – pormenor de um Namban byobu do templo Toshodaiji, Nara, Japão (repr. de Moura, 1993)

Eram chamadas Kurofune, isto é, navio negro, em virtude da cor do casco, que contrastava com a cor da madeira dos navios japoneses.

Luís Fróis, no *Tratado de algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e Japão* (1585), falando das embarcações, afirma: “As nossas se consertão por fora com breu ou gagala, pera não fazerem agoa; as de Japão somente a boa juntura das taboas sem outro bitume” (Fróis, p. 234)<sup>1</sup>.

Pode-se dizer que o Kurofune foi cantado em prosa e verso no Japão. Na literatura japonesa dá-se o nome de monogatari aos contos antigos, lendas e narrativas. Um dos mais famosos é o *Heiki Monogatari*, datável do século XIII ou XV, que descreve a guerra entre os Taira e os Minamoto (1180-1185)<sup>2</sup>.

João Rodrigues Tçuzu autor da *Arte da Lingoa de Japam* (Nagasaqui, 1604-1608) e da *Arte Breve da Lingoa Japoa* (Macau, 1620) informa que os jesuítas imprimiram “diálogos chamados monogatari”. Vários títulos são conhecidos, entre eles *Curofune monogatari* (História do Navio Negro)<sup>3</sup>. O próprio Rodrigues Tçuzu registrou exemplos de frases correntes, certamente tiradas de Monogataris, que pedem alvíssaras pela chegada da nau dos Bárbaros do Sul, e manifestam alegria na sua arribada a Kushinotsu: “*Yarayara medetaya, nambanfunega Tçuquimaraxita*”, que o historiador espanhol Alvarez-Taladriz traduz: “*Albricias, en horabuena, arribó ya la nao de Nambam!*” (Taladriz, 160\*); e “*Funega cuchinotçuye iruuna, sate medetai cotoyá*”: “*Que cosa tan buena: La nao ha tomado tierra en Kushinotsu!*” (Taladriz, in Valignano, 1964, p. 180\*, p. 61\*).

Quando em 1853, o comodoro americano Mathew Perry chegou ao Japão, seus navios também foram chamados Kurofune.

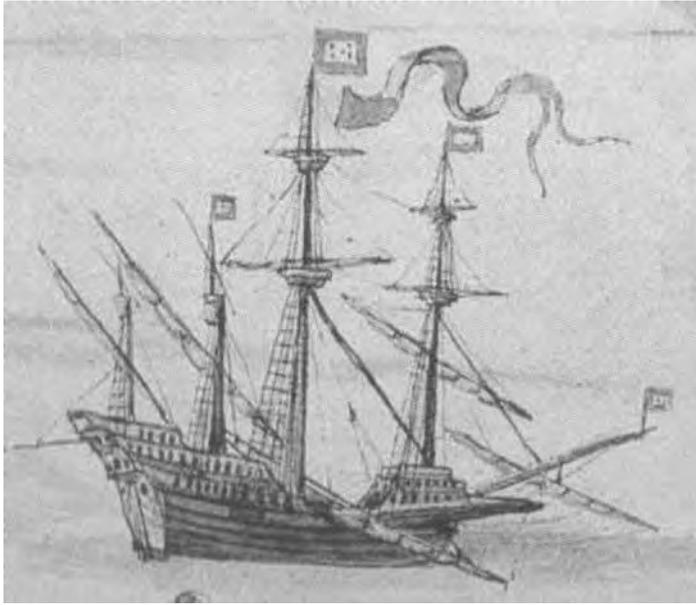
## 2. Galeões

Em 1565, a nau do Capitão-mor D. João Pereira chegou ao Japão acompanhada por um pequeno galeão pertencente a D. Diogo de Meneses, capitão de Malaca. A presença do galeão foi decisiva para repelir o ataque que o daimio Matsuura lançou contra os portugueses, despeitado por eles, em vez de aportarem a Yokoseura, no seu feudo, procuraram Fukuda no feudo de Omura.

<sup>1</sup> Numa relação seiscentista do custo de uma nau para a carreira da Índia, constam, entre os artigos para calafetar a nau, os seguintes: “20 barris de alcatrão para fazer preta a nau (40\$000); 300 quintais de breu (210\$000); 1600 quintais de estopa preta (160\$000); 30 quartos de azeite para engraxar o breu” (300\$000)”. E os jornais pagos aos calafates (790\$000) eram superiores aos pagos aos carpinteiros (750\$000), (Saraiva, II, 1994, p. 27).

<sup>2</sup> Os monogataris eram cantados ou recitados pelos biva-hôshi, bardos geralmente cegos que percorriam o país.

<sup>3</sup> Além do *Curofune monogatari* são conhecidos outros títulos impressos pelos jesuítas no Japão, mas nenhum exemplar deles foi encontrado até agora. Uma versão coloquial do clássico japonês *Heiki Monogatari* foi publicada pelos jesuítas juntamente com as fábulas de Esopo.



Galeão que figura na “Tavoada da Aguada do Xeque”, dos Roteiros da Índia de D. João de Castro, 1538-1540, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (repr. de Francisco Contente Domingues, *A Carreira da Índia*, p. 51)

No ano seguinte, a nau partiu para o Japão sob o comando do Capitão-mor D. João Pereira, e Diogo de Meneses enviou de novo um galeão, observa Boxer: o mesmo ou outro. Enquanto a nau completou a viagem, o galeão, destroçado por um violento tufão, deu à costa na China, onde, atacado por uma frota guarda-costas chinesa, não houve nenhum sobrevivente<sup>4</sup>.

### 3. Juncos

Como vimos, juncos portugueses (isto é, adquiridos por portugueses), são documentados nas Viagens do Japão em 1560, 1564, 1571, 1573, 1577, 1582 e 1587.

Dalgado define junco como “*grande embarcação oriental, especialmente chinesa*”. “*Atribui-se ao vocábulo origem chinesa chuen adoptada por Littré, mas é quasi certo o étimo imediato é o malaio-javanês jung, ajung (também jong)*” (Dalgado, 1919, I).

O *Livro de Duarte Barbosa* (1516) contém várias referências a juncos. A Malaca iam “*mui formosos juncos de quatro mastros*” (p. 165). No grande Reino da China navegavam em juncos, que “*trazem velas de esteiras, como em Moçambique, e os cabres e enxárcia de*

<sup>4</sup> Galeões também eram construídos pelos portugueses na Índia. *O Livro das Monções* regista que, em 1623, havia no rio da Goa três galeões, dois feitos em Baçaim e um em Damão (Tomo IX, 1978).

*certa verga*” (p. 178). Ao Reino de Bengala chegavam naus da China “*que chamam juncos, que são mui grandes, e levam mui carga, com que navegam para Charamantel, Malaca, Samatra, Pegú, Cambaia e Ceilão*” (p. 154).

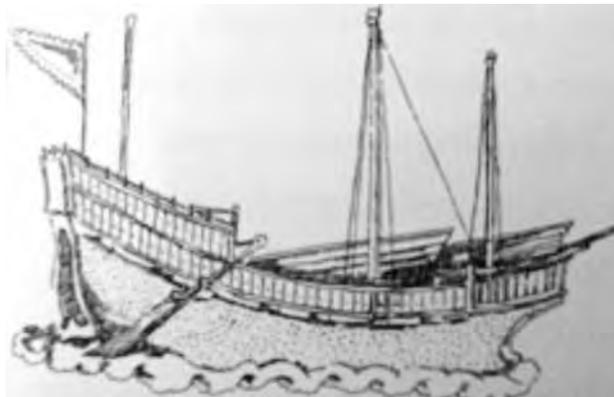
Falando sobre a cidade e Reino de Malaca:

*“Vêm tambem a esta cidade de Malaca do reino de Jaoa as grandes naus juncos que são mui desvidas da feição das nossas, de mui grossa madeira, porque, como são velhas, em cima daquele tabuado lançam-lhe outro novo, e assim ficam mui fortes; nos cabres e em toda enxárcia delas são de verga que na terra há”* (p. 165).

Fernão Lopes de Castanheda também descreve os juncos na *História do Descobri-mento e Conquista da Índia pelos Portugueses* (1552):

*“E estes juncos, que assi chamão ás naos daquellas partes são muyto grandes e muyto desuiadas de todas as naos do mundo; porque da mesma feição he a proa que a popa, em cada hua tem hum leme: e não tem mais que hum mastro, e tem vela, e esta de rota de Bengala que são caninhas delgadas, e anda ao redor como dobadoira, e por isso nunca virão como as nosas naos”* (Castanheda citado por Dalgado, I, 1919)

Manuel G. Erédia desenhou e descreveu os juncos. Na *Declaração de Malaca* (1613), informa: “*Usão de juncos e sômas, embarcações altas como navios de carga, com dous lemes e mastros, com vellas de palmas tecidas, e esteyras, com bambus atravessados em ordem apartados*” (*Declaração de Malaca*, fl. 26).

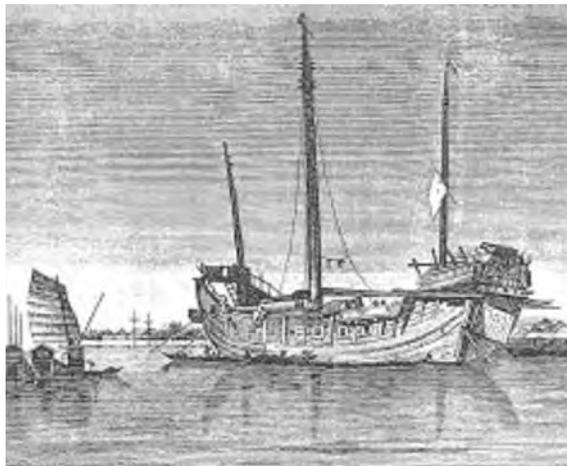


Junco ou Soma da China - desenho de Manuel Godinho de Erédia  
(Declaração de Malaca, 1618)

Uma descrição publicada em 1858 na revista *Archivo Pittoresco* informa que os juncos de guerra não excediam de ordinário 250 a 300 toneladas, e mediam de 80 a 90 pés de comprimento e 12 a 15 de largo (citada por Dalgado).



Junco de guerra chinês  
(gravura publicada na revista O Panorama, vol 2, Série 2, Lisboa, 1843)



“Tao ou junco de guerra e uma lorcha”  
(Joaquim Pedro Celestino Soares, Quadros Navais e Epopéia Nacional Portuguesa, 1973, p.44/45)

### **A Guerra de Corso dos Holandeses e as últimas Naus do Trato**

Em 10 de abril de 1600, o primeiro navio holandês chegou ao Japão. A partir de então, a guerra de corso empreendida por eles passou a acrescentar mais um grave perigo aos navios portugueses.

Em 1603, eles tomaram, na barra de Macau, a nau carregada, antes que iniciasse a viagem ao Japão.

Em 1607, de julho a setembro, a esquadra do Almirante Cornelis Matelief de Jonge impediu a partida da nau do trato. Mas, com perda de um barco, foi expulsa pelo Capitão-mor André Pessoa.

Em 1609, dois navios holandeses tentaram interceptar a nau no Estreito de Formosa, mas não conseguiram devido a um forte nevoeiro. Esta viagem terminou tragicamente com a explosão e naufrágio na baía de Nagasáqui<sup>5</sup>.

A última viagem do Japão com nau do trato foi feita em 1617, sob o comando de Lopo Sarmento de Carvalho.

A partir daí, os portugueses substituíram as pesadas naus de comércio (e também os grandes juncos) por embarcações menores e mais ligeiras, que não dependiam só de vento: fustas, pinaças, bergantins, mas principalmente galeotas. Movidas a vela e a remos, dotadas de esporão, armadas com algumas peças de artilharia, eram mais aptas a livrar-se do assédio dos corsários que as lentas naus, entulhadas de carga e mal artilhadas, que dependiam exclusivamente do vento.



Fusta portuguesa no Oriente

(repr. de Linschoten, Jan Huygen - *Itinerário: Viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, ed. de Arie Pos e Rui Manuel Loureiro, Lisboa: CNCDP, 1997)

<sup>5</sup> O capitão-mor André Pessoa tivera que tomar medidas drásticas para debelar violentos distúrbios ocorridos em 1608 em Macau, entre japoneses chegados de Champa, e chineses. Depois de chegar a Nagasáqui em 29 de julho do ano seguinte, ele enviou a Ieyasu explicações sobre o ocorrido em Macau, mas elas não foram aceitas, e a situação se tornava cada vez mais adversa. Intimado a apresentar-se às autoridades, ele foi avisado pelos cristãos japoneses que havia uma ordem secreta para que fosse apanhado vivo ou morto. Decidiu não entregar-se e, como não havia vento para a nau sair do porto, preparou-se para a defesa, com os poucos recursos de que dispunha. Em 3 de janeiro de 1610 foi desfechado o ataque com uma força de 1.200 samurais. Pessoa resistiu bravamente durante três dias e três noites. No dia seis, quando o último ataque parecia já estar sendo repellido a nau começou a incendiar-se. Sentindo-se perdido, fez explodir o paiol de pólvora, morrendo com a maioria dos que estavam a bordo. Sua bravura, diz um relato da época, encheu de admiração os japoneses.

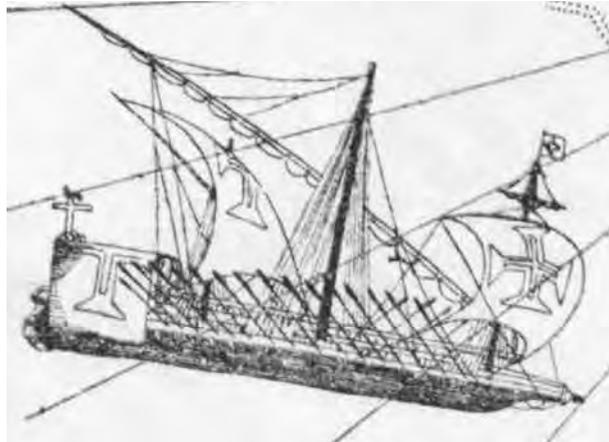
#### 4. Galeotas

Desde o início do século XVI, os portugueses começaram a utilizar no Oriente navios de remos, além de caravelas, naus e galeões. Em 1505, foram enviadas duas galés e um bergantim para serem montados na Índia (Barata, 1992, apud. Rodrigues, 2013).

Além disso, os navios mais utilizados pelos povos do Oriente eram os movidos a vela e remos, tipo fusta e semelhantes, que os portugueses da época designavam com o coletivo geral – fustalha.

O uso desses barcos orientais pelos portugueses foi tão geral que Vitor Luís Gaspar Rodrigues pôde falar numa “orientalização” das embarcações portuguesas nos mares da Índia, no século XVI (Rodrigues, 2013).

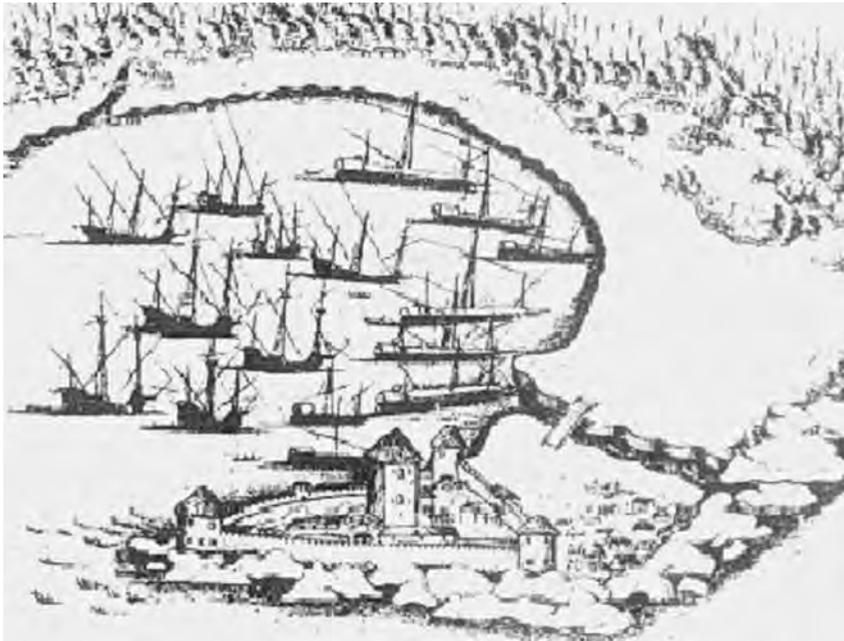
Antonio Bocarro, no *Livro de todas as Fortalezas e Povoações de Estado da Índia*, concluído em 1635, informa que na cidade de Goa havia uma Ribeira de S. Majestade, chamada Ribeira Grande, “*onde mora o Veador da fazenda e onde estão os navios de remo que servem na Armada, Artilharia, e fundição della, e ferraria, e dous armazens de provimento de tudo o necessario as ditas embarcações*” (Bocarro, II, 1937, p. 270).



Galeota que aparece no desenho do porto de Dabul, do *Roteiro da costa da Índia, desde Goa até Dio*, de D. João de Castro (repr. de Elaine Sanceau, *D. João de Castro*, 1946, p. 96/97)

Os navios de remo, quando a ribeira estava bem provida, eram de 60 a 70, entre navios, sanguicéis e galeotas. Os sanguicéis carregavam de 50 a 60 candis, os navios, até 80 e 90, e as galeotas até 150. E esclarece que cada candil equivalia a vinte alqueires de Portugal:

*“Os navios de Remo que ha de Sua Mage são seçenta ou setenta quando a Ribeira esta bem provida, entre Navios, Sanguicéis e galiotas, os sanguicéis carregão sincoenta ate seçenta candis e cada candil como fica dito he o mesmo que vinte alqueires de Portugal os Navios ate oitenta e noventa e as galiotas ate cento e sincoenta isto sempre des mais ou menos”* (Bocarro, II, p. 270).



Fortaleza do Ceilão: navios de alto bordo (naus e galeões) e de vela e remos (galeotas, fustas)  
(Gaspar Correia, *Lendas da Índia*)

Todos esses navios de remo eram construídos em Baçaim, a maior parte deles pelos capitães da cidade, em contrato com a fazenda real, ora por mais ora por menos. Na época em que Bocarro escrevia, o preço da madeira encarecera muito, e um sanguiçel saía por 450 patacões, e cada navio por 650, e nem assim o Capitão de Baçaim que os havia feito se dera por bem pago e moveu demanda contra a Fazenda Real:

*“Todos estes navios sanguiçeis e galiotas se fazem em Baçaim os mais delles por contrato dos capitães de Baçaim, em contrato que fazem com a fazenda Real ora por mais ora por menos porem de prezente que a madeira tem crescido em grande preço se fes cada sanguiçel por quatroçentos sincoenta patacões, e cada navio por seiscentos e sincoenta, mas nem com tudo isso o Capitão de Baçaim que os fes se ouve por paguo antes move demanda a fazenda de Sua Mage de que ficou notavelmente lezo”* (Bocarro, II, p. 270).

Informa ainda Bocarro que, na companhia dos seis galeões que havia em Goa, andavam seis “navios de remo darmada”, para os servirem “assy na guerra como em toda a mais occazião que se offerecer” (Bocarro, II, p. 275).

Em 1618, partiu de Macau para o Japão a primeira armada de galeotas: seis, das quais uma se perdeu num tufão, uma foi obrigada a regressar, e as outras quatro encontraram um patacho holandês, abalroaram-no e abordaram-no. Sentindo-se perdidos, eles atearam fogo ao barco, mas os portugueses conseguiram salvar-se.

O número de galeotas das frotas variava: seis (em 1621, 1616), cinco (1624, 1625, 1628), sete (1623). Em 1619 partiu para o Japão uma frota recorde de oito.

Em 24 de junho de 1622 os holandeses tentaram tomar Macau com uma armada de mais de 15 navios grandes e pequenos, mas foram derrotados com perda de centenas de homens e de quatro embarcações queimadas.

Em 1623, iludindo os navios holandeses que esperavam apresar as galeotas no estreito de Formosa, as sete comandadas por Cardoso de Melo tomaram um rumo até então não seguido: passaram a leste da ilha.

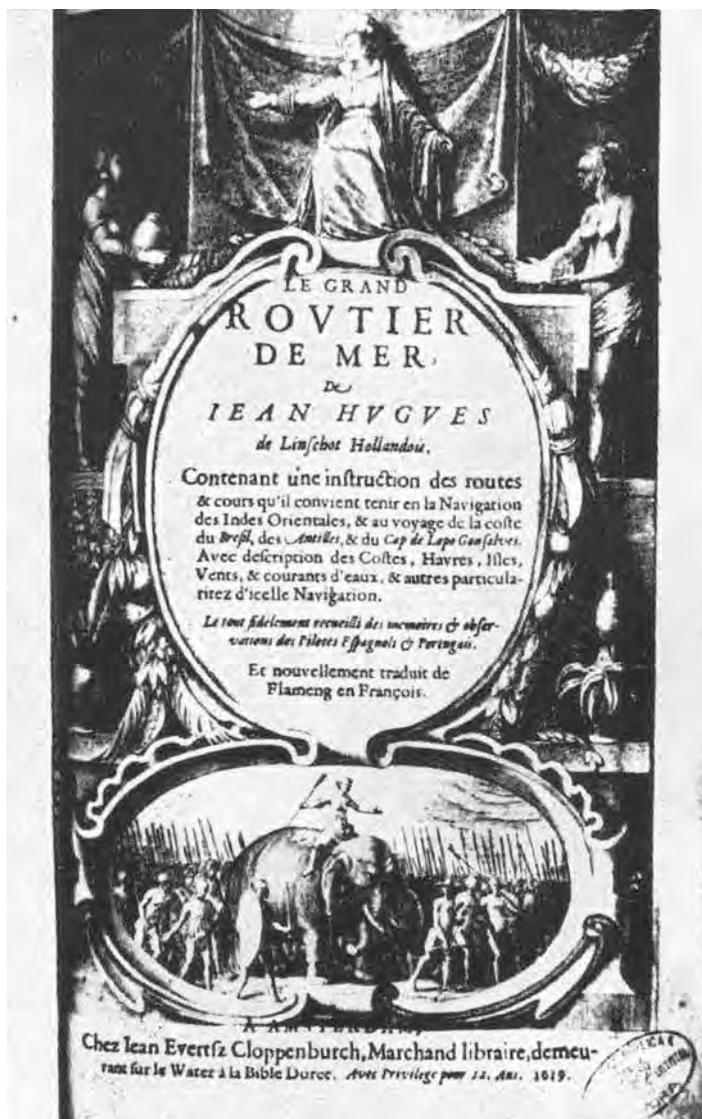
## Roteiros

Ao pesquisar os roteiros do Japão, de que a bibliografia portuguesa era então escassa, localizamos apenas uma publicação que os continha: o *Roteiro de Portugal pera a India por Vicente Rodrigues, & Pillotos modernos*, segunda vez impresso. O folheto, provavelmente do século XVII, aparece pensado à edição de 1632 do livro *Hidrografia – Exame de Pilotos*, de autoria de Manoel de Figueiredo.



Primeira página do *Roteiro de Portugal para a Índia* por Vicente Rodrigues & Pilotos modernos (Moura, 1970)

Com grande surpresa verificamos que o Capítulo XXXIX do *Grand Routier de Mer*, de Linschoten, na versão francesa de 1619, era praticamente a tradução justalinear da *Derota de Iapam pera a China contida no Roteiro de Portvgal pera a India*, acrescida apenas de três pequenos enxertos e de algumas modificações.



Frontispício da edição de 1619, de Amsterdam, do *Grand Routier de Mer*, de Linschoten

Um dos acréscimos é de grande importância, pois cita nominalmente o capitão-mor da primeira viagem a Nagasáqui.

No trecho em que a *Derota* diz:

*“É ao outro dia de manhã vos há de ir o vento a terra, dai a vella indo de lò quanto poderdes ate dobrar a Ilha dos Cauillos, É se a não poderdes dobrar surgi, porque correréis perigo se a não dobráis”*

A versão de Linschoten, ligeiramente modificada, acrescenta “*como aconteceu ao navio de Tristan Vaas da Veiga*”:

*“...a la venue du iour on vient a auoir le vent de devers terre, au moyen dequoy vous ferez voile, louvant le plus qu’il vous est possible iusques à ce que vous ayez passé la dite Ylha dos Cavallos, au defaut dequoy vous estes em danger de ne la pouvoir passer, comme il advint au navire de Tristan Vaas da Veiga.”*

Pode-se, portanto, concluir que esse acréscimo foi feito logo a seguir à viagem de volta de Nagasáqui de Tristão Vaz da Veiga.

Um documento jesuíta da época registra: “*Nesta hera de 71 veio Tristão Vaz da Veiga por Capitão-mor á Nangazaqui, e não veio ninguém da Comp.a com elle*”.



Esquema da rota da Viagem do Japão, da nau do trato de Macau: Goa (Índia), Macau (China), Nagasáqui (Japão)

Com a inauguração oficial da viagem de Tristão Vaz da Veiga em 1571, surgia o porto novo de Nagasáqui, no qual se fez uma grande povoação, como escrevia do Xiqui em Outubro desse ano o Irmão Miguel Vaz:

*“Chegandose o tempo veo a nao da China, É hum junco a hum porto nouo de dom Bertolameu, o qual se chama Nangaçáqui, no qual porto se fez este anno hua grande pouoação, por ser terra pera isso de Christaões, q andauão desterrados, É dezagasalhados...”*

## Os roteiros do Japão do Códice Cadaval

Na pesquisa *Os Roteiros do Japão no Códice Cadaval* (Lisboa, 1972), transcrevemos todos os textos referentes ao Japão nele contidos:

- *Rotr. do Porto de Macao pa Japão na Monção de julho*. Uma versão com poucas variantes dele é publicada por Linschoten no *Grand Routier*, capítulo XXXIII: *Autre description de la navigation & cours du havre de Maccau, le long de la coste de Chine vers l'Isle de Fyrando & autres Isles circon Voisines iusques au havre de Vmbra em la coste de Japon*;
- *Lembrança das Legoas*;
- *Rotr.o das Correntes das Agoas, na Monssão da Chinna*;
- *As alturas de Malaca athê Japão/Graos*;
- *Rotr.o de Japão, porto de Namgássake pa a Chinna*. Este roteiro, quanto ao essencial, é o mesmo da *Derota de Japão para a China do Roteiro de Portugal para a India*, e o cap. XXXIX do *Grand Routier*, de Linschoten, já estudados por nós;
- *Rotr.o de Pullo Cantão pa Jappão*;
- *Rotr.o de Nangassaque para Manilla de Po de Palacios*.

## Tristão Vaz da Veiga

A descoberta da referência a Tristam Vaas da Veiga no roteiro português traduzido e publicado por Linschoten deu ensejo a que localizássemos, anexado à obra *Saudades da Terra*, do cronista açoriano Gaspar Frutuoso (1522-1591), o panegírico desse famoso capitão-mor.

E a pesquisa Tristão Vaz Veiga, capitão-mor da primeira viagem Macau-Nagasáqui (1571-IV Centenário-1971), publicada em 1972, em Macau, no *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Vol. VI, nos 3 e 4, contribuiu para tirá-lo do esquecimento.

No ano seguinte, no dia 24 de junho, foi inaugurado em Nagasáqui, mandado erigir pela Sociedade Luso-Japonesa da cidade, um monumento em sua memória, conforme notícia de Luís Gonzaga Gomes, publicada no *Jornal Notícias de Macau*, de 27 de julho de 1973<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Monumento erigido a Tristão Vaz da Veiga em Nagasáqui, em 24/06/1973. Transcrevemos artigo de L.G.G. – Luís Gonzaga Gomes, presidente do Instituto Luís de Camões, de Macau, publicado no jornal *Notícias de Macau* de 27 de julho de 1973: “*Centenário da Fundação do Porto de Nagasáqui. Mercê da gentileza e solicitude do mui Reverendo Padre Diego Pacheco S. J., nome bem familiar dos que se debruçam sobre a historiografia das relações luso-nipónicas, podemos arquivar, hoje, nas páginas deste jornal, os flagrantes fotográficos de um histórico acontecimento de grande relevância. Esse evento ocorreu, apenas no dia 24 do mês passado, nas terras do Sol Nascente, ou, mais precisamente, em Nagasáqui, onde, com a presença do Embaixador de Portugal, Dr. Manuel Almeida Coutinho, foi descerrado um singelo monumento de expressivo significado, memorando a fundação do porto de Nagasáqui, que a prestimosa e activa Sociedade Luso-Japonesa dessa cidade ali mandara construir. A lápide central desse singelo*”

## Mercadorias: seda por prata

Os principais produtos comerciados pelos portugueses de Macau de meados do século XVI a 1630 eram a seda e a prata.

O Japão necessitava da seda da China, e a China, da prata do Japão. Mas, em virtude dos ataques dos piratas japoneses, o governo Ming proibiu o comércio entre os dois países. Os portugueses, que viviam bem com os chineses e com os japoneses, passaram a ser, como intermediários, os únicos beneficiários desse lucrativo comércio.

O prof. Norio Kinshichi pormenoriza três fatores que motivaram a necessidade desse comércio. A centralização política do Japão, iniciada na segunda metade do século XVI, obrigou os fidalgos feudais e guerreiros a residirem nas cidades, o que resultou numa corrida consumista, especialmente pela procura de seda chinesa.

A China necessitava de prata, pois não produzia o suficiente, e uma lei de 1581 determinava que os impostos fossem pagos em prata.

Em terceiro lugar, em meados do século XVI, o Japão passou a produzir e exportar prata (Kinshichi, 1994, p.268).

Conclui o prof. Kinshichi que o “ciclo da prata” no Japão termina nos anos de 1630: “Assim, o ‘ciclo da prata’ do Japão corresponde exactamente ao ‘Século Cristão’ simbolizado por Nambam-jin” (Kinshichi, 1994, p. 278). Isto é, o “ciclo da prata” no Japão correspondeu ao “Século Cristão”, o período de relações com os portugueses (1543-1630).

---

*monumento, de traça rigidamente geométrica, ostenta uma placa de bronze, onde, em relevo, se reproduz a Nau de Macau, entrando, de velas pândas, com a cruz de Cristo bem visível, no porto de Nagasáqui, trazida, pela mão segura, do capitão-mor Tristão Vaz da Veiga, que efectuou a primeira viagem Macau-Nagasáqui, em 1571, coincidindo ter sido este mesmo mercador-mareante quem mandara construir a muralha de Macau. Quanto ao Centenário de Nagasáqui, que, se não passou despercebido da imprensa metropolitana local, não teve, porém, o relevo e a repercussão de aniversários de outras datas históricas. Mereceu, no entanto, a melhor atenção do ilustre arquitecto e historiador Carlos Francisco Moura, do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília e bolseiro da Fundação Gulbenkian e da Junta de Investigações do Ultramar e assíduo colaborador do Boletim do Instituto Luís de Camões, que publicou, em comemoração desse acontecimento, no “Boletim da Junta Distrital de Évora” N.º 9 de 1968, o “Roteiro do Japão-I. O primeiro roteiro de Nagasáqui”; no “Sivdia”, N.º 26 de Abril de 1969, “Nagasáqui, cidade portuguesa”; no “Boletim do Instituto Luís de Camões” de Macau, Vol. VII N.º 1, “Macau e o Comércio Português com a China e o Japão nos Séculos XVI e XVII – As viagens da China e do Japão – A nau do trato – As galeotas” e, ainda no mesmo boletim, Vol. VI N.os 3 e 4: “Tristão Vaz da Veiga, capitão-mor da primeira viagem Macau-Nagasáqui”, todos trabalhos de aturada investigação, de interesse pelas novidades que apresenta, portanto, de aliciente leitura e que, certamente, não escaparão à atenção de todos aqueles que se dedicam ao estudo das relações luso-nipónicas. L.G.G.” (Jornal Notícias de Macau, 27 de julho de 1973).*



Carta do Japão atribuída a “Anónimo – Manuel Godinho de Nerédia (c. de 1615-1622)”: quase no extremo norte da ilha principal, o dístico “MINAS DE PRATA” (repr. de Alfredo Pinheiro Marques, *A Cartografia Portuguesa do Japão (séculos XVI-XVII)*)

Legendas indicando minas de prata no Japão aparecem várias vezes na cartografia portuguesa dos séculos XVI e XVII: na *Carta do Japão* de Fernão Vaz Dourado, de 1568 (“AS MINAS DA PRATA” e “MINAS DE PRATA E OVRO”); na *Carta do Extremo Oriente*, de 1571, do mesmo cartógrafo (“as minas da prata”); na *Carta da Ásia*, do *Atlas Miscelânea*, de c.1615-c.1622, de Anônimo-João Teixeira Albernaz (“MINA DE PRATA”); na *Carta da China e do Japão*, do *Atlas Universal* de c. 1628, de Anônimo-João Teixeira Albernaz I (“minas de prata”). (V. Alfredo Pinheiro Marques, *A Cartografia Portuguesa do Japão*, 1996).

Minas de prata são referidas no *Roteiro de Pullo Catão pa Japão* do *Códice Cada-val*: “auante do porto de Sequi/uaj a tera correndo ao nordeste e pa o nordeste ate as minas de pratalqe estão aqij do sequy 30. Leg. Alem destas minas de prata dizem que vajla tera Correndo ajnda 300 Leg. de japonis” (Moura, 1972, p.38).

### **Fundação de portos pelos portugueses no extremo oriente: Macaú e Nagasáqui**

A fundação dos portos de Macaú e de Nagasáqui foi amplamente estudada por nós em vários textos já publicados (V. bibliografia).

Aqui nos restringiremos, portanto, a um resumo sumário da fundação de cada um.

## Macau

Jorge Álvares, primeiro português a chegar à China, aportou em 1513 em Tamão, depois chamada Ilha de Veniaga (isto é, da mercadoria, do comércio). E os portugueses que comerciavam em Malaca, foram procurando outros portos em que pudessem continuar os seus negócios. A descoberta do Japão em 1543 incrementou muito as atividades comerciais na região, e, em 1550 era criada oficialmente a Viagem do Japão, com periodicidade anual, e com capitão-mor provido pela Coroa, ou pelo Vice-Rei da Índia, em nome da Coroa. A necessidade de estabelecer na China um porto seguro para as naus portuguesas tornou-se mais premente. Segundo um livro chinês do século XVIII, “*os bárbaros da raça do oceano ocidental*” chegaram a Macau em data que corresponde a 1552 no nosso calendário.

Outra obra chinesa informa que em 1553 os portugueses obtiveram licença para secar nas praias de Macau as mercadorias molhadas durante uma tempestade, e começaram a construir umas palhoças.

Entre os historiadores portugueses há duas hipóteses principais quanto à data da origem de Macau: 1554 e 1557.

Segundo a *Relação do Principio que teve a Cidade de Macao, e como se sustenta até ao presente* (manuscrito de 1629), a criação de Macau ocorreu da seguinte maneira:

“*O primeiro principio desta cidade foi na Ilha Sancheo, por nós dita Sanchoam onde faleceo S. Francisco Xavier Apostolo da Índia Oriental e padroeiro desta cidade e dali se passou a Lampacao no ano de 1555 no qual os Portugueses abriram a feira de Cantam [...] de Lampacao se passou a este porto de Macau onde está no ano de 1557*” (Moura, 1973, p. 10).

Foi surpreendente o progresso de Macau, transformado rapidamente pelo comércio marítimo em um grande porto e empório do Extremo Oriente.

Segundo a *Conquista Espiritual do Oriente*, escrita pelo macaense Paulo de Trindade em 1630/1636:

“*É esta cidade mui grande e, depois de Goa, a maior que os Portugueses têm em todo este Oriente, e tem mui grandes e sumptuosos edificios, as casas grandes e de largos pátios e hortas. É de grande trato e mui rica, e de mercatores mui grossos. Além da Sé e Misericórdia, tem quatro mosteiros das quatro religiões mendicantes, Pregadores, Menores, Nossa Senhora da Graça e da Companhia de Jesus, afora o hospital e uma casa de lázaros e algumas freguesias*” (Trindade, III, 1967, p. 509).

## Nagasáqui

A principio, as naus portuguesas arribavam a portos existentes no Japão: Yokoseura, Fukuda e outros. Entretanto os jesuítas e comerciantes procuravam um porto cômodo e seguro para as naus, e que, ao mesmo tempo servisse de refúgio para os cristãos japoneses perseguidos.

A escolha do sítio do novo porto é descrita por Luís Fróis no cap. 98 da *Historia de Japam*, que trata da revolta de Ysahaia “e da fundaçam de Nagasaqui”. O jesuíta português Belchior de Figueiredo, acompanhado de um piloto, percorreu a costa, sondando as entradas, e achou ser “*apto e conveniente*” um local situado ao longo de uma ponta de terra denominada Nagasáqui:

*“Fazendo primeiro os concertos necessários com D. Bartolomeu, começou o Pe. e os Christãos, que andavão cõ suas famílias às costas morando á sombra da Nao a ordenarlhe alli Povoação de assento, e morada certa”* (Moura, 1971).

A seguir o porto foi inaugurado pela nau do capitão-mor Tristão Vaz da Veiga, que realizou a primeira viagem direta Macau-Nagasáqui (1571):

*“A Companhia o começou a povoar e ajuntar ali a gente”* (Fróis, 1585), *“fazendo onde não estava senão mato, huma boa povoação de firmes Chistãos”* (Pe. Francisco Carrião, 1679). *“Desde su principio los Padres repartieron sítios y Calles a los que de Shiki, Goto, Hirado, Shimabara y otras partes, perseguidos de tiramos, se acogian a este puerto, y hasta agora conservan los nombres de las dichas Tierras”* (Pe. Morejon, 1619).

Com o comércio proporcionado pela viagem anual da nau de Macau, Nagasáqui prosperou rapidamente, e se transformou numa grande cidade, conhecida em todo o Japão.



Planta esquemática de Nagasáqui no século XVII (Moura, 1969, p. 5)

A 27 da 4ª lua do oitavo ano de tensho (9-6-1580) o daimio D. Bartolomeu de Omura (Omura Sumitada) assinou um documento pelo qual fez “*livre doação para sempre*” à Companhia de Jesus, da povoação de Nagasáqui, “*com todas as terras que são em seus confins sem ficar nada*”.

Em 1583, haveria em Nagasáqui trinta mil cristãos. Tinha escolas, igrejas, seminário, hospital, Santa Casa de Misericórdia “*à maneira de Portugal*”, a escola de pintura dos jesuítas, a imprensa de tipos móveis metálicos, introduzida por eles<sup>7</sup>.

Em 1587, Hideyoshi incorporou a cidade ao governo central do Japão. Permaneceu entretanto como grande centro da Igreja até a expulsão dos missionários ordenada em 1614. Em 1639, o governo japonês radicalizando na política isolacionista decretou a cessação do comércio com Macau e proibiu os portugueses de voltar ao Japão.

É curioso que o modo como foi sendo construída a cidade, espontaneamente, “*à antiga maneira portuguesa*”, ao longo do relevo acidentando, a preservou em grande parte, da destruição pela bomba atômica durante a segunda Guerra Mundial: As montanhas absorveram as ondas de choque e os efeitos foram parciais, enquanto em Hiroshima, construída num terreno plano, com um traçado ortogonal segundo a tradição urbanística chinesa e japonesa, a destruição foi quase total, apesar de a bomba lançada sobre ela ter sido menos potente, (Moura, 1969).

Nagasáqui continua a ser um dos grandes portos do Japão.

---

<sup>7</sup> A imprensa dos jesuítas portugueses publicou no Japão mais de três dezenas de livros em japonês, português e latim, entre eles a primeira gramática e o primeiro dicionário. (V. Moura, 1993, 2013).

## Bibliografia

ALBUQUERQUE, Luís de. (direcção). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*, Vol. I. Coordenação de Francisco Contente Domingues. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

ALVAREZ-TALADRIZ. V. Alejandro Valignano.

BARBOSA, Duarte. *O livro de Duarte Barbosa*. Introdução e Notas de Neves Águas. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.

BOCARRO, Antonio. *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*. Arquivo Português Oriental, t. 4, História Administrativa, v. II 1600-1699 – 2a Parte. Bastorá, 1937.

BOXER, C. R. *The christian century in Japan, 1549-1640*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967.

BOXER, C. R. *Fidalgos no extremo oriente*. Macau: Fundação Oriente / Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.

BOXER, Charles Ralph. *The Great Ship from Amacon*. Macau: Instituto Cultural de Macau/ Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988.

*CARTAS que os PADRES e IRMÃOS da COMPANHIA DE IESUS ESCREVERÃO dos REYNOS de IAPÁO & CHINA...* (1549-1580). Primeiro Tomo. Évora: Manoel de Lyra, 1598.

CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia*. Porto: Lello & Irmão, 4v. 1975.

COSTA, Leonor Freire. *Naus e galeões na Ribeira de Lisboa: a construção naval no século XVI para a Rota do Cabo*. Cascais: Patrimónia Histórica, 1997.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário luso-asiático*. Coimbra: Academia das Ciências de Lisboa/Imprensa da Universidade: v. I, 1919, v. II, 1921; *Glossário luso-asiático*. 2a edição. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1983.

DOMINGUES, Francisco Contente. “Navios portugueses dos séculos XV e XVI”. In: *Cadernos do Museu de Vila do Conde*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde; *Os navios do mar oceano: teoria e empiria na arquitectura naval portuguesa dos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

EÇA, Filipe Gastão de Moura Coutinho Almeida de. *Lacerda e Almeida: escravo do dever e mártir da ciência (1753-1798)*. Lisboa: s.e., 1951.

FRÓIS, Luís. *Kulturgegensätze Europa-Japan (1585): Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta provincia de Japão*, von Joseph Franz Schült S. J. Topkyo: Sophia University, 1955.

GARCIA, José Manuel. *Cidades e fortalezas do Estado da Índia (séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Quid novi, 2009.

KINSHICHI, Norio. “Produção e circulação da prata no Japão durante o século cristão”. Separata do livro *O século cristão no Japão: actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)*, Lisboa, 1994.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. *Itinerário, viagem ou navegação para as Índias orientais ou portuguesas*. Ed. Arie Pos e Rui Manuel Loureiro. Lisboa, CNCDP, 1997.

LOUREIRO, Manoel José Gomes. *Memórias dos estabelecimentos portugueses a L' Este do Cabo da Boa Esperança*. Lisboa: Typographia de Filippe Nery, 1835.

*LYVRO DE PLANTAFORMA DAS FORTALEZAS DA INDIA* da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra. Prefácio de Rui Carita, Lisboa: Ed. Inapa, 1999.

MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A cartografia portuguesa do Japão (séculos XVI e XVII): Catálogo das cartas portuguesas. The portuguese cartography of Japan (XVI-XVII centuries)*. Lisboa: Fundação Oriente/CNCDP/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

*MEMÓRIAS DAS ARMADAS*. Memorandum of the fleets. Macau: Instituto Cultural de Macau / Museu Marítimo de Macau / CNCDP, 1995. Reprodução em fac-símile do manuscrito pertencente à Academia das Ciências de Lisboa.

MOURA, Carlos Francisco. *Antonio de Albuquerque Coelho: mestiço de Camutá, no Grão-Pará, Governador de Macau, do Timor e do Pate / Jornada de Goa a Macau em 1717-1718, descrita por Velles Guerreyro*. Fac-símile. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura / Instituto Internacional de Macau, 2009; *O Descobrimento do Japão pelos portugueses 1543*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1993; “A imprensa da missão jesuítica portuguesa no Japão nos séculos XVI e XVII”, in *Revista Portuguesa de História do Livro*, ano XVI, vols. 31-32, 2013, Lisboa: Edições Távola Redonda; “Macau e o comércio português com a China e o Japão nos séculos XVI e XVII: as viagens da China e do Japão; a nau do trato; as galeotas”. In *Boletim do Instituto Luís de Camões*. Macau, n. 1 do v. 4, Primavera 1973; “Nagasaki cidade portuguesa no Japão”. In *Revista Studia*, n. 26. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969; “Nagasaki cidade portuguesa no Japão”, in *Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau*, n. 1, Macau, 1988; “Nagasaki”. In *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, 6. Vol., 2a ed. Porto: Livraria Figueirinha, 1984; “Nagasaki”. In *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Edição século XXI, v. 20. Lisboa/S.Paulo, 2001; “As origens de Macau, cidade do nome de Deus na China”. In *Revista das Comunidades de Língua Portuguesa*, n. 15. S. Paulo, 2000; “Relações entre Macau e o Brasil no século XIX”. In *Revista de Cultura*, n. 22 (II série), janeiro/março, 1995. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995; “Relations between Macao and Brazil in the nineteenth century”. In *Review of Culture*, n. 22 (2nd Series), january/march, 1995. Macau: Instituto Cultural of Macau, 1995; “Relations between Macao and Brazil in the nineteenth century”. Tradução em chinês, publicada na edição chinesa da *Review of Culture*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995; “Roteiros do Japão-I: o primeiro roteiro de Nagasaki”. Ed. Comemorativa do IV centenário da fundação do porto de Nagasaki. In *Boletim da Junta Distrital de Évora*, n. 9. Évora: Junta Distrital de Évora, 1970; “Os roteiros do Japão do Códice Cadaval”. In *Revista Studia*, n. 34. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1972; “Tristão Vaz da Veiga – capitão-mor da primeira viagem Macau-Nagasaki (1571-IV centenário-1971)”, in *Boletim do Instituto Luís de Camões*, ns. 3 e 4 do vol. VI. Macau, 1971; “Tristão Vaz da Veiga – capitão-mor da primeira viagem Macau-Nagasaki”. In *Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau*, n. 3, s. d., Macau.

*NOVA HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA*, direcção Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Tomo I, O Império Oriental (1660-1820), coordenação de Maria de Jesus Mártires Lopes.

RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar. “A ‘orientalização’ das Armadas portuguesas nos mares da Ásia no século XVI”. In *O poder do Estado no mar e na história*, XI Simpósio de História Marítima, 25-26 de novembro de 2009. Lisboa: Academia de Marinha, 2013.

SANCEAU, Elaine. *D. João de Castro*. Tradução do inglês por António Álvaro Dória Porto, Porto: Livraria Civilização, 1946.

SARAIVA, José Hermano; e GUERRA, Maria Luísa. *História de Portugal: da restauração à constituição*. Lisboa: Difusão Cultural, 1994.

SOARES, Contra-Almirante Joaquim Pedro Celestino. *Quadros Navais*. VIII Parte: aditamentos aos quadros navais e epopeia naval portuguesa. Coleção Documentos. Lisboa: Ministério da Marinha, 1973.

VALIGNANO, Alejandro. *Sumario de las cosas de japon* (1583); *Adiciones del Sumario de Japon* (1592). Editadas por Alvarez-Taladriz, Tomo I. Monumenta Nipponica Monographs (n. 9). Tokyo: Sophia University, 1954.

## CONFRONTOS MILITARES NAVAIS NOS “MARES DO SUL E DA CHINA”: RAZÕES DOS PRIMEIROS INSUCESSOS DAS ARMADAS PORTUGUESAS

Vitor Gaspar Rodrigues<sup>1</sup>

A supremacia patenteada pelas forças militares portuguesas nos múltiplos confrontos navais travados com as marinhas orientais nos primeiros anos de Quinhentos, responsável em grande medida pela criação dos alicerces do que mais tarde viria a ser designado por “*Estado da Índia*”, assentou, como demonstrámos em estudos anteriores<sup>2</sup>, num conjunto de fatores de natureza técnica, tática, organizativa, e outros, que importa analisar no seu contexto da realidade asiática. Na verdade, a dimensão desses sucessos militares é tanto mais significativa porque estes ocorreram no quadro de uma nova realidade geográfica e física, que lhes era em grande medida desconhecida, e a muitos milhares de léguas das suas bases na Europa, com todos os problemas logísticos daí decorrentes, para além de terem sido praticados por um número extraordinariamente reduzido de navios e de homens<sup>3</sup>.

O bombardeamento de Calecut pela armada de Pedro Álvares Cabral se, por um lado, marca a transposição para o Oriente do conflito ancestral que no Mediterrâneo ocidental vinha opondo cristãos a muçulmanos, em resultado da afirmação na corte manuelina da feição imperialista; por outro, determina o momento a partir do qual os Portugueses introduziram no Índico uma tática de combate naval revolucionária, que fazia depender a sorte das batalhas do compromisso entre a capacidade de manobra dos seus navios e o poder de fogo dos seus canhões<sup>4</sup>, usados pela primeira vez na costa oriental africana pela armada de Vasco da Gama.

Abandonava-se, assim, por agora, o método da investida – abordagem, tradicionalmente utilizado tanto pelas marinhas orientais, como pelas ocidentais, nos mais diferentes palcos de guerra. Este facto assumiu, em nosso entender, uma importância extraordinária porquanto daí resultou que as armadas manuelinas tivessem afrontado

---

<sup>1</sup> Investigador Auxiliar com Agregação da Universidade de Lisboa, da Faculdade de Letras. Centro de História, Alameda da Universidade, 1600-244 Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> Sobre o assunto veja-se o nosso trabalho “The ‘Easternization’ of the Portuguese Fleets in the Asian Seas during the 16th Century: causes and consequences”, in *Gujarat and the Sea*, edited by Lotika Varadarajan, Vadodara – Gujarat – Índia, Darshak Itihas Nidhi, 2011, pp. 221 a 250.

<sup>3</sup> Sobre este assunto veja-se o trabalho de Jean Aubin, “L’Aprentissage de l’Inde. Cochin 1503-1504”, in *Moyen Orient & Ocean Indien, XVIème-XIXème siècles*, nº4, Paris, Societé d’Histoire de l’Orient, 1987, pp. 1 to 114; e Jaime Cortesão, *Os Descobrimentos Portugueses*, vol. V, Lisboa, Livros Horizonte, 1976, pp. 1197 e ss.

<sup>4</sup> O número muito elevado de bombardeiros em cada navio da armada de Cabral, a saber, 1 condestável e 10 bombardeiros, evidencia claramente o propósito das autoridades portuguesas em dotarem a armada com um poder de fogo capaz de evitar a abordagem pelos navios contrários. Cf. Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Porto, Lello e Irmão, 1975, vol. I, p. 147.

com repetido êxito as esquadras orientais, não obstante estas serem compostas por efetivos muito superiores, com um grande número de soldados a bordo, e estarem a atuar próximo das suas bases, num meio que lhes era familiar.

No Regimento da armada de Cabral era ordenado expressamente ao capitão-mor que, topando com algumas naus de Meca, as tomasse “*nam jmvestjndo com ellas, podendo escussar, ssomente com vossa artelharya as fazerdes amainar (...), porque nesta maneira se faça mais seguramente esta guerra, e se possa seguir menos dano a jente de vossas naaos*”<sup>5</sup>. Esta directiva, que presidiu em grande medida à estratégia de combate naval dos portugueses no Índico durante a primeira década do século XVI, e mesmo para além dela, se, por um lado, atesta os receios dos responsáveis manuelinos em defrontar um inimigo dotado de um número incomensuravelmente superior de homens de armas e navios; por outro, demonstra que as autoridades de Lisboa tinham já uma noção bastante aproximada da mais-valia que lhes advinha de possuírem navios fortes e relativamente manobráveis em mar aberto, sobretudo as suas caravelas, dotados com tripulações experientes e habituadas às difíceis condições de navegabilidade do Atlântico, e uma artilharia claramente superior, manejada por hábeis bombardeiros recrutados um pouco por toda a Europa.

A adopção desta tática de combate naval evidencia ainda o cuidado dos responsáveis pela empresa ultramarina no sentido de procurar reduzir ao mínimo o número de baixas das suas tripulações e homens de armas. Num período em que a presença dos portugueses no Malabar era muito reduzida e dada a impossibilidade de repor os efectivos abatidos, mesmo um pequeno número de baixas poderia colocar em risco a operacionalidade dos navios por falta de homens. Aliás, não terá sido por acaso que a batalha de Kappatt, uma das raras travadas na costa do Malabar em Dezembro de 1504 com recurso à abordagem, se saldou para as forças portuguesas como a mais mortífera acção militar até aí realizada<sup>6</sup>.

Na generalidade dos combates que se seguiram os Portugueses adoptaram uma estratégia que consistia em manterem-se, sempre que possível, em mar aberto, de forma a evitar que os seus navios fossem aferrados e que tivesse lugar o combate corpo a corpo, em que os orientais, dado o grande número de soldados que possuíam, levariam, naturalmente, clara vantagem. Esse foi, com efeito, o expediente utilizado pelas quatro velas de João da Nova que, com uma tripulação de apenas 80 homens, conseguiram suste o ataque de uma poderosa armada de Calecut<sup>7</sup>, tendo aquele ordenado aos seus capitães

<sup>5</sup> Cf. *Borrão Original de Algumas Folhas das Instruções Régias (Regimento Real) dadas a Cabral para a sua Viagem*, c. Fevereiro de 1500, in A.N.T.T., *Leis sem data*, maço I, nº 21, publ. por Fontoura da Costa em *Os Sete Únicos Documentos de 1500 conservados em Lisboa referentes à Armada de Cabral*, Lisboa, A.G.U., 1968, p. 44.

<sup>6</sup> Teve lugar em 31 de Dezembro de 1504 e colocou frente a frente alguns navios da armada de Lopo Soares e a frota comercial de Calecut. Cf. *Relazione di Lunardo da Cha Masser*, publ. em *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*, Lisboa, 1982, apêndice, p. 75; e a *Crónica do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, publ. por Luís de Albuquerque e Adélia Lobato, *Separatas Verdes*, nº LXXXVI, Coimbra, J.I.U., 1974, p. 124.

<sup>7</sup> A armada de Calecut, conquanto fosse constituída por “*cento e tantas velas asi naos como paraos tudo cheo de mouros*”, não estava provida de artilharia. Cf. Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, publ. por M. Lopes de Almeida, vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1979, p. 96.

que “*resistissem com a artilharia*”, para que não fossem abordados, e que, para isso, pusessem as suas naus “*em proporção que todas juntamente possam jogar com sua artilharia*”<sup>8</sup>. Tratava-se, afinal, como afirma Damião de Góis, de procurar evitar que os inimigos os “*abalroassem, porque nisto estava toda a sua salvação*”<sup>9</sup>.

Em paralelo com o uso da artilharia a bordo os Portugueses passaram também a fazer uso de uma nova tática de combate naval, o ataque em coluna, que, substituindo a tradicional investida frontal seguida de abordagem, se viria a revelar fundamental para a rápida afirmação das esquadras manuelinas no Índico. Com efeito, a utilização dos navios “*um após o outro*”, como é referido nas fontes documentais, avançando frontalmente em direcção ao inimigo e dando, a uma distância significativa, bordadas sucessivas, ora para bombordo, ora para estibordo, em simultâneo com surriadas de artilharia, data de muito cedo. Logo em 1502 temos notícia de que o esquadrão de Vicente Sodré, composto apenas por caravelas, ao ser atacado por uma numerosa esquadra de Calecut, de imediato se colocou ao longo da terra “*huma após outra em fio, que corressem com todalas velas que pudessem, tirando artilharia quanta pudessem*”, facto que lhes permitiu desbaratar os seus opositores, incapazes por via disso de se acercarem dos navios portugueses e, assim, procederem à pretendida abordagem<sup>10</sup>.

Dada a fragilidade de grande parte dos navios orientais que navegavam no Índico, em virtude de não usarem pregadura, sendo antes “*cozidos*” (as pranchas que formavam o casco eram fixadas umas às outras através de orifícios por onde eram passadas cordas que as uniam, após o que era introduzido sob pressão o cavename), as peças de artilharia, quando utilizadas a bordo, eram de pequeno calibre e construídas em ferro, de forma a impedir que o seu excessivo peso e a violência do recuo provocassem a destruição do casco ou o seu desequilíbrio. Este facto, aliado a uma já de si mais deficiente construção das bocas-de-fogo, em virtude da utilização na Índia de ligas de ferro de fraca qualidade, era responsável por uma menor eficácia da artilharia oriental tanto ao nível da potência de fogo e da sua cadência, como da precisão do tiro<sup>11</sup>.

Essas insuficiências eram ainda fortemente agravadas pela imperícia dos bombardeiros locais que, sem grande experiência<sup>12</sup>, se transformavam em presa fácil para os experimentados artilheiros europeus ao serviço da coroa manuelina<sup>13</sup>.

<sup>8</sup> Idem, *Ibidem*, p. 97.

<sup>9</sup> In *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, parte I, cap. LXIII, Coimbra, Ed. Universidade de Coimbra, 1949, pp. 156 e 157.

<sup>10</sup> In Gaspar Correia, *Lendas [...]*, já cit., vol. I, p. 329.

<sup>11</sup> Geoffrey Parker afirma que tanto a artilharia turca como a indiana era de muito menor categoria do que a europeia, revelando-se os seus canhões muito quebradiços em virtude da fraca qualidade do metal utilizado na sua fundição. Cf. *The Military Revolution: military innovation and the rise of the West, 1500-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989, pp. 128 e ss.

<sup>12</sup> Charles Boxer afirma, a este propósito, que “*os artilheiros malabares não tinham idéia de como se disparava e demoravam imenso a carregar as peças*”. In “Asian Potentates and European Artillery in the 16th-18th Centuries: A footnote to Gibson-Hill”, in *J.M.B.R.A.S.*, XXXVIII, 2, 1965, p. 158.

<sup>13</sup> O estudo das múltiplas ordens de pagamento do soldo e mantimento dos condestáveis e bombardeiros em serviço no Índico, que se encontram dispersas pelo *Corpo Cronológico* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, permitiu-nos perceber a enorme importância adquirida pelos bombardeiros estrangeiros no seio do corpo de artilharia portuguesa estacionada no Índico durante, pelo menos, as

Dessa conjugação de factores resultou que os navios de alto bordo portugueses fossem capazes de suportar o ataque conjugado de um vasto número de naus, galés, galeotas e paraus adversários que, dispendo embora de artilharia, sobretudo à proa, não tinham, no entanto, capacidade para provocar a sua imobilização ou o seu afundamento. A excelente qualidade da artilharia portuguesa, dotada de um grande número de peças de bronze, e o desempenho superior dos seus bombardeiros e das equipagens permitia-lhes que, depois de colocados a barlavento, não só evitassem a aproximação das frotas inimigas, mas que as destruíssem a tiros de artilharia, uma vez que a possibilidade de fuga daquelas era reduzida por se encontrarem contra o vento.

Para além disso, a necessidade imperiosa de as suas armadas se encontrarem dotadas de uma capacidade de fogo que pudesse contrabalançar a enorme supremacia numérica das forças contrárias e minimizar os inconvenientes decorrentes de uma logística difícil, levou os responsáveis portugueses, desde muito cedo, a idealizar algumas soluções técnicas – como os célebres “*cartuchos*”<sup>14</sup>, que permitiram um aumento da cadência de tiro, fundamental para manter à distância os navios inimigos. Por outro lado, e porque temiam sobretudo o poder de tiro dos arqueiros indianos, não só pelo seu elevado número, mas também por utilizarem flechas ervadas e incendiárias<sup>15</sup>, desde muito cedo os portugueses começaram a apavesar os navios com enormes pranchas de madeira e a combater com os seus homens resguardados nos cobertas inferiores, mantendo-se no convés apenas os estritamente necessários à manobra dos navios e os bombardeiros, facto que, associado à circunstância de os militares portugueses usarem armamento defensivo (couraças, capacetes, escudos, etc.), contribuiu para diminuir consideravelmente o número de baixas sofridas durante os combates<sup>16</sup>. Pelo contrário, as esquadras muçulmanas, possuindo sobretudo navios de boca aberta e assentando toda a sua táctica de combate na prática da investida - abordagem, mantinham no convés a totalidade dos combatentes, que assim ficavam muito mais expostos ao fogo adversário, o que, naturalmente, se traduzia num número muito mais elevado de baixas entre as suas forças<sup>17</sup>.

---

duas primeiras décadas de Quinhentos. Sobre o assunto veja-se a dissertação de mestrado de Tiago Machado de Castro, *Bombardeiros na Índia. Os homens e as artes da artilharia portuguesa (1498-1557)*, Lisboa, FLUL, 2011.

<sup>14</sup> Gaspar Correia afirma que o grande número de navios muçulmanos afundados resultou do enorme potencial de fogo da armada portuguesa, cujos bombardeiros “*tanta pressa davão a tornar a carregar, que carregavão as peças com saccos de pólvora, que trazião pera isso feitos da medida, que muy brevemente tornavam a carregar*”. In *Lendas* [...], já cit., vol. I, p. 330.

<sup>15</sup> As forças muçulmanas utilizavam com grande mestria nos seus ataques todo o género de armas de arremesso (dardos, virotões, flechas, etc.), bem como projéteis incandescentes, sobretudo as temidas panelas de pólvora (igualmente usadas pelos portugueses), responsáveis pela maior parte dos ferimentos provocados entre os europeus.

<sup>16</sup> Para uma análise mais detalhada do assunto veja-se o nosso trabalho, “Armamento Pessoal”, in *A Viagem que mudou o Mundo. Vasco da Gama 500 anos depois*, Lisboa, Ed. Comissão Cultural da Marinha, 1998, pp. 178 e ss.

<sup>17</sup> Gaspar Correia refere, a propósito do combate naval travado entre a frota de Vasco da Gama e a esquadra de Calecut, que uma bombardada efectuada por um navio português “*tomou a nao por huma ilharga, que a desconcertou toda, e lhe matou muita gente, porque os mouros todos se mostravão em cima, mas os nossos andavão por baixo, que não pareciam senão os bombardeiros e os homens que os ajudavam*”. In *Lendas* [...], já cit., vol. I, p. 331.

Com o aprofundamento do projecto expansionista português levado a cabo por Afonso de Albuquerque na segunda década de Quinhentos, de que resultou a conquista de Malaca em 1511, as armadas portuguesas vão deparar nos “*mares de Malaca*”, primeiro, e nos “*mares da China*”, um pouco mais tarde, com uma situação bastante mais adversa em razão da presença nessas áreas de armadas compostas por um grande número de navios, apetrechados com artilharia e com um número significativo de armas portáteis de fogo, que, não obstante serem de menor qualidade do que as dos portugueses, representavam, ainda assim, um factor a ter em conta durante as refregas dado o grande número de soldados embarcados.

Fernão Peres de Andrade, capitão-mor do mar de Malaca, dá-nos conta, logo em 1513, que mesmo os navios de menores dimensões, como os paraus, se encontravam artilhados com peças ligeiras, fossem eles malaios ou javaneses, salientando as qualidades militares dos seus combatentes, que dizia serem “*homens sem medo*”, a quem faltava apenas organização de comando, porque iniciados os combates lutavam de forma completamente desordenada<sup>18</sup>. Por outro lado, a desproporção entre o número de soldados a bordo dos navios portugueses e os das potências locais era em regra muito acentuada, situação que assumia contornos muito mais significativos quando se tratava de juncos de grandes dimensões, que chegavam a transportar muitas centenas de soldados a bordo, representando por isso um risco agravado para as armadas da coroa manuelina, dada a sua enorme capacidade de resistência à artilharia portuguesa<sup>19</sup>.

Na verdade, desde muito cedo as tripulações das suas naus depararam com enormes dificuldades para tomar ou parar a tiro de artilharia os juncos maiores que aí operavam, mesmo quando, como sucedeu com a armada de Diogo Lopes de Sequeira por altura do regresso da expedição falhada de conquista de Malaca, se tratava de navios comerciais<sup>20</sup>. Situação idêntica ocorreria dois anos mais tarde, em 1511, com a armada de Afonso de Albuquerque, ao largo da ilha da Polvoreira, junto da costa de Samatra, que necessitou de dois dias para dominar a tripulação de um grande junco, que ficou conhecido como “*o Brabo*”.

Após um primeiro momento em que recorreram à artilharia das galés para procurar danificar o casco, “*porque os nossos tiros nada lh’empeçiam porque tinha quatro forros, de que os nossos tiros não passavam mais que dous*”, o governador ordenou que o junco fosse aferrado, procedendo-se depois à sua abordagem pelas maiores naus, a saber, a *Frol de la Mar* e as de Francisco de Távora e Fernão Peres<sup>21</sup>. Todavia, “*O Terribil*” depressa se percebeu da impossibilidade de levar por diante a manobra porque os castelos da nau capitania, conquanto fossem os mais altos de todas elas, ficavam um pouco abaixo do convés do junco, o que conferia aos seus defensores uma posição de grande superioridade. Albuquerque optou então por afastar os navios e concentrar o fogo da artilharia

<sup>18</sup> Carta de 22 de Fevereiro de 1513 para Afonso de Albuquerque, in *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de Documentos que as elucidam*, publ. por Raymundo António de Bulhão Pato, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1884, vol. III, pp. 57 e ss.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 58 e ss.

<sup>20</sup> Cf. Castanheda, Livro II, cap. CXVI.

<sup>21</sup> In Gaspar Correia, *Lendas [...]*, já cit., vol. II, cap. XXVI, p. 217.

no aparelho e no velame, bem como “*aos altos para matar gente*”. Porque ainda assim a sua tripulação não se rendesse, ordenou aos seus bombardeiros que atirassem aos lemes, que, como refere Gaspar Correia, “*trazem por fora como barcas de Ribatejo*”<sup>22</sup>. Sem leme e com os mastros muito danificados, a tripulação acabou por se render após uma demorada e difícil batalha que deixava antever as enormes dificuldades que se colocariam às armadas portuguesas no futuro em virtude da menor eficácia da sua artilharia quando em confronto com este tipo de navios.

A preponderância das forças navais portuguesas, que tinha assentado até aí em grande medida, como referimos, na superioridade inquestionável da sua artilharia e na utilização de uma tática de combate naval que articulava a manobra dos navios com o desempenho dos seus bombardeiros, deparava agora com um novo desafio resultante da sua incapacidade de proceder ao afundamento, a tiro de canhão, dos navios inimigos. Contrariamente ao que sucedia no Índico, onde imperavam sobretudo os navios cozidos, sem pregadura, os cascos dos juncos possuíam aqui, como refere João de Barros, “*um forro de tavoado delgado [lapes], que se prega per todo o costado da nau, vindo debaixo té um pouco acima das cintas, já onde o mar não chega; e entre este taboado novo e o debaixo se mete hum betume feito de cal e azeite de peixe picado ali do maceme velho da nau, com que a tábua de cima se gruda com a outra debaixo. E depois em lugar de breu, somente com a cal e azeite vai o novo taboado cuberto por cima, a qual composição he tão proveitosa ao taboado que o busano não entra nele, e faz-se este betume com água em pouco tempo quasi pedra [...]; e entre os chins se acham juncos que têm quatro e cinco lapses, com que o costado parece um muro, pero ficam com esta fortaleza muito pesados de vela*”<sup>23</sup>.

Integrando em número significativo as armadas javanesas, como a de Pate Onuz, que em 1513 atacou Malaca, deles dizia Fernão Peres de Andrade que alguns juncos havia que, pelo seu tamanho, faziam com que a *Anunciada*, uma das maiores naus a operar em Malaca, não parecesse uma nau: “*metemo-nos com eles às bombardadas, nenhuma bombardada grossa nam entrava do lume de água para baixo, que a espera*<sup>24</sup> *que eu levava na nau entrava dentro, mas não passava (...) porque era de três forros (...) e certo que era tam monstruoso como nunca os homens viram outro*”<sup>25</sup>. Após seis dias submetido a um violento bombardeamento e ao lançamento de grande número de panelas de fogo e outros projecteis incendiários, o maior junco da armada de Japarâ haveria, ainda assim, de conseguir regressar a Java, após um confronto naval marcado por inúmeras baixas de parte a parte, situação que se repetiria em muitas outras situações ao longo dessa década e nos primeiros anos da de 1520<sup>26</sup>, em resultado não só da grande falta de navios com as respectivas tripulações e homens de armas, mas também pela grande escassez de oficiais

<sup>22</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>23</sup> Segundo ele terá sido Joannes da Empoli o primeiro que utilizou este tipo de forro nas naus da Índia. Cf. João de Barros, *Da Ásia de ... dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973, déc. III, livro II, cap. VIII, p. 219.

<sup>24</sup> Peça de artilharia destinada a bater fortalezas e navios que atirava pelouros de ferro fundido. Cf. “Glossário”, in *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. Rafael Moreira, Lisboa, Alfa, 1989.

<sup>25</sup> Cf. carta de 22 de Fevereiro para Afonso de Albuquerque, in *CAA*, já citada, vol. III, p. 59.

<sup>26</sup> Cf. Barros, déc. III, liv V, cap. II, III, IV e VI.

mecânicos, sobretudo carpinteiros, calafates e fundidores<sup>27</sup>. Este facto, aliado à carência de todo o tipo de materiais necessários ao fabrico e reparação dos navios – madeira, cânhamo, linho, cobre, ferro, etc.<sup>28</sup> –, bem como de peças de artilharia, acabou, naturalmente, por se repercutir numa menor eficácia das armadas portuguesas a actuar quer na Insulíndia, onde tiveram lugar uma série de reveses militares navais com perdas significativas de homens e de navios, quer nos mares da China, onde após alguns recontros navais de menor significado, uma armada composta por quatro naus e um junco, viria a sofrer em 1522 uma significativa derrota naval às mãos da esquadra imperial de guarda-costas chinesa estacionada em Cantão.

Com efeito, a chegada dos portugueses aos mares da China, ficou marcada por alguns confrontos militares navais em que ambos os contendores optaram, em regra, por combater à distância: os portugueses por temerem o poderio militar dos juncos Ming, providos com alguma artilharia e guarnecidos com um grande número de soldados adestrados e bem armados, o que desaconselhava qualquer tentativa de os combater à abordagem; os chineses, não só porque tinham conhecimento da superioridade da artilharia portuguesa e por isso procuravam salvaguardar-se da sua acção destrutiva, mas também porque esse tipo de prática de combate naval com recurso ao uso de projecteis, fazia parte das suas tradições desde pelo menos, como refere Geoffrey Parker, a época Sung<sup>29</sup>. Com efeito, é sabido que nessa altura os juncos imperiais estavam já providos com catapultas e trabucos, que seriam acompanhados mais tarde, já no século XIV, por peças de artilharia. Na centúria seguinte, porque a sua utilização a bordo tivesse aumentado, os Ming regularam não só o número de armas de fogo por navio, mas também a quantidade de pelouros que cada um devia transportar, respectivamente 50 (de diversos tipos) e 1000, sendo certo que por altura da chegada dos portugueses à China os seus juncos andavam armados com artilharia e armas de fogo portátil, para além de armamento tradicional, em especial os seus arcos e flechas, que os portugueses muito temiam.

Nesses primeiros recontros navais, se, por um lado, ficou patente desde o primeiro momento não só a maior valia dos bombardeiros europeus, mas também a superior qualidade das suas peças de artilharia, por outro, ficou igualmente demonstrado que, dada a escassez de meios navais, de armamento e, sobretudo, de homens de que dispunha a coroa portuguesa na região, a que se somava o facto de se confrontarem com um império centralizado e hierarquizado, dotado de uma marinha poderosa, bem diferente das dos demais estados com quem se haviam confrontado até aí no Oriente, de pouco lhes serviria a superioridade técnica evidenciada. Com efeito, não obstante as acções militares navais que aí ocorreram, em especial as que tiveram lugar em Tamou em 1521, e que envolveram a armada capitaneada por Simão de Andrade, tivessem terminado em regra de forma inconclusiva, representaram para os portugueses, do ponto de vista estratégico, uma clara derrota em virtude de as suas forças terem sido obrigadas a abandonar as feitorias que haviam estabelecido temporariamente nas costas da China.

<sup>27</sup> Carta de Rui de Brito a Afonso de Albuquerque, in CAA, vol. III, p. 228.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 221

<sup>29</sup> Cf. *La Revolución Militar. Innovación Militar y Apogeo de Occidente 1500-1800*, Madrid Alianza Editorial, 2002, p. 121.

O encerramento desse ciclo, no entanto, acabou por ter lugar no ano seguinte, em Agosto de 1522, na foz do Rio das Pérolas, onde a armada capitaneada por Martim Afonso de Melo, incumbido por D. Manuel de construir na China uma fortaleza<sup>30</sup>, acabou por travar uma dura batalha com a armada chinesa chefiada pelo *haidao* Wang Hong, o mandarim que em Cantão era o responsável pelos assuntos do mar e da segurança naval<sup>31</sup>. Iniciada a refrega o capitão português deu ordens para que os seus navios navegassem “*em fio*” na direcção das forças contrárias, sem utilizar a artilharia, resguardando-a, assim, para um momento em que estivessem mais próximos do inimigo, daí resultando maiores danos entre as tripulações e no aparelho dos navios chineses. Essa directiva, no entanto, não foi acatada pelo junco de Duarte Coelho, obrigando Martim Afonso a disparar um berço na sua direcção e a capear uma bandeira, para que a formação se mantivesse ordenada<sup>32</sup>.

A armada chinesa, formada por um grande número de juncos e de navios de remo com um vastíssimo número de soldados a bordo (segundo o capitão da armada portuguesa, Martim Afonso de Melo Coutinho era constituída “*por mais de 300 velas entre grandes e pequenas*”<sup>33</sup>), dividiu-se em duas esquadras, procurando não só envolver as 4 naus portuguesas – o junco de Duarte Coelho havia-se entretanto apartado daquelas –, mas também obrigá-los a navegar mais próximo da costa, tendo acabado por os confinar a “*huma grande baya*” onde os cercaram, impedindo-os de fazerem aguada<sup>34</sup>.

De acordo com o relato do capitão-mor da armada portuguesa a armada chinesa encontrava-se provida com “*artilharia meuda*”, dela tendo feito uso, bem como de peças de artilharia neuroballística, que usaram na investida feita sobre os seus navios<sup>35</sup>. Ciente da situação difícil em que se encontrava, Martim Afonso decidiu-se a procurar romper o bloqueio, de que resultou num primeiro momento uma fase de combate à bombardada, com as nuvens de flechas e uma grande número de projecteis de pedra e ferro coada a causarem sérias baixas entre os seus homens. Valeu também, aos chineses o facto de a sua armada chinesa o facto de ser composta por um grande número de navios de remo, ao contrário da frota portuguesa, o que lhes permitiu posicionarem o grosso dos navios a

<sup>30</sup> Barros, déc. III, Liv VIII, cap. V.

<sup>31</sup> Sobre o assunto veja-se Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Revisitar os Primórdios de Macau: para uma nova abordagem da História*, Macau, Instituto Português do Oriente – Fundação Oriente, 2007, p. 104. Veja-se ainda de Jin Guo Ping, “1521-1522 Nianjian Zhongpu Junshi Chongtu – Xicaowan Shikao” (“Os conflitos armados sino-portugueses entre 1521-1522. Uma tentativa de identificação do lugar da batalha naval da armada de Martim Afonso de Melo Coutinho”), in *Xili Dongjian (O Ocidente ao encontro do Oriente)*, Macau, Fundação Macau, 2000, pp. 1 a 18.

<sup>32</sup> Gaspar Correia, vol. II, p. 718.

<sup>33</sup> In carta do capitão da armada para o rei, dando-lhe conta dos sucessos da viagem, Goa, 25 de Outubro de 1523, publ. por João Paulo Oliveira e Costa em “A Coroa Portuguesa e a China (1508-1531). Do Sonho Manuelino ao Realismo Joanino”, in *Estudos de História do Relacionamento Luso-Chinês, séculos XVI-XIX*, ed. António Vasconcelos Saldanha e Jorge dos Santos Alves, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, p. 76. O documento foi primeiramente publicado por Ronald Bishop Smith, *Martim Afonso de Mello, captain-major of the Portuguese fleet which sailed to China in 1522*, Bethesda, Smith, 1972, pp. 9-12.

<sup>34</sup> Gaspar Correia, vol. II, p. 719.

<sup>35</sup> Cf. carta citada, de 25 de Outubro de 1523, *Ibidem*, p. 76.

barlavento, “*onde melhor lhes aprouvesse*”, empurrando os portugueses para uma zona “*de baixos*”, onde a mobilidade das naus era muito reduzida<sup>36</sup>. Wang Hong, ciente da importância da superioridade do contingente humano que levava a bordo, ordenou então que por todos os meios procurassem abalroar os navios portugueses, após o que se seguiria a abordagem. Abalroadas as duas naus mais pequenas da armada, a de Diogo de Mello acabou por se afundar, enquanto a de Pedro Homem, foi metida no fundo mais tarde por ordem do capitão-mor português “*porque nam tinha cousa que lhe aproveitasse para navegar nem eu gente nem aparelhos com que lhe aproveitar*”<sup>37</sup>.

A derrota naval da armada de Martim Afonso de Mello deixava assim a claro as fragilidades dos grandes navios de alto bordo portugueses na luta contra um inimigo muito superior em número, dotado de navios de grande solidez, bem organizados e a actuar próximo das suas bases, ao mesmo tempo que revela, pela primeira vez, a incapacidade da artilharia portuguesa em manter à distância os navios de uma potência asiática. Todavia, de acordo com o documento que temos vindo a seguir de perto, o insucesso da operação ter-se-á ficado a dever não só ao facto de a armada em questão ter partido para a China com muito poucos homens, uma vez que, tendo-lhe morrido dois terços deles durante a viagem até à Índia, não conseguira aí repô-los em virtude “*do medo das novas que corriam*” relativamente à situação na China, mas também, e sobretudo, por os seus navios haverem sido mal artilhados no reino, disso sendo testemunha o Conde do Vimioso “*que sera boa testemunha assj de eu a pedjr como de mais nam quererem dar*”<sup>38</sup>. O parque de artilharia da frota disporia apenas de uma bombardarda grossa, ou seja, não possuía peças de artilharia de grosso calibre, o que lhe terá sido fatal durante o decorrer da refega, uma vez que as peças de pequeno e médio calibre que levava a bordo foram insuficientes para parar as investidas dos navios chineses, também eles, como referimos, munidos com artilharia pirobalística de pequeno calibre e engenhos neurobalísticos, para além de um grande número de atiradores<sup>39</sup>.

O saque das duas naus, por outro lado, terá marcado também, como afirma Joseph Needham, o momento em que, por acção do saque já referido, as autoridades chinesas se apoderaram, entre outras peças de artilharia, dos berços<sup>40</sup> que iam a bordo, de que tinham já conhecimento anterior, sobretudo nas províncias do Fukien e do Chiangsi, sob a designação de *fo-lang-chi*<sup>41</sup> (peça de retrocarga dos frangues, ou seja, dos portugueses). Alguns exemplares dessas peças terão sido levados por essa altura para Pequim por Ho Ju, um oficial de baixa patente do Ministério da Guerra, que aí mandou fundir várias

<sup>36</sup> Idem, *Ibidem*, p. 79.

<sup>37</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 78 e 79. A descrição de Castanheda, substancialmente diferente, refere que os dois navios foram tomados à abordagem pelos chineses e mortos os seus tripulantes e soldados, seguindo-se o saque “*de tudo quanto tinha, ate da enxárcia e ancoras, e cabos que não ficou nada*”. In Castanheda, Livro VI, Cap. XV.

<sup>38</sup> Cf. carta citada, de 25 de Outubro de 1523, *Ibidem*, p. 80.

<sup>39</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>40</sup> Cf. Fernando Gomes Pedrosa, *Os Homens dos Descobrimentos e da Expansão Marítima. Pescadores, Marinheiros e Corsários*, Cascais, C.M.C., 2000, pp. 122 e 123.

<sup>41</sup> Cf. Joseph Needham, *Science and Civilization in China*, Cambridge, Cambridge University Press, 1986, pp. 369 a 376.

cópias por dois fundidores chineses ocidentalizados, Yang San (Pedro) e Tai Ming. Graças à sua funcionalidade e fácil adaptação aos mais diversos teatros de guerra, viria a ser profusamente usado tanto a bordo dos navios, como na defesa das cidades e dos postos fronteiriços espalhando-se assim por todo Império.

Assim sendo, embora concordemos com Raimund Kolb, que defende que a vitória resultou da superioridade numérica dos navios e combatentes chineses, entendemos, contrariamente ao que sustenta (a superioridade dos canhões europeus no confronto<sup>42</sup>), que, pelo menos neste caso concreto e pelas razões que acima aduzimos, o poder de fogo da artilharia portuguesa se encontrava muito reduzido, não tendo sido superior ao dos chineses, facto que contribuiu também para a derrota da armada de Martim Afonso em 1522. Como este afirma a D. João III, “*jsto he senhor o que la soube, he o majs que se nam deve de mandar armada de tam longe de Portugal e de nenhum socorro com hua soo bombarda grossa [...], porque daquj vem ffazerem os nossos menos do que podem e os jmjgos mais do que se espera*”<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Cf. Raimund Th. Kolb, “Excursions in Chinese Military History”, in *Monumenta Serica, Journal of Oriental Studies*, Vol. LIV, (2006), p. 454.

<sup>43</sup> Cf. carta citada, de 25 de Outubro de 1523, *Ibidem*, p. 80.

## ALGUNS ASPECTOS DA ACÇÃO DO Pe. MELCHIOR NUNES BARRETO, PRIMEIRO MISSIONÁRIO PORTUGUÊS NA CHINA QUINHENTISTA

Manuel Cadafaz de Matos\*

Em 1551, com cerca de 31 anos, o jesuíta portuense, Melchior Nunes Barreto viu serem coroados de êxito os seus desígnios de poder ir desenvolver a sua acção, como missionário, para as possessões do império português na Ásia Extrema. Embarcou então no porto de Lisboa, integrado num conjunto de jovens jesuítas<sup>1</sup>, com destino a Goa.

Foi já em missões no terreno goês que o religioso portuense passou a dar corpo à força da sua fé. Nessas terras do império ele principiou, com efeito, a dar testemunho da sua poderosa vontade nesse sentido, praticando acções de reconhecido zelo apostólico.

Após ter estado algum tempo em Goa, foram requeridos os seus serviços evangélicos em outras possessões mais a norte, como Baçaim (não muito distante de Bombaim). Desses trabalhos missionários existem hoje os inerentes registos epistolares, que permitem uma avaliação dos seus esforços na organização das cristandades locais nesse período<sup>2</sup>.

Algum tempo depois encontrava-se em estreito contacto, de alguma forma, com o navarro Pe. Francisco Xavier. Recorde-se que era este quem então presidia, no Extremo Oriente, aos destinos da Companhia de Jesus<sup>3</sup>.

---

\* Academia Portuguesa da História e CEHLE, Lisboa. Nestes trabalhos do XIII Simpósio de História Marítima, o presente trabalho beneficiou, por parte da Academia de Marinha (em colaboração com a EDP), do Prémio “Missionação e Encontro de Culturas”.

<sup>1</sup> Acompanharam o Melchior Nunes Barreto, nessa tormentosa viagem, a bordo da nau capitânia *Esperança*, os Pes. Gonçalo Rodrigues e António Herédia e os irmãos Pedro de Almeida, Cristóvão da Costa (e, em outra nau que também integrava essa armada, o Pe. Manuel de Moraes), Pe. Manuel Teixeira, *OCRM*, pp. 118 (ver siglas no final).

<sup>2</sup> Dessa epistolografia luso-indiana do Pe. Melchior Nunes Barreto identifica-se, primeiramente, uma *Carta escrita de Goa a 9 de Dezembro 1551, em que relata a sua Viagem* [da Europa para esse território]; e, de algum tempo depois, uma *Carta escrita de Baçaim a 7 de Dezembro de 1552 aos PP. de Portugal* (estas duas missivas foram encontradas no séc. XVIII por Barbosa Machado, em Lisboa, na Casa professa de S. Roque). É ainda o caso de uma *Carta escrita de Goa no ano de 1554, a Santo Ignacio em que relata a morte de S. Francisco Xavier, e seu enterro*. Esta epístola foi vertida depois para latim, vindo a ser editada quer nessa língua na obra *Epist. Japonicis* (Lovaina, *apud* Rutgerum Velpium 1570, pp. 86-102, quer em língua italiana, nas cidades de Roma, na oficina de Antonio Bladio, em 1556 e de Veneza, na oficina de Michele Tramezaino, em 1565, bem como na obra *Diversi Avisi dall’Indie de Portugallo*, Parte 3, fl. 161.

<sup>3</sup> O Pe. Francisco Xavier, tendo recebido em Goa o Pe. Nunes Barreto, e conhecendo o seu zelo missionário, havia-o nomeado, em Fevereiro de 1552, Superior da residência de Baçaim da Companhia de Jesus. Aí ele havia-se revelado verdadeiramente como evangelizador, convertendo gentios, *reformando* alguns cristãos e, até, expulsando da região alguns “hereges”. Estes últimos, segundo testemunhos coevos, tinham “praça de artilheiros e passavam das partes setentrionais àquelas regiões”, difundindo as suas crenças religiosas. Fora então, em 1553, que por ocasião da morte de um outro jesuíta, o Pe. Gaspar Barzeu, ele havia sido eleito para o cargo de Vice-Provincial da Índia da Companhia de Jesus. Fora em função de tal cargo que esse jesuíta se vira então forçado a regressar a Velha Goa.

Já na qualidade de Vice-Provincial<sup>4</sup> da Companhia de Jesus na Índia, e em cumprimento dessas funções, no ano de 1554<sup>5</sup>, ele teve ensejo de visitar quer Malaca quer outras comunidades cristãs nascentes desde essas paragens até ao império nipónico.

São, aliás, bem conhecidas as circunstâncias em que ocorreu essa decisão de deixar Goa, tendo em vista partir em direcção a Malaca. Da morte de Francisco Xavier em Dezembro de 1552 em Sanchuão (quando o navarro pretendia entrar finalmente na China pelo porto de Cantão), ele tivera conhecimento em Goa em finais de 1553. Quatro meses depois dessa infausta notícia, o Pe. Melchior decidiu empreender essa viagem, não sem antes o corpo incorrupto de Xavier ser recebido triunfalmente em Goa<sup>6</sup>.

Fernão Mendes Pinto, regressado agora àquelas paragens goesas depois de outras peregrinações, manifestara então ao Pe. Melchior Nunes Barreto a vontade de se deslocar até ao Japão. Afirmara-lhe então que a população desse arquipélago do sol nascente era “*mui capaz de razão para a cristandade se multiplicar nela*”. E que se o jesuíta lá quisesse ir, ele acompanhá-lo-ia, pondo à sua disposição a sua fortuna e a vida.

Tudo parece indicar que o Pe. M. Nunes Barreto terá ficado entusiasmado com tal ideia e foi ao palácio obter o consentimento do Vice-Rei da Índia (1550-1554), D. Afonso de Noronha.

Ao chegar, o Vice-Rei mostrou-lhe três cartas dos dáimios de Amanguchi, de Bungo e de Hirado e Firando, respectivamente Ouchi Yoshinaga, Otomo Yoshishige e Matsura Takano, que encareciam a obra missionária e pediam fosse continuada<sup>7</sup>. E sem que aquele padre tivesse ainda pronunciado qualquer ideia a propósito da intenção de tal viagem, aquele Vice-Rei auscultou-o se ele não pretendia deslocar-se até ao Japão, onde tanto fruto se fazia pela propagação da fé cristã.

Foi precisamente nessas circunstâncias que Fernão Mendes Pinto acabou por ser nomeado seu legado, a fim de levar uma mensagem àqueles dáimios nipónicos. Ao fim e ao cabo aquelas autoridades japonesas haviam-se disponibilizado, junto do Vice-Rei do império português na Índia, no sentido de dar acolhimento e alguma protecção aos missionários portugueses que já ali se encontravam ou que para lá partissem.

<sup>4</sup> Alguns historiadores já associaram o seu nome, no seio da Companhia de Jesus nas Índias Orientais, embora sem rigor, ao título de Provincial.

<sup>5</sup> Seguimos, nesta secção, o essencial de Barbosa Machado, *B.L.*, t. I, “Belchior Nunes Barreto”, pp. 495-497.

<sup>6</sup> Recordem-se as circunstâncias de o Pe. Melchior e Fernão Mendes Pinto, quando souberam que a nau com o corpo do mártir de Sanchuão estava a chegar, proveniente do sul da China, às proximidades de Goa, terem ido, numa outra embarcação, ao encontro daquela, levando a bom termo esse encontro. Vários historiadores se reportam à circunstância de Mendes Pinto, agora na nau onde vinha o futuro santo, lhe ter beijado os pés.

<sup>7</sup> Na carta de Maio de 1554 de Melchior Nunes Barreto – que não foi redigida no porto de Goa (como propôs Barbosa Machado, in *B.L.*, I, p. 496), mas já na viagem marítima, entre Goa e Cochim (segundo Rebecca Catz, *CFMP*, p. 21) – este jesuíta rememora, com rigor, o facto de o dáimio de Yamaguchi se ter dirigido, um pouco antes ao Vice-Rei da Índia, D. Antão de Noronha, enviando-lhe “dons e presentes e cartas em que mostrava ser mui desejoso de se fazer cristão e de se atar em mui verdadeira amizade com o Sereníssimo Rei de Portugal...” (esta passagem específica in R. Catz, *CFMP*, p. 24).

Algumas fontes estabelecem, ainda, que chegaram a haver contactos em Goa, nesse ano de 1554, entre o Pe. Nunes Barreto e o missionário castelhano, Pedro d'Alcáçova. Ele viajava de regresso do Japão, e ter-lhe-á falado então desse bom acolhimento ao Cristianismo pelas autoridades locais. Saliente-se, ainda, que o próprio castelhano tinha estado, em trânsito, nas costas marítimas da zona de Cantão.

### **A preparação da viagem: de uma *biblioteca de mão* do jesuíta a alguns valores artísticos que levou**

O Pe. Melchior Nunes Barreto – irmão como se sabe de João Nunes Barreto (que na época chegou a ser nomeado para as funções de Bispo da Etiópia, mesmo não tendo chegado a tomar posse de tal cargo) – foi, desde muito cedo, um homem de prodigiosa cultura e tal não resultava, apenas, do doutoramento que lhe havia sido outorgado em Cânones pela Universidade de Coimbra. A sua ascendência aristocrática e a sua formação familiar, aliada à que recebeu na sua graduação na *Alma Mater*, tiveram particulares reflexos na cultura que patenteou em terras do Extremo Oriente.

Dado às leituras mais variadas, é compreensível que entre os livros de mão que mais o acompanhavam se contassem os de Teologia. Tivemos ensejo (ao longo de 1991 e 1992) de analisar com alguma profundidade os elencos de algumas das principais bibliotecas de religiosos que, desde o último quartel do século XVI até aos finais do século XVII<sup>8</sup>, desenvolveram a sua acção missionária em Macau. E, nesse mesmo intuito, estudámos então, também, a *biblioteca de mão* constituída pelo Pe. Melchior Nunes Barreto<sup>9</sup> para o acompanhar na sua viagem para o Japão.

Dezenas de anos antes da preparação desta parte específica do nosso estudo, o Pe. Joseph Wicki tinha, com efeito, encontrado em Roma, no Arquivo da Companhia de Jesus<sup>10</sup> e editado nessa cidade uma valiosa fonte documental com o sugestivo título:

*Elenchus rerum a P. Melchiorre Nunes Barreto / Goa in Iaponiam ablatarum [Cópia do que levou Mestre Belchior pera Japam, 1554]*<sup>11</sup>. Goa, ca. finem anno 1554. Secunda via.

Foi esse interessante documento que, alguns anos depois de Wicki, veio ainda a ser analisado – aplicando o seu conteúdo à realidade do Japão (para onde tais livros foram

<sup>8</sup> Manuel Cadafaz de Matos, “(...) Alguns dados para a História da Leitura a partir de catálogos bibliográficos macaenses (1584-1700)”, in *Actas do Congresso Internacional Missionação portuguesa e encontro de culturas*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa (onde então leccionávamos na Faculdade de Ciências Humanas), Centro de Estudos de História Religiosa, 30 de Abril-3 de Maio de 1992, vol. II, pp. 407-444.

<sup>9</sup> Os resultados daquele nosso trabalho de pesquisa de então sobre a *biblioteca de mão* de M. Nunes Barreto (de 1991 e 1992) mantiveram-se até agora inéditos.

<sup>10</sup> ARSI, *Jap.-Sin.*, 4, fls. 40 r<sup>o</sup>.-42 v<sup>o</sup>.

<sup>11</sup> Joseph Wicki, *DI*, vol. III (1553-1557), doc<sup>o</sup>. 36, pp. 196-205.

como é sabido levados) – pelo Pe. Jesús López Gay<sup>12</sup>. Desse trabalho de confronto entre essas duas análises da mesma fonte, iremos ocupar-nos um pouco adiante.

Importa haver algum cuidado prévio para se estabelecer a partir deste Elenco, com alguma pertinência, quais os conteúdos da *biblioteca de mão* que integrava esse valioso rol. Tratou-se de uma biblioteca, essencialmente de teor religioso, que nos últimos meses de 1554 foi preparada cuidadosamente em Goa sob a responsabilidade do jesuíta portuense (embora não chegasse na íntegra ao Japão como adiante se verá).

Todo esse acervo móvel era constituído por alguns conjuntos específicos (e de alguma forma autónomos) de livros. Integravam-se no entanto nesse rol – e talvez esse aspecto lhe conferisse uma ainda maior riqueza material – diversas alfaias religiosas e outras obras de interesse para a História de Arte nesse período, nestas possessões do império português no Extremo Oriente.

Todos esses valores espirituais e materiais – que iriam acompanhar o Pe. Melchior Nunes Barreto e aqueles que consigo seguiam – estavam à sua guarda, na missão que pretendia encetar nas comunidades cristãs do sul do Japão.

Esses pertences, no entanto, não estavam directamente apenas consignados à sua pessoa. Dessa biblioteca e de outros conjuntos artísticos, faziam parte alguns subconjuntos de livros e outras alfaias e bens artísticos que se encontravam confiados a outros religiosos e adolescentes que com ele dali partiam para tais paragens, grupo humano esse a que presidia (e, portanto, lhe estava superiormente confiado):

- *Rol do fato que o Pe. Melchior levou...*;
- *Roupa dos meninos*;
- *Título dos livros*;
- *Os livros que levou o Pe. Gaspar Vilela*;
- *Os livros que levou o Irmão Luís Fróis*;
- [Os livros que levou] *o Irmão Estêvão de Góis*;
- *Os livros dos meninos*.

---

<sup>12</sup> Jesús López Gay, “La Primera Biblioteca de los Jesuítas en lo Japón (1556). Su contenido y su influencia”, in *Monumenta Nipponica (PNJ)*, Tóquio, vol. 15, nº. 3-4, 1959-1960, pp. 350-379 (o trabalho de Wicki, neste contexto, tem um valor documental e carácter de novidade superior ao de Lopez Gay). De salientar, por outro lado, que o nosso estudo atrás referido sobre este rol bibliográfico antecedeu em cerca de duas décadas o trabalho de Rómulo da Silva Ehalt, “Revisiting the First Jesuit Library in Japan. An Analysis of the Purpose of Nunes Barreto’s Library in Kyushu (1556)”, editado na *Revista de Cultura*, nº. 21, Macau, 2009, pp. 43-51.



Rol dos bens que o jesuíta Pe. Melchior Nunes Barreto levou quando saiu de Goa para o Japão (mss. ARSI, Roma)

A preparação em Velha Goa, em 1554, de todo esse conjunto de bens espirituais, culturais e artísticos não poderia, obviamente, ter lugar sem um acompanhamento, mesmo que indirecto do próprio Vice-Rei da Índia, D. Antão de Noronha, mesmo que em fase final de mandato<sup>13</sup>. Prova disso é que uma das rubricas de tal Elenchus recebe precisamente a designação de *O que deu o Viso-Rei* logo seguida da menção de quatro rubricas (de oferta) específicas.

Nessa subsecção específica surge, em quarto lugar, como uma entrega por D. Antão de Noronha, a bandeira nacional. Tratava-se, ao fim e ao cabo, da colagem do poder político a uma função missionária e, daí, de carácter religioso.

Quanto à biblioteca (una de um ponto de vista, mas quántupla<sup>14</sup> de outro) ela comportava:

<sup>13</sup> Poucos meses depois ele veio a ser substituído em tais funções por D. Pedro de Mascarenhas.

<sup>14</sup> Assinalamos em particular que apenas as obras directamente associadas ao Pe. Melchior poderiam ser perspectivadas como biblioteca; o reduzido número de obras em poder dos Pes. Gaspar Vilella, Luís Fróis, Estêvão de Góis e até dos Meninos, os órfãos, que os acompanhavam, só se podem perspectivar como modestos conjuntos de livros, sem formarem um todo.

- I) no que respeitava explicitamente à biblioteca de mão do próprio Pe. Melchior, quatro dezenas de unidades bibliográficas;
- II) ao Pe. Gaspar Vilela, uma dezena de unidades;
- III) ao irmão Luís Fróis, três unidades;
- IV) ao irmão Estêvão de Góis, duas unidades;
- V) aos meninos [ou seja, órfãos que os acompanhavam<sup>15</sup>] oito unidades.

Vejam agora na especificidade, a descrição dos conteúdos dessa biblioteca<sup>16</sup>, na leitura do Pe. Wicki (analisados em alguns casos comparativamente com a proposta de leitura de López Gay):

A) A biblioteca de mão do próprio Pe. Melchior<sup>17</sup>:

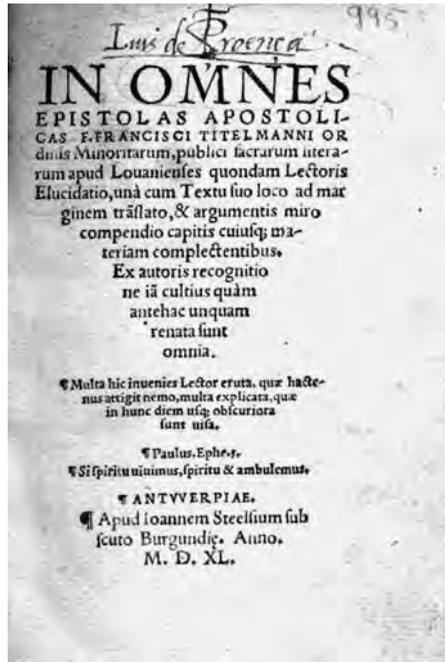
- *3 biblias huma delas grande;*
- *6 testamentos novos;*
- *4 partes de S. Thomas sem commento [Sumus theologica. Iesuitae proinde prima opera Aquinatis in Iaponiam tulerunt];*
- *Hum pontifical;*
- *Dous rationaes divinatorum officiorum [ou seja, Rationale Divinorum Officiorum, auctore Guillelmo Durandi];*
- *4 volumes de Crisostomus;*
- *8 manuaes de Navarro [Manual de Confessores e penitentes, Martin Azpilcueta Navarro, opus in Lusitaniae saepe impressum];*
- *4 briviarios, 2 diurnaes;*
- *Suma Silvestrina [Summa Summarum quae Silvestrina dicitur, auctore Sylvestro Prierias];*
- *Humas comcordantias;*
- *Hum martirologio;*
- *Os Rojardos [Fortasse opera Richardi a S. Victor];*
- *Suma Consiliorum;*
- *Suma Virtutum ac Vitiorum [Guilelmi Peraldi, O.P., saepe impressum De virtutibus et vitiis];*
- *Suma contra Gentiles [opus notum S. Thomae];*
- *Titelmano super Ca[n]tica, [Francisci Titelmani Commentarii in cantica canticorum Salomonis, Antuerpiae, 1536];*

---

<sup>15</sup> Desses órfãos nem todos tiveram forças para chegar até ao fim da viagem, no Japão.

<sup>16</sup> A identificação de algumas destas rubricas, entre [ ], é aqui apresentada seguindo as sugestões de leitura pelo Pe. Joseph Wicki, responsável por esta edição que aqui seguimos.

<sup>17</sup> *Elenchus...*, edição do Pe. Joseph Wicki, in *DI*, vol. III, pp. 201-203.



Frontispícios de uma das edições quinhentistas de Antuérpia que poderão ter integrado este rol de livros de Melchior Nunes Barreto, com a obra de Titelmano (col.º. CEHLE)

- *Opuscula Divi Tomae;*
- *Marco Marulo [Marci Maruli opus de religiose vivendi institutione per exempla, liber prædilectus Xaverii];*
- *Guanheo in Epistolas Pauli [Ioannis Gagnæi, Brevissima et facillima in omnes D. Pauli epistolas scholia, a. 1543];*
- *Cathalogus Sanctorum;*
- *Opera Bernardi;*
- *Os decretaes pequenos;*
- *Commentario super Ecclesiastes [Francisci Titelmani, Commentarii in Ecclesiasten Salomonis, Antuerpiæ, 1536 et sepius];*
- *Contemptus Mundi [Exstat editio ulyssiponensis anni 1542];*
- *As obras do Duque de Gamdia [Obras del Illustrissimo Sr. D. de Borja, Duque de Gamdia y Marquês de Lombay, Medina del Campo, 1552];*
- *Huma arte de servir a Deus;*
- *Cruz Christi [Cruz de Christo... com otro tractado de mistica theologia de sant Buenaventura, llamado Viae Syon lugent, con otra obra dicha Praeparatio mortis, compuesta por un frayle de la orden de los menores, Sevilla, 1543];*

- *Doctrina Mortis* [*Doctrina moriendi, a Iodoco Chlichtivaeo, Colonia, 1520 editum*];
- *35 cartapacios bramquos*;
- *As obras de Platão*;
- *As etiquas de Aristotelis*;
- *Philosophia de Titelmano* [*Compendium philosophiae naturalis, libri XII, ed. Lugduni, 1545 et saepius*];
- *Hum Tholomeu*;
- *Liber de natura herbarum* [*Fortasse liber quidam de herbis medicis*];
- *Tres resmas de papel*;
- *Dous molhos de pennas*;
- *Suma contra Gentiles*;
- *Historia Ecclesiastica* [*Probabiliter opus Historia de la Iglesia, que llaman Ecclesiastica y tripartita: abreviada y trasladada de latin en Castellano: por un devoto Religioso de la orden de sancto Domingo, Lisboa, 1541*];
- *Hum psalteiro comentado*;
- *As obras de Tomás de Kempis*.

1 – As edições da Bíblia (como as que abrem este rol) eram fulcrais para o seu trabalho de pregação, nessas regiões, da palavra de Cristo. Não deve esquecer-se, no entanto, pelo facto de muitas vezes eles evangelizarem gentios que viviam ainda, na sua grande maioria, no analfabetismo, que era imprescindível eles terem consigo, nesses trabalhos, Bíblias ilustradas, pois assim poderiam desenvolver os seus esforços de catequização, pela imagem, recorrendo a muitos ícones que (pela pintura e pela gravura) já tinham fixado adequadas *lições de imagem* (em função dos gestos com que essas figuras mais celebradas do mundo cristão se tinham distinguido).

2 – Tal como impunham as regras e procedimentos da Companhia de Jesus, os missionários deveriam, por via da escrita, dar testemunho sobre as regiões e as populações que contactavam, nas mais variadas paragens onde evangelizavam, para instrução e incentivo às práticas da fé, dos próprios irmãos de credo. Esse facto justifica que neste conjunto de materiais do Pe. Melchior fizessem parte, por exemplo, “*35 cartapacios bramquos*”, e “*três resmas de papel*”, para efeitos de escrita.

3 – Evangelizando populações não cristãs num contexto extra-europeu, constata-se a justificação de haverem, neste conjunto de livros, dois exemplares – porventura duas edições independentes – da obra de S. Tomás, *Suma contra Gentiles*. Poderiam os mesmos, até, serem utilizados, nas práticas de evangelização no terreno, por mais do que uma pessoa, simultaneamente.

4 – A formação filosófica dos missionários, no contexto da História da Filosofia Grega antiga, era um outro aspecto que, para eles e para a sua preparação, não poderia

ser deixada ao acaso. Daí se compreende que os *Opera* de Platão e a *Ética* de Aristóteles, se contassem entre os livros de mão, que eram fulcrais para eles.

5 – Um outro aspecto tem a ver com o facto de grande parte dos missionários que iam desenvolver a sua acção em distantes paragens como a Índia, a China e o Japão, irem imbuídos do espírito de um pesado sacrifício. Tratava-se, com efeito, de uma viagem, na maior parte dos casos, sem regresso. Deste modo, compreende-se a presença, neste conjunto de livros como estes de *Doctrina mortis* [ou *Praeparatio mortis*, ou *Viae Syon lugens*]. Evangelizar os gentios surgia, assim, neste contexto, como uma própria *preparação para a morte*, quando não era mesmo (como sucedeu inúmeras vezes) uma preparação para o martírio.

6 – Para a pregação da palavra de Deus entre esses povos implicava eles disporem, de igual modo, de meios de acessibilidade a essas regiões – tal como conhecer minimamente a localização do terreno geográfico – onde iam missionar e desenvolver a própria pregação dos evangelhos. Isso para além de um relativo conhecimento das próprias populações e das suas crenças tradicionais. Deste modo se compreende a existência de um volume do geógrafo clássico Ptolomeu, obra que neste período quinhentista conheceu variadas edições.

**B) Alguns livros do Pe. Gaspar Vilela<sup>18</sup>:**

- *Huma das biblias de cima*;
- *Vita Christi Ludolfi* [*Vita Christi, Ludolfo de Saxónia*];
- *Breve totius theologiae*;
- *Hum dos rationaes de sima*;
- *Summa Misteriorum Fidei* [*Francisco Titelmani, Summa mysteriorum christianae fidei, Antuarpiae, 532 et sapiae*];
- *Hum Navarro dos de cima*;
- *Jersão* [*Fortasse Monotessaron, vel Imitatio Christi a Kempis*];
- *Cruz Christi*;
- *Meditações de S. Agostinho* [*Las meditaciones y soliloquios y manual (exstant plures editiones illius aetatis)*];
- *Opera Cipriani*.

1 – Entre os volumes que constituíam o “conjunto de livros” consignado ao do Pe. Gaspar Vilela, na sua saída da Índia para o Japão, merece um particular destaque alguns títulos de maior relevo de Santo Agostinho (interrogando-nos, até, se o Pe. Melchior, pelas bases muitas vezes patenteadas da sua formação teológica, não era também um leitor regular dos exigentes tratados do Bispo de Hipona).

<sup>18</sup> *Elenchus...*, edição do Pe. Joseph Wicki, in *DI*, vol. III, pp. 203-204.

2 – Tratando-se, tal como aquele seu companheiro de missão, de um português, não é pois de estranhar que algumas edições impressas um pouco antes em Portugal integrassem este restrito conjunto de obras: era o caso da *Vita Christi*, de Ludolfo de Saxónia (com início da sua publicação em 1495), ou algumas das obras fulcrais de Martin Azpilcueta Navarro, nas suas edições universitárias conimbricenses.

3 – Outra particularidade que fere a nossa atenção é o facto de o Pe. Vilela ter algum gosto na leitura dos escritos do filósofo e teólogo medieval francês do século XV, Jean Gerson.

C) Os (escassos) livros do irmão Luís Fróis<sup>19</sup>:

- *Hum Jerção; hum Deseoso grande* [*Tratado llamado el Deseoso y por otro nombre Espejo de religiosos agora de nuevo visto y examinado e añadido la quarta y quinta parte que hasta agora no ha sido impressa, Lisboa, 1541*];
- *Spelho da Perfeição* [*Espelho da perfeçam el linguaõ portugues... composto per o reerendo P. frey Henrique Yerp, provincial da ordem dos menores em a provincia de Colonia. Anno 1553 nova editio a canonicis S. Crucis Conimbricae impressa est*];
- *Pasio duorum stimulus divini amoris* [*Livro chamado Stimulo de mor divino. Tratado que fez Sam Boaventura. Em Latim. Lixboa, 1550*].

1 – Tal como o Gaspar Vilela, também o seu irmão de fé, Luís Fróis, era leitor atento das obras do filósofo e teólogo medieval Jean Gerson. Os trabalhos filosóficos deste religioso tiveram, ao longo do século XVI, um particular significado na formação de alguns missionários que foram desenvolver a sua acção em terras do Extremo Oriente.

2 – O conceito de *perfeçam*, presente em vários títulos de trabalhos de Filosofia e Teologia neste período, encontrava-se claramente associado, num plano de pensamento europeu, ao aprofundamento dos valores da fé, de modo a que os missionários melhor pudessem comungar dos verdadeiros valores da *philosophia Christi*. A obra de Frei Henrique Yerp foi uma das que, então, deu um sentido testemunho nesse mesmo *sentido*.

3 – Tal como se perspectiva, de igual modo, por via de algumas obras franciscanas que faziam parte do rol pessoal das obras em poder do Pe. Melchior Nunes Barreto, também no caso de Luís Fróis, a posse da edição referenciada de S. Boaventua (*Stimulus divini amoris*) entroncava no espírito de muitos dos jesuítas irem aos seguidores de S. Francisco e aos seus escritos, procurar alguma da mística que talvez não encontrassem com tanta profundidade nos escritos dos filhos de Santo Inácio de Loyola mais cultos.

---

<sup>19</sup> *Elenchus...*, edição do Pe. Joseph Wicki, in *DI*, vol. III, p. 204.

D) Os (escassos) livros do irmão Estêvão de Góis<sup>20</sup>:

- *Humas Horas de Nossa Senhora* [*Horae B. Mariae Virginis*];
- *Hum Manual da Eterna Salvação* [*Manual para la eterna salvación*, Saragoça, 1539].

1 – Quanto à primeira dessas edições que constava da bagagem pessoal do Irmão Estêvão de Góis, assinala-se que o culto mariano esteve presente, desde os primeiros trabalhos missionários, nas acções da Companhia de Jesus no Japão. Foram, com efeito, não só levadas algumas estátuas da Virgem e Maria nas caravelas, como chegavam ali a ser criados altares em louvor da Imaculada e, alguns anos depois (na mesma segunda metade do século XVI), a serem mesmo ali construídas algumas estátuas marianas<sup>21</sup>.

2 – Acerca das questões teológicas relacionadas com o problema da “salvação” da alma é bem sabido que a aludida edição de Saragoça (se dela se tratou de facto, quanto ao exemplar constante deste rol sumário) não será das de teor mais aprofundado. Mas só o facto de esse tema estar nas preocupações da constituição destes fundos bibliográficos – levados da Índia para o Japão sob a direcção do Pe. Melchior em 1554 – já por si merece uma referência.

E) Dos livros dos *Meninos* [órfãos] que acompanhavam os Padres e Irmãos<sup>22</sup>:

- *7 psalterios e 7 espelhos de bem viver*;
- *Hum livro de canto chão*;
- *Outro de canto d'orgão*;
- *Três artes de Antonio* [*Gramatica (latina) Antonii Nebrija*];
- *Cinquo Horas de Nossa Senhora*;
- *Doze livros spirituaes*;
- *Levavão mais 26 cartilhas grandes*;
- *29 humilias do Sancto Sacramento*.

1 – Grande parte das edições designadas como *cartilhas* (como provou com autoridade Maria Leonor Buescu, no bem conhecido estudo que votou a estas pequenas obras

<sup>20</sup> *Elenchus...*, edição do Pe. Joseph Wicki, in *DI*, vol. III, p. 204. Tudo parece indicar que estes livros não chegaram ao Japão, uma vez que (segundo carta de do Pe. Melchior, de Cochim de 1558) este missionário de Moura foi deixado em começos de 1556 em Cantão, para se instruir na língua chinesa. No entanto ele encontrava-se, no ano seguinte, de regresso a Goa.

<sup>21</sup> No nosso estudo “O Pe. Matteo Ricci, SJ e Cheng Dayue na reimpressão na China de gravuras dos irmãos Wierix” (1996) – com republicação in *Revista Portuguesa de História do Livro*, vol. 26, Lisboa, 2010, pp. 105-154 – editamos (in p. 142) uma imagem de Nossa Senhora, “a Antigua”, feita no Japão c. 1597.

<sup>22</sup> *Elenchus...*, edição do Pe. Joseph Wicki, in *DI*, vol. III, pp. 204-205.

e que dispensa apresentação), tinham a dupla função de ensinar a ler e transmitir valores cristãos ou afectos ao Cristianismo. Daí que a estes *Meninos*, instruídos nos valores da fé, tivessem sido atribuídas algumas missões, como as de natureza catequética.

2 – A estrutura da língua latina, sendo estudada nas missões na Ásia, carecia de guias seguros. Assim, para além de trabalhos como os de *Gramática* por João de Barros, recorria-se ali então, também, com alguma insistência – como observou prudentemente, neste passo das suas notas bibliográficas, prudentemente, Joseph Wicki – à *Arte* do castelhano Nebrija.

3 – O caso deste livro de canto chão e deste outro de *canto d'orgão* constitui a prova cabal de que houve uma clara transmutação, já pelo menos desde a primeira metade do século XVI, da arte musical e instrumental da Europa (neste caso por meninos portugueses ao serviço da missão) para o arquipélago nipónico<sup>23</sup>.

O *Elenchus Rerum...*, primeiramente divulgado por Wicki e que aqui seguimos, traz também algumas valiosas achegas para o estudo da História de Arte na Índia portuguesa neste período quinhentista. E neste domínio ele traz alguns contributos relevantes quer para o estudo da Ourivesaria, quer da Escultura, da Pintura, da Cerâmica, do Cristal e do Vidro nesse período, naquele território.

Entre os valores levados então dali para o Japão, confiados à guarda e sob a responsabilidade do Vice-Provincial Melchior Nunes Barreto, contavam-se obras de Ourivesaria, de Pintura, de Escultura e ainda alguns outros de porcelana, de cristal e de vidro, que também passamos a especificar:

A) Área da Ourivesaria:

- *Dous calices, hum dourado grande, outro de prata pequeno;*
- *Huma cruz de prata*<sup>24</sup>;
- *Hum t[u]ribulo de prata que custou 60 pardaos*<sup>25</sup>.

A) Área da Escultura (também) religiosa:

- *Hum crucifixo de grande vulto;*
- *Outros dous crucifixos meãos de vulto, um deles de pao de Sam Thomê*<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> Pode estabelecer-se uma análise comparativa entre a música de feição religiosa produzida e interpretada no Japão entre os tempos medievais e o período do século XVI. Cfr. *Medieval Sacred Chant: From Japan to Portugal / Canto Sacro medieval do Japão Portugal*, edição Manuel Pedro Ferreira, Lisboa, Edições Colibri. 2008, secção “Buddhist Music”, pp. 11-89.

<sup>24</sup> *Elenchus...*, *DI*, III, p. 197.

<sup>25</sup> *Elenchus...*, *DI*, III, p. 198.

<sup>26</sup> *Elenchus...*, *DI*, III, p. 198.

A) Área da Pintura e Gravura:

- *Dous retabulos de Nossa Senhora;*
- *Outros dois da paixão;*
- *Outro da paixão que veio de Portugal, que fez o irmão Manuel Alvarez*<sup>27</sup>.

A) Área de Porcelana, cristal e vidro

- *Oito castiças e porcelanas;*
- *Dous castiçaes pequenos, e seis grandes para o altar [todos eles também de porcelana?, não especificado]*<sup>28</sup>;
- *Um bacio grande de vidro cristalino;*
- *Um pucaró de vidro cristalino e huma taça do mesmo*<sup>29</sup>;



Náutilo produzido em madrepérola e prata, com presumível fabrico no Indústão quinhentista (*apud* catálogo *Exótica*, Lisboa, 2002)

- *Hum mapa-mundo de vidro grande;*
- *Hum [outro] mapa-mundo de vidro grande*<sup>30</sup>;
- *Duas taças de vidro;*

<sup>27</sup> *Elenchus...*, *DI*, III, p. 197. Acerca do autor desta terceira da presente secção, o Pe. Wicki apurou que ele foi efectivamente um jesuíta que se especializou na Arte da Pintura, que nasceu c. de 1526 e que entrou para a Companhia de Jesus em Coimbra, em 2 de Outubro de 1549.

<sup>28</sup> *DI*, III, p. 205.

<sup>29</sup> *DI*, III, p. 200.

<sup>30</sup> *DI*, III, pp. 199-200.

- *Huma caldeirinha de vidro;*
- *sete alampadas de vidro*<sup>31</sup>, entre outros valores<sup>32</sup>.

1 – As práticas religiosas, nesses trabalhos de missão em terras do sul do arquipélago nipónico não dispensavam, com efeito, que para além dos livros já referenciados também tivesse de seguir para tais paragens todo um conjunto de bens, directamente associados à prática da liturgia, ou indirectamente associados ao culto cristão.

Assim, na primeira dessas vertentes, a prática da liturgia, obrigava a que seguissem com aqueles padres para tais missões objectos artísticos de prata, como, por exemplo, crucifixos, cálices ou turíbulo (isso para além de paramentos adequados para o efeito, que também eram então para ali levados).

2 – Essa perspectiva de produção e de circulação (inclusivamente ao nível comercial) de bens de Ourivesaria naquelas terras do Império nesse período pressupõe, de igual modo, alguns factores como a produção, o fornecimento, a aquisição e a circulação dos mesmos, inclusivamente num plano geográfico intercontinental. Não se podem nem devem esquecer, com efeito, alguns aspectos das transacções de bens artísticos similares nesse período. Relacionadas com essa matéria encontram-se algumas transacções comerciais, por parte de poderosos banqueiros da Europa, com o Oriente português. Tal sucedeu, por exemplo, na Europa central, por parte dos Fugger.

Relacionado com essa família, Johan von Schuren entrou em negociações (embora o negócio acabasse por não vir a efectivar-se), sensivelmente nesse período, ou seja em 1551, para a compra de rubis, de um conjunto de diamantes, de um anel da Índia com um rubi de significativas dimensões e ainda de uma esmeralda, tudo então num valor que se aproximou dos 30 mil ducados<sup>33</sup>.

A existência e níveis de mobilidade destes bens permite, por outro lado, uma tomada de consciência do nível cultural e artístico desse homem de 34 anos que era então o Vice-Provincial da Companhia de Jesus, Pe. Melchior Nunes Barreto. A sua formação cultural e a sua sólida preparação, científica, filosófica, teológica e artística, possibilitam, assim, a compreensão de todo esse valioso acervo que ele então levou à sua guarda para as missões nas terras de Kyushu.

---

<sup>31</sup> *DI*, III, p. 205.

<sup>32</sup> Além de todos esses bens artísticos, o *Elenchus...* especifica ainda que o Pe. Melchior Nunes Barreto “mais levou [para o Japão] quatrocentos pardaos desta Casa [da Companhia de Jesus de Goa]”.

<sup>33</sup> Nobert Lieb, *Die Fugger und die Kunst in Zeitalter der Gotik ud der fruhen Renaissance*, Munique, 1958, p. 136; Nuno Vassalo e Silva, “Preciosidades e maravilhas entre Goa e Lisboa”, in *Exotica. Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (mostra de 17 de Outubro de 2001 a 6 de Janeiro de 2002, catálogo e estudos), pp. 26-37, em particular in p. 33.

## Da partida de Goa para o Japão daqueles missionários

O jesuíta português e a sua comitiva, saíram, assim, de Goa em Abril de 1554, em direcção ao Japão<sup>34</sup>. Tinha então o privilégio de levar consigo um viajante e aventureiro experimentado em tais paragens, Fernão Mendes Pinto, que por sinal acabara de dar entrada na Companhia de Jesus<sup>35</sup>.

O futuro autor da *Peregrinação* alude a essa partida. Ele regista, a dado passo, que:

*...aos dezasseis dias de Abril do ano de 1554, o padre reitor<sup>36</sup> Mestre Belchior se partiu para Malaca em uma nau em que ia D. António de Noronha, filho de D. Garcia de Noronha, vice-rei que fora da Índia, a tomar posse daquela capitania...<sup>37</sup>*

A nau onde seguiam quer o Pe. Melchior Nunes Barreto quer Fernão Mendes Pinto, desde Goa, passou primeiramente ao largo do porto de Cochim<sup>38</sup>. Prosseguiu, dali, dobrando a costa, em direcção à região de Malaca.

Diversificadas passagens da epistolografia jesuítica da época, a par de outra documentação pertinente, apresentam relatos sobre os acidentes de navegação vividos de uma crueza impressionante. No caso concreto desta viagem do Pe. Melchior, ele e os seus

<sup>34</sup> O Pe. Melchior Nunes Barreto acompanhou nessa viagem, com efeito, o novo capitão de Malaca, D. António de Noronha, e levava consigo o Pe. Gaspar Vilela e outros irmãos como Luís Fróis, António Dias, Estêvão de Góis e Belchior Dias, assim como quatro meninos de coro. Enquanto algumas fontes documentais apontam como data dessa partida, da Índia em direcção a Malaca, em 16 de Abril, o Pe. Luís Fróis, numa carta de Malaca de 15 de Dezembro de 1555, aponta como tendo tal sucedido no “1.º de Abril” daquele ano (*CFMP*, p. 80). Assinale-se por outro lado que o Irmão Luís Fróis só viajou com o Pe. Melchior Nunes Barreto desde a Índia até Malaca. Segundo Rebecca Catz (*CFMP*, p. 73), depois do porto de Malaca ele não seguiria logo viagem para as costas da China e para o Japão, para em Malaca poder “atender às necessidades do colégio, de onde escreveu três cartas sobre o sucesso da viagem ao Japão”.

<sup>35</sup> De registar que Fernão Mendes Pinto entrara precisamente para a Companhia de Jesus, como *noviço*, nesse ano de 1554, tendo deixado a Companhia apenas em 1556.

<sup>36</sup> Sendo Provincial da Companhia de Jesus na Índia, o Pe. Melchior Nunes Barreto acumulava esse cargo, por inerência, com o de Reitor do Colégio de São Paulo, da mesma Companhia, naquela cidade, por sinal o lugar onde dois anos depois, com a edição de *Conclusiones Philosophicae*, se veio a iniciar a História da Imprensa no Oriente português, com caracteres móveis provenientes da Europa, portanto. A respeito desta segunda questão, remete-se para Manuel Cadafaz de Matos, *A Tipografia Quinhentista de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente (Índia, China e Japão)*, tese de doutoramento apresentada em 1997 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 3 vols. em quatro tomos.

<sup>37</sup> Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, edição *princeps*, Lisboa, oficina de Pedro Craesbeeck, 1614, em particular no capítulo CCXIX, “Como o Padre Mestre Belchior partiu da Índia para o Japão, e a causa por que não passou de Malaca e do que nela sucedeu neste tempo”.

<sup>38</sup> Durante o tempo de relativa acalmia dessa viagem o Pe. Melchior Nunes Barreto foi actualizando a sua correspondência. Assim, crê-se ter sido escrita entre Goa e Cochim a carta deste jesuíta, datada de Maio de 1554, que ele enviou, mais tarde, ao Pe. Inácio de Loyola e de cujo *incipit* consta: “Em Janeiro passado de 1554 escrevi a Vossa Paternidade...”. Esta missiva específica foi editada quer pelo Pe. Joseph Wicki, in *DI*, vol. III, pp. 71-90, quer por Rebecca Catz, além de em outras fontes, in *CFMP*, pp. 21-29.

acompanhantes enfrentaram, a cerca de duzentas léguas do porto de Malaca, graves perigos de navegação que iam deitando tudo e todos a perder<sup>39</sup>.

Um dos companheiros deste jesuíta nessa viagem (na sua primeira parte), o Pe. Luís Fróis, numa carta já escrita algum tempo depois em Malaca, em 15 de Dezembro de 1555, regista a dado passo a respeito dessa desventurosa navegação antes de ali chegar:

*...mais de duzentas léguas daqui, querendo atravessar um golfão para haverem vista da costa da China, foi tanta a revolução do mar e a força do vento que a caravela se metia no fundo e fazia tanta água que de todo assentou o padre não ser vontade de Deus haver ele de ir este ano ao Japão<sup>40</sup>.*

### **Em Malaca e dos contactos (distanciados) com as gentes e depois com as terras, do império da China: a atracção por terras desconhecidas e a dificuldade de comunicação**

O Pe. Melchior Nunes Barreto acabaria, no meio de tantos perigos, por conseguir com os homens que o acompanhavam, por aportar ao território português de Malaca, em 5 de Junho de 1554. Decidiram ficar a invernar alguns meses naquele porto. Só depois rumariam, efectivamente, em direcção ao sul da China e ao Japão.

Foi já nessas paragens que este religioso portuense passou a interessar-se por aspectos de natureza social e humana das populações do sul da China. Chegavam àquela possessão do império português, muito frequentemente, notícias daquelas terras. Tal verificava-se, sobretudo, por parte de homens de negócios (portugueses e outros) que já deambulavam por aquelas paragens.

Deste modo aquele religioso, de 34 anos apenas como já referimos, esteve inquestionavelmente, no mês de Maio desse ano, naquele porto português, em contacto com alguns viajantes ali chegados do Império do Meio. Avisado sobre essas terras e gentes sínicas, ele actualizou, junto da Companhia de Jesus (de que dependia) algumas das informações que entretanto ia colhendo. Assim, nessa possessão portuguesa de Malaca, ele redigiu, pouco depois, uma curiosa epístola:

*Aos Irmãos, em Portugal (Malaca, 3 de Dezembro de 1554).*

Este documento foi assinalado já no período setecentista por Barbosa Machado<sup>41</sup>. Essa fonte fazia-se (já então acompanhar), efectivamente, de uma valiosa *Enformação de algumas cousas acerca dos costumes e leis do reino da China que hum homem honrado, que la esteve cativo seis anos contou no colégio de Malaca ao Pe. Mestre Belchior*.

<sup>39</sup> Reportar-nos-emos mais adiante a outras circunstâncias dramáticas de navegação nos mares da China e do Japão.

<sup>40</sup> Esta carta do Pe. Luís Fróis foi também editada por Rebecca Catz, in *CFMP*, p. 80.

<sup>41</sup> Barbosa Machado, *op. cit.* (secção das epístolas conhecidas do autor jesuíta), tomo I, p. 496.

Este manuscrito – que já mereceu várias atribuições de autoria<sup>42</sup> – foi redigido, é bem de ver, não muito depois de algumas das cartas já então conhecidas de outros contactos, por europeus, com as partes do sul do mesmo império, no âmbito de acções diplomáticas como a de Tomé Pires ao serviço de D. Manuel I ou por homens de tráfico<sup>43</sup> (mas não ainda por religiosos ou missionários).

Curiosamente a data que o Pe. Melchior Nunes Barreto após naquela sua referida epístola de Malaca foi a de 3 de Dezembro de 1554. Trata-se precisamente da mesma data que ele apresenta nas epístolas enviadas (do mesmo local), ao Pe. Inácio de Loyola em Roma e ao Pe. Diogo Mirão, provincial da Companhia de Jesus em Portugal<sup>44</sup>.

Na primeira dessas epístolas, por sinal, regista não se sentir apto para o cargo de Provincial da Índia, solicitando a Loyola que, viajando ele agora para o Japão, diligenciasse para o substituir naquele cargo.

<sup>42</sup> A *Enformação...*, conhecida então em Malaca, foi inicialmente atribuída a Fernão Mendes Pinto por José Feliciano de Castilho e, mais tarde, por Cristóvão Aires, com base no facto de ter sido enviada para Portugal pelo Pe. Melchior Nunes Barreto juntamente com uma carta de Fernão Mendes Pinto (Malaca, 5 de Dezembro de 1554). Por este motivo, Adolfo Casais Monteiro e António José Saraiva a integraram nas suas edições da *Peregrinação*. António José Saraiva, por seu lado, comentou todavia que tal informação não apresenta o mesmo “estilo caudaloso e fecundo de Fernão Mendes Pinto..., sendo muito mais seca, ordenada e didáctica do que as suas cartas”. Este historiador supõe, antes, poder tratar-se de um documento elaborado em colaboração com os Jesuítas, para uso da Companhia. Entretanto (e seguimos ainda a síntese de Raffaella d’Intino) George Le Gentil atribui esse mesmo texto a Matheus de Brito, libertado em Cantão no ano de 1555, por interferência do Pe. Melchior Nunes Barreto; e o Pe. Schurhammer identifica o autor anónimo com Manuel de Chaves, que escapou para Sanchuão (onde se encontrava nesse período final da sua vida o Pe. Francisco Xavier) em 1552. Esta última hipótese, porém – e uma vez mais comungamos das conclusões de R. d’Intino – não se configura com credibilidade, na medida em que Manuel de Chaves esteve cativo três para quatro anos e nunca seis. Registe-se, ainda, que Charles Boxer, in *South China in the Sixteenth Century* (1953), nova edição, Bangucoque, Orchid Press, 2004, p. vii, aludiu a tal propósito: “... the *Enformação* states explicitly that the informant had been a prisoner for six years in China, whereas Manuel de Chaves, like Galeote Pereira, escaped after three or four years captivity”.

<sup>43</sup> Assinale-se que o diplomata Tomé Pires (na qualidade de embaixador de D. Manuel) havia chegado a Cantão décadas antes deste jesuíta português, ou seja, já em fins de Outubro de 1517. Havia partido algum tempo depois para Pequim, onde chegara entre fins de 1520 e começos de 1521 (altura em que Jorge Álvares tinha falecido na ilha de Tamão, não muito distante de Macau). Tendo Pires regressado a Cantão, ali acabara por ser aprisionado, com parte do seu séquito, vindo a morrer alguns anos depois. A essa desventurosa missão diplomática e de outros factos relevantes para as primeiras acções de leigos portugueses na China, reportam-se as *Carta de Cristóvão Vieira* (escrita da China em 10 de Novembro de 1524) e a *Carta de Vasco Calvo* (de entre Novembro e Dezembro do mesmo ano). Vejam-se, a este respeito, o trabalho exemplar de Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues* [com preparação antes de 1944, data do prefácio], Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1978, pp. 3-31; Eduardo Brazão, *Apointamentos para a História das Relações Diplomáticas de Portugal com a China, 1516-1753*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1949, pp. 15-38; ou Rafaella D’Intino, *Enformação das Cousas da China (ECC). Textos do Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, pp. 5-53.

<sup>44</sup> Estas duas epístolas foram também divulgadas por Rebecca Catz, in *CFMP*, pp. 29-33 e pp. 34-39 respectivamente.

O Pe. Melchior Nunes Barreto enquanto missionário, naquela fortaleza de Malaca<sup>45</sup>, estava, desde logo, interessado em fazer circular em direcção ao Reino de Portugal as informações sobre a China de que passava a dispor. O grande problema, nesse período, era a dificuldade – para não dizer grande morosidade e lentidão – em fazer chegar ao porto de Lisboa as missivas que se escreviam nessas terras do Extremo Oriente.

Existe, naquela época, curiosa documentação que atesta essas mesmas dificuldades em transmitir da *Ásia Extrema* para a Europa documentação escrita por viajantes que ali se encontravam. Veio a ser o caso sucedido com um outro missionário, também ele jesuíta, o italiano Pe. Matteo Ricci. Cinco décadas depois dos acontecimentos a que nos reportamos, este religioso de Maceratta – chegado ao sul da China em 1583 – numa carta que escreveu em Pequim em 10 de Maio de 1605, e enviada desde Pequim a seu pai, Giovanni Battista Ricci, lamenta as grandes dificuldades para que as suas epístolas familiares e outras cheguem à Europa e possam ser lidas:

*Non so dove vi troverà questa mia [epistola] o nel cielo o nella terra; in ogni evento ho voluto scrivervi (não sei se esta minha carta vos irá encontrar na terra ou já no céu...)*<sup>46</sup>.

Esta postura sobre a morosidade da circulação da correspondência na época, desde a Ásia para a Europa, sendo também conhecida por um outro investigador contemporâneo, Isaia Ianacconne, veio a ser ampliada por ele com novas achegas. Este historiador estabeleceu, a propósito, que “*uma carta [também] de Matteo Ricci, enviada da China ao seu Superior em Roma, levou dezassete anos para chegar à Europa*”<sup>47</sup>.

Terá sido por essas razões – as da morosidade da circulação dos escritos entre a Ásia e a Europa nessa época, numa verdadeira irregularidade e atipicismo de circunstâncias – que tenham ocorrido verdadeiras *variáveis* no tempo de transporte marítimo de correio<sup>48</sup>, e da inerente chegada dessa documentação, como a aludida carta do Pe. Melchior, dessas distantes paragens até ao porto de Lisboa<sup>49</sup>.

<sup>45</sup> Enquanto M. Nunes Barreto e os seus companheiros invernavam em Malaca, durante vários meses, esperando condições de navegação favoráveis para poderem continuar a sua viagem para o Japão, escreveu-lhe de Roma, em 24 de Fevereiro de 1555, o Geral da Companhia, Pe. Inácio de Loyola. Nessa sua missiva (*DI*, vol. III, 1553-1557, pp. 262-264) o fundador dos Jesuítas acreditava que ele ainda se encontrava em Goa, manifestando a sua estranheza de, entretanto, não serem ali conhecidos os trâmites das acções por ele coordenadas (eventualmente) na Índia.

<sup>46</sup> *Matteo Ricci, Lettere*, edição realizada sob a direcção de Piero Corradini, sob os cuidados de Francesco d’Arelli, Maceratta (Itália), Quodlibet, 2001, carta 40, p. 392.

<sup>47</sup> Isaia Ianacconne, “Le voyage de Matteo Ricci et des Jésuites en Chine”, in *La Chine des Ming et de Matteo Ricci (1552-1610). Le premier dialogue des savoirs avec l’Europe* (obra colectiva dirigida por Isabelle Landry-Deron), Paris, Les Éditions du Cerf / Institut Ricci, 2013, p. 152.

<sup>48</sup> Muito desse correio, aliás, era perdido ao longo dos meses e anos, nessas acidentadas viagens de longo curso, com as andanças das naus de porto para porto, entre as cargas variadas de que se fazia acompanhar.

<sup>49</sup> Nessas *variáveis* por nós detectadas, no plano da referida morosidade do transporte do correio nas referidas naus, de retorno ao Reino, duas missivas em particular, por sinal com datas muito próximas, *feriram* a nossa atenção. A carta de Melchior Nunes Barreto, de Malaca, de Maio de 1554, já se encontrava em Barcelona, em 1556, altura em que o impressor Claudio Bernat ali a imprimiu (apenas cerca de um ano e meio depois de ter sido redigida no sudeste asiático) na obra *Copia de diversas cartas*

Muito desse correio, aliás, era perdido ao longo de meses se não mesmos de anos, nessas acidentadas viagens de longo curso. Tal verificava-se com as andanças das naus de porto para porto, com tais documentos depositados no meio de cargas variadas.

Foi já em 1 de Abril de 1555<sup>50</sup>, por sua vez, que o Pe. Melchior Nunes Barreto e alguns outros jesuítas que o acompanhavam, com excepção naturalmente do Pe. Luís Fróis – que ali ficara, inclusive com os livros do respectivo rol (ou *Elenco*) que lhe diziam respeito – decidiu partir de Malaca para o Japão. Já a caminho do Império do Meio – pois para chegarem ao sul do Japão impunha-se-lhes tocarem a costa do sudeste da China – defrontaram-se com novas tempestades (e, até, alguns combates com a pirataria local).

Foi precisamente Fernão Mendes Pinto quem deu testemunho – numa sua carta, escrita mais tarde (já em Macau, em 20 de Novembro desse mesmo ano) desses grandes temores então sentidos por todos esses religiosos quando, na tormentosa navegação daquela nau em que seguiam, estiveram de novo em risco de perder as próprias vidas:

*[algum tempo depois de deixarmos o porto de Malaca] fomos ao longo da costa até à ilha que se chama Pulo Pisão, onde estivemos de todo perdidos com uma muito grande trovoadas que nos deu, e em tanta maneira que, se Nosso Senhor não fora servido de se fazer a vela em pedaços, acabada era a viagem com a ida de todos nós... [e em 9 de Abril] querendo já abocar o estreito de Singapura, varámos com a caravela sobre umas penedias de coral, onde estivemos de todo perdidos...*

Essa tempestade poderá ter ocorrido, certamente, numa região não muito distante da ilha de Sumatra. Existem diversos testemunhos epocais que narram trágicos acontecimentos de navegação nessa mesma região marítima.

O Pe. Melchior Nunes Barreto e os religiosos que o acompanhavam, incluindo o noviço da Companhia, Fernão Mendes Pinto, tinham a felicidade de poder chegar, algum tempo depois, a Sanchuão (uma ilha situada cerca de “trinta léguas do mar de Cantão”) onde estivera e morrera três anos antes o Pe. Xavier. E foi precisamente no local

---

*de algunos Padres y Hermanos de la Compañía de Jesus*, pp. 2vº-13 vº. (Rebecca Catz, *CFMP*, pp. 20-21). Por sua vez quando o mesmo jesuíta, algum tempo depois desta data e já em Macau, em 23 de Novembro de 1555, escreveu uma outra carta, desta feita dirigida aos Irmãos da Companhia de Jesus em Goa (decerto com cópia para conhecimento aos jesuítas de Lisboa), tal conteúdo só foi objecto de publicação em Portugal, na cidade de Coimbra, muito mais tarde, na obra *Cópia de las Cartas...*, oficina de João da Barreira e João Álvares, dez anos depois, ou seja, apenas em 1565. São essas *variáveis* matemáticas na circulação do correio postal dos jesuítas, entre a Ásia e Portugal, que deveriam, na nossa opinião, ser melhor estudadas.

<sup>50</sup> Neste período ainda o rei de Portugal, D. João III, desconhecia naturalmente que o Pe. Melchior tinha deixado um outro irmão da Companhia a ocupar-se do lugar de Vice-Provincial em Goa e que ele tinha partido (já no ano anterior), desde Goa, em direcção às cristandades do Japão. Foi com efeito em fins de Março desse ano de 1555 que o rei de Portugal lhe dirigiu a missiva “D. Ioannis III P. Melchiori Nunes Barreto S.I. V.-Provinciali Indiae” e em cujo *incipit*, depois da saudação régia, se pode ler: “Soube como Nosso Senhor se ouve por servido e levar pera sy o P. M. Francisco (Xavier)”. *DI*, vol. III (Roma, 1954), pp. 268-269. Tudo parece indicar que o jesuíta português só deverá ter visto esta carta régia a si dirigida (se alguma vez a chegou a ver), nos últimos meses da sua vida, quando no final da década de sessenta daquele século se fixou por breve trecho em Goa antes de morrer.

onde fora cavada a sepultura<sup>51</sup> para conservar o corpo do navarro que o jesuíta portuense quis celebrar a sua missa.

### **Os primeiros contactos no terreno com as terras da China (com o Japão próximo, à distância de umas cartas)**

Estando assim então (tal como o Pe. Xavier estivera) *às portas da China*, num anexo a uma das cartas que então dali escreveu, na segunda metade de 1555, há uma passagem que lhe abre, por assim dizer, as perspectivas para um novo mundo da catequização europeia da Ásia e do Japão em particular. É quando ele escreve – tal como assinala o Pe. Joseph Wicki na edição da *História do Japão*, do Pe. Luís Fróis – esta passagem a todos os títulos paradigmática: *Com esta vai huma carta do tono de Firando [no Japão] que me escreveo*<sup>52</sup>. Eis o teor dessa missiva diplomática que abre, por assim dizer, um novo caminho para a cristianização do Japão:

*[Cópia da carta de Firando para o Pe. Mestre Belchior]*

*O Pe. Mestre Francisco veio aqui a esta minha terra, aonde fez alguns christãos, o qual a mim me deo grande contentamento, e a elles favoreço muito, e não consinto que se lhes faça nenhum agravo. Também veio outras duas vezes o Padre que reside em Bungo [Pe. Baltazar Gago] e baptizou alguns de meos parentes e outras pessoas nobres. Eu ouço algumas vezes pregações que me parecem mui bem, e guardo suas palavras em meo coração e estou mui perto de ser christão. Receberia prazer que V. R<sup>a</sup>. viesse a esta terra, aonde lhe farei a honra e bom tratamento que eu puder. Em Firando...*<sup>53</sup>

Um esclarecimento adicional, ou seja, nova luz sobre esta problemática, veio a ser trazido, já ao longo do século XX, nos fins da década de quarenta, pelo historiador Léon Bourdon. Tal ocorreu com a descoberta e edição da carta inédita, enviada de Hirado (no sul daquele mesmo arquipélago nipónico), em 15 de Setembro de 1555, por Luís de Almeida ao Pe. Melchior Nunes Barreto<sup>54</sup>.

Eis uma parte essencial dessa carta do P. Luís de Almeida para o referido Pe. Melchior:

<sup>51</sup> Manuel Cadafaz de Matos, “...Uma edição da *Relatio Sepulturae... S. Francisco Xaverio erectae*, Pequim, de c. 1710”, in revista Silva, *Estudios de Humanismo y Tradición Clássica*, nº. 6, Léon, 2007, pp. 59-90.

<sup>52</sup> Pe. Luís Fróis, S.J., *História de Japam*, vol. I (1549-1564), edição de Joseph Wicki, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1976, p. 97. Esta missiva vem provar, portanto, que aquele alto dignitário nipónico tinha conhecimento da rota em que o Pe. Nunes Barreto e os jesuítas que o acompanhavam, tentando alcançar Kyushu, no sul do Japão.

<sup>53</sup> Pe. Luís Fróis, *História de Japam*, edição ant. cit., I, pp. 97-98.

<sup>54</sup> Léon Bourdon (apresentº.) “Uma carta inédita de Luís de Almeida ao Padre Melchior Nunes Barreto (Hirado, 16 de Setembro de 1555)”, in revista *Brotéria*, Lisboa, Casa dos Escritores da Companhia de Jesus, s.n., 1950, pp. 186-197.

*Crea [Vossa Reverência Pe. Melchior] que huma das cousas de que mais gosto levo, hé que per fim deste tempo trara nosso Senhor a Vossa Reverência a esta terra pera em tudo se cumprir, declarandolhe minha determinação e vontade que me nosso Senhor der a sentir neste tempo que qua fico [no sul do Japão]. // Senhor, la vai Nuno Alvarez deste porto pera a China, o qual me leva dous mil cruzados péra me laa fazer em fazenda e tornarmos a trazer este porto. Porque sendo caso que Vossa Senhoria aja mister dinheiro, nelle achara todo o que ouver mister, principalmente não avendo navio que pera quaa venha, que o possa trazer e o quizer comprar. Nuno Alvarez leva lembrança pera tudo o que Vossa Reverência determinar se fazer...<sup>55</sup>*

O Irmão Luís de Almeida chega a considerar ainda, nesta mesma epístola, a possibilidade de o Pe. Belchior se encontrar ainda em Malaca<sup>56</sup>. Essa hipótese, como se viu, não se confirmou, pois ele já se encontrava no sul da China.

Não foi longa a permanência desse grupo de missionários que integrava o Pe. Melchior e alguns dos seus companheiros da Companhia de Jesus, naquela região insular de Sanchuão. Continuando a sua viagem na costa sudeste da grande China, em 3 de Agosto desse mesmo ano acostavam ao porto da ilha de Lampacau, onde permaneceram algum tempo, não inferior, segundo cremos, a três meses.

Partindo dali com aqueles que o acompanhavam, em 20 de Novembro, já se aproximava, naquela embarcação, de Macau e das ilhas em seu redor. Em 23 do mesmo mês, já o Pe. Melchior tinha recebido a carta nipónica do Irmão Luís de Almeida. Nesse mesmo dia, com efeito, este vice-provincial, escrevendo da ilha de Lampacau (não muito distante de Macau) uma carta aos seus Irmãos da Companhia – epístola esta que não foi publicada na correspondência da sua autoria pelo Pe. Joseph Wicki. De tal modo é rica esta carta, em termos de informações sobre a China, que ela possibilita – tal como sucede com o texto de Boccaccio, do século XIV, *De Canaria* (ver quadro anexo) – um enquadramento quase global das informações que deviam na época acompanhar o descobrimento de novas terras.

<sup>55</sup> Desta epístola subsistem cópias na Biblioteca da Ajuda (49-IV-49), na Academia das Ciências de Portugal e no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Agradecemos ao Pe. Trigueiros, da Casa dos Escritores da Companhia de Jesus em Lisboa, bem como ao secretariado da revista *Brotéria*, terem-nos disponibilizado, para efeitos deste estudo, uma cópia do referido artigo de L. Bourdon e, inerentemente, da carta quinhentista nipónica do Irmão Luís de Almeida.

<sup>56</sup> Luís de Almeida mais adiante, referia, com efeito, nessa missiva: *E sendo caso que não esteja na China e sabendo que está em Malaqua, lhe mando que mande a Vossa Reverência hún bar [bay, numa outra lição de texto] de seda por via do bacharel Afonso Gomes, que lhe dee laa o dinheiro pera se vender em Malaqua per ayuda de seu aviamento pera estas partes...*

Ao Prof. Vittore Branca (1913-2004)

**Modelo ou PROGRAMA descritivo  
das relações de viagem e descobrimento  
para os séculos XIV-XVI**

**na perspectiva da epístola de M.N. Barreto, SJ, de Macau, 23-11-1555**

**Modelo referência:** *De Canaria* (1342/56) mss. desc<sup>o</sup>. por Seb. Ciampi, séc. XIX, *apud* Prof. Vittore Branca, 1993: 10-15

**Contexto:** sul China, 1555 (ep<sup>a</sup>. imp<sup>a</sup>. Coimbra 1570) *apud* Prov<sup>a</sup>. Comp<sup>a</sup>. Jesus

I-	Relação oficial sobre a navegação com os dados introdutórios sobre datas, protagonistas, ou objectivos da viagem.	I-Carta M.Barreto(1555) objectivos da viagem: missionação; e tomada de três cativos lusos.
II-	Informação narrativa do primeiro encontro com as novas terras e os seus indígenas.	II-Região Cantão;nativos formas de administr <sup>o</sup> . território e da justiça
III-	Prossecação da viagem até novos lugares.	III-Sé da cidade Cantão, às imediações dessa urbe
IV-	Considerações mercantis e económicas, bem como o retrato antropológico das populações encontradas.	IV-Utilização de âmbar, como moeda-troca para libertar Mateus Brito;sen tido antropol <sup>o</sup> . do âmbar

Cada um destes quatro aspectos programáticos, documentado no texto *De Canaria*, de Boceaccio (de 1342-1356), encontra-se presente e serve de MODELO, em traços gerais, nas RELAÇÕES DE DESCOBRIMENTO e de viagem pré-colombinas, colombinas e pós-colombinas;

e, neste último âmbito, na *Carta que escreveu o Pe. Melchior, de Macau, porta da China, aos Irmãos do collegio de Goa*, em Novembro de 1555, primeiramente publicada na edição das *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que andão nos Reynos de Japão*, Coimbra, António de Mariz, 1570.

©.mem/1997

Na aludida carta, Melchior N. Barreto é bem explícito quando se refere a Luís de Almeida:

*Este mesmo homem [o irmão Luís de Almeida desde há pouco no Japão] vendo q. eu não achegava ao Japão, crendo q. poderia ser por falta de embarcação, entregou dous mil crusados a um amigo pera ho negociar se fosse neçecario pera irmos a Japão.. Mas por a bondade de Deus não nos serão neçecarios. porq. ha aqui dous ou tres navios q. se fazem prestes pera ir per la em vindo monção...<sup>57</sup>*

De Macau a Lampacau distam cerca de seis léguas. O Pe. Francisco de Sousa, no *Oriente Conquistado*, deixou um breve mas curioso testemunho acerca do breve apostolado do Pe. Melchior Nunes Barreto quer na cidade de Macau quer na região de Lampacau: “Este foi o primeiro Ministro do Evangelho, que em tempo dos Portugueses entrou na

<sup>57</sup> Cristóvão Ayres, Fernão Mendes Pinto – Subsídios para a sua Biographia e para o estudo da sua obra, Lisboa, 1904, p. 90; Léon Bourdon, “Uma carta inédita...”, edição ant. cit., p. 187.

*terra firme da China*<sup>58</sup>, antecedendo outros religiosos que ali chegariam não muitos meses depois<sup>59</sup>.



Mapa configurando as regiões de Macau, de Lampacau e de Cantão (*apud* Rafaella D'Intino, 1989); e xilogravura a representar Macau, no período quinhentista

<sup>58</sup> Pe. Francisco de Sousa, *OCJC*, parág. 12.

<sup>59</sup> Este mesmo cronista registou, com efeito, que logo no ano seguinte, de 1556, “entrou Fr. Gaspar da Cruz, Religioso de S. Domingos: e posto que ambos pregaram com muito zelo a Lei de Christo, não consta que baptissem algum paisano”.

A respeito da sua evangelização nestas paragens da China, o Padre Fróis (que havia, como se viu, ficado algum tempo em Malaca), foi acompanhando epistolarmente os avanços entretanto verificados nos esforços de evangelização destas novas terras e gentes *conquistadas* pela Companhia de Jesus para a fé de Cristo. Escrevendo de Malaca, em 7 de Janeiro do ano seguinte, ou seja, já de 1556, ele regista que o Padre Melchior Nunes baptizara primeiramente na China *oito Japões*, que foram de Sunda na nau de Diogo Pereira.

O interesse do jesuíta português foi, então, prolongar o terreno de acção missionário em Macau até à região portuária de Cantão. A epistolografia conhecida do Pe. Melchior Nunes Barreto permite estabelecer que ele esteve por duas vezes, em Cantão. A interpretação dos historiadores, a tal respeito, porém, tem variado. Para uns tal sucedeu em Julho e Agosto desse ano de 1555, para outros ocorreu numa primeira instância em 1555 e numa segunda, já no ano seguinte.

Quanto a essa primeira vez, Belchior Nunes Barreto foi bem explícito:

*Duas vezes depois de aqui chegar fui a Cantam, e de cada huma estive lá um mes...*<sup>60</sup>

Nessa ocasião ele foi tentar livrar do cativo três portugueses, com três outros cristãos da terra, presos no tronco de Cantão. Um daqueles portugueses era fidalgo, com o nome de Mateus de Brito<sup>61</sup>. Ele considerava esses indivíduos pessoas honradas e que não mereciam estar há já algum tempo em tão gravosas circunstâncias.

Essa primeira observação da cidade – que numa epístola posterior do mesmo jesuíta (escrita já no seu regresso à Índia, em Cochim, em 10 de Janeiro de 1558) – não era à época dessa sua primeira estadia em 1555, voltará ele de novo a recordar, uma cidade onde reinasse a calma. Tinham ali chegado, com efeito:

*umas novas estranhas que nos meteram em muito espanto. Scilicet: que na provincia de Sanci... saíram de baixo da terra muitos gorgolões de água, os quais alagaram perto de sessenta leguas da terra em redor, onde ficaram subvertidas sete cidades, afora muitas vilas e aldeias, e morrendo toda gente de toda aquela provincia, só um menino de sete anos dizem que se salvou, em um pau, porque de todos os outros dizem que se algum podia escapar da água, caía fogo do céu que os queimava... O chaem, que é o principal regedor da terra de Cantão, por lhe ali morrer também seu pai e família, deixou o cargo... e foi à terra alagada com grande luto...*<sup>62</sup>

Pouco tempo depois<sup>63</sup> daquela sua primeira deslocação a Cantão (como referimos atrás), o jesuíta português deslocou-se de novo àquela mesma cidade do sul da China,

<sup>60</sup> Rafaella D'Intino, *ECC*, p. 145.

<sup>61</sup> Saliente-se que, como atrás referimos (em nota), sobre a *Enformação das cousas da China* que este prisioneiro, ao fim de quatro anos acabaria por ser libertado.

<sup>62</sup> Rebecca Catz, Carta de Melchior Nunes Barreto, da referida cidade de Cochim (de 1558), *CFMP*, p. 102.

<sup>63</sup> Esta passagem tem suscitado, a diversos investigadores deste tema, díspares interpretações. Para alguns historiadores, M. Nunes Barreto voltou a Cantão “um mês depois”. Quanto a Jose Eugenio Borao (no seu já referido trabalho de 2009, num quadro apresentado na p. 6), opina que o jesuíta português se deslocou a “Guanzhou”, um mês ainda em 1555 e mais um mês, mas já em 1556.

levando já o resgate dos referidos presos portugueses, no montante de 1500 pardaos. Essa verba tinha sido recolhida entre os portugueses de Macau. Depositada essa quantia naquela cidade, com vista a ser entregue ao *Chaem* (o principal Regedor da cidade), o missionário lusitano pretendia libertar tais compatriotas do cativoiro<sup>64</sup>.

Ele tinha levado, inclusivamente, para reforçar o seu interesse na libertação destes portugueses, para além da referida importância pecuniária, um pouco de âmbar cru (no documento original, *ambre*)<sup>65</sup>. Tratava-se de um presente que o imperador da China andava a procurar, há alguns anos, crendo que o âmbar lhe poderia garantir a longevidade da vida.

O jesuíta viu gorados os seus esforços e as grandes expectativas que levava nesse mesmo sentido. Esses cativos encontravam-se ali em condições consideradas desumanas, com as mãos metidas em cepos e com tábuas encaixadas no pescoço nas quais se lia o seu crime e cada um tinha sua cadeia de ferro nos pés. Era seu crime terem dado à costa nas praias da China, estando ela de guerra com os portugueses. Nestas circunstâncias não restou ao Pe. Melchior Nunes Barreto senão voltar ao porto de *Machivan* (Macau), dali saindo pouco depois para a ilha de Lampacau.

Essas estadias do Pe. Melchior Nunes Barreto ocorriam cerca de quatro décadas depois da acção de Jorge Álvares na região. Em resultado de tais permanências (não muito dilatadas no tempo) do referido jesuíta portuense em Macau, em Lampacau e em Cantão<sup>66</sup>, conhecem-se ou foram conhecidas, da quarta semana de Novembro de 1555, pelo menos, duas cartas de sua autoria. São elas a já referida:

*Carta que escreveu o Pe. Mestre Belchior, de Macau, porto da China, aos Irmãos do collegio de Goa*<sup>67</sup> escrita em 23 de Novembro de 1555<sup>68</sup>; esta missiva é por vezes

<sup>64</sup> O investigador Jose Eugenio Borao, da Universidade de Taiwan, também baseado na correspondência de Melchior Nunes Barreto, aludiu também a estas suas duas estadias em Cantão, no seu estudo “Macao as the non entry point do China: The case of the Spanish Dominican Missionaries (1587-1632)”, in *International Conference of the Role and Status of Macao in the Propagation of the Catholicism in the East*, Macau, Instituto Politécnico de Macau, 3-5 de Novembro de 2009, p. 2. O Pe. Manuel Teixeira, in *A Igreja em Cantão* (Instituto Cultural de Macau, 1996, p. 18), também sustenta, tal como nós próprios, que essa segunda viagem do jesuíta a Cantão já decorreu no ano seguinte (o da sua partida para o Japão). Veja-se, ainda, Joseph Sebes, “The Precursors of Ricci”, in Charles E. Rouan and Bonnie E. C. Oh, editores, *East meets west: The Jesuits in China 1582-1773*, Chicago, 1988, pp. 27-31.

<sup>65</sup> O botânico Garcia de Orta (c. 1500-1560), presumivelmente por este período já andava a congeminar na redacção da sua obra, *Colóquios dos Simples e Drogas* (que veio a ser impressa, oito anos depois desta carta de M. Nunes Barreto que aqui seguimos, na Índia, em Velha Goa, em 1563). Nesse trabalho, que pelo seu carácter científico precursor correu mundo, o autor português dedica o capítulo 3, nos diálogos entre Orta e Ruano, a algumas das mais pertinentes questões, para a época, sobre o âmbar.

<sup>66</sup> A carta do “Pe. Mestre Belchior, de Macao” de 23 de Novembro de 1555, a que nos referimos adiante, permite reconstituir claramente as suas duas viagens a Cantão e as suas andanças, nesse período, entre Macau e Lampacau (veja-se, em particular, R. D’Intino, *ECC*, p. 143). Tivemos ensejo de reconstituir em Dezembro de 1994, numa acção de pesquisa feita na China e no Japão, as suas empolgantes viagens de missão entre o sul da China e aquele lendário império e as terras de Kyushu.

<sup>67</sup> Segundo o registo desta carta estabelecido pelo bibliógrafo Barbosa Machado, além de tal epístola, no respectivo título ser dirigida aos Irmãos de Goa era também endereçada aos Irmãos de Portugal e Roma.

<sup>68</sup> *Iesus. Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que andão nos Reynos de Japão escreverão*

*também referenciada como aos Irmãos da Índia, Portugal, e Roma, e principia (após as saudações) pela expressão O anno passado de 1554;*

Bem como uma outra:

*Carta escrita de Macao a 21 de Novembro de 1555 aos Pes. de Goa* (esta outra missiva escrita por este missionário, sendo anterior em dois dias, consta de nove folhas e já no século XVIII, ao período do levantamento bibliográfico de Barbosa Machado, se encontrava “no *Archivo da Casa Professa em Lisboa*” da Companhia de Jesus)<sup>69</sup>.

A correspondência estabelecida pelo missionário portuense com a menção de origem “*do porto da China*” (Novembro de 1555), segundo Rafaela D’Intino, é documentação muito importante porque constitui a primeira descrição da vida e da sociedade chinesa redigida por um religioso do século XVI. Ela resume os elementos de um vasto leque de cartas jesuíticas escritas nesse mesmo período, quando a cultura, a sociedade e a religião do Império do Meio continuavam ainda praticamente desconhecidas, sendo imaginadas a partir das ilhas da baía cantonesa<sup>70</sup>.

Esta mesma documentação apresenta, por outro lado, pontos em comum com outras *Enformações* conhecidas. E tem a particularidade de acrescentar toda a aliciante análise de uma carga programática que visava a conversão dos gentios<sup>71</sup>.

Assinale-se, ainda, que em alguns desses itinerários do Pe. M. Nunes Barreto por terras do sul da China ele continuava na companhia de Fernão Mendes. Este último, decerto, iria anotando, já então (com a sua prodigiosa memória, utilizada muito mais tarde nos escritos mnemónicos produzidos na sua casa dos arredores de Lisboa, no Pragal, junto a Almada), com alguns dos acontecimentos e experiências marcantes com que se confrontava, em particular na sua relação com este jesuíta que ele tanto admirava<sup>72</sup>.

---

*aos da mesma Companhia da Índia...*, edição ant. cit. (1570), [nº. 15], fls. 90vº-104. Esta carta voltou a ser impressa em Évora, na oficina de Manoel de Lyra, em 1598, Parte 1, fl. 32 vº. (e muito mais tarde, pelo Pe. António Franco, in *Imagem da Virtude do Collegio de Coimbra*, tomo 1. pp. 366-374). Essa mesma carta conheceu, no século XVI, uma vasta difusão internacional, um pouco por toda a Europa. Foi traduzida em latim na obra *Epistol. Japanic.*, editada em Lovaina, na oficina de Rutgerum Velpium, em 1569, pp. 131-159. & *ibib per eumd.* tipª., em 1570, pp. 127-144. Em língua castelhana foi editada em Alcalá de Henares, por Juan Iniguez de Lequerica, em 1575, fl. 63 vº. e em italiano saiu em Veneza, na oficina de Michaelé Tramezzino, em 1565, p. 263 vº. Recentemente a presente epístola *macaense* deste jesuíta voltou a ser editada (e comentada) por Rafaela D’Intino, in *ECC*, pp. 135-145.

<sup>69</sup> Esta outra epístola *macaense* do Pe. Melchior Nunes Barreto foi vertida para a língua castelhana pelo Pe. Cipriano Soares S.J., tendo saído impressa em Coimbra, na oficina de João Álvares e de João da Barreira, em 1565, p. 187; a mesma tinha já sido traduzida anteriormente em italiano e sido impressa em Veneza, na oficina de Tramezino, em 1559.

<sup>70</sup> Rafaela D’Intino, *ECC*, em torno da correspondência deste jesuíta.

<sup>71</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>72</sup> Fernão Mendes Pinto, *História da sua Peregrinação*, capítulos 219 e 225.

# OFÍCIOS DE ARTILHARIA NA CIDADE DE MACAU NO FINAL DO SÉCULO XVI E INÍCIO DO SÉCULO XVII

Tiago Machado de Castro

## Introdução

Manuel Tavares Bocarro, “*O Grande Fundidor*”, tal como foi apelidado por Valdez dos Santos, na obra clássica, que a ele lhe dedica, constitui a figura de partida que motivou esta investigação sobre os ofícios de artilharia em Macau<sup>1</sup>. Ao longo da obra vai sendo descrito, sempre em torno da figura do fundidor, o processo de introdução da fundição de artilharia de Macau e o interesse estratégico que ela representou para o Estado da Índia português, no aproveitamento dos fluxos comerciais de metal que passavam por aquele porto, principal motivador para a criação desta unidade de produção de artilharia. Com a artilharia aí fundida pretendia-se guarnecer a praça, nó fundamental das carreiras comerciais portuguesas com o Extremo-Oriente, e fornecer os arsenais do restante Estado da Índia.

Foi a partir da existência desta unidade de produção e do peso histórico que o seu mestre-fundidor ostenta, que se formulou a pergunta fundamental que orienta esta investigação: Quais são os ofícios de artilharia, de guerra e civis, presentes na cidade de Macau no século XVI e inícios do XVII? Partindo de um conjunto documental de referência, foi sendo possível, em etapas anteriores, aferir a dimensão das guarnições de bombardeiros e os ofícios artilheiros existentes no Oriente português, dentro da mesma cronologia, sobressaindo deste processo a ausência de dados concretos sobre os oficiais presentes na cidade de Macau. É esta lacuna que este trabalho pretende preencher.

## Bombardeiros no Estado da Índia: síntese e documentação de referência

Desde os reinados do século XV que se verificou um interesse da Coroa portuguesa na contratação e manutenção de um corpo de artilheiros que servissem a sua navegação e rede de fortalezas. Numa primeira etapa estes especialistas vieram como agentes da introdução desta arte, trazendo o conhecimento tecnológico e de guerra que se praticava

---

<sup>1</sup> Veja-se nesta obra de referência sobre a história da artilharia portuguesa, informação sobre a carreira do mestre-fundidor, instalação da fundição de artilharia de Macau, descrição de peças que fundiu e bibliografia que a suporta: SANTOS, Nuno Valdez dos, *Manuel Bocarro, O grande fundidor*. Lisboa, Comissão de História Militar, 1981, *passim*. Consulte-se ainda para Manuel Tavares Bocarro: VITERBO, Francisco de Sousa, *Fundidores de artilharia*. Lisboa, Typ. Universal, 1901, p.28. Para a fundição de Macau veja-se: RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, “Mestres Fundidores Portugueses na China”, *Portugal-China: 500 anos*. Coordenação Miguel Castelo-Branco, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2014, pp.158-163.

na Europa. Com o aproximar do final do século XV, e na entrada para o XVI, verificou-se uma especialização maior, cabendo aos mestres de artilharia a confeção das peças e dos meios de artilharia e aos bombardeiros e seus condestáveis um papel de combatente, utilizador do instrumento bélico e ligados à produção local de pólvora<sup>2</sup>. Os números destes contratados foram também aumentando com o correr dos anos, sendo visíveis de duas formas: a primeira pela quantidade de registos de cartas de privilégio a bombardeiros constantes nas chancelarias régias, com algumas dezenas até ao reinado de D. João II, na entrada do século XVI, com D. Manuel, e nos posteriores reinados com números que ultrapassam as centenas; numa segunda forma, com a atribuição em 1505 de um privilégio dirigido a todos os bombardeiros, dando-lhes uma configuração de corpo militar coletivo, abandonando-se a prática anterior de atribuir privilégios em nome individual aos especialistas de artilharia<sup>3</sup>. O ritmo de aquisição de especialistas de artilharia, acompanha o aumento da dimensão geográfica da presença portuguesa no Oriente, refletido no crescente número de posições fortificadas e dos meios navais que as interligavam, e naturalmente, em suporte disto, de todo um oficialato administrativo.

A organização dos artilheiros da Coroa portuguesa que vemos desenhada no Oriente, na extensão do século XVI, consistia de guarnições de bombardeiros nas fortalezas, encabeçados por um condestável. À cabeça dos artilheiros estantes na Índia estava o condestável-mor, cargo colocado no círculo administrativo próximo ao governador e de nomeação ou confirmação régia, a quem cabia a organização e distribuição deste recurso humano pelas fortalezas, dentro das regras e determinações administrativas do Estado da Índia<sup>4</sup>. Onde se pode ver a maior parte das suas competências que cabiam a este cargo, é numa carta de serviços redigida por João Luís, mestre de artilharia e condestável-mor da Índia, a D. João III em 1545, momento em que se preparava a defesa do Estado da Índia contra a investida Otomana, que resultou no segundo cerco de Diu. Dentro destes preparativos, João Luís, dá conta do efetivo que colocou em cada uma das fortalezas do Estado da Índia, oferecendo-nos uma imagem do dispositivo geral e dos locais que a sua competência abrangia, sendo a sua distribuição a seguinte: Ormuz 20; Diu 20; Baçaim 12; Chaul 6; Chalé 5; Cranganor 2; Cochim 5; Coulão 5; Malaca 10; Maluco 7.

<sup>2</sup> Para esta questão veja-se principalmente: PISSARRA, José Virgílio, “Armamento Naval”, *História da Marinha Portuguesa. Navios, marinheiros e arte de navegar, 1500-1668*. Coordenação de DOMINGUES, Francisco Contente, Lisboa, Academia de Marinha, 2012, pp. 137-177; Idem, “A indústria portuguesa de artilharia nas primeiras décadas do século XVI: um estudo introdutório”, *Vasco da Gama: homens viagens e culturas: actas do congresso internacional*. Coordenação Joaquim Romero Magalhães e Jorge Manuel Flores. vol. I, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 347-395; RUBIM, Nuno José Varela, “O armamento pirotécnico (até finais do séc. XVI-inícios do séc. XVII)”, *Pera Guerrejar: armamento medieval no espaço português*. Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000, pp.223-243.

<sup>3</sup> CASTRO, Tiago Machado de, “Bombardeiros da Nómima: documentos sobre os privilégios e o vínculo à coroa nos reinados de D. Manuel I e D. João III”, comunicação escrita apresentada no *III Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna*, Universidade de Évora, 16, 17 e 18 de Maio de 2013, pp.2-12.

<sup>4</sup> Ocupantes conhecidos deste cargo no século XVI são: João dela Camara, João Luís e André Fernandes. Para os dois primeiros veja-se: CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia: Os homens e as artes da artilharia portuguesa (1498-1557)*. Lisboa, [s.n.], 2011, pp.69-90.

Em Goa, declara o condestável-mor, está concentrada a armada e o excedente dos bombardeiros da Índia, que são em número de cento e trinta, considerando ainda que para o bom serviço da armada necessitava de duzentos<sup>5</sup>. Entre outros casos, como o das fortalezas da costa oriental africana, nota-se a ausência de Macau desta lista.

Para o período anterior a esta carta de 1545, não temos conhecimento de nenhuma outra relação que indique, da mesma forma que esta carta de João Luís o faz, uma distribuição geral do efetivo de artilheiros existente na Oriente, assentando tudo o que se conhece em recolhas parcelares, oriundas de folhas de pagamentos de locais específicos<sup>6</sup>. Na cronologia que sucede esta carta a situação é diferente com a existência de um conjunto de relações e orçamentos, que fornecem uma visão bastante precisa do oficialato pago pela Coroa por serviço no Oriente. Vítor Rodrigues, nos seus trabalhos de investigação, estruturou em tabelas os dados relativos às guarnições militares das diversas posições portuguesas no Oriente, permitindo uma visão da evolução da “*Ordem de batalha*” do Estado da Índia desde o ano de 1554, data do *Tombo de Simão Botelho*, até 1622, com a *Relação das rendas que a fazenda de S. Magestade tem em cada hum anno no Estado da Índia*<sup>7</sup>. Ao conjunto analisado por Vítor Rodrigues, acrescentou-se neste trabalho o *Orçamento do Estado da Índia 1571* e a descrição das fortalezas da Índia portuguesa feita

<sup>5</sup> João Luís indica que este procedimento foi feito com mandados do governador, pedidos por ele. Para a transcrição desta carta de serviços veja-se Luís de Albuquerque, ALBUQUERQUE, Luís de, “Cartas de ‘serviços’ das Índias (1500-1550)”, *Mare Liberum: Revista de história dos mares*. Director Luís de Albuquerque, nº1, Lisboa, CNCDP, Dezembro de 1990, pp.365-366. Para a versão transcrita desta e de outras cartas do mesmo condestável e comentários, veja-se. CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia* [...], pp. 173-175 e 85-90.

<sup>6</sup> Vejam-se os casos de Cochim em 1514 e de Cananor em 1518-1520, compilados em tabela com as devidas cotas arquivísticas: CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia* [...], anexos IX e X, pp.181-185.

<sup>7</sup> 1554 – Simão Botelho, *Tombo do Estado da Índia*. Publ. Por R. J. Lima Felner em *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1868; 1564-1570 – *Regimentos das Fortalezas da Índia*. Publ. por Panduronga S.S. Pissurlencar, Goa, Tipografia Rangel, 1951; 1574 – António de Abreu, *Orçamento do Estado da Índia, 1574*. Publ. por Vitorino Magalhães Godinho, *Les Finances de L’Etat Portugais des Indes Orientales (1517-1635)*. Paris, FGC/CCP, 1982; 1581 – Simão do Rego Fialho, *Livro do Orçamento do rendimento de todas as fortalezas do Estado da Índia e das despesas ordinárias que fazem em cada hum anno, lançadas em seus titolos cada hum per sy, anno de 1581*. Publ. por Artur Teodoro de Matos, *Estado da Índia nos anos de 1581-1588, estrutura administrativa e económica, alguns elementos para o seu estudo*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982; 1588-1590 – *Orçamento do estado da Índia*. British Library, Add.28433. fls. 75-157; 1607 – Luiz de Figueiredo Falcão, *Livro em que se contem toda a Fazenda e Real Patrimônio dos Reinos de Portugal, Índia e Ilhas adjacentes e outras particularidades*. 2ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859; c.1612 – Francisco Pais, *Relação de todo o rendimento e despesa do Estado da Índia feita poucos annos antes de 1612*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *Códice das Rendas da Índia*, 2-2-19, doc. 18, fls. 325-369; c.1622 – Simão Soares, *Relação das Rendas que a fazenda se S. Magestade tem em cada hum anno no Estado da Índia Oriental e dos ordenados, ordinárias, tenças e soldados que em cada hum anno se pagão das ditas rendas, e de outras despesas que dellas fazem, e dos sobejos que ficam*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *Códice das Rendas da Índia*, 2-2-19, doc.1, fls. 1-49. Todos estes títulos e notas de publicação não estão indicados na bibliografia geral deste artigo. Veja-se: RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, *A evolução da Arte da Guerra dos Portugueses no Oriente (1498-1622)*. tomo II, Lisboa, IICT/ CEHCA, 1998, *passim*.

por António Bocarro, de 1635<sup>8</sup>, que sendo a mais tardia deste conjunto constitui o limite cronológico destes dados. A frequência temporal entre os documentos é de pelo menos dez anos, suficientemente satisfatória para obter uma imagem da evolução no tempo do dispositivo de artilheiros e demais guarnições militares, o que noutra vertente, interessante de ser estudada, constitui uma ferramenta comparativa para aferir a evolução da importância estratégica de um local, a partir da evolução da sua guarnição militar.

No resultante deste processo de recolha consegue-se observar, em quase todos os casos, os locais onde existia uma guarnição de artilheiros, expressa na enumeração do contingente existente, ou pelo menos projetado, apresentando o valor dos vencimentos anuais que auferiam. Alguns dos casos, em certas datas, apontam apenas a presença de um condestável de artilharia, inferindo-se a partir desta figura a existência de um conjunto de artilheiros servindo às suas ordens. Dando apenas alguns exemplos vejam-se os casos de Diu e Ormuz com quinze bombardeiros em serviço em todas as datas apresentadas, Malaca com dez bombardeiros ao longo de todo o período.

Sobre Cananor, como exemplo selecionado de uma visível variação de efetivo, que reflete a sua importância estratégica dentro do Estado da Índia português, nota-se que nos primeiros anos do século XVI, a sua guarnição oscila entre seis e dez elementos, de acordo com diversas folhas de pagamento. Mais tarde, no período de 1532-1533, surgem explicitamente marcados apenas dois ou três bombardeiros, para em 1545, na mencionada carta de João Luís, serem seis bombardeiros, sendo que a partir daí, entre 1554 e 1612, se retorna ao valor de dois a três elementos, voltando à indicação de um condestável e seis bombardeiros no ano de 1622<sup>9</sup>.

Certamente se notou que num trabalho dedicado a Macau, até aqui foram inexistentes dados sobre a cidade, à semelhança do que encontramos para outros locais. Primeira referência à cidade, dentro do citado conjunto de orçamentos e relações ocorre apenas em 1580, onde se menciona a não existência de um capitão permanente, cabendo este ofício ao capitão da viagem do Japão quando está presente na praça, e os cargos judiciais de ouvidor e escrivão desse cargo, cujo ordenado não depende da fazenda régia<sup>10</sup>. A segunda ocorre em 1635, portanto no extremo do mesmo conjunto, e com apenas alguns dados sumários sobre a sua guarnição militar: um capitão geral com cento e cinquenta soldados<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> MATOS, Teodoro, *Orçamento do Estado da Índia 1571*. Lisboa, CNCDP/Centro de Estudos Damião de Góis, 1999, *passim*; BOCARRO, António, *Livro das plantas de todas as fortalezas, Cidades e Povoações do estado da Índia Oriental*. 2 vols. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992, *passim*.

<sup>9</sup> Para todos estes dados veja-se: RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, *A evolução da Arte da Guerra dos Portugueses no Oriente (1498-1622)*. tomo II, [...], pp.460-461; CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia* [...], pp.183-185; “Pagamentos de soldos à guarnição da fortaleza [de Cananor]”, ANTT, Contos do Reino e Casa, Núcleo Antigo 623, *passim*.

<sup>10</sup> LUZ, Francisco Mendes da, *Livro das Cidades, e Fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e das Capitánias, e mais Cargos que nelas há e da Importancia delles*. *Manuscrito Inédito publicado e prefaciado por* [...]. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1952, pp.104-107. Para dados comentados sobre estes cargos e a questão da capitania de Macau, nos finais do XVI, veja-se: BARRETO, Luís Filipe, *Macau: Poder e Saber, séculos XVI e XVII*. Lisboa, Editorial Presença, 2006, pp.144-148.

<sup>11</sup> BOCARRO, António, *Op. Cit.*, vol.II, pp.261.

## Defesa de Macau: algumas referências

No período anterior ao ano de 1622, a documentação consultada não devolveu resultados que indicassem de forma precisa se existia, e qual era a composição e forma vínculo, da guarnição de artilheiros da cidade de Macau. Foram encontradas diversas descrições de ações militares que envolveram artilharia, tanto na defesa da cidade como em armadas e navegação com ligação a Macau<sup>12</sup>. Existe então um longo período, desde meados do século XVI, em que a real presença de artilheiros tem de ser apenas inferida a partir do estrondo de alguns disparos, dentro da lógica que a existência de artilharia implica a que existam bombardeiros para a servir. Pela falta de elementos concretos sobre quem protagoniza estes disparos e pela não existência de referências a uma guarnição formal de artilheiros na cidade de Macau, temos de considerar a existência de indivíduos com a mínima capacidade de utilizar artilharia. Sendo Macau uma instalação originalmente muito informal, resultado de uma instalação primeiro temporária, em função das necessidades sazonais do comércio e ponto de escala de outras viagens comerciais portuguesas que entre os seus habitantes existiriam homens com experiência de mar e de guerra, com capacidade e conhecimento para operar artilharia, não podendo sem outras informações garantir que existam ou não artilheiros destacados pela Coroa. A sugestão de informalidade desta povoação faz crer que não seriam artilheiros “*professionais*”, a soldo, mas sim indivíduos, talvez antigos artilheiros ou a tripulantes de navios, com capacidade de manejo de artilharia.

\*\*\*

Dados da segunda metade do século XVI, indicam a presença de material de artilharia na cidade. Em 1564 foram artilhados navios com “*muitos falcões, berços e meios cameletes e todo o género de munição de pólvora e de guerra*”<sup>13</sup>, enquanto em 1568 são referidos quatro baluartes e tranqueiras, com artilharia virada para o mar e a existência de um depósito de pólvora, num sistema defensivo que terá sido erguido por Tristão Vaz da Veiga enquanto invernou na cidade<sup>14</sup>. Como aponta Luís Filipe Barreto, “*uma coisa é a artilharia naval, os canhões e as velas e paliçadas de madeira, outra é a existência de uma fundição produtora de canhões terrestres e muralhas e fortalezas de bambarda e pedra*”<sup>15</sup>.

Numa nota de Francisco de Sande, de 1582, refere-se que as autoridades chinesas, não permitiam que aos portugueses de Macau possuíssem armas nem erguer fortificação,

<sup>12</sup> Para alguns casos de combates envolvendo artilharia, veja-se: TEIXEIRA, Pe. Manuel Teixeira, *Os militares em Macau*. Edição do Comando das Forças de Segurança de Macau, 2ª edição, Macau, Imprensa Nacional, 1984, pp.17 e 27; LOUREIRO, Rui Manuel, *Em busca das origens de Macau: antologia documental*. Introdução, leitura e notas de [...], Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996, pp.35, 122, 161 e ss.

<sup>13</sup> Tirado de carta do Irmão André Pinto aos jesuítas da Índia, Macau-Cantão, 30-11-1564, publicada em: LOUREIRO, Rui Manuel, *Em busca das origens de Macau: antologia documental*. Introdução leitura e notas de [...], Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996, p.124.

<sup>14</sup> BARRETO, Luís Filipe, *Op. Cit.*, pp.117 e 128.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p.170.

e que em 1598 a cidade que permanecia sem defesas<sup>16</sup>. No período entre 1608 e 1615 já é mencionada a existência de baterias de artilharia, provavelmente tirada de navios, nos lugares de S. Francisco, Bomparto e no porto marítimo<sup>17</sup>. Em 1622 as informações que os holandeses tinham sobre as defesas da cidade, referem explicitamente que “*Macau sempre foi uma praça aberta sem guarnição*” e que apenas desde a sua entrada nos mares Orientais os habitantes a fortificaram com alguns baluartes e trouxeram doze peças de artilharia de Manila<sup>18</sup>. Numa informação do colégio dos jesuítas, em 1627, menciona-se que Macau era uma cidade desprotegida, “*sem muro nem artilharia*”, que viveu sem necessidade de sistema defensivo formal durante os seus primeiros setenta anos. Em 1620 foi enviado a Manila um padre jesuíta para acordar com o governador local a aquisição de certo número de artilharia pesada, cujo resultado terão sido dois lotes de catorze peças<sup>19</sup>. Em 1621, quando se descreve que a população preparava defesas na cidade, fica mencionada esta viagem e o mesmo objetivo<sup>20</sup>. Na carta ânua de Novembro de 1622, já posterior ao ataque holandês, fica expressa uma nova ida a Manila para obter um outro lote de peças de artilharia<sup>21</sup>. Em 1624, o escrivão da câmara de Macau, Diogo Caldeira do Rego, faz declaração de dívidas contraídas perante o governo de Manila, nomeadamente 6.682 pardaos, da aquisição de artilharia e pólvora, e outros 1.307 pardaos a Pellajo Fernandes, por fundir a artilharia<sup>22</sup>.

## Artilharia em Macau

Em dois momentos é possível ver com detalhe o artilhamento que existia nas defesas da cidade de Macau. O primeiro deles ocorre em julho de 1626, e está descrito na carta em que o capitão geral de Macau, D. Francisco de Mascarenhas, faz a entrega da praça ao seu sucessor D. Filipe Lopo<sup>23</sup>. A outra descrição é de cerca de 1635, e consta do *Livro das Fortalezas* de António Bocarro<sup>24</sup>.

<sup>16</sup> GARRET, Richard J., *The defences of Macau: Forts, ships and weapons over 450*. Hong-Kong, Hong Kong University Press, 2010, p.9.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p.11.

<sup>18</sup> Algo que esta informação ainda acrescenta é que a principal razão de Macau não ter um conjunto fortificado se devia à oposição das autoridades chinesas. BARRETO, Luís Filipe, *Op. Cit.*, p.177. BOXER, Charles Ralph, *Estudos para a história de Macau: séculos XVI a XVII*. Vol. I, Lisboa, Fundação Oriente, 1991, p.24.

<sup>19</sup> COSTA, João Paulo Oliveira e, *Cartas Ânua do Colégio de Macau*. Direção e estudo introdutório de [...], Transcrição paleográfica Ana Fernandes Pinto, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp.260-261.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, pp.236. Outra informação indica que teria sido Diogo Vaz Bávaro, mercador de destaque estabelecido em Macau, que teria ido a Manila em 1621 buscar as peças de artilharia, e que cada uma teria custado 2.000 patacas: PIRES, Benjamim Videira, S.J., *A viagem de comércio Macau-Manila nos séculos XVI a XIX*. Macau, Museu Marítimo de Macau, 1994, p.19.

<sup>21</sup> COSTA, João Paulo Oliveira e, *Op. Cit.*, p.256-257.

<sup>22</sup> Publicado em: PENALVA, Elsa e LOURENÇO, Miguel Rodrigues, *Fontes para a História de Macau no séc. XVII*. Edição de [...], Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009, pp.88-89.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, pp.280-282.

<sup>24</sup> BOCARRO, António, *Op. Cit.*, vol.II, pp.262-264.

Em ambos os casos é feita a apresentação do forte ou baluarte, onde as peças estão instaladas e descreve-se a sua quantidade, tipologia e calibre em libras. Além do interesse natural para este artigo, estas relações tornam-se importantes para qualquer estudo da evolução das nomenclaturas das peças de artilharia. Na tabela que se segue é feita a armariação das peças de artilharia, pelo local onde estavam instaladas; pelo tipo de metal de que eram feitas (bronze ou ferro); pelos calibres de bala, onde existe referência.

1626	1635
<p><b>Baluarte de Santiago da Barra:</b> <b>Bronze-</b> 1 Pedreiro de 30 lb 3 Pedreiros de 25 lb 5 Peças de 18 lb 3 Pedreiros de 11 lb 8 Falcões de 4 lb 1 Peça de 4 lb 3 Berços pequenos de 1 e 2 lbs</p>	<p><b>Forte de Santiago:</b>  Sem artilharia permanente<sup>1</sup></p>
<p><b>Nossa Senhora do Bomparto:</b> <b>Bronze-</b> 1 Peça de 25 lb 3 Peças de 18 lb 1 Pedreiro de 12 lb</p>	<p><b>Baluarte de Nossa Senhora do Bomparto:</b> <b>Bronze-</b> 1 Canhão de 30 lb 1 Colubrina de 20 lb 2 Terços de canhão de 18 lb 1 Meia colubrina de 10 lb  <b>Ferro-</b> 1 Peça de 8 lb</p>
	<p><b>Baluarte de Nossa Senhora da Penha de França:</b> <b>Bronze-</b> 2 Sagres de 7 libras</p>

<p><b>Baluarto de S. Francisco:</b> <b>Bronze-</b> 1 Colubrina de 20 lb 5 Peças de 18 lb 1 Peças de 12 lb</p>	<p><b>Baluarto S. Francisco:</b> <b>Bronze-</b> 1 Colubrina de 35 libras [numa plataforma próxima] 1 Canhão de 30 lb 2 Colubrinas de 20 lb 2 Meios canhões de 20 lb 1 Terço de canhão de 18 lb 1 Terço de canhão de 18 libras [plataforma na Praia Grande]</p>
<p><b>Baluarto de Nossa Sr<sup>a</sup>. da Guia:</b> 1 Falcão de ferro grande</p>	<p><b>Baluarto de Nossa Senhora da Guia:</b> <b>Bronze-</b> 3 Sagres de 9 lb 1 Colubrina bastarda 8 lb 1 Pedreiro de 6 lb</p>
<p><b>Forte de S. Paulo:</b> <b>Bronze-</b> 1 Peça de 35 lb 4 Peças de 18 lb 1 Peça de 12 lb 1 Pedreiro <b>Ferro-</b> 2 Peças</p>	<p><b>Forte de São Paulo:</b> <b>Bronze-</b> 1 Colubrina real de 35 lb 2 Canhões de 30 lb 1 Meio canhão de 25 lb 1 Colubrina de 20 lb 7 Meios canhões de 20 lb 1 Meia colubrina de 18 lb 3 Terços de canhão de 18 lb 1 Terço de canhão de 18 lb [plataforma na praia de Cacilhas] 2 Meias colubrinas de 12 lb</p>
<p><b>Baluarto de S. Pedro:</b> <b>Ferro-</b> 2 Peças de 6 lb</p>	<p><b>Baluarto de S. Pedro:</b> <b>Bronze-</b> 2 Sagres de 7 lb</p>
<p><b>Baluarto de S. João:</b> <b>Bronze-</b> 2 Peças de 8 lb</p>	<p><b>Baluarto de S. João:</b> <b>Bronze (?)</b> 1 Terço de canhão de 18 lb 1 Meia Colubrina bastarda de 8 lb</p>

<p><b>Fundição:</b> <b>Bronze-</b> 7 Canhões de 20 lb</p>	<p><b>Mais artilharia:</b> <b>Bronze-</b> 4 Trabucos de 25 libras 5 Falcões 3 Berços <b>Ferro-</b> 3 Peças de 7 libras 2 Falcões 1 Trabuco</p>
---	--

Fazendo o comparativo entre ambas as listas, nota-se que em 1626 estão contabilizadas cinquenta e sete peças de artilharia, sendo que sete delas estão em depósito na fundição, o que resulta em apenas cinquenta em prontidão nos baluartes da cidade. Em 1635 são mencionadas setenta e três peças, entre instaladas e em depósito. Note-se que o forte de Santiago em 1626 apresenta doze peças de artilharia instaladas e outras doze em depósitos próximos, enquanto em 1635, se declara que está desartilhado, podendo ser equipado em caso de ameaça. Nos restantes casos verifica-se que o número de peças se mantém ou aumenta, o que será sinal do aumento da dimensão do complexo fortificado e do débito da fundição de Macau. Note-se ainda que em ambas as listas a esmagadora maioria recai em peças de bronze, também sinal que a fundição ainda não debitava peças fundidas em ferro, como depois se propôs a fazer. Enquanto a lista de 1626 descreve a ordenança presente na cidade de forma mais genérica, utilizando principalmente o termo “peça” e diferenciando no calibre, a de 1635 refere duas tipologias essenciais: a colubrina e o canhão, fazendo a distinção a partir de subdivisões, que se referem ao seu comprimento, e dos seus calibres de bala.

Em 1638, Marco d’Avala na sua descrição da cidade de Macau, oferece outra listagem, menos detalhada mas de igual interesse comparativo, da ordenança de artilharia existente<sup>25</sup>. Numa carta do senado de Macau à Coroa, é indicada a presença de setenta peças, com calibres entre as 12 e 40 libras, além de outras 20 peças<sup>26</sup>. Numa relação administrativa do ano de 1863, refere-se que cinco peças de artilharia em bronze, fundidas por Manuel Tavares Bocarro, ainda estavam montadas nos baluartes da fortaleza de S. Paulo do Monte. O autor da relação certifica que esta informação foi tirada das inscrições das

<sup>25</sup> S. Paulo: 34 canhões em bronze, calibre mínimo 34 libras; Nossa Senhora da Penha de França: 6 peças ligeiras de 6 a 8 libras; Nossa Senhora da Guia: sem peças permanentes, mas com capacidade de receber até 5 canhões; Santiago da Barra: 16 peças pesadas, sendo 4 delas com bocas largas para disparar pedras e as outras de 24 libras. Ainda outras 6 peças, como as de acima e de longo alcance; Nossa Senhora do Bomparto: 8 canhões de bronze; S. Francisco: 12 canhões e numa plataforma 1 “slage” de 48 libras; São João: 3 canhões. Tirado de BOXER, Charles Ralph, *Seventeenth Century Macau in contemporary documents and illustrations*. Edited and translated by [...], Hong-Kong, Heinemann, 1984, pp.69-80.

<sup>26</sup> GARRET, Richard J., *Op. Cit.*, p.22.

próprias peças, sendo elas um canhão de 36 libras, fundido em 1626, duas outras de 30 libras, uma de 28 libras e outra de 12 libras, todas fundidas em 1627<sup>27</sup>.

\*\*\*

Uma das preocupações de D. Francisco de Mascarenhas, quando foi empossado na Capitania-geral de Macau, e seguindo as diretrizes da Coroa, foi a criação de meios próprios para o artilhamento das defesas de Macau. Pela cidade corria um bom fluxo de cobre, muito dele oriundo da ligação da cidade com o Japão, pelo que a instalação de uma unidade de fundição que suprisse as necessidades locais e abastecesse também outras fortalezas do Estado da Índia. Para operar nesta unidade foi chamado de Goa, em 1625, Manuel Tavares Bocarro, que viria a ter longa carreira e obra como fundidor em Macau, e filho do mestre-fundidor daquela cidade Pero Dias Bocarro<sup>28</sup>. O mestre fundidor de Macau dirige-se em cerca de 1635, ao vice-rei D. Miguel de Noronha, numa carta onde aborda diversos casos práticos do seu serviço<sup>29</sup>, demonstrativa do saber adquirido com os especialistas chineses que integravam a fundição desde 1623, data em que firmaram o seu acordo<sup>30</sup>. Nesta carta renegocia os termos de um contrato em que se obrigava a fundir 100 peças de artilharia em ferro coado, concretizando uma aprendizagem de pelo menos cinco anos, em que adquiriu o conhecimento para fundir ferro em técnica semelhante à do bronze<sup>31</sup>. Já reflexo deste facto será a existência, em 1640, de duzentas e cinquenta peças de ferro fundido e outras cinquenta em bronze, com calibres entre as 16 e 30 libras de bala<sup>32</sup>. A aplicação desta técnica de fundir em ferro, permitia a redução dos custos de manufatura de artilharia, em relação ao trabalho feito em bronze, despertando grande

<sup>27</sup> *Almanach Luso-Chinez de Macau para o ano de 1866*. Macau, Typographia de J. da Silva, 1866, p.42.

<sup>28</sup> Trabalhou como fundidor de 1626 a 1656. Foi ainda capitão-geral de Macau entre 1657 e 1661. Patrícia Borges Ferreira aponta que terá sido Pedro Dias Bocarro a instalar a fundição na cidade: Sobre esta questão, veja-se: FERREIRA, Patrícia Drumond Borges, “A importância do Fabrico de material de Artilharia em Macau na primeira metade do século XVII”, *Actas do VI Colóquio “Portugal na História Militar”*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 1995, p.149. Segundo informação avançada por Vítor Rodrigues, Manuel Bocarro veio substituir fundidores espanhóis que lá operavam: RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, “Arsenal de Macau”, *Portugal-China: 500 anos*. Coordenação Miguel Castelo-Branco, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2014, p.159. Pe. Manuel Teixeira comenta um conjunto de referências, fornecidas por Charles Boxer, sobre a data de entrada de Manuel Tavares Bocarro em Macau e sobre a instalação da fundição de Artilharia. TEIXEIRA, Pe. Manuel, *Macau e a sua diocese: O culto de Maria em Macau*. vol. IX, Macau, Tip. do Orfanato Salesiano, 1969, pp.310-311.

<sup>29</sup> Publicada em: SANTOS, Nuno Valdez, *Op. Cit.*, pp.118-126.

<sup>30</sup> Contrato celebrado entre D. Francisco de Mascarenhas, capitão geral de Macau, e dois chineses sobre a fundição de artilharia, de 13 de Dezembro de 1623, em Macau. Publicado em: PENALVA, Elsa e LOURENÇO, Miguel Rodrigues, *Op. Cit.*, pp.69.

<sup>31</sup> RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, “Arsenal de Macau”, [...], pp.159-160. Em períodos anteriores ao que estamos a abordar, uma peça de artilharia em ferro, significava que havia sido forjada e não fundida. Para mais informação veja-se: RUBIM, Nuno José Varela, “O armamento pirobalístico (até finais do séc. XVI – inícios do séc. XVII)”, *Pera Guerrejar: armamento medieval no espaço português*. Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000, pp.237-238.

<sup>32</sup> Tirado da informação de António Fialho Ferreira. GARRET, Richard J., *Op. Cit.*, p.20.

interesse na Coroa e levando a que fosse experimentada na fundição de Goa, que principalmente produzia artilharia de “*metal*”<sup>33</sup>.

\*\*\*

Quanto à produção de pólvora na cidade de Macau destaca-se a existência de um engenho na zona do Chunambeiro, próximo do forte de Nossa Senhora do Bomparto, que terá sido instalado por Manuel Tavares Bocarro, responsável pela fundição de artilharia na década de seiscentos e vinte<sup>34</sup>. Outras referências apontam para a existência de casas de pólvora noutros locais, mas estas devem ser vistas como depósitos afetos às fortificações. Em 1623 referencia-se a existência de uma casa da pólvora no forte de São Paulo, voltando em 1626, a ser mencionado este depósito como contendo 500 picos de pólvora. Em 1639 a Câmara considera a hipótese de fazer uma nova casa de pólvora em terrenos próximos do baluarte de S. Pedro ou de Nossa Senhora da Penha de França, acabando a decisão por recair no monte de S. Paulo, onde como já se viu já existia um depósito<sup>35</sup>. Em junho do mesmo ano é feito acordo com o polvorista espanhol, João de Mosqueira para consertar “*pólvora danada*” para que fique em condições de ser utilizada novamente<sup>36</sup>.

## **Bombardeiros, condestáveis e capitães de artilharia em Macau**

O período de vigência do capitão geral D. Francisco de Mascarenhas (1623-1626) parece ser o momento onde se configura um desenho global do sistema defensivo da cidade de Macau, já dentro de linhas mais próximas das que encontrei a vigorar em outras fortalezas do Estado da Índia: complexo fortificado, guarnição de artilharia e de homens a pé.

Este é também um momento em que a cidade de Macau, na figura da sua camara e também, de forma diversa, pelos padres da Companhia de Jesus, tem a noção de que necessita dos recursos militares do Estado da Índia para se defender, mas luta para não perder a sua tradicional autonomia administrativa e exclusivos comerciais perante a coroa. Destes anos conturbados resultam revoltas contra o capitão designado por Goa, cuja residência chega a ser atingida a tiro de artilharia<sup>37</sup>. Antes deste momento tem de

<sup>33</sup> FERREIRA, Patrícia Drumond Borges, *Op. Cit.*, p.151. Sobre o sucesso desta tecnologia na fundição de Goa, veja-se: RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, “Mestres Fundidores Portugueses na China”, *Portugal-China: 500 anos*. Coordenação Miguel Castelo-Branco, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2014, pp.160-161.

<sup>34</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel, *Culto de Maria em Macau*, [...], pp.312-313.

<sup>35</sup> *Arquivos de Macau: Boletim do Arquivo Histórico de Macau*. Macau, Instituto Cultural de Macau, série I, vol.II, nº6, Junho 1930, pp.287.

<sup>36</sup> *Arquivos de Macau*, [...] série I, vol.II, nº6, Junho 1930, pp.291.

<sup>37</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel Teixeira, *Os militares em Macau*. Edição do Comando das Forças de Segurança de Macau, 2ª edição, Macau, Imprensa Nacional, 1984, pp.66-67.

ser considerada a existência na cidade de homens capazes de manejar artilharia, dentro do conjunto de oficiais que integravam a “*população flutuante*” que existia na cidade<sup>38</sup>.

A primeira referência clara sobre a existência de artilheiros com pagamento em Macau ocorre em Novembro de 1623. Em reação ao ataque holandês de 1622, o escrivão da camara, Diogo Caldeira do Rego, escreve que “*Com esta resolução se nomeou logo hum sargento-mor, capitaens e soldados, hum capitão de artilharia com quarenta bombardeiros, e todos com bons estipêndios de mantimentos e pagas ordinárias*”<sup>39</sup>. Também devo notar que um capitão de artilharia é cargo que não é frequente no restante Estado da Índia, onde condestável e bombardeiro são sempre as designações que ocorrem<sup>40</sup>. O designado para capitão de artilharia seria Nuno de Melo Cabral, pois com base numa inscrição numa peça de artilharia aparenta já ocupar este ofício desde ano de 1621<sup>41</sup>. Nuno de Melo Cabral foi posteriormente destituído do cargo de capitão de artilharia de Macau, por alvará do vice-rei da Índia, D. Francisco da Gama, datado de 13-5-1625, ficando expresso que o motivo foi não ter acudido convenientemente à sua obrigação na alteração ocorrida contra o capitão D. Francisco de Mascarenhas, Extingue-se o cargo, ficando determinado que a verba que lhe dizia respeito sirva agora para o pagamento dos bombardeiros e de um condestável que será agora nomeado de entre os bombardeiros mais experientes da praça.

Em 1626 numa carta dos moradores de Macau a Filipe III, consta a queixa de que o capitão D. Francisco de Mascarenhas exerceu pressão sobre os habitantes para que estes votassem em pessoas da sua confiança pessoal para cargos da Câmara. Nesta referência é explícita a menção a bombardeiros casados na cidade e muito pobres, entre aqueles que terão sido abordados pelo capitão geral. Daqui talvez se possa inferir que estes indivíduos, por terem direito de participação na eleição já seriam membros da comunidade contribuindo para a ideia da existência informal de artilheiros na cidade no período anterior à chegada do capitão-geral<sup>42</sup>.

Na *Relação do Principio que teve a Cidade de Macao* composta em 1629 para informação do rei, consta que a cidade pedia a concessão de três ou quatro viagens ao Japão para fazer face ao conjunto de despesas que existiam com a defesa da cidade, dentro das quais estão os vencimentos de trinta e cinco a quarenta bombardeiros “*ordinários*”<sup>43</sup>.

<sup>38</sup> BARRETO, Luís Filipe, *Op. Cit.*, p.113.

<sup>39</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel, *O culto de Maria em Macau*, [...], p.309.

<sup>40</sup> Os casos conhecidos da existência do cargo de capitão de artilharia, até meados do século XVI, ocorrem em Lisboa, onde este é entregue a indivíduos próximos da Casa Real, com jurisdição sobre todos os bombardeiros existentes no Reino. CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia* [...], pp. 44-46. Em Ormuz, próximo desta época é referido um outro capitão de artilharia, o que pode prefigurar que este posto, localizado nas fortalezas, terá sido introduzido durante os reinados filipinos. Esta questão permanece em aberto e será objeto de estudo posterior. REGO, A. Silva, *Documentação Ultramarina Portuguesa*. Editado por [...], Vol. II, Lisboa, CEHU, 1962, p.343.

<sup>41</sup> “*os cidadãos que governarão/ em seis centos e vinte e hum/ pelo proveito comum/ repararão e ordenarão;/ a fúria me deslocou/ por falta e não metall/ Nuno de Mello Cabral/ esta boca me engenhou.*”; TEIXEIRA, Pe. Manuel, *O culto de Maria em Macau*, [...], p.276.

<sup>42</sup> PENALVA, Elsa e LOURENÇO, Miguel Rodrigues, *Op. Cit.*, p.375.

<sup>43</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel, *O Culto de Maria em Macau*, [...], p.426.

Em 1637 por determinação do vice-rei Pero da Silva, define-se que o efetivo militar da cidade seria de cento e cinquenta homens, incluindo oficiais, acrescidos de doze bombardeiros e de três condestáveis: um no Forte de São Paulo; outro no Forte da Barra; outro no baluarte São Francisco. Os condestáveis tinham o vencimento de 12 patacas por mês de quartel e de mantimento e os bombardeiros 8 patacas. Como elemento comparativo diga-se que um capitão recebia dentro da mesma regra 34 patacas; um alferes 12; um sargento 8 patacas; um soldado 6 patacas<sup>44</sup>.

Em 1638, na descrição feita por Marco d'Avalos vem mencionado que na guarnição da cidade existia um capitão de artilharia, três de infantaria e um sargento-mor. Os soldados da guarnição recebem 6 réis por mês e vivem honradamente<sup>45</sup>. Segundo uma inscrição existente na fortaleza da Guia o capitão de artilharia mencionado seria António Ribeiro Raia<sup>46</sup>.

Extravasando a periodização proposta para este artigo menciona-se, em 1667, a existência de um destacamento de 50 artilheiros na cidade<sup>47</sup> e a extinção, em 1736, do cargo de capitão de artilharia, acumulado com o de condestável de Macau. Estes cargos eram desempenhados por Francisco Gomes, provido em vida pela Coroa, com 9 pardaos mensais pagos pela Câmara de Macau. Pelo seu falecimento os vereadores de Macau dirigem-se ao governador, em Goa, pedindo a extinção do cargo “*com a mesma atenção com que atalhou outras despesas deste senado, talvez ainda mais necessárias de que o dito posto, que de nenhuma utilidade segue, mas que dá despesa a este Senado*”<sup>48</sup>. Ao mesmo Francisco Gomes havia sido dado aviso, em 1733, para reparar algumas peças de artilharia que estavam sem reparos, e atiradas pelo chão de dois baluartes<sup>49</sup>.

Este elenco de referências permite perceber que foi apenas a partir da segunda década de seiscentos e por ação do poder central, respondendo às necessidades defensivas da cidade, que se instituiu uma guarnição formal de artilheiros em Macau, e de acordo com os dados recolhidos com números algo extraordinários, comparando com outros exemplos do Estado da Índia. Tal número demonstraria a importância estratégica da cidade para a Coroa, mas outros aspetos devem ser considerados. Um deles, recuperando o efetivo de quarenta bombardeiros em 1623, que é o primeiro que nos chega, pode indicar de uma reação, porventura classificável de exagerada, por parte da cidade, fruto do ataque que havia sofrido no ano anterior, que passa duma quase não existência de artilheiros para uma das maiores guarnições do Oriente. Outro facto passa pelo isolamento de Macau na geografia do império português oriental, em relação ao grosso das outras fortificações, sendo até sinal disso a relação de apoio e aquisição de meios militares que existe com o governo de Manila, afirmada em alguma documentação, o que poderia

<sup>44</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel, *Os Militares em Macau*, [...], pp.343-344.

<sup>45</sup> BOXER, Charles Ralph, *The Great Ship from Amacom*. Macau, Inst. Cultural/ Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988, p.85.

<sup>46</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel, *Os Militares em Macau*, [...], p.104.

<sup>47</sup> TEIXEIRA, Pe. Manuel, *Medicina em Macau*, vol. II, Macau, Imprensa Nacional, 1976, p.21.

<sup>48</sup> *Arquivos de Macau*, [...], série IV, vol. XV, nº6, junho 1971, p.306.

<sup>49</sup> *Arquivos de Macau*, série III, vol. VI, nº6, [...], Dezembro 1966, pp.337-338.

então ser lido como um desejo de autossuficiência defensiva de Macau<sup>50</sup>. Mais firme será o caso de Macau ser defendida por um complexo de baluartes e fortes, tal como Goa, e não apenas por uma fortaleza única, o que prefigura estarmos perante um conjunto de guarnições de artilheiros e não apenas de uma. Este facto é então visível na passagem de 1637, onde figuram três condestáveis, sinal de três grupos distintos, apesar de aqui serem apenas mencionados doze bombardeiros com pagamento. Outra explicação poderá estar na figura de Macau como “*cidade portuária-chave do comércio internacional asiático, e euro-asiático*”<sup>51</sup>, pelo que estes números incluem os artilheiros das embarcações que serviam ou passavam por Macau.

\*\*\*

Charles Boxer, aborda o auxílio militar prestado em diversas ocasiões pela cidade de Macau à dinastia Ming, num outro artigo clássico e de referência em qualquer estudo sobre a artilharia portuguesa no Oriente, que dentro do ângulo aqui escolhido tem de ser abordado. A cronologia analisada por Boxer inicia-se em 1621, quando ocorre um primeiro envio de artilharia, sendo a recomendação de 1620, momento em que a cidade de Macau se aprestava contra a ameaça dos holandeses. Como dito antes, por estes anos a cidade sentia-se indefesa perante a visível ameaça holandesa, pelo que fez um esforço de fortificação e contratou com Manila um reforço de peças de artilharia. O autor deixa expressa a ideia que este primeiro auxílio de 1621 cumpre um desígnio maior no relacionamento político e estratégico da presença portuguesa na China, que aqui fica visível na opção de dispensar meios de artilharia, pois ocorre exatamente no momento em que Macau prepara as suas defesas e investe na aquisição de outra artilharia<sup>52</sup>. Quatro bombardeiros e quatro canhões, de tipo não especificado, seguiram para Cantão, acompanhados por intermediários jesuítas. Boxer, seguindo as suas fontes, comenta que em 1621 estes especialistas foram impedidos de prosseguir com a sua viagem e forçados a regressar à cidade, enquanto as peças seguiram o seu caminho. Em 1623 é concedida nova autorização para a viagem, sendo o grupo agora de seis elementos<sup>53</sup>. A arte de fundir artilharia já era conhecida dos chineses e para isso não necessitavam do conselho dos técnicos portugueses, que antes sim seguiam com o papel de instruir na operação dos canhões, dentro dos métodos europeus, e o serviço que protagonizaram em combate ficou registado nas fontes chinesas<sup>54</sup>. Nesta viagem destaque para o bombardeiro João Correia, morto no rebentamento de uma peça durante uma demonstração realizada em Pequim em 1624<sup>55</sup>. Em 1643 regista-se o envio de uma peça de ferro e de um especialista,

<sup>50</sup> FERREIRA, Patrícia Drumond Borges, *Op. Cit.*, pp.147-149.

<sup>51</sup> BARRETO, Luís Filipe, *Op. Cit.*, p.169.

<sup>52</sup> A mesma opinião expressa Boxer, atendendo aos benefícios comerciais que daí resultaria. BOXER, Charles Ralph, *Estudos para a história de Macau: séculos XVI a XVII*. vol. I, [...], p.125.

<sup>53</sup> Idem, *ibidem*, p.120.

<sup>54</sup> Idem, *ibidem*, p.122 e 125.

<sup>55</sup> Boxer transcreve e apresenta o esquema da lápide funerária do bombardeiro João Correia, que existiu no cemitério católico de Pequim. Idem, *ibidem*, pp.120-121.

posteriormente acompanhado de outros três bombardeiros, e em 1648 outra expedição de guerra levou consigo dois morteiros<sup>56</sup>.

\*\*\*

Ao falar de artilharia em Macau, não se pode fugir ao pitoresco episódio do padre jesuíta Jerónimo Rho, que protagonizou um tiro de artilharia a partir do monte de São Paulo, aquando do ataque holandês de junho 1622. Ao padre é dado o crédito deste disparo de bom resultado, que acertou num barril de pólvora, devastando a formação holandesa que havia desembarcado, mas completamente fortuito como expressa a informação da época<sup>57</sup>.

Na carta ânua de Novembro de 1622 encontra-se a descrição sumária, e condizente com a anterior, deste combate. Vem descrito o desembarque e a evolução das forças holandesas até serem atingidas pelo tiro e a subsequente confusão que grassou. Falta a esta descrição a identificação, tal como é feita na fonte anterior, do atirador. Consta apenas que tinha sido instalada artilharia no monte onde se situava o colégio dos Jesuítas, expressamente para fazer face à invasão<sup>58</sup>. Com isto tenta-se afastar a ideia, caso ela surgisse, de que os Jesuítas de Macau, em si tivessem na sua posse estes meios militares, e que por este, renovo o epíteto, pitoresco episódio não podemos estender a toda a congregação a capacidade de operar peças de artilharia.

## Conclusão

A questão inicial da investigação consistiu numa recolha de dados que suprisse a ausência de informação sobre uma guarnição de bombardeiros de Macau, registada de maneira formal, nos diversos orçamentos e relações que serviram de base ao estudo realizado por Vítor Rodrigues, e dentro da cronologia de 1554 a 1622. Outra documentação, mais parcelar e dispersa, encarregou-se ao longo deste trabalho de fornecer os dados concretos aqui apresentados, mas essencialmente transmitir a noção, aplicável a outros sectores de estudo da presença militar portuguesa em Macau, de dois momentos distintos: um primeiro, em que o sistema defensivo deve ser visto como informal, sem fortificação e guarnição militar permanente, que evoluiu para um segundo momento em que o Estado da Índia toma maior responsabilidade sobre os desígnios militares da cidade. A isto não escapa o relacionamento da cidade com a administração chinesa, expressa nas diversas restrições que esta última sustentou, também mais esbatidas no período pós 1622, em que sentiu também que a histórica relação com os portugueses era para manter, e foi sendo permitida a introdução de um sistema defensivo.

<sup>56</sup> Idem, *ibidem*, pp.131.

<sup>57</sup> BOXER, Charles Ralph., *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770*. Macau, Fundação Oriente, 1990, pp.93.

<sup>58</sup> COSTA, João Paulo Oliveira e, *Op. Cit.*, p.254-256.

O relato da defesa de Macau perante o ataque holandês de 1622, e a documentação que em época descreve as suas condições defensivas, ilustra bem o momento de transição do sistema defensivo. Por um lado temos já um complexo fortificado, resultante dos primeiros esforços Coroa e da Câmara de Macau, para dotar a cidade de meios capazes de fazer frente à ameaça holandesa. No outro aquilo que ainda parece ser a estrutura informal de defesa da cidade oriunda dos anos anteriores, assente na mobilização dos seus residentes e da valência dos seus conhecimentos militares. Não sendo de nenhuma forma explícita, qual a composição, vencimento, número e vínculo dos bombardeiros que existiam até a esse momento em Macau, e perante as referências que indicam existir artilharia na cidade, temos de colocar os potenciais artilheiros dentro do conjunto da população. Estariam dentro dos grupos de Terceiro Estado, possivelmente próximos aos ofícios mecânicos, pois é nesse universo que geralmente se encontram quando não em desempenho de funções militares.

Diversos são os casos em que o bombardeiro, na sua vertente militar, é também oficial de um outro mester. Seguindo opinião do, já várias vezes, referido condestável-mor João Luís, preferencialmente deviam ser carpinteiros, pedreiros ou ferreiros, reconhecidamente ofícios mecânicos<sup>59</sup>. Noutros casos são polvoristas, refinadores de salitre e fundidores. Nestes casos de acumulação de ofício militar com ofício civil, que cai necessariamente na esfera dos regulamentos dos ofícios mecânicos, a distinção pode por vezes não ser tão clara. Recupero aqui um caso do reinado de Dom Manuel, que exemplifica um caso em que ambas as esferas parecem colidir: em 1508 alguns bombardeiros de Lisboa apelam ao seu estatuto de privilegiados pela coroa para não alinharem, junto com os oficiais mecânicos da sua corporação, na procissão do Corpo de Deus. O rei recusa esta situação e ordena que alinhem com os seus confrades impedindo que se escudem no seu privilégio de bombardeiro<sup>60</sup>. Serve este exemplo para indicar que a prática de bombardeiro/oficial mecânico é sobejamente reconhecida e no contexto que este estudo aborda, justifica que a não existência, até dado momento, de bombardeiros formalmente patrocinados pela Coroa, não impeça a sua presença informal em Macau.

Quando o Estado da Índia assume responsabilidades formais, em conjunto com a Câmara de Macau, na instalação de condições de defesa, a informação começa a surgir. Referências a artilheiros com paga, enquadrados por oficiais, a par dos dados sobre a instalação efetiva de uma unidade de fundição de artilharia e de um moinho de pólvora, tudo material visto acima, confirmam uma mudança de paradigma efetuada a partir da década de seiscentos e vinte. Ainda como nota e reforço a esta ideia, veja-se que só neste momento é que homens e meios de artilharia começam a ser cedidos à China Ming, enquanto no sentido inverso o saber tecnológico da fundição em ferro coado é transferido para os portugueses.

<sup>59</sup> CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia* [...], Anexo VI, pp.170-175.

<sup>60</sup> CASTRO, Tiago Machado de, "Obrigação e vontade na procissão do corpo de Deus. Relação entre ofícios civis e militares à luz de uma resposta régia à Câmara de Lisboa", *Cadernos do Arquivo Municipal – 2ª Série*, nº 2, Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa, 2014, pp.39-53.

Ao longo deste trabalho fez-se a recolha de um conjunto de dados sobre os ofícios e industrias ligados à artilharia na cidade de Macau, desde a época da sua fundação até meados do século XVII, onde se consegue entrever a evolução e a importância que esta arma adquiriu no contexto defensivo próprio da cidade e no complexo do Estado da Índia português. Ficam indicadas as artes e os ofícios existentes e lançadas as bases de uma investigação mais alargada.

## Bibliografia

- Almanach Luso-Chinez de Macau para o ano de 1866*, Macau, Typographia de J. da Silva, 1866.
- Arquivos de Macau: Boletim do Arquivo Histórico de Macau*. Macau, Instituto Cultural de Macau, 1929-1988. [várias séries; vários números]
- ALBUQUERQUE, Luís de, “Cartas de ‘serviços’ das Índias (1500-1550)”, *Mare Liberum: Revista de história dos mares*. Director Luís de Albuquerque, nº 1, Lisboa, CNCDP, Dezembro de 1990, pp.309-396.
- AMARO, Fernando da Silva, “Fundições e fundidores artilheiros portugueses na Ásia e em Africa”, *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, vol. LVIII, Dezembro de 1960, pp.1035-1046; vol. LIX, Janeiro de 1961, pp.72-80; vol. LIX, Março de 1961, pp.250-257.
- BARRETO, Luís Filipe, *Macau: Poder e Saber, séculos XVI e XVII*. Lisboa, Editorial Presença, 2006.
- BOCARRO, António, *Livro das plantas de todas as fortalezas, Cidades e Povoações do estado da Índia Oriental*. 2 vols. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.
- BOTELHO, Simão, “Tombo do Estado da Índia”, *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*. Direcção de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências, 1868.
- BOXER, Charles Ralph., *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770*. Macau, Fundação Oriente, 1990; *Estudos para a história de Macau: séculos XVI a XVII*. vol. I, Lisboa, Fundação Oriente, 1991; *The Great Ship from Amacom*. Macau, Inst. Cultural / Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1988; *Seventeenth Century Macau in contemporary documents and illustrations*. Edited and translated by [...], Hong Kong / Kuala Lumpur / Singapura, Heinemann Educational Books, 1984, pp.69-80.
- CASTRO, Tiago Machado de, *Bombardeiros na Índia: Os homens e as artes da artilharia portuguesa (1498-1557)*. Lisboa, [s.n.], 2011. Dissertação de mestrado em História Marítima, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; “Bombardeiros da Nómima: documentos sobre os privilégios e o vínculo à coroa nos reinados de D. Manuel I e D. João III”, comunicação escrita apresentada no *III Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna*, Universidade de Évora, 16, 17 e 18 de Maio de 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/3986731/Tiago\\_Machado\\_de\\_Castro\\_Bombardeiros\\_da\\_Nomina\\_EJHIM2013v2](https://www.academia.edu/3986731/Tiago_Machado_de_Castro_Bombardeiros_da_Nomina_EJHIM2013v2); “Obrigação e vontade na procissão do corpo de Deus. Relação entre ofícios civis e militares à luz de uma resposta régia à Câmara de Lisboa”, *Cadernos do Arquivo Municipal - 2ª Série*, nº2, Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa, 2014, pp.39-53.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *Cartas Anuais do Colégio de Macau*. Direcção e estudo introdutório de [...], Transcrição paleográfica Ana Fernandes Pinto, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.
- FELNER, Rodrigo José de Lima, “Lembranças de cousas da India em 1525”, *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*. Direcção de [...], Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências, 1868.
- FERREIRA, Patrícia Drumond Borges, “A importância do Fabrico de material de Artilharia em Macau na primeira metade do século XVII”, *Actas do VI Colóquio “Portugal na História Militar”*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 1995, pp.145-158.

- GARRET, Richard J., *The defences of Macau: Forts, ships and weapons over 450*. Hong-Kong, Hong Kong University Press, 2010.
- LOUREIRO, Rui Manuel, *Em busca das origens de Macau: antologia documental*. Introdução leitura e notas de [...], Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996; *Nas partes da China*. Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009.
- LUME, José Miguel Ribeiro, *Portugueses em cargos, ofícios e funções no Estado Português da Índia (1580-1640): Contribuição para o seu inventário*. Lisboa, [...], 1994. Dissertação de Mestrado em História Moderna, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LUZ, Francisco Mendes da Luz, *Livro das Cidades, e Fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e das Capitanias, e mais Cargos que nelas há e da Importancia delles*. Manuscrito Inédito publicado e prefaciado por [...]. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1952.
- MATOS, Teodoro, *Orçamento do Estado da Índia 1571*. Lisboa, CNCDP/Centro de Estudos Damião de Góis, 1999.
- MASCARENHAS, José Manuel, “Portuguese Overseas Gunpowder Factories”, *Gunpowder, Explosives and the State: A Technological History*. Edited by Brenda J. Buchanan, Aldershot, Ashgate Publishing, 2005, pp.183-205.
- MORAIS, Carlos Alexandre, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa 1498-1962*. Lisboa, Editorial Estampa, 1987.
- PENALVA, Elsa e LOURENÇO, Miguel Rodrigues, *Fontes para a História de Macau no séc. XVII*. Edição de [...], Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009.
- PIRES, Benjamim Videira, S.J., *A viagem de comércio Macau-Manila nos séculos XVI a XIX*. Macau, Museu Marítimo de Macau, 1994.
- PISSARRA, José Virgílio, “Armamento Naval”, *História da Marinha Portuguesa. Navios, marinheiros e arte de navegar, 1500-1668*. Coordenação de DOMINGUES, Francisco Contente, Lisboa, Academia de Marinha, 2012, pp. 137-177; “A indústria portuguesa de artilharia nas primeiras décadas do século XVI: um estudo introdutório”, *Vasco da Gama: homens viagens e culturas: actas do congresso internacional*. Coordenação Joaquim Romero Magalhães e Jorge Manuel Flores. vol. I, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 347-395.
- RUBIM, Nuno José Varela, *A defesa costeira dos Estuários do Tejo e do Sado desde D. João II até 1640*. Lisboa, Prefácio, [2004]; “O armamento pirobalístico (até finais do séc. XVI-inícios do séc. XVII)”, *Pera Guerrejar: armamento medieval no espaço português*. Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000, pp.223-243.
- GRAÇA, Jorge, *Fortificações de Macau: concepção e história*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1984.
- REGO, A. Silva, *Documentação Ultramarina Portuguesa*. Editado por [...], vol. II, Lisboa, CEHU, 1962.
- RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, *A evolução da Arte da Guerra dos Portugueses no Oriente (1498-1622)*. 2 tomos, Lisboa, IICT/ CEHCA, 1998; “Mestres Fundidores Portugueses na China”, *Portugal-China: 500 anos*. Coordenação Miguel Castelo-Branco, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2014, pp.158-163; “Arsenal de Macau”, *Portugal-China: 500 anos*. Coordenação Miguel Castelo-Branco, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2014, pp.164-169; “A Guerra na Índia”, *Nova História Militar de Portugal*. Direcção de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira. Coordenação António Manuel Hespanha, vol. II, Mem Martins, Circulo de Leitores, 2004, pp.198-223.

SANTOS, Nuno Valdez dos, *Manuel Bocarro, O grande fundidor*. Lisboa, Comissão de História Militar, 1981,

SANTOS, Isau, *Macau e o Oriente: no Arquivo Histórico Ultramarino*, 2 vols, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1997.

TEIXEIRA, Pe. Manuel, *Os militares em Macau*. edição do Comando das Forças de Segurança de Macau, 2ª edição, Macau, Imprensa Nacional, 1984; *Medicina em Macau*, vol. II, Macau, Imprensa Nacional, 1976; *Macau e a sua diocese: O culto de Maria em Macau*. vol. IX, Macau, Tip. do Orfanato Salesiano, 1969; *Macau e a sua Diocese: Macau e as suas ilhas*, vol.I, Macau Tipografia do Orfanato salesiano, 1940.

VITERBO, Francisco de Sousa, *O fabrico da pólvora em Portugal: notas e documentos para a sua história*. Lisboa, Typ. Universal, 1896; *Fundidores de artilharia*. Lisboa, Typ. Universal, 1901.

## O DESCOBRIMENTO DA CHINA ATRAVÉS DA CARTOGRAFIA PORTUGUESA QUINHENTISTA

José Manuel Garcia

O conhecimento da geografia da China que os portugueses lograram descobrir até meados do século XVI converge com a circunstância de esse amplo território ter sido então cartografado pela primeira vez numa perspectiva ocidental. Perante a importância deste processo considerámo-lo ser da maior oportunidade rever as origens e características dos mapas então traçados, apurando assim os modelos criados que permitiram obter nesse século uma ampla visão da China.

Nas referências a cada um dos mapas que iremos mencionar indicamos as suas características principais, autoria (quando conhecida), data (segura ou aproximada) e localização atual do seu paradeiro, inscrevendo entre parêntesis a indicação da sua publicação na obra de Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portugaliae monumenta cartographica*, 6 volumes, Lisboa, 1960(-1962), colocando entre parêntesis o volume em que nela se encontra, com número romano, e a respetiva estampa em que aí se publicou a preto e branco, com número árabe (por exemplo I, 4 = volume I, estampa 4). Devemos assinalar que o inventário da cartografia portuguesa do século XVI com representações da China apresentada nesta obra continua atualizado.

### Representações portuguesas da China entre 1502 e 1519

Depois de em 1498 os portugueses terem chegado à Índia a “*terra de chins*” foi registada pela primeira vez em Outubro de 1502 no planisfério anónimo conhecido pela designação de “*Cantino*”<sup>1</sup> tendo sido assim expressa numa legenda relativa ao comércio feito em Malaca colocada junto desta cidade. Cujas localizações ali se apresentam de acordo com informações de origem árabe. Numa linha desenhada fantasiosamente neste mapa a norte da península da Malásia foi registada uma legenda em sítio onde talvez se pretendesse adivinhar a localização da China nela se lendo que:

*Quiritiria* está o norte em XIX polegadas.

*Quiritiria*, aqui há muita seda e cera, e almíscar, e benjoim, e estoraque, e rubis e outras pedras de muitas sortes.

Nesta informação a identificação do nome *Quiritiria* é incerta, tendo Albert Kammerer sugerido a possibilidade de poder estar relacionada com o “*Rio Quetiqua*”, que foi registado no mapa da região de Cantão incluído no chamado *Livro de Francisco*

---

<sup>1</sup> Modena, Biblioteca Estense Universitaria, C.G.A.2 (I, 4-5).

*Rodrigues* concluído em 1515 mas teve por base uma carta de um piloto de Java encontrada em Malaca em 1511, a que mais à frente nos iremos referir.

Poderá ter sido com base em informações obtidas por Jorge Álvares aquando da sua ida à China que um cartógrafo, talvez Pedro Reinel, escreveu a palavra “*Chis*” junto de umas ilhas situadas perto de um território traçado de forma fantasiosa a norte da península da Malásia num mapa onde se representa a vasta área que vai do rio Zaire às referidas Molucas que tem sido datado de cerca de 1517 mas preferimos datar de cerca de 1518, devido à forma como nele estão desenhadas as Molucas<sup>2</sup>.

Depois deste mapa conhecem-se dois trabalhos cartográficos preparados em 1519 onde se representou a China. Um deles corresponde ao chamado “*Atlas Miller*”<sup>3</sup>, que poderá ser atribuível a Lopo Homem, aceitando por boa a possibilidade de um mapa-múndi circular por ele feito e datado de 1519 ter pertencido a esse atlas. Nesse mapa-múndi, de contornos deficientes talvez por motivos políticos, registou-se a norte da Malásia a indicação dos “*Chis*”<sup>4</sup>. Na folha n.º 3 do atlas aqui em causa apresenta-se a China com contornos imaginários num “*magnus golfus chinarum*”, o qual resulta da representação ptolomaica de um “*Sinus magnus*”<sup>5</sup>. O delinear fantasioso do Extremo Oriente e mesmo do Sudeste Asiático patente no “*Atlas Miller*” talvez se possa explicar como fruto de um real desconhecimento dessas regiões por parte do seu autor mas mais provavelmente resultará de uma deformação intencional condicionada pelo propósito diplomático de tentar ocultar conhecimentos geográficos e económicos a Carlos V, para quem esta obra talvez tenha sido pensada inicialmente quando D. Manuel I a mandou fazer, daí que tenha sido iluminada de uma forma tão esplendorosa com pinturas de António de Holanda. A produção de tal obra em 1519 poderá justificar-se nesse ano por ter sido então que Carlos V e os castelhanos, através de Fernão de Magalhães, começaram a disputar aos portugueses a posse das Molucas, que estes tinham como sendo suas. A possibilidade de ter havido a referida deformação intencional na representação cartográfica das áreas mais afastadas no Oriente, tal como aparecem no “*Atlas Miller*”, deduz-se da sua comparação com aquelas que se encontram no já mencionado *Livro de Francisco Rodrigues*, conhecido em Portugal desde 1516; no mapa atribuível a Pedro Reinel de datável de 1518, já mencionado, e ainda no planisfério atribuível a Jorge Reinel de 1519, que foi o outro trabalho deste ano a que acima nos referimos. Neste último mapa detetam-se os primeiros traços, ainda que bastante simples e aproximados, reveladores de um esforço de visionar a geografia da China em que já se procura expor a sua realidade geográfica, o que talvez seja fruto de informações sobre a China chegadas a Portugal em 1518 com Rafael Perestrelo, que aí fora entre 1515 e 1516. O planisfério aqui em causa pode admitir-se que corresponde ao mapa feito em Sevilha e referido por Sebastião Álvares numa missiva que daí enviou a D. Manuel datada de 18 de julho de 1519, onde esse seu embaixador indicou que Jorge Reinel, “*mestre das cartas de navegar*”, preparou um planisfério para a viagem de Fernão de Magalhães, acrescentando que na sua fina-

<sup>2</sup> Esta carta estava em Munique quando foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial (I, 10).

<sup>3</sup> Paris, Bibliotheque Nationale de France, Rés. Ge. DD.683 (I, 16-24).

<sup>4</sup> Paris, Bibliotheque Nationale de France, Rés. Ge. DD.683 (I, 16).

<sup>5</sup> Paris, Bibliotheque Nationale de France, Rés. Ge. DD.683 (I, 21).

lização foi decisiva a colaboração do seu pai Pedro Reinel, “*mestre de cartas e agulhas de marear*”, que viera expressamente de Lisboa com a intenção de o fazer regressar a Portugal<sup>6</sup>. É possível que tenha sido depois da vinda deste último cartógrafo que se acrescentou na extrema-direita do mapa os traços que revelam, ainda que de uma forma vaga e deformada, áreas que correspondem à China e suas vizinhanças, onde se inscreveram os topónimos: “*Pulotim, Palor e Bareiras*”, tendo-se na extrema-esquerda do mapa registado uma terra que pertenceria a Castela onde se lê a indicação de ser dos “*Chis*”.

O traçado da China no planisfério de 1519, apesar das suas manifestas imperfeições, revela um progresso relativamente às anteriores linhas registadas no já mencionado mapa datável de 1518, o que denuncia informações recentes obtidas no local, as quais poderão ter origem na referida viagem de Rafael Perestrelo. Esta hipótese afigura-se-nos ser a mais credível, pois elas são aquelas que tiveram tempo para chegar ao conhecimento de Pedro Reinel em 1518, antes de ele ter ido para Sevilha, pois quando ele para lá foi ainda não teriam chegado a Lisboa dados sobre a China que terão sido enviados de Malaca por Duarte Coelho com os primeiros resultados da viagem que Fernão Peres de Andrade então realizava à China, pois tais eventuais informações apenas teriam vindo nos navios da carreira da Índia que aportaram à capital portuguesa entre junho e agosto de 1519. As informações recolhidas por Pedro Reinel em Portugal ainda assim foram suficientes para traçar a novidade da forma da China que está patente no planisfério de 1519. Este mapa foi ricamente iluminado porque terá sido enviado a Carlos V no âmbito da preparação da viagem de Fernão de Magalhães que em 20 de Setembro de 1519 rumou em busca das Molucas por uma via ocidental<sup>7</sup>. Mais uma vez lembramos o contraste da forma de representar o longínquo Oriente aqui patente com a expressa no “*Atlas Miller*”, igualmente de 1519.

Quando o planisfério de 1519 foi feito os portugueses já estariam na posse de uma boa representação da China, a qual terá chegado a Lisboa senão em 1519 pelo menos em 1520, a qual foi obtida na sequência da referida missão de Fernão Peres de Andrade que dali partirá cinco anos antes, em 7 de Abril de 1515, à descoberta da China. D. Manuel ao ordenar esta missão desejava obter informações sobre esse território do qual ainda não sabia então que havia sido atingido em 1513 por Jorge Álvares.

## O papel de Francisco Rodrigues na origem da cartografia portuguesa da China

Antes de considerarmos as representações da China feitas pelos portugueses na sequência da expedição de Fernão Peres de Andrade, que lá chegou em 1517, vamos começara por abordar o chamado *Livro de Francisco Rodrigues*, uma obra de grande impor-

<sup>6</sup> Este planisfério ficou conhecido por *Kunstmann IV*, 1519 e encontrava-se em Munique quando foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial (I, 12).

<sup>7</sup> Sobre esta viagem e a cartografia produzida na sua conjuntura cf. o que escrevemos em *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, Lisboa, Editorial Presença (Biblioteca do século, 18), 2007.

tância na História da Cartografia<sup>8</sup>. Tal trabalho surge depois de Afonso de Albuquerque ter acabado de conquistar Malaca em 15 de Agosto de 1511 e de ter sido surpreendido pelo conteúdo de um mapa que estava na posse de um piloto de Java, tendo sido com a maior admiração que ele então contemplou aquele trabalho cartográfico, sobre o qual escreveu as seguintes palavras encomiásticas na missiva que enviou a D. Manuel e foi concluída em Cochim em 1 de Abril de 1512, as quais vale a pena destacar:

*Também vos vai um pedaço de padrão que se tirou duma grande carta dum piloto de Java, a qual tinha o cabo de Boa Esperança, Portugal e a terra do Brasil, o mar Roxo e o mar da Pérsia, as ilhas do Cravo, a navegação dos chins e gores, com suas linhas e caminhos direitos, por onde as naus iam, e o sertão, quais reinos confinavam uns com os outros.*

*Parece-me, senhor, que foi a melhor cousa que eu nunca vi, e vossa alteza houvera de folgar muito de a ver. Tinha os nomes por letra java, e eu trazia um jau que sabia ler e escrever.*

*Mando esse pedaço a vossa alteza, que Francisco Rodrigues emprantou sobre a outra, donde vossa alteza poderá ver verdadeiramente:*

[Conteúdo da carta do piloto de Java]

*os chins donde vêm e os gores;  
e as vossas naus o caminho que hão-de fazer pera as ilhas do cravo;  
e as minas do ouro onde são;  
e a ilha de Java e de Bandam, de noz-moscada e maçãs;  
e a terra del-rei de Sião;  
e assim o cabo da terra da navegação dos chins, e assim para onde volve, e como dali a diante não navegam.*

*A carta principal se perdeu em Frol de la mar.*

*Com o piloto e com Pêro de Alpoim pratiquei o sentir desta carta, pera lá saberem dar razão a vossa alteza. Tende este pedaço de padrão por cousa muita certa e muito sabida, porque é a mesma navegação por onde eles vão e vêm. Mingua-lhe o arquipélago das ilhas que se chamam Celate, que jazem entre Java e Malaca<sup>9</sup>.*

Pela indicação de Afonso de Albuquerque ao referir que “*Mando esse pedaço a vossa alteza, que Francisco Rodrigues emprantou sobre a outra, donde vossa alteza poderá ver verdadeiramente (...)*” deduz-se que o mapa enviado ao rei resultava de uma adaptação feita

<sup>8</sup> Este códice encontra-se em Paris na Bibliothèque de l'Assemblée Nationale, Ms. 1248, E/I D 19 (I, 36 1 35), tendo sido publicado e estudado por nós em *O livro de Francisco Rodrigues: o primeiro atlas do mundo moderno*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2008.

<sup>9</sup> Torre do Tombo, Corpo Cronológico, parte I, maço 11, nº 50, publicada em *Cartas de Afonso de Albuquerque*, edição de Raimundo António Bulhão Pato, tomo I, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1884, p. 66, podendo-se também ler a transcrição da passagem aqui em causa feita por Francisco Maria Esteves Pereira no seu artigo “Uma carta marítima do século XV e o descobrimento do Brasil”, *Boletim da Classe de Letras*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, volume XIII, fasc. 2, Março-Julho 1919, [Coimbra, 1921], pp. 665-673.

por Francisco Rodrigues da “*grande carta*”, entretanto perdida no naufrágio da nau *Flor de la mar*, pois esperava que o rei pudesse perceber o que nela se queria representar. A partir das referências mencionadas e das que se encontram noutra carta, a que nos iremos referir mais à frente, verifica-se que Francisco Rodrigues era o principal cartógrafo que acompanhava Afonso de Albuquerque, pois em todo o seu vasto conjunto epistolográfico não é mencionado mais nenhum especialista na arte de fazer cartas de navegar.

Foi o apreço que o governador tinha pelo talento de Francisco Rodrigues que o levou a encarregá-lo de preparar em 1511 o referido mapa onde se registaram informações obtidas na carta oriental com “*os nomes por letra java*” que tanto espanto lhe causou quando a analisou com aquele piloto e Pêro de Alpoim. Nessa carta perdida o seu ignorado autor oriental copiou dados contidos numa carta portuguesa, que havia conseguido obter por forma desconhecida, talvez em resultado de algum assalto a um navio português, pois de outra maneira não poderia registar as terras ocidentais que nela traçou, desconhecidas dos asiáticos, à imagem do que fizera em 1513 Piri Reis numa carta que então desenhara, tendo esse autor anónimo acrescentado o desenho de terras orientais que por seu lado os portugueses então desconheciam.

O pouco que sabemos de Francisco Rodrigues leva-nos a pensar tratar-se de um piloto mencionado entre o grupo de portugueses que em 1509 ficara prisioneiro em Malaca quando lá foram pela primeira vez. A destreza desse piloto fez com que Afonso de Albuquerque não só lhe tivesse mandado fazer uma cópia adaptada da referida carta do piloto de Java como o indigitasse para o cargo de piloto-mor da armada que sob o comando de António de Abreu partiu em Novembro de 1511 à descoberta das Molucas. Tal nomeação foi feita de forma elogiosa quando o governador se referiu a esta expedição na carta que enviou a D. Manuel datada de Cochim em 20 de Agosto de 1512 onde indicava ser Francisco Rodrigues um “*homem mancebo que cá andava, de muito bom saber e sabe fazer padrões*”<sup>10</sup>. Este piloto é assim destacado face aos dois outros pilotos portugueses que também foram na missão às Molucas. A circunstância de ser denominado em 1512 “*homem mancebo*” talvez sugira ter uma idade que poderia ir até aos trinta anos.

O conhecimento de Francisco Rodrigues patenteado por Afonso de Albuquerque nas cartas que mencionámos resulta dos contactos que em 1511 mantivera com ele em Malaca, antecedendo a observação da maior parte dos trabalhos cartográficos que ele veio a fazer posteriormente e foram incluídos em 1515 no livro que então preparou e cujas partes mais originais resultavam das observações que fez durante as suas viagens entre 1511 e 1515, bem como das informações cartográficas e orais que entretanto foi recolhendo.

Francisco Rodrigues depois de ter regressado a Malaca vindo de Ambon e Banda, tendo na volta dessa árdua missão de exploração desenhado magnificamente a costa das ilhas indonésias entre Alor e Java, partiu nos inícios de 1513 para a Índia com Afonso de Albuquerque, tendo-o seguido na expedição que ele dirigiu ao mar Vermelho. Foi

---

<sup>10</sup> Torre do Tombo, Corpo Cronológico, parte I, maço 22, doc. 66 publicada em *Cartas de Afonso de Albuquerque*, edição de Raimundo António Bulhão Pato, tomo I, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1884, p. 68.

então que Francisco Rodrigues cartografou a entrada deste mar, sendo possível que tenha igualmente cartografado em 1514 o Golfo Pérsico, que pela primeira vez foi representado num dos mapas incluído no seu referido livro concluído em 1515. Esta obra foi enviada nos inícios do ano seguinte para Portugal nela tendo incluído uma cópia da *Suma oriental* de Tomé Pires. É nesse livro que se encontra um valioso atlas com vinte e seis cartas, que reputamos de ser o primeiro atlas moderno do mundo, no qual representou a China em algumas dessas cartas. Trata-se aí de um registo feito de forma indireta, na medida em que ele não resultou de um conhecimento experiencial dessa terra obtido por qualquer português que lá tivesse ido. Com efeito Francisco Rodrigues adaptou aí o que viu na já várias vezes mencionada carta do piloto de Java examinada em 1511. Os preciosos testemunhos cartográficos aqui considerados revelam um interessante diálogo estabelecido entre a cartografia oriental e a portuguesa. De entre essas cartas destaca-se aquela em que se apresenta a região de Guangdong, que os portugueses denominaram Cantão (Cf. figura 1). Nesta carta pretendia-se apresentar o estuário de Cantão, isto é o rio Zhu Jiang, que aí é denominado “*a boca de estreito da China*”. Na sua extremidade sul regista-se uma ilha com a indicação: “*a esta ilha surgem os juncos da China*”, a qual viria a ser referenciada pelos portugueses como a “*ilha da Veniaga*”, isto é, do comércio. Essa mesma ilha foi também denominada pelos portugueses por Tamão e a sua localização tem sido alvo de alguma controvérsia tendo Jin Guo Ping e Wu Zhiliang defendido a sua localização em Dongchong na atual Dayushan (Hong Kong)<sup>11</sup>. Essa ilha foi denominada por Francisco Rodrigues como *Timom* no texto que denominou “*Caminho da China*”, que é um breve roteiro com informações recolhidas em Malaca em 1511 ou 1512 junto de pilotos malaios ou javaneses, que colocou na primeira das cartas relativas à China.

Foi na ilha de Tamão que talvez em junho de 1513 Jorge Álvares aportou pela primeira vez quando foi de Malaca como capitão, feitor e escrivão de um junco que havia comprado no Pegu (Birmânia). Segundo João de Barros, “*em os fins da terra pôs aquele padrão de seus descobrimentos*”, tendo com este marco de pedra memorado o feito de ter chegado a tão remota terra na companhia de dois anónimos portugueses. Este pequeno grupo havia deixado Malaca em Maio ou Junho de 1513, onde regressou por volta de Abril de 1514 trazendo as primeiras informações diretas obtidas por portugueses na China.

Entre 1516 e 1518 o nome de Francisco Rodrigues não está assinalado nas fontes escritas até que entre 1519 e 1522 foi registada a sua presença em Malaca e a China. Podemos-nos interrogar sobre o que teria feito entre 1516 e 1518 este homem “*de muito bom saber*” que em 1515 se assumiu orgulhosamente como “*piloto-mor da primeira armada que descobriu Banda e Maluco*” (Atlas p. 42) e em 1513 e 1514 explorou o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico, estando assim tão ocupado desde 1512 a realizar importantes missões de exploração e foi considerado em 1522 por Martim Afonso de Melo como “*piloto-mor naquelas partes de Malaca bem suficiente homem em seu officio*”. Quanto a nós a resposta mais verosímil a tal questão passa pela possibilidade de ter Francisco

<sup>11</sup> Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Revistar os primórdios de Macau: para uma nova abordagem da História*, Macau, Instituto Português do Oriente; Fundação Oriente, coleção: Memória do Oriente, 2007, p. 91.

Rodrigues acompanhado Tomé Pires quando este embarcou em Cochim com Fernão Peres de Andrade talvez em Abril de 1516 rumo a Malaca e depois à China.

A ida de Fernão Peres de Andrade à China insere-se na ambiciosa política oriental desenvolvida por D. Manuel em 1515, quando estavam estabelecidos os pilares do Estado da Índia em Ormuz, Goa e Malaca. Foi então que aquele rei português decidiu ampliar a sua muito ambiciosa estratégia imperial e mercantil avançando para o estabelecimento de relações com a China, de cujas potencialidades ouvira falar. Um ano depois da partida de Fernão Peres de Andrade o rei pode rever em 1516 representações da China no *Livro de Francisco Rodrigues* que então este lhe havia enviado, as quais é credível já tivesse visto numa primeira via que chegara juntamente com a já aludida carta de Afonso de Albuquerque concluída em Cochim a 1 de Abril de 1512, na qual se aludia elogiosamente à carta do piloto de Java trabalhada por Francisco Rodrigues.

A viagem de Fernão Peres de Andrade foi atribulada pois foi apenas em 17 de Junho de 1517 que logrou partir de Malaca para a China, onde chegou em 15 de Agosto deste ano. Da complexa história desta expedição importa reter aqui que em finais de Setembro de 1517 navios portugueses aportaram a Cantão.

Fernão Peres de Andrade ficou na China até finais de Setembro de 1518, tendo seguido depois ao longo da costa chinesa até à ilha de Hainão, antes de ir para Malaca e depois para a Índia, onde aportou em Fevereiro de 1519. Este fidalgo apenas regressou a Lisboa nos inícios de Julho de 1520, indo de seguida encontrar-se com D. Manuel em Évora, onde lhe reportou os resultados da sua missão à China, para onde partira cinco anos antes. Ao fazê-lo afigura-se-nos verosímil admitir que tenha mostrado ao rei mapas da região que explorou e tanto interessava o rei.

Como já anteriormente referimos é credível aceitar que informações da missão à China de Fernão Peres de Andrade já tivessem chegado a Portugal em meados de 1519, depois de terem sido enviadas por Duarte Coelho, que em finais de Março de 1518 partira da China para Malaca com indicações sobre o que até então se passara, mas mesmo que tal tivesse acontecido será de admitir que elas não fossem tão completas como as apresentadas em 1520.

A cartografia portuguesa até meados do século XVI registou a costa da China entre a ilha de Hainão e a zona que os portugueses denominaram Chinchéu, que corresponde a Zhangzhou e Qanzhou no Fujian. Esta última região foi explorada pela primeira vez por Jorge de Mascarenhas depois de em Março de 1518 ter partido da ilha de Veniaga com a intenção de ir até às ilhas dos léquios. Este fidalgo embora não tivesse podido chegar a estas ilhas, que correspondem às Riu Kiu, explorou parte da região chamada de Chinchéu, de onde foi chamado com urgência por Fernão Peres de Andrade para com ele regressar a Malaca, o que se verificou em finais de Setembro de 1518. De assinalar que António Galvão ao referir-se a Jorge de Mascarenhas indicou de forma exagerada a sua exploração como tendo ido “*por mar e costa até à cidade de Foquiem, que está em 24 graus de altura*”.

No período situado entre meados de Agosto de 1517 e finais de Setembro de 1518, durante o qual decorreu a importante missão à China de Fernão Peres de Andrade, os portugueses terão por certo cartografado a região visitada pois tinham todo o interesse

em regista-la de forma adequada. A recolha do maior número de informações cartográficas possível sobre essa zona do mundo prende-se não apenas com a necessidade de dar apoio aos pilotos que lá fossem no futuro mas também com o empenho em habilitar D. Manuel com meios que lhe permitissem delinear a sua ambiciosa estratégia imperial, para a qual necessitava de ter os melhores conhecimentos geográficos possíveis. Vai nesse sentido a afirmação de António Galvão quando ao referir-se à expedição de Fernão Peres de Andrade indicou que este esteve na China “*informando-se das cousas daquela terra como lhe el-rei mandava por serem mui grandes e notáveis*”.

É no contexto do panorama histórico aqui esboçado que colocamos a hipótese de as regiões da China visitadas em 1517-1518 pelos portugueses terem sido mapeadas e abertas ao conhecimento científico graças a ações desenvolvidas por Francisco Rodrigues. Para tal suposição partimos da noção que se nos afigura credível de ter este piloto e cartógrafo ido para a China com Tomé Pires, depois de ter estado com ele em Cochim ao enviar em 1516 para Lisboa o seu livro, onde se incluía uma parte importante da cartografia do Oriente até aí conhecida e uma cópia da *Suma oriental* daquele boticário. Consideramos muito forte a possibilidade de Francisco Rodrigues ter seguido na expedição que chegou à China em 1517, embora tal não esteja registado por escrito, pois afigura-se-nos natural admitir que lá tivesse ido em vez de ter ficado inativo em Malaca, quando tanta falta fazia na China. Devemos recordar que ele era tido como um piloto e cartógrafo “*de muito bom saber*” e o mais conceituado especialista daqueles mares orientais, pois em 1522 era o “*piloto-mor naquelas partes de Malaca*”, sabendo-se além disso que em 1519-1520, 1521 e 1522 esteve na China. Com efeito a presença de Francisco Rodrigues está atestada na armada de Simão de Andrade como capitão de um dos seus quatro navios que em Agosto de 1519 foi à China, tendo regressado a Malaca em Setembro de 1520. Simão de Andrade voltou à Índia em Fevereiro de 1521 onde se encontrou com Martim Afonso de Melo, que então ia comandar a derradeira armada portuguesa à China neste período. Esta foi constituída por seis navios, que chegaram à ilha de Veniaga a 4 de Agosto de 1522 e nela também embarcou Francisco Rodrigues. Entretanto Francisco Rodrigues estivera na China em 1521.

As boas relações que os portugueses haviam estabelecido com os chineses desde 1513 deterioraram-se em 1521 e como que a simbolizar o fim desta primeira fase da História das relações luso-chinesas verificou-se a morte do seu descobridor português Jorge Álvares em 8 de julho de 1521, tendo, nas palavras de João de Barros, sido “*enterado ao pé de um padrão de pedra com as armas deste reino, que ele mesmo, Jorge Álvares, ali pusera um ano antes que Rafael Perestrelo fosse àquelas partes*”.

A armada de Martim Afonso de Melo foi obrigada a deixar a China em 18 de Agosto de 1522, depois de aí ter travado violentos combates com uma armada chinesa, durante os quais perdeu dois navios. As notícias destes incidentes viriam a chegar a Portugal em 1524, certamente depois das reuniões da junta de Badajoz-Elvas que decorreram entre 11 de Abril e 31 de Maio desse ano.

Martim Afonso de Melo ao descrever a sua malograda expedição à China na carta escrita em Cochim em 15 de Outubro de 1523 enalteceu as ações então desenvolvidas por Francisco Rodrigues durante os trágicos acontecimentos da sua expedição, tendo-o

referido como “*piloto-mor naquelas partes de Malaca e bem suficiente homem em seu officio*”. É de recordar que este piloto-mor tão importante na região já havia sido muito elogiado por Afonso de Albuquerque na carta que em 20 de Agosto escreveu a D. Manuel, onde o referiu como um piloto de “*mui bom saber e sabe fazer padrões*”. Este saber era então raro no Oriente, como se deduz desta observação com expressão de admiração. Com efeito Francisco Rodrigues foi o único cartógrafo português identificado que se sabe ter ido à China no período aqui considerado. Face a esta realidade insistimos na possibilidade que se nos afigura bastante razoável de ter sido ele que foi o primeiro cartógrafo a representar de uma forma ocidental a China como especialista de registos hidrográficos dessas regiões que então ainda eram quase desconhecidas. Considerando esta hipótese ele não teria ido à China apenas entre 1519 e 1522, quando a sua presença está atestada documentalmente, pois nessa altura já seria um bom conhecedor da zona por experiência e pela aprendizagem junto dos pilotos locais, com quem os portugueses haviam ido. Desta forma acreditamos que Francisco Rodrigues tenha estado muito empenhado em missões de exploração geográfica na China, depois de até 1515 ter andado nas viagens de descoberta a que já atrás nos referimos.

Tendo em conta todas estas considerações defendemos ser bastante forte a possibilidade de Francisco Rodrigues ter desenvolvido um apreciável labor cartográfico na China entre 1517 e 1522, o qual estará na base da criação do modelo de representação da China que em Lisboa se guardava no Armazéns da Guiné e Índias.

Devido ao importante papel desempenhada por Francisco Rodrigues nas navegações e cartografia no Índico e Extremo Oriente acreditamos que tenha sido ele quem cartografou as costas desde a Malásia à China entre 1516 e 1522, certamente com os mesmos intuítos com que trabalhara entre 1511 e 1515 e cujos resultados deixou para a posteridade no seu livro que enviou para Portugal em 1516, embora o seu saber tivesse sido utilizado discretamente. Julgamos ser assim possível reconhecer o justo mérito da plenitude da sua obra.

Os mapas que admitimos poderem ter sido feitos por Francisco Rodrigues na China entre 1517 e 1522 não se conservaram mas pensamos que o essencial do seu conteúdo foi registado quer nos planisférios de Diogo Ribeiro quer num planisfério português anónimo que se encontra em Viena, obras a que de seguida nos vamos referir.

## **Diogo Ribeiro como divulgador da mais antiga cartografia portuguesa da China**

Quando em 1519 Jorge Reinol preparou em Sevilha o seu já referido planisfério começou a trabalhar nesta cidade o cartógrafo português Diogo Ribeiro, que fez igualmente cartas para a viagem de Fernão de Magalhães com base no padrão expresso naquela obra.

A figura de Diogo Ribeiro interessa-nos aqui por ter sido ele quem legou os mais antigos traços cartográficos europeus precisos que se conhecem da China. Tais traços terão sido apurados quer na missão de Fernão Peres de Andrade em 1517-1518 quer nas que se lhe seguiram até 1522, os quais, como vimos, admitimos terem sido feitos por

Francisco Rodrigues, pois Diogo Ribeiro nem qualquer castelhano foi à China, nem há registo de que qualquer outro cartógrafo português lá tivesse ido.

Estando em Sevilha, Diogo Ribeiro foi nomeado em 10 de Julho de 1523 para o cargo de “*cosmógrafo maestro de hacer cartas*” na Casa da Contratação das Índias em Sevilha, tendo sido o responsável pela preparação do “*Padrón real*”, que então foi criado, sendo nos seus traços principais de origem portuguesa para a maior parte do mundo. Tirando a zona da América espanhola ele seguia o modelo expresso em 1519 no planisfério de Jorge Reinell, o qual, por sua vez, correspondia ao padrão português que se encontrava nos Armazéns da Guiné e Índias em Lisboa. Esta realidade deduz-se da comparação das representações feitas nos planisférios que Diogo Ribeiro desenhou em 1525, 1527, 1529 (dois) e cerca de 1532 (num fragmento) com a restante cartografia portuguesa anterior e posterior<sup>12</sup>.

Nos planisférios de Diogo Ribeiro ficou registada uma imagem da China muito mais aperfeiçoada do que aquela que se encontra no planisfério de Jorge Reinell / Pedro Reinell de 1519 pois tinha por base informações cartográficas que teriam necessariamente de vir de Portugal em data posterior a 1519.

Face a Diogo Ribeiro, que esteve em Sevilha desde 1519, afigura-se-nos aceitável a hipótese de que o conhecimento dos traços da China registados nos seus planisférios possam ter sido obtidos durante a sua participação técnica pelo lado dos castelhanos nos debates científicos e políticos que estes travaram com os portugueses na junta reunida entre 11 de Abril e 31 de Maio de 1524 em Badajoz e Elvas com o objectivo de determinar a quem pertenciam as Molucas.

Ao perguntarmo-nos como poderia Diogo Ribeiro ter representado a China nos seus planisférios só conseguimos responder que o teria feito porque recorreu a mapas traçados pelos portugueses que lá foram em expedições realizadas entre 1517 e 1522, sendo possível que tivesse alcançado tais conhecimentos junto de delegados técnicos portugueses que estiveram nessa junta, como é o caso do cartógrafo Lopo Homem e do cosmógrafo e astrólogo régio Simão Fernandes, natural de Tavira, havendo a expressa menção de se terem então observado mapas sobre os quais se trocaram opiniões.

Devemos assinalar ainda neste contexto que antes da ocorrência das referidas reuniões em 1 de Março de 1524 Martin Centurion acabou de trasladar uma tradução da língua portuguesa para a castelhana do livro de Duarte Barbosa sobre o Oriente “*com a interpretação de Diogo Ribeiro cosmógrafo*” de Carlos V e “*mestre de cartas de navegar*”. Esse mesmo livro de Duarte Barbosa, cujo original terá sido concluído em 1516, foi igualmente copiado com anotações e ampliações cerca de 1542-1543 talvez por Gaspar Viegas, cartógrafo a que nos iremos referir mais à frente.

<sup>12</sup> Estes mapas correspondem respectivamente: ao planisfério conhecido por “Castiglioni”, atribuível a Diogo Ribeiro, 1525. Modena, Biblioteca Estense Universitaria, C.G.A. 12 (I, 37); ao planisfério atribuível a Diogo Ribeiro, 1527. Weimar, Thüringische Landesbibliothek (1, 38); ao planisfério de Diogo Ribeiro, 1529. Vaticano, Biblioteca Apostolica, Borgiano III (I, 39); ao planisfério de Diogo Ribeiro, 1529. Weimar, Thüringische Landesbibliothek (1, 40) e à carta atribuível a Diogo Ribeiro, cerca de 1532, Herzog August Bibliothek, Wolfenbüttel, cod. Guelf 104 A und B Aug. fol. (I. 41).

A costa da China tal como foi apresentada por Diogo Ribeiro nos seus planisférios incide no estuário de Cantão, o qual corresponde ao Zhu Jiang, que os portugueses denominaram por Rio da Pérola, embora seja geralmente denominado por Rio das Pérolas. Este vasto estuário tem a norte a convergência de um rio vindo do ocidente, o Xi Jiang (ou Sikiang) e outro que vem do oriente, o Dong Jiang. São tais rios que se apresentam nos planisférios do cosmógrafo português ao serviço de Castela, tal como o serão no planisfério anónimo português oficial que se encontra em Viena, a que mais à frente nos iremos referir. Esta forma correta de apresentar os dois rios, tal como está registada pela cartografia portuguesa, resultou da atenta observação da geografia local, ainda que posteriormente tenha sido substituída por um traçado mais simplificado do rio, que se limitou à apresentação de um grande estuário.

Ao compararmos a forma como o litoral da China está representado nos planisférios de Diogo Ribeiro com o traçado das costas de Samatra e Java desenhados no último dos padrões originais de Francisco Rodrigues no seu atlas concluído em 1515 vemos que são do mesmo tipo. Comparando por sua vez o modelo da China que se observa nos planisférios de Diogo Ribeiro com o dos mapas portugueses da China até ao planisfério de Lopo Homem de 1554 verificamos que no essencial seguem o mesmo padrão, ainda que apresentem variantes formais e de legendagem, como iremos ver de seguida.

## Cartografia portuguesa das décadas de 30 e 40 do século XVI

### O planisfério português anónimo que se encontra em Viena

Os Portugueses foram proibidos de ir à China em 1522 e só lá terão começado a voltar por volta de 1533, retomando então progressivamente, ainda que de uma forma irregular os contactos com regiões dessa parte do mundo centradas nas zonas de Chinchéu e Cantão. Ao considerarmos os seis mapas portugueses entre 1533 e 1553 conhecidos onde a China está cartografada começamos por referir aquele que admitimos ser o que estará mais próximo dos levantamentos hidrográficos feitos pelos portugueses na China até 1522. Referimo-nos ao planisfério português anónimo que se encontra na *Oesterreiche Nationalbibliothek* em Viena<sup>13</sup> (cf. figura 4). Avelino Teixeira da Mota sugeriu esta peça soberba poderia ter sido feita cerca de 1545 mas ao revermos a argumentação que este autor apontou para defender tal datação pensamos que ela é susceptível de ser ratificada, pois afigura-se-nos mais verosímil data-la de cerca de 1543. Com efeito e como o citado autor verificou não há neste planisfério qualquer indicação posterior a 1542, como é o caso da exploração do rio Amazonas levada a cabo por Orillana, que dela deu notícia em Lisboa em 1543. Se tal facto já se tivesse verificado quando o mapa foi feito os novos dados obtidos nessa exploração seriam nele sido registados, tal como aconteceu com o registo da nova forma do mar Vermelho que nele esta patente e resulta

<sup>13</sup> Este planisfério encontra-se em Viena, *Oesterreiche Nationalbibliothek*, *Kartensammlung*, FKB 272-11 (I, 79).

dos dados que chegaram a Lisboa no Verão de 1542, depois da exploração realizada em 1541 por D. João de Castro nesse local. De notar ainda que neste planisfério não está presente o Golfo e Rio de São Lourenço, que surge pela primeira vez num mapa de António Pereira datável de cerca de 1545.

A data de 1543 é quanto a nós mais defensável para o traçar do planisfério aqui considerado devido ao contexto histórico que poderá explicar a origem de tão aparatosa peça de cartografia áulica. Com efeito este magnífico mapa, que ainda não foi exaustivamente estudado, poderá ter sido feito para ser oferecido por D. João III a Carlos V numa conjuntura que ficou duplamente marcada por um lado pelos contratos de casamento de príncipes e pela viagem de Ruy López de Villalobos às Filipinas e às Molucas. Começando por considerar este último ponto é de referir ter sido Ruy López de Villalobos quem deu o nome de Filipinas às ilhas antes designadas por São Lázaro, homenageando assim o então príncipe e depois rei Filipe II de Espanha. A expedição por ele dirigida partiu do México em 1 de Novembro de 1542 atravessando de seguida o Pacífico. Um mês depois do início desta expedição foram assinados em 1 de Dezembro de 1542 os contratos de casamento de Filipe e Joana, filhos de Carlos V, respectivamente com D. Maria e D. João, filhos de D. João III, tendo-se o casamento entre Filipe e D. Maria concretizado em 15 de Novembro de 1543. Neste contexto é de recordar que em 1525 Carlos V havia oferecido dois planisférios a delegados do Papa por ocasião do seu casamento com D. Isabel, irmã de D. João III, de forma a assim mostrar o seu grande poder, tendo tais obras ficado conhecidas pelos nomes de “*Salviati*”, atribuível a Nuño Garcia de Torreno, e “*Castiglione*”, atribuível a Diogo Ribeiro.

No sentido favorável à proposta de datação de cerca de 1543 que aqui apresentamos para o planisfério de Viena vai o facto de tão magnífico documento nunca ter deixado o património dos Habsburgo na Áustria, facto que resultará de ter pertencido a Carlos V. A oferta principesca de tal mapa destinar-se-ia a lembrar ao imperador o acordado em 1529 no Tratado de Saragoça sobre a divisão do mundo e a posse portuguesa das Molucas, o qual fazia com que tais ilhas, a China e as Filipinas ficassem do lado da Terra que pertencia de Portugal, tal como havia sido estabelecido em 1494 no Tratado de Tordesilhas. Tal lembrança poderia ainda e também representar uma forma de protesto contra a missão levada a cabo por Ruy López de Villalobos ao Pacífico em 1542.

O planisfério aqui considerado expressa com toda a clareza as grandiosas perspectivas portuguesas da partilha do mundo, em contraponto manifesto com a que havia sido exposta nos planisférios produzidos em 1529 por Diogo Ribeiro, de acordo com uma perspectiva castelhana e num ambiente que foi marcado pela assinatura do referido Tratado de Saragoça em 22 de Abril de 1529. Daí que nestes trabalhos ainda se tivesse defendido as Molucas como sendo castelhanas, antes que na dúvida sobre a sua posse elas terem sido compradas por Portugal, através do referido Tratado de Saragoça. Entretanto os dois planisférios de 1529 teriam sido feitos para Carlos V, que nesse ano foi para Itália, onde chegou a 12 de Agosto, tendo um deles ficado em Roma, enquanto o outro foi para a Alemanha.

Face às considerações que acabámos de tecer temos que a data de 1543 será mais provável que a de cerca de 1545 até agora aceite para situar a preparação do planisfério de Viena, pois é a que melhor se ajusta às circunstâncias que poderão justificar uma obra tão esplendorosamente decorada com belas iluminuras de grande aparato e significado simbólico com expressões de poder, o que revela tratar-se de um objeto de propaganda oficial portuguesa destinada certamente à casa dos Habsburgo.

Avelino Teixeira da Mota sugeriu com prudência a possibilidade de este mapa ter sido feito pelo cartógrafo Pêro Fernandes, que foi o patriarca de uma famosa família de cartógrafos de apelido Teixeira. Nós, com igual prudência, sugerimos que as onze notáveis figuras que decoram este planisfério com motivos heráldicos poderiam ter sido pintadas pelo iluminador António Fernandes, que, quem sabe, talvez tenha sido parente de Pêro Fernandes, considerando o apelido comum. Ao observarmos os elementos iconográficos presentes neste planisfério verificamos terem grandes afinidades com os que se encontram em iluminuras feitas por António Fernandes na *Leitura Nova* entre 1538 e 1552. Se esta hipótese estiver correta teremos a obra de um dos mais notáveis iluminadores portugueses do Renascimento ao serviço da cartografia e da diplomacia, tal como já em 1519 o estivera o iluminador António de Holanda ao decorar o chamado “*Atlas Miller*”.

O planisfério português que está em Viena segue por certo o padrão que se guardava nos Armazéns da Guiné e Índias em Lisboa pois reflete ao mais alto nível a posição oficial da coroa portuguesa quanto aos ambiciosos domínios imperiais que reivindicava no mundo. Estamos, pois, perante uma perspectiva atualizado do padrão português cuja primeira forma conhecida foi copiado em 1502 no já atrás mencionado planisfério feito a pedido de Cantino para ser enviado para Ferrara, tendo depois de atualizado sido levado por Jorge Reinel em 1519 e de seguida adaptado por Diogo Ribeiro a partir desse modelo.

Para observar padrões castelhanos de características bem diferentes dos anteriores podem apontar-se os exemplos dos planisférios de Gerolamo da Verrazzano de 1529 e Sancho Gutiérrez de 1551. Nesta última obra regista-se o resultado da viagem de Ruy López de Villalobos, sendo como que um contraponto castelhano ao planisfério português de Viena.

No ambicioso planisfério que está em Viena pode observar-se que o traçado do litoral da China tem semelhantes manifestas com o que se expõe no padrão seguido por Diogo Ribeiro, sendo de realçar o importante pormenor comum que consiste na representação da região de Cantão com dois rios, que já atrás destacámos.

Analisando os dados da toponímia do planisfério de Viena pode também deduzir-se que ela tem pontos de afinidade, quer com os planisférios de Diogo Ribeiro, quer com outros mapas portugueses anteriores a 1554, que de seguida iremos considerar.

Para termos uma noção da toponímia registada no planisfério mais completo de Diogo Ribeiro, que é aquele que foi feito em 1529 e se encontra em Weimar, vamos confronta-la com a de duas das peças mais importantes da cartografia portuguesa que se lhe seguem, como é o segundo dos atlas atribuível de Gaspar Viegas, talvez de cerca de 1539, que tratamos de seguida, e o planisfério português anónimo de Viena, que será de 1543.

<p><b>Planisfério de Diogo Ribeiro que se encontra em Weimar (1529) – estampa 3</b></p> <p><i>Cankan,</i></p> <p><i>matan,</i></p> <p><i>C: de brãca de teixeira</i> <i>y<sup>a</sup> da quejaga,</i> <i>ag[oa]da p[ri]mera,</i> <i>ag[oa]da s[an]-tiago</i></p> <p><i>R: de la ascension,</i> <i>baxos d'los ramos,</i></p> <p><i>C. d'pescadores</i> <i>R. d'la sal,</i> <i>Y<sup>a</sup> Recife d'aguada,</i> <i>baxos de S. Lorenzo</i></p>	<p><b>Carta do atlas atribuível a Gaspar Viegas (cerca de 1539?) – estampa 6</b></p> <p><i>Terra dos fumos,</i> <i>pulocotam</i> <i>C. da volta,</i> <i>pulochãpalo,</i></p> <p><i>coaynã,</i> <i>furna,</i> <i>Ilhetas,</i> <i>R: delRei,</i> <i>choan,</i> <i>I: do aljofar,</i> <i>furna</i> <i>ainã,</i> <i>a tinboza</i> <i>puloguõ,</i> <i>pulotujo,</i> <i>p: do praçell</i></p> <p><i>Costa da china</i> <i>labupe rãpon,</i> <i>coai,</i> <i>pulutucã,</i> <i>tue[n]com</i></p> <p><i>Rio de Camtã</i> <i>Ilha da biniagaa,</i></p> <p><i>aguoada primr<sup>a</sup></i></p> <p><i>R: dace[n]çã,</i> <i>baia dos Ramos,</i> <i>C. primr<sup>o</sup>,</i> <i>C. dos pescadores</i> <i>R: do sall</i></p> <p><i>Cabo de chi[n]cheo</i></p>	<p><b>Planisfério português anónimo que se encontra em Viena (1543?) – estampa 7</b></p> <p><i>terra dos fumos</i></p> <p><i>C. da volta,</i> <i>pullochampa-lao,</i> <i>Caaynam</i> <i>Cauchim china</i> <i>Choam,</i></p> <p><i>I. do aljofar,</i> <i>ponta delgada,</i></p> <p><i>costa da china (?),</i> <i>labu[n]pe ram-pan,</i> <i>Coai (?)</i> <i>(???)</i></p> <p><i>R. de Cantã (?)</i> <i>I. da biniaga (?)</i></p> <p><i>aguada,</i> <i>C. d'aguada,</i> <i>en-seada de ymaoes(?),</i> <i>R. d'asençam(?),</i> <i>b. dos Ramos,</i> <i>C. primr<sup>o</sup>,</i> <i>C. dos pescadores</i> <i>R. do Sal</i></p> <p><i>C. [de] chincheo</i></p>
---	--	---

## Quatro cartas anteriores a 1543

Antes do planisfério de Viena ter sido feito é possível que tenham sido traçadas as quatro cartas que de seguida vamos apresentar, por nelas se registar a China. Esses mapas não estão datados e a sua localização no tempo coloca problemas de análise delicada, apesar de Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota terem apresentado hipóteses para os datar por aproximação, tendo em conta a avaliação das formas de várias áreas geográficas tal como neles foram traçadas. Apesar da bem formulada argumentação apresentada por estes autores pensamos que algumas das datas propostas poderão ser suscetíveis de ligeiras revisões.

A avaliação da forma como a costa da China foi traçada nesses quatro mapas levamos a admitir que no essencial ela corresponde a uma variante do modelo expresso no planisfério de Viena, o qual como já assinalámos, seguia o padrão oficial do mapa do mundo que se guardava nos Armazéns da Guiné e Índias em Lisboa. O modelo cartográfico do conjunto dos quatro mapas aqui considerados é facilmente identificável por nele se destacar o traçado da ilha de Hainão de uma forma adelgada e extensa, que faz lembrar o registo dessa ilha tal como aparece no fólho 38 do *Livro de Francisco Rodrigues*, onde foi desenhada de acordo com o modelo registado no mapa do piloto de Java visto em 1511. Quanto ao desenho do rio de Cantão verifica-se que no modelo agora considerado desapareceu o registo dos dois rios, patente no modelo que temos por original, por estar expresso nos planisférios de Diogo Ribeiro e de Viena. Esta forma é praticamente igual em três cartas, sendo uma delas aquela que é conhecida pelo nome de “*Penrose*”, cuja datação é mais problemática apesar de Armando Cortesão ter sugerido de cerca de 1535<sup>14</sup>. Esta hipótese poderá ser sustentável mas ainda assim pensamos que será preferível coloca-la alguns anos depois, talvez mais perto de 1539, como sugeriu Francisco Roque de Oliveira. Esta peça corresponde a um esboço cartográfico onde junto da China apenas se assinala a legenda: “*rio de cântam a china*”. O traçado deste território é igual ao registado em cartas que figuram em dois atlas muito semelhantes, não assinados nem datados, que se conservam em Florença (cf. figuras 5 e 6)<sup>15</sup>. Avelino Teixeira da Mota sugeriu que estas duas obras poderão ter sido feitas cerca de 1537 por Gaspar Viegas, cartógrafo que em 1534 assinou uma carta com a representação dos territórios à volta do Atlântico cujo traçado e decoração é muito semelhante ao de algumas das cartas desses dois atlas. Tal realidade sustenta a consistência da atribuição desta hipótese de autoria. Quanto à datação dos atlas, contudo, poderá ainda haver dúvidas de pormenor. Com efeito se a datação de cerca de 1537 poderá ser admissível para o atlas que se encontra na Biblioteca Riccardiana, onde a representação da China termina em Chinchéu, afigurase-nos que para o atlas do Archivio di Stato talvez possa ser arrastada para um ano à volta de 1539. Com efeito nesta última peça verificamos que após o registo de Chinchéu há o

<sup>14</sup> Este esboço de carta anónima talvez de cerca de 1539 encontra-se na Boies Penrose Colletion, Devon, Pensilvânia (I, 58).

<sup>15</sup> Referimo-nos neste caso a mapas do atlas com 26 cartas atribuível a Gaspar Viegas, cerca de 1537 em Florença, Biblioteca Riccardiana, Cod. Ricc. 1813 (I, 51 C) e do atlas com 24 cartas atribuível a Gaspar Viegas, talvez de cerca de 1539 em Florença, Archivio di Stato, Cart. Naut. 11 (I, 51 D).

acrécimo de uns traços mais avançados para oriente, que poderiam querer apontar para uma eventual figuração da região de Liampó ou mesmo do golfo de Nanquim, ainda que numa representação muito imperfeita e imaginária, que resultará de vagas informações orais, já que não tem qualquer nome associado nem uma relação direta com o traçado da costa chinesa que a partir de 1554 aparece em mapas portugueses onde se representa Liampó, cidade que só teria começado a ser visitada pelos portugueses talvez pouco antes dos finais dos anos 30 do século XVI. Um outro argumento que leva a sugerir ser este segundo atlas posterior ao outro, encontra-se no facto de nele se ter adicionado pela primeira vez a representação das ilhas dos Ladrões (*Ladrones*) ou das Velas (as atuais Marianas) na Macronésia (18° N; 146° E)<sup>16</sup>, as quais não aparecem no atlas da Biblioteca Ricardina, pois aí apenas está presente a ilha mais meridional<sup>17</sup> e só vêm a ser registadas de seguida no planisfério de Sebastião Caboto de 1544 e num mapa de António Pereira feito cerca de 1545. Também só no atlas do Achivo de Stato é que aparece ao sul dessa ilha “*as ilhas que achou Gomes de Sequeira*”.

A inclusão de traços depois de Chinchéu feito na representação da costa chinesa no atlas do Archivio di Stato surge igualmente na carta dita “*Penrose*”, o que reforça a possibilidade de esta última também ser talvez de cerca de 1539, isto é, posterior à data de cerca de 1535 que lhe tem sido apontada. Neste último esboço é de ainda de assinalar a circunstância de nele se registar pela primeira vez a representação das ilhas dos Léquios (as ilhas de Riu Kiu), ainda que o facto de tais ilhas serem aí desenhadas de forma bastante vaga e imprecisa denote terem sido colocadas numa posição que resultará de informações orais, não sendo provavelmente registadas de acordo com uma experiência de conhecimento de origem portuguesa, a qual só terá surgido em 1542. A informação que reflete este conhecimento sugere a hipótese de datar este mapa posteriormente à elaboração dos dois atlas referidos, onde as ilhas dos léquios não são mencionadas.

Quanto à identidade de Gaspar Viegas, o possível autor dos dois atlas de Florença, há a considerar poder corresponder a um homem que esteve no Oriente, nomeadamente no período situado entre 1537 e 1543, e fez uma cópia do livro de Duarte Barbosa, no qual introduziu muitos aditamentos e comentários entre 1542 e pouco depois 1543, pois assinalou este ano como sendo aquele em que voltou para Portugal, como se vê pela sua afirmação: “*quando parti da Índia, ano de 1543*”. O primeiro dos atlas aqui em causa poderia assim ter sido feito antes do seu presumível autor ter partido para a Índia em 11 de Março de 1537, na mesma armada em que Fernão Mendes Pinto foi para o Oriente, ou pouco depois de lá ter chegado. Quanto ao segundo atlas talvez tenha sido feito já na Ásia, antes de ter copiado e anotado o livro de Duarte Barbosa, se é que não o foi nessa mesma altura como que para lhe servir de ilustração.

O modelo português de representar a China aqui referenciado e que está bem identificado pelo destaque atribuído à grande e adelgada ilha de Hainão foi levado para França, onde influenciou o traçado de alguns dos mapas dos anos 40 do século XVI da chamada “*Escola de Dieppe*”. De entre estes mapas podemos destacar os que foram feitos

<sup>16</sup> Cf. I, 52 D f. 8v.)

<sup>17</sup> Cf. I, p. 212.

por Jean Rotz em 1542 e Guillaume Brouscon em 1543, que seguem os modelos patentes nos atlas atribuíveis a Gaspar Viegas, pois neles a ilha de Bornéu ainda está figurada sem a sua parte ocidental.

Quanto ao atlas de Vallart, feito em 1547, verificamos que se aproxima da carta dita de “*Penrose*”, por, tal como nesta a ilha de Bornéu já se apresentar completa mas de acordo com uma forma imaginária, dada não estar explorada por completo nessa altura. Os mapas referidos não registam, contudo, os aditamentos à costa chinesa depois de Chinchéu que se observa na carta de “*Penrose*”. Salientamos também que a toponímia destas cartas francesas é semelhante à que ficou registada nos atlas atribuíveis a Gaspar Viegas.

Pouco depois da representação da China nas três cartas portuguesas acima abordadas verificámos que ela foi feita de uma forma idêntica numa carta do Oriente vulgarmente denominada de “*Wolfenbütele*”, que Avelino Teixeira da Mota sugeriu datar de cerca de 1540<sup>18</sup>. Nesta carta há apenas a destacar a diferença de a ilha de Hainão não aparecer individualizada mas sim absorvida com a terra que lhe ficava contígua. Estamos perante uma atitude resultante de um qualquer defeito de registo por se ter talvez considerado a sua proximidade ao continente. Para lá desta estranha particularidade, é de assinalar que nesta obra a ilha de Celebes (Sulawesi) é apresentada pela primeira vez com a sua parte oriental e de forma idêntica à que foi registada uns três anos depois no planisfério de Viena, o que denota um progresso relativamente às três figurações anteriores, onde ela é apenas assinalada num pequeno troço da sua costa norte.

Vejamos agora um confronto da toponímia das cartas portuguesas que aqui considerámos:

---

<sup>18</sup> Carta no Herzog August Bibliothek, Wolfenbüttel, 102. Aug. fol. (I, 71).

<p><b>Atlas atribuível a Gaspar Viegas – 1 (cerca de 1537?) – figura 5</b></p> <p>C. da volta pulochâpalo coayná furna Ilhetas R: delrre choan I: do aljofar furna ainá a tinhoza pulogó pulutujo p: [ponta?] do praçel Costa da china</p> <p>labupe rápon coai pulutucá tue[n]com</p> <p>Rio de camtá</p> <p>Ilha da viniaga agoada primr<sup>a</sup> R: dace[n]ç, b: dos Ramos C. primr<sup>o</sup> C. dos pescadores R: do sal Cabo de chi[n]cheo</p>	<p><b>Atlas atribuível a Gaspar Viegas – 2 (cerca de 1539?) – figura 6</b></p> <p>Terra dos fumos, pulocotam C. da volta, pulochâpalo, coayná, furna, Ilhetas, R: delRei, choan, I: do aljofar, furna ainá a tinhoza puloguó, pulutujo p: do praçell Costa da china</p> <p>labupe, rápon, coai, pulutucá, tue[n]com</p> <p>Rio de Camtá</p> <p>Ilha da biniagaa, aguoadada primr<sup>a</sup></p> <p>R: dace[n]çá, baia dos Ramos, C. primr<sup>o</sup>, C. dos pescadores R: do sall Cabo de chi[n]cheo</p>	<p><b>Carta anónima dita de “Wolfenbütele” (cerca de 1540?) – figura 8</b></p> <p>Aina = Ainão; Pahuujo = Ilha Taya;</p> <p>Sanchchin = Canuchi; Canto Ilha da Binyaga</p> <p>Chincheeo.</p>	<p><b>Planisf+erio anónimo que está em Viena (1543?) – figura 4</b></p> <p>terra dos fumos</p> <p>C. da volta pullochampa-lao, Caaynam</p> <p>Cauchim china Choam, I. do aljofar, ponta delgada,</p> <p>costa da china (?), labu[n]pe ram-pan, Coai (?)</p> <p>R. de Cantá (?) I.da biniaga (?)</p> <p>aguada, C. d’aguada, en-seada de ymaoes(?), R.d’asençam(?), b. dos Ramos, C. primr<sup>o</sup>, C. dos pescadores R. do Sal C. [de] chincheo</p>
--	---	--	---

Os mapas aqui considerados serão do tipo utilizado pelos portugueses que navegaram no Oriente com “*seus roteiros e pequenos padrões*” como escreveu Brás Baião numa carta que em 1 de novembro de 1540 enviou a D. João III.

Em todos os mapas até agora referenciados a costa da China só foi registada de forma rigorosa até à região de Chinchéu, a qual só terá sido ultrapassada nos finais da década de 30 do século XVI, quando os portugueses começaram a frequentar a região que chamaram Liampó e corresponde à prefeitura de Ningbo na província de Zhejiang. Esta região, onde eles se fixaram temporariamente num sítio denominado atualmente Shuangyu, aparece traçada pela primeira vez de uma forma muito incorreta e sem referências, no planisfério português anónimo conhecido por “*Vallicelliana*”, que segundo Avelino Teixeira da Mota terá sido feito talvez por volta de 1550<sup>19</sup>. Nesta obra, ainda pouco estudada, notam-se alguns progressos na imagem do Extremo Oriente, de entre os quais se destacam, além da indicação acima apontada, a circunstância de pela primeira vez se registar a localização do “*Japan*” (Japão) ainda que apenas sob a forma de umas ilhas ponteadas, um pouco à maneira dos léquios apontados na carta chamada “*Penrose*”.

### O modelo de Lopo Homem em 1554 e as suas variantes

Foi o credenciado Lopo Homem, que em 1519 assinou o mapa-mundo que terá pertencido ao chamado “*Atlas Miller*”, que em 1554 se assumiu como “*cosmógrafo, cavaleiro fidalgo del-rei*”, quem registou num planisfério por ele então feito em Lisboa um modelo de representação da China mais amplo que os anteriores (cf. figura 9)<sup>20</sup>. Neste trabalho expressa-se uma imagem da China com maior amplitude do que a dos mapas anteriores, constituindo o traçado que aí se apresenta uma versão atualizada da representação do mundo pelos portugueses. Tal registo revela avanços consideráveis relativamente ao atrás mencionado planisfério de Viena que lhe é anterior um pouco mais de dez anos. No que respeita à China esta atualização considerável resultou da circunstância de os pilotos portugueses terem entretanto passado a fazer viagens com maior frequência a esse território, sobre o qual obtiveram novos dados. Foram os contactos desenvolvidos pelos portugueses com a China desde os inícios dos anos 50 do século XVI que levaram Leonel de Sousa a estabelecer em 1554 um acordo com os chineses no sentido de com eles poderem fazer um comércio pacífico e mutuamente proveitosos a partir da ilha de Sanchoão, local onde em 1552 faleceu o padre jesuíta Francisco Xavier.

De entre os dados registados no planisfério de 1554 destaca-se a novidade da menção de Limpu = Liampó, a que acresce o registo, ainda que vago, da embocadura do Yangtze, aí denominado *Nanqui*, pois os portugueses denominavam essa região Nanquim. É de apontar neste contexto que Fernão Mendes Pinto na sua *Peregrinação* afirmou ter sido um dos primeiros exploradores portugueses desta região, numa alegada e nebulosa expedição que teria partido de Liampó ainda em 1540 ou já em 1541.

<sup>19</sup> Roma, Biblioteca Vallicelliana, Invent. Gen. 103 (I, 80).

<sup>20</sup> Florença, Instituto e Museo di Storia della Scienza, 1 C.N. (I, 27).

O modelo cartográfico da China tal como foi registado por Lopo Homem em 1554 foi fielmente seguido no essencial por outros cartógrafos até aos finais do século XVI, de entre os quais se destacaram os seus dois filhos Diogo Homem e André Homem.

De Diogo Homem sabe-se que viveu a maior parte da sua vida no estrangeiro, aí tendo produzido numerosas obras, nas quais a China surge em atlas universais que preparou em 1558 (dois), 1561, 1565 e 1568<sup>21</sup>.

Da obra de André Homem apenas se conhece o grande planisfério datado de 1559, no qual a China foi delineada de uma forma semelhante à que o pai expressara em 1554<sup>22</sup>.

O padrão com a representação da China, tal como apareceu em 1554, surgiu igualmente e com mais detalhe numa carta anónima que pertence ao atlas anónimo de 20 cartas integrado no chamado *Livro de Marinharia de João de Lisboa* (cf. figura 10)<sup>23</sup>. Apesar de estarmos perante uma valiosa obra iluminada verifica-se que nela se segue de perto o conteúdo das cartas náuticas da época. Na representação da costa da China que é aqui feita registam-se topónimos em maior número do que estão presentes no planisfério de 1554, sendo de comparar com dados referenciados em outros mapas relevantes que lhe sucederam e iremos apresentar mais à frente.

Uma das novidades que se observa na carta do chamado *Livro de Marinharia de João de Lisboa* aqui em causa relativamente ao planisfério de Lopo Homem de 1554 é a de que nela se desenha pela primeira vez uma grande ilha tida como sendo a “*costa dos luções*”, a qual cria uma realidade falsa ao prolongar a ilha de Palawan para norte, ligando-a à de Luzon (ambas nas Filipinas), sendo que a primeira destas ilhas, até essa altura, só havia sido registada na sua extremidade sul. A perspectiva deformada deste novo traçado resultou de uma viagem realizada em 1545 por Pêro Fidalgo entre a ilha de Bornéu e Lamau (ilha que corresponde a Nan’ao, a sudeste da cidade de Shen’ao, perto do limite da província de Guandong com Fujian, na China). Como esta falsa noção geográfica já está assinalada no *Tratado dos Descobrimientos* de António Galvão, elaborado cerca de 1550 e concluído antes da morte deste autor em 1557, afigura-se-nos provável que tal registo cartográfico possa ser datado no atlas aqui considerado por volta deste ano, sendo que é posterior a 1554, data do planisfério de Lopo Homem, pois tal ilha não aparece aí. A ter sido assim tal atlas será anterior a cerca de 1560, como o datou de forma muito genérica Avelino Teixeira da Mota, tanto mais que o teor do conjunto do códice é mais antigo do que o desta última data.

<sup>21</sup> Referimo-nos aos mapas do atlas com 9 cartas, 1558. Londres, British Library, Add. MS. 5415-A (II, 105); do atlas com 6 cartas, c. 1558. Paris, Bibliothèque Nationale de France, Res. Ge. 5086 (II, 156); do atlas com 13 cartas, 1561. Viena, Österreichische Nationalbibliothek, Codex Vindobonensis 335 (II, 124); do atlas com 15 cartas, c. 1565. São Petersburgo, Biblioteca Nacional (II, 177) e do atlas com 22 cartas, 1568. Dresden, Sächsische Landesbibliothek, Mscr. F. 59a (II, 139 A e B).

<sup>22</sup> Paris, Bibliothèque Nationale de France, Rés. GE AA. 526 (II, 189 E).

<sup>23</sup> Lisboa, Torre do Tombo, Coleção Cartográfica, n.º 166 (I, 95 B).

O modelo da representação da China apresentado por Lopo Homem em 1554 foi ainda adaptado de forma aproximada e simplificada em mapas de Bartolomeu Velho traçados cerca de 1560<sup>24</sup> e em 1561<sup>25</sup>, bem como no planisfério de Domingos Teixeira de 1573, onde surge mais adulterado<sup>26</sup>.

A China do modelo registado em 1554 foi ligeiramente melhorada na cartografia portuguesa a partir de 1563 ao surgir numa variante feita no atlas então concluído por Lázaro Luís, no qual se regista pela primeira vez o Japão sob a forma de U invertido (Cf. figura 11)<sup>27</sup>, tendo-se nele mantido a representação da “*costa dos luções*”, que aparecera no chamado *Livro de Marinharia de João de Lisboa*.

O padrão adotado por Lázaro Luís foi seguido de forma simplificada em mapas traçados talvez por Sebastião Lopes num atlas feito cerca de 1565<sup>28</sup> e num planisfério feito talvez por volta de 1583<sup>29</sup>. O referido padrão divulgou-se nos atlas feitos por Fernão Vaz Dourado em 1570, 1571, 1575, cerca de 1576 e 1580 e constitui um contraponto à divulgação na década entre 1558 e 1568 do modelo de Lopo Homem feita nos atlas de Diogo Homem<sup>30</sup>. É de realçar o facto de ter sido nestes últimos atlas que se começou a grafar o nome de Macau, que aparecera pela primeira vez escrito numa missiva que Fernão Mendes Pinto de lá datou em 20 de Novembro de 1555.

De seguida apresentamos um panorama comparativos da toponímia registada em alguns dos principais mapas aqui considerados, salvaguardando mais uma vez as dificuldade de ler alguns topónimos. Ainda assim e por comparação afigura-se-nos viável identificar os principais locais da geografia chinesa considerados pelos pilotos e cartógrafos portugueses da segunda metade do século XVI.

---

<sup>24</sup> Mapa que lhe é atribuível no atlas com 16 cartas em San Marino, Huntington Library, HM 44 (II, 234).

<sup>25</sup> Florença, Instituto e Museo di Storia della Scienza, Dep. ABA (II, 204).

<sup>26</sup> Paris, Bibliothèque Nationale de France, S. H. Archives n.º 3 (II, 238).

<sup>27</sup> Atlas com 13 cartas intitulado *Livro de todo ho Uniuerço* de Lázaro Luís, 1563. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Ms. Azul 14 / 1 (II, 217).

<sup>28</sup> Atlas com 24 cartas atribuível a Sebastião Lopes, c. 1565. Chicago, Newberry Library, n.º 26 (IV, 401).

<sup>29</sup> Paris, Bibliothèque Nationale de France, S. H. Archives n.º 38 (IV, 408).

<sup>30</sup> Referimo-nos aos mapas do atlas com 17 cartas, 1570. San Marino, Huntington Library, HM 41 (III, 270); do atlas com 15 cartas, Torre do Tombo, Coleção Cartográfica, n.º 165 (III, 284); do atlas com 17 cartas, 1575. Londres, British Library, Add. Ms. 31317 (III, 306); do atlas com 17 cartas, c. 1576? Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Ilum. 171 (III, 340) e do atlas com 12 cartas, 1580. Munique, Bayerische Staatsbibliothek, Cod. icon. 137 (III, 324).

<b>Planisfério de Lopo Homem (1554) – figura 9</b>	<b>Carta no chamado Livro de Marinharia de João de Lisboa (cerca de 1557?) – Figura 10</b>	<b>Carta do atlas de Lázaro Luís (1563) - figura 11</b>	<b>Carta do atlas de Fernão Vaz Dourado (cerca de 1576) - figura 12</b>
Ilhas de Cantão		enseada de cauchim	enseada de gochi
Ilha de Veniaga	emseada de caochim pulosão pelle, pulocotão, Ilhas do prasell	Terra alta	terra alta
	Sera alta	ainao	c. ainao
	I. ainão	ilha tinhoza	tinhoza
	I. tinhosa	puloitnio	pulataio
	pulotoio	candochina	candachina
	camdachina	sanchoao	dos inhames
	coina, lauaeperapá(?)	camtão	Sanchoão
	Ilhas de cātão	lampasao	camau
	Camtão, cidade cātão	Ilha branca	Cantão
	Ilhas de biniaga	boa ventura	lampacao
	maio, a vera cruz	Rio do sal	i branco
	boaventura	ilha de lamao	Macao
	r. do sall	chabaque	vboa ventura
	i. de lamao	chincheo	R. do Sall
	chabaque	llaolo	posta das pesas
	aquí fez rui? lobo? a	anai	chabaqueo
	viniaga	luosa	Chincheo
	chimcheo	talho	Tacho
	lado? omde se faz a	Ilha dos cavalos	i dos cavallos
	viagua	piai	Dellaquim
	I. dos cavalos	fucheo	cumbor
	I. fermosa	dos camaroins	Fucheo
	costa de ucheo	Ilha de Languim	i dos camarois
	i. dos reis magos	hucheo	timbacao
	i. dos leguios	cumbar	chaposi
	I. dos leguios	liampo	liampo
	I. do Foguo	amcheo	Varela
	I. de santa M <sup>a</sup>	emseada de nanqim	Olepelo
	doino	Chasião	Usama
	I. do foguo	Ilha dos Ladronis	ancheo Mochosa
	JAPÃO		enseada de nanqui
	I. do gato		I de Ladronis
	i. de usem (chisem?)		Costa de Couray
	I. dos ladrois		

A variante do modelo da imagem da China surgida em 1563 foi seguida de forma mais simplificada por Bartolomeu Lasso e surge num mapa feito talvez cerca de 1582 publicado na Holanda em 1592-1594<sup>31</sup>, num de 1590<sup>32</sup> e noutro publicado igualmente na Holanda em 1596 mas gravado em 1595, sendo que neste caso lhe poderá ser atribuível o protótipo de referência<sup>33</sup>.

Entretanto Luís Jorge Barbuda preparou talvez em 1575 uma imagem onde se pretende representar o conjunto do território da China, completada por algumas terras envolventes (cf. Figura 13)<sup>34</sup>. É de salientar a preocupação que este autor revelou no registo do seu interior, embora quanto ao traçado da costa haja semelhanças com aquele que se encontra no de Lázaro Luís. Como este mapa foi impresso nas edições dos atlas de Ortelius a partir de 1584 a imagem que os portugueses de então tinham da China divulgou-se de forma mais ampla, numa altura em que eles intensificavam as relações entre Macau e Nagasáqui, duas cidades onde polarizaram a sua ação respectivamente na China e no Japão.

## Concluindo

Num tempo em que evocamos os quinhentos anos da chegada dos portugueses à China, ato simbolizado por Jorge Álvares ao colocar em 1513 um padrão na ilha de Veniaga, à entrada da enseada de Cantão, é importante realçar esta atitude que atesta a realização de um dos mais importantes descobrimentos que estes fizeram, tendo assim iniciado o complexo encontro civilizacional entre a China e Portugal. No âmbito da reflexão sobre este processo civilizacional procurámos elucidar a maneira como os portugueses criaram de forma inovadora a imagem moderna do espaço correspondente à China, a qual foi construída na sequência de levantamentos hidrográficos levados a cabo por pilotos quinhentistas que conseguiram definir o essencial dos seus contornos costeiros e insulares. Dessa forma eles permitiram aos europeus alcançar o conhecimento da geografia da China, realidade que se insere na nova visão das diferentes partes da Terra que se espelha nos mapas portugueses do século XVI.

Com este estudo apurámos as linhas de força das etapas, das especificidades e dos modelos onde se manifestam as mais antigas representações cartográficas que os portugueses fizeram da China, tendo para esse efeito apreciado o conjunto das trinta e nove obras produzidas pela sua prestigiada cartografia que as registaram e chegaram até nós. Como tivemos ocasião de ir observando as figurações da China nelas incluídas encontram-se quer em mapas individualizados, repartindo-se em planisférios e cartas da Ásia, quer em mapas integrados em atlas universais. Através da análise a que submetemos essa

<sup>31</sup> Carta gravada em Amesterdão em 1592-1594 (III, 383 A).

<sup>32</sup> Atlas truncado com 8 cartas Roterdão, Maritime Museum, "Prins Hendrik" (III, 375).

<sup>33</sup> Mapa integrado no *Itinerario* de Jan Huygen van Linschoten impresso em Amesterdão em 1596 (III, 385 B).

<sup>34</sup> O original desta carta talvez tenha sido traçado cerca de 1575, tendo sido publicado pela primeira vez na edição do *Theatrum orbis terrarum*, impressa em Antuérpia em 1584 (II, 239 A).

cartografia apercebemo-nos das variações por que passou a evolução da pioneira representação da China criada pelos cartógrafos portugueses.

Muitos dos mapas portugueses quinhentistas onde se expressa a imagem da China tinham a particularidade de serem ornamentadas com belas iluminuras, o que os tornava mais atraentes, pois grande parte dos exemplares que chegaram até nós são preciosos bens de ostentação destinados a personalidades importantes.

A perceção da geografia do território chinês expressa pelos portugueses na sua cartografia passou por diversas fases que são de articular com a história das relações entre Portugal e a China, a qual está subjacente à elaboração dos mapas então produzidos. O estabelecimento de tal vinculação de causalidade é do maior significado.

Os trabalhos que analisámos constituem preciosos testemunhos de um património cultural, artístico e científico que expressam a forma como pela primeira vez Portugal construiu e deu a conhecer o essencial da forma da China.

## Figuras

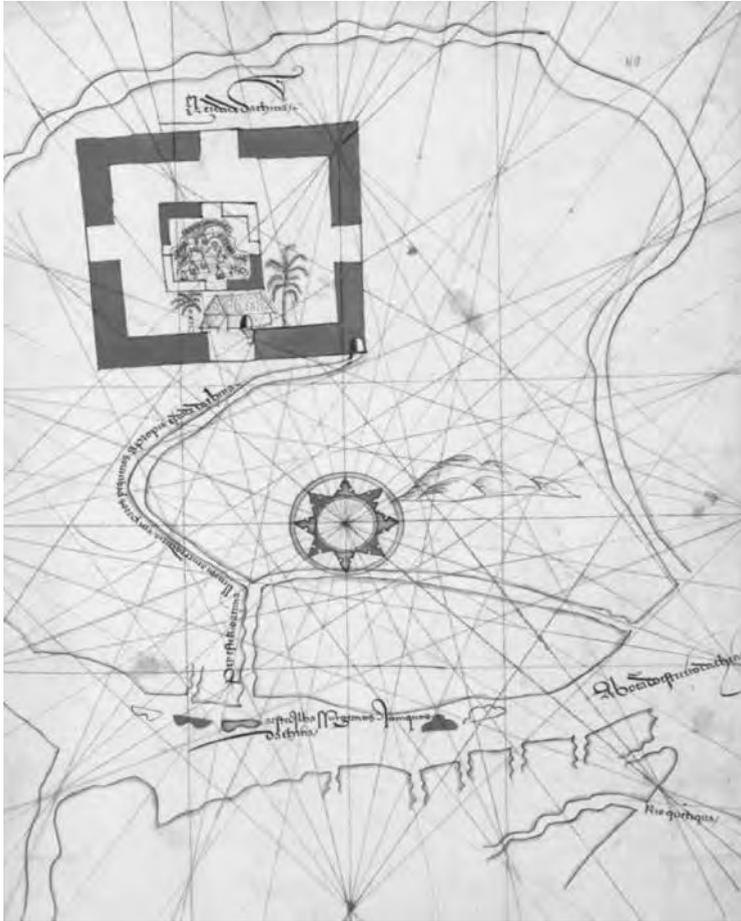


Figura 1 – Mapa da região de Cantão no *Livro de Francisco Rodrigues*, adaptação por Francisco Rodrigues de um detalhe do mapa de um piloto de Java visto em 1511 e copiado em 1515 por aquel piloto e cartógrafo. Paris, Bibliothèque de l'Assemblée Nationale, Ms. 1248, E// D 19.



Figura 2 – Região do Sudeste Asiático e da China no planisfério de 1519 atribuível a Jorge Reinel e Pedro Reinel que esteve em Munique.



Figura 3 – Detalhe da região da China no planisfério de Diogo Ribeiro feito em 1529. Weimar, Thüringische Landesbibliothek.

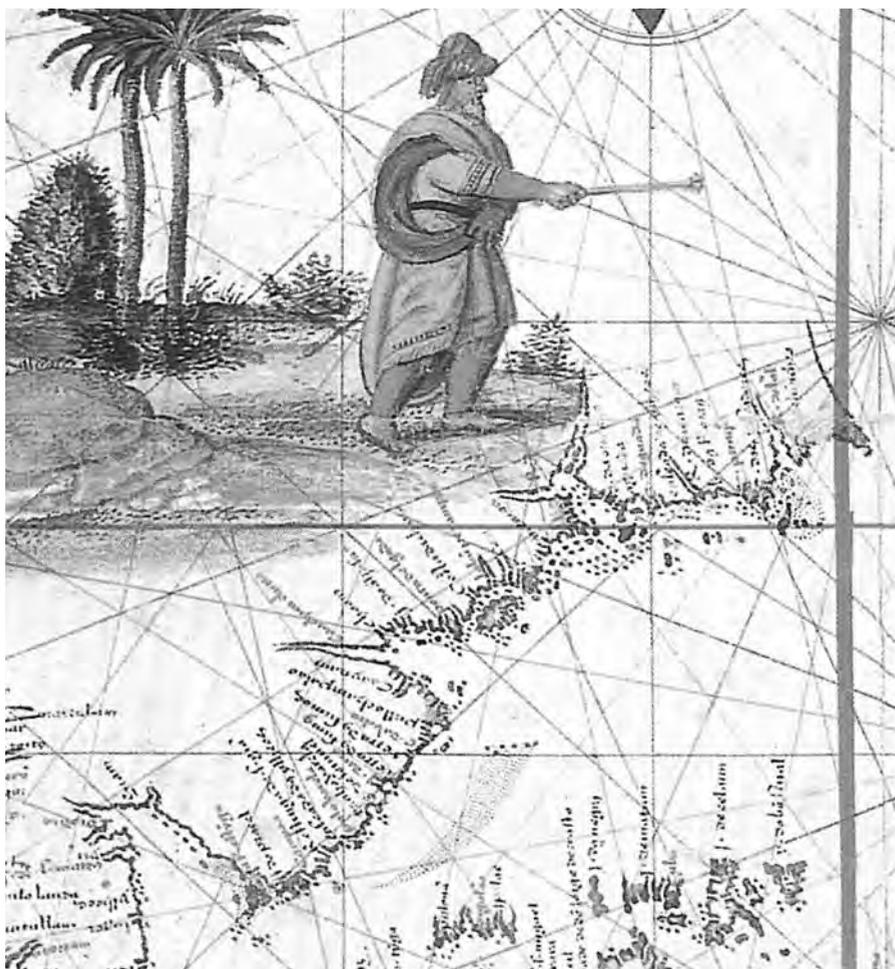


Figura 4 – Detalhe da região da China no planisfério português anónimo de cerca de 1542?.  
Viena, Oesterreiche Nationalbibliothek, Kartensammlung, FKB 272-11.

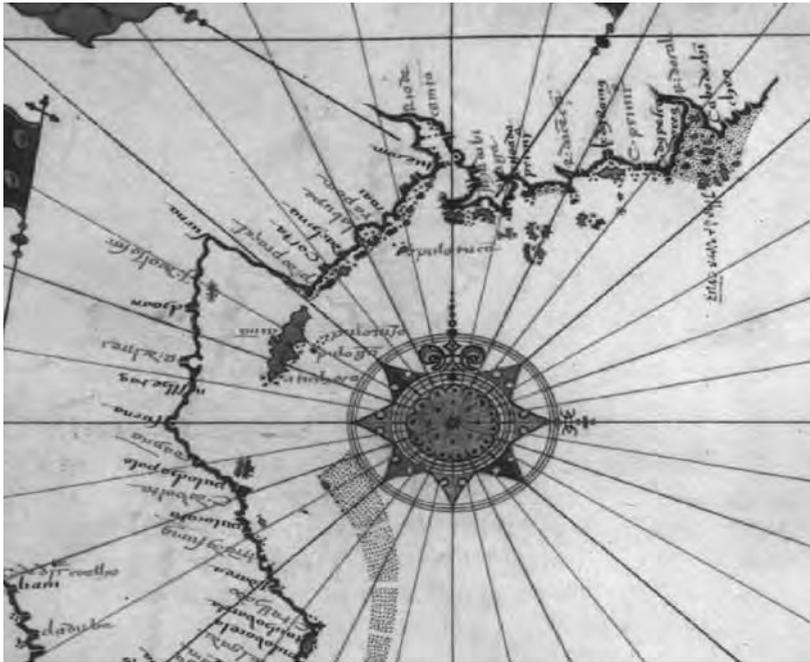


Figura 5 – China numa das folhas do atlas atribuível a Gaspar Viegas de cerca de 1537?.  
Florença, Biblioteca Riccardiana, Cod. Ricc. 1813.



Figura 6 – China numa das folhas do atlas atribuível a Gaspar Viegas talvez de cerca de  
1539?. Florença, Archivio di Stato, Cart. Naut. 11.

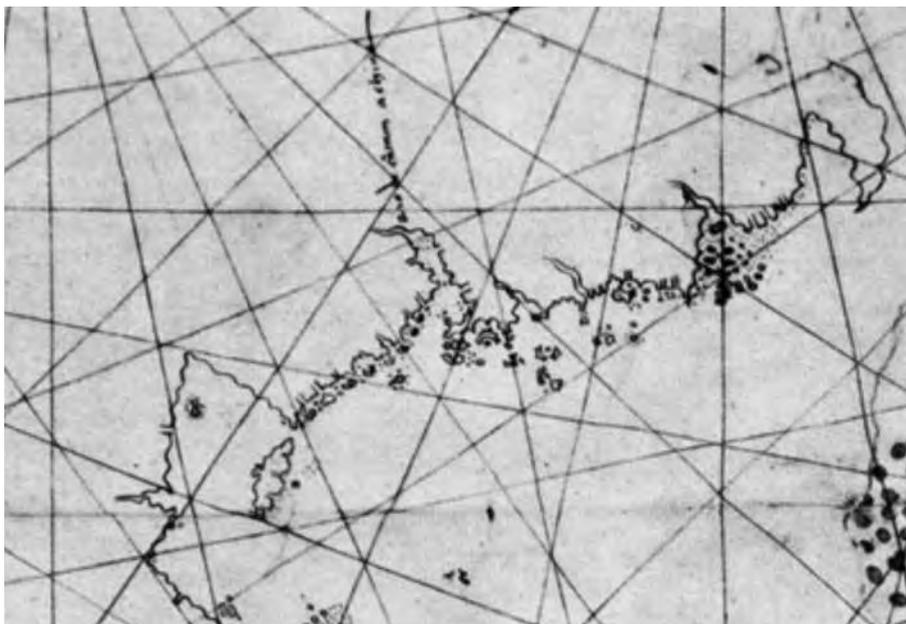


Figura 7 – China no esboço de uma carta anónima talvez de cerca de 1539?  
Boies Penrose Collection, Devon, Pensilvânia.



Figura 8 – China a carta anónima de cerca de 1540?  
Herzog August Bibliothek, Wolfenbüttel, 102. Aug.



Figura 9 – China num pormenor do planisfério de Lopo Homem de 1554.  
Florença, Instituto e Museo di Storia della Scienza, 1 C.N.

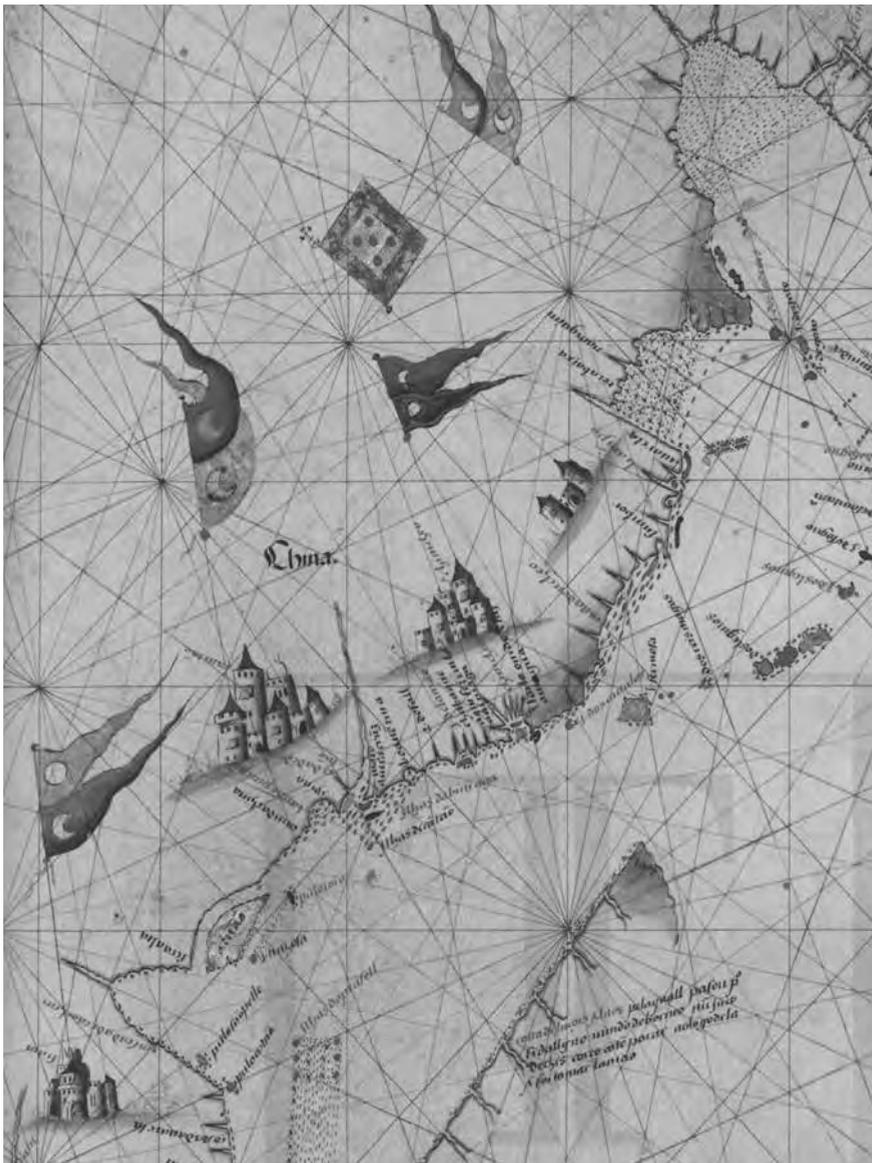


Figura 10 – China numa das folhas do atlas anónimo de cerca de 1557? Incluído no chamado *Livro de marinharia de João de Lisboa*. Lisboa, Torre do Tombo, Coleção Cartográfica, n.º 166.



Figura 11 – China numa das folhas do atlas intitulado *Livro de todo ho Uniuerso* de Lázaro Luís, 1563. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Ms. Azul 14 / 1.



Figura 12 – China numa das folhas do atlas de Fernão Vaz Dourado de c. 1576 ?  
Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Ilum. 171.

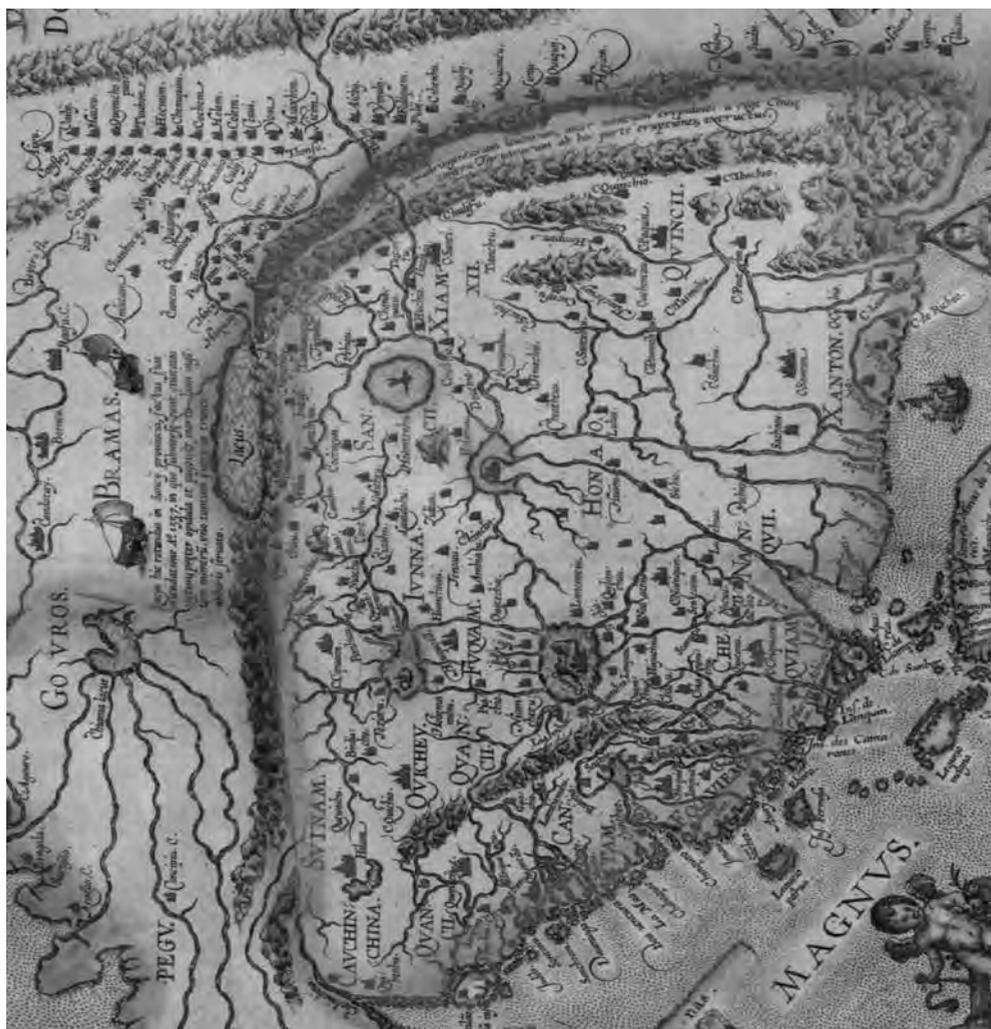


Figura 13 – Mapa da China de Luís Jorge Barbuda preparado talvez em 1575 e publicado na edição do *Theatrum orbis terrarum*, impressa em Antuérpia em 1584.



Figura 14 – Mapa atual da China.

## **Bibliografia essencial**

Barreto, Luís Filipe, *Macau: cartografia do encontro ocidente-orientes*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, (1995).

Barreto, Luís Filipe, *Macau: poder e saber: séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006.

Garcia, José Manuel, *O livro de Francisco Rodrigues: o primeiro atlas do mundo moderno*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2008.

Kammerer, Albert, *La découverte de la Chine par les portugais au XVIème siècle et la cartographie des portulans*, Leiden, E. J. Brill, 1944.

Loureiro, Rui Manuel, *Fidalgos, missionários e mandarins: Portugal e a China no século XVI*, s.l., Fundação Oriente, 2000.

Oliveira, Francisco Roque de, *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500 - c. 1630: impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta*, Barcelona, tese de doutoramento policopiada apresentada à Universitat Autònoma de Barcelona, 2003.

Thomaz, Luís Filipe F. R., “The image of the archipelago in portuguese cartography of the 16th and early 17th centuries”, *Archipel*, n.º 49, Paris, 1995, pp. 79-98.



# AS BOMBAS DE FOGO E AS LANÇAS DE FOGO (SÉCULOS XVI-XVII) ENTRE OS RÓQUETES CHINESES, INDIANOS E DE CONGREVE

Fernando Gomes Pedrosa

## Resumo

As expressões “bomba de fogo” e “lança de fogo” designam vários projecteis e armas diferentes, entre os quais o róquete (foguetes de guerra) e o lança-chamas.

Veio da China a primeira menção a foguetes usados em espectáculos pirotécnicos (fogos de artifício) e os Chineses continuaram sempre a ser considerados os principais especialistas nesta arte. Atribui-se-lhes também a primazia no emprego de róquetes, no que foram acompanhados pelos Indianos desde épocas muito recuadas. Os Ingleses foram atacados com róquetes na Índia, nos finais do séc. XVIII, e, impressionados, trouxeram alguns para Londres, iniciando experiências que conduziram ao famoso róquete de Congreve. A bibliografia especializada não sabe que esses mesmos róquetes já tinham sido usados contra os Portugueses na Índia, e por estes também adoptados desde a primeira metade do século XVI.

As armas lançadoras de chamas estão muito documentadas em navios espanhóis, italianos e franceses. Nos portugueses, só nos mais artilhados; a esmagadora maioria não as tinha. Havia a noção de que podem “causar mais danos aos amigos do que aos inimigos”. Em terra, os Portugueses usaram-nas em acções defensivas e foram especialistas no seu emprego contra elefantes de guerra.

## 1. Os foguetes de guerra (róquetes) na Ásia

As palavras róquete e foguete são sinónimas. O inglês *rocket* deriva do latim *rocheta* (foguete) e do italiano *rochetto*.<sup>1</sup> Colocando pólvora num tubo de cartão, madeira ou metal e dando fogo a uma extremidade, ele faz durante algum tempo um jacto de chamas e movimenta-se no sentido contrário ao das chamas. Como os foguetes de hoje, atava-se à extremidade de uma vara delgada. Veio da China a primeira menção a foguetes usados em espectáculos pirotécnicos (fogos de artifício), em data incerta, e os Chineses continuaram sempre a ser considerados os principais especialistas nesta arte. Abundam os relatos de europeus que se deslumbraram com esses fogos “belos e maravilhosos”, como Francesco Carletti, que visitou Macau em 1598 e 1599.<sup>2</sup> Atribui-se também aos Chineses

<sup>1</sup> Charles Du Cange, *Glossarium (...)*, tomo IV, Frankfurt, 1710, p. 686 (1ª ed. 1678).

Vamos usar, indiferentemente, as palavras róquete e foguete.

<sup>2</sup> *Ragionamenti di Francesco Carletti Fiorentino (...)*, Parte II, Firenze, 1701, p. 149.

ses a primazia no emprego de foguetes de guerra. Em 1232 terão lançado foguetes de bambu, com setas de fogo, para repelir os invasores Mongóis.<sup>3</sup> A primazia é no entanto contestada por alguns que a atribuem aos Indianos.<sup>4</sup> O certo é que a inovação se difundiu rapidamente, ainda no séc. XIII, para a Ásia, Países Árabes e Europa.



Fig. 1 Gravura, não datada, do lançamento de um foguete na China.<sup>5</sup>

Os foguetes de guerra tiveram sempre uma grande limitação: a pontaria deficiente. Se o objectivo era iluminar, transmitir sinais ou incendiar um terreno de grandes dimensões, poderia ser atingido sem grandes dificuldades. Muito mais difícil era acertar num alvo. Para atenuar o erro de dispersão disparavam-se muitos em ataques maciços. Na China havia um lançador de múltiplos foguetes, chamado Huo Che,<sup>6</sup> que os Coreanos adoptaram e desenvolveram, criando no séc. XV o Hwacha, de duas rodas, capaz de disparar 100 foguetes ou mais quase em simultâneo. O bombardeiro, assim como dá fogo a um foguete, pode fazer o mesmo a muitos, rapidamente. E pode também recarregar depois o Hwacha com outra plataforma de 100 ou mais foguetes. Usado normalmente em terra, com fins defensivos, foi também adoptado no mar para atacar outros navios, como numa batalha em 1598. A lançadores de foguetes deste tipo, como veremos adiante, os Portugueses davam o nome de “carretas de bombas de fogo” ou “lanças de fogo”.

<sup>3</sup> Lucy Rogers, *It's only rocket science: an introduction in plain English*, New York, Springer, 2008, p. 19.

<sup>4</sup> Gustav Salomon Oppert, *On the weapons, army organisation, and political maxims of the ancient Hindus, with special reference to gunpowder and firearms*, Madras, London, 1880, p. 45; Asitish Bhattacharya, “Gunpowder and its applications in ancient Índia”, in Brenda J. Buchanan, *Gunpowder, explosives and the state. A technological history*, Aldershot/Burlington, Ashgate Publishing, Ltd., 2006, p. 44.

<sup>5</sup> Marshall Space Flight Center, History Office (<http://history.msfc.nasa.gov/rocketry/>), visto em 28.3.2013. “A timeline of rocketry”, “Rockets in Ancient Times (100 B.C. to 17th Century)”.

<sup>6</sup> <http://www.grandhistorian.com/chinesesiegewarfare/siegeweapons-huoche.html>, visto em 1.5.2013.



Fig. 2 Hwacha coreano<sup>7</sup>



Fig. 3 Hwacha coreano<sup>8</sup>

<sup>7</sup> <http://en.wikipedia.org/wiki/Hwacha>.

<sup>8</sup> <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hwacha.jpg>.

Diz-se que estes foguetes chineses e coreanos continham uma carga explosiva que detonava perto do alvo. Isto é perfeitamente possível. Um foguete tem a câmara de propulsão (culatra), na base, depois a alma, e por fim a cabeça. A alma é a parte que fica vazia entre a câmara de propulsão e a cabeça. A câmara leva uma carga de pólvora, para a propulsão, e a cabeça pode levar outra carga de pólvora, separada. O fogo é comunicado da primeira até à segunda através de um rastilho, por exemplo, um cordel de algodão molhado em aguardente ou vinagre e impregnado com mais pólvora. Este sistema era efectivo em fogos de artifício, indo o rastilho accionar uma ou mais cargas para provocar efeitos pirotécnicos. Também nos foguetes que se destinavam a incendiar ou iluminar: o rastilho ia accionar a carga incendiária ou iluminante. Segundo A. Bowdoin Van Riper,<sup>9</sup> o texto chinês *Wu Pei Chih*, escrito na década de 1620, descreve foguetes com bala explosiva. Mas haverá grande exagero quando se afirma que um tratado chinês do séc. XIV, o *Huolongjing*, descreve granadas de ferro e bombas *shrapnel*,<sup>10</sup> e que a Coreia desenvolveu no séc. XV o foguete Sinkijon (Sin-Gi-Jeon), que também transportava granadas e *shrapnel*.<sup>11</sup> A granada, ou seja, a bala metálica, oca, que se carrega com uma mistura explosiva, já existiria no séc. XV mas está documentada pela primeira vez em 1521, na obra de Battista Della Valle, *Vallo: libro continente appartenentie ad capitani; retinere et fortificare una città con bastioni, con nuovi artificii de foco* (...).<sup>12</sup> O *shrapnel* é um projectil oco, que se enche com uma carga de pólvora e balas de chumbo, para detonar pouco antes de atingir o alvo, largando então as balas. Só em 1803 os Ingleses fizeram os primeiros ensaios.<sup>13</sup>

### 1.1 Os foguetes de guerra no Ocidente

A bibliografia especializada considera que, na Europa Ocidental, os foguetes de guerra caíram em desuso a partir de finais do séc. XV, com o desenvolvimento das peças de artilharia, e só reemergiram em finais do séc. XVIII. De um modo geral apenas são mencionados para incendiar, iluminar, transmitir sinais, cerimonial marítimo (salvas) e festas (fogos de artifício).

O foguete incendiário está documentado em 1379; era ligado a uma haste levando à frente uma seta ou ponta de ferro e atrás plumas para o orientarem.<sup>14</sup> Em documentos

<sup>9</sup> *Rockets and missiles: the life story of a technology*, Greenwood Press, Westport, Connecticut / London, 2004, pp. 13-14. Estas pólvoras eram todas diferentes umas das outras: as explosivas, as incendiárias, as iluminantes, etc.

<sup>10</sup> <http://history.cultural-china.com/en/37History6314.html>.

<sup>11</sup> George M. Siouris, *Missile guidance and control systems*, New York, Springer-Verlag, 2004, p. 1.

<sup>12</sup> Veneza, 1521, no prólogo, Capítulo II de artificios de fogo. Há tradução em português, Battista Della Valle, *Tratado de Milícia*, Biblioteca Nacional, Lisboa (doravante, BNL), Res, F. 575, fls. 20-21.

<sup>13</sup> Rudolf Schmidt, *Le développement des armes à feu et autres engins de guerre depuis l'invention de la poudre à tirer jusqu'aux temps modernes: dédié à la milice suisse*, traduit de l'allemand par E. Volmar, Paris, 1870, p. 157.

<sup>14</sup> Charles Du Cange, *Glossarium* (...), tomo IV, Frankfurt, 1710, p. 686 (1ª ed. 1678); Napoléon-Louis Bonaparte, Ildelfonse Favé, *Études sur le passé et l'avenir de l'artillerie*, tomo III, 4 tomos, Paris, Librairie Militaire, J. Dumaine, 1846-1863, p. 102.

franceses do séc. XV, *fusées à bouter feu grégois* (foguetes com fogo grego), ou *fusées sur flecsches et viretons à tirer feu*.<sup>15</sup> Na Itália, em 1449, um bombardeiro alemão, “Gualterio Teutonico”, foi encarregado de fazer ferros de artifício, ao modo de «rocheta», para incendiar navios inimigos: *certis ferris artificiosis per eum factis in modum rochetarum, proiciendis super nauigijs inimicorum comburendis (...)*.<sup>16</sup> Marino Sanuto regista o ataque de navios turcos, em 1497, a uma galé de peregrinos, com tiros de bombarda *et rochete, et pignate de fuogo*.<sup>17</sup> Estas *rochete* seriam incendiárias.

O tratado *Instruction de toutes manières de guerroyer tant par terre que par mer (...)* par messire Philippes, duc de Cleves, comte de la Marche et seigneur de Ravestain, impresso pela primeira vez em Paris, 1558, parece que foi redigido entre 1502 e 1516.<sup>18</sup> Uma nau de guerra deve levar *grenades & d'autres pierres de feu, de fuzées* (foguetes) *& lances à feu*.<sup>19</sup> Estas granadas são projecteis, incendiários ou explosivos, lançados com a mão. *Pierres de feu* são também projecteis que se fazem com uma pedra, envolvendo-a em camadas sucessivas de pano e mistura incendiária. Os foguetes, indicados entre as granadas e as lanças de fogo, serão incendiários.

Um tratado francês de 1561 também só menciona foguetes incendiários.<sup>20</sup> Girolamo Cataneo<sup>21</sup> ensina a fazer uns foguetes de cartão e outros de madeira: os de cartão para festas e os de madeira para incendiarem. Eugenio Gentilini da Este<sup>22</sup> compara o foguete (*rocchetta* ou *raggi*) de navios italianos, feito de cartão, e o de navios ingleses, de cana ou madeira. As galés venezianas usam-no para festas, sinais e reconhecimento (*per signal di sicuranza & anco per cognoscere altri vascelli*). Durante a noite, para saberem se outro navio é também veneziano, lançam um foguete de determinadas características que deve ser respondido com outro foguete semelhante.

<sup>15</sup> *Études sur le passé et l'avenir de l'artillerie*, tomo III, pp. 136-137.

<sup>16</sup> Angelo Angelucci, *Documenti inediti per la storia delle armi da fuoco italiane*, Torino, 1869, p. 155.

<sup>17</sup> *I Diarii di Marino Sanuto*, tomo I, Veneza, ed. Rinaldo Fulin e outros, R. Dep. Veneta di Storia Patria, 1879, p. 729. *Pignate de fuogo* são projecteis incendiários lançados com a mão.

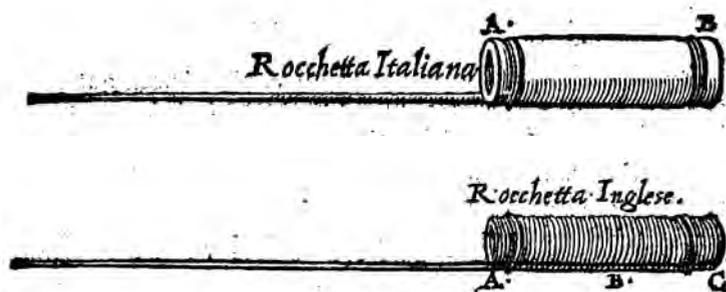
<sup>18</sup> Philippe Contamine, “L'Art de la guerre selon Philippe de Clèves (1456-1528): innovation ou tradition?”, in *Histoire militaire de la France*, tomo I, Paris, PUF, 1992, pp. 363-369.

<sup>19</sup> *Instruction de toutes manières de guerroyer tant par terre que par mer (...)*, Paris, 1558, p. 126.

<sup>20</sup> *Livre de canonnerie et artifice de feu, contenant le devoir et charge d'un maistre canonnier (...)* *Nouvellement recueilly des auteurs tant italiens que françois qui ont parlé de la guerre (...)*, Paris, 1561, fls. 49 v, 53-53 v.

<sup>21</sup> *Opera nuova di fortificare, offendere, et difendere (...)*, Brescia, 1564, fls. 80 v, 87, 92 v; *Avvertimenti et examini intorno a quelle cose, che richiedono a vn perfetto bombardiero (...)*, Veneza, 1582 (1ª ed. Brescia, 1567), fl. 31, e *Dell'arte militare libri cinque: ne' i quali si tratta il modo di fortificare, offendere, et diffendere vna fortezza (...)*, Brescia, 1608 (1ª ed. Brescia, 1584), Livro V, fl. 27.

<sup>22</sup> *Instruizione de Bombardieri (...)*, Veneza, 1592, pp. 70-71; *La real instruizione di artiglieria (...)*, Veneza, 1606, fl. 101.

Fig. 4 Rocchetta italiana e inglesa<sup>23</sup>

Também só para festas, sinais e reconhecimento devem ser os de Nicolay d'Arfeville.<sup>24</sup> Os de Luis Collado<sup>25</sup> são para *salvas, festas y regozijos*, e também para iluminar. Estes, os iluminantes, devem ser disparados com uma *zerbatana* (zarabatana), nome que se deu, primeiro, a um tubo comprido e de diâmetro muito reduzido, que utilizava o sopro como impulsor (lançamento de setas), e depois a uma peça de artilharia de cano comprido e pequeno calibre, chamada cerbatana. A *zerbatana* para foguetes devia ser um tubo de cobre ou madeira, de 2 varas ou 2 varas e meia de comprido, e calibre pequeno, onde pudesse caber um foguete de papel gosso ou cana grossa.

Em tratados de artilharia de finais do séc. XVI e inícios do XVII começam a aparecer foguetes com cargas explosivas. François Thybourel e Jean Appier Hanzelet<sup>26</sup> descrevem a bala *siflante* (assobiante), formada por um tubo com uma granada dentro, disparada por uma peça de artilharia, para destroçar tropas a pé ou a cavalo; isto também se pode fazer com foguetes de 6 ou 7 libras que levem na cabeça uma granada. Poucos anos depois, em 1643, Georges Fournier<sup>27</sup> propõe que os navios levem foguetes para lançar sobre o navio adversário durante as abordagens. Não os descreve mas, para serem lançados durante as abordagens, não devem ser explosivos nem incendiários; destinar-se-iam a causar danos pelo impacto. Em 1650, o Polaco Casimiro Siemienowicz<sup>28</sup> dedica 50 páginas aos vários tipos de foguetes, de cartão, madeira ou metal; os de guerra são de ferro, de vários pesos, até 100 libras (mais de 40 kgs), e levam uma carga explosiva.

Estas propostas não tiveram grande acatamento na época. As Lições de artilharia, recopiadas e feitas por Miguel de Lescolle Mestre de Campo Entertenido na Província de

<sup>23</sup> Eugenio Gentilini da Este, *Instruizione de Bombardieri*, Veneza, 1592, pp. 70-71.

<sup>24</sup> *Extraict des observations de Nicolay d'Arfeville, Daulphinois, premier cosmographe du roi, faictes durant ses navigations, touchant la diversité des navires (...)*, 1582, Bibliothèque Nationale de France, Département des manuscrits Français, 2008, p. 30.

<sup>25</sup> *Platica manual de artilleria (...)*, Milão, 1592, fls. 81 v, 86.

<sup>26</sup> *Recueil de plusieurs machines militaires et feux artificiels pour la guerre & recreation: avec l'alphabet de Trittemius (...)*, Livro Quarto, par Charles Marchant, imprimeur de S. A., 1620, pp. 104-105.

<sup>27</sup> *Hydrographie contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation (...)*, 2ª ed., Paris, 1667 (1ª ed., 1643), p. 136.

<sup>28</sup> *Artis Magnae Artilleriae: pars prima*, Amsterdam, 1651 (tradução francesa; 1ª ed. Amsterdam, 1650), pp. 126, 237.

Entre Douro e Minho (...), de 1676,<sup>29</sup> só mencionam foguetes de cana ou papel forte. Também Sebastián de Labayru y Azagra,<sup>30</sup> em meados do séc. XVIII: *tromba o roqueta* é um foguete grande que se faz de cartão forte; pode ser cônica ou cilíndrica, e por isso se costumam distinguir, chamando-se trombas às cónicas e roquetas às cilíndricas.

## 1.2 Os foguetes de guerra Indianos dos sécs. XVI e XVII

Na Europa, até finais do séc. XVIII, estão pouco documentados os foguetes de guerra, com exceção dos incendiários e iluminantes, mas eram muito usados na Índia. Os Portugueses passaram a usá-los também e chamavam-lhes “bombas de fogo”, expressão que tinha vários significados, pelo que deve haver muito cuidado na interpretação das crónicas e outros documentos da época.

Durante o segundo cerco de Diu, em 1546, feito pelo sultão de Guzarate, diz Vasco da Cunha numa carta que de Chaul enviou a D. João de Castro: levo um condestável que esteve em Diu no cerco passado, “homem de gentil engenho e prático nestes negócios, e que se atreve fazer artificios para não estarmos tanto em braços com os inimigos”; levo “uma soma de bombas de fogo de cana e muitos bambus para as lá fazer, e aqui deixo ao feitor por lembrança que faça uma soma delas de ferro, que (...) diz este homem, serem muito necessárias por serem muito espantosas aos inimigos”.<sup>31</sup> Estas bombas de fogo são foguetes, uns de bambu e outros de ferro. O condestável de Chaul devia ser Pedro Afonso, um dos bombardeiros mais famosos da Índia; já era condestável de Chaul na década de 1530 e lá continuava em 1548.<sup>32</sup> Foi para a Índia em 1512, pelo que já lá estava há mais de 30 anos, e certamente aprendeu a fazer foguetes com os Indianos. Vasco da Cunha, na sua carta, faz uma distinção nítida entre os foguetes de bambu e os de ferro. Estes últimos são “muito espantosas aos inimigos”. Uma das razões para esta distinção estaria na câmara de propulsão (culatra) dos de ferro, que seria também de ferro. Como a pólvora para a propulsão dos foguetes só é accionada uma vez, a câmara podia ser de materiais leves (madeira, bambu ou mesmo papel). O uso de câmara de ferro permitia que suportasse maiores pressões da pólvora, com propulsão muito maior, e maior velocidade e alcance. Outra razão poderia ser levarem na cabeça uma carga explosiva, mas isso implicaria um consumo exagerado de pólvora: em cada foguete duas cargas, uma de propulsão e outra de explosão. Entre os Portugueses dos sécs. XVI e XVII a pólvora foi sempre um recurso escasso.

<sup>29</sup> BNL, cód. 7660, fls. 91 v e ss.

<sup>30</sup> *Tratado de la artilleria, armas, pertrechos, municiones, metales, bombarderia, artificios de fuego, y armamentos de baxeles correspondientes al servicio de la Armada (...)*, Sevilla, c. 1756, p. 317.

<sup>31</sup> António Baião, *História quinhentista do segundo cerco de Diu (...)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 200.

<sup>32</sup> Tiago Machado de Castro, *Bombardeiros na Índia. Os homens e as artes da artilharia portuguesa (1498-1557)*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011 (<http://hdl.handle.net/10451/6805>), visto em 26.4.2013), pp. 91-93 e 177.

Carta de Tristão de Paiva para D. João de Castro, Bisnaga, 11.2.1548: o rei de Bisnaga “está prestes com a artilharia encarretada e muitas carretas de bombas de fogo”.<sup>33</sup> Estas carretas de bombas de fogo devem ser carros de duas rodas semelhantes aos do Hwacha coreano. Cada carreta dispara 100 foguetes ou mais quase em simultâneo e pode ser recarregada várias vezes. Significa isto que o rei de Bisnaga, com “muitas carretas de bombas de fogo”, se preparava para disparar centenas de foguetes. A pólvora não escasseava, porque a Índia era das zonas do mundo em que apareciam os maiores depósitos de salitre e também tinha muito enxofre. O reino de Bisnaga, nos antigos relatos portugueses, era o império hindu de Vijayanagara na parte meridional da Península da Índia. Fernão Nunes, que esteve na capital do reino de Bisnaga na década de 1520, relata uma festa na qual parecia que “toda a terra tremia com os muitos tiros de fogos e espingardas”, e viram “as bombas e lanças de fogo ir pelos campos”.<sup>34</sup> Estas lanças de fogo que iam pelos campos seriam também foguetes.

Em 1570 e 1571 o sultão de Ahmadnagar cercou Chaul. Ahmadnagar era um dos cinco sultanatos em que estava dividido o reino muçulmano do Decão, e ficava entre os sultanatos de Guzarate, a norte, e Bijapur a sul. António Pinto Pereira<sup>35</sup> relata assim um ataque: “Começavam sempre as escaramuças com uma grande salva de bombas de fogo, porque têm os mouros por muito bom augúrio quando começam de as lançar correrem elas direitas ao lugar onde vão encaminhadas”. As bombas de fogo servem para corrigir a pontaria porque deixam uma grande chama bem visível de dia e ainda mais de noite. Mas a “grande salva” deve-se a outro motivo: como a pontaria era deficiente, o erro de dispersão atenuava-se disparando muitas em ataques maciços. E poderia sempre haver tiros de sorte, como o relatado por Fernão Mendes Pinto:<sup>36</sup> em meados do séc. XVI, numa batalha entre uma armada do rei de Jantana e outra do rei de Achém, “o general dos Achéns foi morto por uma bomba de fogo que lhe deu pelos peitos, que logo o fez em dois pedaços”.

António Bocarro é o cronista que melhor descreve este projétil. Em 1614, durante o cerco que o sultão de Ahmadnagar fez a Baçaim, lutava-se de parte a parte com espingardas e bombas de fogo, “de que os decanis (dos sultanatos do Decão) usam muito, que são uns foguetes de ferro que vêm com tanta força, que dando numa palmeira a passam de parte a parte”.<sup>37</sup> Mais em pormenor, no *Livro das plantas de todas as fortalezas (...)*, elaborado entre 1633 e 1635: usam os decanis uma arma, “que chamam bombas de fogo, que é um foguete de ferro com seu rabo também de ferro, o qual, cheio de pólvora,

<sup>33</sup> *Colecção de São Lourenço*, ed. Elaine Sanceau e Maria de Lourdes Lalande, vol. III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1983, p. 435.

<sup>34</sup> David Lopes (ed.), *Chronica dos Reis de Bisnaga*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, p. 113.

<sup>35</sup> *História da Índia no tempo em que governou o Viso-Rei Dom Luís de Ataíde*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, p. 370.

<sup>36</sup> *Peregrinação*, Lisboa, Edições Afródite, 1980, p. 100. Os reinos de Jantana e de Achém eram na Ilha de Samatra.

<sup>37</sup> António Bocarro, *Década 13 da História da Índia*, Parte I, Lisboa, Academia das Ciências, 1876, p. 229.

sai com tanta força que passa uma palmeira, rompe e desbarata tudo o que encontra”.<sup>38</sup> Claramente, a bomba de fogo é um foguete de ferro, com seu rabo também de ferro, o qual, cheio de pólvora (...). Pelo texto parece que leva carga explosiva.

Outro sultanato do Decão era o de Bijapur, que senhoreava a ilha de Goa quando foi conquistada por Afonso de Albuquerque em 1510. Entretanto, o império Mogol, também muçulmano, vindo de norte, anexou o sultanato de Guzarate em 1576 e o de Ahmadnagar entre 1616 e 1636. Um manuscrito do séc. XVII, *Relações de viagens feitas por ocasião da embaixada enviada por Filipe III de Espanha ao Xá da Pérsia, sendo embaixador D. Garcia de Silva Figueiroa*,<sup>39</sup> abrange um período de 1614 até 1626. Informa que o império mogol dominava o reino de Cambaia (o antigo sultanato de Guzarate) e guerreava o sultão de Ahmadnagar, a que chama rei Melique.<sup>40</sup> O rei Melique tem mais de 100 mil homens, cujas armas ofensivas são arcabuzes, *pieças falcones, bombas de fuego* e espadas; o rei mogol tem estas mesmas armas e também arcos e flechas. Ou seja, as bombas de fogo (foguete) eram largamente usadas por quase todos os adversários dos Portugueses na Índia.

E os Portugueses usaram-nas também no Brasil. A *História do Brasil* por Frei Vicente do Salvador, obra concluída em 1627, relata uma batalha em Paraíba no ano de 1585. Contra índios que estavam numa cerca, o general Martim Leitão “tomou um Inglês que levava consigo armado, e subindo às costas em cima da cerca com uma formosa lança de fogo fez tais floreios, lançando dela infinidade de foguetes, que despejaram os inimigos”.<sup>41</sup> Esta “lança de fogo” lançou “infinidade de foguetes”, tal como se costumava fazer na Índia. Seria, pois, um carro de duas rodas semelhante aos do Hwacha coreano, que num documento de 1548<sup>42</sup> é chamado “carreta de bombas de fogo”. Curiosa é a presença de um especialista Inglês, nesta época, quando os foguetes de guerra estão pouco documentados na Europa.

### 1.3 Os róquetes de Mysore (Índia)

Os Ingleses foram atacados com róquetes (foguete) no sultanato de Mysore, na época do sultão Hyder Ali (c. 1761-1782) e do seu filho Tippoo Sahib ou Tipu Sultan, dito Tigre de Mysore (1782-1799). Lançados em grande número, às centenas, causavam

<sup>38</sup> António Bocarro, *O livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*. Estudo histórico, codicológico, paleográfico e índices de Isabel Cid, 3 vols., vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992, p. 103.

<sup>39</sup> BNL, cód 580, fls. 10 v-11, 14-17 v.

<sup>40</sup> André Pinto de Sousa Dias Teixeira, *Baçaim e o seu território: política e economia (1534-1665)*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de doutoramento, 2010 (<http://hdl.handle.net/10362/9389>), p. 209.

<sup>41</sup> *História do Brasil por Frei Vicente do Salvador*, Rio de Janeiro, Leuzinger & Filhos, 1889, introdução de J. Capristano de Abreu, p. 120.

<sup>42</sup> *Colecção de São Lourenço*, ed. Elaine Sanceau e Maria de Lourdes Lalande, vol. III, p. 435.

muita confusão e medo, principalmente contra massas de infantaria ou cavalaria, e terão chegado a acertar num depósito de munições. Os Ingleses, impressionados, trouxeram alguns para Londres e iniciaram experiências que conduziram ao chamado róquete de Congreve.

Segundo Roddam Narasimha<sup>43</sup> os róquetes indianos, depois de terem caído em desuso com o desenvolvimento das peças de artilharia, reapareceram em Mysore na segunda metade do séc. XVIII; já antes o pai de Hyder Ali os terá usado numa batalha, mas destes o autor só encontrou referências “mitológicas”. De outra opinião é Simon Werret:<sup>44</sup> “O uso de róquetes na guerra floresceu na Índia desde o reinado do imperador mogol Akbar, na segunda metade do séc. XVI”.

Os róquetes de Mysore eram de ferro, com câmara de propulsão (culatra) também de ferro, o que constituiria um avanço significativo em relação aos anteriores e também aos europeus, que teriam câmara de cartão; isto permitia que suportassem maiores pressões da pólvora, com propulsão muito maior, e maior velocidade e alcance (1 a 2 km.).<sup>45</sup> A haste ou cauda,<sup>46</sup> que serve para regular a direcção, era de bambu ou lâmina de aço em forma de espada. Podiam ser lançados rapidamente num carro de duas rodas, com três ou quatro plataformas, cada uma com cerca de 100 róquetes. Um autor afirma que alguns explodiam no ar e outros caíam no chão e avançavam em serpentina.<sup>47</sup> Numa gravura, fantástica, que pretende representar um ataque sofrido pelos Ingleses, aparecem com a cauda de bambu atrás e a espada à frente, o que está manifestamente errado.<sup>48</sup>

<sup>43</sup> *Rockets in Mysore and Britain, 1750-1850 A. D.*, Project Document DU 8503, National Aeronautical Laboratory, Lecture delivered on 2 April 1985 at the inauguration of the Centre for History and Philosophy of Science, Indian Institute of World Culture, Bangalore, pp. 1, 4, republicado in Harbans Mukhia (ed.), *History of Technology in India*, vol. II, Indian National Science Academy, 2012, pp. 804-822.

<sup>44</sup> “William Congreve’s rational rockets”, *Notes & records of The Royal Society*, Março de 2009, vol. 63, nº 1, pp. 35-56 e 41, (<http://rsnr.royalsocietypublishing.org/content/63/1/35.full>, visto em 25 3 2013).

<sup>45</sup> Roddam Narasimha, *op. cit.*, pp. 1, 2 e 5; Frederick C. Durant III, Stephen Oliver Fought e John F. Guilmartin, “Rocket and missile system”, *Encyclopaedia Britannica* ([www.britannica.com/EBchecked/topic/1357360/rocket-and-missile-system/](http://www.britannica.com/EBchecked/topic/1357360/rocket-and-missile-system/)), visto em 29.3.2013.

<sup>46</sup> Segundo a terminologia de António Lopes da Costa Almeida, *Compendio theorico-pratico de Artilharia Naval*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1829, p. 199.  
A bibliografia especializada costuma chamar-lhe vara ou vareta.

<sup>47</sup> Roddam Narasimha, *op. cit.*, pp. 6 e 9.

<sup>48</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Mysorean\\_rockets](http://en.wikipedia.org/wiki/Mysorean_rockets)



Fig. 5 Róquetes de Mysore

Um vídeo disponível na internet<sup>49</sup> mostra o lançamento de alguns com a cauda de aço em forma de espada. Têm a trajectória errática, imprevisível. A cauda deve ser sempre de madeira leve ou bambu, de determinado comprimento, de acordo com o comprimento do róquete.<sup>50</sup> Os autores atrás indicados, e a bibliografia especializada em geral, não conhecem a documentação relativa à presença dos Portugueses na Índia durante os séculos XVI e XVII. Esta demonstra que os chamados “róquetes de Mysore” não eram novidade. Na primeira metade do séc. XVI já se usavam róquetes de ferro: levo “uma soma de bombas de fogo de cana e muitos bambus para as lá fazer, e aqui deixo ao feitor por lembrança que faça uma soma delas de ferro que (...) diz este homem serem muito necessárias por serem muito espantosas aos inimigos”.<sup>51</sup> Muito esclarecedora é a descrição de António Bocarro:<sup>52</sup> usam os decanis uma arma “que chamam bombas de fogo, que é um foguete de ferro com seu rabo também de ferro, o qual, cheio de pólvora, sai com tanta força que passa uma palmeira, rompe e desbarata tudo o que encontra”. Estes relatos mencionam em especial os “decanis”, do reino muçulmano do Decão, e os do reino de Bisnaga, nome que davam ao império hindu de Vijayanagara, no planalto do Decão. O império Vijayanagara já não existia no séc. XVIII após uma derrota militar infringida por uma força unida dos cinco sultanatos do Decão. Era nesta zona, bem conhecida dos Portugueses, o sultanato de Mysore.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> *Mughal Rocketry*, <http://www.youtube.com/watch?v=zjJHV-z5J8g>

<sup>50</sup> As dimensões desejáveis e os respectivos pesos foram estudados por diversos autores, como Franc Thybovrel et Iean Appier, *Recueil de plusieurs machines militaires et feux artificiels (...)*, Livro quinto, p. 12; Casimiro Siemienowicz, *op. cit.*, p. 155; *Lições de artilharia, recopiadas e feitas por Miguel de Lescolle (...)*, fls. 91 v-92 e Robert Andersen, *The making of rockets in two parts*, London 1696, p. 12.

<sup>51</sup> António Baião, *op. cit.*, p. 200.

<sup>52</sup> *O livro das plantas de todas as fortalezas (...)*, p. 103.

<sup>53</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Anglo-Mysore\\_War\\_1\\_and\\_2.png](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Anglo-Mysore_War_1_and_2.png).

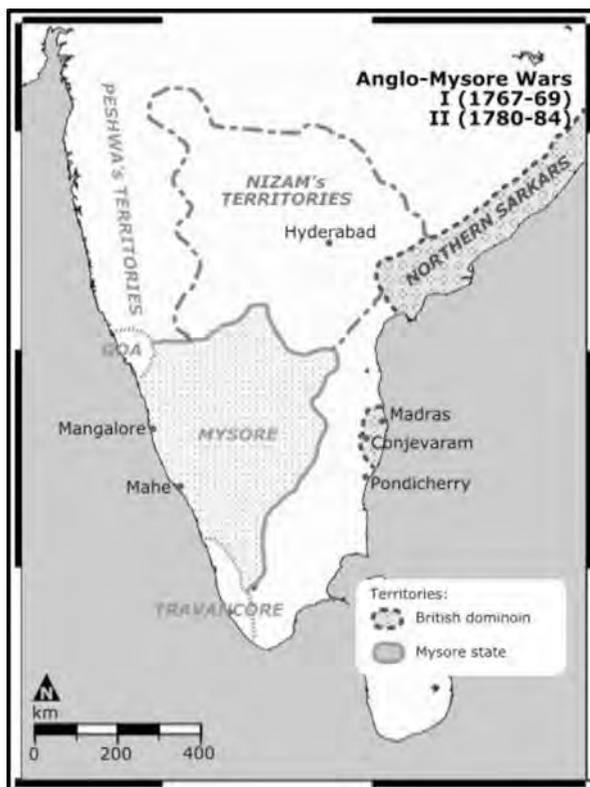


Fig. 6 Sultanato de Mysore

Em resumo, os chamados “rôquetes de Mysore” que impressionaram os Ingleses representam um avanço, neste domínio, da tecnologia indiana em relação à tecnologia inglesa e europeia em geral. Mas não foram inventados na segunda metade do séc. XVIII. Nem pelo imperador mogol Akbar na segunda metade do séc. XVI. Os Indianos já na primeira metade do séc. XVI usaram contra os Portugueses rôquetes de ferro, com câmara de propulsão também de ferro. E os Portugueses, imitando-os, fizeram o mesmo, contra eles.

Foi também famoso o “Fogo de Bengala” usado pelos Indianos para iluminar o campo de batalha; na década de 1750 começou a ser adoptado na Europa, primeiro nos fogos de artifício e depois na guerra.<sup>54</sup> Ilumina tanto que parece de dia.<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Simon Werret, *op. cit.*, p. 38.

<sup>55</sup> Claude Fortuné Ruggieri, *Elémens de pyrotechnie (...)*, Paris, 1802, p. 128.

## 1.4 O róquete de Congreve

O Inglês William Congreve inspirou-se nos róquetes de Mysore para desenvolver experiências que conduziram ao chamado róquete de Congreve. E os Franceses iniciaram também experiências em 1789.<sup>56</sup> Os Ingleses usaram-no contra os Franceses em diversas ocasiões, a partir de 1806, e contra os Americanos na guerra de 1812. Também os Franceses dispararam muitos, mas todos foram de nulo efeito.<sup>57</sup> Conclui Adrian B. Caruana<sup>58</sup> que “esta arma é uma das mais famosas, mas também das menos úteis. O seu efeito principal consiste em provocar terror”.

De qualquer modo, assistiu-se a um período de euforia em torno dos foguetes. Em 1802, Claude Fortuné Ruggieri<sup>59</sup> propôs foguetes incendiários contra navios. Em 1822, diz J. Paixhans,<sup>60</sup> havia em Inglaterra foguetes de todos os calibres, com carcaças, bombas, obuses, granadas, metralha, balões e pára-quedas. António Lopes da Costa Almeida<sup>61</sup> descreve o “foguete de brecha”, com o peso de mil libras, incluindo 200 libras de pólvora cloratada e 100 libras de composição dos foguetes, e os “foguetes navais”, com cauda ou sem cauda, pesando de 60 até 300 libras. “Um foguete destes, de 60 libras, tendo 5 polegadas e meia de diâmetro, e animado com uma velocidade de 300 pés por segundo, penetrará mais de 22 polegadas num maciço de madeira de carvalho. Portanto, não só atravessará o costado de qualquer navio, mas rebentando depois dentro, causar-lhe-á imenso estrago”. Os foguetes também seriam muito úteis na defesa da costa, “porque podem ser usados em qualquer lugar, não exigem baterias preparadas nem muitos artilheiros, transportam-se facilmente e por quaisquer caminhos”.

## 2. As armas lançadoras de chamas

Na terminologia portuguesa, “bomba de fogo” e “lança de fogo” designam os foguetes de guerra, outros projecteis e também as armas lançadoras de chamas. Um foguete, ao ser disparado, lança a chama numa determinada direcção. Um lançador de chamas lança-a em sentido inverso.

<sup>56</sup> *Études sur le passé et l'avenir de l'artillerie*, tomo V, 1871, p. 192.

<sup>57</sup> J. Paixhans, *Nouvelle Force Maritime (...)*, Paris, 1822, p. 34.

<sup>58</sup> *The History of English Sea Ordnance 1523-1875*, vol. II, *The Age of the System 1715-1815*, Rotherfield, Jean Boudriot Publications, 1997, p. 458.

<sup>59</sup> *Op. cit.*, p. 295.

<sup>60</sup> *Op. cit.*, p. 32.

<sup>61</sup> *Op. cit.*, 1829, pp. 408-410.



Fig. 7 Cavaleiro com lança de fogo numa gravura antiga da Biblioteca de S. Petersburgo<sup>62</sup>

O lançador de chamas será de origem chinesa e passou depois para os árabes e os gregos. Pode ser uma simples lança ou um tubo (cano).

A lança tem num dos extremos uma mistura explosiva e incendiária. Quando se dá fogo à mistura, esta provoca um jacto de chamas, com um “barulho de trovão”. A mistura pode ter ainda pequenos projecteis que serão disparados juntamente com as chamas. Assim como numa arma de fogo a ignição da pólvora projecta a bala, numa lança de fogo a ignição da mistura projecta as chamas e os pequenos projecteis. Isto tinha um efeito especial na cavalaria adversária porque aterrorizava os cavalos. Os bizantinos tinham também tubos que, da mesma forma, provocavam um jacto de chamas. O imperador Leão menciona, cerca do ano 900, “fogos preparados dentro de tubos, de onde partem com um barulho de trovão e um fumo inflamado que vai incendiar os navios”.<sup>63</sup> Em 1319, um navio genovês foi equipado com um tubo que lança fogo: *artificium longum et ingens ad instar tubae in quo ignis magna quantitas et frequenter accendibilis ferebatur*.<sup>64</sup> A estes tubos os italianos e os espanhóis davam o nome de “trombas” ou “trompas”, do latim *trumpas*,<sup>65</sup> tal como aos canos das peças de artilharia. As “trombas” normais (canos das peças) disparam projecteis de pedra, ferro ou chumbo, e as “trombas de fogo” disparam chamas.

<sup>62</sup> Louis Figuier, *Les merveilles de la science ou Description populaire des inventions modernes (...)*, tomo III, Paris, 1869, p. 224.

<sup>63</sup> Louis Figuier, *op. cit.*, p. 216; Joseph Toussaint Reinaud et I. Favé, *Histoire de l'artillerie*, 1<sup>a</sup> Partie, *Du feu grégeois, des feux de guerre et des origines de la poudre a canon*, Paris, J. Dumaine, 1845, p. 103.

<sup>64</sup> Carlo M. Cipolla, *Canhões e velas na primeira fase da expansão europeia (1400-1700)*, Lisboa, Gradiva, 1989, p. 72.

<sup>65</sup> Auguste Jal, *Archéologie Navale*, vol. I, Paris, Arthus Bertrand, 1840, p. 449.

O primeiro autor europeu que as menciona é Battista Della Valle, em 1521.<sup>66</sup> Vannoccio Biringuccio<sup>67</sup> descreve as trompas de fogo (*trombe di fuocho*) e as línguas de fogo (*lingue di fuocho*), mais pequenas. As trompas de fogo são de metal ou madeira e metem-se na ponta dum pique ou outra haste longa. Costumam ser feitas para aterrorizar os cavalos e impedir que os inimigos se aproximem de nós. São boas para defender uma ponte, porta, estrada ou outro lugar estreito; também para incendiar alojamentos, munições, carros, pontes, e qualquer coisa que esteja ao serviço do inimigo, “e sobretudo são boas nas batalhas navais”. Dando fogo à mecha que têm na boca, projectam chamas e algumas balas. Podem também ser disparadas por peças de artilharia ou bestas. As línguas de fogo (*lingue di fuocho*), ligadas à ponta de lanças ou picques, são canos de papel postos dentro de outros de madeira com o comprimento de meia braça. Enchem-se com pólvora grossa, pez grego, enxofre, sal comum, lâminas de ferro, bocados de vidro e arsénico cristalino. Isto aterroriza os adversários porque forma uma língua de fogo com mais de 2 braças de comprido e faz um barulho ensurdecedor.

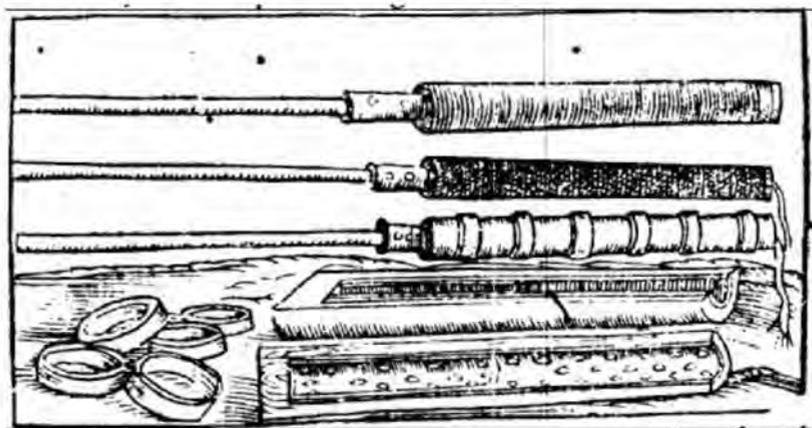


Fig. 8 Tromba de Fogo<sup>68</sup>

A mistura tinha arsénico, pelo que podia também envenenar. Vários outros tratados de artilharia indicam misturas venenosas. Em 1699, Sebastian Fernández de Medrano<sup>69</sup>

<sup>66</sup> Vallo: *libro continente appartenentie ad capitani; retinere et fortificare una città con bastioni, con nuovi artificii di foco (...)* et de diverse sorte polvere, et de expugnare una città con ponti, scale, argani, trombe, trenciere, artiglierie, cave (...), Veneza, 1539 (1ª ed. 1521), no prólogo, Cap. III de artificios de fogo, e Libro Primo, fl. 11. Há tradução em português, Battista Della Valle, *Tratado de Milicia*, BNL, Res, F. 575, fls. 10-10 v, 19 v.

<sup>67</sup> *De la pyrotechnia libri X: doue ampiamente si tratta non solo di ogni sorte & diuersita di miniere (...)*, Veneza, 1540, fls. 159-163, e *La pyrotechnie, ou L'art du feu, contenant dix livres, ausquels est amplement traicté de toutes sortes et diversité de minieres, fusions et separations des metaux, des formes, moules pour getter artilleries, cloches et toutes autres figures*, trad. Jacques Vincent, Paris, 1572, pp. 162-164.

<sup>68</sup> Vannoccio Biringuccio, *La pyrotechnie, ou L'art du feu (...)*, Paris, 1572, fl. 163.

<sup>69</sup> *El perfecto artificial, bombardero e artillero: que contiene los artificios de fuego marciales, nuevo uzo de bombas, granadas, y practica de la artilleria, y mosquete (...)*, Amberes, 1708 (1ª ed. 1699), p. 28.

propõe outras que só se podem usar contra inimigos que não sejam da religião cristã. A língua de fogo de Vannoccio Biringuccio forma uma chama com mais de 2 braças de comprido. Segundo W. Y. Carman,<sup>70</sup> em 1702 o exército da Prússia tinha uma peça lançadora de fogo (*schlangen-brand-spritze*) cujo inventor dizia que formava uma chama com 12 pés de largura e 40 passos de comprido. Alonso de Chaves descreve assim as *trompas de fuego*, numa obra publicada talvez entre 1520 e 1538:<sup>71</sup> são uns canhões de bronze ou de madeira com o comprimento de uma vara, que se amarram a piques ou hastes muito compridas, e se enchem de alquitran,<sup>72</sup> pólvora e cânfora, a que depois se dá fogo; só se utilizam no momento da abordagem, para repelir os que tentarem saltar para o nosso navio e incendiar a enxárcia e as velas do outro.

A trompa de fogo de Girolamo Ruscelli<sup>73</sup> é de bronze, ferro ou cobre. A da maioria dos autores é de madeira. Faz-se de um madeiro forte, redondo e torneado ao torno, que tenha de comprido uma vara, e a grossura da perna dum homem; broca-se no sentido do comprimento, para que o oco tenha 3 palmos de comprido, e a largura suficiente para nele caber uma laranja; é neste oco que irá a mistura; no outro extremo faz-se outro buraco com a fundura de 4 ou 5 dedos e largura suficiente para nele se meter a haste de um pique ou lança; entre os 2 buracos deve ficar um espaço maciço; para que a bomba com o muito uso não se queime por dentro, pode ser forrada de folha de ferro ou cobre; e para que não rebente ao disparar, façam-se 3 ataduras de fio de ferro, uma junto à boca, outra no meio e outra na culatra, e envolve-se toda com fio bramante e pano.<sup>74</sup>

A lança de fogo corresponde à língua de fogo de Vannoccio Biringuccio. Tome-se um pedaço de madeira ligeira com o comprimento de 3 pés e meio a 4 pés, e faça-se nele um buraco por dentro, de um extremo ao outro, com 1 polegada de diâmetro; meta-se meio pique por uma das extremidades, de modo que entre meio pé dentro dele; rode-se e ate-se tudo com fio bramante, e depois ponha-se uma capa de cera, pez e resina. Faça-se a mistura, em pasta, e depois tomem-se estopas, e façam-se balas com a grossura do calibre do buraco da lança, e estando secas, se atarão com arame ou fio de ferro delgado. Carrega-se depois a lança, metendo no extremo do buraco uma carga de pólvora, em seguida uma bala, e depois um pouco da mistura; isto se repetirá até que o buraco esteja cheio, aumentando sempre as cargas de pólvora, de modo que a última seja de duas cargas.<sup>75</sup>

<sup>70</sup> *A history of firearms from earliest times to 1914*, 2004, republicação da edição de 1955, London, Routledge & K Paul (1ª ed. 1914), p. 10.

<sup>71</sup> *Quatri partito en cosmografía practica y por otro nombre Espejo de Navegantes*, transcrição, estudo e notas de Paulino Castañeda, Mariano Cuesta e Pilar Hernández, Madrid, Instituto de Historia y Cultura Naval, 1983, pp. 227 e ss., pp. 237 e ss.

<sup>72</sup> O alquitran é um composto de pez líquido e breu. Uns chamam-lhe “pez griega, otros de España, ò Colofonia”, Julio César Firrufino, *El perfeto artillero: theorica y practica*, Madrid, 1642, fls. 167 v-168.

<sup>73</sup> *Precetti della militia moderna, tanto per mare, quanto per terra (...)*, Veneza, 1568, fl. 34 v.

<sup>74</sup> Luis Collado, *Platica manual de artilleria (...)*, Milão, 1592, fls. 84-84 v; Diego de Alava y Beaumont, *El perfeto capitan, instruido en la disciplina militar, y nueua ciencia de la artilleria*, Livro segundo, Madrid, 1590, fl. 96; Julio Cesar Firrufino, *El perfeto artillero: theorica y practica*, fol. 168; *Epitome de la fortificación moderna (...)* y otros diversos tratados de la perspectiva, geometria practica, y el modo de sitiar, y defender las plazas (...), por Alonzo de Zepeda y Adrada, Brusselas, 1669, pp. 355 e 356.

<sup>75</sup> *Epitome de la fortificación moderna (...)* por Alonzo de Zepeda y Adrada, 1669, pp. 356 e 357; *Livre de canonnerie et artifice de feu (...)*, 1561, fl. 30.

Mais simples ainda é o pique de fogo (*pique à feu, pica de fuego*). Faz-se um saco de tela dobrada com 2 palmos de comprido e a largura que se quiser; corta-se de modo que fique estreito nos extremos e largo a meio, e cose-se de modo que fiquem abertas só as extremidades, para meter por elas um pique com 9 ou 10 pés de comprido; o saco prega-se no extremo do pique e carrega-se com uma mistura.<sup>76</sup> Em Portugal, o pique de fogo não está documentado; seria outra variedade de lança de fogo.



Fig. 9 *Trombe di fuoco* (tromba de fogo) que usam nas naves e nas galés, isto é, nas batalhas navais, e no assalto aos muros das fortalezas».<sup>77</sup>

Os autores italianos fazem a distinção entre a tromba armada e a tromba desarmada (*trombe di fuoco armate, & disarmate*). A armada, presa no pique ou lança, e carregada com uma mistura mais potente, serve para resistir ao assalto nas abordagens. A desarmada, sem o pique ou lança, lança-se com a mão para queimar o navio inimigo.<sup>78</sup> Girolamo Cattaneo<sup>79</sup> chama-lhes *tromba impenata* e *tromba non impenata*.

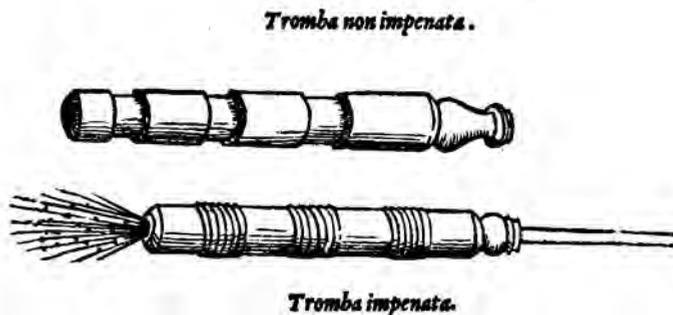


Fig. 10 *Tromba impenata* e *tromba non impenata*

<sup>76</sup> *Livre de canonnerie et artifice de feu (...)*, fl. 26; *Epitome de la fortificación moderna (...)*, por Alonzo de Zepeda y Adrada, pp. 357-358.

<sup>77</sup> Eugenio Gentilini da Este, *La real instruzione di artiglieria (...)*, Veneza, 1606, p. 97.

<sup>78</sup> *Nautica mediterranea di Bartolomeo Crescentio Romano (...)*, Roma, 1607, pp. 514 e 515; *L'armata navale del capitano Pantero Pantera (...)*, Roma, 1614, p. 84.

<sup>79</sup> *Dell'arte militare libri cinque: ne' i quali si tratta il modo di fortificare, offendere, et diffendere vna fortezza (...)*, Livro V, Brescia, 1608 (1ª ed. Brescia, 1584), fl. 28 v.

Dos destroços do *Trinidad Valencera*, navio que fazia parte da Grande Armada espanhola de 1588, foi recolhida uma “bomba de fuego” que corresponde à *tromba impenata* (tromba armada) de Cattaneo. Tinha uma série de cargas de metralha e de mistura explosiva e incendiária; quando accionadas, lançavam uma rápida sucessão de chamas e de pequenos projecteis. No início da viagem o navio recebera 15 *bombas de fuego*.<sup>80</sup>

As trompas de fogo estão muito documentadas em navios espanhóis, italianos e franceses. A galé espanhola que em 1529 transportou o imperador Carlos V levava 13.<sup>81</sup> Numa carraca genovesa, em 1493, virotões de fogo (*veretones pro foco*) e trombas de fogo (*trombas pro foco*); noutra, em 1495, 10 *trombe ab igne*, 2 dardos *ab igni*, 3 virotões *ab igni*.<sup>82</sup> O tratado *Instruction de toutes manières de guerroyer tant par terre que par mer (...)* par messire Philippes, duc de Cleves, comte de la Marche et seigneur de Ravestain,<sup>83</sup> redigido entre 1502 e 1516, propõe que uma nau de guerra leve *grenades, & d'autres pierres de feu, de fuzées, & lances à feu*; o fogo deve ser lançado no navio adversário antes da abordagem e a favor do vento. De acordo com uma ordenança do rei de França, de 1538, cada galé leva 6 lanças de fogo.<sup>84</sup> A partir de 1584 cada navio francês de 90 até 120 toneladas passou a levar 12 lanças de fogo.<sup>85</sup> Trombas de fogo, eram 4 numa galé de Andrea Dória, em 1552, e 6 noutra galé em 1545.<sup>86</sup> Segundo Antoine de Ville<sup>87</sup> cada fortaleza deve ter *lances à feu chargées avec bales ardentes, trombes à feu, lances & toutes telles autres inventions de feux d'artifices*.

Uma força armada inglesa que foi para a Escócia em 1545 levou 20 trompas de fogo (*xx tronckes charged with wild fyer*); uma ilustração destes *tronckes* aparece num livro inglês de 1560.<sup>88</sup> Uma carta enviada de Trujillo (Honduras) ao rei de Espanha, em 1575, informa que apareceu lá um navio inglês armado com 22 escopetas, 7 peças de artilharia, muitas flechas, *machinas de fuego*, piques e outros engenhos de guerra.<sup>89</sup> *Machinas de fuego* devem ser bombas ou lanças de fogo. Poucos anos depois, em 1587, o capitão inglês John Drake, primo do corsário Francis Drake, foi aprisionado e prestou declarações em

<sup>80</sup> Colin Martin e Geoffrey Parker, *The Spanish Armada*, Mandolin, Manchester University Press, 1999 (1ª ed. 1988, Hamish Hamilton), pp. 20-21; Colin J.M. Martin, “Incendiary weapons from the Spanish Armada wreck La Trinidad Valencera, 1588”, *The International Journal of Nautical Archaeology* (1994), 23.3, pp. 207-217.

<sup>81</sup> Cesareo Fernández Duro, *Armada española desde la unión de los reinos de Castilla y de León*, tomo I, Madrid, 1895, p. 370.

<sup>82</sup> Enrico Alberto D'Albertis, “Le Construzioni Navali e l'Arte della Navigazione al tempo di Cristoforo Colombo”, in *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana, nel Quarto Centenario dalla Scoperta dell'America*, parte IV, vol. I, Roma, 1894, pp. 229, 231.

<sup>83</sup> Paris, 1558, pp. 126, 137.

<sup>84</sup> Auguste Jal, *Archéologie Navale*, vol. I, 1840, p. 473.

<sup>85</sup> Auguste Jal, *Archéologie Navale*, vol. II, 1840, p. 264.

<sup>86</sup> Max Guérout, Eric Rieth, Jean-Marie Gassend, “Le navire Génois de Villefranche, un naufrage de 1516?”, *Archaeonautica*, nº 9, 1989, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, pp. 143 e 144.

<sup>87</sup> *Les fortifications du chevalier Antoine de Ville, contenant la manière de fortifier toute sorte de places (...)*, Lyon, 1640, pp. 383, 394.

<sup>88</sup> W. Y. Carman, *op. cit.*, p. 10.

<sup>89</sup> Archivo General de Índias (doravante, AGI), Guatemala, 39, R. 9, N. 32.

Lima (Peru): a armada de Drake tem todo o género de armas e *quatro o cinco diferencias de fuego, que eran unas balas para arojar a mano con unos clavos para que se clavasen donde cayesen, flechas para quemar las velas y para binchar en los nauios para los quemar, y piezas de fuego y otras suertes*.<sup>90</sup> Estas *pieças de fuego* também devem ser bombas ou lanças de fogo. Em 1627, John Smith<sup>91</sup> indica vários fogos artificiais, granadas, piques de fogo (*pikes of wild fire*), “mas estas invenções são más em terra e muito piores no mar; causam mais danos aos amigos do que aos inimigos”.

É preciso ter sempre muito cuidado na interpretação dos documentos porque a terminologia não é rigorosa. Em 1650, Casimiro Siemienowicz<sup>92</sup> chama *lance à feu* e *pique à feu* a projéteis lançados à mão ou disparadas pela artilharia. Gabriel Busca<sup>93</sup> afirma que as *trombe* podem ser de diversos tipos. Dar-se-ia o nome de *trombe* também à lança de fogo e ao pique de fogo. Será por isso que, num inventário de 1572, a galé *Santa Maria del Corso* tinha *24 pizas de trompas artificiales de fuego de cinco suertes*.<sup>94</sup>

## 2.1 As armas lançadoras de chamas em documentos portugueses

As expressões “bomba de fogo” e “lança de fogo” correspondem a vários projéteis ou armas diferentes. Vamos só mencionar documentos em que alguma informação adicional permita concluir que se trata de armas lançadoras de chamas.

No primeiro cerco de Diu (1538), os rumes aproximavam-se, fazendo estâncias (trincheiras) cada vez mais perto. Gaspar de Sousa “pôs nas mãos dos que sentiu ser mais despachados bombas e lanças de fogo, para que as pegassem nas balas de algodão em rama, de que muita parte das estâncias eram compostas”; avançaram, “pegando fogo em todas as matérias que o podiam receber”.<sup>95</sup> Depois os rumes “remeteram ao baluarte e começaram a subir (...) E como aquela parte, onde a parede ia responder acima, não era capaz de mais que de dois homens, por ser um recanto; os primeiros que se ali puseram, esses ficaram em sua defesa, e a defenderam tão valorosamente com duas lanças de fogo nas mãos, com que fizeram tamanho estrago nos inimigos (...), porque as lanças de fogo derrubavam os que chegavam, e estes levavam outros após si até caírem em baixo (...) depois que se lhes gastaram as lanças, lançaram sobre os demais uma soma de panelas de pólvora (...), estando os mais de dentro cevando-os com panelas de pólvora e com lanças de fogo (...)”.<sup>96</sup> Os dois homens com lanças de fogo, num lugar alto e estreito,

<sup>90</sup> AGI, Patronato, 266, R. 4, fol. 2 v.

<sup>91</sup> *A sea grammar* (...), ed. Kermit Goell, London, Michael Joseph, 1970 (1ª ed. London, 1627), p. 87.

<sup>92</sup> *op. cit.*, pp. 407-408.

<sup>93</sup> Gabriel Busca Milanese, *Instruizione de bombardieri* (...), Carmagnola, 1584, p. 18.

<sup>94</sup> Valentina Favarò, “La escuadra de galeras del Regno di Sicilia: costruzione, armamento, amministrazione (XVI secolo)”, in Rossella Cancila (a cura di), *Mediterraneo in armi (secc. XV-XVIII)*, tomo I, Associazione no profit Mediterranea, Palermo, 2007), p. 298; cita Archivo General de Simancas, Estado, leg. 1137, f. 96.

<sup>95</sup> Lopo de Sousa Coutinho, *História do cerco de Diu*, Biblioteca dos Clássicos Portugueses, Lisboa, 1890 (1ª ed. 1556), p. 189.

<sup>96</sup> *Da Ásia de Diogo de Couto, Década Quinta, Parte Primeira*, ed. Lisboa, 1779, pp. 311 e 312.

disparavam as chamas sobre os assaltantes; quando as lanças se gastavam, e enquanto eram recarregadas, atiravam painéis de pólvora.

Neste primeiro cerco de Diu participou um comitê veneziano que vinha com os assaltantes e escreveu um relato da viagem: *Viaggio scritto per un comitê venetiano che fu condotto prigioniero dalla città de Alessandria fino al Diu nella Índia col suo retorno, poi al Cairo del 1538*. No relato, publicado por Ramusio,<sup>97</sup> lê-se que os assaltantes atacaram um *castelletto* e os de dentro defenderam-se com *trombe di fuoco* e arcabuzes; quando desembarcaram, os de dentro foram ao seu encontro com duas *trombe di fuoco* e arcabuzes. Na terminologia italiana, as *trombe di fuoco* seriam bombas de fogo, mas também podem ser lanças de fogo.

No cerco de Mazagão, em 1562, um soldado “tomou duas lanças de fogo e estando com elas pelejando (...)”; outro, “Fernão Vieira, disparava as lanças e bombas de fogo nos mouros, com que os afastava”.<sup>98</sup> As lanças de fogo estavam nas mãos, isto é, eram armas que projectavam chamas. Em 1614, contra os mouros de Goga, assentaram os capitães-mores que se desembarcasse na costa brava; depois do desembarque apareceram cavaleiros mouros, mas dispararam bombas de fogo e eles fugiram.<sup>99</sup> Estas bombas de fogo, disparadas por uma força de desembarque, em terra, poderão ser foguetes ou armas lançadoras de chamas. Ordem de Rui Freire de Andrade, 7.4.1627, ao capitão-mor D. Gonçalo da Silveira, sobre a expedição a Doba: “para todas as painéis de pólvora e lanças de fogo a mesma prevenção será feita para quando se desembarcar em terra, acomodando a pólvora, morrões e balas e algum comer pelas algibeiras e lenços dos soldados”. Ordem do mesmo ao mesmo, 30.7.1627: “tendo os caldeirões de painéis de pólvora cheios e lanças de fogo escorvadas”.<sup>100</sup> Foram atacar a maior nau que estava envasada; queimaram-na com painéis de pólvora e lanças de fogo.<sup>101</sup>

Em terra, fora das fortalezas, a lança de fogo era especialmente importante na luta contra os cavalos e os elefantes. Já na Antiguidade se sabia que o jacto de chamas e o “barulho de trovão” que a lança fazia aterrorizava os cavalos. E aterrorizava também os elefantes.

Fernão Nunes, que na década de 1520 esteve na capital do império hindu de Vijayanagara (reino de Bisnaga), relata várias batalhas com a participação de cavalos acobertados e elefantes também acobertados.<sup>102</sup> Sobre estas batalhas, considera Sanjay Subrahmanyam<sup>103</sup> que “a artilharia teve um certo destaque na arte da guerra no sul da Índia na década de 1520, mas era usada essencialmente para sitiá-los inimigos; o seu uso raramente era decisivo, e o principal modo de guerrear era visto como dependendo do

<sup>97</sup> Giovanni Battista Ramusio, *Primo volume e terza editione delle Navigazioni et viaggi (...)*, Venetia, nella stamp. de Guinti, 1563, fls. 274, 277 v-278.

<sup>98</sup> Agostinho Gavy de Mendonça, *História do cerco de Mazagão*, Biblioteca dos Clássicos Portugueses, Lisboa, 1891 (1ª ed. 1607), pp. 99, 111.

<sup>99</sup> António Bocarro, *Década 13 da História da Índia*, Parte I, 1876, p. 331.

<sup>100</sup> Luciano Cordeiro, *Questões histórico-coloniais*, vol. III, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1936, pp. 342, 350.

<sup>101</sup> António Bocarro, *Década 13 da História da Índia*, Parte I, 1876, p. 332.

<sup>102</sup> David Lopes (ed.), *Chronica dos Reis de Bisnaga*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, pp. 111 e 112.

<sup>103</sup> “O efeito Kagemusha. As armas de fogo portuguesas e o Estado no sul da Índia no início da época moderna”, in *História: Questões & debates*, Curitiba, nº 45, 2006, Editora UFPR, p. 135.

uso de cavalaria pesada e elefantes, apoiados por uma massa de infantaria”. Mas os cavalos e os elefantes podem ser afugentados com foguetes de guerra, como já vimos, e também com lanças de fogo.

Um elefante acobertado, por maior que seja a coberta, vem sempre com os olhos desprotegidos, porque não se lhe pode tapar a visão. Se um guerreiro opositor se conseguir aproximar a uma distância que permita disparar uma lança de fogo em direcção aos olhos, o elefante fica apavorado, faz meia volta e corre pisando as suas próprias tropas. Se em vez de um elefante, forem vários, os outros seguem os movimentos do que fez meia volta. É o que diz Jan Huyghen van Linschoten:<sup>104</sup> os de Ceilão e Pegu servem-se de elefantes na guerra; amarram-lhes espadas aos dentes, e por cima vão 5 ou 6 homens com bestas, arcabuzes e painéis de fogo; mas se um elefante volta para trás, os outros seguem-no e atropelam as suas próprias tropas. João Ribeiro, na *Fatalidade Histórica da Ilha do Ceilão*,<sup>105</sup> manuscrito de 1685, descreve assim o emprego da lança de fogo: O rei de Cândia usava elefantes de guerra. Por isso, andávamos “providos nos arraiais com lanças de fogo e (...) se entregavam algumas a soldados de forças, e, pondo-lhe uma acesa nos olhos, não podia o elefante resistir e assim logo virava, e com a fúria da paixão o efeito que havia de fazer nos nossos empregava nos seus”.

Em navios portugueses, as armas lançadoras de chamas só estão documentadas nos mais artilhados; a esmagadora maioria não as tinha. Por exemplo, o *Memorial de varias cousas importantes* (...), que tem orçamentos de armadas da década de 1580, indica num galeão de 630 toneladas 20 bombas de fogo e 20 lanças de fogo, e num galeão de 500 toneladas 10 bombas de fogo e 10 lanças de fogo.<sup>106</sup> Embora com algumas reservas, por não dispormos de qualquer informação adicional, tudo indica que são lançadoras de chamas. Em 1633/35, os 6 galeões que estavam em Goa tinham 80 bombas de fogo e 300 lanças de fogo.<sup>107</sup> Aqui, as 300 lanças de fogo não podem ser todas lançadoras de chamas; muitas serão de arremesso ou para disparar por arcos, bestas ou peças de artilharia.

No mar, os fogos artificiais “causam mais danos aos amigos do que aos inimigos”, adverte John Smith<sup>108</sup> em 1627. Da mesma opinião é Marcos Cerveira de Aguiar<sup>109</sup> em 1640 ou 1641: as “armadas dos anos passados levavam muitas lanças de fogo, dardos de arremesso e alcancias (painéis de pólvora), de que hoje não usamos. As que se devem usar são as disparadas pela artilharia, ao largo, e que se prendam nas velas inimigas”. Também um manuscrito português do séc. XVIII<sup>110</sup> descreve “as lanças e trombas de fogo, que é o mesmo uma que outra cousa”, e só indica o seu emprego em terra.

<sup>104</sup> *Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linscot, Hollandois, et de son voyage aux Indes orientales* (...), Paris, Hachette, 1972 (1ª ed. Amsterdam, 1610), p.127.

<sup>105</sup> ed. Lisboa, Alfa, 1989, p. 43.

<sup>106</sup> *Memorial de varias cousas importantes* (...), BNL, Res., cód. 637, fols. 39 v-41 v; F. Contente Domingues, *Os navios do Mar Oceano*, Centro de História da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2004, pp. 458 e ss.

<sup>107</sup> Bocarro, *O livro das plantas*, p. 161.

<sup>108</sup> *Op. cit.*, p. 87.

<sup>109</sup> *Aduertências de naueguantes*, BNL, F. R. 1228, fol. 110, <http://purl.pt/13862>.

<sup>110</sup> *Breve tratado da composição de alguns fogos artheficiais* (...), por Dionísio de Castro, BNL, F. 5763, fol. 347.



## COMÉRCIO E PRESTÍGIO NO EXTREMO ORIENTE: A FAUNA EXÓTICA

João da Rocha Joaquim

### Resumo

Tendo como base o estudo da fauna exótica representada em diversos biombos *namban* existentes actualmente em Portugal e na sequência do artigo *The Fauna represented in some namban screens*, publicado recentemente no *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, aprofundou-se a questão elencando hipóteses que sustentam a possibilidade da existência de um circuito de comércio de fauna exótica no Oriente português<sup>1</sup>.

À semelhança do fluxo comercial de fauna e naturalia destinada aos serralhos e gabinetes de curiosidades das elites europeias, parece-nos que se terá formado também um fenómeno paralelo a este noutras regiões, atingidas pelos portugueses durante a sua expansão ultramarina. Também no Extremo Oriente, parece ter sido apanágio das elites locais a posse e exibição de fauna exótica com o intuito de demonstração de poderio social e económico.

É notório como, em finais do Século XVI e inícios do Século XVII, os comerciantes portugueses irão integrar uma rede comercial intra-asiática (como era o caso de muito do comércio por estes feito) de tráfego mercantil de símbolos vivos de prestígio, os quais, ainda que sendo provavelmente apenas elementos associados a outras mercadorias mais rendosas, contribuíam para a fama destes recém-chegados comerciantes capazes de transportar tão exóticas criaturas. A origem asiática da esmagadora maioria da fauna enunciada pode ser contrastada com a presença de elementos faunísticos tipicamente europeus, cuja presença permite levantar novas questões relativas ao papel ocupado pelos animais do seio do Império Português do Oriente. Com base nos relatos quinhentistas e seiscentistas é possível obter uma ideia da dimensão deste tráfego, paralelo apenas àquele a que se assiste na Europa do mesmo período.

### Introdução

“*Exotico. He tomado do Latim Exoticus, a, um. Vid. Estranho. Vindo de fóra da terra.*”<sup>2</sup>

É deste modo que Bluteau, na primeira metade do século XVIII, define a expressão que iremos utilizar para nos referirmos às criaturas que, sendo exógenas a uma determinada região, eram para esta transportadas com fins comerciais ou diplomáticos.

<sup>1</sup> João P. R. Joaquim, “The Fauna represented in some namban screens” in *Bulletin of Portuguese-Japanese Studies*, volume 21, December 2010 (2014).

<sup>2</sup> Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez & latino*, Collegio das Artes da Companhia da Jesu, Coimbra, 1712-1728, 8 volumes, p. 416. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1> (consultado a 20 de Fevereiro de 2014).

Com origem no grego antigo, e alcançando as línguas modernas por via do latim, veremos o renascimento do seu uso, ainda na sua forma latina, no Portugal quinhentista precisamente em referências aos objectos com proveniência extra-europeia. Este termo ganhará uma carga diversa no decurso da Idade Contemporânea, sendo frequentemente ligado a discussões que tocam em conceitos como “*imperialismo*” ou “*colonialismo*”, tornando a sua utilização na discussão historiográfica menos fácil<sup>3</sup>. Num artigo que pretende abordar a questão da posse e utilização de fauna através de diversas sociedades tão distantes entre si pode parecer inadequada a utilização deste termo, todavia considera-se que a simplificação terminológica permite concentrar a investigação nas questões que nos propomos abordar.

A curiosidade, característica humana por excelência, aliada à busca de afirmação social pela exibição de elementos diferenciadores de elevado valor material e simbólico, explicam a universalidade da busca por *exotica* sob as mais diversas formas. A posse e exibição de animais selvagens ou utilitários, exóticos ou simplesmente invulgares, têm sido uma constante na História da Humanidade, corporizando através da divisão “*selvagem*”/“*doméstico*” a necessidade humana de construção de cosmologias e de definição de características ontológicas<sup>4</sup>. Desde as primeiras civilizações humanas, da Mesopotâmia à China antiga, que encontramos referências à utilização de animais com fins diplomáticos ou puramente recreativos e ornamentais<sup>5</sup>.

Acrescente-se que a apetecibilidade do “*exótico*” estava, não só na sua origem mas também, e talvez principalmente, na “*estranheza*” que o constituía, o que ficará patente no interesse gerado pelos animais atingidos por deformidades físicas, ainda que tratando-se de espécies quotidianas na vida dos indivíduos que os admirava, algo que veremos no decurso deste artigo.

Importa recordar que a fauna “*coleccionada*” nem sempre era mantida com fins puramente demonstrativos: em muitos casos assistiremos à utilização recreativa desta em combates organizados, algo que, como veremos, é transversal a diversas culturas<sup>6</sup>. Existia ainda um conjunto de animais que, apesar de escaparem ao epíteto de “*exóticos*”, possuíam uma importância material e simbólica inultrapassável, que lhes era conferida pelo seu uso em actividades venatórias e bélicas, granjeando-lhes um papel relevante no tráfego comercial e na diplomacia da Idade Moderna; dentre estes animais destacaremos, pela sua relevância os cavalos, por toda a Eurásia, e os elefantes, em algumas regiões asiáticas.

O estabelecimento de rotas comerciais directas entre a Europa, a Ásia e o Novo Mundo, entre finais do século XV e inícios do XVI, permitirá o usufruto, por parte das

<sup>3</sup> Catarina Anselmo Santana Simões, *Para uma análise do conceito de “exótico” – O Interesse Japonês na Cultura Europeia (1549-1598)*, Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, Universidade Nova de Lisboa, Setembro, 2012 (não publicada).

<sup>4</sup> Éric Baraty, Élisabeth Hardouin-Fugier, *Zoo: A History of Zoological Gardens in the West*, London, Reaktion Books, 2002, p. 9.

<sup>5</sup> R. J. Hoage, Anne Roskell, Jane Mansour, “Menageries and Zoos to 1900” in *New Worlds, New Animals – From Menagerie to Zoological Park in the Nineteenth Century*, ed. R. J. Hoage e William A. Deiss, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1996, pp. 8 e 9.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, pp. 13 e 14.

cortes europeias do acesso a fontes inesgotáveis de *exotica*, cuja posse se tornará numa forma clara de afirmação simbólica do seu poder. O papel desempenhado pela fauna, em particular a exótica, no contexto da sociedade da Idade Moderna tem merecido alguma atenção historiográfica, associando-se frequentemente ao estudo do coleccionismo de curiosidades, as *Kunstkammern*, que se popularizaram entre as elites europeias desse período, bem como os circuitos comerciais e diplomáticos que permitiam o seu abastecimento<sup>7</sup>.

Em Portugal, a expressão mais estudada deste fenómeno pode ser encontrada no reinado de D. Manuel I, o qual fará uso da fauna exótica na sua afirmação enquanto governante de um novo império comercial, sendo expectáveis, em qualquer descrição do seu reinado, as referências aos cortejos incluindo elefantes, a chegada a Lisboa do primeiro rinoceronte visto na Europa desde a Antiguidade, e o malgrado combate organizado entre este e um elefante, bem como a pompa e magnificência das embaixadas enviadas pelo rei a outras cortes e ao papado. A fauna exótica, os elefantes em particular, tornam-se num elemento essencial da diplomacia da corte portuguesa. Estes animais, essenciais às teias diplomáticas e tributárias entre potentados da Ásia Meridional, como veremos mais detidamente, verão o seu papel ser parcialmente replicado na Europa<sup>8</sup>.

Bastante escassos são todavia os estudos que abordam estas questões a montante, no que concerne à obtenção e comercialização da fauna nas suas regiões de origem ou até, talvez mais relevante, ao papel desempenhado por esta nas sociedades asiáticas. Será este o objectivo deste artigo o qual, pela extensão temática e geográfica da questão, não se propõe ser mais que um esboço que, coligindo alguns dados dispersos, permita futuras abordagens mais focalizadas.

## O Oriente

As tentativas portuguesas de monopolizar o tráfego de bens orientais luxosos com destino à Europa, que nasce do estabelecimento de rotas marítimas directas com o Oceano Índico entre o final do século XV e inícios do século XVI, levará a que estes crescentemente tenham necessidade de controlar pontos estratégicos territoriais no Oriente, bem como as rotas comerciais que os ligavam entre si. Em consequência desta dinâmica os portugueses ir-se-ão imiscuir nos complexos tráfegos comerciais intra-asiáticos, já não apenas como sustentáculo da Carreira da Índia, entre o Estado da Índia e Portugal, mas como garantia da rentabilidade da sua presença no Oriente<sup>9</sup>. Um exemplo paradigmático

<sup>7</sup> Entre outros autores possíveis, vejam-se os diversos estudos de Annemarie Jordan Gschwend, com destaque para: Annemarie Jordan Gschwend, *A rainha colecionadora – Catarina de Áustria*, Maia, Círculo de Leitores, 2012; Almudena Pérez de Tudela, Annemarie Jordan Gschwend, “Renaissance Ménageries, exotic animals and pets at the Habsburg courts in Iberia and Central Europe” in *Early Modern Zoology – The Construction of Animals in Science, Literature and the Visual Arts*, ed. Karl A. E. Enenkel e Paul J. Smith, Leiden – Boston, Brill, 2007.

<sup>8</sup> Almudena Pérez de Tudela, Annemarie Jordan Gschwend, *op. cit.*, pp. 421-423.

<sup>9</sup> Vid. Alexandra Curvelo, “Os Portugueses na Ásia dos séculos XVI-XVII: dinâmicas económicas e sociais e vivências artísticas e culturais” in *Biombos Namban*, Museu Nacional Soares dos Reis, 2009.

desta política é, em meados do século XVI, a institucionalização de uma carreira regular de ligação entre o Sul da China, através de Macau, e o Japão, na qual a obtenção de bens com destino à Europa era acessória em relação à importância do escambo de prata japonesa por sedas chinesas, um negócio extraordinariamente rendoso<sup>10</sup>

Há vantagens em entender a economia asiática, no decurso da Idade Moderna, privilegiando a sua mutabilidade e adaptabilidade, bem como o carácter regional de muitas das rotas comerciais, as quais, apesar de interligadas, podem sofrer variações decorrentes de processos políticos e sociais independentes das restantes. A presença europeia, fundamentalmente portuguesa até finais do século XVI, deverá portanto ser vista como um factor de grande relevância na compreensão dos fluxos comerciais intra-asiáticos mas não como um agente hegemónico cuja discussão esgote o tema<sup>11</sup>.

A utilização de animais, e produtos derivados dos mesmos, no comércio e diplomacia asiática, está patente nos primeiros relatos feitos aquando da penetração portuguesa nos mares orientais. No início do século XVI Tomé Pires, na sua *Suma Oriental*, faz referência à troca de páreas (tributos) entre diferentes potentados asiáticos envolvendo plumagens de “*pasaros q vem de banda mortos*”, os “*pasaros de ds*”<sup>12</sup> eram consideradas pelo autor como uma “*boa mercadoria*”, ainda que rara, pelo valor que atingia entre os “*turqos*” e os “*parses*” a sua garrida plumagem, utilizada na confecção de vestuário e ornamentos. Já “*da papua vem os papaguaios nores os mais prezados*”, o que veremos ser atestado por Linschotten décadas depois<sup>13</sup>.

Depreendemos das palavras de Tomé Pires que as plumas das aves referidas eram uma mercadoria plenamente integrada na rede comercial intra-asiática, percorrendo grandes distâncias entre o seu local de origem e os seus mercados consumidores mais longínquos. As plumas de aves eram muito apreciadas e frequentemente revestiam-se dum valor independente daquele da própria ave. Encontramos um paralelo na corte espanhola de D. Filipe II o qual, em 1565, irá encomendar a reprodução a aguarela das asas de algumas aves sul-americanas que lhe foram enviadas por D. Catarina de Áustria e que não haviam sobrevivido ao transporte<sup>14</sup>.

A preocupação fundamental de Tomé Pires em fazer um levantamento de mercadorias e circuitos comerciais rendosos no Oriente, a que se associam informações complementares sobre as sociedades aí estabelecidas, era auxiliar a expansão dos interesses portugueses na região<sup>15</sup>. A importância do comércio, enquanto garante da rentabilidade da presença europeia nos mares orientais, não passará despercebida nos diversos outros relatos

<sup>10</sup> Rui Manuel Loureiro, “Navios, Mercadorias e Embalagens na Rota Macau – Nagasáqui” in *Review of Culture*, nº 24, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2007, pp. 33 e 34.

<sup>11</sup> R. J. Barendse, “Trade and State in the Arabian Seas: A Survey from the Fifteenth to the Eighteenth Century”, *Journal of World History*, 11, nº 2, 2000, pp. 1-19.

<sup>12</sup> Actualmente conhecidas como “aves-do-paráiso”, são originárias das Molucas e Nova-Guiné.

<sup>13</sup> Tomé Pires, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. Armando Cortesão, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978, pp. 255 e 334.

<sup>14</sup> Annemarie Jordan Gschwend, *op. cit.*, p. 125.

<sup>15</sup> Rui Manuel Loureiro, “O Sudeste Asiático na Suma Oriental de Tomé Pires” in *Review of Culture*, nº 4, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2002, p. 113.

de viajantes quinhentistas e seiscentistas, onde questões como o valor relativo, preço, sistemas de pesagem, rotas comerciais e circunstâncias socioeconômicas das sociedades visitadas terão um destaque particular. Será, em parte, através destas referências que se torna possível seguir o fenómeno da comercialização de fauna pelos diferentes portos asiáticos.

As *nores*, a que Tomé Pires faz referência, estão também presentes no *Itinerário* de Linschoten, de finais do século XVI. Segundo este autor as *nores* eram levadas das Molucas para a Índia via Malaca, sendo populares animais de estimação em Goa. Linschoten lamentava ainda a impossibilidade das *nores* suportarem a longa viagem até à Europa, algo que havia sido tentado insistentemente. O mesmo autor aludirá também à manutenção doméstica de civetas, também conhecidas como gatos-de-algália, na Índia, que nomeia de “*bichos-de-palmeiras*”<sup>16</sup>. Refira-se a popularidade destes animais, obtidos em grande número na África Ocidental, no seio das cortes europeias, onde eram mantidos como animais domésticos, fornecendo ainda o valioso almíscar<sup>17</sup>.

O italiano Ludovico Varthema, que percorreu o Oriente entre 1503 e 1508, permite-nos, através do relato que faz das suas viagens, conhecer alguns casos de posse e comercialização de fauna nas regiões que visita. Aquando da sua visita a Meca, refere a existência junto a um templo de um cercado contendo “*licornes*” ofertados por um rei da Etiópia ao sultão de Meca<sup>18</sup>. A referência a um animal mítico como o unicórnio não desvirtua o relato da sua legitimidade, tendo em conta o reduzido conhecimento europeu da fauna e flora orientais. A possibilidade de este se referir a animais com malformações não pode também ser posta de parte, lembremos a curiosidade despertada pelas “*monstruosidades*” tanto humanas como animais na sociedade europeia coeva, de que são exemplo as *ménageries* de D. Filipe II, nos arredores de Madrid, ou de Maximiliano II, em Viena, onde pontificavam animais cujo exotismo estava muitas vezes na sua invulgaridade morfológica, como é atestado pelas ovelhas com quatro chifres que o imperador adquire em 1569<sup>19</sup>.

Frei João dos Santos que viaja entre 1586 e 1597 pela África Oriental, vindo a publicar uma súpula das suas viagens intitulada *Ethiopia Oriental*, deixa-nos indicações nesse mesmo sentido. Frei João fará referência ao grande número de civetas e “*grandes macacos*” que vê na região de Sofala, acrescentando, a título de curiosidade, que na casa do Governador Garcis de Melo, capitão-mor de Sofala, existiria um macaco hermafrodita. O mesmo autor relatará ainda as peripécias decorrentes da vinda, na embarcação que o trouxe da Índia para Portugal, de um elefante juvenil ofertado por D. Francisco da Gama a D. Filipe I<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> Jan Huygen Linschoten, *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, pp. 193-198.

<sup>17</sup> Annemarie Jordan Gschwend, *op. cit.*, p. 124.

<sup>18</sup> Ludovico di Varthema, *Voyage de Ludovico di Varthema en Arabie & aux Indes orientales (1503-1508)*, Trad. de Paul Teyssier, Paris, Editions Chandeigne, 2004, pp. 72 e 73.

<sup>19</sup> Almudena Pérez de Tudela, Annemarie Jordan Gschwend, *op. cit.*, p. 428.

<sup>20</sup> João dos Santos, *Ethiopia Orientale – L’Afrique de l’Est & l’océan Indien au XVI<sup>e</sup> siècle*, Ed. de Florence Pabiou-Duchamp, Paris, Editions Chandeigne, 2011, pp. 152 e 302.

Varthema, a par de diversas descrições relativas ao uso cerimonial e utilitário de elefantes nas cortes dos sultanatos indianos, nota que o “*rei dos yogis*” seria conhecido por percorrer a Índia acompanhado de um extenso séquito que incluía civetas, papagaios, falcões e leopardos. Se a existência de um tal governante é de difícil aceitação à luz da estrutura socio-religiosa hindu, a descrição coaduna-se com o que conhecemos das formas de afirmação de poder e prestígio por parte das elites da região<sup>21</sup>.

Aquando da sua passagem por Calecute, o mesmo Varthema fará referência à comercialização de animais, anotando as características que os valorizavam e o preço por estes atingido: existiriam papagaios verdes e outros avermelhados, com um canto agradável, apreçados em dois “*quatrins*”, bem como outras aves, “*sarus*”, consideradas como tendo um cantar superior às anteriores. Os macacos, que encontra em grande número na cidade, teriam um valor de quatro “*cas*” (sendo que cada “*cas*” equivaleria a um “*quartin*”). Varthema notará também a popularidade das lutas de galos na cidade, fenómeno que veremos repetir-se em sociedades por toda a Eurásia, desde a Europa Ocidental ao Japão<sup>22</sup>.

Em Pegú, na costa ocidental da Indochina, Varthema refere o grande número de civetas que aí encontra, sendo que três ou quatro destes animais eram apreçadas em um “*ducat*”. Dois destes animais, bem como três “*babuíns*” farão parte da bagagem de dois comerciantes italianos com que Varthema se cruza no seu périplo<sup>23</sup>. Note-se que a presença de comerciantes europeus no Oriente, em particular italianos, era uma realidade anterior ao início do estabelecimento português na região, sendo razoável afirmar que parte da fauna oriental que logra atingir a Europa antes do estabelecimento de rotas marítimas directas, fá-lo-á por intermédio destes comerciantes<sup>24</sup>.

François de L’Éstra, francês que percorre o Oriente ao serviço da *Compagnie Royale des Indes Orientales* durante a década de 1670, replicará, mais de um século depois do périplo de Varthema, o interesse deste na avaliação do potencial comercial da fauna oriental, averiguando as suas características e valores de transacção habituais. Em Bengala nota que: “*Les bois sont pleins de singes de quatre couleurs : de blancs, de noirs, de rouges et de gris. Les noirs sont les plus faciles à apprivoiser, et tout dressés, ils valent qu’un escalin ou six sols marqués de France.*”<sup>25</sup>

Também a catatua-de-crista-amarela é referida por L’Éstra, que coloca a sua origem nas Molucas e, replicando Linschoten, lamenta a impossibilidade de transportar estas aves para a Europa: “*Ils vendent encore des perroquets qui viennent des îles de Sombrière. Ils ont de différentes couleurs, très beaux et très faciles à apprivoiser, principalement les blancs qui sont gros comme des poules et ont trois rangs de belles plumes jaunes sur la tête élevées comme une crête ; chaque rang est composé de trois plumes. J’en ai vu qui parlaient aussi distinc-*

<sup>21</sup> Ludovico di Varthema, *op. cit.*, p. 123.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, pp. 172, 173 e 180.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, pp. 200 e 244.

<sup>24</sup> R. J. Barendse, *op. cit.*, p. 9.

<sup>25</sup> François de L’Éstra, *Voyage de François de L’Éstra aux Indes orientales (1671-1675)*, Ed. de Dirk Van der Cruysse, Paris, Editions Chandeigne 2007, p. 206.

*tement qu'une personne. Ils ne coûtent tout dressés que vingt sols, mais il est fort difficile de les transporter par-deçà, parce qu'ils meurent ordinairement quand ils ont passé la Ligne.*"<sup>26</sup>

A presença desta ave no Japão, para aí levada pelos portugueses, é também uma possibilidade já aventada com base na análise de expressões de arte *namban*<sup>27</sup>.

Em Batávia, já prisioneiro das autoridades holandesas, L'Éstra refere que: "*Avec cela ils vendent aux étrangers de certains oiseaux gros comme moutons, appelés casoars ou casuels, [...]*." Seguidamente este autor descreve pormenorizadamente o casuar, cuja distribuição compreende a Nova Guiné bem como diversas ilhas adjacentes. O casuar é uma ave de grandes dimensões, menor apenas que a avestruz e a ema, distinguindo-se também pelo contraste de cores entre a sua plumagem e a pele do seu pescoço. Estas aves tornam-se presentes diplomáticos habituais da VOC (*Vereenigde Oost-Indische Compagnie* – Companhia Unida das Índias Orientais) chegando mesmo um exemplar a ser enviado para a *ménagerie* de Versalhes através do governador francês de Madagáscar<sup>28</sup>. Como atestam os registos da feitoria holandesa em Decima alguns espécimes desta ave atingem o Japão, onde são ofertados ou vendidos à elite local. A VOC irá fazer uma ampla utilização da fauna exótica enquanto ferramenta diplomática nas suas relações com o Japão e outros potentados asiáticos<sup>29</sup>.

Dentre o conjunto de animais comerciados no Oriente destacavam-se os cavalos, animais que não podendo ser apodados de "*exóticos*" eram de uma importância utilitária e simbólica difícil de igualar, sendo o seu comércio um factor fundamental para a rentabilidade do Estado da Índia no decurso do século XVI. O tráfego de equinos entre o Médio Oriente e Índia, região prolífica na utilização de cavalaria em confrontações bélicas, era já de uma enorme importância aquando da chegada portuguesa à região, algo que será rapidamente compreendido pelos recém-chegados que se apressam a tomar as rédeas do negócio<sup>30</sup>.

A propósito deste comércio, Varthema refere o porto de Cananor, onde estava localizada uma feitoria portuguesa, como um ponto de entrada de cavalos provenientes da Pérsia. Sendo que cada um destes animais deveria pagar 25 ducados de "*gabelle*" antes de ser permitida a sua saída em direcção aos vizinhos reinos hindus<sup>31</sup>. Demonstrando a resiliência deste comércio encontramos o relato doutro italiano, Pietro della Valle, que visitou a Índia entre 1623 e 1624 e acompanhou uma embaixada portuguesa a um potentado na costa do Canará. Deslocando-se por mar em sanguicéis, pequenas embar-

<sup>26</sup> François L'Éstra, *op. cit.*, p. 247.

<sup>27</sup> João P. R. Joaquim, *op. cit.*, p. 13.

<sup>28</sup> François L'Éstra, *op. cit.*, pp. 246 e 320.

<sup>29</sup> Martha Chaiklin, "The Merchant's Ark: Live Animal Gifts in Early Modern Dutch-Japanese Relations" in *World History Connected*, Fevereiro, 2012.

Disponível em: <http://worldhistoryconnected.press.illinois.edu/9.1/chaiklin.html> (consultado a 20 de Fevereiro de 2014).

<sup>30</sup> Rui Manuel Loureiro, "Os Portugueses e o Tráfico de Cavalos no Mar da Arábia" in *O Estado da Índia e os Desafios Europeus – Actas do XII Seminário de História Indo-Portuguesa*, Ed. João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, Lisboa, CHAM / CEPCEP, 2010, pp. 505-507.

<sup>31</sup> Varthema, *op. cit.*, p. 132.

cações costeiras, a embaixada levava diversos cavalos destinados a serem vendidos naquela região, a par de alguns destinados especificamente ao rei enquanto presentes de estado<sup>32</sup>.

Estes presentes diplomáticos eram conhecidos localmente como “*sagoates*” e eram um instrumento diplomático comum na região, tendo a expressão entrado no léxico português<sup>33</sup>. Também Bluteau descreverá o “*sagoate*”, como um “*termo da Índia*” com o mesmo significado de “*mimo ou presente*”, podendo até o termo ser aplicado a presentes de estado<sup>34</sup>. Na *Ásia Sílica e Japónica* da autoria do Frade José de Jesus Maria, que descreve principalmente a China de inícios do século XVIII, há referência a “*sanguates*” enquanto presentes destinadas a dignatários<sup>35</sup>.

Sir Henry Middleton deslocar-se-á para o Oriente, ao serviço da *Governor and Company of Merchants of London trading into the East Indies*, a antecessora da *East India Company*, em 1604, retornando à Europa em 1606. Acompanhando uma embaixada do rei de Jacarta ao rei de Bantam, ambos reinos situados no arquipélago indonésio, Middleton descreverá o fausto da comitiva, bem como a inclusão de diversos animais, *naturalia e artificialia* nesta: “*About twelve a clocke came his show in presence: the souldiers about 300 in number; then followed so many women, with cashes and strange foules, both alive ans artificial. Likewise, ther was brought in many strange beasts, both alive and also artificiall; amongst which was one furious beast, called by them a matchan*”<sup>36</sup>. [...] *More, there was drawne in a garden, having many sorts of hearbs and floures in it; in the middle of which garden was a fishpond, wherein was divers sorts of small fishes; and all sorts of fishes which they do know in those parts were brought in, either alive or artificially made.*”<sup>37</sup>

Nesta descrição encontramos um cortejo análogo àqueles dos potentados indianos, demonstrando o seu poder através da exposição de fauna exótica ou feroz. A multitude de aves, o temor infundido nos espectadores pelo tigre e até a variedade de peixes e flora do jardim, demonstravam claramente o poder do ofertante e a estima e vassalagem que tinha ao receptor do tributo. A utilização de fauna no mundo diplomático intra-asiático, que se impunha até nas relações entre estados menores, leva a que não cause espanto a escala em que encontramos este fenómeno numa das principais potências asiáticas da Idade Moderna: o Imperio Mogol.

O Império Mogol, nascido no dealbar do século XVI e atingindo o seu zénite no final do XVIII, será a potência asiática que logra atingir maior poder no Subcontinente Indiano durante a Idade Moderna. Com uma elite que se destacava pelo seu refinamento cultural, a sociedade mogol caracterizava-se pela sua hierarquização, dando uma importância superlativa à caça e à posse de animais com potencial militar e venatório, como

<sup>32</sup> J. A. Ismael Gracias (ed.), *A Índia em 1623 e 1624 – Excertos das Memórias do viajante italiano Pietro della Valle*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1915, pp. 54 e 55.

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*, pp. 54 e 55.

<sup>34</sup> Raphael Bluteau, *op. cit.*

<sup>35</sup> José de Jesus Maria, *Ásia Sílica e Japónica*, Macau, Instituto de Macau – Centro de Estudos Marítimos de Macau, II volume, 1988, p. 105.

<sup>36</sup> “Tigre” em javanês.

<sup>37</sup> Sir Henry Middleton, *The Voyage of Sir Henry Middleton to the Moluccas 1604 – 1606*, Ed. de Sir William Foster, Nova Iorque, Kraus Reprint, 1990, p. 161.

cavalos e elefantes. Os estábulos imperiais de cavalos e elefantes eram organizados de acordo com normas rígidas e possuíam um corpo burocrático independente que zelava pelo bem-estar dos animais e pela circulação destes, sob a forma de tributos, ofertas ou atribuições oficiais entre diferentes elementos da elite social mogol<sup>38</sup>.

Peter Mundy, viajante inglês, irá percorrer o Oriente em finais da década de 1620 e inícios da década seguinte, posteriormente descrevendo extensivamente as suas viagens, que incluíram ainda parte considerável da Europa. Em 1630, aquando da sua passagem pela região do Guzarate, no Noroeste da Índia, fará frequentes referências a passatempos da elite como combates de elefantes, búfalos, antílopes, camelos ou carneiros, bem como corridas de cães<sup>39</sup>. Mundy descreve ainda o processo de abastecimento de animais aos “*serralhos*” dos governadores provinciais e do imperador com animais como “*wilde Buffaloes*” ou “*Rinoserosses*”, num sistema que deriva da estrita hierarquização da sociedade mogol, na qual estas demonstrações de vassalagem eram da maior importância<sup>40</sup>. Encontraremos também animais exóticos envolvidos neste sistema, incluindo um elefante africano oferecido ao Imperador Akbar, em 1567, por um governador mogol da região do Guzarate ou uma zebra ofertada ao seu sucessor Jahangir em 1621; demonstrando a mobilidade conferida a estes animais pelo seu estatuto de presente diplomático, esta zebra viajará desde a Abissínia até ao Norte da Índia pela mão de emissários turcos, acabando por ser reencaminhada pelo imperador mogol para a Pérsia Safávida<sup>41</sup>.

A corte mogol partilhava o fascínio das cortes europeias por *exotica* sendo ávida de objectos, técnicas e motivos artísticos invulgares. A observação de diversas iluminuras denota esse mesmo gosto, sendo clara a presença de peças elaboradas e exógenas ao Hindustão: porcelana chinesa, vidros venezianos, tapetes persas, entre outros<sup>42</sup>. A flora e fauna farão parte das curiosidades importadas pelos mogóis sendo várias as passagens do *Tuzuk-I-Jahangiri* (“*Memórias de Jahangir*”) que referem o espanto e interesse do imperador homónimo, que reina aproximadamente durante o primeiro terço do século XVII, pelas criaturas que lhe chegavam através de Goa, onde enviava membros da sua corte para obter as novidades trazidas pelos *frangi* (francos):

*“I had ordered him, on account of certain business, to go to the port of Goa and buy for the private use of the government certain rareties procurable there. According to orders he went with diligence to Goa, and remaining there for some time, took at the price the Franks asked for them the rareties he met with at that port, without looking at the face*

<sup>38</sup> *The Tuzuk –I-Jahangiri or Memories of Jahangir*, trad. H. Beveridge, Hertford, Stephen Austin and Sons, Ltd. Printers, 1909, p. 47.

<sup>39</sup> Peter Mundy, *The Travels of Peter Mundy in Europe and Asia, 1608-1667*, ed. de Sir Richard Carnac Temple, Nendeln/Liechtenstein, Kraus Reprint, s.d., p. 237.

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*, pp. 170 e 171.

<sup>41</sup> Som Prakash Verma, *Ustad Mansur – Mughal Painter of Flora and Fauna*, Nova Deli, Abhinav Publications, 1999, p. 41.

<sup>42</sup> Pedro Moura Carvalho, “What Happened to the Mughal Furniture? The Role of the Imperial Workshops, the Decorative Motifs Used, and the Influence of Western Models” in *Muqarnas*, vol. 21, Essays in Honor of J. M. Rogers, 2004, p. 80.

*of the money at all. When he returned from the aforesaid port to the Court, he produced before me one by one the things and rareties he had brought. Among these were some animals that were very strange and wonderful, such as I had never seen, and up to this time no one had known their names.*<sup>43</sup>

A fauna exótica recebida pela corte era frequentemente representa em iluminuras encomendadas pelo imperador e mantida em cercados ou jardins para tal destinados. Os portugueses terão sido responsáveis pela introdução de fauna e flora exóticas na Índia, agindo como intermediários entre a Europa, Ásia, África e América. A introdução de fauna e flora exótica na região, do ananás ao peru, pode ser atestada através das fontes documentais e gráficas mogóis<sup>44</sup>.

Mundy, aquando da sua passagem pelas Ilhas Maurícias, dará conta de uma circunstância inesperada, os dodós, hoje extintos, e trazidos para a Europa pelos holandeses da VOC no século XVII, haviam sido alvo de transporte semelhante em sentido contrário em direcção ao Guzarate: “*Dodoes, a strange kinde of fowle, twice as big as a Goose, that can neither flye nor swymm, beinge Cloven footed; a wonder how it should come thither, there being none such in any part of the world yet to be found. I saw two of them in Suratt hourse that were brought from thence.*”<sup>45</sup> A presença de dodós na Índia Mogol é atestada através de uma iluminura que representa um desses animais acompanhado de outras aves exóticas<sup>46</sup>.

## O Extremo Oriente

A relação estabelecida entre a China e os estados fronteiros, aquando da chegada dos europeus a este território (e, com poucas variações, até ao século XIX) inspirava-se naquela mantida milenarmente para com as tribos nómadas das estepes da Ásia Central. Personificada pela figura do imperador, a China via-se como o único centro de cultura e civilização face ao caos envolvente, a única relação possível para com outros povos seria a de sujeição ao poder, ainda que muitas vezes puramente teórico, do imperador. O sistema tributário seria, por conseguinte, a tradução simbólica da ideologia da corte imperial, era expectável que os próprios “*bárbaros*” procurassem livremente sujeitarem-se à influência civilizadora do “*Império do Meio*”<sup>47</sup>.

Os reinos vizinhos não tinham portanto grande escolha, o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com o Império Chinês dependia da aceitação da superioridade deste, sendo tal feito através do envio anual de tributos. A continuidade secular

<sup>43</sup> *The Tuzuk –I-Jahangiri or Memories of Jahangir*, pp. 215 e 216.

<sup>44</sup> Annemarie Schimmel, *The Empire of the Great Mughals – History, Art and Culture*, trad. Corinne Attwood, Londres, Reaktion Books, 2004, pp. 98 e 222; Som Prakash Verma, *op. cit.*, p. 48.

<sup>45</sup> Peter Mundy, *op. cit.*, p. 318.

<sup>46</sup> Som Prakash Verma, *op. cit.*, p. 17.

<sup>47</sup> J. K. Fairbank, “Tributary Trade and China’s relations with West” in *The Far Eastern Quarterly*, vol. 1, Nº 2, February 1942, p. 132.

desta estrutura diplomática indicia a sua utilidade mútua para a China, que via a sua autoridade reconhecida, e para os estados tributários, que beneficiavam da legitimação que lhes era concedida pelo elo com o império e da possibilidade de estabelecer laços comerciais<sup>48</sup>.

O papel desempenhado pela fauna, incluindo aquela exótica, na China dos períodos medieval e moderno foi já alvo de estudos exaustivos, destacando-se neste temática Roderich Ptak, consequentemente não nos propomos a mais que destacar algumas circunstâncias nas quais as actividades diplomáticas terão envolvido a utilização de fauna exótica<sup>49</sup>.

Na expedição empreendida entre 1407 e 1409, sob a liderança de Cheng Ho, e que teria tocado os portos de Cochim, Sião, Java e Calecute, ofertas sob a forma de aves e outros pequenos animais exóticos teriam sido enviadas pelos potentados visitados. Já em 1417, a mais ambiciosa expedição tentada pelos chineses quinhentistas, levá-los-ia até à Península Arábica e à costa oriental africana, tendo a frota retornado com leões, zebras e leopardos, provenientes da costa africana, assim como cavalos provenientes de Ormuz<sup>50</sup>. Esta última cidade terá bastante destaque na documentação chinesa do século XV, sendo considerada um dos principais empórios da região e um porto de visita frequente para comerciantes e diplomatas chineses<sup>51</sup>. A posição estratégica de Ormuz e a sua importância comercial, em particular no que concerne ao tráfego de cavalos, levará à sua tomada pelas tropas portuguesas no início do século seguinte<sup>52</sup>.

Camelos, avestruzes e até onixes completavam a panóplia de animais transportados na expedição de 1417, não esquecendo ainda uma girafa ofertada pelo governante de Áden. A girafa, o *ch'i-lin* (“*cavalo celestial*” ou “*veado celestial*”) era particularmente apreciado pela corte imperial pelo seu simbolismo, a primeira a ter chegado à China teria tido como origem Bengala, sendo apresentada como tributo em 1414. Diversas outras girafas foram enviadas, nos anos seguintes de Meca e Melinde, como tributos de grande valor simbólico<sup>53</sup>. A origem dos potentados que ofereceram girafas em tributo ao imperador chinês, diversa da distribuição geográfica natural destes animais leva à plausibilidade da existência de uma rede de transporte comercial ou tributário de fauna entre o continente africano e as regiões referidas.

Os portugueses não permaneceram imunes a este sistema e, após contactos diplomáticos iniciais desastrosos (recorde-se a malograda embaixada liderada por Tomé Pires), souberam acomodar-se-lhe. Após a Restauração de 1640 haverá um reavivar das relações

<sup>48</sup> Idem, *ibidem*, p. 137.

<sup>49</sup> Entre outras destacamos a seguinte obra: Roderich Ptak, *Birds and Beasts in Chinese Texts and Trade: Lectures Related to South China and the Overseas World*, Maritime Asia, vol. 22, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2011.

<sup>50</sup> J. J. L. Duyvendak, “The True Dates of the Chinese Maritime Expeditions in the Early Fifteenth Century” in *T'oung Pao*, Second Series, Vol. 34, Livr. 1 / 2, 1954, p. 347.

<sup>51</sup> Ralph Kauz, Roderich Ptak. “Ormuz in Yuan and Ming sources” in *Bulletin de l'Ecole française d'Extrême-Orient* n° 88, 2001. pp. 27-75.

<sup>52</sup> Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, 2010, pp. 505-507.

<sup>53</sup> J. J. L. Duyvendak, *op. cit.*, pp. 348, 380 e 400.

diplomáticas entre Portugal e a China com o envio de diversas embaixadas a partir de Macau. Uma embaixada em particular desperta a atenção pela presença de fauna exótica entre os tributos levados à corte imperial.

Em 1678 chegará a Pequim uma embaixada liderada por Bento Pereira de Faria, enviada pelo vice-rei da Índia em nome do príncipe regente. Esta embaixada incluirá um valioso presente, um leão africano<sup>54</sup>. Os leões eram extraordinariamente valorizados na corte imperial tendo diversos potentados asiáticos anteriormente ofertado espécimes, Samarcanda, Turfan, Arábia e Rum (o Império Otomano). É todavia de notar que a dificuldade de transporte, alimentação e manutenção de animais exóticos levava não infrequentemente à recusa por parte dos mandarins em permitirem a sua entrada na corte.

A corte imperial mantinha habitualmente uma coleção de fauna considerável no parque imperial, a qual abria a visitas, tradicionalmente no oitavo mês do ano antes do festival do meio do Outono, para que os oficiais pudessem admirar as aves e outros animais exóticos mantidos no chamado *Ling-pu* (o “*jardim sobrenatural*”). No século seguinte, cerca de 1780, um viajante coreano, Pak Chiwon, referirá ter visitado estes mesmos jardins onde teria encontrado, entre outros, um urso e um tigre domesticados<sup>55</sup>. Mais de um século antes, em meados do século XVI, Galeote Pereira, português feito prisioneiro pelas autoridades chinesas durante alguns anos, relatará a existência de espaços cercados arborizados destinados ao usufruto de altos dignatários, indicando que “*andam neles muitos veados e gazelas e bois e vacas e outras alimárias*”<sup>56</sup>.

A embaixada de 1678, que se sucedeu à de Manuel Saldanha de finais da década de 1660, tinha em vista conseguir a exceção de Macau da proibição lançada sobre o comércio externo pelo imperador como forma de combater a pirataria. A importância desta embaixada para o destino de Macau exigia um subterfúgio como aquele utilizado: o envio de um leão. É de notar o relevo que diversos clérigos jesuítas tinham alcançado no seio da corte imperial, o que veio facilitar esta, bem como outras, empreitadas diplomáticas portuguesas. Será mesmo escrito um panfleto em mandarim, *Shih-tzu shuo* (“*Dos Leões*”) dedicado a clarificar as necessidades e os cuidados a ter com estes animais, o autor será Ludovico Buglio, jesuíta residente em Pequim<sup>57</sup>.

O leão acabará por morrer ainda antes do retorno da embaixada a Macau, o que é todavia mantido em segredo pelos portugueses por receio de que holandeses ou franceses aproveitassem o ensejo para ofertar um novo leão à corte imperial. O que demonstra a competição entre diferentes potências europeias na utilização de fauna enquanto ferramenta diplomática na região<sup>58</sup>.

No Japão a utilização de fauna, inclusive exótica, enquanto ferramenta diplomática está atestada desde o século VIII a.C.. Sendo que, à semelhança do que ocorria na corte

<sup>54</sup> Giuliano Bertuccioli, “A Lion in Peking: Ludovico Buglio and the Embassy to China of Bento Pereira de Faria in 1678” in *East and West*, Istituto Italiano per l’Africa e l’Oriente, vol. 26, Nº 1 / 2, Março-Junho de 1976, p. 223.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, pp. 224 e 228.

<sup>56</sup> Galeote Pereira, *Algumas Cousas sabidas da China*, ed. Rui Manuel Loureiro, Coimbra, Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses, 1992, p. 54.

<sup>57</sup> Giuliano Bertuccioli, *op. cit.*, p. 225.

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, p. 228.

imperial chinesa, era dada preferência a que os bens ofertados, e por extensão a fauna, fossem originários da região dos ofertantes<sup>59</sup>.

Desde a mais antiga crônica portuguesa acerca do Japão, a de Jorge Álvares da década de 1540, que encontramos referências à importância dos cavalos e aves de rapina, cuja posse e utilização em actividades venatórias ou recreativas estavam intimamente ligadas ao estatuto social do seu possuidor.

O *Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão* obra, do final do século XVI, da autoria do P. Luís Fróis, jesuíta português que residirá no Japão durante a maior parte da sua vida, pretendia facilitar a adaptação dos europeus recém-chegados ao Japão. A obra compreende um extenso panorama cultural comparativo, explorando questões tão díspares como a organização política e os costumes religiosos, até à higiene pessoal ou os passatempos mais populares; entre os quais estava a luta de galos e a falcoaria, um paralelo com a Europa e a Índia do mesmo período.

No que se refere à posse de animais domésticos exóticos é de notar a referência aos “bugios”, que terão sido transportados para o Japão, presumivelmente pelos portugueses, a partir do Sudeste Asiático ou da Índia: “Os bugios de Europa pela maior parte têm rabos; em Japão, com haver muitos, não há nenhum que o tenha e para eles é coisa nova.”<sup>60</sup> Um outro autor jesuíta, o P. João Rodrigues atestará esta informação, no conjunto da sua enumeração da fauna do arquipélago, indicando existirem apenas “bugios sem rabo, os de rabo vem de fora e são muy estimados”<sup>61</sup>. O “bugio sem rabo” referidos por estes autores é, com pouca margem de dúvida, o macaco-japonês (*Macaca fuscata*), o único endémico do arquipélago homónimo.

O transporte de macacos, bem como de diversos outros animais, para o Japão é atestado através da análise das representações feitas em biombos *namban*, que os associam à presença comercial portuguesa no arquipélago. Desde aves do Sudeste Asiático a cães de raças europeias, passando por cavalos do Médio Oriente, a infinidade de criaturas presente nas embarcações portuguesas que chegavam ao Japão não tem, infelizmente, grande destaque nas fontes documentais coevas, existindo a possibilidade de, em particular no caso da fauna de menor porte, esta ter sido considerada propriedade particular de tripulantes ou passageiros estando conseqüentemente ausente das listagens de mercadorias transportadas<sup>62</sup>.

Os cavalos, a par do que ocorre nas outras regiões orientais já abordadas, revestem-se no Japão, pela sua importância em actividades venatórias e bélicas, não esquecendo também o seu valor simbólico, de um importância superlativa. Existindo novamente coincidência entre diferentes regiões da Eurásia no que se refere ao papel conferido a estes animais no estabelecimento e manutenção de laços diplomáticos.

Entre finais da década de 1570 e inícios da década seguinte encontramos uma curiosa referência a este fenómeno, com o *daimio* de “*Scçuma*” a enviar ao Vice-Rei da

<sup>59</sup> Martha Chaiklin, *op. cit.*

<sup>60</sup> P. Luís Fróis, *Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão*, ed. Rui Manuel Loureiro, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 140.

<sup>61</sup> P. João Rodrigues, *História da Igreja do Japão*, ed. J. A. A. Pinto, Notícias de Macau, 1954, p. 151.

<sup>62</sup> João P. R. Joaquim, *op. cit.*, p. 17.

Índia, por intermédio do Visitador da Companhia de Jesus, P. Alessandro Valignano, “*hum bom cavallo e hum traçado rico*”, já que, segundo o relato jesuítico que citamos, “[parecia-lhes] *que havendo christandade e igrejas em suas terras hirião os portuguezes a seos portos*”<sup>63</sup>.

Em 1590 é enviada, pelo Vice-Rei da Índia, uma embaixada encabeçada pelo Padre Visitador Valignano a Toyotomi Hideyoshi. Esta embaixada, que acompanhava o retorno da primeira embaixada japonesa à Europa, contava entre os bens destinados a serem ofertados a Hideyoshi “*dous cavalos arábios, posto que não chegou mais que hum vivo a Japão, mui ricamente ajaezafôs*”<sup>64</sup>. Apesar da crescente hostilidade da elite governativa japonesa para com os portugueses, recorde-se que, em 1587, havia sido proclamado o primeiro édito anti-cristão, a embaixada é bem recebida e, após demonstrações de destreza equestre por parte de um cavaleiro português, Hideyoshi “*mostrou que o cavallo lhe contentava sobre todas as outras couzas*.”<sup>65</sup>

Também “*dos Luções*”<sup>66</sup> seguem para o Japão embaixadas no âmbito da querela ibérica pelo controlo das relações com o arquipélago nipónico, um confronto que concomitantemente opunha os interesses comerciais de Macau e Manila, a rivalidade missionária entre a ordem jesuíta e ordens mendicantes e a afirmação da autonomia portuguesa no seio do império Habsburgo. A embaixada, descrita depreciativamente pelo P. Luís Fróis, far-se-á acompanhar não só por “*hum cavallo que vinha manco*” mas também por um gato-de-algália<sup>67</sup>. Em 1597 chegará ao Japão uma nova embaixada proveniente de Manila, desta feita acompanhada por um elefante adquirido nessa cidade, o qual terá movido multidões a admirá-lo e provocado o vivo interesse e agrado de Hideyoshi, já que a presença destas criaturas exóticas no Japão era já de ténue memória, tendo o último exemplar recordado feito parte de uma embaixada do rei do Camboja ao daimio de Bungo<sup>68</sup>.

É de notar que, em paralelo com a presença portuguesa no arquipélago nipónico, mantêm-se os contactos diplomáticos e comerciais entre o Japão e o restante mundo asiático, os quais, apesar de momentos de inflexão, nunca haviam cessado completamente. Em 1594, Hideyoshi será presenteado com um tigre por uma embaixada coreana e o seu sucessor Tokogawa Ieyasu terá recebido uma embaixada proveniente do Camboja em 1608, da qual faziam parte dois pavões e uma outra de Annam em 1610, que contava com um pavão e um papagaio<sup>69</sup>. O pavão era um animal com grande importância simbólica e religiosa para a cultura japonesa, o que não terá passado despercebido aos portugueses que terão também, segundo fontes gráficas, levado alguns desses animais para o Japão<sup>70</sup>.

<sup>63</sup> P. Luís Fróis, *Historia de Japam*, ed. José Wicki S.J., Lisboa, Ministério da Cultura e Coordenação Científica, Biblioteca Nacional, vol. III, 1981-84, pp. 82 e 184.

<sup>64</sup> P. Luís Fróis, *op. cit.*, vol. V, 1981-1984, p. 299.

<sup>65</sup> Idem, *ibidem*, p. 309.

<sup>66</sup> Povo e grupo de ilhas, parte do Arquipélago das Filipinas, sob domínio espanhol em finais do século XVI.

<sup>67</sup> P. Luís Fróis, *op. cit.*, 1981-1984, vol. V, p. 507.

<sup>68</sup> Michael Cooper, *They Came to Japan – An Anthology of European Reports on Japan, 1543-1640*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1981, pp. 113 e 114.

<sup>69</sup> Martha Chaiklin, *op. cit.*

<sup>70</sup> João P. R. Joaquim, *op. cit.*, p. 12.

Nos inícios do século XVII, com a reinstituição dum xogunato forte e centralizado, o *bakufu*, e a expulsão definitiva dos portugueses do Japão, o monopólio das relações comerciais exteriores do arquipélago fica entregue aos holandeses, os quais operam a partir da sua base na pequena ilha de Decima. A importação de cavalos, cães e aves destinadas à falcoaria, bem como de outros animais, manter-se-á como uma rendosa actividade para estes comerciantes no decurso dos séculos XVII e XVIII<sup>71</sup>. Na representação anual enviada pelos holandeses à corte xogunal em Edo constaram, ao longo dos anos, animais como avestruzes, casuares, tigres, elefantes, camelos ou búfalos indianos, entre muitas outras criaturas, alguns das quais, à semelhança do que já vimos acontecer na corte imperial chinesa, foram recusados e acabaram vendidos a privados<sup>72</sup>.

Após este périplo que nos levou da Europa até ao Japão, passando um pouco por todo o Oriente visitado pelos portugueses, parece-nos razoável afirmar que, se se podem caracterizar os paralelos abordados como simples coincidências na forma de corporização de poder socioeconómico por parte de elites muitas vezes distantes geográfica e culturalmente entre si, é também possível concomitantemente ver a atracção e fascínio que o exótico desperta, em particular quando associado à fauna, como algo que decorre fundamentalmente da natural curiosidade humana; iludindo barreiras culturais e contribuindo pelo contrário para incentivar o contacto entre estas, sempre em busca do exótico na alteridade.

---

<sup>71</sup> Martha Chaiklin, *op. cit.*

<sup>72</sup> Constantine N. Vaporis, “Lordly Pageantry: The Daimyo Procession and Political Authority” in *Japan Review*, Nº 17, 2005, pp. 3-54.



# O PADRE CRISTÓVÃO BORRI NO ORIENTE

António Costa Canas

## Introdução

O presente estudo teve por base a dissertação elaborada pelo autor para obtenção do grau de Mestre em História dos Descobrimentos. O título da tese é: *A longitude na náutica do século XVII. A obra do padre Cristóvão Borri*. O protagonista desta história é um padre jesuíta que se distinguiu nalgumas áreas científicas: matemática e suas aplicações práticas na navegação e na astronomia. Este religioso viveu alguns anos no Oriente, onde usou os conhecimentos científicos ao serviço da evangelização e onde realizou observações astronómicas que contribuíram para que desenvolvesse um conjunto de ideias sobre cosmologia.

Este texto será dividido em três partes. Numa primeira abordaremos a presença dos jesuítas na China. Procuraremos perceber essencialmente o processo de entrada dos religiosos desta companhia no Império Chinês e a forma como os mesmos se adaptaram à cultura local. Estamos igualmente interessados em entender qual a importância da ciência, em especial da matemática e da astronomia, na aproximação aos habitantes daquele vasto império e consequentemente no processo de evangelização.

Num segundo momento analisaremos a vida de Cristóvão Borri. O nosso interesse é procurar perceber quais os motivos que o teriam levado a deslocar-se para o Oriente. Na época em que viveu seria prática corrente a partida para terras longínquas dos religiosos de diversas ordens, nestas se incluindo a Companhia de Jesus. Sendo institutos religiosos que tinham como principal escopo a missão, entende-se perfeitamente esta postura por parte daqueles que os integravam. Mas além deste interesse típico da generalidade destes padres, poderão ter existido razões particulares por parte deste padre para partir para a China. Finalmente, o conhecimento dos aspetos principais da sua biografia permitem-nos igualmente entender aquilo que se sabe que ele fez no Oriente e a forma como algumas das suas atividades lá tiveram influência naquilo que realizou, depois de regressar.

A terceira parte deste estudo debruçar-se-á sobre aquilo que realizou quando esteve no Oriente. Na primeira parte tentaremos mostrar a importância da matemática no processo de evangelização no Oriente. Na segunda realçaremos a elevada formação matemática de Borri. Nesta terceira teremos obviamente que dar maior relevo àquilo que ele realizou naquelas terras longínquas nas áreas da matemática e da astronomia.

## Os Jesuítas na China

*Durante mais de um século, Lisboa permaneceu como o único ponto de partida das numerosas centenas de missionários portugueses e estrangeiros que, utilizando as embarcações lusas e a via marítima do Cabo, se dirigiam para os diversos postos de missão situados em zonas política ou convencionalmente integradas no Padroado Português do Oriente. No que respeita aos jesuítas, tratava-se de uma verdadeira «multinacional», em que predominavam os portugueses, logo seguidos dos seus confrades italianos<sup>1</sup>.*

Pelo Tratado de Tordesilhas a navegação para o Oriente era um direito exclusivo dos Portugueses. Se ao Oceano Pacífico se aplica por vezes a designação de “Lago Espanhol” ao Índico poderia chamar-se o “Lago Português”. A fronteira que separava as duas zonas de influência não estava claramente definida, por impossibilidade prática de determinar a longitude com rigor. Embora os Espanhóis tenham estabelecido uma carreira pelo Pacífico que visitava regularmente as Filipinas, os Portugueses estabeleceram relações para Oriente deste arquipélago, abrangendo especialmente a China e o Japão. Para tal muito contribuiu a fixação dos Portugueses em Macau em meados do século XVI. As autoridades chinesas foram tolerando esta presença lusa e a cidade assumiu um papel fundamental nas relações com esses dois grandes impérios orientais.

Pode afirmar-se que o interesse pelo Oriente remonta praticamente à génese da Companhia de Jesus. O voto feito por Inácio de Loiola, juntamente com seis colegas seus da Universidade de Paris, em 15 de agosto de 1534 é o marco fundador da companhia. Entre os seus colegas encontravam-se o português Simão Rodrigues e Francisco Xavier, de Navarra<sup>2</sup>. Estes dois fundadores da companhia viriam a desempenhar um papel fundamental na instituição da mesma em Portugal e no Oriente.

A vinda dos dois missionários para Portugal ocorreu em Março e Abril de 1540. Ou seja, aconteceu antes da criação formal da ordem. Esta criação só viria a ocorrer em 27 de Setembro de 1540, quando o papa Paulo III aprovou o projeto do grupo que recebeu o nome de Companhia de Jesus<sup>3</sup>. O propósito dos dois missionários era dirigirem-se para o Oriente, para procederem à evangelização dos habitantes das regiões onde passassem. No entanto, D. João III preferiu que eles ficassem em Portugal para estabelecer a Companhia de Jesus. Esse papel foi desempenhado por Simão Rodrigues. Quanto a Francisco Xavier foi autorizado a partir para o Oriente<sup>4</sup>.

Em 7 de Abril de 1541 partiu São Francisco Xavier para o Oriente. Começava assim um processo que se cifraria em mais de três centenas de expedições que de Lisboa partiram para todo o mundo onde se sentia a influência portuguesa. Durante mais de duzentos anos, com uma média anual na ordem de dezassete padres, a Companhia de

<sup>1</sup> Horácio Peixoto de Araújo, *Os jesuítas no império da China. O primeiro século (1582-1680)*, p. 33.

<sup>2</sup> António Lopes, “História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (com especial incidência nas Províncias e Missões do Oriente)”, p. 36.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*, pp. 36-37.

<sup>4</sup> João Pereira Gomes, “Jesuítas”, p. 365.

Jesus enviou missionários para lugares tão longínquos como a África, o Brasil ou as terras mais recônditas do Extremo-Oriente<sup>5</sup>.

A influência do primeiro missionário jesuíta do Oriente estendeu-se essencialmente à Índia e ao Japão. Em 1549 fundou a missão jesuíta no Império do Sol Nascente<sup>6</sup>. Era sua intenção estabelecer igualmente uma missão na China. A entrada neste país era completamente vedada a estrangeiros. Xavier não desistiu. Em agosto de 1552 chegou à ilha chinesa de Sanchoão. Aí convenceu um mercador a ajudá-lo a entrar neste grande império. No entanto, foi atacado por uma febre violenta, vindo a falecer em 3 de dezembro de 1552<sup>7</sup>.

Após esta tentativa de São Francisco Xavier, foi necessário esperar cerca de trinta anos, até os jesuítas conseguirem estabelecer-se em território chinês. Geralmente considerava-se que a criação da missão jesuíta na China ocorreu em 10 de setembro de 1583. Nessa data, os padres Matteo Ricci e Michele Ruggieri fixaram residência na cidade de Zhaoqing. No ano anterior ocorreu uma tentativa de fixação na mesma cidade, por parte de Michele Ruggieri e de um outro padre: Francesco Paseo. Embora tenham conseguido permanecer cerca de três meses na cidade, contando com o apoio do respetivo governador, acabaram por ser convidados a sair, quando o seu protetor foi destituído<sup>8</sup>.

A presença de padres da Companhia de Jesus em território chinês foi fortemente marcada por situações semelhantes àquela que se descreve no parágrafo acima. A sua estadia em determinados locais estava muitas vezes dependente de obterem o apoio de alguma autoridade local. Em muitos casos, quando se alterava a estrutura de poder das autoridades chinesas, a atitude perante os missionários era também alterada.

O sucesso dos Jesuítas no Oriente é facilmente compreensível se recordarmos a sua estratégia de aproximação aos povos contactados. Para serem bem aceites pelas populações com quem conviviam, os padres da Companhia tentavam adaptar-se, tanto quanto possível, aos hábitos e costumes desses povos. Geralmente, aprendiam as suas línguas e registavam por escrito esses conhecimentos. A sua intenção era a redação de catecismos nessas línguas. Por outro lado, os jesuítas foram dos primeiros a redigir vocabulários de muitas dessas línguas<sup>9</sup>.

Usando esse género de abordagem, conseguiram autorização da Santa Sé para poderem dizer missa em língua chinesa, celebrarem de cabeça coberta, como era costume naquelas terras, e traduzirem a própria Bíblia. Estas suas atitudes tão radicais levaram Roma, no início do século XVIII, a condenar a forma de missionar dos jesuítas no Oriente, nomeadamente, na Índia e na China<sup>10</sup>.

<sup>5</sup> António Lopes, *op. cit.*, p. 38.

<sup>6</sup> Horácio Peixoto de Araújo, *Os jesuítas no império da China. O primeiro século (1582-1680)*, p. 33.

<sup>7</sup> Maria Armanda Ramos, "Xavier, S. Francisco", p. 1089.

<sup>8</sup> Horácio Peixoto de Araújo, *Os jesuítas no império da China. O primeiro século (1582-1680)*, pp. 101-102.

<sup>9</sup> Luís de Albuquerque, "Companhia de Jesus", p. 277.

<sup>10</sup> António Lopes, "História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (com especial incidência nas Províncias e Missões do Oriente)", pp. 38-39.

O facto de Matteo Ricci ser um dos dois primeiros jesuítas a entrar na China teve consequências bastante importantes para a forma como diversas figuras importantes das autoridades chinesas vão olhar para os missionários. Ricci percebeu que poderia usar a Astronomia para se aproximar dos Chineses. A sua acção foi bastante fecunda, deixando frutos que perduraram muito para além da sua morte.

Em 1577 Ricci estava em Portugal para, em Coimbra, receber a formação específica que era ministrada aos missionários destinados ao Oriente. Em 1578 partiu para Goa, onde terminou os seus estudos e foi ordenado padre<sup>11</sup>.

Chegou a Macau em 1582, onde aprendeu a língua chinesa. No ano seguinte começou a viajar por várias cidades chinesas. Um dos primeiros factos de que se apercebeu foi o fraco desenvolvimento dos conhecimentos geográficos e cartográficos dos Chineses. Serviu-se desta circunstância para fazer aumentar bastante a estima e consideração que os Chineses tinham por ele<sup>12</sup>.

Ao verem os mapas que Ricci possuía, legendados em caracteres europeus, os Chineses pediram-lhe que os reproduzisse, mas de modo a que eles os percebessem, isto é, escritos em chinês. Ele assim fez. Mas foi mais longe ao perceber a concepção que os Chineses tinham do universo. Para eles, o céu era redondo, mas a Terra quadrada, encontrando-se o seu império no centro daquela. O que Ricci fez foi simplesmente deslocar a posição do meridiano que geralmente era escolhido como central, o que passava pelas Ilhas Afortunadas, de modo a que nos mapas que desenhou para os Chineses, o seu império aparecesse no centro dos mesmos<sup>13</sup>.

A sua fama junto de algumas elites políticas e culturais chinesas ia crescendo de tal modo que foi convidado a dirigir-se à corte imperial. Tendo chegado a Pequim em 7 de setembro de 1598, não conseguiu ser recebido pelo imperador e teve mesmo que se retirar da capital, devido à eminência de guerra com os Japoneses<sup>14</sup>.

Partindo para Nanquim, encheu de admiração inúmeros filósofos chineses ao contar-lhes as novidades científicas europeias. Existia na cidade um observatório astronómico antigo, devidamente equipado, no entanto, os habitantes da cidade desconheciam como manusear os instrumentos<sup>15</sup>.

Importa recordar aqui que a Astronomia chinesa conhecera períodos de grande esplendor. Contudo, esses tinham ocorrido muito tempo antes do contacto regular dos Europeus com os Chineses. O declínio da ciência chinesa tinha começado no século III, quando o imperador Qinshi mandara destruir os livros de ciência<sup>16</sup>.

Em Nanquim foi aconselhado pelos mandarins sobre a melhor forma de conseguir chegar junto do imperador. Segundo eles, deveria ser portador de coisas curiosas, que nunca tivessem sido vistas na China. Os mesmos mandarins enviaram cartas para os seus

---

<sup>11</sup> Alfredo Dinis, “Os Jesuítas e o intercâmbio científico entre a Europa e o Oriente (Sécs. XVI-XVIII)”, p. 171.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 171.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, pp. 171-172.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 173.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 173.

<sup>16</sup> “Do bom uso da matemática na propagação da fé”, p. 82.

homólogos na corte, para que estes favorecessem a aproximação de Matteo Ricci. Após uma viagem atribulada, devido a alguns obstáculos colocados por funcionários dos territórios que tiveram que atravessar, Ricci e dois companheiros seus chegaram finalmente ao palácio imperial em Janeiro de 1601<sup>17</sup>.

Em 1610, Ricci pediu que a Companhia de Jesus lhe enviasse um astrónomo para o ajudar a responder às solicitações que lhe chegavam. Foi enviado o Padre Sabatino de Ursis, que conseguiu logo granjear fama de sábio em Pequim. Porém, nesse mesmo ano faleceu Ricci<sup>18</sup>.

O sucesso conseguido por Ricci valeu-lhe inveja por parte de alguns membros das elites chinesas. Essas pessoas conseguiram que se criasse um ambiente hostil aos estrangeiros, o que implicou a expulsão de muitos deles<sup>19</sup>.

Apesar desse clima desfavorável, a obra de Ricci conseguiu ter seguidores. Em 1623 chegou à corte Adam Schall von Bell. Sendo perito em calendários astronómicos conseguiu as boas graças do imperador ao prever com elevada exactidão um eclipse do Sol que ocorreu em 21 de junho de 1626. Foi por ele convidado para construir um observatório astronómico no interior do palácio imperial. Contudo, tal como acontecera com Matteo Ricci, também Schall acabou por ser vítima de situações de inveja por parte de alguns membros das elites chinesas. Ele e outros jesuítas acabaram por ser acusados de traição e condenados à morte. Conseguiram evitar a execução das sentenças, mas Schall acabou por falecer pouco tempo depois, em 1666<sup>20</sup>.

O relacionamento religioso entre Europeus e Chineses conheceu muitas contradições. Por um lado, existiam as resistências provocadas pelos orientais. O prestígio alcançado pelos europeus era considerado por alguns dos chineses como uma ameaça às suas ambições. Além disso, ocorreram diversas proibições por parte do Vaticano. Em determinados momentos foram condenadas algumas das práticas seguidas pelos jesuítas. Para melhor se aproximarem das populações, estes adaptavam práticas religiosas que lhes permitiam que fossem mais facilmente aceites pelos locais. Este procedimento não foi compreendido por religiosos de outras ordens que entraram na China. Gerou-se uma situação de “confronto” entre os defensores desta aculturação e aqueles que a condenavam. Este processo ficou conhecido como a “questão dos ritos chineses”. Como consequência desta querela, o Vaticano emanou algumas determinações que proibiram certas práticas seguidas pelos jesuítas. Em muitos casos, tal implicou uma diminuição da influência dos jesuítas junto das comunidades locais<sup>21</sup>.

Apesar de todas estas dificuldades, os jesuítas conseguiram atingir um nível bastante elevado de influência junto de diversos setores da alta sociedade chinesa. Este facto assume um maior significado se tivermos em conta que a cultura chinesa é muito fechada

<sup>17</sup> Alfredo Dinis, “Os Jesuítas e o intercâmbio científico entre a Europa e o Oriente (Sécs. XVI-XVIII)”, pp. 173-174.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, pp. 174-175.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 175.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, pp. 175-176.

<sup>21</sup> Sobre a “questão dos ritos chineses” ver Horácio Peixoto de Araújo, *Os jesuítas no império da China. O primeiro século (1582-1680)*, *passim*.

em relação aos estrangeiros. Para esse sucesso dos jesuítas muito contribuiu a astronomia. O Departamento de Astronomia foi dirigido por religiosos europeus entre 1645 e 1838<sup>22</sup>.

Para terminar esta parte dedicada ao contributo dos Jesuítas para o desenvolvimento da Astronomia na China, desejamos apenas realçar mais um aspeto. Interessa-nos investigar até que ponto terão os padres da Companhia contribuído para a divulgação das novas correntes astronómicas que se vinham desenvolvendo na Europa.

Por um lado, encontramos missionários, como o Padre Francisco Furtado, que traduziu para chinês um tratado de Aristóteles, acompanhado por alguns comentários conimbricenses. Estamos perante uma situação em que religiosos levam consigo as ideias mais conservadoras que muitas vezes seguiam no continente europeu<sup>23</sup>. Devemos ter presente um aspeto importante. De um ponto de vista eurocêntrico, as ideias aristotélicas eram conservadoras. Porém, para os Chineses, tratava-se de verdadeiras novidades, do ponto de vista filosófico.

Mas vamos encontrar também situações bem diferentes. Se Ricci divulgou o sistema ptolemaico, mais tarde alguns dos seus seguidores contribuíram para a difusão das mais recentes teorias heliocêntricas. Num primeiro tempo, estes jesuítas não assumiram o sistema copernicano, preferindo antes as teorias de Tycho Brahe, que se situa numa posição intermédia entre Ptolomeu e Copérnico. A sua postura denota uma certa prudência, não tomando partido por qualquer uma dessas teorias:

*De momento, preferimos considerar como verdadeiros apenas os cálculos e as medidas. Não nos dedicámos por isso a discutir em profundidade qual das teorias está certa e qual não está<sup>24</sup>.*

Já na segunda metade do século XVII, um outro jesuíta que se distinguiu na difusão de conhecimentos de astronomia foi Ferdinand Verbiest. Também ele concorreu bastante para a introdução de muitas das mais recentes teorias científicas da época. Publicou, em língua chinesa, a obra *Discurso sobre os instrumentos astronómicos recentemente construídos no observatório*. Neste texto pode-se constatar que os instrumentos apresentados foram retirados da obra, *Astronomiae instaurate mechanica*, publicada por Tycho Brahe em 1598. Também escreveu textos de física baseados nos estudos de Galileu<sup>25</sup>.

Por outro lado, Verbiest utilizou várias obras de reflexão redigidas por outros padres da companhia. Destes textos realçamos *Almagestum novum*, de Giovanni Battista Riccioli. Nesta obra monumental, o autor apresenta os diversos estudos cosmogónicos, tanto passados como seus contemporâneos, discutindo ainda os argumentos a favor e contra os dois grandes sistemas em confronto: o geocentrismo de Ptolomeu e Tycho Brahe e o heliocentrismo de Copérnico e Galileu<sup>26</sup>.

<sup>22</sup> Gonçalo Couceiro, “O Observatório de Pequim”, p. 88.

<sup>23</sup> Alfredo Dinis, “Os Jesuítas e o encontro de cosmologias entre o Oriente e o Ocidente (Secs. XVI-XVIII)”, pp. 540-541.

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*, p. 540.

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*, p. 541.

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*, p. 541.

Este intercâmbio cultural com o Oriente teve diversas repercussões em Portugal. Estando a China integrada na Província Portuguesa da Companhia de Jesus, Portugal tinha um importante papel no envio dos missionários destinados àquele território, pois era em Portugal que tinham que ser encontradas as respostas às solicitações que de lá vinham<sup>27</sup>.

Uma vez que em Portugal não existiam matemáticos e astrónomos com formação suficiente para as necessidades sentidas na China, eles tinham que ser recrutados noutros países europeus. No entanto, passavam sempre por Lisboa no seu trânsito para o Oriente. Demoravam-se por cá um determinado período que, em certos casos, chegava a ser de alguns anos. Durante esse tempo, muitos deles ensinavam nas escolas portuguesas, ou trocavam os seus conhecimentos com os seus colegas. Lisboa tornou-se um importante centro de troca de ideias científicas graças a estas passagens de alguns dos melhores matemáticos europeus daquela época<sup>28</sup>. Cristóvão Borri foi um desses padres que teve um relacionamento grande com o Oriente.

## O Padre Cristóvão Borri

Uma vez que estamos particularmente interessados no estudo das atividades que Cristóvão Borri realizou no Oriente, dedicaremos uma seção deste estudo a esse assunto. No entanto, importa descrever, ainda que sucintamente, aquilo que foram os primeiros anos da sua vida. Tal será feito nos próximos parágrafos.

Porém, antes importa perceber até que ponto estamos em presença de um “ilustre desconhecido”, ou pelo contrário se trata de alguém cujo percurso é já conhecido por parte da comunidade de historiadores.

Em princípio, sabe-se sempre algo sobre a vida de qualquer padre da Companhia de Jesus. Tal acontece graças à obra monumental *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, de Carlos Sommervogel<sup>29</sup>. Além disso, foram preservados inúmeros documentos relativos às atividades dos religiosos nas missões.

Sobre o Padre Borri existem diversos estudos que nos permitem conhecer com algum detalhe a sua vida e obra. Uma biografia mais ou menos detalhada deste religioso foi redigida por Domingos Maurício Gomes dos Santos<sup>30</sup>. Apesar de ser um texto com mais de meio século, continua a ser a melhor referência para os aspetos biográficos. Um pouco antes do padre Domingos Maurício, António Alberto Banha de Andrade, que começou a sua carreira na Companhia de Jesus, também escreveu sobre Cristóvão Borri<sup>31</sup>.

<sup>27</sup> Henrique Leitão, “A periphery between two centres? Portugal in the scientific routes from Europe to China (16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries)”, p. 31.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, p. 31.

<sup>29</sup> Carlos Sommervogel *et. al.*, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*.

<sup>30</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristóvão Borri”, pp. 117-150.

<sup>31</sup> António Alberto Banha de Andrade, “Antes de Vernei nascer... O p. Cristóvão Bruno lança, nas Escolas, a Primeira Grande Revolução Científica”, pp. 396-379.

No seu estudo, Banha de Andrade debruça-se mais sobre a obra de Borri, e defende a tese que este teria iniciado uma autêntica revolução científica, como se depreende do próprio título. O papel de Borri é também analisado em estudos sobre a Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, onde ele foi professor<sup>32</sup>. Outro dos contributos importantes de Borri foi a difusão das ideias de Copérnico e de Galileu em Portugal<sup>33</sup>. Mais recentemente Luís Miguel Carolino tem estudado detalhadamente os contributos científicos de Borri, especialmente as suas teorias sobre as órbitas dos cometas e a forma como as suas ideias contribuíram para o fim da antiga noção aristotélica da incorruptibilidade dos céus<sup>34</sup>.

Cristóvão Borri nasceu em Milão, em 1583, ingressou na companhia em 1601, e em 1606 era professor de matemática, disciplina pela qual nutria uma especial predileção, no colégio de Mondovi<sup>35</sup>.

Este sacerdote foi conhecido por diversos apelidos: Borri, Boro, Burrus, Bruni e Bruno<sup>36</sup>. Joaquim de Carvalho menciona uma carta em que o padre dá conhecimento a um seu colega da sua opção por usar diferentes versões do seu apelido, para evitar a confusão com as palavras “borras” e “burro”<sup>37</sup>.

Este período de transição, do século XVI para o XVII, ficou marcado pelo aparecimento de inúmeras ideias novas, nomeadamente no que respeita às concepções sobre o universo. Estas teorias suscitaram debate fervoroso um pouco por toda a Europa. Portugal não ficou alheio a esta contenda, embora a historiografia portuguesa não tenha estudado com muita atenção estas questões. Entre os homens de saber que em Portugal participaram nesta polémica encontramos Borri<sup>38</sup>.

Esta sua simpatia por uma corrente anti-ptolemaica nota-se logo nos primeiros anos em que ensinou. Antes de Galileu ter alvoraçado toda a Europa, com a publicação,

<sup>32</sup> Veja-se, por exemplo, Luís de Albuquerque, “‘Aula (A) de Esfera’ do Colégio de Santo Antão no século XVII”, Ou ainda, Ugo Baldini, “L’insegnamento della matematica nel Collegio di S. Antão a Lisboa. 1590-1640”, pp. 275-310.

<sup>33</sup> Luís de Albuquerque, “Sobre o conhecimento de Galileu e Copérnico em Portugal no século XVII”, pp. 121-142, ou Joaquim de Carvalho, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, pp. 405-484. Mais recentemente, Henrique Leitão tem esclarecido os principais contributos dos jesuítas para a introdução das ideias de Galileu em Portugal e sobre as primeiras observações com telescópios: Henrique Leitão, *Galileo’s Telescopic Observations in Portugal*, pp. 903-913, ou ainda: idem, “Primeiros (Os) Telescópios em Portugal. The First Telescopes in Portugal”, pp. 106-118.

<sup>34</sup> Luís Miguel Carolino, *Ciência, Astrologia e Sociedade. A Teoria da Influência Celeste em Portugal. (1593-1755)*, idem, “Cristoforo Borri e o impacto da nova astronomia em Portugal no século XVII. Cristoforo Borri and the new astronomy in Portugal during the 17th century”, pp. 160-181, idem, “razões (As) de Cristoforo Borri: matemática, astronomia e inovação cosmológica em Portugal (1626-1632)”, pp. 267-275, idem, “Teoria e Observação de Cometas em Cristoforo Borri: O Cometa de 1618 na Cochinchina”, pp. 179-198.

<sup>35</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristóvão Borri”, p. 119.

<sup>36</sup> Neste texto optamos por Cristóvão Borri. Trata-se da versão mais utilizada nos textos mais recentes, nomeadamente os de Luís Carolino, que tem dedicado larga bibliografia à obra científica deste jesuíta. A única exceção à regra que decidimos seguir ocorre nas referências bibliográficas, onde o autor assina de outra forma, sendo então respeitada a versão usada na referência.

<sup>37</sup> Joaquim de Carvalho, “Galileu e a cultura portuguesa sua contemporânea”, pp. 427-428.

<sup>38</sup> Maria Paula Marçal Lourenço, “Compromisso e Inovação Teórica no Ensino da Astronomia em Portugal no Século XVII: O Contributo de Cristóvão Borri”, p. 248.

em Março de 1610, do seu *Sidereus Nuncius*, já Borri tinha defendido nas suas aulas a existência de apenas três céus. Esta posição valeu-lhe a crítica por parte dos seus colegas mais conservadores, tendo sido afastado da cadeira de astronomia no colégio onde lecionava<sup>39</sup>. Dessas lições que proferiu no Colégio de Mondovi existe um registo em Roma, na Biblioteca Nacional<sup>40</sup>.

A reação de Borri foi de resignação, como seria de esperar de alguém com formação religiosa, mas ao mesmo tempo de esperança que o tempo lhe viesse a dar razão:

*Suportei tudo, diz, com a devida paciência e humildade. Só disse que o tempo mostraria a grande razão que eu tinha nas minhas opiniões e que em breve tal doutrina seria universalmente abraçada e seguida, tanto pelos matemáticos, em razão das novas observações, como pelos filósofos, para varrer o cisco supérfluo de entidades inúteis, e ainda pelos teólogos, a fim de conciliarem a Sagrada Escritura e os Santos Padres*<sup>41</sup>.

E o tempo veio a dar-lhe razão, pelo menos junto dos seus pares. Esta concepção do universo, que admitia a existência de três céus, fora preconizada por Tycho Brahe. A Companhia de Jesus optou oficialmente por esta visão cosmogónica em 1620, ao ser publicada a obra *Sphaera Mundi seu Cosmographia*, de Giuseppe Biancani. Como vimos, muitos anos antes desta opção formal da Companhia, já Borri defendia o sistema *tycho-nico*, sendo mesmo considerado dos primeiros autores a defenderem esta concepção<sup>42</sup>.

Impedido de ensinar em Itália, Borri optou por partir para o Oriente. Esse será o tema da seção seguinte, uma vez que é nosso intento dar destaque a essa estadia no Oriente. No entanto, antes de analisarmos os factos mais relevantes da sua passagem pelo Oriente, apresentaremos os dados relativos à sua estadia em Portugal, após ter regressado.

Partindo de volta do Oriente, em 1624, sabe-se que veio dar aulas em Portugal. No ano letivo de 1626/27 regeu a cadeira de Matemática e Astronomia no Colégio das Artes em Coimbra, e no ano seguinte ministraria as mesmas matérias no Colégio de Santo Antão, em Lisboa<sup>43</sup>.

Domingos Maurício afirma ser por esta altura que Borri atingiu a sua maturidade científica<sup>44</sup>. É desse período grande parte dos textos que se conhecem, sobre astronomia e navegação, cuja autoria lhe é atribuída.

<sup>39</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, pp. 119-121.

<sup>40</sup> Trata-se do *ms. Fondo Gesuitico 587*, divulgado e analisado por Ugo Baldini, “The Academy of Mathematics of the Collegio Romano from 1553 to 1612”, p. 80.

<sup>41</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, p. 121.

<sup>42</sup> Luís Miguel Carolino, *Ciência, Astrologia e Sociedade. A Teoria da Influência Celeste em Portugal. (1593-1755)*.

<sup>43</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, pp. 129-130.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, p. 129.

Sobre o conteúdo das lições que ministrou no colégio de Santo Antão são conhecidos dois manuscritos guardados na Biblioteca Pública de Évora e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra<sup>45</sup>.

A generalidade dos historiadores que analisaram os manuscritos com o conteúdo das aulas considera que a sua redação foi levada a cabo pelo próprio Borri<sup>46</sup>. Luís de Albuquerque discute a hipótese avançada por Joaquim Bensaúde, na qual este apontava para a publicação, em 1641, de um texto intitulado *Arte Navigandi*, no qual teriam sido vertidas para latim, as lições de Borri constantes nos manuscritos sobre Arte de Navegar. No entanto, tudo leva a crer que tal texto nunca teria sido publicado, uma vez que a única referência conhecida ao mesmo é o apontamento de Bensaúde<sup>47</sup>. Aquilo que é mais provável é estarmos perante apontamentos, recolhidos por alunos seus, das aulas que ministrou.

Ambos os códices se dividem em duas grandes partes: a primeira intitulada *Arte de Navegar*, que contém as lições de náutica, e a outra designada *Nova Astronomia*, contendo as matérias que ele ensinava sobre astronomia. Vale a pena realçar ainda o facto de que existem várias diferenças entre o manuscrito de Évora e o de Coimbra, tanto no texto de navegação como no de astronomia. Tal explica-se certamente pelo facto de estarmos em presença de apontamentos de aulas recolhidos por dois alunos distintos. Além disso, o códice de Coimbra contém mais uma pequena parte dedicada à *Arte da Memória*, tema que Borri também teria ensinado.

Por outro lado, o manuscrito de Évora tem uma proposta de Borri para determinar a longitude no mar. Trata-se de um texto que durante muito tempo se julgou desaparecido. Por esse motivo, vale a pena explicar um pouco melhor em que consistia este pequeno texto, que surge separado do conteúdo das aulas, embora encadernado em conjunto com as mesmas.

Sai fora do contexto deste estudo estar a analisar as contribuições de Borri para o problema da longitude. Importa, contudo, referir que a maior parte das ideias dele sobre o assunto estão expostas nas aulas que constituem os manuscritos da *Arte de Navegar*. No entanto, também sugeriu um processo para determinar a altura de Leste Oeste, recorrendo à declinação da agulha. Este processo não se encontra no texto das suas aulas, mas constaria de um regimento para ser testado pelos pilotos da Carreira da Índia: *Regimento que o P. Christovão Borri da Comp. de Jesus, por ordem de S.M. dá aos pilotos das naus da Índia para fazerem a experiência de leste ao oeste*. É este o tal texto que existe em Évora.

<sup>45</sup> Códice nº 44 da Biblioteca da Universidade de Coimbra e códice CXXVI/1-17, nº 2 da Biblioteca Pública de Évora.

<sup>46</sup> Cf. Luís de Albuquerque, “Duas Obras Inéditas do Padre Francisco da Costa. (Códice NVT/7 do National Maritime Museum)”, pp. 278-281, idem, “‘Aula (A) de Esfera’ do Colégio de Santo Antão no século XVII”, *ibidem*, p. 545 e pp. 559-562, Abel Fontoura da Costa, *Marinharia (A) dos Descobrimientos*, pp. 442-443, idem, “Prefácio” in Cristóvão Borri, *Arte de Navegar*. (1628), pp. IX-X, Joaquim de Carvalho, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, pp. 429-431.

<sup>47</sup> Luís de Albuquerque, “Duas Obras Inéditas do Padre Francisco da Costa. (Códice NVT/7 do National Maritime Museum)”, p. 280.

Tal regimento teria sido estudado por Andrade Corvo, em finais do século XIX, desaparecendo de seguida. Na década de setenta do século passado, Teixeira da Mota encontrou o dito texto, procedendo à sua publicação<sup>48</sup>. A história das peripécias, porque teria passado o dito texto, encontra-se relatada nos comentários com que Teixeira da Mota acompanhou a publicação do dito códice.

O facto de o documento ter desaparecido teve como consequência o facto de, até à sua publicação por Teixeira da Mota, apenas serem feitos comentários ao mesmo com base na crítica que Andrade Corvo fizera sobre o mesmo. Inclusivamente, após a sua publicação, continuou a passar despercebido de alguns investigadores, provavelmente pelo facto de o título escolhido para a publicação: *Um Manuscrito Náutico Seiscentista Reencontrado* não fornecer indicação alguma de que se trata de um texto de Borri. Deste modo, nunca encontramos alguma referência ao facto de este processo constar das matérias que Borri ensinaria nas suas aulas. Uma possível explicação estará no carácter algo secreto das instruções fornecidas, como o próprio Borri indica:

*Por justos respetos ficarão todos obrigados debaxo de juramento a ter tudo isto em segredo e não o comunicar a outra pessoa nem fazer outro treslado deste Regimento, e quando ouuesse algum perigo de uirem a mãos de ynimigos se lançará assy o instrumento como a carta e este Regimento ao mar*<sup>49</sup>.

Qual não foi o nosso espanto quando, na investigação para a nossa tese de mestrado, ao lermos atentamente o manuscrito de Évora, verificámos que no final do mesmo, após algumas folhas em branco, se encontrava um texto contendo as mesmas instruções que constavam do mencionado regimento, que tantos anos andou desaparecido. O conteúdo deste é bastante semelhante ao do regimento, diferindo, no entanto, no título, que é: *Experiências que se mandarão fazer para a navegação de Leste a Oeste, segundo a invenção do Padre Mestre Cristóvão Borri*.

Grande parte do conteúdo dos códices, relativo a astronomia, e que tem por título *Nova Astronomia*, acabou por ser publicada pelo próprio Borri, em versão latina. Trata-se do anteriormente mencionado texto *Collecta Astronomica...* que tantos dissabores trouxe ao seu autor. Luís de Albuquerque refere a existência de duas impressões diferentes do mesmo texto. Fornece mesmo as cotas das duas versões, na Biblioteca Pública de Évora (Códice 80 e Códice 483), dizendo que diferem uma da outra pelo menos no título, *Christophorus Borrus, Collecta Astronomia Exdoctrina. De tribus Coelis, Aereo, Sydereo, Empyreo*, para uma das versões, e, *Collecta Astronomica Exdoctrina P. Christophori Borri. De tribus Coelis, Aereo, Sydereo, Empyreo*<sup>50</sup>.

Tendo sido comparados os dois exemplares mencionados, não se encontraram as divergências mencionadas. A única diferença que se notou foi em termos de encadernação. Num dos textos o índice aparece no início do livro, antes do desenvolvimento do

<sup>48</sup> Avelino Teixeira da MOTA, *Manuscrito (Um) Náutico Seiscentista Reencontrado*.

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*, p. 363.

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, p. 280, nota 2.

texto, enquanto que no outro aparece no final. Note-se que o índice tem numeração autónoma da utilizada no corpo do texto, portanto poderia ser incluído tanto no início como no final, sem afectar a paginação.

Voltemos à sua estadia em Coimbra em 1626/27. Nessa altura efectuou observações astronómicas com um telescópio, tendo mais tarde publicado os resultados na obra *Collecta Astronomica*, editada em Lisboa, em 1631. Nesta mesma obra incluiu também informações sobre as observações astronómicas que teria efetuado na Cochinchina<sup>51</sup>.

Durante bastante tempo, considerou-se, na historiografia portuguesa, que a publicação destas observações levadas a cabo em Coimbra, seria a mais antiga referência a observações astronómicas efetuadas em Portugal usando um telescópio. Recentemente descobriu-se que anteriormente já um outro padre jesuíta, Giovanni Paolo Lembo, tinha realizado observações com telescópio e deixou registo dos resultados que obteve<sup>52</sup>. Embora sejam de meados da década de vinte as primeiras observações que Borri fez em Portugal, com telescópio, supõe-se que já usara esse instrumento em Itália, praticamente ao mesmo tempo que Galileu fez as suas primeiras observações:

*Mais significativo, contudo, foi o facto de aparentemente Borri ter realizado, em Milão, observações astronómicas próprias e independentes das de Galileu. Borri integrava-se, deste modo, num reduzido grupo de jesuítas, incluindo naturalmente os matemáticos do Collegio Romano (nomeadamente Giovanni Paolo Lembo), que, ao terem notícia da construção de um telescópio, procuraram produzi-lo autonomamente e, em seguida, observar os céus através deste novo instrumento*<sup>53</sup>.

O mérito científico de Borri era reconhecido nos meios mais próximos da corte. Foi chamado a dar pareceres no Conselho Real sobre assuntos relacionados com novas terras que iam sendo descobertas<sup>54</sup>.

Foi também nos finais da década de vinte e início da década de trinta do século XVII que foram impressas as obras que publicou, sendo ainda dessa época a maioria dos manuscritos referentes à náutica cuja autoria geralmente lhe é atribuída<sup>55</sup>.

A edição da obra em que expõe as suas ideias sobre a astronomia, *Collecta Astronomica*, não foi muito pacífica. Demorou algum tempo até lhe serem concedidas as licenças censórias necessárias para a respetiva publicação. O facto de defender ideias que questionavam o sistema clássico de Ptolomeu, e de divulgar algumas das descobertas de Galileu, explicam certamente esta relutância em ser aceite a publicação dos seus escritos. O texto encontrava-se impresso em 1629, mas a sua publicação apenas ocorreu dois anos depois, tendo entretanto sido alterado o respetivo título<sup>56</sup>.

<sup>51</sup> Joaquim de Carvalho, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, p. 428.

<sup>52</sup> Henrique Leitão, “Primeiros (Os) Telescópios em Portugal. The First Telescopes in Portugal”, p. 117.

<sup>53</sup> Luís Miguel Carolino, “Teoria e Observação de Cometas em Cristoforo Borri: O Cometa de 1618 na Cochinchina”, p. 181.

<sup>54</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, p. 132.

<sup>55</sup> Joaquim de Carvalho, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, *passim*.

<sup>56</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, *passim*.

Os derradeiros anos da sua vida não foram nada tranquilos, devido certamente a todas estas contrariedades que encontrou dentro da Igreja. Em 1629, ou 1630, partiu para Madrid e posteriormente para Roma. Nessa cidade redigiu um longo memorial, no qual dá conta da sua acidentada vida científica. As agruras porque passou levaram-no a sair da Companhia de Jesus pedindo licença para passar para a Ordem de Cister. Após um curto período de noviciado, quando deveria iniciar a sua atividade, o abade do mosteiro não o admitiu. Passou a outro mosteiro, acontecendo-lhe a mesma coisa. Moveu um processo contra a Ordem, tendo vencido. Quando noticiava a um amigo esta sua vitória sofreu um acidente, vindo a falecer em consequência do mesmo. Morreu em 24 de maio de 1632, não estando integrado em nenhuma ordem religiosa no momento da sua morte<sup>57</sup>.

### O Padre Cristóvão Borri no Oriente

Tendo partido para a China em 1615, Borri dirigiu-se a Macau. Alexei Volkov, com base em diversos estudos recentes, procura respostas para duas questões cruciais: porque razão foi Borri impedido de continuar a ensinar em Brera?, e qual o motivo que o levou a partir para a China<sup>58</sup>?

Sobre a primeira sabemos que se relacionou com o facto de Borri defender ideias cosmológicas diferentes das clássicas. Estas ideias terão levado o Geral da Companhia, Claudio Aquaviva, a afastá-lo do colégio onde lecionava. Contudo, alguns autores consideram que essa discussão, sobre o modelo cosmológico que deveria ser seguido, envolvia diversos jesuítas, alguns deles com bastante poder, nomeadamente o Geral Aquaviva e Roberto Bellarmino. Este último seria adepto do sistema de Thyco Brahe, tal como Borri. O afastamento de Borri pode enquadrado nesta disputa entre Aquaviva e Bellarmino<sup>59</sup>.

Quanto à segunda questão, não se consegue perceber se foi ele que escolheu partir para a China ou se por outro lado foi obrigado a tal. Caso a resposta seja a primeira, trata-se de uma decisão bastante avisada, pois permitia-lhe afastar-se do ambiente tenso em que vivia. No entanto, a segunda hipótese apresenta uma elevada probabilidade de ser aquela que o levou a afastar-se. Desde que os Jesuítas se tinham instalado na China que pediam sistematicamente o envio de padres com formação em matemática e astronomia. Sabe-se que em 1614 se deslocou a Roma o padre Nicolas Trigault, enviado pelo Superior da Missão na China, procurando junto do Papa e do Geral dos Jesuítas que fossem enviados religiosos com as capacidades acima mencionadas. Coincidência ou não, o que se sabe é que no ano seguinte Borri inicia a sua viagem para a China<sup>60</sup>.

O seu intento era penetrar neste vasto império. Como já foi referido anteriormente, os Jesuítas assumiram um papel importante no desenvolvimento da astronomia naquele

<sup>57</sup> Idem, *ibidem*, p. 141.

<sup>58</sup> Alexei Volkov, “Traditional Vietnamese Astronomy in Accounts of Jesuit Missionaries”, pp. 164-166.

<sup>59</sup> Idem, *ibidem*, pp. 164-165.

<sup>60</sup> Idem, *ibidem*, pp. 165-166.

imenso território. Contudo, as condições de permanência no Celeste Império tinham-se tornado pouco favoráveis para os religiosos da Companhia de Jesus, pelo que Borri optou por ficar em Macau<sup>61</sup>.

São desta época em que teria estado no Oriente as primeiras notícias referentes ao seu interesse pela questão da longitude. O Padre Domingos Maurício aponta algumas fontes que se referem a esta sua preocupação. Indica como principais motivações: a mira no prémio de 50.000 cruzados que teria sido oferecido pelo rei de Espanha, ou mesmo a incumbência especial de Filipe III que o teria encarregado de conseguir a solução para este problema<sup>62</sup>.

É interessante notar que ele terá aproveitado a viagem de ida para o Oriente, assim como a de regresso, para desenvolver a sua teoria sobre a determinação da longitude. O próprio Borri se refere, mais tarde, a esta sua passagem pelos mares do Oriente. Faz questão de realçar os conhecimentos que adquiriu nas viagens que efetuou, usando-os para as suas explicações nas aulas. Além disso, o texto que dedica ao processo de obtenção da longitude pela declinação da agulha é baseado em dados que teria recolhido dos textos dos pilotos mais conhecidos de então, complementados com a sua experiência pessoal no mar.

Informação detalhada sobre este processo é-nos fornecida com Pietro della Valle, com quem Borri se cruzou em Goa, em 1623/24. Apesar de terem seguido vias diferentes no regresso à Europa, mantiveram uma ligação epistolar que apresenta alguma regularidade. Pietro della Valle dá-nos conta do facto de Borri já ter desenvolvido o seu processo de determinação da longitude, quando ambos se encontraram em Goa:

*Il Padre Christoforo Borro (alias, frà Portoghesi, Brono) Giesuita, Italiano Milanese, fu quello, he trovò la inventione da saper di cert il punto della longitudine nelle navigationi del mare. Comunicò com me questi studij in Goa gli anni 1623 e 1624 che ci trovammo ivi insieme, essendo esso già ritornato dalla Cocincina, dove era stato in missione; della qual missione poi in Roma lasciò stampato un libretto. Partì da Goa il detto Padre Christoforo nel principio di febraio del 1624, com una sola nave, che quell'anno passò da Goa a Portogallo[...]*<sup>63</sup>

Chegado a Portugal, Borri manteve Pietro della Valle informado das atividades que ia desenvolvendo. Nas cartas que lhe envia dá particular destaque à questão da longitude, informando que levou a sua proposta até à corte, onde as suas ideias foram bastante bem recebidas:

*Arrivato che fu in Portogallo il Padre Christoforo da suoi Padri Giesuiti fu mandato in Coimbra a legger Mathematica; et io in Roma ricevei la prima lettera sua di*

<sup>61</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, pp. 122-124.

<sup>62</sup> Idem, *ibidem*, pp. 127-128.

<sup>63</sup> Angelo Mercati, “Notizie sul gesuita Cristoforo Borri e su sue ‘inventioni’ da carte finora sconosciute di Pietro della Valle, il Pellegrino”, pp. 35-36.

*Coimbra, data a 21 di settembre 1626. Nelle lettioni che fece in Coimbra, cominciò a legger di questa materia di trovar la longitudine certa in mare; ma avvertito da i suoi Padri, che questa era cosa d'importanza, e non da divulgarsi a tutti nelle lettioni, soprassedè il leggerne, et i Padri volsero esaminar la inventione fra di loro, e conosciatala de fondamento, risolvorno che si porponesse in Lisbona al Vicerè overo a chi all'hora governava, per servitio del Re. Per questo rispetto il Padre Borri andò poi in Lisbona, et io in Roma recevei la sua prima lettera di Lisbona data in 7 di Marzo 1629. E questa lettera me la mandò per um Padre Giesuita Portoghese, chiamato il padre Juáo Lopez, il quale era stato suo discepolo di Mathematica, e mi scrivera il Padre Borro, che il Padre Juáo Lopez era informato di tutti i sopradetti negotiati circa la detta inventione. Con un'altra sua lettera, data in Lisbona alli 17 di Marzo 1629, mi da conto il Padre Borro che la sua inventione della navigatione era stata esaminata, et approvata in Lisbona nel Consiglio reale; e me lo scrive com queste precise parole: "Il mio negotio della inventione de Leste a Oeste già sta esaminato, et approvate in questo Consiglio reale di Portogallo, dove concorsero tutti li savij et iutelligenti nella materia com tutti li Piloti di questo Regno. E dopo se approvò nel Consiglio di Madrid. Finalmente il re comanda che questo Marzo l'armata che va a India di tre navi, e sei galeoni, col Vicerè navighi com questa mia inventione. Già sono fatti l'instrumenti necessarij, per tutte le navi com spese reali, già sono istrutti li Piloti, o obligati a seguire l'inventione et cet."<sup>64</sup>*

Pietro della Valle prossegue com a descrição das diversas diligências tomadas em seguida. Teriam sido feitas experiências no mar e o processo que Borri sugeriu acabou por receber referências elogiosas. De acordo com o próprio, teria sido mesmo proposto que ele fosse nomeado bispo de Macau.

*Alcuni mesi dopo io recevei una lettera del padre Borro, scritta in Barcellona adi 20 luglio 1630, nella quale mi dice queste precise parole: "Dopo che la mia inventione della graduatione della longitudine dall'Oriente a Ponente fu approvata com universale applauso nella Corte; il Re e Conte de Olivares mi volsero nominare Vescovo di Macao; ma li nostri Padri Portoghesi impedirono il tutto per essere io forestiero, [...]"<sup>65</sup>*

Vale a pena realçar ainda que a proposta de Borri foi apresentada a corte em Madrid no contexto da candidatura a um prémio oferecido pelo monarca espanhol, para quem resolvesse o problema da longitude no mar. Ao referido prémio foram submetidas imensas propostas. Galileu também concorreu, apresentando um método que se baseava na observação dos satélites de Júpiter. No entanto, nenhum dos métodos foi adotado com sucesso naquela época. Só no século seguinte se desenvolveram processos eficazes para determinar com rigor a longitude no mar.

<sup>64</sup> Idem, *ibidem*, pp. 36-37.

<sup>65</sup> Idem, *ibidem*, p. 38.

Em traços gerais, o processo defendido por Borri era semelhante àquele que tinha sido sugerido por João de Lisboa mais de um século antes<sup>66</sup>. Baseava-se numa suposta proporcionalidade entre a longitude e a variação espacial da declinação magnética. Alguns anos depois da proposta de João de Lisboa, D. João de Castro demonstrou que o processo se baseava num pressuposto falso. Apesar disso, o mesmo continuou a ter adeptos. No entanto, a sugestão de Borri difere da de João de Lisboa num aspeto significativo. Borri reconhece que não existe essa proporcionalidade entre declinação e longitude. Aquilo que ele defende é que se marquem as linhas de igual declinação, ou linhas isogónicas, numa carta. Do cruzamento destas linhas com os paralelos de latitude determinava-se a posição do navio.

Proposta igual à de Borri veio mais tarde a ser defendida por Edmond Halley, que no final do século XVII realizou observações sistemáticas de valores de declinação no Atlântico e traçou uma carta de linhas isogónicas. A carta de Halley é bem conhecida. No entanto, quase um século antes, já Borri teria desenhado uma carta semelhante, abrangendo certamente o Atlântico e o Índico, espaços mais frequentados pelos Portugueses. Não se conhece essa carta, mas Borri refere a sua existência. A mesma teria sido construída com base em valores de declinação registados por diversos pilotos, mas também em observações do próprio Borri:

*acrescentamos em esta carta he o que toca a maior longura ou distância que de leste a oeste tem as terras e costas do mar do cabo da boa esperança do que em as cartas ordinarias acostumam a qual achamos ser asi 1<sup>a</sup>mente por experiência que ouue em a ida e uinda da india e os mais que comigo uinhão detendo nos em a qual paragem a uista de terra bem [fl. 73] despaço<sup>67</sup>.*

Voltemos à sua estadia em Macau, o único espaço da China em que esteve. Curiosamente, foi-lhe pedido que defendesse as ideias que lhe tinham causado tantos dissabores na Europa. O vice-reitor do colégio de Macau, o Padre Francisco Vieira, ordenou-lhe que escrevesse um tratado, cujo objetivo seria convencer os Jesuítas da China a abandonar a conceção ptolemaica de onze céus. Isto porque a introdução das ideias de Ptolomeu naquelas terras era uma das principais causas da perseguição aos padres da Companhia<sup>68</sup>.

De Macau foi enviado, em 1617, para a Cochinchina, para ajudar os seus pares que aí se encontravam e que conheciam grandes dificuldades. Desta sua estadia na Cochinchina deixou-nos também bastante informação sobre o quotidiano dos povos que habitavam os locais que visitou. Merece especial destaque a relação que escreveu que é considerada como a mais antiga descrição da Cochinchina, redigida por um europeu: *Relatione della nuova missione delli PP della Compagnia di Giesù, al regno della Cocincina*, Roma,

<sup>66</sup> João de Lisboa, *Livro de Marinharia. Tratado da Agulha de Marear de João de Lisboa. Roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos à navegação*.

<sup>67</sup> Cristóvão Bruno, *Experiências que se mandarão fazer para a Navegação de Leste a Oeste, Segundo a Invenção do Padre Mestre Cristóvão Bruno*.

<sup>68</sup> Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, p. 125.

Francesco Corbelletti, 1631. O interesse por esta obra na Europa foi tão elevado que a mesma foi traduzida para diversas línguas nos anos que se seguiram à sua publicação<sup>69</sup>.

Também nestas terras se distinguiu no campo da astronomia. Aproveitou os erros cometidos pelos astrónomos locais, na previsão de eclipses, para difundir a fé cristã. Em 1618 observou o primeiro dos dois cometas que nesse ano foram visíveis. Apesar de não ter conseguido avistar o segundo deles, devido às condições atmosféricas, os seus cálculos do movimento deste foram confirmados pelas observações efetuadas por outros astrónomos em diferentes locais do mundo<sup>70</sup>.

De acordo com os estudos de Luís Carolino, esta observação do cometa de 1618 foi fundamental para a consolidação das ideias de Borri sobre a corruptibilidade dos céus. Recordemos que Borri sempre defendera que as conceções cosmológicas clássicas eram questionáveis.

Em traços muito gerais explicaremos em seguida qual era a base dessa conceção clássica do universo. Aristóteles considerou a existência de duas realidades físicas distintas. Por um lado, o mundo sublunar, ou seja um espaço onde predominavam os quatro elementos fundamentais: Terra, Água, Ar e Fogo. Aqui encontramos todos os fenómenos atmosféricos conhecidos, que ocorrem de uma forma irregular. No mundo supralunar tudo se passa de modo distinto. Aí encontramos os astros e os seus movimentos acontecem de uma forma regular e perfeita, podendo ser prevista a sua posição futura. Este modelo foi mais tarde exposto por Cláudio Ptolomeu. Para este, o cosmos era composto por um conjunto de esferas concêntricas, com uma esfera para cada um dos planetas e mais uma esfera na qual se encontravam todas as estrelas fixas<sup>71</sup>. No centro deste sistema estava a esfera terrestre, que continha os quatro elementos fundamentais acima mencionados.

No mundo supralunar não havia lugar a alterações, sendo considerado incorruptível. Qualquer fenómeno que ocorresse esporadicamente, como era o caso do aparecimento de cometas, era considerado um fenómeno sublunar, ou seja, considerava-se que acontecia na atmosfera. Por outro lado, a conceção aristotélico-ptolemaica assumia que não existiam mais corpos no mundo supralunar além daqueles que sempre foram conhecidos, ao longo dos séculos. Esta visão do universo começou a ser questionada por Copérnico, Thyco Brahe, Kepler e Galileu, entre outros. Para tal contribuiu o aparecimento de novas estrelas (supernovas) no final do século XVI, mas também as observações com telescópio, levadas a cabo por Galileu. Estas revelaram novos astros, os satélites de Júpiter, manchas solares e fases de Vénus, que contribuíram para questionar o modelo prevalecente. Newton vai unificar a física sublunar e supralunar, ao defender que a lei da gravitação que se aplica na Terra é válida para todo o universo.

<sup>69</sup> Joaquim de Carvalho, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, pp. 429-430.

<sup>70</sup> Idem, *ibidem*, pp. 126-127.

<sup>71</sup> O termo planeta aplicava-se a todos os astros errantes, isto é que tinham um movimento diferente do que era seguido pelas estrelas fixas. Neste conceito o Sol era também considerado um planeta. Uma vez que cada planeta apresentava um movimento com características diferentes dos restantes, existia uma esfera para cada planeta. Quanto às estrelas fixas, estas deslocavam-se todas com a mesma velocidade, pelo que se considerava uma única esfera contendo todas.

Voltemos a Borri e à sua concepção do universo. Já referimos que o jesuíta italiano terá feito observações com telescópio assim que esse instrumento começou a ser usado. Vimos igualmente que ele teve problemas nos primeiros tempos em que ensinou em Itália, pelo facto de defender as ideias de Tycho Brahe. No entanto, nessa altura, a sua opinião sobre os cometas não se afastava muito do conceito clássico, defendido por Aristóteles. Tal conclusão foi obtida por Luís Carolino, a partir da análise dos apontamentos das suas lições em Brera:

*Mas qual era a posição, em 1612, deste astrónomo jesuíta sobre os cometas? Na verdade, durante as suas aulas no Colégio de Brera, Borri não abordou especificamente a temática cometária, nem aludiu, por exemplo, ao cometa de 1607. Contudo, três passagens da apostila dessas aulas, intitulada De Astrologia Universa Tractatus, revelam que, numa primeira fase, Borri concebeu os cometas como fenómenos meteorológicos:*

- (1) “o ar divide-se segundo os filósofos em três regiões, a região mais elevada (regio suprema), a região intermédia (regio media) e a região inferior (regio ínfima). A região mais elevada [é aquela] na qual ocorrem os cometas” (Borri, 1612, fl. 6v.);
- (2) “deve afirmar-se que o fogo e a parte mais elevada do ar são impelidos pelo movimento do primeiro móvel (primum mobile) de oriente para ocidente. Tal prova-se pelos cometas, os quais no mesmo espaço de 24 horas se põem e se levantam como os corpos celestes, mas os cometas são produzidos na parte mais elevada do ar e são acendidos pelo fogo elementar; logo, o ar e o fogo são movidos da forma mencionada” (Borri, 1612, fl. 7);
- (3) “a região mais elevada do ar, que é contígua à do fogo, é aquela na qual os subtilíssimos vapores extraídos da terra e da água subsistem, na verdade, na forma de cometas” (Borri, 1612, fl. 10v.)<sup>72</sup>.

Carolino explica-nos ainda que apesar de não divergir de Aristóteles na questão dos cometas, Borri já se afastava do grande filósofo da Antiguidade naquilo que dizia respeito rigidez dos céus:

*Contudo, se Borri segue Aristóteles e os Aristotélicos no que diz respeito aos cometas, o seu ensino em Brera não deixou de ser marcado por significativas novidades. Assim, ele destacou-se por ser um dos primeiros jesuítas a defender o sistema planetário de Tycho Brahe, anos antes da sua aceitação formal pela hierarquia da Companhia de Jesus. Borri ensinou, também, a teoria da divisão tripartida do céu (divisão em caelum aereum, caelum aethereum e caelum empyreum) que, tendo subjacente a ideia da fluidez do céu dos planetas e estrelas fixas, se opunha à ideia aristotélica da existência de cerca de uma dezena de céus rígidos, dentro dos quais estavam incrustados os corpos celestes<sup>73</sup>.*

<sup>72</sup> Luís Miguel Carolino, “Teoria e Observação de Cometas em Cristoforo Borri: O Cometa de 1618 na Cochinchina”, p. 183.

<sup>73</sup> Idem, *ibidem*, p. 184.

Em 1618 observou, na Cochinchina, um dos dois cometas que nesse ano surgiram no céu. Juntando o resultado das suas observações com os valores obtidos por dois outros religiosos que também o observaram no Oriente, levou-o a tirar algumas conclusões. Mais tarde, na sua obra *Collecta Astronomica* vai explicar as suas ideias:

*“Eu próprio não negligentemente observei [o primeiro cometa de 1618] no reino de Annam, vulgarmente chamado de Cochinchina pelos portugueses. O padre Jan Wremann, dálmata, da Companhia de Jesus, outrora professor de Matemática em Coimbra e especialista nesta ciência, colega e companheiro da minha viagem de Portugal à China, também o observou no reino da China. Ele, entretanto, colaborou comigo não apenas nas observações relativas a este cometa, mas também na maior parte das outras observações astronómicas e sempre foi de acordo com as minhas observações. Do mesmo modo, o padre Manuel Dias, teólogo português e professor de Filosofia muito insigne, da mesma Companhia de Jesus, observou o mesmo cometa na cidade de Cochim, na Índia, e, na verdade, escreveu um tratado contra aqueles que ainda, de acordo com a antiga teoria, julgam ser os cometas sublunares e elementares.*

*Eu e o padre Jan Wremann, afirmo, afastados por grande distância, tendo comparado os dados através de cartas, ambos concluímos unanimemente que este cometa, independentemente da opinião dos peripatéticos, foi um fenómeno celeste e muito superior à Lua.”* (Borri, 1631, pp. 115[117]-16)<sup>74</sup>.

A transcrição anterior é particularmente interessante para reforçar uma das ideias que temos vindo a defender ao longo deste texto: a importância da ciência no contexto da evangelização no Oriente. Borri não conseguiu entrar na China, conforme já referimos antes. Contudo, manteve uma ligação epistolar regular com um outro religioso da Companhia de Jesus que lá entrou. Da correspondência trocada com esse companheiro de viagem, assim como com um terceiro jesuíta que observou o cometa na Índia, Borri calculou uma trajetória para o cometa que o coloca no espaço supralunar.

Entretanto, em 1622 abandonou a missão, dirigindo-se para Goa, onde se encontrava no ano seguinte. Conforme já antes referido, nesta cidade da Índia esteve com Pietro della Valle, com quem discutiu as suas concepções cosmogónicas. A pedido deste escreveu um pequeno tratado em que expunha as ideias de Tycho Brahe: *De Nova mundi constitutione juxta systema Tichonis Brahe aliorumque recentiorum mathematicorum*. Este texto foi traduzido por della Valle para persa, em 1624, possibilitando deste modo a difusão destas concepções astronómicas pela Pérsia, Arménia e Arábia. Em 1631, o mesmo viajante italiano traduziu o texto para a sua língua-mãe<sup>75</sup>.

A partir da leitura do texto que Pietro della Valle escreveu, com as ideias de Borri, Luís Carolino deduz que apesar de ter evoluído, no sentido de considerar já os cometas com corpos supralunares, nesta fase Borri não se afasta completamente das teorias aristotélicas que defendiam a incorruptibilidade dos céus.

<sup>74</sup> *Apud idem*, *ibidem*, p. 185.

<sup>75</sup> Joaquim de Carvalho, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, p. 127.

*Mas será que a localização celeste dos cometas implicou, como o próprio Borri mencionou mais tarde, o reconhecimento imediato de que a região celeste era passível de corrupção à semelhança do que acontecia na região terrestre? A resposta a esta questão encontra-se na sua concepção sobre a natureza e composição da matéria celeste. Não obstante Borri ter observado e reconhecido que os cometas se moviam nos “céus”, este astrónomo persistiu, durante algum tempo, num entendimento mais tradicional da matéria celeste. Assim poucos anos após a observação dos cometas, Borri parecia, ainda, defender que a matéria que compunha os céus era uma quinta essência aristotélica.*

[...]

*Daqui se conclui que a natureza celeste dos cometas e a corruptibilidade celeste não são teses obrigatoriamente concomitantes. Entre 1618 e, pelo menos, 1624, este astrónomo jesuíta defendia que os céus eram imutáveis e, não obstante esse facto, argumentava que os cometas “apareciam” nos céus, como vimos.*

*Nesta primeira fase, após o reconhecimento da localização celeste dos cometas, Borri não tinha formulado, ainda, uma teoria consistente sobre este fenómeno. A sua concepção sobre a natureza e o movimento dos cometas oscilava entre a antiga explicação aristotélica que via nestes um fenómeno meteorológico e o reconhecimento de que se tratava de corpos que ocorriam no céu<sup>76</sup>.*

Esse passo, de considerar que a matéria celeste também poderia ser corrompida só o dá na obra sobre astronomia que vem a ser publicada em 1631, isto é no ano anterior àquele em que morreu. Podemos afirmar que ele teria chegado a essa conclusão alguns anos antes. Por um lado, o livro estava pronto desde 1629 e demorou bastante tempo até ser publicado devido à dificuldade em obter as licenças necessárias. Além disso, muitas das ideias que ele expõe no livro impresso, em latim para chegar a uma comunidade mais culta, já se encontram nos apontamentos, em português, das aulas que deu em Santo Antão, nos anos anteriores. Luís Carolino fez uma análise detalhada daquilo que Borri escreveu sobre os cometas na *Collecta Astronomica*. Com base nas opiniões de Borri sobre a localização, matéria, cauda e movimento dos cometas, Carolino chega à conclusão que estes corpos são celestes e que devido à sua presença no espaço celeste implica que este seja corruptível:

*Na verdade, quando escreveu *Collecta Astronomica* e procurou relacionar a observação de cometas nos céus com a teoria da corruptibilidade celeste, Borri defendia já uma nova concepção de matéria celeste. Em 1629, a *aura aetherea* era não mais uma espécie de matéria perfeita e incorruptível, mas uma matéria substancialmente idêntica à da região terrestre, onde, como refere W.G.L. Randles, não existia traço da quinta essência aristotélica. Esta matéria era da mesma natureza do ar elementar, ainda que num estado mais puro e límpido. É justamente quando Borri adere a um novo entendimento da natureza da matéria celeste, que ele procura insistentemente relacionar o aparecimento de cometas com a ideia de que a matéria dos céus é passível de corrupção e mudança<sup>77</sup>.*

<sup>76</sup> Luís Miguel Carolino, “Teoria e Observação de Cometas em Cristoforo Borri: O Cometa de 1618 na Cochinchina”, pp. 186-187.

<sup>77</sup> Idem, *ibidem*, p. 195.

## Conclusão

Chegados ao final, importa realçar os aspetos mais relevantes deste estudo. Começámos por nos debruçar sobre a presença dos jesuítas na China. Com uma cultura muito diferente da portuguesa, os Chineses dificultaram bastante a entrada de estrangeiros no seu território. A China foi o último dos espaços onde os Portugueses conseguiram entrar, de entre aqueles onde se fez sentir a influência missionária portuguesa.

A evangelização na China assumiu características muito peculiares. Os missionários que conseguiram exercer maior influência foram os jesuítas. A sua estratégia de evangelização passou por se procurarem adaptar aos costumes locais e por perceberem qual era a melhor forma de serem aceites pela comunidade local, especialmente pelas elites. Desde o primeiro momento da sua entrada neste império que os jesuítas entenderam que uma das formas de ganharem a confiança daqueles que detinham o poder era através do apoio no campo da astronomia. Daí que aqueles que dirigiam as atividades da Companhia no Oriente solicitassem constantemente a Roma o envio de padres com conhecimentos elevados de matemática e de astronomia.

Cristóvão Borri teve uma formação avançada no campo da matemática. Iniciou a sua carreira ao serviço da Companhia de Jesus como professor num colégio próximo da sua terra natal. Aí ensinava cosmologia, defendendo um modelo que se afastava daquilo que era defendido pela doutrina clássica da Igreja. Esse facto valeu-lhe alguns dissabores e levou-o a decidir partir para a China. Outro factor que também terá pesado bastante na opção de partir para a China foi a necessidade que aqui se fazia sentir de missionários com formação do nível daquela que ele possuía.

A passagem de Borri pelo Oriente foi extremamente profícua. Embora não tenha entrado na China, manteve ligações com os seus companheiros que estavam nesse império. Logo à chegada a Macau foi-lhe pedido que transmitisse as suas ideias cosmológicas aos restantes religiosos que se encontravam na China. A sua ação missionária desenvolveu-se essencialmente na Cochinchina. Aqui a observação de um cometa foi fundamental para o desenvolvimento da sua conceção sobre o universo. Mas tal apenas foi possível graças à ligação epistolar que manteve com um companheiro da sua ordem que estava na China e com um outro na Índia. Podemos falar numa autêntica rede de troca de dados científicos que se estabeleceu no Oriente.

A sua presença no Oriente foi ainda fundamental para outros dois factos importantes. Por um lado, difundiu as suas ideias cosmológicas por uma vasta área. Ao transmitir essas ideias a Pietro della Valle, que as traduziu para persa, permitiu que as mesmas chegassem a um público bastante vasto, no Oriente. Por outro lado, aproveitou a viagem de ida, e a de regresso, para desenvolver o seu método de determinação da longitude pela declinação da agulha.

Terminamos realçando o facto de Borri ter aproveitado uma parte significativa da experiência que recolheu no Oriente para desenvolver as suas teorias, nomeadamente sobre cosmologia e sobre a determinação da longitude.

## Bibliografia

ALBUQUERQUE, Luís de, “«Aula (A) de Esfera» do Colégio de Santo Antão no século XVII”, Estudos de História da Ciência Náutica. Homenagem do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1994, pp. 533-579. Trabalho publicado pela primeira vez em 1972, em Coimbra.

ALBUQUERQUE, Luís de, “Companhia de Jesus”, Luís de Albuquerque [dir.], Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses, vol. I, [s.l.], Círculo de Leitores, 1994, p. 277.

ALBUQUERQUE, Luís de, “Duas Obras Inéditas do Padre Francisco da Costa. (Códice NVT/7 do National Maritime Museum)”, Estudos de História da Ciência Náutica. Homenagem do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1994, pp. 269-311. Trabalho publicado pela primeira vez em 1970, em Coimbra.

ALBUQUERQUE, Luís de, “Sobre o conhecimento de Galileu e Copérnico em Portugal no século XVII”, Para a História da Ciência em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1973, pp. 121-142.

ANDRADE, António Alberto Banha de, “Antes de Vernei nascer... O p. Cristóvão Bruno lança, nas Escolas, a Primeira Grande Revolução Científica”, Brotéria, 40, 1945, pp. 396-379.

ANDRADE, António Alberto Banha de, “movimento (O) científico moderno e a filosofia antes de Vernei. Sec. XVI e XVII”, Brotéria, Julho 1994, pp. 72-82.

ARAÚJO, Horácio Peixoto de, Os jesuítas no império da China. O primeiro século (1582-1680), Macau, Instituto Português do Oriente, 2000.

BALDINI, Ugo, “L'insegnamento della matematica nel Collegio di S. Antão a Lisbona. 1590-1640”, A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente. Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, Lisboa, Brotéria, Revista de Cultura e Fundação Oriente, 2000, pp. 275-310.

BALDINI, Ugo, “The Academy of Mathematics of the Collegio Romano from 1553 to 1612”, Jesuit Science and the Republic of Letters, [edited by Mordechai Feingold], Cambridge Massachusetts, London, MIT Press, 2003, pp. 47-98.

BORRI, Cristoforo, Relatione della nuova missione delli PP della Compagnia di Giesù, al regno della Cocincina, Roma, Francesco Corbelletti, 1631.

BRUNO, Cristóvão, Experiências que se mandarão fazer para a Navegação de Leste a Oeste, Segundo a Invenção do Padre Mestre Cristóvão Bruno, Códice CXXVI/1-17, nº 2 da Biblioteca Pública de Évora, fls. 72 a 80.

CAROLINO, Luís Miguel, Ciência, Astrologia e Sociedade. A Teoria da Influência Celeste em Portugal. (1593-1755), [s.l.], Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.

CAROLINO, Luís Miguel, “Cristoforo Borri e o impacto da nova astronomia em Portugal no século XVII. Cristoforo Borri and the new astronomy in Portugal during the 17th century”, Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul-dez 2009, pp. 160-181.

CAROLINO, Luís Miguel, “razões (As) de Cristoforo Borri: matemática, astronomia e inovação cosmológica em Portugal (1626-1632)”, Roberto de Andrade Martins et. al. [ed.] Filosofia e História da Ciência no Cone Sul. Seleção de Trabalhos do 5º Encontro, Campinas, Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2008, pp. 267-275.

CAROLINO, Luís Miguel, “Teoria e Observação de Cometas em Cristoforo Borri: O Cometa de 1618 na Cochinchina”, *Revista Brasileira de História da Matemática, Especial nº 1 – Festschrift Ubiratan D’Ambrosio* – (dezembro/2007), pp. 179-198.

CARVALHO, Joaquim de, “Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea”, *Obra Completa. História da Cultura. 1922-1948. vol. III, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, [s.d.]*, pp. 405-484.

COUCEIRO, Gonçalo, “Observatório (O) de Pequim”, *Oceanos. Os Jesuítas e a Ideia de Portugal*, nº 12, Novembro de 1992, pp. 88-89.

Cunha, Norberto A. F., “Cristóvão Borri: a revolução pela reforma (1583-1983)”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 40 (1984) 175-185.

DINIS, Alfredo, “Jesuítas (Os) e o encontro de cosmologias entre o Oriente e o Ocidente (séculos XVI-XVIII)”, *A Companhia de Jesus e a MissionaçãO no Oriente. Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, Lisboa, Brotéria, Revista de Cultura e Fundação Oriente, 2000*, pp. 267-274.

DINIS, Alfredo, “Jesuítas (Os) e o intercâmbio científico entre a Europa e o Oriente (Sécs. XVI-XVIII)”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, nº 55, 1999, pp. 163-183. “Do bom uso da matemática na propagação da fé”, *Oceanos. Os Jesuítas e a Ideia de Portugal*, nº 12, Novembro de 1992, pp. 82-87.

GOMES, João Pereira, “Jesuítas”, Joel Serrão [dir], *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, Porto, Livraria Figueirinhas, [s.d.], pp. 365-369.

LEITÃO, Henrique, “A periphery between two centres? Portugal in the scientific routes from Europe to China (16th and 17th centuries)”, Ana Simões, Ana Carneiro, Maria Paula Diogo (eds.), *Travels of learning. A Geography of Science in Europe*, Dordrecht, Kluwer, 2003, pp. 1946.

LEITÃO, Henrique, *Galileo’s Telescopic Observations in Portugal*, sep. de José Montesinos e Carlos Solís (eds.), *Largo Campo di Filosofare Eurosymposium Galileo 2001*, [s.l.], Fundación Canaria Orotava de Historia de la Ciencia, [s.d.], pp. 903-913.

LEITÃO, Henrique, “Jesuit Mathematical Practice in Portugal, 1540-1759”, *Archimedes. New Studies in the History and Philosophy of Science and Technology*, vol. 6, Dordrecht, Boston, London, Kluwer Academic Publishers, pp. 229-247.

LEITÃO, Henrique, “Primeiros (Os) Telescópios em Portugal. The First Telescopes in Portugal”. *Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica (Universidade de Évora e Universidade de Aveiro, 22 a 27 de Outubro de 2000)*, Évora, Universidade de Évora, 2001, pp. 106-118.

LISBOA, João de, *Livro de Marinharia. Tratado da Agulha de Marear de João de Lisboa. Roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos à navegação. Copiado e coordenado por Jacinto Inácio de Brito Rebelo*, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1903.

LOPES, António, “História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (com especial incidência nas Províncias e Missões do Oriente)”, *A Companhia de Jesus e a MissionaçãO no Oriente. Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria, Lisboa, Brotéria, Revista de Cultura e Fundação Oriente, 2000*, pp. 35-52.

LOURENÇO, Maria Paula Marçal, “Compromisso e Inovação Teórica no Ensino da Astronomia em Portugal no Século XVII: O Contributo de Cristóvão Bruno”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, nº 54, 1998, pp. 247-282.

MERCATI, Angelo, “Notizie sul gesuita Cristoforo Borri e su sue „inventioni da carte finora sconosciute di Pietro della Valle, il Pellegrino”, Pontificia Academia Scientiarum – Acta, Vol.15, 1951, pp. 25-45.

MOTA, Avelino Teixeira da, Manuscrito (Um) Náutico Seiscentista Reencontrado, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1976.

RAMOS, Maria Armanda, “Xavier, S. Francisco”, Luís de Albuquerque [dir.], Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses, vol. I, [s.l.], Círculo de Leitores, 1994, pp. 1086-1090.

RODRIGUES, Francisco S.J. , História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, tomo I, vol. II, Porto, «Apostolado da Imprensa» — Empresa Editora 1931, p. 285.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, “Jesuítas (Os) e o Ensino das Matemáticas em Portugal”, Brotéria, Março 1935, pp. 189-205.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, “Vicissitudes da Obra do Padre Cristovão Borri”, Anais da Academia Portuguesa de História, II série, vol. 3, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1951, pp. 117-150.

SOMMERVOGEL, Carlos et. al., Bibliothèque de la Compagnie de Jésus. 12 vols, Bruxelles & Paris, Oscar Schepens & Alphonse Picard, 1890-1960.

VOLKOV, Alexei , “Traditional Vietnamese Astronomy in Accounts of Jesuit Missionaries” In Luis Saraiva and Catherine Jami (eds.), History of mathematical sciences, Portugal and East Asia III: The Jesuits, the Padroado and East Asian Science (1552-1773), Singapore etc.: World Scientific, 2008, pp. 161-185.

## O RELATO DE DIEGO DE PANTOJA E AS COISAS NOTÁVEIS DA CHINA

Paulo de Assunção

A expansão marítima portuguesa foi um processo composto por diversas dinâmicas, políticas, económicas, sociais, religiosas e científicas que permitiram Portugal assumir um papel de destaque no decorrer dos séculos XV e XVI. As viagens permitiram o reconhecimento do mundo, o qual passou a cada vez mais ser compreendido e representado. Paulatinamente foi construída uma consciência geográfica e cultural global. As explorações feitas pelos navegadores lusitanos inauguraram o contato com as novas civilizações da África, Índia, América e Oriente e apontaram para a possibilidade da união dos mares até então desconhecida<sup>1</sup>. Os descobrimentos, ao revelarem a verdadeira dimensão do globo terrestre para a humanidade, desencadearam o reordenamento das estruturas de pensamento, uma mudança histórica até então nunca vista. O ser humano passou a ter uma nova dimensão de si próprio<sup>2</sup>. As descobertas prepararam o caminho para uma consciência crítica, desterrando os erros longamente enraizados no pensamento europeu<sup>3</sup>. Com bem observou Russel-Wood:

*Para além de diferentes níveis de expectativa, de aspirações, de relutância ou de rejeição, estes contactos inauguraram inexoravelmente uma nova era de globalização transcontinental, transoceânica e transnacional, caracterizada pela interdependência, pela acção recíproca e pelo intercâmbio entre os povos.*<sup>4</sup>

O jesuíta Matteo Ricci ficou conhecido pela sua atuação missionária na China, sendo um dos elementos que contribuiu de forma acentuada para o encontro da cultura europeia com a chinesa. O religioso italiano foi capaz de perceber as particularidades que envolviam o contato com a China, compreendendo que a cultura material e religiosa dos chineses era bem diferente daquela existente na Europa. A sua atuação foi voltada para estabelecer o diálogo com a Europa-China, principalmente no que dizia respeito ao conhecimento científico do período.

Matteo Ricci e o seu companheiro Diego de Pantoja visitaram Pequim no momento e que o governante, o Imperador Wanli, dava mostras de desinteresse pela administração do império. Um governo que era exercido por meio da pressão militar, marcado por uma quantidade enorme de funcionários e pela corrupção.

---

<sup>1</sup> Até este período preponderavam as concepções ptolomaicas que concebiam os mares de forma isolada.

<sup>2</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Os descobrimentos e a Ordem do Saber*, p. 41.

<sup>3</sup> CARVALHO, Joaquim de. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, p.12.

<sup>4</sup> RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Um Mundo em Movimento. Os Portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*, p. 11.

As aventuras da primeira missão de jesuítas a cidade de Pequim foi registrada por Diego de Pantoja na obra: *Relação da entrada de alguns padres da Companhia de Jesus na China, e particulares sucessos que tiveram, e das coisas notáveis que virão no mesmo Reino*, na Espanha, publicada na cidade de Sevilha, em 1605 anos.



Frontispício da obra *Relação da entrada de alguns padres da Companhia de Jesus na China, e particulares sucessos que tiveram, e das coisas notáveis que virão no mesmo Reino*

Fonte: BNL

Devido à importância do documento, a publicação da carta de Diego de Pantoja ao Pe. Luiz de Guzmán ocorreu três anos depois de a mesma ser escrita e conquistou uma ampla divulgação por toda a Europa. A missiva foi traduzida para o francês, alemão, inglês e latim. A historiografia ressalta que este documento, durante alguns anos, foi considerado o texto mais importante, por descrever aspectos da vida cotidiana e da cultura chinesa, chamando a atenção para os erros que as publicações anteriores cometiam. Novas referências geográficas foram registradas e a confusão existente entre as terras de Cataio e a China foi dissipada.

Diego de Pantoja registrou aspectos da vida chinesa, permitindo compreender de forma clara a situação sociocultural da China. O registro contribuiu para que se começasse a pensar quais os métodos da evangelização que poderiam ter sucesso naquela sociedade, tendo em vista pouca aceitação às influências estrangeiras, que viessem a por em questão o equilíbrio e harmonia do corpo social. As terras orientais eram um vasto espaço desconhecido que paulatinamente iria se revelando e se abrindo aos europeus.

Os chineses se apresentavam com um povo detentor de uma cultura milenar e complexa, bem como de uma ordem social estruturada e hierarquizada. Havia o reconhecimento de que cada indivíduo pertencia a uma cultura milenar e que práticas religiosas tradicionais deveriam ser respeitadas. Para tanto, seria necessário fazer algumas adaptações da prática cristã para a cultura chinesa. O grande desafio que se apresentava era como seria possível converter a sociedade chinesa para o cristianismo. Matteo Ricci e Diogo de Pantoja perceberam que a conversão poderia ser feita, desde que algumas práticas sociais chinesas fossem aceitas, na medida em que estas não estivessem em confronto com o Evangelho. Devidamente preparada, a China se apresentava como uma terra promissora para receber o cristianismo<sup>5</sup>. Além disso, como ressalta Peter Burke, o grande desafio do narrador neste momento era fazer uma descrição correta do encontro cultural, tendo como preocupação compreender as ações do outro<sup>6</sup>.

Diego de Pantoja e Matteo Ricci foram os primeiros jesuítas a inaugurar o diálogo e a troca cultural com os chineses da capital do Celeste Império. Podemos dizer que as cartas possuem uma redação clara e sintética e são emblemáticas, na medida em que fornecem uma visão do “outro”, como um ser diferente do europeu que provocava indagações e impunha desafios para interação, porque havia uma realidade civilizacional, diferente daquela encontrada na em outras partes do mundo. Além disso, o jesuíta fornece uma série de informações importantes sobre a vida cotidiana chinesa e as primeiras dificuldades enfrentadas pelos missionários na sua visita a Pequim. O vívido registro aponta para detalhes de convívio e contato que só um olhar perspicaz e atento seria capaz de compreender.

De acordo com Chartier, a história cultural *tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*<sup>7</sup>. Podemos afirmar que Diego de Pantoja foi capaz de captar a realidade social que encontrara. Problematizou alguns aspectos da cultura chinesa e principalmente teve a preocupação de fazer um quadro ao natural daquele universo. Como Roger Chartier afirma é importante compreender o contexto em que determinada realidade social é construída e dada a ler. Por conseguinte, passemos a um breve panorama do contexto oriental até o alvorecer do século XVII.

## Os portugueses no Oriente

A intensificação das relações de Portugal com a Índia permitiu o crescimento das receitas do Estado. Rapidamente as embarcações lusitanas avançaram pelo Índico Ocidental em direção ao Sueste Asiático e aos Mares da China. Os portugueses formaram uma complexa rede mercantil no Oriente, passando a dominar pontos estratégicos que

<sup>5</sup> BURKE, Peter e HSIA, Ronnie Po-chia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

<sup>6</sup> BURKE, Peter e HSIA, Ronnie Po-chia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*, p. 15.

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*, pp. 16-17.

permitiam a participação nas rotas marítimas da região. Os exploradores e comerciantes portugueses realizam os primeiros movimentos de estabelecimento de relações com a China, nos idos de 1509. D. Manuel I enviou Diogo Lopes de Serqueira para reconhecer os da China<sup>8</sup>. Neste ano, os portugueses chegaram a Malaca<sup>9</sup>. A esquadra de Diogo Lopes de Sequeira abriu o acesso aos “Mares do Sul”. A conquista de Malaca, em 1511, permitiu que está passasse a ser um ponto de referência importante na dinâmica comercial da região em especial no mar da China.

A quantidade de portugueses que seguiu para o Oriente foi expressiva, na medida em que as mercadorias orientais atraíam os olhares cobiçosos dos comerciantes que buscaram ampliar os seus negócios em paragens pouco exploradas. Em 1513, os comerciantes portugueses, tendo a frente Jorge Álvares, atingem os limites do território chinês, fazendo incursões comerciais conforme o regime de monções permitia. De forma rápida os lusitanos avançaram pelo Oriente e passaram a participar da navegação comercial asiática<sup>10</sup>.

Na terceira década do século XVI circularam registros sobre a China elaboradas por Cristóvão Vieira<sup>11</sup> e Vasco Calvo<sup>12</sup>, dois prisioneiros que haviam participado da embaixada de Tomé Pires. *As Cartas dos Cativos de Cantão*, como ficaram conhecidas, davam conta do convívio dos prisioneiros em cárceres chineses em condições poucos favoráveis. Os europeus sentiram de perto o sistema autoritário imposto pelo imperador, por meio dos mandarins e registraram de forma atenta os tipos de execuções da pena de morte aplicadas pela justiça chinesa<sup>13</sup>.

Os primeiros registros sobre a China apontavam para o fato de esta não era habitada por cristãos. Também era conhecido que a região não produzia especiarias<sup>14</sup>. Tomé Pires, que escreveu a *Suma Oriental*, foi o primeiro a fazer um registro mais objetivo sobre o Celeste Império<sup>15</sup>. O seu relato se valeu das informações colhidas junto a Jorge Álvares, o primeiro português a chegar à China, em 1513, bem como de descrições feitas por mercadores chineses. *A Suma Oriental* de Tomé Pires é marcada por apontamentos sobre o comércio, desenhando uma geografia econômica do Oriente<sup>16</sup>. Luís Filipe Barreto destaca que a obra de Tomé Pires é uma das primeiras geografias europeias sobre a Ásia, apresentada de forma sistematizada, que serviu de referência para os humanistas<sup>17</sup>.

<sup>8</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Macau: poder e saber*. Lisboa: Presença, 2006.

<sup>9</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Lavrar o mar - os portugueses e a Ásia c. 1480-c. 1630*, p. 33.

<sup>10</sup> LOMBARD, Denys. “A Eurásia nas Vésperas do ‘Momento’ Português”. In: MÂRQUES, A. H. de Oliveira (dir.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, t. 1, 1998, pp. 126-127.

<sup>11</sup> D’INTINO, Raffaella. *Enformação das Cousas da China. Textos do Século XVI*, pp. 7-38.

<sup>12</sup> Estas “Duas Cartas de Cristóvão Vieira e Vasco Calvo, prisioneiros portugueses em Cantão” encontram-se publicadas D’INTINO, Raffaella. *Enformação das Cousas da China. Textos do Século XVI*, pp. 39-54.

<sup>13</sup> LOUREIRO, Rui Manuel. *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, p. 338.

<sup>14</sup> COSTA, João Paulo Oliveira. *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, p. 90.

<sup>15</sup> LOUREIRO, Rui Manuel. “A malograda embaixada de Tomé Pires a Pequim”. In: LOUREIRO, Rui Manuel. *Nas Partes da China*, pp. 75-94.

<sup>16</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Lavrar o mar - os portugueses e a Ásia c. 1480-c. 1630*, pp. 38-40.

<sup>17</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Lavrar o mar - os portugueses e a Ásia c. 1480-c. 1630*, pp. 70-71.

O mercador Fernão Mendes Pinto (c. 1510-1583) partiu de Lisboa em março de 1537 com destino a Ásia. Viveu durante algum tempo entre Goa, Diu e Ormuz. Entre 1539 e 1557 viveu em Malaca, empreendendo o conhecimento aprofundado sobre o Sueste Asiático e a Ásia Oriental<sup>18</sup>. Fernão Mendes Pinto passou a frequentar o litoral chinês com frequência, em especial a região de Zhejiang, Fujian e Guangdong. O sucesso conquistado por Fernão Mendes Pinto fez que ele ficasse conhecido na região, sendo tido como um dos homens mais influentes e ricos. Durante o período de 1554 e 1556 Fernão Mendes Pinto ingressou, como irmão, na Companhia de Jesus a convite do Pe. Francisco Xavier, deixando a ordem religiosa em seguida. Em 1558 retornou a Lisboa. Em Portugal, Fernão Mendes Pinto casou com Maria Correia de Brito e passou a viver na Quinta de Palença no Pragal/Almada. Neste momento teria se dedicado a escrever a obra conhecida como *Peregrinação*, consultando as obras de João de Barros, Bernardo Néri, e de Giovanni Pietro Maffei<sup>19</sup>.

Na obra *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto narrou as viagens exploratórias que fez pelo Extremo Oriente<sup>20</sup>. A despeito das controvérsias existentes sobre a obra *Peregrinação*, o seu relato registra as interações entre europeus e orientais, na sua fase inicial, marcada por imprecisões. A ampla circulação da obra *Peregrinação* revela um interesse crescente dos europeus pelas exóticas terras orientais, que se intensificariam.

Todavia, é apenas em 1554 que os portugueses conseguiram efetivamente estabelecer relações comerciais com a China<sup>21</sup>. Nas andanças pelos mares da China, os comerciantes lusitanos se fixaram primeiramente na ilhas de Liampó, solicitando ao mandarin de Cantão a autorização para permanecerem no local, que seria conhecida como Macau<sup>22</sup>. Os portugueses teriam visitado Macau, pela primeira vez, por volta de 1513, tendo nesse momento interesse de atingir Cantão, sem obterem grande êxito. Macau, no início do século XVI, não passava de uma aldeia de pescadores com uma pequena atividade comercial. As interações comerciais que cresceram na região fizeram que negociantes se estabelecessem no local e progressivamente empreendam a ocupação que ocorre de maneira efetiva entre 1555 e 1557<sup>23</sup>.

Os comerciantes portugueses perderam as feitorias de Liampó (1544) e de Chíncheu (1548)<sup>24</sup> e passaram a se valer para os seus negócios dos entrepostos de Sanchoão (1549-1553) e de Lampacau (1553-1557)<sup>25</sup>. A partir de 1557 a base estabelecida em Macau passa a ser a utilizada com constância no comércio oriental. Macau se transfor-

<sup>18</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Fernão Mendes Pinto e os mares da China*, p. 15; e BARRETO, Luís Filipe. *Lavar o mar - os portugueses e a Ásia c. 1480-c. 1630*, pp. 80-81.

<sup>19</sup> BARRETO, Luís Filipe. *Fernão Mendes Pinto e os mares da China*, p. 36.

<sup>20</sup> LOUREIRO, Rui Manuel. "A China de Fernão Mendes Pinto, entre a realidade e a imaginação". In: LOUREIRO, Rui Manuel. *Nas Partes da China*, p. 151-180 ver também LOUREIRO, Rui Manuel. "Em busca das fontes da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto". In: *Nas Partes da China*, pp. 181-198.

<sup>21</sup> LOPES, António, S. J., *Heróis da Missão. Em 500 anos de evangelização portuguesa*, p. 30.

<sup>22</sup> CHANG, Tien-Tsê. *O comércio sino-português entre 1514-1644*, pp. 119-122.

<sup>23</sup> ALVES, Jorge Manuel dos Santos. *Um porto entre dois impérios: estudos sobre Macau e as relações luso-chinesas*, pp. 115-118.

<sup>24</sup> D'INTINO, Raffaella. *Enformação das Cousas da China. Textos do Século XVI*, pp. 55-62.

<sup>25</sup> D'INTINO, Raffaella. *Enformação das Cousas da China. Textos do Século XVI*, p. XXIX.

maria num grande entreposto comercial do Extremo-Oriente, ponto de entroncamento de rotas comerciais que vinham da China, Filipinas, Formosa e Japão<sup>26</sup>. Foi a partir de Macau que o véu, que encobria o império chinês, foi sendo revelado.

A ocupação de Macau se processou de forma provisória entre 1553 e 1554 devido às necessidades de comerciantes aportarem na região para secarem a sua carga. O estreitamento das relações fará que a partir de 1557 as autoridades locais concedessem o estabelecimento na região mediante o pagamento de uma taxa anual. Nos anos seguintes há um aumento da atividade mercantil lusitana na região, o que possibilitou que Macau se transformasse num centro comercial no contexto geopolítico do Mar da China. Luís Filipe Barreto afirma que Macau foi uma fronteira cultural de costumes, línguas e saberes, por ser um ponto de encontro de comércio. Macau era a cidade-portuária *do encontro entre os extremos ocidental e oriental do mundo, sendo, ao mesmo tempo, a fronteira, por excelência, entre a China e a Europa, mesmo, de certo modo, a fronteira recuada entre a Europa e o Japão*<sup>27</sup>.

A coroa espanhola conhecia os avanços lusitanos pelo Oriente e logo despontou o interesse de também usufruir das riquezas que provinham daquela área. O movimento a partir da América em direção ao Oriente fez que os espanhóis chegassem a Manila nos idos de 1571<sup>28</sup>. O contato com comerciantes chineses que viviam na região fez que rapidamente entrassem no sistema comercial dos continentes com as diferentes ilhas da região.

O jesuíta Alessandro Valignano, em 1 de abril de 1585, informava de Goa que o comércio entre Macau e as Filipinas existia e era controlado pelo vice-rei, que não permitia a entrada de comerciantes espanhóis sem autorização<sup>29</sup>. Neste momento Macau vivia um momento de efervescência mercantil<sup>30</sup>. O desejo dos comerciantes espanhóis avançarem para a área fazia que a relação entre chineses e portugueses se desequilibrassem. Os chineses observando os interesses de seus clientes aproveitavam para aumentar o preço da seda, o que fazia que os mercadores lusitanos tivessem o seu lucro reduzido sensivelmente<sup>31</sup>. Além disso, os comerciantes espanhóis, para realizarem suas atividades, utilizavam da prata americana o que acabava por comprometer a entrada de prata na Espanha. Os comerciantes portugueses, defendendo os seus interesses, se manifestavam contrários à presença dos espanhóis em Macau<sup>32</sup>. As disputas entre comerciantes estavam aquecidas no vasto império espanhol.

Neste contexto, reiteradas tentativas de um contato mais intenso com a China continental foram realizados. Filipe II empreendeu esforços para uma aproximação com

<sup>26</sup> LOUREIRO, Rui Manuel. “Navios e mercadorias e embalagens na rota Macau-Nagasaki” In: LOUREIRO, Rui Manuel. *Nas Partes da China*, pp. 265-284.

<sup>27</sup> BARRETO, Luís Filipe. “Macau, Fronteira Cultural (1560-1660)” In: ALVES, Jorge M. dos Santos (coord.) *Portugal e a China. Conferências no II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (séculos XVI-XIX)*, pp. 69.

<sup>28</sup> Sobre os mercadores chineses em Manila ver: GIL, Juan. *Los chinos en Manila – siglos XVI y XVII*, p. 25-28.

<sup>29</sup> *Documenta Indica*, volume XIV, Instituto Historicum Societati Iesu, Roma, 1979, pp. 8-9.

<sup>30</sup> CHANG, Tien-Tsé. *O comércio sino-português entre 1514-1644*, p. 132.

<sup>31</sup> COUTO, Diogo. *Da Ásia de Diogo do Couto. Dos feitos, que os portugueses fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente*, década X (parte segunda, livro VI, capítulo V), pp. 38-39.

<sup>32</sup> PIRES, Benjamim Videira. *A viagem de comércio Macau – Manila, nos séculos XVI e XIX*, p. 12.

o Imperador Wanli, mas não conseguiu consolidar o seu intuito, pois os chineses se mostravam arredios aos contatos mais estreitos com os europeus<sup>33</sup>.

O Imperador Wanli (1563-1620) era terceiro filho do Imperador Longqing. Wanli governou a China entre 1572 e 1620, ascendendo ao trono com apenas nove anos de idade. Durante a menoridade do jovem imperador, o mesmo contou com os serviços de Zhang Juzheng, conhecido e respeitado por ser um hábil administrador que permitiu o desenvolvimento acentuado de muitas regiões. No decorrer do tempo as disputas entre facções políticas fizeram que as relações entre o imperador Wanli e Zhang Juzheng ficassem estremecidas pela rigidez do administrador. Em 1582, Zhang Juzheng morreu, dando início a um novo período no governo. O imperador Wanli emitiu um édito de confisco da riqueza dos familiares que foram expurgados. O imperador optou por seguir uma política disciplinada e ativa, participando a cada reunião da manhã para discutir assuntos de Estados. Soube agir com firmeza na defesa do território contra os mongóis e os rebeldes que vinham atacando o território.

Em 1594, o líder japonês, Toyotomi Hideyoshi enviou 200 mil soldados para invadir a Coreia, área que era protegida pela China<sup>34</sup>. O Imperador Wanli, por sua vez, enviou homens para reforçar o exército coreano, facultando também a possibilidade de serem acolhidos no território do império chinês<sup>35</sup>. O desenrolar das batalhas mostrou que as tropas coreanas e chinesas eram insuficientes para enfrentar os japoneses. Wanli decidiu enviar para o campo de batalha mais 80.000 homens o que fez que os japoneses viessem a negociar a paz. Apesar, de uma tentativa de ataque, dois anos depois, o Japão não obteve sucesso, saindo este derrotado. Enquanto apoiava os coreanos na defesa dos seus interesses, o Imperador Wanli teve de debelar a rebelião interna de Yang Yinlong.



Representação do Imperador Wanli e da Imperatriz Xiao Duan Xian.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Wanli-Emperor.JPG> e [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Chinese\\_Ming\\_Dynasty\\_Empress\\_Xiaojingxian.JPG](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Chinese_Ming_Dynasty_Empress_Xiaojingxian.JPG)

<sup>33</sup> BOXER, Charles R. *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1770: factos e lendas de Macau antigo*, p. 57.

<sup>34</sup> CORREIA, Pedro Lage Reis. *A concepção de missionação na Apologia de Valignano*. p. 29.

<sup>35</sup> GERNET, Jacques. *Le monde Chinois*, vol. II, pp. 174.

No decorrer da última década do século XVI, Filipe II procurou controlar as atividades comerciais dos navios espanhóis na região oriental, emitindo uma série de documentos que puniam aqueles que ousassem desrespeitar as determinações do monarca. Apesar das proibições e das penas impostas, a atividade ilícita continuou a existir, exigindo que o monarca reiterasse suas interdições, frente a constante ineficácia das suas ações. Pode-se dizer que no final do século XVI, a região passava por um momento de turbulências. Uma questão se impunha: como adequar as relações comerciais entre a Europa e a China de forma que os diferentes interesses fossem atendidos, tanto no que dizia respeito às trocas comerciais como culturais, principalmente num contexto que outras potências europeias avançavam para a área, a fim de lucrar com as riquezas orientais. Além disso, a China ainda mantinha suas portas cerradas para os europeus e procurava somente ceder no que lhe convinha.

A paulatina abertura que começou a ocorrer a partir do século XVII foi resultado do trabalho missionário dos jesuítas que trabalharam de forma intensa para expandir o cristianismo pela região. Desta forma, é conveniente destacarmos alguns aspectos da presença jesuítica na região oriental a fim de identificarmos de maneira cabal a importância da viagem de Matteo Ricci e Diego de Pantoja a Pequim.

## Os jesuítas no Oriente

Entre 1593/1594, Alessandro Valignano, visitador da Companhia de Jesus para a Ásia, fundou o Colégio da Madre de Deus, também conhecido como Colégio de São Paulo de Macau, com estudos superiores, que se transformaria na primeira universidade como modelo europeu no Extremo-Oriente, aonde era possível realizar estudos de Moral, Teologia e Dogmática<sup>36</sup>. O edifício primitivo foi ampliado e constituição do colégio tinha como objetivo preparar os jesuítas que iriam atuar nas missões orientais, principalmente no que diz respeito ao conhecimento da língua e da cultura oriental. Além disso, os religiosos ensinavam a ler, a escrever e a contar aos filhos da população local, assim como conferia graus acadêmicos a eclesiásticos que tivessem cumprido o programa de estudos<sup>37</sup>.

A prosperidade do colégio foi lenta mais progressiva nos anos subsequentes, principalmente com a intensificação do trabalho jesuítico na região, vindo a se transformar numa das bases mais importante de disseminação do catolicismo no Oriente<sup>38</sup>. No ano seguinte o conjunto de edificações foi danificado por um incêndio que destruiu parte da construção. O colégio foi reconstruído com rapidez face às exigências de atender à formação de religioso e o ensino da população local. No período seguinte coube ao Pe. Manuel Dias, encaminhar os trabalhos de reconstrução de um edifício mais amplo e condizente para as promissoras atividades religiosas na região. O local passou a ser utilizado como apoio para os missionários que seguiam para o Japão e que posteriormente atuariam na

---

<sup>36</sup> O Pe. Cláudio Aquaviva foi o responsável pela criação de um colégio, conforme o modelo jesuítico.

<sup>37</sup> PINA, Isabel. *Os jesuítas em Nanquim* (1599-1633), pp. 39-40.

<sup>38</sup> O Colégio foi destruído por um incêndio em 1595.

China<sup>39</sup>. A igreja só seria finalizada em 1602, recebendo uma decoração elaborada. No decorrer dos anos a igreja, que receberia uma fachada grandiosa, passou a ser um dos símbolos do cristianismo no Oriente.

O Pe. Alexandre Valignano, conforme a sua experiência em relação ao Oriente, passou a defender que era necessário que os religiosos se aproximassem do universo cultural dos chineses, adotando alguns comportamentos locais, no que tange à indumentária e outras práticas visavam a criar uma proximidade com os homens letrados da sociedade e com isto ampliar o resultado da missão<sup>40</sup>. O espírito pragmático do missionário é evidente, pois segundo ele as acomodações necessárias poderiam ser feitas, pois o que importava era levar o nome de Jesus a todas as partes do mundo<sup>41</sup>.

Uma constatação era clara: desde a chegada a Macau os jesuítas demonstravam interesse em avançar pelo território chinês, empreendendo algumas missões, mas pouco se tinha conquistado devido ao imperador não autorizar a atuação dos religiosos em seu território<sup>42</sup>. O sonho do Pe. Francisco Xavier ainda estava vivo no desejo de outros religiosos de propagar a fé católica pelo interior da China. O grande desafio era como conseguir adentrar na capital do Celeste Império. O véu começava a ser retirado.

### Matteo Ricci: o avanço por terras chinesas

Em 1577, Matteo Ricci foi aconselhado pelo Pe. Alessandro Valignano a participar das missões do Oriente. Este religioso fora visitador da Companhia de Jesus na Ásia e notara a necessidade de religiosos que pudessem trabalhar na árdua tarefa de ampliação da fé católica. Matteo Ricci abraçou o desafio e seguiu para Coimbra, a fim de aprender a língua portuguesa e posteriormente atuar nas missões da Ásia. Em 24 de março de 1578, o religioso deixou Lisboa em direção à Goa, na Índia, onde passou a atuar. Neste ínterim, Matteo Ricci conclui os seus estudos sobre Teologia. Em 1580 foi ordenado sacerdote e trabalhou em Cochim como professor de latim e grego. Dois anos mais tarde, Pe. Alexandre Valignano o indicou para a missão dos jesuítas na China. Matteo Ricci chegou a Macau, tendo como objetivo principal aprender a língua chinesa. Nesta ocasião, teve a oportunidade de interagir com outro jesuíta, Miguel Ruggieri, que já estudava a língua chinesa desde 1579. É com este que compilou o primeiro *Dicionário Português-Chinês*, a fim de contribuir no processo de aprendizagem dos missionários que queriam aprender chinês, o que exigiu que foi realizada uma decodificação da língua chinesa para o sistema romanizado<sup>43</sup>. Este trabalho foi o primeiro esforço empreendido pela cultura ocidental em estabelecer a compreensão da língua chinesa, abrindo a possibilidade para novos estudos<sup>44</sup>.

<sup>39</sup> FRANCO, José Eduardo. *Apologia do Japão*. Lisboa: CCCM, 2007.

<sup>40</sup> GERNET, Jacques. *Le monde Chinois*. Paris: Armand Colin, 2005, vol. II, pp. 183-186.

<sup>41</sup> PINA, Isabel. *Jesuítas Chineses e mestiços da missão da China (1589-1689)*, pp. 57-65.

<sup>42</sup> PINA, Isabel. *Os jesuítas em Nanquim (1599-1633)*, pp. 40-47.

<sup>43</sup> PROSPERI, Adriano. "O Missionário". In: VILLARI, Rosário (Org.). *O homem barroco*, p. 186. Ver também: BROCKEY, Liam Matthew. *Journey to the East – the jesuit mission to China 1579-1724*, p. 246.

<sup>44</sup> LOUREIRO, Rui Manuel. "A biblioteca de Matteo Ricci". In: LOUREIRO, Rui Manuel. *Nas Partes da China*, pp. 249-264.

Nos idos de 1583, dominando parcialmente a língua, Matteo Ricci e Miguel Ruggieri partiram para a Zhaoqing, na província de Guangdong. A região fora escolhida pelo Pe. Miguel Ruggieri que já atuara naquele território entre 1581 e 1582<sup>45</sup>. Após receberem as autorizações dos mandarins para permanecerem no local, estabeleceram a primeira missão jesuíta, ficando subordinados ao Colégio de São Paulo de Macau e da assistência do Pe. Francisco Cabral. Em Zhaoqing, Ruggieri deu início a construção de uma igreja católica sob orientação de Matteo Ricci. A partir de 1585 passou a pregar também em Guiling.

Como outros relatos sobre a experiência jesuítica do período, a missão de Zhaoqing foi registrada pelo êxito cristão no Oriente. As missivas enviadas apontavam para o fato que a casa dos jesuítas passou a ser um local de aprendizagem e diálogos entre as culturas, movimento que era acompanhado pelo crescimento do número de batizados. Paulatinamente, os religiosos conquistaram o respeito e admiração dos letrados e mandarins da região e fizeram a tradução de textos doutrinários e catequéticos para a língua chinesa.

As conquistas obtidas e o afã de ampliar o rebanho da cristandade fizeram que o Pe. Miguel Ruggieri retornasse a Roma, em 1588. O seu intento era solicitar ao papa que enviasse para a região um representante da Santa Sé a fim de convencer o imperador chinês a conceder liberdade para os católicos. Apesar das suas reiteradas tentativas não obteve êxito. O religioso retirou-se para Salerno e trabalhou em textos e mapas para divulgar o conhecimento que obtivera no decorrer da sua estada na China, vindo a falecer em 11 de maio de 1607.

Enquanto o Pe. Miguel Ruggieri empreendia as suas tratativas na Europa, os jesuítas foram convidados a se retirarem da província de Guangdong e Guangxi, pelo novo vice-rei. Contudo, este receando desdobramentos que poderiam ocorrer em Macau, permitiu que os jesuítas passassem a residir em Shaozhou. Depois de instalados, dentre eles Matteo Ricci, a nova missão iniciou as ações para estabelecer proximidades com as autoridades locais, que se apresentaram mais receptivas a atuação dos religiosos. Matteo Ricci passou a utilizar o vestuário chinês e manteve uma proximidade e debate com os principais letrados e intelectuais da região. O intuito do jesuíta era compartilhar da posição superior que os letrados gozavam naquela sociedade. Para tanto, estudou de forma mais detalhada a filosofia chinesa, em especial o confucionismo. O conhecimento do pensamento confucionista fez que ele apoiasse algumas práticas que a população empreendia e que, segundo Matteo Ricci, não conflitavam com a doutrina católica, tal como o culto aos antepassados.

Matteo Ricci demonstrava preocupação de como fazer penetrar a fé católica no vasto território chinês. Em meio às preocupações religiosas, ele realizou a adaptação do calendário chinês ao calendário gregoriano, de forma que fosse possível aos chineses comemorarem na data correta as festividades católicas. Além disso, o religioso dedicou-se de forma intensa para traduzir os quatro livros dos cânones confucianos para o latim.

Apesar de obter êxito nas suas atividades religiosas e intelectuais, Matteo Ricci não estava plenamente realizado. O jesuíta tinha como objetivo chegar a capital do império,

---

<sup>45</sup> BROCKEY, Liam Matthew. *Journey to the East – the jesuit mission to China 1579-1724*, pp. 291-293.

Pequim, conforme fora o desejo do Pe. Francisco Xavier. O religioso entendia que era fundamental para continuidade das ações da Companhia de Jesus receber a aprovação oficial do imperador. Desta maneira, os jesuítas poderiam circular em liberdade pelas diferentes províncias para pregarem o cristianismo.

Matteo Ricci deixou Shaozhou e fez uma viagem cheia de contratempos que o levaram a Nanquim, onde foi bem recepcionado pelas autoridades locais, devido ao seu prestígio. Em Nanquim aprofundou os estudos sobre confucionismo, vindo a estabelecer relações entre este e o catolicismo. É no decorrer de sua estada em Nanquim, 1595, que o religioso escreveu a obra: *De Amicitia (Tratado sobre a Amizade)* cujo objetivo era permitir aos chineses conhecerem os santos e os pensadores cristãos, por meio de passagens breves e aforismos. A obra foi bem recebida, principalmente pela elite letrada, que conforme Matteo Ricci lembrava era por meio dela que o cristianismo poderia conquistar mais espaço.

No ano seguinte, o jesuíta se dedicou a escrever um tratado sobre o *Método de aprender de cor*. A obra apresentava a técnica mnemônica ocidental que auxiliava a partir das relações espaciais memorizadas a categorizar grandes quantidades de informações. Em seguida publicou a obra *Verdadeira Noção de Deus*, a qual elaborara no decorrer dos últimos três anos<sup>46</sup>. O texto era um catecismo que partia do modo chinês de pensar para ensinar o cristianismo aos letrados chineses. Nele Matteo Ricci apresentava as principais ideias da Escolástica para explicar o catolicismo, discorrendo sobre a criação, a existência de Deus, a natureza e imortalidade da alma, a vida eterna, dentre outros assuntos, que fossem compreensíveis pela razão humana e chegar à Verdade.

No princípio de 1597, Matteo Ricci foi nomeado pelo Pe. Alexandre Valignano como responsável pela missão da China. No ano seguinte, Matteo Ricci, o Pe. Lazzaro Cattaneo e Wang Honghui, mandarim amigo dos jesuítas, partiram em direção a Pequim, a fim de apresentar os conhecimentos matemáticos e astronômicos dos religiosos.

O cenário político era conturbado, pois os japoneses haviam atacado a Coréia, que era um aliado tradicional da China, como destacamos anteriormente. O imperador decretara a proibição de quaisquer estrangeiros em Pequim, temendo que dentre eles existissem espiões. O quadro de instabilidade apontava para as dificuldades de ser ter acesso ao palácio imperial. A missão não obtivera êxito. Isto fez que seguissem para Nanquim a fim de aguardar uma melhor ocasião. É no decorrer destas andanças que Matteo Ricci e Lazzaro Cattaneo teriam elaborado um *Dicionário chinês-português*, que foi posteriormente perdido. Apesar do resultado infrutífero no decorrer de sua estada em Pequim, Matteo Ricci não desistiu da ideia de retornar a cidade imperial e manter contato com o imperador. Em 1599, Lazzaro Cattaneo retornou para Macau tendo com incumbência dar conta da viagem que empreendera com Matteo Ricci<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> A obra é composta de diálogos entre um letrado chinês e um intelectual europeu. Estes abrangem mais de 170 itens que compõe dois livros, em oito volumes.

<sup>47</sup> Lazzaro Cattaneo entre 1608 e 1610 esteve em Xangai, realizando inúmeros batismos. No ano seguinte, foi enviado para Hang-tcheou, capital de Tchékiang para fundar uma residência jesuítica com os padres Nicolas Trigault e Sebastião Fernandes. Em 1620, fundou a missão de Kia-ting, retornando a Hang-tcheou, onde faleceu em 19/1/1640 duas obras escritas em chinês por Cattaneo: *Ling sing i*

Novos recursos e presentes foram enviados para a missão de visita ao imperador chinês. Em 1600, Matteo Ricci acompanhado de Diego de Pantoja deixam Nanquim e após uma série de problemas, relatos por Diego de Pantoja, chegaram a corte imperial a 24 de janeiro de 1601.

## Diego de Pantoja e o relato da entrada em Pequim

Na segunda metade do século XVI a Companhia de Jesus fundara colégios no território espanhol, ampliando a sua área de atuação. Em 1566 foi fundada em Toledo uma casa professa, onde viria a estudar o autor da relação. Diego de Pantoja nasceu em Valdemoro na Espanha em abril 1571, filho de Diego Sánchez e Mariana Pantoja. O jovem entrou na casa professa de Toledo em seis de abril de 1589 a fim de começar a sua formação como jesuíta. Diego de Pantoja manteve contato estreito com o arcebispo Luiz de Guzmán (1546-1605), que estava escrevendo *Historia de las misiones de la Compañía de Jesús en la India Oriental, en la China y Japón*. O convívio com Luiz de Guzmán provavelmente influenciou Diego de Pantoja na sua decisão de partir para a China, como missionário.

Diego de Pantoja partiu de Lisboa rumo à Índia, aportando em Goa, em 25 de outubro de 1596. Passou alguns meses na região até conseguir embarcar para Macau no dia 23 de abril de 1597. O jesuíta chegou a Macau em 20 de julho daquele ano. Durante a sua estada no Colégio de São Paulo, que estava sob direção de Emmanuele Dias, o religioso se dedicou ao estudo da Teologia. Era do Colégio de São Paulo de Macau que partiam os religiosos para as missões orientais. Diego de Pantoja foi designado para uma missão no Japão, que acabou não acontecendo devido aos levantes que aconteceram na região contra os cristãos. Em seguida, o jovem jesuíta foi escalado para viajar para a China, devendo acompanhar o Pe. Matteo Ricci. Em março de 1600 foi enviado para Nanquim onde se encontrou como este jesuíta, vindo a acompanhá-lo na sua viagem a Pequim<sup>48</sup>.

Os religiosos partiram a 19 de maio de 1600 e após uma série de contratempos chegaram a Pequim, em 24 de janeiro de 1601. No seu relato é o possível observar as dificuldades que se impuseram no percurso que levou a Pequim.

Os registros históricos apontam que, após o relato remetido à Espanha, o jesuíta permaneceu na China por mais de quinze anos, principalmente discutindo assuntos correlatos a astronomia e geografia. Em 18 de março de 1617, devido às divergências de seu posicionamento em relação aos astrônomos chineses foi considerado inimigo, sendo forçado a partir para Macau, vindo a falecer em 9 de julho de 1618.

O Pe. Diego de Pantoja servindo nas terras chinesas e seguindo as práticas da Companhia de Jesus fez uma *breve relação das coisas tocantes* da missão, e também de algumas *tocantes a grandeza deste reino, costume, governo, e policia dele: que por ser em*

*Tchou*, (“*Tratado para conduzir as almas ao conhecimento de Deus*”) e *Hoei tsoei yao ki* (“*Da contrição e da dor dos pecador*”).

<sup>48</sup> Na China, Diego de Pantoja adotou o nome de Pinyin Páng Dí.

*nossa Europa tão famoso, e com razão, não duvido será grata a Vossa Reverendíssima [Luiz de Gusmán] e a quem a ler*<sup>49</sup>.

Devido à exiguidade de tempo fez o relato de algumas coisas, deixando outras informações para a missiva posterior. Registrou a sua passagem por Macau, onde permaneceu até que os confrontos entre a China e o Japão diminuíssem. No final de 1599, se encontrava na missão em terras chinesas onde havia cinco padres, repartidos entre três casas. Segundo ele, a presença jesuítica na região começara a mais de vinte anos, mas pouco avançara por ser a China tão *defendida a entrada de estrangeiros, e tão dificultosa a estada e perseverança, que em todo este tempo nunca passaram de cinco, ou seis Padres*<sup>50</sup>.

Era preciso paciência para fortalecer o espírito para lutar contra o Demônio que tão apoderado está deste Reino. Reiteradas vezes foram empreendidos esforços para pregar o Evangelho, mas as portas estavam fechadas e não houve chance de enviar embaixada ao imperador<sup>51</sup>. Em 1598 foram feitas investidas, com o apoio de um mandarim que passava pela residência da província de Cantão. Foi manifestado a este o desejo dos religiosos de chegarem a Pequim para oferecer presentes ao imperador. Para tanto, solicitaram ao mandarim que os levassem sob sua proteção. Este concordou com tal pedido, começando os preparativos para seguir em direção a capital do Celeste Império, que distava aproximadamente trezentas léguas, do ponto onde se localizavam. Em Pequim, começaram a *tratar de seu negócio secretamente*, porque não era prudente que aparecessem em público. Apesar das tentativas, *não houve quem se quisesse meter neste negócio, por ser coisa de estrangeiros, receando o que daquilo poderia suceder*<sup>52</sup>.

A entrada em Pequim era desejada por ser a capital e nela estar presente a maior parte da nobreza. Todavia, o acesso ao imperador parecia coisa impossível. A cidade era protegida, *particularmente de estrangeiros, e para cuja guarda e vigilância tem comumente mais de cem mil soldados*, e caso alguém quisesse alcançar licença deveria fazer junto aos grandes mandarins que a governavam, situação que parecia impossível<sup>53</sup>.

A permanência em Nanquim ocorreu sem grandes transtornos, pois nenhum mandarim se opôs. Contudo, um deles, que depois seria amigo dos religiosos, revelou que havia sim o interesse de prendê-los. Em se considerando que era *gente pacífica*, foi consentido que morassem na cidade e viessem a ter casa dentro dos muros. Os mandarins viviam em casas que não eram suas, mas próprias do ofício, construídas a custas do imperador. Ao terminar as suas atividades, o que lhe sucedesse no cargo, ocupava a moradia. Naquele momento, havia um grande mandarim construído uma grande habitação numa localização excelente na cidade. Segundo Pantoja, *quis nosso Senhor, que ele não a gozasse, e mandou entrar nela, como entraram, muitos Demônios, que com figuras espantáveis, atemo-*

<sup>49</sup> PANTOJA, Diego. *Relação da entrada de alguns padres da Companhia de Jesus na China, e particulares sucessos que tiveram, e das coisas notáveis que virão no mesmo Reino*, p. 1v.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>51</sup> FAIRBANK, John King e GOLDMAN, Merle. *China – uma nova história*, pp. 139-141.

<sup>52</sup> PANTOJA, Diego. *op. cit.*, p. 5v.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 6.

rizavam aos que nela estavam, particularmente de noite, e durou tanto tempo isto, que todos saíram dela, sem nenhum a querer habitar<sup>54</sup>.

Em seguida o mandarim desejou vender a casa, mas mesmo com um valor baixo não houve ninguém que quisesse comprá-la. Ao Pe. Matteo Ricci, que era procurador da missão, foi oferecida a casa para compra, segundo Pantoja, *meio por troça lhe ofereceram se queria comprar uma casa plena de demônios?*

A despeito das superstições, o Pe. Matteo Ricci respondera que se a casa atendesse aos interesses dos religiosos não haveria problema, *porque servia a um Deus a quem os demônios temiam e tremiam, e que confiando na sua ajuda, nenhum medo tinha deles; antes eles o teriam muito dele, por ser servo de tal Senhor*<sup>55</sup>. O religioso acertou a compra da casa, passando os religiosos a habitarem a mesma, sem que houvesse *nem em sonho de coisa ruim que inquietasse*. Para a população local que ficou espantada, segundo Pantoja: *o Deus era grande, e que havia querido morar naquela casa, e por isso havia mandado os Demônios, a habitarem, e impedirem a entrada de outros, e em entrando eles se haviam ido*<sup>56</sup>.



Pe. Matteo Ricci

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ricciportrait.jpg> e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Matteo\\_Ricci\\_2.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Matteo_Ricci_2.jpg)

A partir daquele momento, segundo Pantoja, há uma mudança do progresso das missões religiosas. Os mandarins, conhecendo a fama dos jesuítas de que eram *homens letrados, que tinham muitos livros, que eram homens de muito boa vida*, procuraram se aproximar. O interesse não era só pelos livros, mas também pelos relógios de corda, imagens de barro e outras pequenas coisas que possuíam. Os mandarins, manifestando respeito e cortesia, enviaram presentes e alimentos e foram recebidos pelos religiosos. A satisfação com tal interação fez que muitos ficassem amigos da Companhia de Jesus e defensores

<sup>54</sup> Ibidem, p. 6v.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 8v.

da mesma, semeando a boa fama da ordem religiosa. Tal reconhecimento de amizade era observado pelos convites que os religiosos receberam para visitar o palácio dos mandarins.

A boa acolhida era vista com alento, pois os jesuítas há muitos anos *estiveram muito humilhados e abatidos sofrendo muitas afrontas de palavra devido a obra de gente baixa, que anda sempre diante dos Mandarins (mesmo pequenos) de joelhos*. Os chineses, com uma autoestima elevada, tinham *pouco conceito de toda pessoa e reino estrangeiro*. Segundo estes, o conceito ruim, sobre estrangeiros, se dava *porque nunca os viram, nem ouviram dizer semelhantes em suas terras*. Por conseguinte, a mudança de comportamento era notável, e atribuída à ação divina<sup>57</sup>.

Este era o quadro por ocasião da chegada de Diego de Pantoja a Nanquim, vindo de Cantão e passando pela província de Quiaci. A sua entrada se dera de maneira escondida, ou seja, *sem licença particular de nenhum Mandarim*. Em Nanquim, Diego de Pantoja se juntou ao Pe. Matteo Ricci e Lazzaro Cattaneo. A reunião dos religiosos causava polêmica, pois, muitos não acreditavam que estes tinham como objetivo *dilatar a lei de Deus, fazer crer a quem Deus Nosso Senhor dera graça*. O que era cogitado por alguns é que eles usavam de *uma honrada capa para encobrir algum outro intento*<sup>58</sup>.

A partir da estada em Nanquim foram reforçadas as ações para irem a Pequim e tentarem ter acesso ao imperador. Os religiosos começaram a conversar com amigos sobre seu intento e logo um mandarim, se prontificou a fornecer *patentes, despachos, e o quanto fosse necessário para realizar este negócio*. Diego de Pantoja atribuiu este favorecimento ao fato de uma grande quantidade de pessoas desejarem ver as imagens religiosas, acudindo a vê-la, as quais *quebravam as portas, e nos davam grande trabalho, ele a tomou dizendo, que aquela era coisa do rei*<sup>59</sup>.

O mandarim cumpriu com o prometido e assim que chegou o período da primavera/verão começou a preparar as embarcações para seguirem em direção à Pequim. Mandou os seus funcionários fornecerem *uma embarcação do rei, na qual levássemos as coisas de presente, e as nossas*<sup>60</sup>.

O Pe. Diego de Pantoja foi escolhido para acompanhar o Pe. Matteo Ricci na viagem a Pequim, juntamente com um Irmão China criado em Macau, por nome de Sebastião Fernandes<sup>61</sup>. Preparado os presentes, dentre eles dois relógios de corda, sendo um grande de ferro em uma caixa decorada com dragões dourados, que eram as armas e insígnias do imperador. O outro relógio era pequeno, com aproximadamente:

*um palmo de altura, todo de metal dourado de obra a melhor delas que em nossa terra se faz, que para este efeito nos havia enviado nosso Padre Geral, metido também em sua caixa dourada, como a outra, e em ambos no lugar das letras nossas, esculpidas as de China, e uma mano que por fora saía as mostrava*<sup>62</sup>.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 9v.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 10v.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 12v.

<sup>61</sup> PINA, Isabel. *Jesuítas Chineses e mestiços da missão da China (1589-1689)*, pp. 66-73.

<sup>62</sup> PANTOJA, Diego. *op. cit.*, p. 13v.

Além destes presentes, três imagens de barro. A maior era a representação de Nossa Senhora del Populo, a segunda uma Nossa Senhora com o Menino Jesus e São João e a terceira era do Salvador. Outros pequenos presentes, como espelhos, vidros, caixa de Japão, um livro, um breviário bem encadernado, um monocórdio e outras pequenas coisas de menor importância faziam parte do conjunto de presentes a serem ofertados ao imperador. Tudo preparado se deu o embarque. Os cristãos de Nanquim compareceram para se despedir dos religiosos com muitas festas, e muitas cartas de favor para os Mandarins grandes de Pequim.

Era vinte de maio de 1600. Os religiosos partiram ansiosos em relação de qual seria a receptividade dos mandarins de Pequim e do imperador, por serem estrangeiros. O desejo principal dos jesuítas era *dar alguma firmeza a estada dos nossos neste reino, e procurar abrir a entrada a ele para o Santo Evangelho*<sup>63</sup>.

As embarcações seguiram por um grande canal, passando para outros menores. Um destes, com aproximadamente duzentas léguas, fora construído para levar as embarcações que carregavam os tributos das províncias das partes de Nanquim para o imperador. A via fluvial era a escolhida para este tipo de transporte porque, segundo Pantoja, parecia impossível levar por terra a grande quantidade de arroz, trigo, prata e outras coisas que fluíam para Pequim. Tal situação fazia que no verão os canais ficassem repletos de embarcações.



Traçado do Grande Canal entre Pequim e Nanquim

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Modern\\_Course\\_of\\_Grand\\_Canal\\_of\\_China.png](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Modern_Course_of_Grand_Canal_of_China.png)

<sup>63</sup> Ibidem, p. 14.

Passado quarenta dias, e andado duzentas e trinta léguas, os religiosos chegaram a província de Xantun (Shandong) aonde se localizava um dos empórios mais célebres da China, conhecido como Lincin. Neste local, havia um eunuco que estava encarregado de cobrar os direitos do imperador.

Este vivia no local com grande fausto e quando saía pelas ruas era carregado numa cadeira:

*nos ombros de oito pessoas (que é honra muito grande na China) com muita gente a cavalo por detrás, e outros adiante com umas peças como bacias de cobre que soavam, tocando-as em sinal que vinha por ali, para que todos se recolhessem, como é costume fazer com os Mandarins importantes nas cidades sob sua jurisdição<sup>64</sup>.*

O eunuco, sabendo por terceiros, que eles viu um recado aos jesuítas. ciosas e outros objetos de valor, eluiam segundo Pantoja, parecia impossível levavam presentes para o imperador e acreditando serem pedras preciosas e outros objetos de valor, enviou um recado aos jesuítas. Estes deveriam aguardá-lo que em breve faria uma visita e desejava ver os presentes. O eunuco compareceu a presença dos jesuítas e *parecendo-lhe ser preciosas, e que o rei haveria de gostar grandemente, buscou meios para fazer que entrassem por seu meio ao rei, como coisas que ele havia negociado que levássemos, para agradecer-lhe, e com isto alcançar alguma pretensão sua<sup>65</sup>.*

O eunuco não escondeu o interesse de se aproveitar da situação, para angariar prestígio pessoal junto ao imperador. Também demonstrou que tinha interesse de ser agraciado com algum mimo, de preferência, pedras preciosas. O passo seguinte foi enviar aos religiosos presentes *de coisas de comer*, acompanhado de um recado no qual manifestava a sua alegria dos jesuítas desejarem honrar o rei com tão bom presente. O eunuco entendia que era justo que todos ajudassem e favorecessem tal intento, e ele tinha decidido tomar para si o sucesso desta tarefa. Por conseguinte, solicitava que os jesuítas passassem para a sua embarcação e que logo os enviaria para Pequim, com o apoio dos seus funcionários e com petição feita de sua própria mão para imperador, a fim de que estes pudessem obter o cargo de mandarim ou rendas, como assim o desejassem. A resposta dos jesuítas foi:

*com palavras genéricas, porque embora viesse com tantos oferecimentos, sabíamos que estes Eunucos pela maior parte são gente baixa cobiçosa, e com razão receávamos não fosse tudo interesse próprio e esperanças vãs, com que nos deixasse a perder tudo nosso intento, vendo-se frustrado delas, pois não trazíamos coisa de importância para dar-lhe, como temíamos esperava; e assim a resposta não foi resoluto, até consultar alguma boa resolução<sup>66</sup>.*

Na ocasião, um dos mandarins da cidade de Nanquim era amigo dos membros da Companhia de Jesus. Os religiosos reunidos deliberaram que o Pe. Matteo Ricci o

<sup>64</sup> Ibidem, p. 16v.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 18v.

visitasse, com um presentinho (conforme o uso da terra) e dar-lhe conta deste negócio, e a lhe pedir conselho do que havia de fazer<sup>67</sup>.

O parecer dado pelo mandarim não foi o dos mais alentadores. O mandarim registrou o seu pesar, dos religiosos terem encontrado pelo caminho aquele eunuco, que era conhecido pela sua *baixeza, cobiça e ruim modo de proceder não se poderia esperar coisa boa, nem cumprir coisa nenhuma das que prometia, e que seu intento havia de ser cobiça, que estivéssemos advertidos de tomar o mínimo que pudéssemos dele*. Aconselhava cautela, afirmando que não convinha recusar o que lhe era oferecido, devendo os jesuítas mostrar cordialidade e simpatia, porque este poderia impedir a passagem, além de tomar o que levavam para o imperador sem *fazer caso de nós, sem ninguém poder ajudar, por não estar ele sujeito a nenhum Mandarim*<sup>68</sup>.

O conselho pareceu acertado e era inevitável seguir este jogo. Os jesuítas acertaram com o eunuco e passaram para a embarcação dele, o qual manifestava, mais uma vez, o desejo latente de levar os presentes ao imperador. Os religiosos recusaram, de forma estratégica, a separarem-se dos objetos que levavam. A princípio, o eunuco fez grandes banquetes e festas, a fim de agradar aos missionários, tendo como intenção que estes viessem a ofertar-lhes *algumas pedras preciosas que alguns para lhe agradarem em algumas coisas que dele pretendiam lhe haviam dito que trazíamos*<sup>69</sup>.

O eunuco perdeu a esperança de receber algo dos jesuítas. Isto fez que ele alterasse o tratamento em relação aos mesmos, passando a lidar com frieza. Passado quinze dias, o eunuco solicitou a gente de sua casa que despachasse os religiosos, com petições endereçadas ao imperador, dando conta de como havia encontrado os mesmos pelo caminho.

A viagem prosseguiu. No decorrer do percurso os missionários foram bem tratados por todas as vilas e cidades por onde passavam, recebendo alimentos da população local. Já nas proximidades de Pequim, as embarcações ancoraram e os religiosos ali permaneceram, sendo guardados por sentinelas, como normalmente se fazia com os mandarins importantes e principalmente porque levavam presentes para o imperador. Os funcionários do eunuco passaram a Pequim para dar petição a Wanli. Esperava-se que o despacho do imperador viesse dentro de quatro dias. Todavia, a resposta não veio o que constrangeu os religiosos que imaginavam ser prontamente recebido.

Depois de quinze dias aguardando no lugar, o eunuco chegou com os tributos que havia recolhido para enviar ao rei. Vinha com uma quantidade enorme de embarcações e aquela que ele seguia era totalmente diferente das europeias. Diego Pantoja registra que era: *ao modo de casa muito alta, toda repartida com aposentos e salas muito altas, cheias ao redor de divisões, com encerados de velas de seda, com muitas figuras, e no seu entorno toda com corredores, para passear e andar, sem ter necessidade de entrar por dentro*<sup>70</sup>. A parte externa era coberta por uma substância viscosa como verniz, conhecido como charão, que dava um efeito brilhante, durável e vistoso, o que valoriza as diversas figuras que

<sup>67</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 19-19v.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 19v.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 22.

pintavam para decorar a embarcação. Na parte superior havia janelas, paredes e aposentos que eram adornados com molduras de laços e flores em relevo, umas douradas, outras conforme pedia de diversas cores. O piso era de tábuas onde também se aplicava o charão o que dava um efeito lustroso. A embarcação era da largura aproximada de uma galera e possuía remos que eram utilizados para as ocasiões em que faltava vento. A comitiva vinha em meio a muita música de trombetas, tambores e festas, e outros ornamentos, que apontavam para a distinção do eunuco.

Este, por sua vez, reiterou o pedido de despacho junto ao imperador, sem obter retorno a sua demanda. Diego de Pantoja ponderava que apesar de ser verdade que algumas vezes o imperador não despachava por:

*esquecer devido a confusão, por serem infinitas as petições que de todo o reino lhe dão a cada dia, mas o comum é, que quando não despacha, isto serve por resposta, o de não querer fazer, o não gostar do que lhe propõe, e por isto como não saiu despacho ficou o Eunuco mais desgostoso de se haver metido neste negócio<sup>71</sup>.*

Ao vislumbrar um cenário pouco favorável às suas intenções, o eunuco afastou-se dos religiosos, evitando tratar com os mesmos e definiu para que fossem vigiados de dia e de noite. Esta situação durou três meses, até que o imperador mandou ao eunuco ordens para que este visse com os presentes que os missionários traziam. A manifestação do imperador Wanli causou alegria e o eunuco foi a embarcação dos jesuítas, acompanhado de muitos mandarins pequenos, como por testemunhas e apoderou-se de todas as coisas e as levou consigo.

A ação foi truculenta e o eunuco advertiu que não escondessem nada das *coisas preciosas* que traziam, pois o imperador poderia ficar desgostoso se soubesse que portavam alguma coisa de valor e lhe não ofereciam. O eunuco deu conta ao imperador do que havia recolhido, mas este não deu resposta, dando demonstração de que os presentes não eram coisa de importância. Tal situação se configurou desconcertante para os missionários, porque não podiam ir Pequim, nem tampouco tinham autorização para retornar.

O eunuco, necessitando da embarcação onde se encontravam os religiosos, mandou que estes mudassem para uma casa dentro da cidade, e aguardassem ali, por algum despacho. A mudança foi feita com satisfação, segundo Pantoja, pois tal condição permitia que celebrassem missa, da qual tinham estado privados durante meses. Em terra firme, ergueram um altar e passaram a celebrar.

Contudo, o eunuco não se dissuadira da ideia que os missionários portavam alguma coisa de valor, apesar dos religiosos negarem. De maneira intempestiva foi à casa dos religiosos, com muita gente, como se fosse os *visitar de paz*. Os religiosos não imaginavam qual era o interesse do eunuco. No decorrer da visita, este começou a falar pondo *grande medo, como sendo estrangeiros nos havíamos atrevido a vir até ali, sem licença do rei, e que do palácio o haviam avisados outros Eunucos, que tínhamos outras muitas coisas, e não queria-*

<sup>71</sup> Ibidem, p. 23v.

*mos manifestar, nem dar ao rei*<sup>72</sup>. Em seguida, o eunuco ordenou que tomassem toda a roupa que os religiosos tinham em quatro, ou cinco caixotes, e lançaram-na num pátio.

Ao vasculhar entre os pertences dos religiosos, o eunuco encontrou uma caixa com um crucifixo dentro, tropeçando ao apanhar a peça, o que causou aos missionários grande satisfação. Com o crucifixo na mão, o eunuco a olhar *o Cristo nosso Senhor ensangüentado e chagado, muito formoso e aprazível aos nossos olhos e coração, mas muito estranho, e muito escandaloso aos seus*. Curioso indagou: *que coisa era aquela?* Os jesuítas responderam prontamente dizendo que aquele era *o verdadeiro Deus que criou o céu e a terra, a quem todo o mundo devia adorar, que por nossos pecados, e para nos dar vida, havia morrido, e depois por suas próprias virtudes ressuscitou e subiu ao céu*<sup>73</sup>.

Diego de Pantoja registrou na sua carta que o eunuco não ouvia as explicações que davam, pois parecia que era *desvario adorar um Deus, aos seus olhos morto; tornou a olhar com atenção*. A conclusão do religioso, após refletir sobre assunto, era que o eunuco imaginava que os europeus *eram homens muito ruins, pois com tanta desumanidade trazíamos uma figura humana, maltratada, cravada em uma cruz, e cheia de sangue, como aquela, e que aquilo não era outra coisa senão algum feitiço para matar o rei*<sup>74</sup>.

Este constrangimento, imposto aos religiosos, fazia que se animassem a lutar ainda mais pela defesa da fé católica. O eunuco e os mandarins da comitiva determinaram que deixassem ali *aquele homem crucificado, e que já que estávamos na China, nos conformássemos em todo com eles, porque caso tivéssemos aquilo, não se atreveriam a falar em nosso favor, por andar fama que era para matar o rei*. Prontamente, o irmão chinês que estava presente na cidade se manifestou *dizendo que aquele era o verdadeiro Deus, porque não somente nós, mas ele que era China morreria antes que negar-lhe um ponto*. Tal manifestação causou espanto pela forma resoluta que falava em morrer, *coisa aos Chinas tão aborrecida, ainda que de palavra*. Por fim, o eunuco determinou que o crucifixo fosse escondido e continuou a fazer ameaças, lembrando que aceitando o imperador ou não os presentes, os religiosos seriam lançados *fora do reino, como a homens ruins, dando uma petição ao rei contra nós*<sup>75</sup>.

Nos meses seguintes, os religiosos ficaram confinados na casa, que não tinha uma boa estrutura e teve todas as portas fechadas com cadeados. A vigilância era constante e o irmão jesuíta chinês não podia sair de casa sem que fosse acompanhado de um guarda. Passados dois meses e meio, o eunuco deu mostras de um tratamento mais adequado aos jesuítas. O motivo era que o imperador, que todos imaginavam que não gostara da presença dos religiosos, perguntou aos seus funcionários onde estavam os estrangeiros que há alguns meses diziam que traziam imagens e uns sinos que por si se tocavam, como chamavam aos relógios. Indagara porque os presentes não foram enviados logo. O eunuco ao saber de tal desejo do imperador comunicou imediatamente aos missionários, mandando que estes fossem a Pequim e levassem os presentes, que o eunuco tinha

<sup>72</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>73</sup> Ibidem, p. 28-28v.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 29v-30.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 30-30v.

tomado e agora remetia. Para a conclusão da viagem foi dado todo o apoio necessário por intermédio de um mandarim que os acompanhou.

No que dizia respeito aos presentes, aqueles que presenciaram a reação do imperador, relataram aos jesuítas que este ficara admirado e alegre, porque todos os mimos eram novidades e que o mesmo não tinha visto nada igual antes. Examinou tudo com vagar e mandou que os seus funcionários levassem os religiosos ao palácio e indagasse *que coisa era aqueles relógios, e que para andar bem concertado o que havia de necessário?* Os jesuítas responderam o que eram aqueles relógios e foram ao palácio. Logo em seguida, o número de pessoas que ocorreu para vê-los foi grande, porque *estrangeiros não era coisa comum na China*, sendo necessário que os funcionários abrissem espaço entre as pessoas para que eles entrassem<sup>76</sup>.

Instalados em um cômodo do palácio, um eunuco acompanhado de outros se apresentou dizendo que o imperador o mandara perguntar como *manejávamos e concertávamos aqueles relógios*. Observaram a demonstração que os religiosos fizeram, e estes salientaram que era preciso indicar alguém com habilidade e facilidade para aprender que em *dentro de dois, ou três dias saberia concertá-los*<sup>77</sup>.

No que dizia respeito às imagens estas foram colocadas em uma sala aonde a rainha principal haveria de fazer reverência. Segundo fora relatado, o imperador *não se atrevia a tê-las perto de si, porque tinha medo, parecendo-lhe que estavam vivas*. Os eunucos também fizeram várias perguntas sobre as coisas da Europa, tais como: *se havia rei, que modo de vestir trazia, e que modo de chapéu, porque na China fazem grande diferença a vestimenta do Rei dos pés a cabeça, e da dos demais, e se havia alguma figura lhes mostrássemos*<sup>78</sup>.

Os jesuítas traziam consigo uma imagem que foi apresentada, na qual constava o papa com sua tiara, o rei com suas insígnias, posto de joelhos, diante do nome de Deus. Destacando que aquela era *três maneiras de reis, a que todos reverenciavam (como ali se via) ao verdadeiro Deus, que criou o céu e a terra, cuja imagem lhe havíamos dado*. Como a imagem era pequena, o imperador Wanli solicitou que fossem feitas cópias maiores e coloridas.

A curiosidade dos chineses era acentuada, principalmente após a notícia que os religiosos receberam da morte de Filipe II de Espanha, ocorrida em 1598. Indagavam os missionários sobre como se realizavam os enterros e como eram as sepulturas, assunto de grande importância para os orientais, que punham parte de sua felicidade *no bom modo e lugar para enterrar-se*. Os jesuítas relataram o que estava registrado na carta que informava sobre o sepultamento do monarca. O corpo de Filipe II fora colocado *numa caixa interna de chumbo (que se conserva muito) por fora uma de madeira excelente, e estas caixas metidas em um sepulcro de pedra, e para isto tinha sido edificado em uma Igreja com este propósito*. E assim outras indagações foram respondidas<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 33v.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 36.

A quantidade de novidades, segundo consta, teria alimentado o desejo do imperador de ver os religiosos. Todavia o encontro demonstraria *demasiada humanidade* o que era muito fora de seu costume. O comum era que somente os eunucos, mulheres e alguns mandarins, em situações especiais, tivessem a oportunidade de ver o imperador. Para contornar esta formalidade, Wanli mandou retratar os religiosos por dois pintores que teriam pretensamente habilidades para tanto. O resultado, aparentemente, não fora satisfatório aos olhos de Diego de Pantoja que dizia que nem ele nem o seu companheiro se reconheciam naquele retrato. Lembrava ao Pe. Luiz de Guzmán que não estava tão diferente de quando ele o conheceu, apenas:

*estava com: uma barba de um palmo, e um vestido de letrado honrado China (que ainda que largo) até os pés, e muito modesto: mas desde a cabeça é diferente do nosso, porque com esta máscara nos obriga a andar a caridade e trato desta gentilidade, até que nosso Senhor queira outra coisa*<sup>80</sup>.

Após três dias de aprendizagem, o imperador mandou pedir os relógios e que os concertassem na sua frente. Os eunucos que tinham aprendido a manusear a peça foram promovidos, por tal feito. A demonstração de estima do imperador era grande, desejando fazer dos religiosos, mandarins. Este não era o interesse deles, conforme ressaltou Diego de Pantoja, sendo apenas sua intenção dilatar a lei de Deus. Os eunucos deram prontamente conta ao soberano que os religiosos não desejavam nada a não ser dar andamento ao trabalho missionário.

Ao final deste período, veio a indagação: o que eles desejavam do imperador? A resposta foi direta: *Dizíamos que coisa de interesse nenhuma; mas que se o rei de sua mão nos desse algum lugar certo, e uma casa para morar ficamos muitos contentes. Os interesses dos jesuítas não era ter um lugar certo apenas, mas sim ter a possibilidade de circular por diferentes partes que permitisse dilatar a lei de Deus.* Todavia, sabia que não era o momento adequado de falar sobre o assunto, pois seria:

*grandíssimo erro querer falar em dar entrada para mais gente e Padres, porque era certo não aprovar nada, nem haver quem por nenhum modo se atrevesse dizer-lo ao rei, sendo muito certo perder tudo o havia sido feito; e pelo menos colocar-nos a todos fora do reino: e assim nem convinha, nem declaramos que tínhamos outros companheiros*<sup>81</sup>.

As adversidades não haviam terminado. O mandarim, notando a estima dada pelo imperador aos jesuítas, e que o eunuco havia negociado sem o conhecimento dele, ficou chateado. Apesar dos religiosos não terem culpa, foram alvo de despachos que determinavam a prisão deles, por estarem na corte e não *terem presenteado a ele, a quem de direito pertencia todo o negócio do estrangeiro. Os funcionários do mandarim foram à casa dos jesuítas*

---

<sup>80</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 38v-39.

e amarraram os moços<sup>82</sup>. O Pe. Matteo Ricci estava fora e não sofrera tal *descortesia*. Diego de Pantoja estava no palácio do imperador, e apesar dos moços tentarem avisá-lo do que estava acontecendo, aqueles foram impedidos de saírem da casa. Pantoja, totalmente desprevenido, ao retornar para casa, também ficou confinado. No dia seguinte foram levados a audiência junto ao mandarim. Na ocasião, o religioso argumentou que não estava nas mãos dele presentear o mandarim. Apesar do tratamento cordial, os religiosos foram colocados numa casa onde permaneceram por aproximadamente três meses, sendo visitado por outros mandarins.

O mandarim, que aprisionara os religiosos, escrevera um memorial ao rei dizendo que os tinha sob sua responsabilidade, e que como os religiosos tiveram bom intento em servir o imperador, este deveria fazer algum favorecimento, como:

*dar insígnias de Mandarins, e pagar-nos o que havíamos dado abundantemente, mas que era razão enviar-nos logo para nossa terra, ou a Cantão (onde até então havíamos morado) porque não parecia bem estrangeiros serem moradores e terem acento na corte, entrando no palácio do rei cada dia, coisa tão fora dos costumes<sup>83</sup>.*

Em parte Diego de Pantoja concordava, pois não era comum que os estrangeiros pousassem e dormissem no palácio. Entretanto, temia que tivessem problemas com esta solicitação e assim o que havia sido conquistado em vinte anos se perdesse rapidamente.

O imperador não deu resposta ao mandarim, que reiterou as suas solicitações, sem obter o que desejava. Diego de Pantoja conjecturava que talvez fosse interesse do imperador que não retornassem para suas terras, *a dar novas de seu reino, como já fizeram com um Turco que aqui esta a mais de quarenta anos<sup>84</sup>.*

O tempo passava e depois de quase três meses sem resolução do caso, face à ausência de qualquer manifestação do imperador, daquilo que os jesuítas pretendiam, estes pediram autorização para sair da casa e passarem para uma outra casa. Ali ficariam esperando as ordenações do imperador, como de fato ocorreu, recebendo sustendo do imperador.

Muitos mandarins, tendo conhecimento da fama dos religiosos e de que eles estavam em nova moradia, passaram a visitá-los, com frequência, levando presentes e fazendo inúmeras perguntas, pois os religiosos tinham a fama de *saber sobre todas as terras e coisas e costumes do mundo das materiais e espirituais do Céu eram grandes, e assim cada um veio a perguntar o que desejava<sup>85</sup>.*

Diego de Pantoja afirmava que apesar de ele saber pouco, comparado com aquele existente na Europa, na verdade sabia muito perante os chineses. Estes conheciam apenas das coisas daquele reino, sabendo *das coisas do Céu nada, e das demais pouco*. A título de exemplo, mencionava que um mapa que trazia, *muito formoso e grande*, foi apresentado

<sup>82</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 43.

aos mandarins como as explicações devidas sobre qual era a dimensão do mundo<sup>86</sup>. Tal fato gerou espanto, na medida em que os mandarins não imaginavam o mundo fosse tão grande, o que os levava a se manifestarem da seguinte maneira: *não somos tão grande como imaginávamos, pois aqui nos mostra que nosso reino comparada com o mundo, é como um grão de arroz, comparado com um monte grande*<sup>87</sup> Além disso, entendiam que não havia no mundo outra língua, nem livros que não fossem os seus. Causou surpresa verem que os livros que os religiosos levavam com eles eram na aparência exterior, melhores que os deles.



Mapa elaborado por Matteo Ricci

Fonte: <http://gratefultothedead.wordpress.com/2010/09/29/the-western-scientist-missionary-allowed-entry-to-chinas-forbidden-city-matteo-ricci/>

<sup>86</sup> LACH, Donald. F. *Asia in the making of Europe*, vol. I, pp. 816-821.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 43v.

O espanto também se deu em relação ao conhecimento matemático e aos relógios que os missionários faziam para presentear algumas pessoas. Nestas circunstâncias, aproveitavam para se falar de virtudes morais e das *coisas de Deus*. O número de mandarins que passaram a visitar os missionários cresceu, fazendo convite a estes para visitarem suas casas. Em pouco tempo, os jesuítas estabeleceram relações cordiais com os mais importantes mandarins de Pequim, dispostos a favorecê-los. Inclusive do mandarim que no passado havia feito a prisão deles, o que levava Diego de Pantoja a registrar: *com este bom sucesso nos fez nosso Senhor esquecer de todo o passado*<sup>88</sup>. Até aquele momento, os religiosos não tinham nenhum despacho, nem resolução do imperador, mas ficavam contentes de permanecerem em Pequim, *porque embora com esta nossa vinda não alcançamos tudo o que desejávamos, nossa estada aqui firme esperamos há de ser de muito serviço para nosso Senhor, e bem desta missão*. Esta era a situação a nove de Março de mil e seiscentos e dois anos<sup>89</sup>.

Na parte final desta primeira parte da missiva, Diego de Pantoja dedicou-se a dar de forma breve notícias sobre o Celeste Império. O foco da sua narrativa, além de fazer um registro cultural, é apontar *para muitas coisas que grandemente lhe facilitam e ajudam para serem Cristãos, e outras muitas que os impedem e a retardam*<sup>90</sup>. Para o religioso, os chineses eram de boa compreensão e facilmente aprendiam. Além disso, não havia nenhum tipo de proibição de seguir o catolicismo. Entretanto, havia os bonzos que dominavam a maioria da população e que gozavam de baixo prestígio na China. Segundo o religioso, o cuidado que aqueles tinham era o de exortar as pessoas para que estas lhes dessem alguma coisa. Não pregavam a adoração dos ídolos, nem que a população deveria servi-los. Os que faziam tais práticas nem sempre demonstravam afeto. Isto poderia ser uma facilidade para seguir a Lei de Deus. Em contrapartida, havia a barreira de que o cristianismo era coisa de estrangeiro, e como tal, tão odiosa na China. A dificuldade de aceitar elementos alheios à cultura chinesa, em qualquer segmento da sociedade, tinha feito que as portas ficassem fechadas aos pregadores do Evangelho. Até então, não se tinha descoberto os meios mais adequados para abrir caminho, o que por vezes parecia impossível.

Uma barreira que se impunha ao cristianismo era os chineses terem propensão para ouvirem *coisas da outra vida, e de sua imortalidade e salvação, ou condenação da alma*. Diego de Pantoja estranhava os chineses não terem um deus que reverenciassem *falso, ou verdadeiro, e temer-lhe, ou amar-lhe, ou recear, ou imaginar o que depois desta vida a de ser*. Os chineses careciam deles, *pois quase todos são Ateus, sem conhecer, nem adorar Deus falso, nem verdadeiro, nem jamais dar-lhes cuidado o que depois desta vida a de ser*<sup>91</sup>.

Conforme suas observações, os letrados eram os que menos acreditavam numa divindade. Orgulhavam-se de não *crer em coisas que da outra vida, inferno, nem Paraíso, o qual tudo põem nesta vida*. Em parte, tal descrença advinha dos livros que eram utilizados na educação da população, *de uns filósofos de dois mil anos antes, a quem seguia os ensinamentos e ofereciam sacrifícios*. Em certa ocasião o religioso foi indagado sobre se

<sup>88</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>91</sup> Ibidem, p. 47v.

na Europa havia livros comparáveis àqueles que eles possuíam. Isto fazia que, os letrados não falassem *nada da outra vida, senão do bom governo e virtudes morais*. Por decorrência, imaginavam que era possível viver *sem crer que pode haver outra coisa*. Disto advinha uma série de vícios, que segundo Pantoja, estavam em  *muito crescimento com a fartura, abundância e fertilidade dela*. Isto dificultava levarem *o julgo de Cristo*, embora fosse suave. A grande questão era a interdição de terem tantas mulheres que pudessem sustentar, entre outras coisas<sup>92</sup>.

Todavia, paulatinamente alguns costumes eram alterados. As residências de Cantão e Nanquim mostravam que a pregação tivera efeito com o surgimento de alguns cristãos que procediam *com muita inteireza, firmeza e fervor*. Na província de Cantão o número de batizados era crescente e os exemplos que os convertidos davam era significativo, sendo alguns deles mandarins os quais demonstravam padecimento e buscavam persuadir outros para que abraçassem ao cristianismo.

O êxito da pregação poderia também ser notado entre as mulheres. Era difícil naquela sociedade estas ficarem longe dos homens, não sendo comuns estas se apresentarem em público, nem para parentes. Atribuindo a intervenção divina, sem dar maiores explicações, o religioso afirmava que muitas tinham sido batizadas e que mesmo não podendo comparecer às missas nos domingos e festas, elas se reuniam diante de uma imagem, e ali ficam fazendo oração e rezando, e tratando as coisas de Deus. Os homens participavam das celebrações conforme a sua vontade, sendo que muitos deles retornavam as suas casas e repetiam as suas mulheres e filhas, os rituais católicos, demonstrando serem verdadeiros cristãos.

O grande problema que poderia acontecer se as portas da China fossem abertas era o número de missionários necessários para o trabalho de evangelização. Dizia Diego de Pantoja, *sem exagero nenhum, são necessários a metade dos religiosos de toda Europa, para poder acudir a tantas cidades, vilas e lugares, e a tanta imensidão de gente como há*. Apesar da maioria do gentio ter as esperanças depositadas nesta vida, há muitos mandarins importantes que discutiam sobre as:

*coisas de virtude, e assim muitas vezes se juntam como em confrarias a tratar dela; e o mais importantes fazem práticas, e entre si conferências persuadindo-se uns aos outros, e dando médios para governar bem, e seguir a virtude, e sem dúvida quanto mais vimos disto e o fervor nos Cristãos, tanto mais quebra o coração de ver-los tão desamparados, para lhes acudir com o remédio necessário*<sup>93</sup>.

Diego de Pantoja, como outros jesuítas anteriormente haviam demonstrado, manifestava o desejo ardente de abrir as portas da China para a fé católica. O religioso tinha consciência de que o seu relato causaria um grande impacto, na medida em que apresentava novas informações para os europeus, principalmente no que dizia respeito à capital do império europeu e aos costumes dos chineses.

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 48-48v.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 54.

A partir da viagem de Matteo Ricci e Diego de Pantoja o processo de evangelização da China teve novo impulso, permitindo novas interlocuções entre a Europa e a China. O número de cristão tendeu a aumentar principalmente entre a camada letrada onde o cristianismo conseguiu uma maior abertura. Paulatinamente os jesuítas foram se estabelecendo em outras partes do império, ampliando o número de missionários e seguidores da fé católica. Após a sua morte, terá início uma série de controvérsias em relação ao método de evangelização praticada nas terras orientais. Outras ordens religiosas e membros da própria Companhia de Jesus discordaram da forma como o trabalho missionário. A despeito dos embates que aconteceram, a entrada de Matteo Ricci e Diego de Pantoja em Pequim abriram as portas da capital do Celeste Império para o cristianismo.

O texto de Diego de Pantoja é especial por ser um dos primeiros registros a sugerir que para o avanço do cristianismo seria necessário ampliar o grau de tolerância em relação aos ritos chineses. Era preciso ter paciência e agir com sabedoria no que dizia respeito aos valores morais e éticos definidos pelo confucionismo<sup>94</sup>. O catolicismo deveria penetrar de forma menos impositiva que em outras regiões para que pudesse surtir os efeitos desejados. Diego de Pantoja, de forma direta, apontava para o fato de que a evangelização do povo chinês impunha aos religiosos a revisão das estratégias tradicionais de missão. Era importante, antes que qualquer trabalho missionário fosse empreendido, compreender a realidade daquele povo e ter consciência e habilidade para lidar com os chineses. Tal conhecimento prévio poderia facilitar o processo de evangelização. Em suma, podemos dizer que Diego de Pantoja no seu registro acenava para um problema que se impunha, as diferenças culturais entre a Europa e a China. Passados mais de quatrocentos anos, conquistas foram feitas e o mundo se tornou cada vez mais integrado numa grande rede de trocas. Porém, as diferenças culturais persistem e a compreensão da diferença continuar a ser um grande desafio para ambas as partes.

---

<sup>94</sup> ARAÚJO, Horácio Peixoto de. “Processo de aculturação e métodos missionários no Império da China” In: *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente, op. cit.*, p. 100.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Jorge M. dos S. *Um porto entre dois impérios: estudos sobre Macau e as relações luso-chinesas*. Macau: Inst. Português do Oriente, 1999.
- ARAÚJO, Horácio P. de. “Processo de aculturação métodos missionários no império da China”. Comunicação In: *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*. Lisboa: Brotéria/Fundação Oriente, 2000, pp. 83-101.
- BARRETO, Luís F. *Os descobrimentos e a Ordem do Saber*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- BARRETO, Luís F. *Fernão Mendes Pinto e os mares da China*. Lisboa: CCCM, 1997.
- BARRETO, Luís F. “Macau, Fronteira Cultural (1560-1660)” In: ALVES, Jorge M. dos Santos (coord.) *Portugal e a China. Conferências no II Curso Livre de História das Rela es entre Portugal e a China (séculos XVI-XIX)*. Lisboa: Funda o Oriente, 1999, pp. 67-81.
- BARRETO, Luís F. *Lavrar o Mar. Os Portugueses e a Ásia c. 1480-c. 1630*. Lisboa: CNCDP, 2000.
- BARRETO, Luís F. *Macau: Poder e Saber. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.
- BOXER, Charles R. *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1770: factos e lendas de Macau antigo*. Macau: Funda o Oriente, 1990.
- BOXER, Charles Ralph. *Estudos para a história de Macau*. Lisboa: Funda o Oriente, 1991.
- BROCKEY, Liam M. *Journey to the East – the jesuit mission to China 1579-1724*. Cambridge: Havard Univ. Press, 2007.
- BURKE, Peter e HSIA, Ronnie Po-chia (orgs.). *A tradu o cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.
- CARVALHO, Joaquim de. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*. Coimbra: Univ. de Coimbra, 1947.
- CHANG, Tien-Ts . *O comércio sino-português entre 1514-1644: uma síntese de fontes portuguesas e chinesas*. Macau: Inst. Português do Oriente, 1997.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representa es*. Lisboa: Difel, 2002.
- CORREIA, Pedro L. R. *A concep o de missiona o na Apologia de Valignano*. Lisboa: CCCM, 2008.
- CORTESÃO, Armando. *Primeira Embaixada européia   China*. Lisboa: Seara Nova, 1945.
- COSTA, João P. Oliveira e. “Pastoral e Evangeliza o”. In: *História Religiosa de Portugal* (dir. Carlos Moreira Azevedo), 2 vols., Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 255-313.
- COSTA, João P. O. e. *A Descoberta da Civiliza o Japonesa pelos Portugueses*, Lisboa: Inst. Cultural de Macau/Inst. de História de Além-Mar, 1995.
- COUTO, Diogo. *Da Ásia de Diogo do Couto. Dos feitos, que os portugueses fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1788.
- D’INTINO, Raffaella (ed.). *Enforma o das Cousas da China. Textos do Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1989.
- FAIRBANK, John K. e GOLDMAN, Merle. *China – uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

- FRANCO, José E. *Apologia do Japão*. Lisboa: CCCM, 2007.
- GARCIA, José M. *Viagens dos Descobrimentos*. Lisboa: Presença, 1983.
- GERNET, Jacques. *Le monde Chinois*. Paris: Armand Colin, vol. II, 2005.
- KAI, Zhang. *Diego de Pantoja y China (1597-1617)*. Pequim: Editorial da Biblioteca de Beijing, 1997.
- LACH, Donald F. E VAN KLEY, Edwin J. *Asia in the Making of Europe*. Chicago: Univ. of Chicago Press, III volumes, 1993.
- LOMBARD, Denys. “A Eurásia nas Vésperas do ‘Momento’ Português”. In: MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.). *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, vol. 1, t. 1, 1998.
- LOPES, António, S. J., *Heróis da Missão. Em 500 anos de evangelização portuguesa*. Fátima: [s.e.], 1995.
- LOUREIRO, Rui M. *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.
- LOUREIRO, Rui M. *Nas Partes da China*. Lisboa: CCCM, 2009.
- MAGALHÃES, Gabriel de. *Nova Relação da China*. Macau: Fundação Macau, 1997.
- PINA, Isabel. *Jesuitas Chineses e mestiços da missão da China (1589-1689)*. Lisboa: CCCM, 2011.
- PINA, Isabel. *Os jesuitas em Nanquim (1599-1633)*. Lisboa: CCCM, 2008.
- PIRES, Benjamim Videira. *A viagem de comércio Macau-Manila, nos séculos XVI e XIX*. Macau: Imprensa Nacional, 1971.
- PO-CHIA HSIA, Ronnie. *The World of Catholic Renewal (1540-1770)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- PO-CHIA HSIA, Ronnie. “A missão católica e as traduções na China, 1583-1700” In: BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Pulo: Editora Unesp, 2008.
- PROSPERI, Adriano. “O Missionário”. In: VILLARI, Rosario (Org.). *O homem barroco*. Lisboa: Presença, 1995.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Um Mundo em Movimento. Os Portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*. Algs: Difel, 1992.



# NOTAS MÍNIMAS SOBRE OS “PAPÉIS DE D. FRANCISCO MASCARENHAS”, PRIMEIRO CAPITÃO GERAL DA CIDADE DE MACAU. 1623-1626

João Abel da Fonseca

## I – Introdução

A publicação, em 2009, das *Fontes para a História de Macau no séc. XVII*<sup>1</sup>, pelo Centro Científico e Cultural de Macau, trouxe à comunidade académica a possibilidade de, mais facilmente, aceder a um precioso acervo, essencial para a melhor compreensão da história daquele território sob administração portuguesa, nomeadamente, no período em que D. Francisco Mascarenhas, primeiro Capitão Geral da cidade de Macau, exerceu funções, entre 17 de Junho de 1623 e 19 de Julho de 1626.

O singelo bosquejo, que ora apresentamos, pretende tão-só evidenciar, uma vez mais, a importância da documentação reunida no que corre como «Papéis de D. Francisco Mascarenhas», manuscritos que integram um códice da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, sublinhando algumas passagens dos textos publicados, e quiçá motivando uma investigação mais aturada dos mesmos.

Quando Oscar Wilde escreveu um dia que «o patriotismo é o vício das nações»<sup>2</sup> traduziu, por certo, o resultado da sua análise sobre o que a historiografia, daquele seu tempo de finais do séc. XIX, vinha a produzir.

Não é difícil, ainda hoje, verificar que as mais recentes investigações realizadas pelos historiadores têm dificuldade em fazer-se incorporar nos manuais do ensino da História, já por contrariarem, muitas vezes, o que se definiu como uma historiografia nacionalista, já porque a sua divulgação não é compatível com a cultura e as mentalidades, que só são assimiláveis no tempo longo.

A publicação de fontes ganha, deste modo, uma importância especial, por um lado porque permite o seu estudo a um mais alargado universo de especialistas e, por outro, porque estende a um público mais vasto, pela sua leitura, a percepção de outras realidades, testemunhadas em desconhecidos acervos documentais, que as consubstanciam.

Impõe-se, assim, fazer realçar o mérito de todas as instituições que se empenham em trazer a lume os documentos, publicando fontes, no caso em apreço o Centro Científico e Cultural de Macau e, mormente, quando o fazem acompanhar de competente introdução, tal foi o caso, pela mão de Elsa Penalva<sup>3</sup>. Lançado o desafio não tardarão as

---

<sup>1</sup> Vd. *Fontes para a História de Macau no séc. XVII*, introdução por Elsa Penalva e transcrição e revisão por Elsa Penalva e Miguel Rodrigues Lourenço, Lisboa, CCCM, 2009.

<sup>2</sup> Cf. Oscar Wilde, *Phrases and Philosophies for use of the Young*, London, 1896. [“Patriotism is the vice of nations”].

<sup>3</sup> Cf. Elsa Penalva, “Introdução” in *Fontes para a História de Macau no séc. XVII*, edição de Elsa Penalva e Miguel Rodrigues Lourenço, Lisboa, CCCM, 2009, pp. 13-30.

oportunidades suscitadas para que a comunidade académica responda com mais estudos sobre a documentação posta à sua disposição. É, pelo menos, o que se espera e deseja, e o que este pequeno trabalho pretende significar como modesta contribuição.

Não foi Darwin, como erradamente corre, que na sua teoria veio alguma vez a escrever que «não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças», contudo, o pensamento encerra uma conclusão que não andar, na mais das vezes, muito longe da verdade. Vejamos então o desenvolvimento de algumas destas considerações introdutórias no que titulámos de “Notas mínimas sobre os «Papéis de D. Francisco Mascarenhas», primeiro Capitão Geral da Cidade de Macau. 1623-1626”, não sem que antes, e muito brevemente, realizemos uma contextualização acessória que julgamos necessária, já que a histórica se pode considerar já bastamente efectuada na supracitada introdução. Aproveitando a inclusão no presente volume de fontes de alguns documentos provenientes da Colecção «Jesuítas na Ásia», como bem sabemos existente na Biblioteca da Ajuda, não deixaremos ainda de nos socorrer de alguns deles.

Maquiavel escreveu *O Príncipe* há 500 anos, muito embora a obra só tenha sido publicada, em 1532, depois da sua morte, ocorrida em 1527. Sabemos que foi redigida na sua casa de campo de Sant’Andrea, em Percussina, nos arredores de Florença, onde cumpriu um desterro resultante da queda da República, em 1512, altura em que foi destituído do seu cargo de Secretário da Segunda Chancelaria, quando os Médicis retomaram o poder. Se é certo que foi a este seu trabalho que se atribuiu a classificação de *opus magnum*, não será menos verdade que é impossível esquecer os seus *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, em que o consagrado autor giza um novo modelo republicano de governo da Cidade. De qualquer forma «o que *O Príncipe* ensina ao governante é como adaptar-se às circunstâncias para conservar o seu poder – legítimo ou ilegítimo –, por meios lícitos ou ilícitos. E o que os *Discorsi* alegam é que tudo é permitido – incluindo o crime – pelo bem da pátria»<sup>4</sup>, não esquecendo que estes últimos foram redigidos em plena crise da Cidade, em 1517.

Maquiavel pensava, «o que não deixou de alarmar os espíritos do seu tempo e, concretamente, o seu colega Guicciardini, que a disputa entre os cidadãos era um sintoma positivo da vitalidade urbana, de uma cidadania ‘forte’ e em ‘crescimento’, que era o motor de desenvolvimento da sociedade»<sup>5</sup>, negando que o objectivo destas fosse o de manterem um regime inalterável. Neste modelo de governação da cidade, proposto pelo autor de *O Príncipe*, visa-se um meio de proporcionar grandeza e riqueza à República dotando coesão à colectividade, se bem que na sua ética – o reverso da ética cristã –, as virtudes que exalta não raro apareçam associadas à ambição, à crueldade, ao engano e à mentira, em oposição às recomendadas nos *Espelhos para os Príncipes* da época – a honradez, a justiça e a benevolência.

<sup>4</sup> Cf. Maria José Villaverde, “Las manos sucias de Maquiavelo” in EL PAÍS, N° 13156, sábado, 6 de julio de 2013, p. 33.

<sup>5</sup> Cf. Álvaro Moral García, “Las ciudades de Maquiavelo” in EL PAÍS, N° 13184, sábado, 3 de agosto de 2013, p. 29.

A dinâmica conflitual instalada em Macau na década de 1620 reflecte, quanto a nós, em boa parte, o enunciado daqueles princípios, resultante dum projecto de iniciativa mercantil privada que evoluiu, desde o acordo de 1578, entre os moradores da cidade, os mercadores e os Jesuítas, como bem aponta Elsa Penalva, acolhida ao que Luís Filipe Barreto já sublinhara, no que concerne ao apoio financeiro dos primeiros, «em troca dos serviços da elite intelectual e da diplomacia dos missionários»<sup>6</sup>, numa «parceria estratégica [em] que os dois grupos sociais conseguem garantir a sustentação e a sobrevivência da cidade no período compreendido entre 1621 e 1627»<sup>7</sup>. E, tudo isto, «num contexto marcado pelas oportunidades geradas por Manila, pela concorrência económica chinesa, japonesa e holandesa, pelo reforço do controlo burocrático e militar e do reordenamento da estrutura administrativa da China Ming, bem como pela intervenção político-administrativa e militar dos Habsburgos»<sup>8</sup>, como bem se pode concluir na Introdução que vimos a seguir, na síntese que se apura do estudo de Jorge Santos Alves.

A realidade com que nos confrontamos já foi sobejamente analisada por Luís Filipe Barreto ao escrever: «O Estatuto de Macau Ming é o de um território chinês onde existem duas comunidades-chave, a chinesa e a portuguesa, onde operam duas administrações oficiais, a chinesa e a portuguesa. Aparelhos burocráticos de duas Coroas que não possuem entre si relações diplomáticas.

Duas administrações que, tal como a restante sociedade Macau/Haojing, tendem a existir na esfera própria das suas populações e interesses. Tendem para uma situação de paralelas, mas cruzam-se constantemente, nos assuntos fiscais, cívicos, criminais, porque Macau e Haojing, a cidade cristã e a cidade chinesa, são duas faces de um mesmo rosto e corpo»<sup>9</sup>.

Impõe-se, deste modo, perceber como sucessivamente se vão restabelecendo os necessários equilíbrios que potenciam e garantem a sustentabilidade da governação, dentro de uma nova óptica, em que «domínios habitualmente inscritos no plano temporal, nomeadamente do foro político-diplomático e militar»<sup>10</sup>, se vêem sustentados pelo entendimento entre os Jesuítas e uma classe oligárquica de mercadores, com vista à dinamização da sociedade mercantil, que é o sustentáculo da independência económica da cidade, pelo êxito dos negócios que lhe permite a sobrevivência, lhe prolonga a estabilidade e lhe assegura a própria existência.

Recorrendo de novo ao mesmo autor: «Serviço de Deus e de Sua Majestade, espiritual e temporal, Igreja e Coroa, Padroado e Estado da Índia, Missão do Japão e Carreira do Japão, nobres e mercadores, privados e aparelhados. Categorias e instituições que queremos diferenciar, por vezes, mesmo separar quando, nos séculos XVI e XVII, são

<sup>6</sup> Cf. Luís Filipe Barreto, *Macau: Poder e Saber. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2005, pp. 136-138 e 141.

<sup>7</sup> Cf. Elsa Penalva, “Introdução” in *ob. cit.*, p. 15.

<sup>8</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 15. Vd. Jorge Santos Alves, *Um porto entre dois Impérios. Estudos sobre Macau e as Relações Luso-Chinesas*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1999, pp. 125-161.

<sup>9</sup> Cf. Luís Filipe Barreto, *ob. cit.*, p. 212.

<sup>10</sup> Cf. Elsa Penalva, *ibidem*, p. 6.

realidades não só ligadas como, em larga medida, indiferenciadas e, por vezes, mesmo unas<sup>11</sup>.

O Senado em articulação com a Santa Casa da Misericórdia é o pólo da vida empresarial e financeira de Macau, o centro logístico dos consórcios marítimos mercantis, a entidade por excelência dos empréstimos formais, gerando por isso bens próprios que até aos anos de 1630-1640, permitem exercer com autoridade de Meios a autonomia de poder local»<sup>12</sup>.

Face a uma tal estrutura social, predominantemente mercantil, não é difícil perceber como entre os diferentes grupos e entre estes e a Companhia de Jesus, vão necessariamente ocorrer, face a questões concretas do dia-a-dia, ora conflitos ora solidariedades que umas vezes o económico motiva no social, e noutras o social no económico, bem como estas tensões se vão reflectir na esfera do poder político, e por consequência na administração da cidade. É disto um exemplo bastante a chamada «contenda da Ilha Verde», ocorrida em 1621, e que vai, uma vez mais, questionar o modelo de governação<sup>13</sup>. No ano seguinte, aquando do ataque holandês, não podemos esquecer o decisivo papel dos Jesuítas na defesa da cidade, aliás, os únicos a terem dedicado atenção à construção de uma fortificação e até à organização da única milícia do território, como garante da sua defesa em caso de ataque, valorizando a vertente militar.

Acresce a estes quatro universos de poder, e por conseguinte ao alargamento do espectro destas relações, a maior intervenção do poder central filipino, logo a partir de 1615 e com maior visibilidade no período em análise, de 1623-1626, em que se ensaiou a instituição no território da figura de um novo interlocutor – o Capitão Geral, depois da falência do cargo de Capitão de Guerra e Ouvidor, que o antecederia, e que fora ocupado por Francisco Lopes Carrasco. Não podemos, também, esquecer a anterior tentativa de neutralização da acção de Lopo Sarmiento de Carvalho, Capitão-mor da Viagem do Japão, para além do envio, ainda em 1622, do Desembargador Gonçalo Mendes Homem, com direito a alçada, para combater os desmandos, e a valorização do cargo de Escrivão da Câmara, a traduzir o reforço do poder camarário, que já remontava a 1617, como bem aponta Elsa Penalva, na sua tese de doutoramento, *Lutas e Poder em Macau (c.1590-c.1660)*, de 2005.

A esta realidade institucional, que obviamente foi geradora de inevitáveis reacções por parte do poder instalado, não foi alheia uma «união de esforços no combate à diminuição da parcial autonomia macaense empreendida pelo poder central de Lisboa-Madrid»<sup>14</sup>, consubstanciada na pessoa de D. Francisco Mascarenhas através de uma compreensível intervenção político-administrativa e militar, resultante «da sua actuação atendendo às funções e preeminência que lhe foram atribuídas, das relações de poder que estabeleceu com a plural elite mercantil, e naturalmente, da resistência que a elite com

---

<sup>11</sup> Cf. Luís Filipe Barreto, *ob. cit.*, p. 158.

<sup>12</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 156.

<sup>13</sup> Cf. Elsa Penalva, *ibidem*, p. 24.

<sup>14</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 19.

acesso ao Senado, em parceria com a Companhia de Jesus, lhe ofereceu»<sup>15</sup> ao longo do mandato. E, tudo isto, tendo em atenção o bom desfecho da crise de 1621 e a vitória que «a cidade teve dos holandeses», em 1622, tão lapidarmente tratada na Relação a que se refere o Doc. nº 72 das *Fontes*<sup>16</sup> em apreço, a testemunhar «a eficácia da asiaticização dos Jesuítas e dos mercadores portugueses, na sustentação de Macau»<sup>17</sup>.

## II – “Os Papéis de D. Francisco Mascarenhas”

Agora que iniciamos o tratamento da matéria, sentimos a necessidade de sublinhar uma judiciosa advertência anotada no estudo que precede a edição das fontes sobre que ora nos debruçamos: «Na documentação referente a Macau de filiação jesuíta, camarária, ou da Coroa, a identificação desta cidade portuária, encontra-se marcada por uma duplicidade significativa, sendo, de uma forma geral, recorrentes duas designações na epistolografia. Macau é, no espaço de tempo aqui considerado, simultaneamente designada: *Macao porto [da] China e Cidade do Nome de Deos na China*. Infere-se portanto que a cidade em causa é *porto [da] China* dada a sua natureza mercantil e portuária, associada à iniciativas privada da classe mercantil, da mesma forma em que é *Cidade do Nome de Deos*, pela nobilitação que lhe foi conferida em 1586, e pela inscrição do projecto missionário jesuíta na sua vivência e memória colectiva»<sup>18</sup>.

Uma elementar consideração no estudo de qualquer cidade tem que contemplar a estrutura social, que aliás deverá merecer a atenção dedicada da administração, com vista a minorizar conflitos ou a estimular entendimentos necessários ou, pelo menos, suficientes, que possam assegurar a ordem e promover um são convívio. Nada melhor para bem se conhecer essa estrutura que recensar, tal foi o caso do que nos mostra o Doc. nº 40 das *Fontes*<sup>19</sup>, intitulado *Lista de La gente Efetiua que Ay Em esta Ciudad de Assy, Vesinos Como Estrauagantes forasteros E gente De lla tierra*, datado de 1625, e em que a estruturação se baseia numa evidente hierarquia dos seus elementos, repartidos por três grupos – «vizinhos», «extravagantes forasteiros» e «jurubaças», tomados estes como «homens da terra».

Não será despidendo sublinhar a preocupação do recensador ao terminar a lista com a indicação expressa de um total de 840 indivíduos, sendo 437 *ueçinos y estrauagantes* e 403 çurubaças, representando, por conseguinte, estes últimos pouco menos que a metade do segmento populacional masculino, sabendo nós como devem ser considerados «homens da terra», e que vinham a demonstrar já, desde alguns anos, uma posição no sentido de se verem promovidos socialmente, nomeadamente com o gozo de determinados privilégios, entendidos estes como a assumpção de uma preponderância que

<sup>15</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>16</sup> Vd. *Fontes para a História de Macau no séc. XVII, ob. cit.*, pp. 351-354.

<sup>17</sup> Cf. Elsa Penalva, *ibidem*, p. 27.

<sup>18</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>19</sup> Cf. *Fontes...*, *ob. cit.*, pp. 174-197.

não poderia, aliás, deixar de lhes ser reconhecida, como na verdade, passados dois anos, mereceram em «dignidade expressa por escrito»<sup>20</sup>.

No Doc. nº 75 das *Fontes*<sup>21</sup>, intitulado *Relação a S. C. e Real Magestade del Rey Philippe 3.º Nosso Senhor das couzas que socederão na cidade de Macáo porto da China feitas pelos moradores, e Cidadoses della no anno de 1626*, podemos assinalar outras referências que enunciaremos a “eito”, para além das já mencionadas no próprio título, tal são o caso de *moradores* e *cidadoes*. Ocorrem, deste modo, para representarem grupos que se podem considerar hierarquizados os termos: *cazados, leaes vassalos, vizinhos, melhores da terra, principaes moradores, povo, fidalgos antigos, fidalgo, homens plebeos, gentios, escravos, mercadores, estrangeiro e homem casta corea*. Ainda outros através de uma mais profunda caracterização, tais como: *homens [...] Mais experimentados antigos, [homens] principaes e Nobres que esta Cidade tem, e que servirão todos os cargos honrosos Nella e cidadoes antigos honrados, e benemeritos desta republica*.

Um estudo exaustivo das presentes *Fontes* permitiria identificar nominalmente alguns dos exemplos apontados, caracterizando melhor já as elites mercantis, já os oficiais camarários, bem como os que exerceram cargos na Santa Casa da Misericórdia – nomeadamente o de Provedor e Escrivão –, que eram designados por *Senhores*<sup>22</sup>, a par dos moradores com privilégio de *cidadão*, dos diversos tipos de mercadores e ainda os dos *homens bons*<sup>23</sup> que ocorre no Doc. nº 20, intitulado *Papeis relativos á controversia entre o Capitão Geral D. Francisco Mascarenhas e a Cidade de Macáo sobre a justiça e conveniencia de se fazer a viagem de Manila em proveito da mesma Cidade*<sup>24</sup>.

Não nos seria possível deixar de evidenciar, como identificação duma realidade transposta para o léxico sócio-político, o projecto que Macau constituía na qualidade de “República”, decorridos cerca de setenta anos sobre a data de 1557, em que se negociaram e acordaram com as autoridades chinesas os interesses convergentes e se abriram as portas ao estabelecimento do que pensamos poder qualificar de uma espécie de “Cidade-Estado”, entre dois Impérios.

Um pequeno apontamento importa ainda acrescentar para melhor se compreender a urgência em legislar na área do social, no seio desta sociedade macaense tão heterogénea, que vive numa cidade que é porto e é cais, vivendo essencialmente das trocas comerciais patrocinadas por um intenso tráfego marítimo. Falamos dum outro documento que, muito embora transponha a baliza cronológica proposta, já que é datado de 1627, vem a traduzir aquela necessidade – o *Regimento da Lingua da Cidade, e dos Jurbaças Menores e Escrevaens*<sup>25</sup>, também ele incluído, pela sua importância, nas presentes *Fontes*<sup>26</sup>, com o nº 76. Representa ele, como bem refere a autora que seguimos: «uma reavaliação do universo social de Macau, atendendo ao segmento populacional de origem chinesa».

<sup>20</sup> Cf. Elsa Penalva, *ibidem*, p. 16.

<sup>21</sup> Cf. *Fontes...*, *ob. cit.*, pp. 366-377.

<sup>22</sup> Cf. Elsa Penalva, *ob. cit.*, p. 19, nota '46.

<sup>23</sup> Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 19, nota '54.

<sup>24</sup> Cf. *Fontes...*, *ob. cit.*, pp. 84-131.

<sup>25</sup> Cf. Elsa Penalva, *ob. cit.*, p.15, nota '16.

<sup>26</sup> Cf. *Fontes...*, *ob. cit.*, pp. 378-386.

Se atrás falámos de *homens bons*, referiremos agora os designados por *eleitos* e *adjuntos*, que no círculo do Poder parecem ter já, nesta década, uma destacada proeminência. Elsa Penalva vem a concluir que: «A análise semântica e filológica destes termos [...] sugere aptidões de diagnóstico e capacidade de tomada de decisões na relação com outros poderes, bem como de reconhecida competência na mediação de conflitos, valências inequivocamente úteis à gestão governativa da cidade, frente, por exemplo, ao aparelho burocrático cantonês, ou para resolução de diferendos com o poder central de Lisboa-Madrid. Sente-se portanto, já o peso de uma elite do poder, riqueza, e saber, de inegável capacidade económica e de estadias elevadas. Uma elite plural cuja autoconsciência de grupo apenas se aferirá ser situacional ou estática, a partir do levantamento e cruzamento da informação a que agora temos acesso, com a que temos vindo a alcançar para as décadas posteriores»<sup>27</sup>.

Muito embora não seja de esperar que nos possamos vir a deter em cada um dos setenta e seis documentos recolhidos nas *Fontes* em apreço, o que ultrapassaria em muito o conceito de *Notas Mínimas*, não deixaremos de contemplar alguns que julgamos de maior significado para o estudo da História Marítima, *stricto sensu*.

Garantidamente, os seguintes: um Alvará relativo à jurisdição do Capitão-mor da Viagem do Japão; um Contrato sobre a fundição de artilharia; um Mandado sobre a chegada de um junco japonês à cidade; alguns Pareceres sobre a Viagem de Manila; uma Provisão relativa ao comércio com as Filipinas e a Nova Espanha, bem como uma outra entre o Estado da Índia e as Índias Ocidentais; um Memorial apresentado à Corte de Pequim, com o Despacho do Imperador da China e os Pareceres do *bingbu* e do *dutang*; uma Carta em nome de Filipe III de Portugal, relativa à realização de uma viagem entre Macau e Manila; um Regimento relativo ao dinheiro procedido das viagens do Japão e uma Chapa do *haidao*, intendente da defesa marítima. Ainda, por serem absolutamente fundamentais: a *Carta e regimento de Capitão Geral da cidade de Macáo a D. Francisco Mascarenhas, o Alvara de D. Francisco da Gama, Vice-Rei da Índia, relativo a competências do capitão geral de Macáo, a Carta de Guia em nome de Filipe III de Portugal, firmada por D. Francisco da Gama, Vice-Rei da Índia, a D. Francisco Mascarenhas, capitão geral de Macáo, o Auto de entrega da capitania geral de Macau por D. Francisco Mascarenhas a D. Filipe Lobo e, finalmente, a Relação do estado em que ficam as coisas nesta cidade de Macáo até esta monção de 624, por D. Francisco Mascarenhas, capitão geral de Macáo.*

### III – Conclusão

O que nos é permitido concluir, desde já, face ao exposto, e também face ao suficiente que já lemos, na linha das considerações apontadas na introdução, nomeadamente na parte em que não quisemos deixar de assinalar os 500 anos decorridos sobre a data da redacção de *O Príncipe*, por Maquiavel?

<sup>27</sup> Cf. Elsa Penalva, *ob. cit.*, p. 18, nota '44.

Na verdade, para o fazermos, não necessitaríamos muito mais do que ler atentamente o Doc. nº 75, a já citada *Relação a S. C. e Real Magestade del Rey Filipe 3.º Nosso Senhor*. Se bem que se possa considerar um libelo acusatório da acção desenvolvida pelo Capitão Geral, D. Francisco Mascarenhas, nos seus três anos de mandato, não deixa de referir com pormenor e testemunhos o muito que de indigno a sua governação comportou, pelo menos aos olhos dos reclamantes junto da real pessoa. Mas estaria D. Francisco sozinho ou haveria ressabiamento por parte daqueles que também não operavam dentro da legalidade e foram por tal punidos?

À parte a evidência histórica dos sucessos descritos na *Relação*, que não compete ao historiador julgar, não poderemos deixar de acompanhar o pensamento de Jorge Borges de Macedo quando afirmava ser a realidade uma circunstância adaptável. Era ainda o nosso saudoso Mestre que advertia para o facto de que muito embora a historiografia sectorizada estivesse quase sempre obrigada a uma hierarquia causal, não era por isso menos desejável que pudesse contribuir para uma história global dentro de coerências integrativas não causais. Neste sentido se deveria procurar levar por diante as pesquisas de que a problemática global mais necessita, nelas se incluindo «o estudo das coerências políticas dos corpos sociais, as formas diversificadas de mentalidade, as dialécticas verticais nos seus confrontos efectivos» e, por conseguinte, para além das justificações ideológicas, que assumidas no *corpus* historiográfico reduzem a História à Sociologia, se deveriam antes procurar «as convergências imediatas ou negociadas, de modo a garantir as continuidades disponíveis, formas sociais de sobrevivência. [...] O problema metodológico mais importante, e já não específico à síntese, era o de integrar numa globalidade funcionando em problemática diacrónica às histórias sectoriais, a anterioridade, as propostas novas, os projectos, os fins imediatos e últimos: se a história começa com o estudo do homem no seu caminho para pessoa em comunidade, tem de terminar com essa mesma dimensão»<sup>28</sup>.

No caso específico da História da Expansão e dos Descobrimentos caminhamos hoje, felizmente, neste sentido, não sem que persistam ainda alguns laivos de patriotismo historicista a propiciarem um não desejável rumo, nomeadamente, no que diz respeito a uma correcta avaliação da dinastia filipina.

Quanto ao caso dos Jesuítas parece-nos ser evidente que não podemos deixar de ter em consideração a sua permanente capacidade de adaptação às mudanças, muito embora se possam identificar “linhas de força” inalteráveis em casos muito concretos.

Finalmente, o contributo da reflexão sobre a obra de Maquiavel, não sem o recurso a temas que importam mais à Filosofia, embora possam ajudar à compreensão da História. «Para os seus seguidores Maquiavel personifica o realismo que se revolta contra a cegueira dos perseguidores de sonhos, dos nostálgicos de ideais impossíveis, dos incapazes de compreender o dilema que atanaza o estadista e a que só pode fazer frente aceitando a crueza da realidade. [...] É um delito perseguir o interesse geral? Perguntam os seus partidários. Desde logo, sim se para isso se sacrificam os cidadãos, se exacerba o

<sup>28</sup> Cf. Jorge Borges de Macedo, “De um para outro tempo. Em forma de prefácio” in *O Bloqueio Continental*, Lisboa, Gradiva, 1990, 2ª ed. rev., pp. 10-11.

patriotismo e se glorifica a guerra»<sup>29</sup>, não esquecendo, mesmo assim, o que cantou Horácio no seu «doce é morrer pela pátria».

Em suma, muito para além do que a história regista através dos documentos que chegaram até aos nossos dias, pensamos que nunca deixará de valer a pena ter presente, também, os contributos do pensamento greco-romano. Recordaremos, tão-só, o que aconselhava Sócrates e os epicuristas – um voltar de costas ao mundo da política e suas ruindades, se o nosso horizonte fosse o de querer alcançar a perfeição moral<sup>30</sup>. Por outro lado, acolhendo-nos à tradição estoíca encarnada por Cícero, termos a consciência do que ensinava –, que nem tudo é permitido pelo bem da república, e que há barreiras éticas intransponíveis na actuação da política. «Mas, também, que “*não há nada do que se faz na terra, que tenha maior favor junto daquele deus supremo que governa o mundo inteiro que os agrupamentos de homens unidos pelo vínculo do direito, que são as chamadas cidades*”»<sup>31</sup>.

Trouxemos aqui estes apontamentos finais para deixarmos bem claro que na referida *Relação* dirigida a Filipe III é possível identificar passos em que se contemplam estes conceitos, integrados na realidade do *Poder e Saber*, a testemunhar a existência, no seio das elites da cidade de Macau, de elementos capazes de aduzirem argumentos em que se evidenciam elevados níveis culturais, e que, obviamente foram os encarregados da redacção do texto daquela.

A terminar desejamos ainda manifestar a nossa profunda convicção de que se devem intensificar, no tratamento das fontes, os critérios metodológicos inerentes à ciência histórica, bem como reforçar o conhecimento dos conceitos que importam à Teoria da História.

A elevadíssima craveira profissional dos conferencistas deste Simpósio é o garante de que dele resultará uma contribuição positiva para o avanço das investigações históricas, efectuadas por historiadores competentes e experimentados nas áreas respectivas, com quem nos honramos de, modestamente, poder emparceirar.

Muito grato pela atenção dispensada.

<sup>29</sup> Vd. nota ‘4.

<sup>30</sup> Vd. nota ‘4.

<sup>31</sup> Vd. nota ‘5.



## IMAGENS DE MACAU NO SÉCULO XVIII DIÁRIOS DE VIAGENS PORTUGUESES

Cristina Costa Gomes\*

*“(...) esta Cidade he como hum diamante que está por pulir, e se ouver quem cultive o negocio com formalidade brilhará e se não ficará sem a merecida estimação; comtudo assim mesmo hé a milhor que Sua Magestade Fidelissima pessue n’Ázia (...)”*

Nicolau Fernandes da Fonseca<sup>1</sup>

*“He esta cidade [Macau] a milhor terra que eu vi, e segundo dizem muitos a milhor da Azia Portuguesa (...)”*

Fr. Bonifácio António de Jesus, O.P.<sup>2</sup>

### I. Nota Introdutória

Até aos nossos dias chegaram alguns relatos inéditos portugueses de viagens a Macau, realizadas no decurso do século XVIII, que se encontram disseminados em várias bibliotecas e arquivos portugueses, assim como em colecções particulares. Os textos mencionados encerram dados sobre o comércio desta cidade (nomeadamente na sua articulação com os portos da costa da Índia e com os portos malaios), o seu clima, as suas fortalezas e freguesias, os seus conventos e mesmo sobre a sua organização política e religiosa e a administração da sua justiça.

Estes relatos manuscritos e quase ignorados, ou mesmo esquecidos, encontram-se na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino, também em Lisboa, e um (da autoria de um frade dominicano), numa colecção particular, constituída após a extinção do convento dominicano de Nossa Senhora da Luz de Pedróvão Grande, em 1834.

Num primeiro momento serão apresentadas as narrativas institucionais de viagens de embaixadores, governadores, ou bispos. Estas descrições centram-se nas cerimónias de recepção destas personalidades, organizadas pelo Senado de Macau, mas não deixam de registar importantes observações sobre os ritmos da vida económica e cultural desta cidade.

Num segundo momento, serão dados a conhecer dois manuscritos inéditos, da autoria de Nicolau Fernandes da Fonseca e de Fr. Bonifácio António de Jesus, O.P. Estes

---

\* Investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>1</sup> Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), *Macau*, cx. 10, doc. n.º 2 (não numerado).

<sup>2</sup> Manuscrito de Espólio Particular, Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, 18 de Julho de 1792, fl. 11v.

caracterizam-se por uma natureza completamente distinta da narrativa institucional, dado o seu marcado cunho pessoal e vivencial, e ambos lançam novos olhares sobre Macau no último quartel do século XVIII.

Em suma, pretende-se apresentar uma visão global dos relatos de viagens de portugueses a Macau, que atravessam todo o século XVIII, e se constituem pela sua diversidade como importantes fontes para a história deste porto internacional.

## II. Os Manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa

A Biblioteca da Academia das Ciências (Lisboa) conserva, no seu acervo de manuscritos (Série Vermelha), um conjunto de cópias de relatos portugueses de viagens a Macau, realizadas ao longo do século XVIII. Na sua grande parte, os textos originais, ou versões destes, foram publicados ainda no séc. XVIII, ou nos séculos seguintes. No entanto, de uma destas cópias, feita a partir do original, que veio de Macau, não se conhece qualquer edição.

Estamos face a narrativas institucionais de viagens de embaixadores, governadores, ou bispos, que contemplam a indicação dos locais de passagem, terrestre ou marítima, dos viajantes e apontamento das respectivas datas, assim como informações sobre a recepção destes no porto de Macau. Nesta situação encontram-se os seguintes manuscritos:

1) *Jornada, que o Senhor António de Albuquerque Coelho Governador, e Capitam Geral da Cidade do nome de Deos de Macao na China, fez de Goa athe chegar a ditta cidade*<sup>3</sup>, no ano de 1718, obra escrita pelo capitão João Tavares de Velez Guerreiro, que acompanha o governador nesta viagem. Este manuscrito é, como atesta uma anotação escrita em Santarém por Fr. Luís Montês Matoso<sup>4</sup>, a 13 de Setembro de 1742, uma cópia do livro impresso na Índia por canarins. Esta foi trazida pelo padre Alberto Caetano de Figueiredo<sup>5</sup>, clérigo regular da Divina Providência, natural de Santarém, que a ofereceu a Fr. Luís Montês Matoso, quando este era seu prelado

<sup>3</sup> Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (BACL), MV, N.º 625.

<sup>4</sup> Fr. Luís Montês Matoso nasceu em Santarém em 17 de Fevereiro de 1701. Aos 11 anos estudava no colégio de N.ª S.ª da Conceição, dos padres da Companhia de Jesus, e no ano de 1715 foi admitido na Universidade de Coimbra para estudar Jurisprudência Pontifícia. Mas, não prosseguiu os seus estudos e, a 14 de Agosto de 1720, entrou na Ordem Terceira de S. Francisco, no convento de São João da Pesqueira, onde tomou o hábito com o nome de Fr. Luís de Santarém. Manteve-se na Ordem Terceira durante 17 anos. Foi arquivista, genealogista, historiador e jornalista. Faleceu a 6 de Outubro de 1750. Cf. Innocencio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo V, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, pp. 308-309.

<sup>5</sup> O padre Alberto Caetano de Figueiredo nasceu em Santarém a 24 de Maio de 1699. Foi admitido à Ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência a 8 de Abril de 1720, tendo partido a 13 do mesmo mês e ano para a Índia. Fez a profissão solene em Goa, a 22 de Setembro de 1721, onde exerceu a actividade de missionário durante 14 anos, tendo regressado depois a Portugal. Faleceu a 25 de Janeiro de 1758. Cf. D. Thomaz Caetano de BEM, *Memorias Historicas, Chronologicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal, e suas Conquistas na India Oriental*, Tomo II, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1794, p. 236.

em Lisboa, a 3 de Novembro de 1741. Uma narrativa desta jornada foi publicada, em Lisboa, logo em 1732<sup>6</sup>, e existe uma edição posterior, de 1905<sup>7</sup>;

2) *Viagem da China. Relação da Embaixada que El Rey Nosso Senhor Dom João o Quinto, no anno de 1723, mandou ao Imperador da Tartaria, e China, cujo Reinado era de Yumchim; e do que por este respeito da mesma Embaixada succedeo ao Embaixador. Alexandre Metello de Sousa, e Menezes*<sup>8</sup>, de que se conhece a edição do Visconde de Santarém, de 1879<sup>9</sup>. Este exemplar é uma cópia feita, a 20 de Julho de 1801, por Fr. Vicente Salgado<sup>10</sup>, cronista e ex-geral da Ordem Terceira, a partir de outro manuscrito pertencente a Fr. Lucas de S. Joaquim dos Paulistas, segundo prova uma nota final<sup>11</sup>;

3) *Relação do que succedeo ao Snr. Embaixador Francisco Xavier de Assis Pacheco, e Sampaio desde o dia em que sahio de Lisboa, até chegar a Macau; hida a Pekim N. Sr.*<sup>12</sup>, no anno de 1752. Este manuscrito é igualmente uma cópia, como se pode confirmar pela nota escrita em Lisboa, no convento da Nossa Senhora de Jesus da Ordem Terceira, em 8 de Maio de 1801, assinada também por Fr. Vicente Salgado. Nesta o religioso afirma que acabou de copiar “(...) este Mss. de hum exemplar bastantemente falto; e transtornado pelo Amanuense; mas que vai emendado nos accidentes, e transposições: que emprestou o Mestre Fr. Placido de Andrade Barroco<sup>13</sup> de casa

<sup>6</sup> João Tavares de Velez GUERREIRO, *Jornada que António Albuquerque Coelho, governador e capitão geral da cidade de nome de Deos de Macau, na China, fez de Goa até chegar a dita cidade no anno de 1718*, Lisboa, Officina de Música, 1732. Sobre esta jornada veja-se o estudo recente de Anabela FERREIRA, “António de Albuquerque Coelho’s Journey from Goa to Madras”, in Mary N. HARRIS, Anna AGNARSDÓTTIR e Csaba LÉVAI (edited by), *Global Encounters European Identities, V (Europe and the Wider World)*, Pisa, Plus-Pisa University Press, 2010, pp. 225-233. Ver também Rui LOUREIRO, *Guia de História de Macau 1500-1900*, Macau, CTMCDP, 1999.

<sup>7</sup> *Jornada de Antonio de Albuquerque Coelho; com uma carta*, pref. de João Feliciano Marques PEREIRA, Lisboa, Esciptorio, 1905.

<sup>8</sup> BAEL, MV, N.º 267.

<sup>9</sup> Visconde de SANTARÉM, *Abreviada Relação da Embaixada que El-Rei Dom João V mandou ao Imperador da China e Tartaria pelo seu Embaixador Alexandre Metello de Sousa Menezes*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1879. Esta embaixada mereceu um estudo de Eduardo BRAZÃO, *Subsídios para a História das Relações Diplomáticas de Portugal com a China. A Embaixada de Alexandre Metelo de Sousa e Menezes 1725-1728*, Macau, Imprensa-Nacional, 1948.

<sup>10</sup> Fr. Vicente Salgado nasceu em Lisboa a 5 de Abril de 1732. Entrou na Ordem de S. Francisco e professor no colégio de S. Pedro de Coimbra a 25 de Agosto de 1748. Aí estudou Paleografia com o padre José Pereira e foi também discípulo de Fr. Manuel do Cenáculo. Desde cedo interessou-se pela história da sua Ordem. A 13 de Junho de 1787 foi nomeado cronista da sua congregação. Cf. Innocencio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo VII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 441.

<sup>11</sup> “Copiei esta viagem de Macáo, e China de hum Mss. do R. P. M.º Fr. Lucas de S. Joaquim dos Paulistas; e a copiei bem e fielmente. Convento de N. Sr. de Jesus de Lisboa em 20 de Julho de 1801. Fr. Vicente Salgado Ex Geral e Chronista da Congregação da Terceira Ordem.” BAEL, MV, N.º 267, fls. 99-99v.

<sup>12</sup> BAEL, MV, N.º 266.

<sup>13</sup> Fr. Placido de Andrade Bocarro nasceu em Lisboa a 5 de Outubro de 1750 e morreu a 10 de Fevereiro de 1813. Professou na Ordem Franciscana a 7 de Junho de 1771 e foi eleito definidor, cronista e ministro geral da Ordem, no Capítulo de 16 de Maio de 1807. Herdou do seu irmão, Sebastião

de seu Irmão o Desembargador Barroco (...)”<sup>14</sup>. Desta embaixada conhece-se uma notícia<sup>15</sup>, publicada em 1753; uma relação editada em 1754<sup>16</sup> e uma reprodução de um manuscrito setecentista, de 1936<sup>17</sup>;

4) *Diario da Viagem de Lisboa para Macao feita pelo Ex.mo e R.mo Senhor Dom Marcelino Joze da Silva do Conselho de Sua Magestade e Bispo de Macão A Bordo do Navio Bom Jesus d’Alem No Anno 1791*<sup>18</sup> (vide Fig. 1). Este manuscrito pertenceu a Fr. Vicente Salgado, ostentando o seu ex-libris, uma vinheta colada na capa, com a seguinte inscrição: “Do Ex-Geral da Congregação da Terceira Ordem. Fr. Vicente Salgado”. Trata-se de mais uma cópia do seu proprietário, desta feita composta a partir do original, em 1793, atestada pela sua frase final: “Copiei este Papel em 1793 do Original que veio de Macau. Fr. Vicente Salgado.”<sup>19</sup> Deste diário de viagem não se conhece nenhuma edição, ignorando-se se o original que veio de Macau seria um manuscrito ou um impresso.

Não cabe no âmbito deste trabalho cotejar estes manuscritos com as edições das obras originais mencionadas, embora essa pesquisa talvez pudesse conduzir a conclusões valiosas. Note-se que a existência destas cópias, de originais ou feitas a partir de outras cópias, é mais uma prova que a circulação das obras, sob a forma de manuscritos, era, ainda no séc. XVIII, uma prática corrente. Tal situação evidencia-se, de forma clara, na nota escrita por Fr. Vicente Salgado, em que o mesmo dá conta que está a copiar de “*hum exemplar bastantemente falto; e transtornado pelo Amanuense*”, ou seja, já vindo da mão de outro copista.

Apesar destes manuscritos da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa se centrarem nas cerimónias de recepção dos embaixadores Alexandre Metelo de Sousa e Meneses e Francisco Xavier de Assis Pacheco, do governador António de Albuquerque e do Bispo Marcelino José da Silva e serem pouco ricos em descrições físicas e humanas de Macau, ainda assim podem registar-se algumas considerações sobre a vida econó-

José Ferreira Barroco, poeta e desembargador da Relação de Goa, grande parte dos seus manuscritos, que assim entraram no Convento de Jesus em Lisboa. Cf. Innocencio F. da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo VII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, pp. 15-16.

<sup>14</sup> BACL, MV, N° 266, fls. 73-73v.

<sup>15</sup> *Notícia da viagem que fez do rio de Lisboa na nau Europa a 23 de Fevereiro de 1752 até à praça de Macau, onde chegou a 5 de Agosto, o doutor Francisco Xavier de Assis Pacheco e Sampaio, cavaleiro da Ordem de cristo e embaixador externo de Sua Magestade Fidelíssima ao Imperador da China*, Lisboa, Off. de Pedro Ferreira, 1753.

<sup>16</sup> *Relação da Jornada que fez ao Império da China, e summaria noticia da Embaixada que deo na Corte de Pekim em o Primeiro de Mayo de 1753 o senhor Francisco Xavier Assiz Pacheco e Sampaio. Escrita a hum Padre da Companhia de Jesus, Assistente em Lisboa / Pelo Reverendo Padre Newielhe Francez, da mesma Companhia; Assistente no seu Collegio de Macao*, Lisboa, Na Officina dos Herd. de Antonio Pedrozo Galram, 1754.

<sup>17</sup> *Notícia das cousas succedidas na embaixada, que levou à corte de Pekim Francisco de Assiz Pacheco de Sampaio, mandado pelo Senhor Rey D. Jozé I no anno de 1752*, Lisboa, Livraria Pacheco, 1936.

<sup>18</sup> BACL, MV, N° 676.

<sup>19</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 42.

mica desta cidade. A título de exemplo, na *Relação do que succedeo ao Snr. Embaixador Francisco Xavier de Assis Pacheco, e Sampaio desde o dia em que sabio de Lisboa, até chegar a Macau; hida a Pekim N. Sr.*, de 1752, é mencionada a recessão económica vivida na cidade devido à perda de grande quantidade dos seus navios, por causa dos fortes tufões de vento que a assolaram nesse período<sup>20</sup>.

De todos os enumerados, deteremos, no entanto, a nossa atenção no último, no *Diario da Viagem de Lisboa para Macao* da autoria do bispo D. Marcelino José da Silva atendendo a que não se conhece qualquer edição do mesmo, nem o seu original, embora esta viagem tenha sido referenciada por outros manuscritos coevos, nomeadamente por uma carta enviada pelo Senado de Macau para o governador de Goa, a 29 de Dezembro de 1791<sup>21</sup>.

O relato apresenta a forma de diário de bordo e, no que diz respeito a Macau, circunscreve-se quase exclusivamente a descrever a entrada do bispo D. Marcelino José da Silva (*vide* Fig. 2) na cidade a 11 de Setembro de 1791, ocasião festejada, por solicitação do Senado, com iluminações nas casas dos seus moradores durante três dias, e a sua tomada de posse na Sé, a 25 de Setembro. Porém, não deixa de incluir alguns dados importantes.

O manuscrito exhibe, logo no início, a comitiva e os seminaristas que acompanhavam o bispo<sup>22</sup>, a bordo do navio *Bom Jesus de Além*, e que com este partiram de Lisboa, a 26 de Fevereiro de 1791, e chegaram a Macau a 10 de Setembro desse mesmo ano, desembarcando no dia seguinte. Destaque-se que, entre estes nomes encontramos dois lazaristas, os padres Domingos Joaquim Ferreira<sup>23</sup> e José Nunes Ribeiro<sup>24</sup>, que durante nove anos serão professores no Seminário de S. José e depois seguirão juntos para Pequim, a 28 de Dezembro de 1800. Aí, o primeiro desempenhará funções de membro e de presidente do Departamento Astronómico/*Qintianjian* e, o segundo, após a nomeação para a diocese de Nanquim (1808), será eleito vigário capitular da própria diocese de Pequim (1818).

Uma análise da composição da comitiva do bispo D. Marcelino José da Silva confirma o objectivo de reforçar o quadro de professores e seminaristas do Seminário de São José, dando continuidade ao projecto de estabelecimento de um seminário em

<sup>20</sup> BACL, MV, N.º 266, fl. 17v.

<sup>21</sup> Cf. Padre Manuel TEIXEIRA, *Macau no Séc. XVIII*, Macau, Imprensa Nacional de Macau, 1984, pp. 681-682.

<sup>22</sup> BACL, MV, N.º 676, fl. 1. Na comitiva do bispo encontramos os seguintes nomes: “o R.<sup>mo</sup> Padre Joze do Espirito Santo Ferreira Baptista, Provisor, e Vigario Geral. / o R. Pedro Henriques de Campos Secretario de S. Ex.ca. / o R. Domingos Joaquim Ferreira / o R. Joze Ribeiro: ambos da Congregação da Missão, Professores para o Real Seminario de S. Joze de Macáo. / o R. P. M. Fr. Antonio da Purificação.” A lista dos seminaristas inclui os seguintes nomes: “Joze Maria = Candido Joze dos Santos = João Pinto = Antonio de Paula de Sousa = Joze Fernandes. / Joze Pereira Caudatario de S. Ex.ca / Francisco Joze da Silva Maya / Zeferino Antonio Barros [indicação para os dois últimos: “Familiares”].”

<sup>23</sup> Domingos Joaquim Ferreira nasceu a 4 de Agosto de 1748, em Setúbal, e ingressou no Seminário de Rilhafoles a 8 de Maio de 1777. Faleceu em Pequim a 1 de Fevereiro de 1824. Cf. Padre Manuel TEIXEIRA, *Macau no Séc. XVIII*, (...), p. 681.

<sup>24</sup> José Nunes Ribeiro nasceu a 23 de Junho de 1767 em Bailão, termo da vila da Sertã. Ingressou no Seminário de Rilhafoles a 28 de Outubro de 1783. Faleceu em Pequim a 16 de Outubro de 1826. Cf. IDEM, *ibidem*, p. 681.

Macau para a formação do clero e às directrizes apontadas na *Instrução*<sup>25</sup>, sete anos antes (7 de Abril de 1784), a D. Fr. Alexandre de Gouveia<sup>26</sup>, bispo de Pequim. O Real Seminário de São José, como se passou a designar então, foi inaugurado no dia 1 de Outubro de 1784 e, passados dois anos, era frequentado por catorze alunos, o mesmo número que se registava em 1791, apesar de ter sofrido oscilações<sup>27</sup>. No entanto, o número de professores mantinha-se limitado aos dois religiosos que tinham ido de Goa para instalar o seminário, com uma breve passagem, no ano lectivo de 1788, dos padres lazaristas franceses Raymond Aubin e Robert Hanna. Só em 1791 chegam os padres Domingos Joaquim Ferreira e José Nunes Ribeiro, para aí exercerem o magistério e, na companhia destes, oito seminaristas, entre os quais José Pereira, natural de Pedrógão Grande, que celebrou a primeira missa no seminário em 1802 e acabaria por regressar a Lisboa com D. Marcelino José da Silva, em 1803; e José Pinto, que, depois de estudar no seminário, partiu para Pequim, a 18 de Abril de 1792<sup>28</sup>. No relato da viagem dá-se conta que a comitiva foi autorizada a desembarcar sem ser revista para que seguisse imediatamente “(...) para o Palácio Episcopal, e mais lugares de seu destino (...)” e, por isso, os “(...) Dois Professores com os Seminaristas foram imediatamente para o Seminário.”<sup>29</sup>

Este manuscrito assumirá, contudo, um maior relevo quando cruzado com outro seu contemporâneo, até agora desconhecido e inédito, o *Livro Daz minhas Lembranças* (vide Fig. 3), da autoria do dominicano Fr. Bonifácio António de Jesus, que inclui precisamente o diário da viagem deste dominicano para Macau, cidade onde chega também no ano de 1791, cerca de dois meses antes do bispo D. Marcelino José da Silva.

O diário da viagem de Fr. Bonifácio de Jesus juntamente com o relato sobre a cidade de Macau de Nicolau da Fonseca, escrito em 2 de Janeiro de 1776, cerca de quinze anos antes, são os dois manuscritos inéditos que passamos a apresentar. Estes documentos assumem maior importância porque oferecem um conjunto de imagens de Macau no último quartel do século XVIII, período caracterizado pela escassez de descrições portuguesas sobre a cidade.

### III. O Relato de Nicolau Fernandes da Fonseca

Nicolau da Fonseca, comandante da fragata *Penha de França*, viaja para Macau incumbido de receber o dinheiro dos bens dos jesuítas (orçados em quarenta mil e oito-

<sup>25</sup> O artigo 7º desta *Instrução para o Bispo de Pequim* estipulava que o bispo deveria estabelecer, em Macau, um seminário no Colégio de S. José, ou no de S. Paulo. Cf. *Instrução para o Bispo de Pequim e outros Documentos para a História de Macau*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988, pp. 47-67.

<sup>26</sup> Sobre o bispo Fr. Alexandre de Gouveia veja-se António Graça de ABREU, *D. Frei Alexandre de Gouveia, Bispo de Pequim (1750-1808). Contribuição para o Estudo das Relações entre Portugal e a China*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2004.

<sup>27</sup> Este número é apontado por A. M. Martins do VALE, *Entre a Cruz e o Dragão. O Padroado Português na China no Século XVIII*, Lisboa, Fundação Oriente, 2002, p. 283.

<sup>28</sup> Cf. Padre Manuel TEIXEIRA, *Macau no Séc. XVIII*, (...), p. 681.

<sup>29</sup> BACL, MV, Nº 676, fl. 34 v.

centas patacas e meia<sup>30</sup>), após a extinção da Ordem (1773), para o entregar na Real Junta em Goa, por conta da Real Fazenda. Na carta-relato autógrafa, escrita em Macau, a 2 de Janeiro de 1776 (*vide* Fig. 4), conservada no Arquivo Histórico Ultramarino e já mencionada por Martins do Vale, classifica esta cidade como “(...) *hua cidade comerciante, todos os seus interesses tira dos negocio[s], a qual se não pode cultivar senão de baxo de huã pas solida com todas as naçoins, principalmente vizinhas, para desta sorte se poderem comunicar as fazendas, de huns Paizes a outros.*”<sup>31</sup> Destaca a localização geográfica privilegiada de Macau, pela sua proximidade em relação a Cantão e a sua situação “(...) *na bocca da barra daquelle Rio* [que atravessava a China do Norte ao Sul]”<sup>32</sup>, referindo que todos os navios que estabeleciam comércio com Cantão passavam à vista de Macau, em distância, de tal forma que as fortalezas os podiam alcançar com a sua artilharia.

No entanto, vai mais longe nas suas considerações ao recorrer à metáfora de um diamante em bruto, por polir, para classificar Macau e afirmar que este porto se poderia constituir como a melhor cidade da Ásia se o monarca português pusesse “(...) *nella os olhos, impedindo pelo modo pucivel a morada e asistencia dos Estrangeiros nella, principalmente daquelles que não são dos serviços das Companhias pois lhe são muito, e muito perjudiciaes* (...)”<sup>33</sup>.

Neste sentido, propõe a criação em Lisboa de uma Companhia de Comércio para a China, na qual os mercadores de Macau entrassem com as suas acções para a administração do comércio, com o envio, a partir de Lisboa, de duas naus anuais, uma directamente para Macau e outra para a Índia; e a criação de uma Companhia em Macau, pelos seus mercadores, com comércio regular e com feitorias estabelecidas pelos portugueses para se evitar o “*comércio a fortuna*”, como aí era praticado. A este tipo de comércio praticado pelos negociantes formados, no dizer de Nicolau da Fonseca, pela “(...) *fortuna, ou pelo accazo e não de profição* (...)”<sup>34</sup> apontava este várias desvantagens: o perigo das falências familiares com a perda recorrente de navios, em que empenhavam todos os seus bens, devido aos tufões do mar da China e a concorrência nos mesmos portos de 4 ou 5 navios ao mesmo tempo, situação que aumentava o preço das mercadorias e simultaneamente criava dificuldades à sua venda.

A existência de uma Companhia em Macau permitiria, segundo o autor, regular o número de navios necessário ao comércio e impossibilitar a introdução de “*fazendas dos Estrangeiros*”, que só servia, segundo as suas próprias palavras, “(...) *pera ruina dos nossos, e desta forma se lhe facilita o comercio da China, quando todo o cuidado deve empregar-se pera se lhe dificultar.*”<sup>35</sup> Interessante será destacar que Nicolau da Fonseca defende também o estabelecimento de uma “*Colonia no Reino da Cochinchina*”, justificando-a da seguinte forma: “(...) *cujo Rei he nosso Amigo, e sulecita o nosso comercio, recuzando o das*

<sup>30</sup> AHU, *Macau*, cx. 10, doc. n.º 2 (não numerado).

<sup>31</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>32</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>33</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>34</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>35</sup> IDEM, *ibidem*.

outras Nações Europeanas (...)” e “(...) no cazo de que os chinas nos botem algum dia fora de Macáo como já fizeram em outras cidades que tivemos neste imperio.”<sup>36</sup>

Descreve o fausto e magnificência em que vivem alguns portugueses mais ricos, os grandes comerciantes, “(...) que quando saem (...) são levados em Palanquim aos ombros de Quatro Escravos, e dous lhes levão os chapéos de Sol, os seus vestidos são ricos, e agaloados, e suas mesas aseadas, e fartas (...)”<sup>37</sup> Porém, não se esquece de referir os europeus (holandeses, ingleses, franceses, suecos, dinamarqueses e arménios) que viviam em Macau, ou “*portas para dentro*”, há poucos anos, distinguindo-os dos portugueses por serem negociantes de profissão e a quem atribuía a ruína da cidade porque “(...) observão o progresso do negocio, que se faz, e as suas utilidades e tomão as suas medidas pera atrai-las así, por conveniencia própria, ou atalha-las, pera ruina da terra, porque não podem sofrer que só os Portuguezes tenham morada no Imperio.”<sup>38</sup> O autor atribuía esta decadência, de forma indirecta, à acção do governador de Macau, Diogo Fernandes Salema de Saldanha (2º mandato, 1771-1777)<sup>39</sup>, que mantinha relações estreitas com estes estrangeiros e, por isso, dirige ao mesmo, nesta carta, graves acusações.

Nicolau da Fonseca menciona, de forma detalhada, os produtos que se compravam na China<sup>40</sup>, assim como os que se podiam introduzir nela<sup>41</sup>, entre os quais destaca o anfião, o sândalo e o tabaco, sendo este, nas suas palavras “(...) amostrinha milhor sabida (...)”<sup>42</sup>. A propósito deste último, o tabaco, o comandante relata um episódio peculiar que conduziu à prisão e confiscação de bens de António Gonçalves Guerra, morador de Macau, senador e capitão do navio *Boa Viagem*, que chegara a essa cidade, na última monção, vindo de Goa. Este transportara, no referido navio, o governador de Timor, “(...) o qual em Malaca comprou em o Navio de Luis Cantoffe que ali se achava aribado naquelle porto, catorze Frasqueiras de Tabaco amostrinha, e pera aver de embarca-las no dito Navio pedio licença ao dito Cappitam Guerra, dizendo, que errão licores, o que logo fez disconfiar ao dito Guerra, que serião de Tabaco porque em Timour não se gastão catorze Frasqueiras de Licores, nem em catorze Annos (...)”<sup>43</sup>.

Apesar da desconfiança, Guerra deu licença para o embarque das ditas frasqueiras na condição de se abrirem, já que “(...) em Macao erra [sic] hum terivel contrabando

<sup>36</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>37</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>38</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>39</sup> Cf. Jorge Santos ALVES e António VASCONCELOS DE SALDANHA (coord. de), *Governadores de Macau*, Macau, Livros do Oriente, 2013, pp. 123-125.

<sup>40</sup> “Os Efeitos que se podem tirar da China, são: Tutunaga, pedra hùme, cobre, branco e amarelo, tâchos de ferro, asucar, pó e candil, sêdas, em rrama e lavrada, lizas e matizadas de diverças côres, cha, cangas, pintura e vidro, Tartaruga, perolas falças, louça fina, e groca, leques, de varios preços muita qualidade de charão, obras de ouro e Prata, principalmente filagrana; Ruibarbo, e outros remedios de Botica, e outras muitas bugigangas.” Cf. AHU, Macau, cx. 10, doc. n.º 2.

<sup>41</sup> “Os Efeitos que se podem introduzir na China, são: pimenta, páo sandalo, dito Évano, Marfim, ponta d’Abada, Algodão, Coral, páo sapão, ninho de pávaro, Bicho do mar, perolas, páo Áquila, aréca, áza de tubarão, calem, chumbo, puxo, insenço, ingo, Amfião, carmim, fio de ouro e prata, tabaco, este sendo amostrinha milhor sabida, vinho, Agua Ardente.” Cf. IDEM, *ibidem*.

<sup>42</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>43</sup> IDEM, *ibidem*.

(...)<sup>44</sup>. Por este motivo, as mesmas foram embarcadas na sua ausência, mas tendo António Gonçalves Guerra conhecimento desta situação ordenou ao escrivão do navio para as registar e, caso fossem tabaco, como suspeitava, exigiu que fossem entregues na Casa da Administração em Macau. No entanto, como o governador de Timor era parente do governador de Macau, Diogo Fernandes Salema de Saldanha, o capitão Guerra foi preso por três dias e confiscaram-lhe os bens, sob a acusação falsa de ter transportado um contrabandista de tabaco do porto de Mahim<sup>45</sup> para o de Malaca. Com muito custo provou a sua inocência.

Sobre esta detenção insólita do capitão do navio *Boa Viagem* e sobre o que aconteceu a bordo, no percurso entre Goa a Macau, no ano de 1775<sup>46</sup>, mais haverá a acrescentar, para além do testemunho de Nicolau de Fonseca. O governador de Timor mencionado na missiva era Caetano de Lemos Telo de Meneses<sup>47</sup>, que enfrentou uma conspiração, em 1776, devido ao abuso de poder e que acabou por ser deposto e desterrado para Moçambique em 1779.

Uma carta do bispo de Macau, D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães (1772-1789) dirigida ao rei D. José, de 14 de Janeiro de 1777, relata outros acontecimentos que ocorreram a bordo do navio *Boa Viagem*, no qual ficamos a saber, pela referência de Nicolau da Fonseca, que ia como passageiro Caetano de Lemos Telo de Meneses, natural de Goa, despachado como governador de Timor<sup>48</sup>. Nesta viagem, este fazia-se acompanhar pelo seu filho de doze anos e por alguns degredados, também destinados a Timor, e ter-se-á apaixonado “*cegamente*” por Bernarda Toscana de Souza e Brito, mulher de um destes, que ia na companhia do seu marido, Plácido de Cantanhedes.

<sup>44</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>45</sup> “*Maim*”, como surge referenciado no documento, pode corresponder (com maior probabilidade) a Kelve-Mahim perto de Bombaim (19° 35’ N e 72° 44’ E), ou com menor probabilidade a Mahé (no Kerala) a 11° 42’ N e 75° 34’ E.

<sup>46</sup> A carta de Nicolau da Fonseca é de 2 de Janeiro de 1776 e este refere-se à chegada deste navio a Macau na última monção, ou seja, ainda no ano de 1775.

<sup>47</sup> Vários autores mencionam que Caetano de Lemos Telo de Meneses começou a governar no ano de 1776 e Luna de Oliveira chega a situar o início do seu governo em 1775 (cf. *Timor na História de Portugal*, reimpressão da edição da Agência Geral das Colónias de 1949, vol. I, Lisboa, Instituto do Oriente/Fundação Oriente/IPAD, 2004, p. 264). Mas, este último, é caso único, pois Afonso de Castro tão-só refere que nada de notável ocorreu no governo de António José Teles de Meneses, ao contrário do do seu sucessor Caetano de Lemos Telo de Meneses que enfrentou uma conspiração para o deporem em 1776 (cf. *As possessões portuguesas na Oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867, p. 88). Mais recentemente Geoffrey C. Gunn reforçou a cronologia de 1776-1779 para o governo de Caetano de Lemos e fez referência ao levantamento contra si e à forma desastrosa como lidou com o assunto, que lhe custou o posto e o envio para desterro em Moçambique em 1779, onde viria a morrer (cf. *Timor Loro Sae: 500 Years*, Macau, Livros do Oriente, 1999, p. 109). Mais, Gunn diz que houve outras tensões durante a sua administração, possivelmente com a Igreja, pois o bispo de Macau queixou-se dele e do seu comportamento ao rei D. José, em 1777, reportando-se a acontecimentos ocorridos em 1776 (cf. AHU, *Macau*, cx. 11, doc. 3. Veja-se a este propósito Isau SANTOS, *Macau e o Oriente no Arquivo Histórico Ultramarino*, vol. I, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1997, p. 233). Luís Filipe Thomaz situa também o início do governo de Caetano de Lemos Telo de Meneses no ano de 1776 (cf. “Timor: o protectorado português”, in A. H. de OLIVEIRA MARQUES (dir. de), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, 2º Vol., Lisboa, Fundação Oriente, 2001, p. 517).

<sup>48</sup> AHU, *Macau*, cx. 11, doc. n.º 3 (não numerado).

Esta missiva de D. Alexandre Guimarães junta os testemunhos de três pessoas que fizeram a viagem do governador Caetano de Lemos Telo de Meneses, de Macau para Timor, a bordo do barco *Estrela da Aurora*, no ano de 1776: Alexandre Manuel de Sequeira, capitão dessa embarcação; Jerónimo Tomé Vieira, casado, morador em Macau e feitor e João de Campos, solteiro, de vinte e seis anos de idade e morador na Praia. Estes prestam depoimento na Câmara Episcopal, no dia 5 de Outubro de 1776, no mesmo dia em que regressaram a Macau, depois de terem concluído a viagem para Timor. Os três são unânimes na narração dos factos sucedidos.

Após a chegada de Caetano de Lemos Telo de Meneses a Macau, ainda no ano de 1775, este terá levado Bernarda Toscana de Souza e Brito para sua casa e permitido a fuga dos degredados, entre os quais se encontrava o seu marido. As três testemunhas referem, aliás, que no regresso de Timor a Macau encontraram Plácido de Cantanhedes em Batávia. Perante a suspeita de que o governador de Timor projectava levar esta mulher casada, com quem se encontrava a viver em adultério, para Timor, “(...) *a ilharga de quem governa (...)*”<sup>49</sup>, ou seja, com o apoio do próprio governador de Macau, o bispo D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, a 21 de Janeiro de 1776, envia uma notificação ao capitão do barco *Estrela da Aurora*, no qual este viajaria, proibindo o embarque de mulheres casadas ou solteiras, que não fossem degredadas (o marido de Bernarda Brito era degredado, ela não), ou acompanhadas dos seus maridos, pais ou irmãos. Porém, de nada valeu. O capitão do barco, Alexandre Manuel de Sequeira, nomeado pelo senhorio, que não consentiu o embarque da mulher, foi substituído, por ordem do governador de Macau, por Felizardo José de Mendonça, ficando apenas nesta viagem com funções de um mero piloto. Aliás, o governador de Timor, quando foi informado da notificação do bispo, teria dito: “(...) *que elle não queria levar mulher nenhua, que as degredadas havião de hir, que o Bispo governava em Macao, e que depois della embarcada, não se lhe dava do Bispo (...)*”<sup>50</sup>.

Um dia antes da partida para Timor, Bernarda Toscana de Souza e Brito, vestida com traje de homem, foi transportada para o barco por Tomé Francisco, às três horas da madrugada. Durante a viagem nunca saiu da sua câmara nem para ouvir missa e, ao chegar a Timor, voltou a desembarcar vestida à homem. Nessa cidade, o governador Caetano de Lemos Telo de Meneses tinha essa mulher publicamente em sua casa e esta era, segundo todos os testemunhos, “(...) *tratada por Governadora de Thimor, porque ella manda tudo, e tudo quanto se quer alcançar, he por ella, dando-se ou promettendo-se alguã cousa (...)*”<sup>51</sup>.

A prisão do capitão do navio *Boa Viagem* relatada por Nicolau da Fonseca pode não se ter devido apenas ao contrabando de tabaco, atendendo aos acontecimentos descritos. No entanto, este serve-se deste caso para comentar a corrupção que caracterizava a administração da justiça em Macau durante o governo de Diogo Fernandes Salema de Saldanha: “(...) *aonde os zeladores das Leis são os que padecem, e os que tem obrigação de as zelar*

<sup>49</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>50</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>51</sup> IDEM, *ibidem*

*são os transgressores dellas (...)*<sup>52</sup>. E não se fica por aí nas duras críticas a este governador, que considera usar de um “*dispotismo nunca visto*”<sup>53</sup>. Testemunha a estreita relação que o mesmo mantinha com os estrangeiros e as arbitrariedades cometidas contra os moradores da cidade. Refere a prisão de António José Pereira, escrivão do Senado e alferes-mor da Praça; de Henrique Correia, primo do conde da Lousã e do próprio António Gonçalves Guerra, por mais duas vezes. Conclui que, pelas razões descritas, este governador conseguia tudo dos moradores de Macau. Estes “*(...) a fim de se verem livres das vexações, que lhes faz estão prontos a lhe contribuírem com grossas somas de dinheiro, as quaes elle tras applicadas assim aos contrabandos da terra (...)*”<sup>54</sup>.

Esta missiva de Nicolau da Fonseca, composta por nove fólios, não se esgota na análise deste governo, nem nas alusões ao comércio, às importações e às exportações<sup>55</sup>, ou ao contrabando do tabaco e do ópio. Constitui-se acima de tudo como uma interessante descrição da cidade de Macau, com impressões sobre o seu clima, as suas fortalezas e freguesias, conventos e casas.

O clima é considerado benigno, temperado e muito saudável, embora com um calor um pouco excessivo no Verão. O autor salienta a boa qualidade das águas e a existência de fontes fora da cidade. Entre os seus mantimentos destaca as frutas da Ásia, como as líxias. Considera as casas dos portugueses magníficas por serem térreas e disporem de hortas, quintais e árvores deleitáveis à vista. Elogia, acima de tudo, o porto de Macau e as suas transacções mercantis “*(...) donde Ancorão os Navios em bom fundo e abrigados exceto dos tufões, pera os quaes não há abrigo algum, ficão os Navios perto das portas dos Donnos e faceis pera descarregarem e carregarem.*”<sup>56</sup>

Na cidade realça, ainda, as suas três freguesias (a Sé, Santo António e São Lourenço), “*(...) com bastante magnificencia e semilhança as Cidades da Europa*”<sup>57</sup> e a existência de seis conventos: S. Paulo e S. José, que tinham sido dos jesuítas; S. Domingos, dos dominicanos; S. Francisco, dos franciscanos; Santa Clara, de freiras franciscanas e Santo Agostinho, também de frades franciscanos.

#### IV. O Diário da viagem a Macau de Fr. Bonifácio de Jesus, O.P.

Com impressões de Macau muito semelhantes a estas, encontramos o *Livro Daz minhas Lembranças* da autoria do dominicano Fr. Bonifácio António de Jesus. O documento escrito em 1792, na Ilha de França ou Ilha Maurícia, conserva-se numa colecção particular, tendo sido encontrado pelo seu possuidor actual numa propriedade pertencen-

<sup>52</sup> AHU, *Macau*, cx. 10, doc. n.º 2.

<sup>53</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>54</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>55</sup> Sobre as importações e exportações de Macau veja-se a obra de A. M. Martins do VALE, *Os Portugueses em Macau (1750-1800). Degredados, ignorantes e ambiciosos ou fiéis vassallos d'El-Rei?*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1997, Anexo n.º. 20.

<sup>56</sup> AHU, *Macau*, cx. 10, doc. n.º 2.

<sup>57</sup> IDEM, *ibidem*.

cente a António David Leitão Júnior<sup>58</sup>, arrematante do convento dos pregadores de Nossa Senhora da Luz de Pedrógão Grande, após o processo da sua extinção, em 1834<sup>59</sup>.

O *Livro Daz minhas Lembranças* é composto por setenta e três fólhos, nos quais se inclui um diário da viagem do dominicano de Lisboa a Goa e daí até Macau e do regresso dessa cidade a Lisboa, que ocupa os primeiros vinte e um fólhos. O relato oferecido de todos os pontos de escala onde o dominicano desembarcou é extremamente rico e diversificado, com descrições minuciosas das paisagens físicas e humanas. Todavia, serão, concretamente, as anotações traçadas sobre o porto de Macau, que Fr. Bonifácio António de Jesus classifica também como “(...) a *milhor terra que eu vi, e segundo dizem muitos a melhor da Azia Portuguesa*”, que nos ocuparão aqui, desde o seu desembarque nessa cidade a 18 de Julho de 1791 até à sua partida, a 30 de Março de 1792, numa estadia de aproximadamente oito meses.

Antes de chegarmos a tal descrição, interessa conhecer um pouco sobre o autor deste manuscrito e procurar levantar o véu sobre o que o terá conduzido até Macau, onde contactou com o bispo D. Marcelino José da Silva. Os poucos dados biográficos a que temos acesso são os que constam do seu diário. Sabe-se que Fr. Bonifácio era natural de Pedrógão Grande e que tomou o hábito dominicano no convento de Nossa Senhora da Luz de Pedrógão Grande (*vide* Fig. 5), no dia 28 de Dezembro de 1783. No dia 10 de Janeiro de 1784, entrou no noviciado no convento de Nossa Senhora da Vitória da Batalha, onde fez profissão de fé, a 6 de Janeiro de 1785. A 12 de Abril desse mesmo ano foi enviado para Lisboa, onde embarcou, a 30 de Maio de 1785, no navio *Invencível*<sup>60</sup>, com mais seis dominicanos<sup>61</sup> e um agostinho<sup>62</sup>. No dia 31 de Maio partiram para Goa<sup>63</sup>, que era o destino deste grupo de missionários.

<sup>58</sup> Actualmente o manuscrito encontra-se na posse do Arq. Carlos Leitão. Segundo o seu testemunho, o mesmo foi descoberto num baú velho existente numa das divisões, designada por “Quarto dos Frades”, contígua a uma casa situada no adro de Pedrógão Grande, que era a morada do seu trisavô, António David Leitão Júnior.

<sup>59</sup> A venda, em hasta pública, perante o tribunal do Tesouro Público, do edifício e cerca do extinto convento a António David Leitão Júnior ocorreu a 1 de Fevereiro de 1849, tendo a rainha D. Maria II assinado a carta de venda no dia 19 de Maio de 1849. Cf. Ana Cristina da Costa GOMES, “Memória(s) do Convento de Nossa Senhora da Luz de Pedrógão: o monumento e os documentos”, in José Eduardo FRANCO e Luís Machado de ABREU (coord. de), *Actas do Congresso Internacional Ordens e Congregações Religiosas em Portugal. Memória, Presença e Diásporas*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2014 (no prelo).

<sup>60</sup> Cf. A. M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau (1750-1800). Degredados, ignorantes e ambiciosos ou féis vassallos d'El-Rei?*, (...), Anexo nº. 14. O Navio *Gratidão*, o *Invencível* é classificado como um dos barcos que fizeram a viagem Lisboa-Macau, entre 1750 e 1800. O seu proprietário era José Joaquim de Barros e o seu capitão, Joaquim Gonçalves Silva. Existe um relato da torna-viagem iniciada em 1788, em Macau, feito por Francisco Lopes de Carvalho e um mapa de carga elaborado pelo Comandante Joaquim Gonçalves Silva (Cf. AHU, *Macau*, cx. 18, nº 15).

<sup>61</sup> Padre Fr. Manuel Joaquim de Santa Cruz, padre Fr. Felisberto de S. José Peixoto e seu irmão Fr. José de Santo Tomás Peixoto, Fr. António da Mãe de Deus e Silva, patricio de Fr. Bonifácio de Jesus, Fr. José Tomás da Conceição, “*pupilo*” e Fr. Domingos do Rosário Paz.

<sup>62</sup> Fr. Luís dos Remédios.

<sup>63</sup> O diário aponta o roteiro da viagem. De 9 a 13 de Junho estiveram ancorados na ilha da Madeira; de 20 de Junho a 7 de Julho, na ilha de Tenerife; de 11 a 17 de Julho no porto de Orotava; a 26 de Julho avistaram o arquipélago de Cabo Verde; a 18 de Setembro dobraram o Cabo da Boa Esperança; a 24 de Setembro encontraram o Cabo das Agulhas; de 11 a 18 de Dezembro pararam na ilha Maurícia; e, finalmente, atingiram Cochim a 2 de Março de 1786, Calecute a 6 do mesmo mês e Goa a 2 de Abril.

O autor do diário menciona a alegria com que o inquisidor e vigário geral, Fr. Manuel de S. Tomás, acolheu o grupo, no colégio de S. Tomás, em Goa, não só pelo êxito da viagem, mas principalmente porque todos eram “(...) *habeis pera o emprego, e serviço da Religião, sabendo já Grammatica o que não susedia das mais Missois.*”<sup>64</sup> Mas, como teria Fr. Bonifácio aprendido Gramática se entre a data da sua entrada no convento de Pedrógão Grande e o noviciado, na Batalha, ou seja, treze dias depois, não tivera tempo suficiente para a estudar? É provável que antes de tomar o hábito, acto que normalmente era realizado aos quinze anos, já frequentasse as aulas de Gramática. Isto porque uma pesquisa desenvolvida nos livros de mercês de D. Maria I, na Torre do Tombo, conduziu-nos à carta de instituição da cadeira de Gramática Latina, no convento de Pedrógão Grande, a 18 de Outubro de 1779, ou seja, quatro anos antes do religioso tomar o hábito<sup>65</sup>. Por esta carta de mercê era fixado o pagamento de vinte mil réis ao padre Fr. Luís da Anunciação para reger esta cadeira, podendo este ter sido seu mestre.

A criação desta cadeira em Pedrógão Grande não deixa de ser, neste período, surpreendente, atendendo a que temos conhecimento que, por volta de 1778, um ano antes, se encontravam extintos os Estudos no convento de São Domingos de Lisboa por falta de alunos<sup>66</sup>.

Fr. Bonifácio permanece em Goa, entre 2 de Abril de 1786 e 20 de Maio de 1791, data em que parte para Macau. Durante esses cinco anos, viveu nos conventos de São Domingos, S. Tomás e S. Lourenço e temos notícia de que esteve um período doente, mas no restante tempo dedicou-se, muito provavelmente, ao ensino, atendendo às suas competências nesse sentido. Depois disso, recebeu a comissão de serviço do prelado maior, padre Fr. Joaquim Manuel de Santa Ana, de embarcar no navio *Nossa Senhora da Luz* rumo a Macau, juntamente com o seu condiscípulo Fr. João Inácio da Purificação.

Antes de mais, importa realçar que o navio *Nossa Senhora da Luz* era uma das embarcações portuguesas operacionais em Macau, que estabelecia fundamentalmente a articulação comercial com os portos da costa da Índia e, na torna-viagem, com os portos malaios. Pertencia, nesta altura, a José António de Abreu, um dos grandes comerciantes que se afirmaram no panorama mercantil de Macau durante a década de 1780, a par de outros como António José Gamboa e António Botelho Homens Bernardes Pessoa<sup>67</sup>. No início da segunda metade do séc. XVIII, existiam cinco grandes comerciantes na cidade: Manuel Vicente Rosa e o seu sobrinho Simão Vicente Rosa, Luís Coelho e António José da Costa, anterior proprietário do navio *Nossa Senhora da Luz*. A partir de 1758 começaram a surgir os nomes de outros comerciantes, entre os quais António Vicente Rosa, que após a morte do seu pai, Simão Vicente da Rosa, em 1773, terá como prioridade dos seus investimentos comerciais os mercados do Sueste Asiático, especialmente o Sião e o Vietname, também na década de 80<sup>68</sup>.

<sup>64</sup> Manuscrito de Espólio Particular, Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, fl. 7v.

<sup>65</sup> Direcção Geral de Arquivos / Torre do Tombo, *Livro de Mercês de D. Maria I*, Livro 7, fl. 226.

<sup>66</sup> *Província de Portugal da Ordem de S. Domingos (Síntese histórica comemorativa da restauração)*, Fátima-Porto-Queluz, Escolas Profissionais Salesianas – Oficinas de S. José, p. 11.

<sup>67</sup> Cf. A. M. Martins do VALE, *Os Portugueses em Macau (1750-1800)*, (...), p.151.

<sup>68</sup> Cf. Jorge Santos ALVES, “A Global Strategy: Macao, Siam and the Mainland Southeast Asian Markets

José António de Abreu empreendeu, sozinho ou com outros investidores<sup>69</sup>, dezasseis viagens, no Nossa Senhora da Luz, entre 1783 e 1800<sup>70</sup>, tendo beneficiado de empréstimos concedidos pelo Senado (9.000 taéis) e pela Santa Casa da Misericórdia de Macau, instituição que emprestava mais dinheiro aos comerciantes a risco de mar e de terra (19.979 taéis individualmente e mais 300 com João Marcos do Rego)<sup>71</sup>. Os códices da Santa Casa da Misericórdia de Macau fazem luz sobre os destinos do navio *Nossa Senhora da Luz*, no senhorio de José António Abreu, entre os quais sobressaem Bombaim, Goa, Bengala, os portos da costa malaia, Batávia, ilhas de Solor e Timor<sup>72</sup>.

Cumprindo o seu percurso mercantil já habitual, o navio *Nossa Senhora da Luz* aporta em Malaca, entre 8 e 24 de Junho, depois de partir de Goa, a 20 de Maio. Aí Fr. Bonifácio aponta a existência de sete mil cristãos<sup>73</sup>, mas sublinha o domínio holandês desta terra e comenta sobre a sua população que: “(...) *tem pouca gente branca, só algum negociante, que a maior parte delles são chinas que vão enchendo-a delles os Olandezes pera a correspondência da China, aonde tem companhia sua.*”<sup>74</sup>

Em vão procurámos dados esclarecedores sobre a estadia de Fr. Bonifácio em Macau. No entanto, a sua preparação em Gramática Latina e a possibilidade de já ser conhecido do bispo D. Marcelino José da Silva, seu conterrâneo, já que este último era natural da Sertã, e de outros elementos da sua comitiva, nomeadamente do padre José Nunes Ribeiro, também da Sertã, e do seminarista José Pereira, nascido precisamente em Pedrógão Grande, deixam adivinhar que este poderá ter sido enviado de Goa para Macau precisamente para apoiar o ensino dessa mesma cadeira. Note-se que, logo após a fundação do Seminário de S. José, se equacionou a hipótese deste poder ultrapassar o objectivo de só formar clérigos, em Teologia e na aprendizagem do Chinês. Os macaenses consi-

1780-1790”, in Michael SMITHIES (editor), *Five Hundred Years of Thai-Portuguese Relations: A Festschrift*, Bangkok, The Siam Society Under Royal Patronage, 2011, pp. 225-242.

<sup>69</sup> Entre os investidores de José António de Abreu contam-se: Joaquim M. Barradas Azevedo (1784 e 1785), José da Silva (1784 a 1786), Agostinho António Spada (1786), António Pereira Araújo (1786), Jacinto João Marcos do Rego (1790), Caetano António Campos (1793), José Mendes de Araújo (1794) e Simão Vicente Rosa (1792). Cf. A. M. Martins do VALE, *Os Portugueses em Macau (1750-1800)*, (...), Anexo nº. 19.

<sup>70</sup> IDEM, *ibidem*, Anexo nº. 21.

<sup>71</sup> Números calculados por A. M. Martins do Vale. Cf. IDEM, *ibidem*, Anexos N.ºs. 8 e 9. Veja-se também Leonor Diaz de SEABRA, *A Misericórdia de Macau (Séculos XVI a XIX). Irmandade, Poder e Caridade na Idade do Comércio*, Macau-Porto, Universidade de Macau-Universidade do Porto, 2011. A autora apresenta, em apêndice, dois documentos relacionados com o navio *Nossa Senhora da Luz*, quando era propriedade de António José da Costa e se encontrava envolvido no comércio com as ilhas de Solor e Timor (pp. 629-630 e 632-633). Também do período de António José da Costa veja-se o doc. 1 (“Dinheiro dado a juro pelo Senado de Macáo”) publicado na *Instrução para o Bispo de Pequim e outros Documentos para a História de Macau*, (...), pp. 367-369.

<sup>72</sup> Vejam-se todas as referências aos empréstimos concedidos ao navio *Nossa Senhora da Luz*, quando o seu armador era José António de Abreu. Cf. Benjamim Videira PIRES, *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII*, Macau, Instituto Cultural de Macau e Museu Marítimo de Macau, 1993, pp. 69-70, 72-75, 78-79 e 81-82.

<sup>73</sup> Manuscrito de Espólio Particular, Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, fl. 10v.

<sup>74</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 10v.

deravam que não se justificava a existência de uma aula régia de Gramática Latina, que envolvia o pagamento de quinhentos taéis anuais a um professor, dado que essa quantia poderia ser aplicada em outras actividades da cidade. Esta aula tinha sido criada em 1774 e entregue a José dos Santos Baptista Lima, mas este entretanto tornou-se comerciante e muitas vezes confiava os alunos a um professor substituto.

A 17 de Julho de 1791, Fr. Bonifácio visita finalmente a ilha a que chamavam do Ladrão, e no dia seguinte desembarca em Macau, deixando-se rapidamente fascinar por esta cidade, que descreve como “(...) *muito alegre* (...)” e como tendo “(...) *bons ares, boas águas, bons comeres, que todos vem de fora de muros da Cidade que o[s] tras o china a vender* (...)”<sup>75</sup>.

Fr. Bonifácio e Fr. João Inácio da Purificação são recebidos, primeiro, pelo padre vigário dominicano Fr. Gabriel da Anunciação<sup>76</sup>, de Macau, a quem prestam as devidas vénias, e depois pelo governador Vasco Luís Carneiro, de Goa e, no dia seguinte, visitam o desembargador Lázaro da Silva Ferreira, sendo aí cumprimentados pelos principais da terra<sup>77</sup>. O religioso regista, aliás, o nome dos outros frades que se encontravam no convento onde residia o vigário: o padre Fr. Jerónimo Maria da Santíssima Trindade, Fr. Manuel de Santa Rita, Fr. António do Rosário e o procurador espanhol Fr. Manuel Corripio<sup>78</sup>.

Na cidade de Macau, Fr. Bonifácio destaca a existência de seis fortalezas “(...) *das quais 5 são bem guarnecidas e huma he piquena, que está á porta do Governador* (...)”<sup>79</sup> e enumera os seus conventos, começando naturalmente pelos três de S. Domingos, dos quais refere “(...) *que fica no meio da Cidade; aonde se ajunta, a maior parte da gente da cidade a todos os atos da Igreja, que na verdade; he aonde os vi fazer com mais perfeição, já no pulpito, já no confessorario, sempre occupados.*”<sup>80</sup> Mas, não deixa de falar, em seguida, de outros: “(...) *o Convento de S. Francisco fica em hum canto da cidade bem situado, e tem 7 religiosos com 2 leigos. Tem Santo Agostinho, com 3 religiosos. Tem hum de Freiras de Santa Clara, que tem 40 e hum de recolhidas, aonde se metem as mal procedidas, que na verdade em 8 mezes que estive em Macão erão tantas que já lá não cabião.*”<sup>81</sup>

Além de registar as casas dos religiosos, o autor sublinha que existiam em Macau “(...) *todos os Procuradores das Missões da China, estes lhe mandão tudo o que lhe he necessario todos os annos, ás escondidas dos chinas, pois estes se sobessem de hum Padre logo o mata-rião á excepção de duas ou 3 Partes deste Imperio, aonde os consentem.*”<sup>82</sup>

Não esquece o Senado da Câmara, que caracteriza como o local “(...) *aonde se fás conselho para qualquer cousa de circumstancia* (...)”, mas é, sem dúvida, o comércio deste

<sup>75</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 12.

<sup>76</sup> O mesmo que apresentou um requerimento, a 19 de Novembro de 1784, queixando-se de que o Senado para a precissão do Corpo de Deus fornecia ao clero secular velas maiores do que ao clero regular. A. M. Martins do VALE, *Os Portugueses em Macau (1750-1800)*, (...), p. 48.

<sup>77</sup> Manuscrito de Espólio Particular, Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, fl. 11.

<sup>78</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 11.

<sup>79</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 12.

<sup>80</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 12.

<sup>81</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 12.

<sup>82</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 11v.

porto, que maior atenção e comentários gera a Fr. Bonifácio de Jesus. Menciona que aí estão “(...) *as Companhias de todos os Reinos da Europa, pois os sustenta por alguns 6 ou 8 mezes enquanto os Navios vem á Europa, e o mais resto do tempo estão em Cantão, aonde fazem o seu negocio com a China; estas Companhias são = Inglezes = Olandezes = Francezes = Americanos = Suecos = Armenios = Espanhoes.*”<sup>83</sup>

Com esta afirmação, o escritor refere-se à semelhança de Nicolau da Fonseca, naturalmente, ao denominado “*sistema de Cantão*”, estabelecido entre 1757 e 1842, que se pautou pela concentração de todo o comércio chinês com estrangeiros, em Cantão, exceptuando os portugueses de Macau, mas impôs limitações à presença dos mesmos nessa cidade, situação que gerou grande afluxo destes e de chineses a Macau<sup>84</sup>. Estas disposições terão criado algumas dificuldades aos seus moradores, especialmente a partir das duas últimas décadas do século XVIII<sup>85</sup>. Daí que, Fr. Bonifácio aluda a uma alteração na conjuntura económica da cidade. Embora a eleve, como já tivemos a oportunidade de destacar, como a melhor terra da Ásia Portuguesa, não deixa de lamentar que “(...) *hoje vai acabando por via dos seus habitantes estarem muito empinhados, e não poderem girar com o negocio pela sua pobreza (...)*”<sup>86</sup>.

A bordo da galera *Flora*, propriedade de José Nunes Silveira, Fr. Bonifácio, na qualidade de seu capelão, deixa Macau a 30 de Março de 1792. Na viagem para Lisboa, a demora da embarcação na Ilha Maurícia deveu-se a “(...) *carregar hum Navio que comprou o Senhorio, o qual mandou pera a China carregado de pao preto (...)*”<sup>87</sup>.

Fr. Bonifácio de Jesus terminou a redacção do seu diário um dia depois de chegar a Lisboa, a 8 de Janeiro de 1793. Mas, apesar do vigário lhe ter imposto a condição, para o deixar viajar, de voltar a Macau na primeira monção, ou na mesma galera ou em qualquer outro barco, depois de ter recebido a intercessão do bispo D. Marcelino José da Silva, favorável a conceder-lhe autorização, este nunca mais regressou. A sua decisão de permanecer em Portugal é tomada mesmo contra uma carta escrita pela rainha D. Maria I, a 3 de Junho de 1795, ao provincial dos dominicanos a exigir o retorno imediato de Fr. Bonifácio aos portos da Ásia, assim como o de outros dois religiosos<sup>88</sup>.

Ao invés de cumprir essa ordem, voltou à sua terra natal, Pedrógão Grande, e a ensinar na escola do convento de Nossa Senhora da Luz<sup>89</sup>. Além disso, Fr. Bonifácio solicitou

<sup>83</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 11v.

<sup>84</sup> A este propósito vejam-se os estudos de Charles Ralph BOXER, *Estudos para a História de Macau: Sécs. XVI a XVIII*, I Volume, 1º Tomo, Lisboa, Fundação Oriente, 1991; Ângela GUIMARÃES, *Uma Relação Especial. Macau e as Relações Luso-Chinesas (1780-1844)*, Lisboa, Edição CIES, 1996; Paul A. VAN DYKE, *The Canton-Macao Dagregisters*, 1762, Macau, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2006; Paul A. VAN DYKE, *Merchants of Canton and Macao. Politics and Strategies in Eighteen-Century Chinese Trade*, Macau, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2011 e Rogério Miguel PUGA, *A Presença Inglesa e as Relações Anglo-Portuguesas em Macau (1635-1793)*, Lisboa, CHAM-CCCM, 2009.

<sup>85</sup> Ângela GUIMARÃES, *op. cit.*, p. 37.

<sup>86</sup> Manuscrito de Espólio Particular, Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, fl. 11v.

<sup>87</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 14.

<sup>88</sup> IDEM, *ibidem*, fl. 21v.

<sup>89</sup> O seu diário confirma que a 27 de Dezembro de 1793 recebeu 2700 reis pela “*Cadeira de Ler*”.

a secularização, a qual acabou por lhe ser concedida, a 9 de Outubro de 1796. Não deixa de ser curiosa a sua observação a este propósito: “(...) *que pera eu contar os passos que dei, o dinheiro que gastei o não poderia fazer em todo este livro (...)*”<sup>90</sup>. Algumas questões ficam, no entanto, em aberto: onde e como terá um frade mendicante conseguido acumular todo esse dinheiro? Poderemos desconfiar do seu envolvimento nas activas trocas comerciais de Macau, tendo em conta as embarcações em que viaja de Goa para Macau e dessa cidade para Lisboa e as apreciações que deixa registadas no seu diário? O que poderá ter justificado a intervenção da própria rainha neste assunto?

## V. Notas Finais

Concluindo, pela sua riqueza descritiva, estes dois relatos manuscritos do último quartel do séc. XVIII, da autoria de Nicolau Fernandes da Fonseca e de Fr. Bonifácio António de Jesus, reclamam edição urgente<sup>91</sup> porque se assumem como importantes fontes para a história de Macau desse período.

Destaque-se que o diário da viagem de Fr. Bonifácio de Jesus não se esgota nas apreciações desta cidade, já que apresenta inúmeras narrações dos pontos de escala por si visitados, nos itinerários de Lisboa a Goa (a bordo do navio *Invenível*), de Goa a Macau (quando viaja no navio *Nossa Senhora da Luz*), e, finalmente, no percurso de regresso de Macau a Lisboa (na galera *Flora*).

Trata-se de um documento de raro valor para a história marítima desse período. No diário sentem-se as tribulações e os perigos vividos no mar. Não faltam os ventos contrários, que fustigam o navio *Invenível* na aproximação ao arquipélago de Cabo Verde; os grandes temporais; as correntes contrárias, perto da linha equinocial; as mangas de água e as suspeitas ao avistarem navios desconhecidos, que fazem preparar a artilharia pensando tratar-se de embarcações muçulmanas. A religiosidade era a forma de ultrapassar todas estas tormentas. A tripulação do navio rogava pelos tão desejados milagres a Santo António e a Nossa Senhora da Piedade. Na falta de vento para navegar, o capitão do navio *Invenível* tirou uma esmola para Santo António, mas, como esta não surtiu os efeitos desejados, passados três dias tirou “(...) *huã esmola pera Nossa Senhora da Piedade do*

<sup>90</sup> Manuscrito de Espólio Particular, Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, fl. 22.

<sup>91</sup> Será brevemente publicado (edição prevista para a primeira semana de Fevereiro de 2014) um pequeno artigo da autoria de José Luís NETO intitulado “As Festas Natalícias na Horta em 1792. O Testemunho do Frei Bonifácio da Cruz, Capelão da Galera Flora”, in *Atlântida. Revista de Cultura*, vol. LVIII, 13 (no prelo). Neste estudo, o autor limita-se apenas a transcrever e analisar os 7 fólios (fls. 17v-fl. 20v.) do diário de viagem de Frei Bonifácio de Jesus, referentes à sua passagem pelo arquipélago de Cabo Verde e pelas ilhas dos Açores. Trata-se de uma transcrição muito parcelar e que está muito longe de permitir uma visão da totalidade da obra. O estudo de conjunto deste relato de viagem foi pela primeira vez apresentado no Congresso Internacional *Ordens e Congregações Religiosas em Portugal. Memória, Presença e Diáspora*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2 a 5 de Novembro de 2010, cujas actas serão brevemente publicadas. Cf. Ana Cristina da Costa GOMES, “Memória(s) do Convento de Nossa Senhora da Luz de Pedrógão: o monumento e os documentos”, (...). A edição integral do diário de viagem, ainda inédito, encontra-se em curso.

*palmar, e logo que se principiou a tirar veio vento fresco de tal sorte, que dentro em 24 horas vimos o Cabo Camorim (...)*<sup>92</sup>.

O conjunto de relatos apresentado, no âmbito deste estudo, permite ter uma visão global das narrativas de viagens de portugueses à cidade de Macau, que atravessam todo o século XVIII e se revestem ou de uma natureza marcadamente institucional ou de testemunho directo dos próprios viajantes. Neste último caso, será interessante destacar que as impressões incluídas nos dois textos analisados acabam por reflectir a própria condição social ou profissional de quem os escreve, já que um é da autoria de um comandante de uma embarcação, não se estranhando por isso que encerre tantas apreciações sobre o comércio e este porto internacional, e o outro é escrito por um religioso, que se detém na enumeração dos conventos existentes e em considerações sobre a vida religiosa.

As diferentes narrativas abordadas, pela diversidade que as caracteriza, oferecem novas perspectivas sobre este porto de comércio internacional. Nelas encontram-se contempladas observações sobre o comércio marítimo, que permitem acompanhar os ritmos e oscilações da vida económica de Macau, ao longo do século XVIII. Além disso, incluem múltiplos dados sobre a própria geografia física e humana da cidade, assim como sobre a sua organização administrativa, política, judicial e mesmo cultural.

---

<sup>92</sup> Bonifácio António de JESUS, *Livro Daz minhas Lembranças*, fl. 6v.

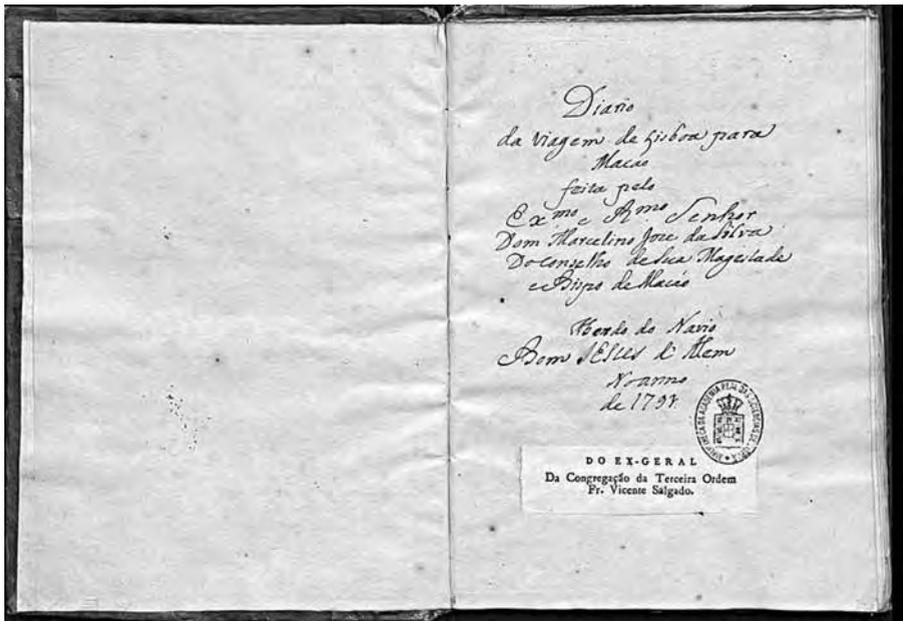


Fig. 1 – Diário da viagem de Lisboa para Macau feita pelo Ex.º e Rever.º. Senhor D. Marcelino José da Silva, 1797.



Fig. 2 – D. Marcelino José da Silva. Biblioteca do Centro Científico e Cultural de Macau, Sld.BC cx. 1997-1998 nº. 25.

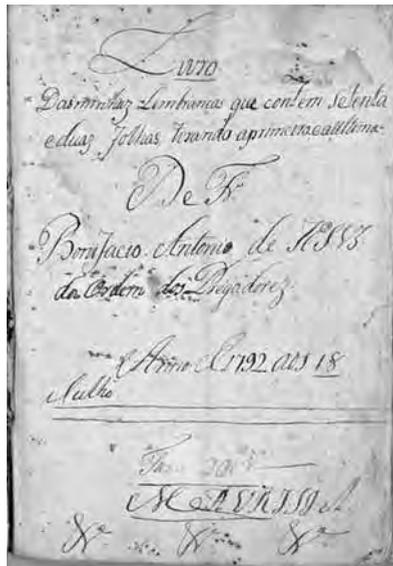


Fig. 3 – Frei Bonifácio de Jesus, Livro das Minhas Lembranças. 1792.



Fig. 4 – Nicolau da Fonseca, Carta escrita em Macau a 2 de Janeiro de 1776, fl. 1.



Fig. 5 – Antigo convento dominicano de Nossa Senhora da Luz de Pedrógão Grande.



# AS INGERÊNCIAS BRITÂNICAS EM MACAU NA ERA NAPOLEÓNICA

António Alves-Caetano

*In Memoriam*

À minha madrinha Tini (1927-2012)

*“Os amigos e apreciadores da Vida eterna serão revestidos de brilho, e levados para o Palácio. Uma vez no Palácio, serão reis com a plenitude da perfeição; serão como deuses, e assim integrados no Ser Absoluto.”*

Laoutsi, *Prática da Perfeição*, China, 294

## Preâmbulo

“...darei parte ao Exmo. Suntó, o qual vos expulsará também a vós [Portugueses] de Macao para a Europa, sem vos ser lícito o tornardes a habitar neste território”.

Esta dramática ameaça do Mandarin que governava o distrito da China a que pertencia Macau foi proferida em 11 de Outubro de 1808, no auge da desconfiança do Governo Sínico acerca do comportamento das Autoridades Portuguesas de Macau no desembarque de Tropas Britânicas.

Com a “*rapidez do vento*” – expressão cara às epístolas de Mandarins – navios de guerra ingleses tinham chegado à franquia do Porto de Macau, dias depois desembarcando soldados no território.

Mais uma vez o Rei Britânico manifestava desvelo por seu velho Aliado, o Monarca de Portugal, propondo-se defender todas as suas possessões ultramarinas, perante a eminência de ataques do inimigo francês.

Usa-se a expressão “*mais uma vez*”, porque, pelo menos na viragem do século, a Inglaterra tinha enviado numerosos destacamentos militares para Goa (“*apenas*” três a quatro mil homens!), Damão (setecentos a oitocentos!) e Diu (seiscentos a setecentos!) e ensaiara, também, proteger Macau logo em 1802, embora consciente de a Cidade administrada por Autoridades Portuguesas pertencer ao “*território da Celeste Dinastia do Império Chinês*”. Por esse tempo dos alvares de oitocentos, recusado o auxílio oferecido, a importante força expedicionária regressou à origem, não sem antes ter o Almirante

assegurado às Autoridades Chinesas a pureza das suas intenções. E fê-lo nas pessoas de três chamados “*Mandarins grandes*” da província de Cantão.

Porém, em 1806 voltaram à carga. De novo o Monarca Britânico se esmerava no zelo pela segurança dos portugueses de Macau, os distantes vassalos de seu primo e aliado, o Príncipe D. João. O Regente de Portugal estava assustado na Europa pelas ameaças napoleônicas e sem forças para acudir aos seus Domínios. Por sinal, possessões que nenhum outro Reino da Europa ousara possuir antes dos Lusitanos. Com destaque, pela distância, para o marco avançado da civilização ocidental e da religião católica no Oriente: Macau. A Grã-Bretanha tinha pena de não se ter antecipado ao navegador Jorge Álvares, primeiro europeu (depois de Marco Polo, no final do século XIII) a aportar à China, por 1513, em ilha situada na foz do rio das Pérolas.

De novo, Governador e Senado da Câmara de Macau recusaram, a uma só voz, a solicitude inglesa contra um inimigo fantasioso: há muitos anos, perdidos na imensidão do tempo, que os mares da China, em geral, e a foz do rio das Pérolas, em particular, não eram visitados por qualquer navio de bandeira francesa. Muito menos, navio de guerra.

No episódio que nos ocupa de momento, ocorrido em 1808, depois de consumada a ocupação de Portugal pelas Tropas napoleônicas do comando do general Junot, o Governo Britânico sabia, perfeitamente, que a Esquadra naval francesa estava muito reduzida e com prioridades para a sua fraca acção muito distantes do minúsculo território asiático de Macau. O qual, pela importância estratégica para o apoio ao comércio marítimo com o porto de Cantão, apenas interessava à Grã-Bretanha.

Desde meados do século XVI que a única potência europeia a dispor de base territorial na China era Portugal. O Imperador Sínico não admitia – desde aquela remota data – que a qualquer outro Povo da Europa pudessem ser concedidas as facilidades de permanência em território da China outorgadas aos primeiros que possibilitaram o comércio com o Japão, interdito a cidadãos chineses por mais de um século.

A Inglaterra mantinha intenso tráfego comercial com o porto de Cantão, desde a era de seiscentos, através de numerosos navios mercantes sediados nas suas bases da Índia. No século XVIII os britânicos começaram a insinuar-se aos Mandarins da região para obter alguma facilidade em território costeiro, ou ilha no curso do rio das Pérolas, em cuja embocadura se situava a pequena península que albergava o próspero entreposto comercial de Macau, concedido aos portugueses.

O Vice-Rei de Cantão – o Suntó – e outros Mandarins, denominados grandes, em exposição feita ao Imperador a propósito do desembarque britânico em Macau, em 1808, recordaram que já no século XVIII a Grã-Bretanha pedira ao Grande Imperador Kim-Lúm<sup>1</sup> poder dispor de vários lugares: “*Tiên-Chim, Nem-po e Portos Marítimos, pedindo ao mesmo tempo se lhes concedesse uma Ilha junto de Chú-xan ou algum lugar junto de Cantão*”<sup>2</sup>. Mas o Imperador Kim-Lúm foi implacável: a nenhum outro Povo europeu era permitido residir em território chinês, além do português.

<sup>1</sup> Nos nomes de Imperadores e Mandarins, como nos lugares, portos e rios da China sigo a grafia apresentada nos manuscritos.

<sup>2</sup> Arquivo Histórico Ultramarino (A.H.U.), Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra C – Doc. 23 (minha numeração depois do realinhamento, porque vários documentos estavam fora da ordem cronológica).

Daí ser possível admitir que a Grã-Bretanha, face ao assédio napoleónico desde finais do século XVIII e à Guerra das Laranjas (1801), tenha congeminado – a pretexto do auxílio ao antigo Aliado – passar a dispor da base logística de que Portugal era o único titular em território chinês. Tentou-o, discretamente, em 1802 e 1806, mas, descaradamente, em 1808.

No entanto, o discurso era revestido da maior candura, inocência e benemerência. Todos estes episódios serão sumariamente analisados em continuação, mas vamos ater-nos nesta Introdução a uma das várias frases justificativas das boas intenções da Inglaterra: “*O meu Soberano, perpétuo Aliado daquele Príncipe [D. João, Regente de Portugal] ... desejando proteger, e conservar para o mesmo Príncipe os seus Domínios, e Possessões Ultramarinas...*”<sup>3</sup>.

Na véspera de Natal de 1807, ainda o Príncipe Regente D. João e a Família Real não tinham um mês de viagem a caminho do refúgio no Brasil, já a Marinha e o Exército de Sua Majestade Britânica demonstravam, na ilha da Madeira, como “*pretendiam proteger, e conservar para o mesmo Príncipe os seus Domínios, e Possessões Ultramarinas*”. Uma força naval do comando do contra-almirante Sir Samuel Hood, transportando um destacamento militar de Artilharia e Infantaria, chefiado pelo major-general William Carr Beresford, desembarcou no Funchal em 24 de Dezembro de 1807, destituiu o Governador da Ilha, mandou arrear a bandeira Portuguesa e içar a Britânica em todos os locais onde antes drapejava o pavilhão nacional, e ocupou todas as fortalezas e quartéis, donde foram desalojadas as forças militares de Portugal<sup>4</sup>. Naus de guerra, fragatas e quinze navios de transporte levaram para a ilha da Madeira quase quatro mil soldados e todo o material de guerra apropriado a uma ocupação em forma. Tal foi o esmero com que se procurou “*proteger, e conservar*” aquele Domínio na posse da Coroa Portuguesa que a ocupação inglesa da ilha da Madeira subsistiu até Outubro de 1814, muito para além do exílio de Napoleão na ilha de Elba, no início de Maio desse ano...

A gravidade da acção militar britânica em Macau, em 1808, envolvendo o desembarque de Tropas e a ocupação de duas fortalezas, foi enorme, pois, como salientado de início, a presença portuguesa no território, que remonta a meados de quinhentos, foi dramaticamente posta em causa pelas Autoridades Sínicas, convictas de a ocupação Inglesa ter contado com o conluio da Administração Portuguesa do território.

Todo o episódio evidencia a fibra dos “*homens bons*” do Senado de Macau e do Ouvidor Arriaga, sem margem de manobra, com os seus menos de duzentos soldados mal armados, para afrontar o poderio de naus de guerra com cerca de mil soldados no seu bojo, para além daqueles que ocupavam posições-chave em terra; e a força do Governo Chinês, cioso do território sua pertença, onde por especialíssima concessão Imperial fora permitido que os portugueses habitassem.

A fibra especial dos responsáveis pela Administração Portuguesa mede-se, também, pela inquebrantável fidelidade à Coroa de Portugal, em território que nem um real

<sup>3</sup> Ibidem – *Doc. 6*. Os Navios de Guerra Britânicos chegaram à Franquia do porto de Macau em 10 e 11 de Setembro.

<sup>4</sup> Rodrigues (1999). Acção análoga tinha sido desencadeada entre Julho de 1801 e Janeiro de 1802. Ver também: Newitt (2004).

custava ao Erário Régio; pela enorme capacidade diplomática com que lidavam com o despotismo dos Mandarins; e como se houberam, desprovidos de força militar, com “*Aliados*” que chegaram a ameaça-los “*de passar a fazer a ocupação de Macao pelos seus Soldados, e Marinheiros à força de Baioneta*”<sup>5</sup>, para, recordemos, serem “*ajudados a defender-se do Inimigo francês*”... É imperioso recordar as acções de pirataria sobre os navios ibéricos feitas pela Marinha da Inglaterra, no século XVI, e aquelas que perpetravam em 1807, entre Macau e a ilha da Taipa, aprisionando navios mercantes e matando gente das tripulações, não poupando, sequer, a Lorchá da Alfândega...<sup>6</sup>

Como se toda esta conjuntura não bastasse, chegou, em Outubro, ordem da Capital do Estado de Goa para os Ingleses serem acolhidos como Amigos, portanto, aptos a defender o território da hipotética agressão da França. O que bem revela a total ignorância dos governantes em Goa, não só das disposições com que os “*Aliados*” se apresentavam mas também do quadro de dependência institucional com o Império da China.

## 1. Irrupção da Esquadra do Contra-Almirante William O’Brien Drury

A chegada dos navios à franquia do porto de Macau verificou-se em 10 e 11 de Setembro. O desembarque de soldados começou em 21 desse mês e o regresso das últimas Tropas a bordo ocorreu em 19 de Dezembro. Durante três meses persistiu o sufoco da Cidade do Nome de Deus, com a vida paralisada, porque imediatamente a China encerrou a Alfândega a qualquer tráfego comercial. Governador, Desembargador Ouvidor e Senado da Câmara em absoluto mobilizados para decidir, em permanência, entre as exigências do “*aliado*” ocupante e as Autoridades Sínicas, desde a primeira hora a impor a imediata retirada dos intrusos.

O conhecimento dos contornos de todo o episódio é permitido pela consulta da imensa correspondência trocada entre todos os intervenientes, à guarda do Arquivo Histórico Ultramarino.

Em 8 de Março de 1809, o Senado da Câmara de Macau enviou Ofício ao Príncipe Regente D. João, no Rio de Janeiro, a informar sobre a incursão da Tropa Britânica. O circunstanciado Ofício foi complementado com um conjunto de Anexos. O primeiro, denominado de Letra A, é composto pela correspondência trocada entre o Almirante Britânico e os Sobrecargas<sup>7</sup> da Companhia de Comércio Inglesa, por um lado, e as Autoridades Portuguesas de Macau. O Anexo de Letra B contém as Actas das diversas Sessões do Senado que deliberaram sobre as posições a tomar. Finalmente, a Letra C comporta a correspondência trocada entre os Mandarins e o Procurador da Cidade, pelo menos no tempo inicial, o Senhor Manoel Pereira, Senador e abastado proprietário de navios

<sup>5</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra C – Doc. 5.

<sup>6</sup> A.H.U., Macau, Caixa 27, Docs. 36 e 48.

<sup>7</sup> Membros da tripulação, representantes do armador, que dirigem o comércio da carga transportada nos navios.

mercantes. Foi resolvido que, para obviar a qualquer contencioso jurídico, estas cartas fossem redigidas pelo Desembargador Ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira<sup>8</sup>.

O comandante da expedição, Almirante Drury, era portador de Carta do Lorde Minto, governador e capitão general de Bengalla, destinada ao Governador de Macau, Bernardo Aleixo de Lemos e Faria. Nela se dava conta dos mais recentes acontecimentos bélicos na Europa – que seriam, seguramente, do conhecimento do Governador – determinantes da retirada do Príncipe Regente e Família Real para o Brasil, com o auxílio da Esquadra Inglesa.

Estando as duas Coroas unidas por uma causa comum, o Monarca Britânico protegeria, e asseguraria a permanência da autoridade de D. João nos seus Domínios, em qualquer parte do Globo. Lorde Minto dava conta de ter havido ordens expressas do Príncipe Regente “*para pôr as Possessões Portuguesas nas Índias do Este debaixo da protecção de Sua Majestade Britânica*”, o que determinara as providências de que incumbira o Almirante Drury, tanto para a Índia como para a China.

Há já algum tempo que, com concordância da Corte de Lisboa, uma guarnição inglesa fora destacada para garantir a protecção de Goa, com plena aquiescência do Vice-Rei, capitão general das Possessões Portuguesas na Índia e China. Lorde Minto lembrava a acção desenvolvida, em 1802, para auxílio de Macau, que não fora aceite pelas Autoridades locais, mas a situação agora era muito mais delicada, acrescentando: “*Seria fazer injustiça aos Sentimentos de lealdade, e fidelidade de V. Ex.<sup>a</sup> para o seu Augusto Soberano o admitir que V. Ex.<sup>a</sup> duvidará, ou não ser disposto de receber este Destacamento Britânico no Estabelecimento de Macau*”. Como isto era impensável, restava que S. Ex.<sup>a</sup> combinasse com o Almirante onde acomodar os soldados e distribuí-los pelos pontos estratégicos do território.

Lorde Minto não tinha a mínima dúvida de que a vida civil, económica e militar continuaria inalterada “*no importante Estabelecimento de Macao*”, que, apenas, se sentiria mais seguro com tão benfazeja protecção<sup>9</sup>.

Acontece que, do ponto de vista do Governador e restantes Autoridades, a situação em que o território se encontrava era a mesma de 1802 e de 1806: não havia qualquer temor de ataques franceses, cujos navios, desde tempos imemoriais, não eram vistos por aquelas paragens; e o território pertencia ao Império da China, não sendo mesmo permitido a embarcações de Nações Estrangeiras sequer ancorar em franquia, no seu porto. Portanto, havia duas circunstâncias que obstavam aos intentos de desembarque: “*falta de Superior autoridade, e comprometimento com o Governo Sínico, para condescender com tal procedimento*”<sup>10</sup>.

Logo em 15 de Setembro o Procurador da Cidade – pela pena do Ouvidor Arriaga – alertou os Mandarins mais chegados: o da Vila de Hiang-xan, distrito a que pertencia

<sup>8</sup> Passou á História como Ouvidor Arriaga, forma como está consagrado na Toponímia de Macau, pelo seu desempenho nesta emergência, pela seguinte, que consistiu em retumbante derrota infringida aos Piratas, e pela grande importância da sua acção em proveito do Progresso da Cidade.

<sup>9</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra A – *Doc. 1*.

<sup>10</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55 – *Ofício do Senado da Câmara de Macau para o Principe Regente, 8 de Março de 1809*.

Macau, e ao que residia na Casa Branca, próxima de Macau, com a particularidade de estas cartas terem recebido a aprovação prévia do Almirante<sup>11</sup>.

A primeira resposta não tardou. Logo a 17 o Mandarim da Casa Branca alertava: “*este pequeno território de Macao foi por benefício, e piedade da Celestial Dinastia da China, concedido aos Portugueses, os quais há centenas, e alguns anos mais nele habitam em paz, e concórdia*”. Não era permitido a navios de guerra estrangeiros acolherem-se ao porto de Macao: tinham de se confinar à Franquia de Ky King. Punha a hipótese de poder haver, da parte inglesa, “*dolo, ou oculta Cavilação*”, não autorizava o desembarque e esperava dos Portugueses a maior vigilância aos movimentos dos militares intrusos, avisando-o de qualquer movimento em falso “*sem a mínima demora, e com a rapidez do fogo, e do voo*”<sup>12</sup>.

Em 19 de Setembro chegou a resposta do Mandarim de Hiang-xan, que se verificará ser o principal a quem as Autoridades de Macau tinham de reportar, e que se comportará, sempre, com enorme dureza e desconsideração. É ele que profere as maiores ameaças – desde o severo julgamento de todos em Cantão, até à irrevogável expulsão do território – e, até ao fim, mesmo depois de o Vice-Rei de Cantão (o Suntó) desculpar o comportamento dos Macaenses, continuava desestabilizador. A cada ameaça ao Almirante e suas Tropas seguiam-se admoestações para os Portugueses, os quais só podiam esperar calamidades se ousassem faltar à obediência ao Celeste Império.

Agora, nesta resposta de 19 de Setembro, afirmava ser “*incongruente*” o quadro da vinda das forças britânicas para ajudar os portugueses de Macao, “*porquanto, sendo o território de Macao do Domínio do Grande Imperador da Celestial Dinastia da China, o qual apiedando-se de vós, que de tão longe vieste Comerciar à China, vo-lo concedeu para nele habitardes, ainda que os Franceses, pequenos Estrangeiros de além dos mares tenham invadido com Soldados o vosso Reino, poderiam eles porventura atrever-se a infringir as Leis da Celestial Dinastia, e virem a Macao molestar-vos?*”. Encorajava a intimidar o Almirante para sair com os seus navios da franquia de Macao, onde não era lícito permanecer, para rematar: “*Porém, se ousardes permitir aos Ingleses o desembarque das suas Tropas, ainda que seja de um só Soldado, Eu farei para logo Aviso aos Mandarins grandes, que procederão contra vós com todo o rigor, e sem indulgência alguma*”<sup>13</sup>.

O Governador insistia, junto do Almirante e dos Sobrecargas da Companhia de Comércio Inglesa reconhecida pelas Autoridades de Cantão, pela impossibilidade de anuir aos propósitos de desembarque, face aos argumentos já conhecidos. O Almirante Drury resolveu endurecer a posição, inesperadamente, em 19 de Setembro, e a pressão britânica tornou-se insustentável nas horas e dias que se seguiram.

Com efeito, em Carta desse dia 19, assinada pelo Contra-Almirante William O’Brien Drury, comandante em chefe das Forças Britânicas nos mares de Leste, e por Thomas Robertson, Capitão Engenheiro Comandante das Tropas, a bordo do Navio *Russel*, afirmou-se serem justos e liberais os oferecimentos de Lorde Minto, rejeitados “*por perverso abandono da lealdade e deveres do Governo de Macao*”. Todos os amigá-

<sup>11</sup> Ibidem, Anexos Letra C – Doc. 1.

<sup>12</sup> Ibidem – Doc. 2.

<sup>13</sup> Ibidem – Doc. 4.

veis e convenientes esforços da parte deles chocaram com a obstinação portuguesa. Assim sendo “*eram arrastados pela injustificável conduta à triste necessidade de tomar medidas pelas quais os Vassallos da China poderiam sofrer*”. Como tudo resultava da obstinação das Autoridades de Macao, elas seriam as únicas responsáveis “*por todas as misérias, e infelicidades que possam sobrevir*”. Assim, viam-se reduzidos “*ao penoso extremo de informar a V. Ex.<sup>a</sup> que diariamente esperamos a chegada do momento em que a ocupação de Macao pelas Tropas Britânicas há-de ser indispensável, e de que é nossa intenção, quando esse momento chegar, de desembarcar os Soldados, e Marinheiros debaixo do nosso comando, e de tomar possessão à ponta de baioneta*”<sup>14</sup>. Para que não restassem dúvidas ainda era acrescentado “*hei-de considerar qualquer espécie de oposição, como directa rebelião*”. O Governador e o Senado de Macao “*têm em seu poder o remédio para imediata admissão de um Destacamento de Tropas Britânicas para assistir a V. Ex.<sup>a</sup>, e as Tropas Portuguesas em defesa da Coroa de Portugal*”<sup>15</sup>.

Este Ultimatum foi entregue pelo Capitão William Peckanham, da Marinha, e Capitão Percy, de Artilharia.

Como é possível poder encontrar justificação para o ultraje de querer impor pela força uma ajuda não pretendida, nem desejada, afirmando, com clareza, que a violentada “*ocupação do território*” determinaria perda de vidas, que podiam abranger a população civil?

Ao mesmo tempo que se sofria este vexame britânico era recebida a Chapa do Mandarin de Hiang-xan, já citada, a ameaçar o Governo de Macao se permitisse o desembarque inglês. A resposta do Procurador da Cidade, nesse mesmo intenso dia 19, alertava para o recebimento do Ultimatum britânico, estranhando que se pretendesse responsabilizá-los “*pelos resultados de um acto de violação*” de eles mesmos. O Procurador Solicitava ao Mandarin do Distrito “*providências as mais eficazes para obstar a tais violações*”<sup>16</sup>.

Mas as surpresas não cessam acerca da fecundidade epistolar deste 19 de Setembro, porque tem a mesma data outra Carta do Almirante Drury, esta para o Suintó de Cantão, de teor muito diverso do Ultimatum que feriu a Governança de Macao.

O comandante da Esquadra Britânica reportava-se à ocupação de Portugal pelas forças napoleónicas, que determinara a retirada do Príncipe Regente e da Família Real para o Brasil, com o intuito de justificar que “*o seu Soberano, perpétuo Aliado daquele Príncipe*” se impressionasse com “*a desmedida ambição dos Franceses, que aspiravam a apoderar-se de todas as Colónias daquele Reino*”. Por isso recebera ordens para as proteger “*com a Esquadra do seu comando*”. Essa a razão de ter irrompido em Macao onde iria “*mandar desembarcar alguns Soldados para ficarem residindo na defesa da Cidade*”, enquanto ele iria com a sua “*Esquadra dar caça aos Franceses*”. Dificilmente se entende esta postura, face à natural certeza do Almirante acerca da inexistência de navios franceses a que dar caça nos mares da Ásia, aos quais estava confinada a sua frota de guerra.

Estava certo de que o pequeno auxílio para defender Macao “*de acordo com os Portugueses*” não seria desaprovado pelo grande Suintó. Terminava pedindo audiência em

<sup>14</sup> Sublinhados meus, para vincar a ideia expressa de ser ocupação e posse, e pela força.

<sup>15</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra A – Doc. 7.

<sup>16</sup> Ibidem, Anexos Letra C – Doc. 5.

Cantão, para onde ia dirigir-se, não apenas para ampliar a sua exposição, como também “*manifestar a V.Ex.<sup>a</sup> as rectas intenções do meu Monarca*”<sup>17</sup>.

A resposta do Governador ao Ultimatum seguiu no dia imediato. A carta fora-lhe “*intimada às 8 horas da manhã*” da véspera, tendo oportunidade de expressar, em termos da maior contenção, a enorme surpresa pelo seu conteúdo, informando ir ser objecto de análise em Conselho. Carta de teor análogo foi expedida, na mesma data, para a Companhia Inglesa de Cantão, que dispunha, no entanto, de Escritório em Macau.

A pressão britânica manteve-se nesse dia 20, através da resposta da Companhia, a remeter para as competências do Almirante, e para o seu desejo de obter o assentimento do Vice-Rei de Cantão. E ainda de outra carta militar, subscrita pelo Capitão William Peckanham, um dos mensageiros do Ultimatum, que ousava dirigir-se ao Governador de Macau para o informar de ter “*neste momento recebido Ordem do Contra-Almirante Drury para ir para bordo às quatro da tarde com a vossa resposta definitiva, de sim ou não*”. A essa hora iria à residência do Governador recebê-la. Porém, se não a recebesse então “*tenho razão para crer que o Almirante considerará as vossas intenções hostis*”<sup>18</sup>.

Neste dia 20 reuniu o Conselho de Governança. Realizou-se nas instalações do Senado, composto por Vereadores e “*também os Homens Bons Almotacéis*”, o Desembargador Ouvidor Arriaga, os Bispos – da Diocese e de Tepassa –, presidindo o Governador. O objecto da sessão era “*sobre a pretensão que tem o Governo Britânico de meter Tropas Auxiliares em Macao*”.

A assembleia foi informada do teor da Carta da véspera, subscrita pelo Almirante e o Comandante da Tropa. O voto foi nominal, apresentando-se várias tendências, inclinando-se a maioria para subscrever, com dezanove votos, a opinião de Agostinho Antonio Spada, de admitir o desembarque, dada a impossibilidade de lhe resistir, disso dando parte às Autoridades Sínicas. A opinião com a votação seguinte, dada por sete Vereadores, foi a de Francisco Jozé de Paiva, no sentido de recusar o auxílio proposto, mas, no caso de resolverem desembarcar, de não haver resistência.

Finalmente, o Governador disse que “*pronto desde o princípio em defender a Cidade pelas obrigações da sua honra, e suas responsabilidades, . . . , se alegrava muito de ver conformes a pluralidade de votos*”, atenta a diminuta guarnição com que a Cidade podia contar. Face à intimação recebida iria dar resposta que pudesse acolher a sugestão britânica do Destacamento de Tropas para, com os soldados portugueses, defender a Coroa de Portugal. Era entendimento geral dever conhecer-se, mais claramente, em que se pretendia consistisse o auxílio sugerido, pelo que foi proposto haver conferência do Governador, assistido pelo Ouvidor, com os Deputados Britânicos.

A ideia prevalecente foi a de desembarcar, apenas, um pequeno Destacamento, mediante Convenção estabelecida entre as duas partes, de que se daria conhecimento às Autoridades Chinesas, face à ameaça recebida de desembarcarem todos os soldados, e marinheiros pela força<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> Ibidem – Doc. 6.

<sup>18</sup> Ibidem, Anexos Letra A – Doc. 11.

<sup>19</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra B – Doc. 7.

Em resposta à Carta saída do Conselho, o Almirante oficiou ao Governador, logo no dia imediato, congratulando-se com a “*sábia e leal determinação do Governo de Macao, a fim de admitir um Destacamento de Tropas Britânicas*”, o que evitava a quebra da grande amizade, há muito, existente entre os dois Soberanos, e permitia que entrasse em Macao como “*sincero Amigo*”. Iria mandar dois Oficiais, nessa manhã, para tratar das convenientes acomodações<sup>20</sup>.

Esta Carta determinou a reunião de novo Conselho, imediatamente, para analisar a matéria e assentar no articulado da Convenção a submeter aos Oficiais deputados do Almirante.

O Governador e presidente decidiu dar por interrompida a sessão, após comunicar o teor da Carta recebida, retirando-se para a Fortaleza do Monte, deixando ao Ouvidor a direcção dos trabalhos com os Deputados do Almirante. O Conselho tomou conhecimento, entretanto, de que “*antes de chegarem os Deputados para o arranjo deliberado, se destacara uma Galera, e um Brigue, com Lanchas, para o desembarque*”. O Governador alertou o Ouvidor para “*não admitir qualquer arranjo sem que parassem o desembarque*”. Dois dos Oficiais chegados regressaram para conferenciar com o Almirante, a obter poderes face à necessidade de se elaborar uma Convenção com os termos em que as Tropas Britânicas eram aceites em terra.

A acta deste Conselho de dia 21 é um verdadeiro relato das conversações havidas entre as partes e de acontecimentos paralelos, como a participação feita por Intérprete ao Mandarim de Hiang-xan de o desembarque estar em curso, e da ordem deste para que, prosseguindo ele, “*não se fizesse fogo, salvo se fosse feito primeiro pelos Ingleses*”.

Os Deputados que tinham ido conferenciar com o Almirante, ao tomarem conhecimento do articulado estabelecido ao fim de várias horas de trabalho conjunto, recusaram algumas disposições. Esta Conferência foi dada por encerrada às cinco da tarde, por se verificar haver lanchas a transportar Tropas Britânicas para a Praia, e, apesar dos protestos, não se ter obtido que cessassem.

A reunião do Conselho encerrou-se após a ratificação, por todos, dos artigos aprovados para a Convenção a assinar com os Oficiais Britânicos<sup>21</sup>.

## 2. Desembarque das Tropas Britânicas e Problemas inerentes

O desembarque foi-se operando de forma atrabiliária, com a Oficialidade Britânica alheia ao respeito devido às Autoridades de Macau, na permanente afirmação da soberania com que tratava todos, nomeadamente, os súbditos de um Soberano Aliado. Não se verificou à ponta de baioneta mas foi a seu bel-prazer, quando lhes apeteceu começar a descarregar soldados na praia, indiferentes às ponderações a que o Governador era obrigado, ciente da firme oposição dos Mandarins e desprovido de qualquer Ordem Superior, mesmo que emanada de Goa.

<sup>20</sup> Ibidem, Anexos Letra A – Doc. 13.

<sup>21</sup> Ibidem, Anexos Letra B – Doc. 8.

Na tentativa de salvaguardar a presunção de autoridade de que estava revestido, o Governador procurou pôr algum limite à prepotência evidenciada pelos Oficiais Britânicos, concebendo um quadro legal em que as Tropas invasoras (sem eufemismos) fossem forçadas a algum comedimento.

Face à oposição inglesa a três artigos, já referida, o texto possível da Convenção foi o de seis artigos. Neles se consagrava ser o policiamento do território efectuado pelas Tropas Nacionais; que os crimes contra residentes Chineses seriam julgados na terra; que os soldados ingleses eram unidos à Tropa portuguesa, debaixo das ordens do Governador; que seriam acomodados nas melhores condições ajustadas às exigências de defesa; que a Bandeira Portuguesa seria a única a poder ser içada; que as fortificações poderiam ser reparadas pelos Britânicos e devidamente municionadas, embora o grosso das munições e petrechos de guerra ficassem em armazéns da Cidade, à guarda da Tropa Nacional; que os Ingleses não poderiam impedir a livre circulação dos Navios admitidos pelas Constituições Sínicas, mantendo-se a admissão das suas embarcações no Porto no regime anterior a esta Convenção. Finalmente, após a assinatura desta, o Governo de Macau envidaria esforços junto dos Mandarins no sentido de ser aceite o regime estabelecido, contando com a apropriada cooperação britânica. Estes Oficiais eram responsáveis perante SAR pelas consequências desta Convenção, ajustada sem Ordem Superior do Príncipe Regente. A Convenção foi assinada e ratificada por ambas as partes em 21 de Setembro de 1808<sup>22</sup>.

No 1.º de Outubro o Almirante dirigiu calorosa Carta ao Governador de Macau, congratulatória do sucesso alcançado, e participando ir levar o texto da Convenção para entregar ao Suntó, na audiência que esperava este lhe concedesse em Cantão. Na mesma data foi redigida a resposta do Governador, acomodado à nova situação e pedindo que representasse ao Vice-Rei “*as vantagens que resultarão à Grã-Bretanha e a Portugal, expondo a necessidade que havia do adjutório das ditas Tropas, contra o poder da França, e seus dependentes*”<sup>23</sup>.

Pouca sorte teve o Governador ao procurar dispor de tal mensageiro para o Suntó, pois este não só ignorou a presença do Almirante e dos seus navios de guerra nas imediações de Cantão como não deu resposta às suas Cartas. Mas, não nos antecipemos.

Em 30 de Setembro ocorreu a inesperada visita, à residência do Procurador da Cidade, Manoel Pereira, de quatro delegados do Suntó de Cantão, para o submeter a um Inquérito. Eram Hanistas, membros da Companhia de Comércio Externo Chinesa, sendo, para o efeito, requerida a comparência do Intérprete. A maior parte dos quesitos tinha a ver com o comportamento dos Ingleses desde que tinham chegado a Macau, em especial se haviam motivado distúrbios ou molestado algum morador. Outro conjunto de perguntas respeitava às Fortalezas: se tinham sido ocupadas com violência ou cedidas pela Cidade, e se era previsto ocuparem mais alguma. Queriam saber, também, qual a dimensão e estrutura da população da Cidade, e “*se os Moradores de Macao desejavam residência das Tropas Britânicas nesta Cidade*”. O questionário seria submetido ao Tribunal

<sup>22</sup> Ibidem, Anexos Letra A – Doc. 15.

<sup>23</sup> Ibidem – Docs. 16 e 17.

da Cidade e oportunamente respondido, assentando-se, no dia seguinte, no Senado, no tipo de resposta a dar<sup>24</sup>.

Soube-se que a diligência dos Hanistas visava recolher material com o qual fossem persuadidos os Sobrecargas da Companhia Inglesa, como únicos reconhecidos de existência legal na China, de terem de obter dos seus concidadãos militares o reembarque das tropas, sem o qual o Comércio não poderia continuar<sup>25</sup>.

A Convenção foi comunicada aos dois Mandarins directos de Macao em 1 de Outubro, dando conta de as tropas britânicas terem ocupado as Fortalezas da Guia e do Bom Parto, para evitar atritos com a população de etnia chinesa. A pronta reacção foi, como se esperava, do Mandarim de Hiang-xan.

Nos usuais termos desabridos vociferou: “*Consta-me que o desembarque das Tropas Inglesas em Macao ou precedeu da vossa pouca vigilância, ou de estardes mancomunados com elas para algum oculto fim. O que é um procedimento de quem não tem Lei. Os Portugueses habitam desde muitos anos em Macao, recebendo superabundantes benefícios da Celestial Dinastia da China: mas eles atrevem-se actualmente a faltar à devida submissão!*”. Já tinha transmitido para Cantão o pedido de ser sustida a carga e descarga de navios mercantes ingleses e serem colocados sob guarda militar. Incitava o Governador e outros responsáveis Macaenses a insistirem com a recomendação para os ingleses fazerem reembarcar os soldados. Se os invasores não o fizessem os navios mercantes seriam incendiados e presos todos os militares ingleses para serem devidamente julgados. E, como era de regra, os Portugueses não eram poupados, porque tinham acedido ao desembarque das Tropas. Tinham de lhe mandar toda a correspondência trocada com os Ingleses, antes e depois do desembarque. Face ao seu conteúdo “*podia ser tivessem de ser conduzidos à Metrópole de Cantão, para serdes processados*”<sup>26</sup>.

Nesse dia 11 de Outubro o mesmo Mandarim emitiu nova reprimenda, em que salientava a grande benemerência da Celestial Dinastia da China para que os Portugueses há mais de dois séculos residissem em Macau: “*mas, não é terra vossa!*”. Mesmo os militares portugueses guarnecerem as Fortalezas – que os Portugueses tinham construído, o que o Mandarim omitia – era concessão dos Chineses, pelo que tinham exorbitado ao permitir que os ingleses ocupassem duas delas. Livrassem-se de que ocupassem mais alguma: “*Eu imediatamente darei parte ao Exmo. Suintó, o qual vos expulsará também a vós de Macao para a Europa, sem vos ser lícito o tornardes a habitar neste território*”<sup>27</sup>.

Na resposta do dia seguinte, o Procurador dava conta de remeter cópia de toda a correspondência havida com o Britânicos, na convicção de que nada haveria a criticar no seu modo de proceder, acrescentando ter acabado de ser recebida correspondência do Vice-Rei da Índia que lhes mandava acolherem aos Ingleses como fiéis Aliados que eram da Coroa de Portugal<sup>28</sup>. Embora fora de tempo, o Governador recebia a Ordem

<sup>24</sup> Ibidem, Anexos Letra C – Doc. 9.

<sup>25</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55 – *Ofício do Senado da Câmara de Macau para o Príncipe Regente, 8 de Março de 1809.*

<sup>26</sup> Ibidem, Anexos Letra C – Doc. 11.

<sup>27</sup> Ibidem – Doc. 12.

<sup>28</sup> Ibidem – Doc. 13.

Superior pela qual tanto ansiara a dar-lhe cobertura da Coroa para a intempestiva invasão britânica.

Entretanto, o Procurador assegurara ao Mandarim de Hiang-xan que a Fortaleza do Monte – onde até o Governador tinha instalações – continuaria guarnecida por soldados portugueses, e começou a notar-se o abandono de suas casas por muitos habitantes chineses de Macau, refugiando-se junto de parentes fora das Portas do Cerco. Era notório que os moradores chineses temiam os soldados ingleses. Esta circunstância contribuiu para agravar a tensão que começava a sentir-se na Cidade e a escassez de abastecimento de víveres, assegurada por essa população: a alimentação de Macau era garantida pelos campos exteriores à Cidade. O certo é que, com o encerramento das Alfândegas, também o abastecimento alimentar de Cantão começava a ressentir-se.

As Autoridades Macaenses não perdiam oportunidade para transmitir aos Oficiais Britânicos as intimações dos Mandarins para que reembarcassem e os seus navios abandonassem a franquia do porto de Macau, onde não lhes era permitido permanecer. A tudo se mantinham indiferentes e resolveram pedir, também, a Fortaleza do Monte. Acataram a recusa e os argumentos apresentados.

Entretanto, por meados de Outubro, o Almirante Drury decidiu subir o rio rumo a Cantão, com o intuito de entabular conversações com o Suntó – que não respondera à sua Carta de 19 de Setembro – tendentes ao pleno esclarecimento das intenções da expedição que comandava. O Governador foi instado a interceder junto do Mandarim de Hiang-xan para desenvolver bons-ofícios junto do Suntó: era importante, para a solução de tão grave problema, que o Almirante chegasse à fala com ele.

Por 17 de Outubro, a pretexto do susto que os Ingleses provocavam nos moradores chineses que continuavam a debandar, o Mandarim de Hiang-xan sugeriu que uma das Fortalezas de Macau fosse guarnecida por soldados da China. Isto constituía novo constrangimento Sínico, a que o Senado prontamente reagiu. A guarnição e policiamento da Cidade feitos por soldados portugueses nunca determinara desassossego na população chinesa. A Tropa que servia na Fortaleza pretendida era portuguesa, o que correspondia aos anseios do Povo Chinês. Acontecia, também, que em lugar dos moradores ordeiros que saíam da Cidade, nela estava a entrar uma multidão de vadios e desordeiros que provocava tumulto, roubos e desacato. Eram esses mesmos que provocavam soldados ingleses, sendo desejável que o Mandarim tomasse providências para alterar esse estado de coisas<sup>29</sup>.

Como se não bastasse, chegaram mais navios de guerra britânicos com reforço de Tropas.

O Procurador da Cidade, logo em 22 de Outubro, alertou o Mandarim de Hiang-xan para o desrespeito dos ingleses pela sua deliberação de não lhes permitir o desembarque de mais Tropa: “*assim mesmo chegaram hoje à Praia embarcações com Soldados, e saltaram em terra, encaminhando-se aos Quartéis que têm tomado*”. Interpelados, tinham argumentado com a impossibilidade de manter a bordo Tropa acabada de chegar em navios pequenos, em que estavam embarcados há meses. Estes, agora, eram Cypaes nascidos na Índia, destinados a render alguns dos ingleses europeus<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> Ibidem – Docs. 19 e 20.

<sup>30</sup> Ibidem – Doc. 24.

A reacção do Mandarim, na mesma data, foi violenta, como era hábito, queixando-se da falta de precisão: não lhe era referido o número exacto de soldados hindus, nem dos europeus que os comandavam, acusando o Procurador de ser premeditadamente obscuro. Exigia-lhe clareza<sup>31</sup>. Que teve no dia imediato. Repetia a informação anterior de os primeiros desembarcados terem sido trezentos, dizendo- lhe os Ingleses, agora, que desses regressariam duzentos, e que os soldados indianos chegados eram seiscentos, comandados por cem europeus. Sublinhava que nem ele nem ninguém de Macau dava “*motivo algum à desconfiança que VMcê. declara*”<sup>32</sup>.

Os dias seguintes foram férteis em invectivas contra os Sipaiois, que constituíam sério problema racista para as Autoridades Chinesas, como é manifesto nos termos utilizados na correspondência para o Procurador, a identificá-los como “*Diabos Negros*”. O Mandarim era continuamente confrontado com queixas dos moradores chineses acerca de desacatos causados pelos Sipaiois. Ouvidas ambas as partes o Procurador concluiu que tudo radicava nos preços praticados pelos tendeiros indígenas no fornecimento dos alimentos aos soldados. O regime alimentar dos hindus era incompatível com o rancho da Tropa inglesa, pelo que se abasteciam de inúmeros legumes junto dos moradores. Acontecia que o desconhecimento, recíproco, das línguas respectivas provocava permanentes desentendimentos, inclinando-se os Sipaiois a admitirem estar a ser enganados no peso e nos preços. Daí passar-se, com rapidez, ao confronto físico, até com a destruição de tendas.

Durante algum tempo as maiores preocupações do Mandarim de Hiang-xan com as Tropas Inglesas consistiram, por um lado, na proibição dos Sipaiois visitarem as lojas do Bazar e, por outro, em que fossem montadas tendas de vendedores chineses na proximidade da Fortaleza em que os soldados hindus estavam aquartelados, com a exibição de listas de preços dos diferentes produtos. Tendas foram montadas, mas o desiderato das tabelas de preços verificou-se ser contrário aos costumes locais e, portanto, impraticável. Mas, a fiscalização exercida, pelo menos, conseguiu evitar que os desacatos fossem diários.

### 3. Postura assumida pelo Vice-Rei de Cantão até ao Decreto do Imperador

Os Chineses eram muito ciosos da perpetuação das regras estabelecidas no seu Império. Há muitos anos admitiam que os Ingleses, como outros Povos Europeus, pudessem mercadejar em Cantão, indo e vindo, sem se lhes permitir, no entanto, qualquer residência. A única excepção era concedida aos Portugueses, que desde meados de quinhentos tinham sido autorizados, pelo Imperador, a morar em Macau, território chinês.

O Contrato estabelecido com a Grã-Bretanha era exercido através de uma Companhia de Comércio desta nacionalidade, em Cantão, da responsabilidade de Sobrecargas. Do ponto de vista das Leis Sínicas, apenas a estes era reconhecida personalidade jurídica na China.

<sup>31</sup> *Ibidem* – Doc. 25.

<sup>32</sup> *Ibidem* – Doc. 26.

Esta a razão de ser a eles, Sobrecargas ingleses, que o Vice-Rei de Cantão, por Chapa de 21 de Outubro, dirigiu a admoestação referente à presença de navios de guerra em Macau e ao desembarque de Tropas. Sabendo que o Almirante britânico estava a subir o rio com o intuito de ser por ele recebido, o Vice-Rei comportou-se com o propósito de bem vincar que ele não podia estar ali. Para aquele Mandarim grande, o Almirante era como inexistente.

Na referida Chapa, o Suntó começou por recordar as condições em que era permitido o contacto com comerciantes estrangeiros, verberando a chegada “*de improviso de Naus Inglesas cheias de Soldados, os quais desembarcando vieram para terra, contra o Costume, e Leis do Império*”<sup>33</sup>. Foi recordado que Macau estava dentro dos limites territoriais chineses e a singularidade do tratamento aí concedido aos Portugueses desde tempos recuados, para sublinhar: “*Os mais Estrangeiros Europeus nunca se atreveram a seguir, ou usar dos Direitos, e privilégios, de que gozam os Portugueses para ficarem permanentes em Macao*”.

O pretexto de virem em socorro dos seus Aliados não colhia porque, se acaso os Franceses ousassem vir até Macao, quem apoiaria as Tropas lusitanas seriam os numerosos Soldados do Celeste Império porque, em território sínico, eles eram como filhos do Imperador. “*Mas, se sois amigos dos Portugueses, como dizeis, desejosos de os defender do inimigo, então parece-nos mais acertado que em vossos Navios andeis lá fora por esses mares à espera dos Franceses, contra os quais deveis ir ao encontro logo que eles chegarem*”.

Esta ousadia belicosa era prejudicial aos negócios que a Companhia de Comércio Inglesa entretinha na China, pelo que deveriam alertar as suas Autoridades militares de que “*sem negócio não podeis subsistir*”. Quanto mais cedo navios e tropas abandonassem Macau mais cedo se reabririam as Alfândegas e eles poderiam comerciar. Ele, revestido do poder que lhe fora concedido como Vice-Rei, e o Mandarim do Tribunal da Alfândega advertiam de não estarem dispostos a repetir admoestações e avisos, sublinhando “*que ouçam o nosso aviso, e obedeçam com respeito*”, para rematarem: “*Nós também não nos dignaremos exortar-vos outra vez*”<sup>34</sup>.

O Suntó mantinha-se vigilante e dois dias depois expediu Aviso sobre a matéria para o Grande Imperador, subscrito por outros Mandarins que não estão nomeados. Embora o texto seja longo o seu objecto é sucintamente exposto logo no início. “*Os Soldados Ingleses sem Licença entraram na Cidade de Macao: pedimos, esperamos a Determinação de Vossa Majestade sobre isso, e juntamente uma declaração pela qual sejam suspensos interinamente os Negócios dos Ingleses até ao prazo em que VM queira dignar-se Mandar o contrário*”.

Os Ingleses tinham feito chegar memoriais justificativos da expedição a um dos Mandarins Vassalos subscritores, em Cantão. Eram apresentadas as motivações já conhecidas. O Mandarim de Hiang-xan tinha informado acerca do número de navios e tropas,

<sup>33</sup> Aspecto impressionante no estudo de todo este episódio reside na finíssima rede de espionagem montada pelos Chineses e na velocidade “*do voo*” a que a informação circulava. Esta Chapa do Suntó foi redigida em Cantão, em 21 de Outubro, data do início do desembarque dos Soldados Britânicos em Macau.

<sup>34</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra C – Doc. 23.

chegados primeiro e mais recentemente, das instalações que ocupavam em terra, etc. Recordavam ao Imperador que há mais de duzentos anos os Portugueses habitavam em Macao, território do Celeste Império, sempre se comportando “*bem e mostrando ser pacíficos, ... sem desordens e maus intentos*”. Não era permitido aos navios britânicos estarem ali ancorados, muito menos desembarcar tropas e repetiam o argumento de deverem ter ficado fora, policiando os mares e guardando o único Canal, da Taipa e Ka-Kiam, por onde podiam os Franceses entrar nas águas de Macau.

Acontecia que os Ingleses não mereciam grande conceito, pois seriam, entre os demais Europeus, “*indivíduos na verdade mais Soberbos, e cheios de Cavilações*”. Daí concluir-se, sem dificuldade que, apercebendo-se da fraqueza em que os Portugueses se encontravam, face aos acontecimentos na Europa que tinham forçado à retirada da Família Real, “*tomam eles ocasião com vãs aparências para lançarem os olhos nos lugares, que a sua ambição lhes insinua a fim de que possam abranger para si todos os Lucros possíveis, e imaginativos*”. Para mais, “*sendo poucos os Portugueses não se atreverão eles a contender com os ditos Ingleses, resistindo-lhes*”.

Dava-se conta ao Imperador das diligências feitas junto dos Ingleses, para que abandonassem Macau, sem demora. Isso tinha sido realizado na pessoa dos Sobrecargas da Companhia, por intermédio de Hanistas; e através de inteligentes Mandarins, um de Letras e outro Militar, directamente aos Oficiais Britânicos, que tinham respondido com a teimosia do seus argumentos pueris.

É neste documento que os chamados Mandarins grandes recordam as antigas solicitações dos Ingleses para disporem de bases terrestres no Império. Como então tinham sido negadas as suas pretensões, de forma peremptória, procuravam enganar os Portugueses. Já o tinham feito em 1802, ocasião em que “*ainda ficaram eles a bordo dos seus Navios ancorados em o Mar da Franquia; porém nesta ocasião já se atreveram a vir para Terra com seus Soldados; donde se vê que o ânimo deles sempre propenso a procurar os seus próprios interesses e todos os Lucros imagináveis, não é já de um só dia, mas sim de muito tempo*”.

Alertavam para as providências já adoptadas para impedir o fornecimento de víveres às Tropas ali estacionadas: “*sem Mantimentos... certamente não poderão subsistir por mais tempo*”. Mas, o essencial era que partissem, até porque “*alguns anos a esta parte não têm aparecido Navios Franceses*”. E lançava-se o último dardo sobre as gentes da Grã-Bretanha, pois até os navios de Manilla andavam desaparecidos, há muito, “*porque os Ingleses com a sua Esquadra pilham-nos e roubam-lhes tudo, e querem abarcar tudo para si*”<sup>35</sup>.

Não há notícia do que ocorreu em Novembro. Desde o início da crise, em meados de Setembro, e todo o mês de Outubro produziram-se numerosos documentos, diariamente, com frenesim, por todas as instâncias. Entre 4 e 30 de Novembro não se encontra um único documento. Desconhece-se a razão do fenómeno.

Entretanto, as Autoridades Chinesas, verificando que o Almirante e o Comandante das Tropas não davam indícios de querer acatar as suas determinações, iniciaram os preparativos de mobilização de soldados, em grande escala, ainda em Outubro. Estas acções culminaram com a publicação, em 30 de Novembro, de um Edital subscrito pelo

<sup>35</sup> Ibidem – Doc. 27.

Mandarin Governador da Vila de Nanhai, afixado em todas as ruas das povoações das duas Províncias sob a alçada do Suntó de Cantão, e por ordem deste. Dava execução ao Decreto Imperial, segundo o qual, face à pertinácia dos Ingleses em continuarem a demorar-se na retirada, se mandassem “*destacar Soldados para os extinguir*”.

Todos os soldados de todas as povoações iam ser incorporados, para eliminar os ditos maus Estrangeiros. Era articulada toda a estratégia de destacamento “*dos Soldados escolhidos dos mais robustos desta Repartição, para guarnecer todas as Embocaduras de Mar, e Rios desta Costa*”. Eram expedidas ordens aos Mandarins de Letras e de Armas para enviassem soldados e meirinhos para a estrita vigilância dos lugares onde os inimigos pudessem tentar acobertar-se. Todas as aldeias e lugares seriam guarnecidos pelos homens mais valorosos. Os Hanistas e Botiqueiros haveriam de determinar, e resolver em comum, a defesa de cada um dos lugares do Distrito. “*Em vós me dando os nomes, eu vos distribuirei armas para vos guarnecer; assim, com a pureza das vossas intenções vós lhe resistireis*”. Era dado o prazo de três dias para os principais completarem o destacamento de “*um número suficiente e enviardes à minha presença, para eu lhe passar revista*”<sup>36</sup>.

Esta era a organização defensiva e de vigilância. A outra, a ofensiva, era organizada no segredo dos gabinetes militares, pela conjugação de diferentes unidades territoriais a acantonar, estrategicamente, segundo a ordem de entrada em acção, nos vastos campos que se estendiam para lá dos limites norte da Cidade, nas actuais Portas do Cerco. Em Chapa do Mandarin de Hiang-xan, quando os Chineses desconfiavam que o reembarque dos Ingleses fosse uma manobra de diversão, e resolvessem, pela calada, voltar a desembarcar, há a explicitação da distribuição das Tropas de ataque.

Nessa missiva, datada de 18 de Dezembro, o sempre ameaçador Mandarin dá conta ao Procurador de que a exiguidade do território de Macau impunha que ali “*devem somente introduzir-se os Soldados da minha própria Vila Siam-xan*” que ele mesmo comandaria. “*Enquanto aos mais Soldados que vierem de várias partes já estão determinados para ficarem ao pé do Monte de Norte, e juntamente ao pé daqueles que se acham na parte dianteira, isto é perto da Caza Branca, e na parte anterior da dita; e sendo dispostos desta sorte esses ditos Ingleses não se atreverão a voltar outra vez para terra*”<sup>37</sup>. Nesta documentação oficial não se encontra referência aos efectivos Chineses mobilizados para fora das Portas do Cerco, mas outra documentação coeva aponta para terem sido perto de oitenta mil homens!

Em 4 de Dezembro foram emitidos dois importantes textos sobre o desencadear da acção das Tropas Sínicas contra os Ingleses.

O primeiro foi uma Chapa do Mandarin de Hiang-xan, com a que recebera do Suntó para transmitir aos Macaenses. O Vice-Rei analisara a situação desencadeada pela ousadia britânica tendo concluído que “*os Portugueses ainda são gratos aos benefícios de Nosso Grande Imperador, e ao mesmo tempo eles têm o devido temor, e respeito, não se comunicando com os Ingleses para se fazerem seus cúmplices no Crime, por esses motivos lhes perdoamos o erro cometido*”. Razão pela qual ordenara às Alfândegas que os navios lusita-

<sup>36</sup> Ibidem – Doc. 38.

<sup>37</sup> Ibidem – Doc. 50.

nos pudessem ser livremente carregados e descarregados, dando-se-lhes “*a faculdade de poderem negociar como dantes segundo o Costume*”.

Já quanto aos Ingleses, parecia não haver esperanças de acatarem as recomendações para zarparem carregando os soldados de volta ao seu Reino. Então, “*dentro de poucos dias será enviada Tropa para Macao*” para os expulsar. Entretanto, que os soldados portugueses se mantivessem vigilantes e, se os Ingleses quisessem aproximar-se da Fortaleza grande do Monte, “*façam tiros de Bombarda sobre eles*”. Era fundamental que os Portugueses de Macao não se deixassem mais enganar pelos britânicos porque, senão, “*serão Réus de maior Culpa, e ficarão também fora da graça de Nosso Grande Imperador*”<sup>38</sup>.

O outro documento importante, emitido nesse dia 4 de Dezembro, foi uma Chapa do Suntó, que continha Decreto Imperial destinado ao primeiro Sobrecarga Inglês, a quem foi entregue, em mão, pelo Mandarin Governador de Cantão e pelo Comandante do Presídio da mesma cidade, instalados numa tenda de campanha situada em ilha vizinha a Hoang-pû, onde compareceram o dito Sobrecarga e todos os Capitães dos Navios da Companhia Inglesa.

O Suntó transcrevia o Despacho do Imperador que, na essência, intimava os navios de guerra Ingleses estacionados em Macau a abandonarem as águas do mesmo porto, de regresso ao seu Reino, depois de reembarcarem todos os soldados e o equipamento militar desembarcado. Se não acatassem prontamente a intimação Imperial, seriam os militares ingleses estacionados no território macaense cercados e presos por numerosa Tropa Chinesa. Sendo cumprido o estabelecido, de imediato, “*ainda poderá ser relaxada a vossa Culpa, e também se vos concederá a continuação do vosso Comércio*”.

De permeio havia o habitual enunciado das prevaricações cometidas e do infundado da expedição, dada a protecção que o Celeste Império concedia aos Portugueses residentes em Macau. Também era repelida a oferta de ajuda, aos Chineses, para limpar as Costas Sínicas dos piratas que as infestavam, rematando o Imperador com uma frase pouco lisonjeira para a Grã-Bretanha: “*É manifesto que o motivo da vossa vinda é certamente porque vendo vós o Comércio que fazem os Portugueses residentes em Macao, aproveitando-vos da oportunidade que vos oferece as suas débeis forças, pretendeis, a título de adjutório, apoderar-vos daquele território: o que é directamente contra as Leis proibitivas da Celeste Dinastia*”<sup>39</sup>.

A solenidade da entrega do documento e a espionagem inglesa terão feito ver aos britânicos que o Imperador levava muito a sério a invasão de Macau e que a mobilização de Tropas para os expulsar era maciça. Definitivamente, as Autoridades Chinesas não lhes permitiriam “*apoderar-se daquele território*” e o menos mau era começar os preparativos para uma retirada airosa.

O indício claro de que as Autoridades Sínicas absolviam os portugueses dos desmandos britânicos está na Chapa endereçada ao Procurador de Macau pelo Mandarin Hópú, que governava a Alfândega do porto de Macau, em 6 de Dezembro, informando que o Tribunal das Alfândegas, face ao pedido formulado pelas Autoridades Portuguesas,

<sup>38</sup> Ibidem – Doc. 41.

<sup>39</sup> Ibidem – Doc. 44.

deliberara permitir “*que façais vossa negociação como dantes segundo o Costume*”. Era sublinhado tratar-se de manifestação de benignidade. Assim, era permitido que fizessem “*carregar os Navios de Fazendas Costumadas para que possam sair deste Porto para aqueles que lhe forem destinados*”<sup>40</sup>.

O “*auxílio*” britânico, além dos muitos outros incómodos já assinalados, determinou que o único meio de sustentação de Macau, o comércio externo, tivesse estado interdito por quase um trimestre. Situação tanto mais gravosa quanto se tratava de um território que, por se situar na região das monções, tinha um período de “*pousio*” marítimo que não lhe permitia aproveitar doze meses num ano.

#### 4. Preparativos e Retirada das Tropas Britânicas

Em 7 de Dezembro, o Mandarim de Hiang-xan mandou mais uma Chapa para o Procurador de Macau. O intróito era o usual, de repisar a vinda dos soldados ingleses, as condições em que se haviam apresentado e a argumentação que sustentavam. Nesta missiva este discurso repetitivo teve duas inovações. A primeira consistiu em refutar a motivação invocada pelos invasores: “*tantos Séculos têm passado em que os Franceses nunca se atreveram chegar a este País para perturbarem o sossego do Povo*”. A segunda, não era menos certa: “*vós os Portugueses não tendes em Macau senão 200, ou 300 Soldados, e eles têm mais de 1.000; vê-se claramente que pretendem constranger-vos de tal sorte, que não tendeis o lugar para vossa morada*”.

Esta reflexão relaciona-se com um dos três Artigos da Convenção assinada para o desembarque, que os Ingleses recusaram liminarmente. Pretendia o Ouvidor que se estabelecesse não passarem as tropas britânicas “*do número das que guarnecem esta Cidade, até à recepção de Ordem Superior, que possa alterar este arrançamento*”<sup>41</sup>. É sintomático das intenções que animavam tais Aliados a reprovação do mais elementar “*fundamento de não restringir a independência da Soberania*”, como foi sustentado nas “*Observações particulares ao 3.º Artigo*” incluídas no documento citado.

O objecto daquela Chapa de 7 de Dezembro era alertar o Procurador para o Decreto do Imperador que impunha a imediata saída das tropas inglesas, e de que o Suntó já tinha “*Tropas prontas, que brevemente iriam para [Macau]: se os Ingleses resistirem, serão eles totalmente destruídos*”. Mas, este Mandarim, tinha necessidade de ser agressivo para os Portugueses, e mesmo conhecendo a opinião do Suntó acerca do seu comportamento, e o perdão do Imperador, e o que ele próprio escrevera nesta mesma Chapa, persistia em admitir que “*tendes Comunicação com eles nos maus desígnios*”, pelo que as Tropas Imperiais levariam a eito, à sua frente, Ingleses e Portugueses: “*então tereis arrependimentos, porém já tarde*”<sup>42</sup>.

<sup>40</sup> Ibidem – Doc. 42.

<sup>41</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra A – Doc. 44.

<sup>42</sup> Ibidem, Anexos Letra C – Doc. 46.

A réplica do Procurador consistiu em comunicar ter sido feita mais uma diligência junto dos Sobrecargas Britânicos, havendo as esperanças de acatamento adiante referidas, e que justificavam pedir ao Mandarim para sustener actos hostis.

A circunstância de a Alfândega de Macau se reabrir para os navios registados naquela Praça e a percepção de que os Ingleses começavam a comportar-se em termos de se admitir estarem a preparar-se para a retirada, levou o Procurador, nas missivas para o Mandarim de Hiang-xan, a exortar à não utilização de força contra o território. É assim, logo na Carta de 6 de Dezembro em que, de modo especial, era agradecido o perdão concedido pelo Grande Imperador, em que remata: “*portanto espero que V.Mcê. faça sustar aquelas forçosas medidas*”; na de 10 de Dezembro, a informar das diligências do Governador de contacto com o Almirante – ainda estacionado no Porto de Vampú – para o incitar ao acatamento da recomendação Imperial, razão pela qual implorava “*não mova Tropas nem pratique acção alguma que possa causar confusão e prejuízos à Cidade*”; em nova Carta desta data, em que dava conta de o Governador ter transmitido aos Sobrecargas Ingleses a última intimação proferida pelo Mandarim, insistindo no pedido de que este promovesse “*a suspensão de actos hostis, que não poderão trazer a esta Cidade aquele bem que se colige assegurar-lhe as Imperiais Resoluções*”.

Daquela diligência ao encontro do Almirante foi encarregado o Desembargador Ouvidor, que se deslocou no Brigue *Princesa Carlota*, acompanhado por um membro do Conselho da Companhia de Comércio Inglesa. Em carta para o Governador, escrita de bordo do Brigue, em 14 de Dezembro, o Ouvidor Arriaga transmitiu a boa nova: “*já tinha sido ordenado por S. Ex.<sup>a</sup> [o Almirante] o reembarque das Tropas; ...só me pedia voltasse imediatamente para sossegar esta Cidade*”<sup>43</sup>.

Correspondência do Governador recebida pelo Mandarim de Hiang-xan, bem como audiência que concedera ao Ouvidor Arriaga, no Pagode destinado aos Mandarins em Macau, nesse mesmo dia 14, persuadiram-no de que “*o Almirante Inglês já anuíra [aos pedidos feitos pelo Desembargador Ouvidor] para se retirar com as Tropas Britânicas*”, como afirmava na sua Chapa do dia 15. Havia o pedido de poderem dispor de mantimentos e outras necessidades para a viagem. Desejavam, ainda, que os moradores chineses fossem instruídos para não insultarem os soldados na debandada. O Mandarim ponderou que o Almirante, assentando “*em voltar de boa vontade*”, já dava mostras de “*respeito, e obediência às Leis Imperiais*”, pelo que dera ordens para se lhes venderem algumas “*cousas usuais de cada dia*”. Porém, acerca de mantimentos para a viagem, fiava mais fino, pois os Ingleses continuavam a não merecer confiança. Portanto, quando os navios, com o bojo repleto de soldados, tivessem saído da Taipa, é que se lhes permitiria comprá-los. Só então, já fora das águas do porto de Macau, poderiam fazer “*o Rol das cousas que se querem comprar entregando-o aos seus Compradores, para que as Compreem, e façam transportá-las a bordo dos Navios*”.

No tocante ao comportamento dos moradores chineses, os Ingleses podiam descansar: já transmitira ordem aos “*Cabeças das Ruas que avisassem a todos para que não insultem*”.

<sup>43</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra A – Doc. 38.

*tassem a esses homens, nem lhes dissessem palavras injuriosas*” porque, dispostos a regressar às suas terras, já mereciam ser tratados como hóspedes<sup>44</sup>.

O Procurador era exortado a que se transmitisse ao Almirante e aos Sobrecargas o solene aviso de “*que infalivelmente dentro de dois dias farão embarcar todos os seus Soldados, sem deixar nenhum em Macao*”<sup>45</sup>.

Em 18 de Dezembro, o Mandarim de Hiang-xan remeteu Chapa ao Procurador, a confirmar estarem os soldados britânicos a embarcar, mas como os navios não levantassem ferro, e não sendo os Ingleses dignos de crédito, temia que desembarcassem de novo, relatando, então, as providências de distribuição das Tropas, do lado de fora da fronteira terrestre, a que já houve ocasião de fazer referência. Recorde-se que, nessa oportunidade, o Mandarim referira que as Tropas preparadas para entrar na Cidade eram as da sua Vila, que ele próprio comandaria.

Esta circunstância foi abordada na resposta do Procurador, por Carta do dia seguinte, 19. Expressamente foi referido que as Constituições Imperiais vedavam a entrada em Macau de “*Soldados Sínicos, senão quando forem pedidos a bem da Causa Pública, contra qualquer Inimigo que a perturbe*”, o que não era o caso.

O propósito central da Carta era o de contrariar as desconfianças do Mandarim, que dissera ainda haver muitos soldados ingleses na Cidade e nas fortalezas. O certo era terem embarcado naquele dia “*os Soldados que por falta de tempo tinham restado de ontem, em que fizeram entrega das Fortalezas Guia e S. Francisco, sem que ali ficasse um só Soldado da Guarnição Britânica*”. Portanto podia garantir: “*todos se acham a bordo, as Fortalezas entregues, e já o Patrão-Mor está nos três Navios de transporte surtos em Maria Nunes para os conduzir fora da Taipa*”. Portanto, pela própria vontade dos Ingleses as Ordens Sínicas tinham sido acatadas, porque, acima de tudo, queriam conservar a Aliança estabelecida com o Celeste Império.

Esta missiva redigida pelo Ouvidor Arriaga, em nome do Procurador, não terminou sem que se devolvesse ao Mandarim o desplane de referir serem os seus informantes a dar-lhe conta de permanecerem as fortalezas ocupadas por soldados britânicos. Avizinhava-se o fim daquele tristíssimo episódio em que os Ingleses tinham feito perigar o entendimento secularmente existentes entre as Autoridades Chinesas e a Governança Portuguesa de Macau. Esta reportava tudo com verdade, sendo desnecessárias “*Espias Sínicas nas Fortalezas para observarem o que a VMcê. se assegura, porque isso é indecente ao Carácter próprio do Senhor Governador*”<sup>46</sup>.

O Mandarim de Hiang-xan deslocou-se ao Senado da Câmara de Macau, em 20 de Dezembro, com o intuito de “*confirmar a notícia da saída das Tropas Britânicas, para que pudesse anunciá-la ao Suntó com a veracidade*” exigida. Não havia a intenção “*de molestar a Cidade, recomendando vigiassem, o que ele faria de sua parte também, que não houvesse novo desembarque, por lhe constar que os Navios de seu transporte ainda se demoravam nas*

<sup>44</sup> A existência destes “*Cabeças das Ruas*” é mais um indício da organização da espionagem e das comunidades chinesas.

<sup>45</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra C – Doc. 49.

<sup>46</sup> Ibidem – Doc. 52.

*vizinhanças, assegurando finalmente que o Comércio Britânico em Cantão se restabeleceria quando os ditos Navios se retirassem*<sup>47</sup>.

Foi desta mesma data a Certidão passada pelo Procurador da Cidade, a pedido dos Mandarins de Hiang-xan e da Casa Branca. Solenemente certificou “*que os Soldados dos Ingleses que estavam em Macao já se embarcaram todos e brevemente hão-de voltar para o seu próprio Reino*”. E, para que não restassem dúvidas, havia a redundância: “*Presentemente nenhum dos ditos Soldados se acham já em Macao, segundo o exame que tenho feito; em fé do que passei esta Certidão, em que não há falsidade alguma: o que afirmo é verdadeiro*”<sup>48</sup>.

Finalmente, podia respirar-se de alívio, terminado o pesadelo que se tinha vivido por aqueles três longos e penosos meses, em que a prepotência britânica viera tirar da sua quietação aquelas gentes simples, que mercadejavam pelos portos asiáticos, longe do esplendor da intermediação do Comércio entre a China e o Japão, que fizera a grandeza da Cidade do Nome de Deus de Macau.

Era falso. Ainda faltava a opressão de um Mandarim de Armas, talvez frustrado por não ter podido comandar o rolo compressor de oitenta mil homens a esmigalhar mil soldados de Sua Majestade Britânica e deitar as sobras borda fora. Chegado a Macau não tinha sido visitado pelo Procurador da Cidade, a prestar-lhe vassalagem. Por isso, nos termos mais descompostos, o intimava para comparecer diante dele às oito da manhã seguinte. Queria uma Certidão – aquela que, na véspera, entregara aos do Distrito – de não haver Soldados Britânicos escondidos e, que o acompanhasse, de seguida, de Fortaleza em Fortaleza, a catar os alapados<sup>49</sup>.

## 5. Epílogo

Desta vez a Grã-Bretanha teve de aceitar a humilhação da retirada. O quadro em que se desenvolveria a guerra com os Chineses não lhe era favorável. O desequilíbrio de forças, em terra, era enorme. Mesmo o episódio da incursão dos navios de guerra ingleses, rio acima a caminho de Cantão, mostrara ao Almirante a séria hostilidade sínica, chegando a ser disparados tiros de canhão de fortalezas, coisa nunca vista contra europeus. Se resistissem instalados em terra seriam derrotados.

A paladina das grandes causas, quando lhe convinha, como a abolição da escravatura, trinta e tal anos depois mandou uma esquadra poderosíssima para, na região e no seu meio favorável, o marítimo, impor à China que se envenenasse com o ópio britânico, fabricado na Índia. Devolvida a humilhação ao Celeste Império, derrotado na Primeira Guerra do Ópio, a Grã-Bretanha obteve, finalmente, a ilha onde em 1842 estabeleceu a sua base de Hong-Kong, no extremo oposto a Macau na foz do rio das Pérolas. Foi, ainda, a Moral Vitoriana, que impediu jogo e prostituição de se instalarem no seu território, desafiando empresários chineses a implantarem os vícios em Macau. O que tinha

<sup>47</sup> A.H.U., Macau, Caixa 28, Doc. 55, Anexos Letra B – Doc. 15.

<sup>48</sup> Ibidem, Anexos Letra C – Doc. 54.

<sup>49</sup> Ibidem – Doc. 56.

a vantagem adicional de garantir a prosperidade da empresa de transporte fluvial entre os dois Portos, sediada em Hong-Kong, tal a avidez com que a puritana população da colónia inglesa se derramava em Macau.

## **Bibliografia**

### **Fontes Primárias**

Arquivo Histórico Ultramarino, Fundo do Conselho Ultramarino, Arquivo de Macau, Século XIX, Caixa 28, Documento 55 e seus Anexos das Letras A, B e C, num total de 123 documentos.

### **Fontes Impressas Antigas**

Biker, Julio Firmino Judice (1886), *Collecção de Tratados e Concertos de Pazes que o Estado da India Portuguesa fez com os Reys e Senhores, etc.*, Lisboa, Imprensa Nacional.

Andrade, Joze Ignacio de (1835), *Memoria dos Feitos Macaenses contra os Pyratas da China: e da entrada violenta dos Ingleses na Cidade de Macáo*, Lisboa, na Typografia Lisbonnense, 2.<sup>a</sup> Edição.

### **Fontes Impressas Actuais**

Boxer, Charles Ralph (1992), *O Império Marítimo Português, 1415-1825*, Lisboa, Edições 70; (1989), *O Grande Navio de Amacau*, Lisboa, Fundação Oriente, 4.<sup>a</sup> Edição, primeira em Português; (1991), *Estudos para a História de Macau, Séculos XVI a XVIII*, Lisboa: Fundação Oriente.

Newitt, Malyn e Robson, Martin (2004), *Lord Beresford e a Intervenção Britânica em Portugal 1807-1820*, Lisboa, Imprensa de Ciência Sociais.

Pires, Benjamim Videira Pires, S.J. (1993), *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII*, Macau, Instituto Cultural de Macau e Museu Marítimo de Macau.

Rodrigues, Paulo Miguel (1999), *A Política e as Questões Militares na Madeira – O Período das Guerras Napoleónicas*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

Romão, José António de Arez (1993), *Portugal, Uma presença de Cinco Séculos na China*, Lisboa, Lusitânia Companhia de Seguros, SA.

# A MARINHA MERCANTE PORTUGUESA NA CARREIRA DE MACAU. HOMENS, NAVIOS, ROTAS E CARGAS NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XIX

Alexandre de Paiva Monteiro

## 1. Introdução

As convulsões sociais, económicas e políticas que marcaram todo o longo século XVIII português não deixaram de afectar o modo como o Reino se relacionava logística e mercantilmente com as suas mais variadas colónias e possessões ultramarinas.

Entre as alterações mais marcantes a um sistema que até então fora maioritariamente gerido por iniciativa estatal – quer directamente, quer através da concessão de monopólios ou de outro tipo de privilégios comerciais – conta-se o recrudescimento da iniciativa privada e a crescente importância social e económica dos capitalistas e negociantes de grosso trato ligados à navegação de longo curso<sup>1</sup>.

Com o mundo todo como palco de negócios, arriscando naufrágios, guerras e apresamentos, gerindo uma complexa rede de associados e de correspondentes, estes negociantes-armadores não só equipavam navios e contratavam homens para os tripular, como também vendiam e compravam as mais diversas mercadorias nos mais diversos mercados. E, de todos, o comércio feito com a China através da mediação dos anistas de Macau seria, talvez, um dos mais rentáveis<sup>2</sup>.

Recorrendo essencialmente a documentação inédita dos arquivos Histórico Ultramarino, da Torre do Tombo, Histórico da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Geografia de Lisboa, irão seguidamente caracterizar-se, ainda que de forma muito preliminar, os navios mercantes portugueses que serviam no comércio com Macau, as tripulações que os navegavam, as rotas que percorriam e as cargas que transportavam de e para a China durante o primeiro quartel do século XIX.

---

<sup>1</sup> **Alves-Caetano, A.** (2008a). “A Guerra Peninsular e a economia portuguesa” in *A economia portuguesa no tempo de Napoleão: constantes e linhas de força* (pp. 11-50). Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Lda; **id.** (2008b). “O comércio da Ásia e as Invasões Francesas (encontros e desencontros com o Brasil: 1803-1821)” in *A economia portuguesa no tempo de Napoleão: constantes e linhas de força* (pp. 51-88). Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Lda.

<sup>2</sup> **Carreira, E.** (2005) “Navegação comercial entre o Brasil e a Ásia Portuguesa durante a estadia da Corte no Brasil 1808-1821”, in *Actas do Congresso Internacional «Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades»*, 2 a 5 de Novembro de 2005: Lisboa: FCSH/UNL.

## 2. Metodologia

Este artigo, sobre a navegação mercante para Macau no início do século XIX e os homens, cargas e navios que a constituíam, surge como efeito colateral de uma investigação no domínio da arqueologia náutica.

Com efeito, para contextualizar o sítio arqueológico em causa – o naufrágio de um navio português na costa da Austrália ocorrido quando, em 1816, este se dirigia de Lisboa para Macau<sup>3</sup> – importa entender, não só os factores externos que moldavam e condicionavam o comércio ultramarino de Portugal com o Extremo Oriente mas também os mecanismos internos que o mantinham em funcionamento.

Sendo escassa a bibliografia de base desenvolvida sobre este tema, nomeadamente sobre as questões que aqui se nos colocam – que navios, que homens, que cargas? – decidimos desenvolver este trabalho de investigação trabalhando fundamentalmente sobre acervos documentais à guarda de quatro arquivos portugueses: o Nacional da Torre do Tombo (ANTT), o da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), o da Câmara Municipal de Lisboa (AHCML) e o Histórico Ultramarino (AHU).

O que se segue é, portanto, uma tentativa de quantificar, qualificar e enumerar, de forma mais descritiva do que interpretativa, o panorama náutico mercante vigente durante este período cronológico, com especial enfoque na carreira de Macau e na década de 1810 a 1820,<sup>4</sup> sempre com base na documentação coeva, uniformizando-se tão só a metrologia<sup>5</sup> e aclarando-se apenas os termos mais obscuros ou caídos já em desuso<sup>6</sup>.

Tendo em conta a riqueza documental até agora levantada – a qual discutiremos de seguida – tencionamos em trabalhos posteriores não só alargar o período em estudo para as três décadas iniciais (1800-1830) do século XIX, como também sobre ele lançar o necessário olhar comparativo e interpretativo.

---

<sup>3</sup> **Monteiro, A.** (2011) “José Nunes da Silveira, negociante de grosso trato, capitão de longo curso, armador do Correio d’ Ázia” in *Actas do V Congresso “O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*, 2010. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 239-264.

<sup>4</sup> Tomando exactamente 1816 como ano de charneira, balizando primeiro, e de uma forma mais lata, as décadas de 1800 a 1830, e, numa segunda análise, para um período mais curto, correspondente a uma única década, a de 1810 a 1820.

<sup>5</sup> Em todos os documentos adiante citados, optou-se por se converter as mais variadas unidades de peso utilizadas então (quintais, arrobas e arráteis, etc.) para o sistema métrico. Quanto à geografia, optámos por manter os topónimos então em vigor.

<sup>6</sup> Utilizaram-se fundamentalmente as seguintes obras de referência: **Esparteiro, A.** (1962) *Dicionário Ilustrado de Marinha*. Lisboa: Clássica Editora; **Leitão, H. & Lopes, J.** (1990) *Dicionário da linguagem de Marinha antiga e actual*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos e Cartografia Antiga, Edições Culturais da Marinha, 3ª edição; **Dalgado, S. R.** (1919) *Glossário Luso-Asiático*, vol. I e II. Coimbra: Imprensa da Universidade.

## Arquivo Nacional da Torre do Tombo

No ANTT, analisaram-se especialmente dois núcleos: um respeitante à Navegação, incluído na Secretaria da Junta do Comércio<sup>7</sup>; e outro referente ao Juízo da Índia e Mina, inserido nos fundos dos Feitos Findos<sup>8</sup>.

No primeiro caso, interessam-nos as matrículas das equipagens dos navios. Estas matrículas eram, nem mais nem menos, do que a listagem exaustiva dos tripulantes que cada navio levava em cada viagem transatlântica – posto, nome, filiação, naturalidade, idade, anos em que andava embarcado e até, para certo períodos, os sinais particulares de cada um (cor de olhos e cabelo, fâcias e defeitos físicos)<sup>9</sup>.

Ou seja, é possível saber-se os dados fundamentais das dezenas de milhares de tripulantes – capitão, capelão, pilotos, sobrecargas, secretário, escrivão, contramestre, cozinheiro, copeiro, despenseiro, marinheiros, moços e até escravos – que fizeram milhares de viagens transatlânticas entre meados do século XVIII e 1830. Mas a informação disponível é ainda mais rica, tendo em conta que, para além dos dados pessoais dos tripulantes, cada lista contém ainda o nome da embarcação, a sua tipologia (escuna, brigue, bergantim, galera ou “navio”), o nome dos seus proprietários e o seu destino e/ou escalas – Rio, Maranhão, Pernambuco, Pará, Baía, Angola, Bissau, Benguela, China, Bengala, etc.

Estas listagens<sup>10</sup> – que eram compiladas pelos comandantes e enviadas para a Intendência de Polícia, onde eram averbadas, seguindo depois para a Junta de Comércio – surgem em dois formatos: as listagens completas, compostas pelos documentos originais elaborados a bordo de cada barco ou no escritório do proprietário e posteriormente enviadas pela polícia à Junta do Comércio, arquivadas actualmente sob forma solta, em maços; e as resumidas, inscritas em Livros e compiladas a partir das completas.

<sup>7</sup> A Junta de Comércio foi instituída em Setembro de 1755, sendo a sua direcção composta por um provedor, vários oficiais e seis deputados – quatro de Lisboa e dois do Porto, necessariamente todos homens de negócios. Em 1788, a Junta foi reorganizada, acedendo à categoria de tribunal supremo, assumindo então a designação de Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação. A ela cabia parte do despacho dos navios mercantes que navegavam para os domínios ultramarinos, interessando-nos particularmente dois destes procedimentos: a tomada dos termos de juramento de qualificação dos navios portugueses e, a partir de 1767, a qualificação das equipagens dos navios prestes a partir, **Serrão, J. coord.; Leal, M. J. S. & Pereira, M. H. dir.** (1984) *Roteiro de Fontes da História Portuguesa Contemporânea. Arquivos de Lisboa*, vol I, Arquivo Nacional da Torre do Tombo I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 255-6.

<sup>8</sup> O Juízo da Índia e Mina, do qual dependia ainda o Juízo das Justificações Ultramarinas, lidava com os processos cíveis e criminais relativos ao comércio e à navegação mercante ultramarina. Destes processos, os referentes às habilitações dos herdeiros dos oficiais e marinheiros que morriam a bordo são os mais interessantes, por revelarem pormenores da vida a bordo, das cargas embarcadas e das rotas seguidas na marinha mercante. Interessam também os processos relativos ao pagamento de soldadas em falta e às avarias e naufrágios de navios, **Serrão et al., op. cit.**, vol II, pp. 367-8.

<sup>9</sup> Por aviso de 11 de Maio de 1767, da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mandava-se qualificar na Junta do Comércio as equipagens dos navios, devendo tomar-se de cada navio a lista da sua equipagem com os nomes, idades e sinais das pessoas, lista essa que ficaria registada na Junta do Comércio, remetendo-se da mesma cópia às Mesas de Inspeção ou Governos dos portos.

<sup>10</sup> Para os anos de 1810 a 1820, consultaram-se os seguintes maços, relativos à matrícula de equipagens de navios: maço 36 (cx. 120, 121, 122, 123) e maço 37 (cx. 124, 125, 126, 127). Complementou-se esta consulta com a análise dos livros de matrícula de equipagens de navios, números 63 a 66.

Nestas últimas encontram-se apenas as informações mais básicas (nome de navio, nome do proprietário, destino, nome do comandante, capelão e/ou piloto)<sup>11</sup>.

Quanto aos termos dos navios, trata-se de uma espécie de registo de propriedade, submetido à apreciação da Junta de Comércio sempre que ocorriam alterações na titularidade à propriedade das embarcações com pavilhão português, fossem ou não estas vocacionadas para a navegação transatlântica<sup>12</sup>.

### Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa

No AHCML consultou-se o acervo do Marco dos Navios, complementando-se a análise destes com a base de dados relativa à navegação da carreira do Brasil, excelentemente compilada por Frutuoso *et al*<sup>13</sup>. Este núcleo – formado por 199 códices nos quais se regista a data da entrada de navios nacionais e estrangeiros no porto de Lisboa – fornece-nos dados sobre a proveniência, carga, receita e despesa do direito de entrada de navios no porto de Lisboa<sup>14</sup>.

### Arquivo da Sociedade de Geografia de Lisboa

Nele interessa-nos particularmente o arquivo de José Nunes da Silveira, negociante de grosso trato da praça de Lisboa.

<sup>11</sup> O Instituto de História Contemporânea da FCSH/UNL prepara, desde o Verão de 2013, um projecto de levantamento destes dados (tal como os contidos nos termos de qualificação de navios) para efeitos de estudos demográficos: é possível, por exemplo, saber-se qual a percentagem de escravos cativos e de forros que andava embarcada e há quantos anos e quem eram os seus senhores; saber de que localidades provinham os mareantes e saber se essa percentagem se mantinha para cada posto; saber se havia mobilidade na profissão, ou seja, se havia progressão de moço a marinheiro a contramestre a piloto a comandante; saber-se qual a idade média com que se iniciava a vida no mar e qual a idade média para cada um dos postos; qual o destino de cada barco, e quais os destinos agregados, etc.

<sup>12</sup> Através deles sabe-se, por exemplo, os nomes do mestre e do senhorio da embarcação, a sua tipologia, o nome anterior do navio, quando aplicável, as procurações dos contratadores, o porto de registo e, o mais importante para este trabalho, o seu local de construção. Para os anos de 1810 a 1820 consultaram-se, da Junta do Comércio, os termos de qualificação de navios dos maços 25 (cx. 83, 85, 86), 26 (cx. 87, 88) e 27 (cx. 90, 91 e 92). Infelizmente, neste caso, a série cronológica completa abrange apenas os anos de 1807 a 1829. É de ressaltar que, devido ao mau estado em que se encontram alguns documentos, não nos foi permitido consultar os termos referentes ao ano de 1815 e a parte do de 1816.

<sup>13</sup> Frutuoso, E.; Guinote, P. & Lopes, A. (2001) *O movimento do Porto de Lisboa e o comércio Luso-Brasileiro (1769-1863)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

<sup>14</sup> AHCML, SSSC MN – Marco dos Navios e SR 02 – Entradas de Navios Portugueses provindos dos Portos da América, Ásia e Ilhas no Porto de Lisboa, sendo os códices 1 a 60 os correspondentes aos livros de entradas de navios portugueses no porto de Lisboa (1775-1834) e os 63 a 130B os referentes aos livros das entradas do marco dos navios (1770-1837).

Este açoreano – para além de ter sido capitão de longo curso, contratador do tabaco, membro do Governo interino Setembro de 1820 e deputado à Junta Provisional do Governo Supremo do Reino – foi ainda armador e proprietário (ou co-proprietário) de vinte navios, treze dos quais afectos a viagens ao Extremo-Oriente, a saber: as galeras *Resolução* e *Santa Cruz* (1786-1789), *Flora* (1791-1797), *Voadora* (1798-1825), *Correio da Ásia* (1814-1816), *Nova Aliança* (1814-1829) e *Carolina* (1815-1820); e os bergantins ou brigues *Diligente* (1788-1807), *Félix e São José* (1790-1793), *Galgo* (1793), *Delfim* (1795-1825), *Constância* (1801-1803), *Golfinho e São Filipe Nery* (1801-1829) e *Temerário* (1817-1832)<sup>15</sup>.

Operando sozinho ou associando-se a outros negociantes de Lisboa para realizar negócios de grande escala, José Nunes da Silveira promoveu intenso comércio com as ilhas dos Açores, Madeira, Canárias, Cabo Verde e Maurícias, bem como com a Guiné, Angola, Moçambique, Brasil e Índia, operando sempre, e de forma contínua, com Macau e demais portos da Ásia.

Este fundo – constituído por 3579 livros, cadernos, códices e documentos – diz respeito à sua actividade náutico-mercantil, tendo como balizas cronológicas 1786 e 1833, ano em que morreu. A sua extensão, qualidade e riqueza em pormenores náuticos, contabilísticos e comerciais são simplesmente avassaladores: milhares e milhares de fólios, de livros, de requerimentos, de reclamações de seguros e demais minudências<sup>16</sup> constituem, ao que sabemos, a mais completa e extensa referência documental existente para um período da história náutica portuguesa sobre a qual pouco ou nada se sabe<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> **Carreira, A.** (1979) “O tráfico português de escravos na costa oriental africana nos começos do século XIX (estudo de um caso)”. *Estudos de Antropologia Cultural* nº 12. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar/Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

<sup>16</sup> E ainda livros de carga; livros de pagamentos a carpinteiros e a calafates por reparações efectuadas; listas de tripulantes; livros de negociação com indicação de fretes e preços; diários de viagem; listas de pagamentos à tripulação; livros de deve e haver; livros de despesas com os navios; correspondência particular relatando ao armador o decurso das viagens; matrículas da tripulação; inventários da botica, das peças de roupa, da cozinha, do armamento, da artilharia, dos aprestos náuticos e das alfaias litúrgicas embarcadas; autos de vistoria e de avaliação dos navios; instruções do armador aos capitães; listas de produtos oriundos de Macau levados a leilão e seus autos de venda; contratos firmados entre armador, oficiais e marinheiros; relações de mantimentos embarcados; requerimentos diversos de tripulantes, declarações sobre acidentes e incidentes; recibos de entrega de numerário em prata, autos de esmola, pareceres e recomendações sobre valores segurados.

<sup>17</sup> Ultrapassando de longe, pelo menos no que toca ao aspecto náutico e logístico da actividade comercial deste armador, a riqueza documental encontrada no arquivo particular de um outro negociante, seu coevo e conterrâneo dos Açores, Nicolau Maria Raposo do Amaral, com o qual, aliás, Nunes da Silveira manteve relações comerciais; **Machado, M. M.** (2005) *Uma fortuna do Antigo Regime: a casa comercial de Nicolau Maria Raposo de Amaral*. Cascais: Patrimonia Historica.

	1800	1801	1802	1803	1804	1805	1806	1807	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825	1826	1827	1828	1829	1830
<b>Brigue <i>Temerário</i></b>																															
<b>Galera <i>Carolina</i></b>																															
<b>Galera <i>Nova Alliança</i></b>																															
<b>Galera <i>Correio da Ásia</i></b>																															
<b>Brigue <i>Golfinho</i></b>																															
<b>Brigue <i>Constância</i></b>																															
<b>Galera <i>Voadora</i></b>																															
<b>Brigue <i>Delfim</i></b>																															
<b>Brigue <i>Diligente</i></b>																															

Fig. 1. Cronologias de utilização dos navios de José Nunes da Silveira (1800-1830) na carreira de Macau, variando de um máximo de 5 (1801-1803; 1815-1816) a um mínimo de 1 (1830). Fonte: Fundo José Nunes da Silveira, SGL.

### Arquivo Histórico Ultramarino

No AHU, consultou-se documentação do Conselho Ultramarino e de Macau. Para os fins a que nos propusemos neste trabalho, a documentação existente neste arquivo é, infelizmente, pouco relevante.

Consultados os fundos acima referidos, rapidamente nos apercebemos da magnitude da tarefa que nos esperava. Uma magnitude expressa não só em termos numéricos, de quantidade de documentos a consultar e a indexar<sup>18</sup>, como também expressa em termos qualitativos, pela informação passível de ser analisada e quantificada.

Assim sendo, rapidamente adíamos a ideia inicial – que seria a de fazermos o estudo completo da série cronológica existente (1770-1834) – e optámos por, nesta fase preliminar, nos circunscrevermos a uma só década, 1810-1820, e nela estudarmos comparativamente variáveis tão diversas quanto, entre outras, a origem construtiva dos navios, a frequência relativa dos seus destinos e origens, o peso relativo ocupado pela carreira de Macau dentro do quadro geral das viagens ultramarinas portuguesas de índole mercante e tipologia dos navios utilizados.

Essa análise, feita com base nos dados obtidos pela compilação integral de todas as séries cronológicas disponíveis – o que equivale a dizer que se compilaram 1166 registos de chegada (Livros do Marco), 1013 registos de partidas (Registo de Matrículas de Equipagens) e 2321 documentos relativos à origem construtiva das embarcações sob pavilhão português (Termos de Registos) – foi complementada com a inserção de informação relativa ao dia-a-dia dos navios mercantes em estudo, de modo a se contextualizar e humanizar a sua operação.

Para tal, consultou-se cerca de um milhar de documentos, tendo-se seleccionado e/ou integralmente transcrito 267 relativos ao fundo José Nunes da Silveira, da SGL –

<sup>18</sup> No ANTT, por exemplo, não há um único índice dos documentos da Junta do Comércio, estando até os documentos relativos às matrículas das equipagens ainda por numerar, dentro de cada caixa.

quase todos, para efeitos de coerência, relativos a uma única embarcação, a galera Nova Aliança)<sup>19</sup> – e 18 dos Feitos Findos, do ANTT.

### 3. Os navios

A independência dos Estados Unidos da América, a revolução francesa, o estertor da pirataria berberesca, as invasões francesas, a transferência da família real e das cortes para o Brasil, a abertura dos portos portugueses, a consequente perda dos privilégios monopolistas da praça de Lisboa, o aparecimento no Atlântico português dos corsários insurgentes sul-americanos e a independência do Brasil, eis, resumidos, os eventos que levaram a que o final do longo século XVIII fosse para Portugal, como para muitas outras nações europeias, um período de constantes sobressaltos<sup>20</sup>.

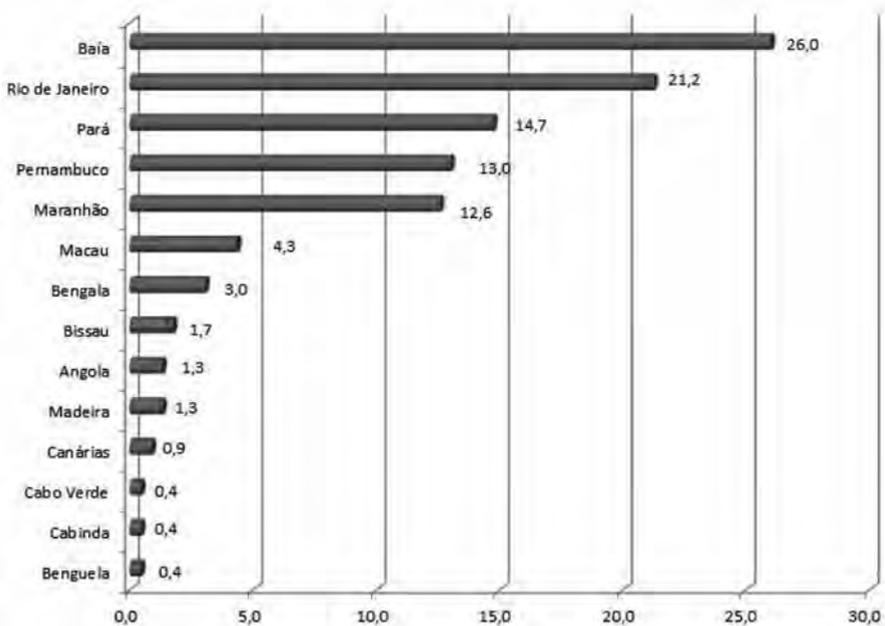


Fig. 2. Peso relativo dos portos servidos pela marinha mercante portuguesa no comércio global ultramarino, ponderadas as chegadas, idas e escalas (1810-1820).

Fontes: Matrículas de Equipagens, ANTT e Livros do Marco, AHCML.

<sup>19</sup> Muitos dos exemplos que serão dados mais à frente são baseados em factos ocorridos durante as viagens redondas Lisboa-Macau realizadas pela galera *Nova Aliança*, exactamente porque estas são típicas do que era a rotina da marinha mercante nesta carreira.

<sup>20</sup> Nomeadamente no comércio transatlântico, em que se verificam três períodos de expansão (1784-1793, 1798-1807 e 1814-1822), interrompidos por três momentos de evidente crise (1797, 1808 e 1823-1824), **FRUTUOSO et al.**, *op. cit.*.

Do caos da guerra e das convulsões sociais, uma nova ordem nascia e, com ela, novos países, novas formas de se fazer política, novos actores, novos mercados, novos modos de fazer negócio. Também o controlo e o uso dos oceanos, que uniam os mercados aos centros produtores e as potências colonizadoras às suas colónias, se modificava e se transmutava. Velhos produtos saíam de moda, outras novidades os vinham substituir; entretanto, muitos outros permaneciam, clássicos.

O chá da China, que dessendentava a Holanda, a América e a Inglaterra. A prata centro-americana, as peles de foca dos mares austrais, o sândalo do Pacífico e o ópio da Índia que o compravam, bem como à porcelana oriental onde era servido. O café e o açúcar das Maurícias, das Antilhas e do Brasil, que estimulavam e adoçavam a boca à Europa; o vinho, o azeite e os enchidos que satisfaziam os mercados da saudade de Macau e de Manila. Os escravos de Moçambique e dos rios da Guiné, que mantinham as roças e as fazendas a funcionar.

Estas eram as mercadorias que faziam e desfaziam fortunas e que construíam impérios. E se dinheiro havia para ser feito, este sê-lo-ia no mercado dos produtos orientais, onde o negociante avisado e experiente poderia obter lucros fabulosos, assim tivesse engenho, contactos e capital suficiente para investir no comércio com a China<sup>21</sup>.

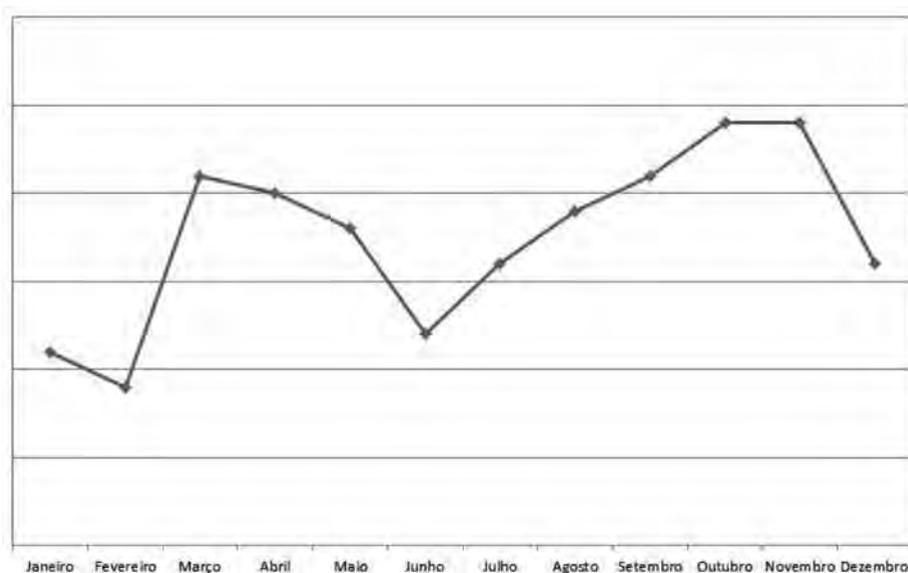


Fig. 3. Distribuição anual da média do número de saídas de navios transatlânticos, a partir do porto de Lisboa (1810-1820). Fonte: Matrículas de Equipagens, ANTT.

<sup>21</sup> **Pires, B.** (1993) *A vida marítima de Macau no século XVIII*. Documentos e ensaios 7. Macau: Instituto Cultural de Macau, Museu Marítimo de Macau; **Alves, J.** (1998) “O triângulo Madeira/Achém/Macau. Um projecto transoceânico de comércio de ópio (1808-1816)”, in *Archipel: L’horizon nousantarien; mélanges en hommage à Denys Lombard* (vol. I), vol. 56, 1998. pp. 43-70 e **id.** (1999) “Diplomacia e Comércio de Macau na Ásia do Sueste, em inícios do século XIX” in *Revista Camões*, nº 7, 1999. Lisboa: Instituto Camões/Ministério dos Negócios Estrangeiros, pp. 129-138.

Mas, antes de haver negócio, era necessário haver navegação, portos, marinheiros, oficiais, cartógrafos, carpinteiros, artilheiros. Navios, enfim.

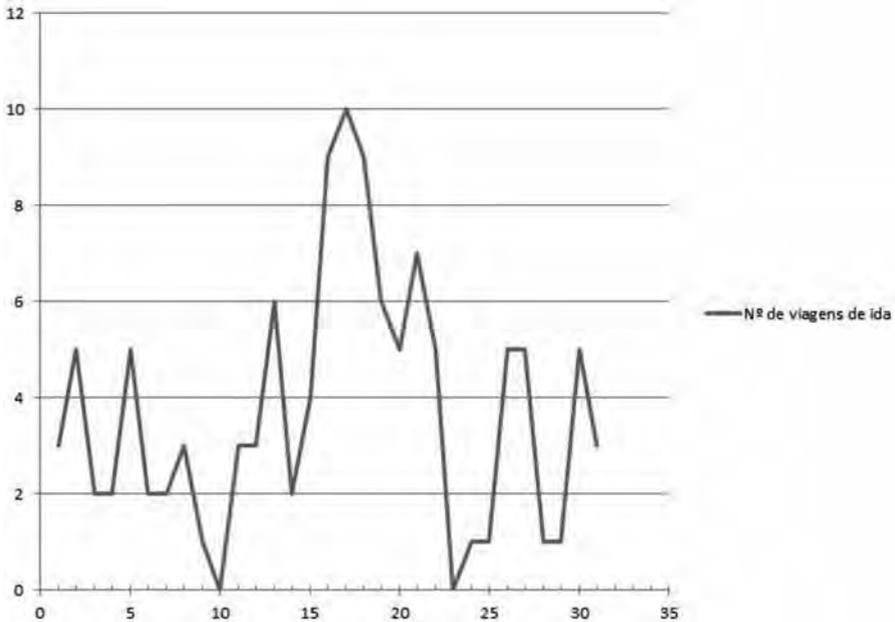


Fig. 4. Número de saídas de navios mercantes para Macau, a partir do porto de Lisboa (1800-1833).

Fonte: Matrículas de Equipagens, ANTT.

Utilizando o arquivo do negociante José Nunes da Silveira, podemos reconstituir com grande precisão tudo aquilo que seria necessário para construir, equipar, reparar, guarnecer, tripular, carregar e operar um destes navios da carreira de Macau de inícios do século XIX. E uma das conclusões a que chegamos, por mais paradoxal que nos possa parecer, é a de que falamos de navios que não eram, na sua esmagadora maioria, de construção portuguesa. Com efeito, a análise dos termos dos navios, referidos anteriormente, fornece-nos dados curiosos.

Em primeiro lugar, verificamos que, para a década de 1810-1820<sup>22</sup>, os navios de tonelage média (bergantim e galera) representam quase metade das tipologias transacionadas (42,9%), constituindo a soma dos navios de fraca tonelage (barcos, brigues-escuna, cacilheiros, escunas, iates, rascas e sumacas) 48,4%.

<sup>22</sup> Embora, obviamente, se não possa correlacionar directamente as transações de embarcações sob pavilhão português e propriedade de súbditos portugueses com as embarcações efectivamente a navegar, consideramos que exaustividade e integridade da documentação disponível no-lo permite fazer com grande segurança, especialmente para períodos desfasados de um a dois anos, imediatamente a seguir aos últimos anos consultados. Nesta década específica, é necessário ressaltar que, devido ao mau estado em que se encontram alguns documentos, não nos foi permitido consultar os termos referentes ao ano de 1815 e aparte do de 1816.

O valor restante é dividido entre as barcas (1,2%) – que tanto podem ser de média como de fraca tonelagem – e os “navios” (7,5%), categoria sempre difusa, em que se desconhece se o escrivão assentou o termo como designação genérica de embarcação ou se este correspondia realmente a uma classe por si só<sup>23</sup>.

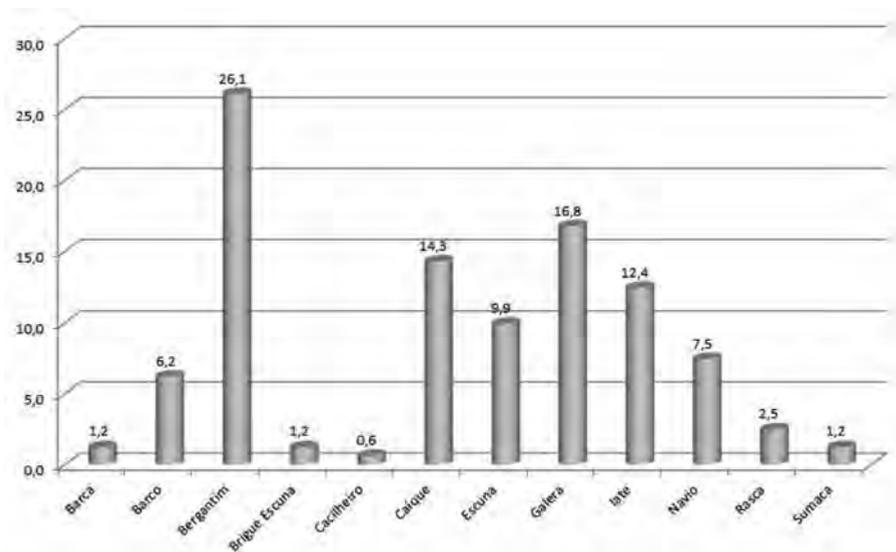


Fig. 5. Tipologia dos navios de pavilhão português transaccionados entre 1810 e 1820, e propriedade final de súbditos portugueses.

Fonte: Termos de Registos de Navios, ANTT.

Quanto à origem construtiva, é de notar que 44% dos 2321 registos de propriedade de embarcações a navegar sob pavilhão português e transaccionadas neste período foram construídas no Reino. Esta percentagem é, contudo, enganadora - cruzando as tipologias com os locais onde foram construídas as embarcações, verificamos que os estaleiros reinóis quase que só produzem navios de fraca tonelagem: são exemplo disto todas as barcas, barcos, iates, rascas e cacilheiros<sup>24</sup>. Com efeito, a esmagadora maioria das galeras e dos bergantins, navios transatlânticos por excelência, era de origem estrangeira, sendo

<sup>23</sup> É de realçar que, perpassando um pouco por toda a documentação consultada, o termo “navio” é amiúde empregue pelos seus autores para designar embarcações que se sabe – quer através do próprio documento, mais atrás, ou mais frente, ou por outros documentos relacionados – ser de uma tipologia específica: galera, bergantim, brigue, etc.

<sup>24</sup> Sendo construídos sem excepção, em Portugal, em estaleiros de Viana, Vila do Conde, Porto, Setúbal, Lisboa, Lagos ou Tavira; curiosamente, todas rascas registadas foram construídas na Ericeira, exclusivamente. Quanto aos iates, embora estes fossem quase que maioritariamente construídos no Reino, uma percentagem residual era de construção espanhola. Quanto às sumacas, estas eram exclusivamente construídas no Brasil.

regra geral de construção norte-americana<sup>25</sup> (31% de todos os navios, mas 79% das galeras e bergantins)<sup>26</sup>,

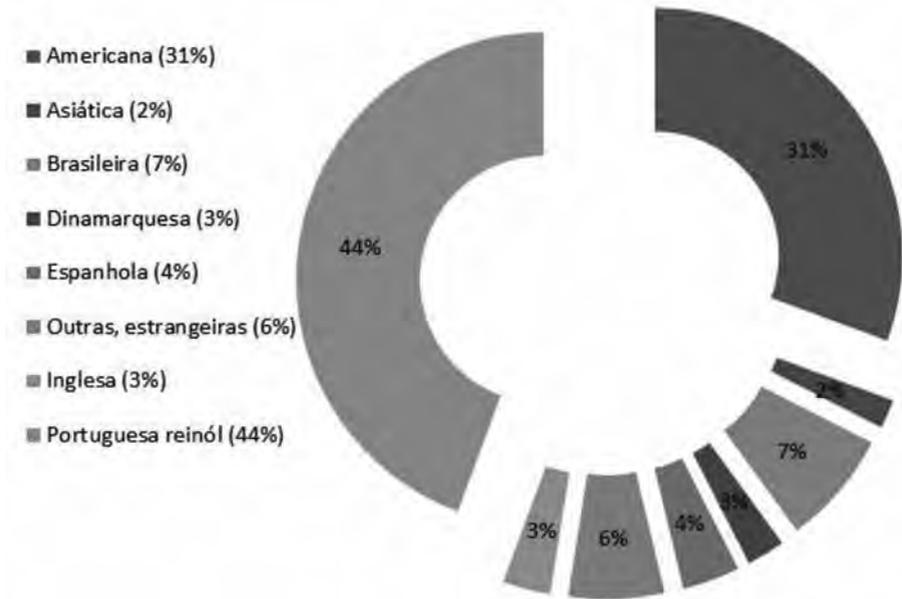


Fig. 6. Origem construtiva dos navios mercantes, transatlânticos e de cabotagem, transaccionados entre 1810 e 1820, e propriedade final de súbditos portugueses.

Fonte: Termos de Registos de Navios, ANTT.

Ainda no que toca à origem dos navios, para além da supremacia da construção norte-americana, a construção em estaleiros brasileiros (nomeadamente Rio e Baía) era responsável por 7% dos navios (sumacas, bergantins, navios e iates). Finalmente há nos restantes navios, uma pulverização de nacionalidades, surgindo, quase que em percentagens iguais, navios espanhóis, franceses, dinamarqueses, suecos, prussianos, austríacos, genoveses e até russos (estes últimos comprados, geralmente, em São Petersburgo).

Curiosamente, é quase que residual o número de navios construídos quer na Ásia, quer em Inglaterra.

Parece-nos – e esta impressão é-nos confirmada pelo menos no caso de José Nunes da Silveira – que muitos poucos navios utilizados na navegação transatlântica seriam, neste período, encomendados e construídos de raiz. Pelo contrário, o que a documenta-

<sup>25</sup> Analisando os Termos de Navios, verifica-se que estas embarcações entravam ao serviço de armadores portugueses, quer porque estes as adquiriam nos portos do Reino, quer porque estes as iam adquirir *in loco* nos portos americanos (avultando nestes o de Nova Iorque) não nos parecendo, de forma impressionista, que houvesse uma prevalência de um método sobre o outro.

<sup>26</sup> Há cerca de 7% de navios dos quais não se sabe o local da sua construção, sabendo-se apenas que a mesma será estrangeira.

ção indica é que estes seriam transacionados com grande frequência, mudando de mãos de quase de ano para ano<sup>27</sup>, quer através da venda de parte do navio, por quotas<sup>28</sup>, que pela sua venda na totalidade – como aconteceu com o brigue *Temerário* que, confiscado a favor da Coroa britânica, foi vendido na Serra Leoa, por 5.447 dólares, ao mercador inglês Daniel Sutherland<sup>29</sup>.

Sejam operados a solo, em sociedade ou por conta de uma outra sociedade<sup>30</sup>, o que mais impressiona nestes navios era a sua diminuta capacidade. Com efeito, a pequenez dos navios é confirmada várias vezes, seja pela especificação concreta de dimensões<sup>31</sup>, seja por testemunhos directos, quer dos oficiais – quando, por exemplo, um deles se queixa de que não se pode deixar de ouvir um “*insulto, repetido por varias vezes no tom o mais arrebatado, porque a bordo de um navio de cento e oitenta toneladas se não diz palavra na poupa que não se ouça na proa*”<sup>32</sup> – seja pelo punho do próprio armador do navio, quando por exemplo, este manda o sobrecarga ser selectivo na escolha de carga de qualidade: “*chás ordinarios recomendo também a Vossa Mercê que os não mande receber a bordo; porque a piquenez da embarcação o não admite.*”<sup>33</sup> Cento e oitenta toneladas, duzentos e cinquenta, quando muito trezentas toneladas, era esta a norma.

Olhemos com atenção para um destes navios, mais precisamente para a galera *Nova Aliança*. Em primeiro lugar, importa saber que a logística a bordo estava completamente organizado do ponto de vista contabilístico e documental. Com efeito, cada navio levava a bordo oito livros, todos ao cuidado do escrivão, sob supervisão do capitão.

Destes livros, o primeiro era “*o Diario para tudo quanto se fáz a bordo, e as ordens que se mandão ao contramestre, e mais officiaes*”.

O segundo livro, continha “*o inventario de tudo o que o navio tem, e que vem a ser do navio com todos os seus pertences e sobrecelentes; achasse em forma de inventario para no mesmo dar sabida do que gastar, ou de que sahir, e dar entrada do que se comprar, ou meter a bordo.*”

O terceiro livro era o “*dos mantimentos, aguada, etcetera, o qual vai por entrada, e sabida para lhe servir de governo, e saber o que gasta, e o que tem, e para não exprementar falta alguma no mar, evictar muitos inconvenientes que acontecem principalmente com marinheiros. Mandará dar tudo por pezo, conta, e medida, observando em tudo a ordem que vai notada no prencipio do mesmo livro.*”

O quarto era o “*o livro da equipagem no qual se vê as condiçoens do seu ajuste, e huma carta particular a cada hum, com o dia da sua entrada e sabida, e nelle se lança o que cada*

<sup>27</sup> Mudando de mãos e de nome, facto que, numa primeira fase, leva quem compila estas listagens a julgar que o número de navios no activo é superior àquele que efectivamente se verifica.

<sup>28</sup> Como aconteceu com o brigue *Golfinho*, em 1820, em que José Nunes da Silveira vendeu ao outro sócio, Vicente Tomás dos Santos, a parte que detinha na sociedade marítima, SGL Res. 5-C – caixa 17, doc. 250, Lisboa 28 de Fevereiro de 1820.

<sup>29</sup> SGL Res. 5-D – caixa 30, caderno 3, Serra Leoa, 17 de Janeiro de 1817; caixa 32, doc. 1, Serra Leoa, 6 de Janeiro de 1817; doc. 2, Serra Leoa, 25 de Janeiro de 1817.

<sup>30</sup> Caso, mais uma vez, do brigue *Golfinho*, então de José Nunes da Silveira, que o fretou a uma companhia inglesa para uma viagem a Macau, SGL Res. 5-C – caixa 17, doc. 150, Lisboa, 18 de Julho de 1803.

<sup>31</sup> SGL Res. 6-A – caixa 35, caderno 59, 1806.

<sup>32</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 22, Macau, 18 de Janeiro de 1816.

<sup>33</sup> SGL Res 5-C, cx. 23, cad. 7, Lisboa 27 de Abril de 1815.

*hum deve ao navio ou o que recebe por conta da sua soldada. Aquelle que desertar, morrer, ou faltar mandará lançar no dito Livro fazendo logo a julgação (se não for marinheiro) assignando termo della por dois marinheiros, e officiaes, para que a todo o tempo conste tanto a parentes; como a qualquer ministro, ou justiças, que procurem seus bens, e soldadas.”*

O quinto livro era “*para lançar toda e qualquer despeza que se fáz com o navio, em qualquer porto, ou terra onde forem.*”

O sexto era “*o que deve dar ao contramestre para lançar nelle tudo o que entrar, e sabe.*”

O sétimo servia para “*para termos, portestos, e o resultado de quaisquer conferencia que no mesmo livro devem assignar.*”

Finalmente, o oitavo servia para “*lançar a carga, que recebe o navio, e o ditto livro deve vir por duplicado, e ambos assignados pelo cappitam como he estillo, e exemplo do que recebe da prezente carga.*”<sup>34</sup>

A existência, e sobrevivência, destes livros é uma verdadeira benesse para o investigador. Sabe-se assim que a galera era um “*navio de trazentas toneladas com sua mastriação, vergame e aparelho, com todos os seus pertences que ao prezente segue viagem para a Costa de Malavar e China, sahido do porto de Lisboa no dia 1º de Agosto de 1819.*”<sup>35</sup>

Sabe-se mais: que era um navio artilhado com 8 peças – duas de calibre 9, duas de calibre 3 e duas de calibre de 2½, havendo ainda dois obuses de calibre 6 – todas com suas balas, carretas e pertences, entre os quais se incluíam dois polvorinhos, dois diamantes, três guarda-cartuchos, um guarda morrão e 7 kg de morrão. No paiol, seguiam 100 projecteis de calibre 9, 52 de calibre 6, 28 de calibre 3 e um número não especificado de calibre 2½.

No que tocava ao armamento pessoal, a tripulação tinha ao seu dispor 9 chuços, 6 espingardas, 2 bacamartes, 12 espadas, 6 machadinhas, 6 cartucheiras, 1 sacatrapo, 1 martelo, 4 pederneiras, 2 barris de pólvora e 1 caixote de cartuchame de espingarda, bem como 2 redes de abordagem e 1 rede de combate.

Estava dotada de duas embarcações auxiliares – uma lancha e um bote, com 14 e 4 remos, respectivamente – e seu competente gaviete.

Para a ter segura, existiam 5 âncoras – três ditas principais (com 764, 646 e 529 kg) bem como duas acessórias e de manobra, uma fateixa e uma busca-vidas – bem como seis amarras (duas de 12 polegadas, outra de 14 e um virador, de 8½ polegadas, todos com 120 braças), uma ostaga com 45 braças e um cabo de ala e larga.

O velame que levava – entre o que estava a uso e o sobresselente – consistia em 46 panos: 5 gáveas (2 novas e 3 usadas); 2 velas grandes (uma nova e outra usada); 2 do traquete (uma nova e outra usada); 2 gatas (uma nova e outra usada); 5 joanetes (2 novas e 3 usadas); 2 draivas (uma nova e outra usada); 2 bujarronas (uma nova e outra usada); 2 varredoiras (uma nova e outra usada); 5 cutelos grandes (2 novos e 3 usados); 2 cuted

<sup>34</sup> SGL Res 5-C – cx 23, cad. 10, Lisboa, 18 de Abril de 1815.

<sup>35</sup> SGL Res 5-C – cx. 24, cad. 51, Lisboa, 1 de Agosto de 1819, complementado com Res. 5-B – caixa 12, caderno 57, 3 de Junho de 1801; Res. 5-A – caixa 3, cadernos 7 a 9, 1803; caixa 10, caderno 76, s.d., s.l.; Res. 5-D – caixa 30, caderno 20, Lisboa, 24 de Julho de 1819; caixa 32, caderno 136, Lisboa, 30 de Abril de 1832; Res. 6-A – caixa 33, códice 8, 1806-1807; caixa 35, caderno 58, Macau, 12 de Outubro de 1806; caderno 90, 1809; caixa 37, doc. 309, 1812.

los grandes dos joanetes; 2 sobre gata; 1 vela de estai do convés; 1 triângulo; 1 vela de mezena; 2 velas de estai; 2 polacas; 3 sobre joanetes; 1 vela de estai de gávea; 1 formosa; 1 vela de estai da gata mais 2 mangueiras de vento e 1 rabega.

O poleame a uso consistia de 2 cadernais de três gornes; 2 cadernais de três gornes dos gatos de ferro dos turcos; 2 cadernais de três gornes de 15½ polegadas; 2 cadernais de três gornes para as amarras; 1 cadernal de dois gornes com rodas de 11½ polegadas; 4 cadernais de dois gornes de 15½ polegadas; 1 cadernal de dois gornes para as amarras; 14 cadernais de dois gornes; 4 cadernais de 7 polegadas; 2 moitões para as amarras; 1 lambareiro; 1 lambareiro pequeno; 3 moitões para as escotas das gáveas; 3 moitões de amantes, pequenos; 8 moitões de oito, para a 14; 8 rodas sortidas; 20 casoilhos; 2 sapatas de gornes; 3 patescas de gatos; 7 passadores; 7 raspas; 1 mortão de 13 polegadas; 1 mortão de 5 polegadas; 1 sapata para os brandais de 5½ polegadas; 6 sapatas de 5 polegadas; 1 bigota de 8 polegadas; 2 bigotas para a gávea; 2 rodas bronzeadas para dois mortões; 1 roda bronzada e perno para uma sapata; 4 rodas, e 4 pernos para quatro moitões; 12 moitões de 7 polegadas; 6 moitões de 6 polegadas; 10 moitões de 5 polegadas; 4 moitões de 4½ polegadas; 10 cadernais de 6 polegadas; 10 cadernais de 5 polegadas; 24 garruchos de pau; 6 rodas para as sapatas da enxárcia; 22 pernos sortidos; 5 rodas de sapatas; 3 rodas bronzeadas; 3 bronzes para as rodas bronzeadas; 2 rodas bronzeadas dos turcos do bote; 1 bronze para o turcos do bote; 6 pés de cabra e 1 macaco de virar.

O trem do paiol era composto por 2 toldas do convés e tolda; 2 encerados para os trincanises; 1 sonda calabertada, grande, e 3 calabertadas, pequenas; 2 prumos grandes; 2 prumos pequenos; 2 carretéis de barquinha; 8 peças para as barquinhas; 4 agulhas de bitácula; 1 ampulheta de meia hora; 4 ampulhetas de barquinha, 2 bitáculas; 1 canolieiro de latão; 1 almotolia de bitácula de folha; 4 cabos do portaló; 1 bandeira portuguesa, grande; 2 bandeiras portuguesas, pequenas, uma nova, outra velha; 1 bandeira americana, velha; 1 bandeira de sinal, azul e branca, velha; 1 flâmula portuguesa; 1 bandeira encarnada de três panos; 1 galhardete encarnado, novo; 1 bandeira de 4 panos, azul e branca; 1 sinal a corneta azul e amarelo; 1 buzina, grande e 3 pequenas; 8 lanternas de vistas; 2 lanternas de vidros; 1 lanterna de folha; 1 balança grande; 1 balança pequena; pesos de oito arráteis até uma quarta; 1 bomba de cobre, grande, de três canos; 4 bombas de cobre, pequenas, de três canos; 4 bombas de folha, grandes, e 4 pequenas; 1 argão; 3 almotolias de folha; 2 gangeroins de pau; 4 chupetas de folha; 1 chupeta de cobre; 12 medidas de meia canada até meio quartilho; 3 praças de medir azeite; 4 funis de folha; 3 ratoeiras de arame; 2 ganchos de pesar carnes; 9 capoeiras; 2 peneiras; 1 masseira; 1 tendedeira; 1 tabuleiro; 2 pás de forno; 2 bandejas pequenas; 3 côvados de pilil encarnado; 7 côvados de pilil brancos; linhas encarnadas, verdes, e azuis; 2 quilos de algodão para torcidas e mechas; anzóis e arame; 12 pratos e 12 tijelas para os doentes; 4 dúzias de colheres de pau; 1 quilo de cera amarela; 2 cadeados das escotilhas da coberta; 1 cadeado para o paiol da prata; 1 cadeado para o escotilhão da aguada; 2 cadeados para o fogão; 2 cadeados para a jarra; 1 cadeado para fechar a meia-laranja; 4 facas para serviço no paiol; 2 peças de lã; 4 peças de brim; 29 quilos de fio de vela e 1 adriça de bandeira.

Ainda no paiol, as ferragens e drogarias avulsas eram compostas por 4 bigotas de fuzis de gato; 4 chapas de gávea; 8 carlanhas; 14 sapatilhas sortidas; 6 arganéis; 2 chapas 2x2 de mastaréis; 26 gatos sortidos; 1 alça de ferro do moitão do amante; 3 garlidéus dos

mastros da lancha; 3 chapas de sapatas dos brandais dos joanetes; 9 machados; 1 maça de ferro; 1 marrão; 1 martelo inglês; 2 amoladores; 1 enxó grande e outra pequena; 2 cinzéis; 2 cavilhas; 1 guarnição para o leme da lancha; 1 guarnição para o leme do bote; 3 pares de machos; 6 nabos de bombas; 3 varas de junças; 2 saca-nabos; 1 espeto competente para as bombas; 1 guarnição para a bomba de proa; 1 bomba de cobre; 2 bombas de esgoto, uma delas com caldeira de cobre; 50 pregos de cunho grande; 50 pregos de costado; 200 pregos de forro, grandes; 100 pregos de forro, pequeno; 100 pregos de 5 réis; 500 pregos de 4 réis; 1.000 pregos de 3 réis; 300 pregos de asa de marca; 6.000 estopares; 7.000 tachas de bomba, 12 dobradiças direitas; 40 aldrabas; 2 serras; 2 serrotes; 25 pregos de alvado; 2 grosas; 2 limas; 2 formões; 2 arruelas; 50 chavetas de duas pontas; 20 chavetas, das outras; 60 tesouras; 1 folha de cobre; 10 quilos de pregos em cobre, pequenos; 2 barris de piche; 4 barris de alcatrão; 29 quilos de chumbo; 3 peles de carneiro; 1 meio de sola encerada para as bombas; 2 meias solas de vaqueta para as bombas; 3 quilos de pregos de sapato; 1 botija de óleo; um resto de tinta branca e uma pequena porção de tinta verde; 2 brochas e 29 quilos de sebo enformado.

Os pertences da copa do navio eram 28 toalhas para mesa; 10 dúzias de guardanapos; 36 panos de algodão para limpar; 1 faqueiro, (com o seguinte: 1 colher de prata, para tirar sopa; 12 colheres de prata, pequenas, para a sopa; 11 colheres de prata, pequenas, para o chá; 1 colher de prata, pequena, para o açúcar; 12 facas de cabo preto; 12 garfos de cabo preto; 1 faca para trinchar; 1 garfo para trinchar); 2 terrinas; 10 pratos travessos; 24 pratos para sopa; 28 pratos para guardanapos; 12 pratos para sobremesa; 2 pratos para conserva; 2 mostardeiras; 2 saladeiras; 12 tigelas com pires, para caldo; 24 chávenas com pires, para chá; 2 manteigueiras; 2 açucareiros; 2 leiteiras; 2 cafeteiras; 6 canecas para água; 2 bules de barro vermelho; 1 galheteiro de casquinha com 10 galhetas de vidro; 2 garrafas de vidro de 4º para azeite e vinagre; 36 copos de cálice para vinho; 18 copos para água; 2 cafeteiras de folha para café, de 5.3 litros; 2 cafeteiras de folha para chocolate, de 5.3 litros; 1 folha pequena, para ter o chá; 1 pau de bater o chocolate; 2 sacos para coar o café; 1 ralador; 1 torneira em bronze; 1 saca-rolhas; 6 milheiros de palitos; 1 copo de folha para paliteiro; 1 quarta de pó de tijolo; crê; 1 moinho para moer café; 1 tabuleiro de folha para torrar o café; 1 encerado para a mesa; 1 baeta para a mesa; 2 castiçais de cobre de Macau; 2 quilos de velas de cera; 1 campainha; 1 quilo de sabão; 1 galheteiro de estanho; 2 esponjas; 1 cesto para o pão; meia resma de papel e 1 quarteiro de penas.

O trem de cozinha era composto por 2 caldeiras em cobre, grandes; 2 panelas em ferro, grandes e 1 pequena; 3 marmitas, uma em cobre, outra em ferro e outra de campainha; 4 canecas de folha; 2 formas para pudim; 2 folhas de assado; 2 chocolateiras de cobre; 1 chaleira em cobre; 6 caçarolas de cobre, com duas tampas; 5 caçarolas de ferro, também com tampas; 2 escumadeiras; 2 baldeadeiras; 1 almofariz de ferro e outro de pau; 1 frigideira de ferro; 1 grelha; 3 facas de cozinha; 1 coela; 1 garfo; 2 peneiros de cozinha; 20 formas de pastéis; 1 caixa de corta massas; 1 coador de folha e 1 fogão de ferro, em bom uso<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Dados complementados por SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 37, 1815; Res. 5-D – caixa 32, doc. 353, Lisboa, 1 de Setembro de 1829; doc. 290, Lisboa, 28 de Fevereiro de 1825; doc. 282, Maio de 1824.

O vasilhame – para aguada e para serviço a bordo, e que totalizava 19.354 litros de capacidade – era composto por 4 toneis de 5 pipas de 30 almudes (2.520 litros cada); 5 pipas de 28 almudes (470.4 l); 2 pipas de 32 almudes (537.6 l); 1 pipa de 30 almudes (504 l); 2 pipas de 20 almudes (336 l); 4 meias-pipas de 16 almudes (268.8 l); 2 meias-pipas de 18 almudes (302.4 l), 3 meias-pipas de 14 almudes (235.2 l); 4 barricas de 12 almudes (201.6 l); 7 barricas de 10 almudes (168 l); 2 jarras de 9 almudes (151.2 l); 3 barris de galé; 2 funis de pau, 3 selhas com asa, 1 selha para a baldeação e 14 bandejas para a maruja.

Quanto à botica, a cargo do cirugião, esta era composta por equipamento de enfermaria e uma bem fornecida lista de medicamentos e de manipulados (ver o documento nº 10, em anexo)<sup>37</sup>.

Finalmente, havia a capela, a cargo do capelão e onde, numa “*caixa que serve de oratório*” e num baú havia: uma imagem de Santo Cristo; um painel da Senhora Santa Ana; 1 cálice de prata com pé de chumbo; 1 patena de prata; 1 colher de prata; 1 pedra de ara; 1 missal; 1 almotolia dos Santos Óleos; 3 alvas; 3 cordões; 3 amitos; 6 toalhas para o altar; 2 pares de corporães; 9 sanguinhos; 6 toalhas para o lavatório; 2 casulas, uma branca e carmesim e outra roxa; 2 estolas, uma branca e carmesim e outra roxa; 2 manípulos, um branco e carmesim e outro roxo; 3 sacras; 2 pastas, uma branca e outra roxa; 4 véus, 2 brancos, um carmesim, outro roxo; 3 palas; 1 almofadinha; 1 ritual; 1 prato de estanho; 2 galhetas de estanho; 1 lanterna; 2 lanternas para a missa; 1 campainha; 1 lata para as hóstias; 1 quilo de velas de cera; 1 rolo de velas de cera e 18 velinhas de cera para as lanternas.

Para além da despesa envolvida com a compra e equipamento de um navio, a operação destas embarcações implicava vários e constantes gastos. Por exemplo, antes de cada viagem, era usual pedir-se um auto de vistoria, de modo a se poder assegurar o seguro da embarcação<sup>38</sup>. O processo passava por se requerer ao Juízo de Índia e Mina um auto de vistoria e avaliação, pedindo os proprietários “*que os mestres constructores privativos vão a bordo*” para examinar a embarcação e ver se esta se “*acha prompta, e capaz de emprihender a viagem a que está proposta, passando certidão do contheudo, e do vallor da ditta*” embarcação “*no estado presente, com todos os seus pertences e sobreceletes que se achão a bordo, conforme o inventario que lhe será presente no mesmo acto*”.

Conforme o requerido, passavam então estes peritos a bordo da embarcação que se achava ancorada no Tejo (neste caso em particular, a galera estava “*presente defronte de Alcantara, para daqui seguir viagem aos portos de Azia*”), juntamente com o desembargador “*Juiz de India e Mina em companhia do escrivão do seu cargo, e dos mestres constructores de navios, e avallidores dos mesmos, e seus pertences*” todos “*providos, e juramentados pelo Senado da Camara de Lisboa.*”

<sup>37</sup> SGL Res. 5-C – caixa 17, doc. 259, Lisboa, 3 de Julho de 1820; caixa 23, caderno 11, Lisboa, 26 de Abril de 1815; Res. 5-D – caixa 31, caderno 94, 1824; Res. 5-D – caixa 32, caderno 115, 1826; Res. 6-A – caixa 36, caderno 122, 1811.

<sup>38</sup> SGL Res. 5-A – caixa 10, caderno 77, 1800; Res. 5-C – caixa 24, caderno 46, Lisboa, 3 de Janeiro de 1821; Res. 6-A – caixa 37, doc. 137, Lisboa, 5 de Setembro de 1807.

Estes, depois de “*fazerem os exames necessarios, uniformemente declaravam*” naquele dia que, tendo visto a embarcação “*por dentro e por fora, achão que esta callafetada, e fabricada completamente, e ao presente, estanque e prompto a cunha, com pano metido, e com todos os seus cabos fixes e de laborar, achão-a com a competente agoada, e com seu armamento de guerra, munido de todos os sobrecellentes necessarios, para qualquer viagem a que se destine de Cabos adentro, e por isso a considerão sem defeito, e capaz e hábil para seguir viagem; e declararão mais, que visto o bom estado em que se acha a gallera de que se tracta, e também em razão de ser forrada de cobre, a avalião ao prezente, com todos os seus pertences, na quantia de quinze contos e duzentos mil reis – 15:200\$000*”<sup>39</sup>.

Os prémios do seguro eram então pagos em função do estado em que se achava o navio, da rota e do risco geral avaliado pelos seguradores, tendo estes em devida conta a conjuntura política vigente<sup>40</sup>.

Se a embarcação fosse considerada insegura, então era necessário repará-la. Este “*fabrico*” implicava mais despesa, quer em ordenados com carpinteiros, calafates e cobreiros, como também em materiais e aprestos náuticos. Os inventários<sup>41</sup> do fundo José Nunes da Silveira são também nisto exaustivos.

Por exemplo, sabe-se pelo borrão do livro da “*Negociação da Galera Nova Alliança*” que, durante o ano de 1815, os custos de manutenção e beneficiação desta galera montaram a 14.222\$046, despesa que foi repartida entre os dois sócios dela com José Nunes da Silveira a pagar 10.472\$575 (73,6%) e Francisco António Ferreira a cobrir o remanescente, 3.749\$471 (26,4%)<sup>42</sup>.

Como vimos, nestas despesas entravam não só os vencimentos dos serradores, carpinteiros, calafate como também as rações da equipagem. Estas eram pagas directa e mensalmente quer ao capitão, quer ao contramestre<sup>43</sup>.

Mas o grosso do dispêndio era feito na aquisição de materiais, como os pregos, por exemplo. Estes eram geralmente classificados pelo seu preço unitário ou pela função (de costado, de costadinho, de forro, etc.; assim, os pregos de 4 e de 3 réis serviam para

<sup>39</sup> SGL Res 5-C, cx. 24, cad. 46, Lisboa, 3 de Janeiro de 1821.

<sup>40</sup> Para a questão dos seguros e das reclamações associadas ver SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 170, 10 de Maio de 1820; doc. 197, Lisboa, 2 de Abril de 1822; doc. 198, 25 de Outubro de 1823; doc. 199, 12 de Setembro de 1823; doc. 200, 22 de Outubro de 1823; Res. 6-A – caixa 37, doc. 148, Lisboa, 10 de Junho de 1807; doc. 268, Lisboa, 19 de Abril de 1811; doc. 128, Lisboa, 10 de Abril de 1806.

<sup>41</sup> SGL Res. 5-B – caixa 16, caderno 39, 1820; Res. 5-C – caixa 23, caderno 1, 1814; caderno 2, Lisboa, 17 de Dezembro de 1814 a 28 de Dezembro de 1815; caderno 4, Abril de 1815, caderno 5, 6 a 9 de Fevereiro de 1816; caderno 5 A, 8 de Setembro de 1815 a 5 de Fevereiro de 1816; caderno 6, 9 de Outubro de 1815 a 26 de Julho de 1816; caixa 24, doc. 12, Dezembro de 1814 a Abril de 1815; doc. 14, 2 de Fevereiro a 31 de Março de 1815.

<sup>42</sup> Parte dos materiais renovados eram contudo, reciclados, revertendo estes ganhos a favor da conta dos armadores. Ainda em 1815, durante as operações de querena e beneficiação, o mestre cobreiro Jacinto Rodrigues Bella recolheu 852 kg de cobre velho (a um custo médio de 0\$274/kg) e 81 kg de chumbo, também velho (a 0\$106/kg), pelos quais pagou 242\$560. Descontado este valor, verifica-se assim que os custos anuais com a galera importaram em 13.979\$486 durante 1815, uma quantia assaz considerável.

<sup>43</sup> SGL Res. 5C, cx 23, cad. 2, Lisboa, 17 de Dezembro de 1814 a 28 de Dezembro de 1815.

fixar verdugos<sup>44</sup>, pregar a lancha e o bote, o lagarto<sup>45</sup> bem como os machos e as fêmeas das portas dos paióis).

Outra das vantagens destas listas e inventários<sup>46</sup> é o de se poder saber-se o preço de cada item. Por exemplo, podia-se comprar um moitão pequeno, por 150 reis; um sapatilho de ferro, a 20 réis; breu loiro para cobrir mastaréis e vergas, a 50 reis o quilo; um palmo de verga do Brasil, a 160 reis; óleo para pintar a lancha e o bote, a 300 reis o quilo; os cestos de lenha, cada levando 100 achas, a custar cada cesto 1.000 reis; um remo para a lancha ou para o bote, 650 reis; uma verga de cutelo grande, 2.400 reis, uma verga pequena de cutelo, 1.600 reis; um pau para mastaréu de joanete, 6.000 reis; pregos de forro usados, 700 reis o centenar; pregos de costado, 160 réis o quilo; pregos pequenos, de forro, 600 réis o centenar; pregos de costadinho, 1.325 o centenar, ou seja, 147 reis o quilo; um prumo de bomba, a 240; um projectil de artilharia a 60 réis; morrão enxofrado, a 320 reis o quilo; um macho de ferro para prisioneiros, 720 reis; um guarda-morrão<sup>47</sup>, a 480 reis; projecteis de espingarda, cada um pesando 24 gramas, a 160 reis o quilo; um polvorinho de rosca, a 400 reis; um diamante<sup>48</sup>, 60 reis; uma espada, 800 reis; uma espingarda, 3.200 reis; um bacamarte, 7.200 reis; um chuçõ encabado em madeira do Brasil, 600 reis; uma cartucheira de espingarda, a 400 reis; uma cartucheira de peça, a 300 reis; uma machadinha, a 600 reis; um cabo de 2½ polegadas, a 237 reis o quilo; o chumbo – novo, utilizado para forrar paióis – a custa 0\$120 por quilo; a estopa do reino, a 0\$073 o quilo<sup>49</sup>.

Para se minimizarem estes custos, havia a prática de se amortizar parte da despesa com o navio com compras e vendas “*por conta e risco da negociação*” da galera. Por exemplo, entre Outubro de 1816 e Janeiro de 1817, a venda de 22 caixas com 4.400 peças de cangas açucaradas pequenas – descontados que foram os direitos de baldeação (76\$580) e os emolumentos (termo e despacho no valor de 5\$520) – renderam à conta da galera o valor líquido de 3.217\$900. Pagas em metal, papel, ou num misto dos dois, estas despesas eram lançadas diariamente no livro de deve e haver.

Parte importante do bom planeamento de uma viagem desta natureza era o de saber-se quais e quantos víveres carregar, especialmente tendo em conta que a única oportunidade que haveria de fazer aguada era nas ilhas de São Paulo e Amsterdão e refresco em Sumatra.

<sup>44</sup> Peça de madeira que corre de popa a proa o costado para evitar roçaduras.

<sup>45</sup> Toldo pequeno e sobre o comprido, usado em passagens estreitas.

<sup>46</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 4, 1 a 28 de Abril de 1815.

<sup>47</sup> Balde contendo areia no interior e com uma tampa com 3 a 4 furos, onde se metiam os morrões com a parte acesa no interior.

<sup>48</sup> Instrumento empregue pelos artilheiros para furar os cartuchos de pólvora através do ouvido da peça.

<sup>49</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 4, 1 a 28 de Abril de 1815.

Tipicamente<sup>50</sup>, embarcavam-se em Lisboa, para uma tripulação de 35 homens, 9 porcos, 4 vitelas, 150 galinhas, 50 patos e 12 carneiros, vivos, a que acresciam os seguintes víveres:

36 sacas de feijão branco, 12 sacas de feijão raiado, 12 sacas de feijão encarnado, 12 sacas de ervilha, 12 sacas de grão, 24 sacas de favas, 6 sacos de amêndoa, 72 sacas de milho, 8 sacos de nozes, 72 sacas de sêneas, 9 barris de carne de vaca, 6 outros barris de carne de vaca, em terços, 11 sacas de arroz (894 quilos), 59 quilos de cevadilha, 12 dúzias de paios, 3 barricas de massa (120 quilos), 8 barris de manteiga (219 quilos), 1 barril de salmão, 1 barrica com 40 queijos flamengos, 1 barrica de açúcar branco (88 quilos), 1 barrica de açúcar areado (88 quilos), 1 frasqueira de doce sortido, 2 ancoretas de azeitonas, 1 caixa com 22 quilos de chocolate, 4 caixas de passas, 29 quilos de café, 4 quilos de chá Hisson, 4 quilos de chá Uxim, 4 quilos de chá Seuchon, 20 caixas de laranjas, 2 quilos de pimenta, 2 quilos de cravo, 0,5 quilo de canela, 1 quilo de cominhos, 0,5 quilo de pimentão, 3 quartolas de vinagre, 10 barris de vinho tinto, 4 barris de vinho branco, 5 barris de aguardente de cana; 2 pipas de biscoito (2.467 kg), 2 pipas de lombos de porco (uma com 434 quilos, outra com 191); 1 pipa de toucinho salgado (391 quilos); 587 quilos de bacalhau, 504 litros de azeite doce, 6 barricas de farinha; 117 kg de maçãs sortidas; 6 barris de verduras salgadas e em conserva; 100 molhos de cebolas; 50 molhos de alhos e 1 barril de sardinha salgada.

Para além destes víveres compravam-se ainda os seguintes itens:

1 caixa de velas de sebo da Rússia (59 quilos), 8 quilos de alfazema, meia resma de papel almaço, meia resma de papel branco, 8 quilos de velas de cêra, 50 penas de escrever, 1 quilo de algodão, 120 garrafas vazias, 576 rolas, 2 terrinas de pó de pedra, para 10 pessoas, 2 pratos de sopa e guardanapo, 6 travessas sortidas, 2 bules de canada e meia (2.1 litros), 1 manteigueira grande, com tampa, 1 açucareiro grande, 12 chécaras com seus pires, 12 copos para água, 24 copos de cálice, 1 barril para os paios, 6 barricas para as massas, queijos, e açúcar, 2 sacas para as nozes e amêndoas, 5 barris para a aguardente, 1 caixote para a louça e 4 capas para 4 barris de manteiga e rebatição<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> SGL Res. 5-A – caixa 3, doc. 13, 1803; Res. 5-C – caixa 17, doc. 73, Lisboa, 28 de Junho de 1800; caixa 17, doc. 74, Lisboa, 28 de Junho de 1800; doc. 320, 1822; caixa 24, doc. 22; Lisboa, 31 de Março de 1815; 5-D – caixa 25, doc. 12, 6 de Setembro de 1800; doc. 14, 11 de Setembro de 1800; doc. 27, 1800; caixa 27, códigos 5 e 6, 1818 e 1819; caixa 32, doc. 283, 28 a 30 de Abril de 1824. 30 de Abril de 1824; doc. 286, Macau, 30 de Outubro de 1824; doc. 287; Macau, 30 de Setembro de 1824; caderno 126; Lisboa, 30 de Setembro de 1826 a 11 de Julho de 1827; caderno 135, Lisboa, 1832; 6-A – caixa 35, caderno 53; 1806; caderno 54, 1806; Res. 6-A – caixa 37, doc. 315, 1812; doc. 143, Macau, 1807; doc. 199, Lisboa, 13 de Abril de 1810; doc. 252, Junho de 1811.

<sup>51</sup> SGL SGL Res. 5-A – caixa 3, caderno 3 A, 1803. Res 5-C – caixa 24, doc. 22 e doc.37, Lisboa, 31 de Março de 1815; Res. 5-B – caixa 11, caderno 14, 30 de Abril de 1801 a 23 de Janeiro de 1802.

Na preparação e na saída de Lisboa, a despesa continuava.

Era preciso reparar o forro de cobre, “1 conta paga a *Christianno Daniel Peters & Companhia* importância de 12 folhas de Cobre para forro: 66\$185”; os “direitos pagos na Meza do Passo da Madeira 402\$400”; a querena “1 conta paga a *Joaquim Jozé de Souza mestre da barça dos Pilotos, que esteve a crena* 65\$200”; a aguada “pago a *barcassa da Ribeira pela Agoa que levou a bordo para a Viagem* 6\$400”; as taxas “item pello que hoje se pagou na secretaria do Governo pella consulta para a Junta para a presente Viagem, 19\$200”; os “9 Livros em branco para a viagem pagos ao livreiro *Silvestre Roiz dos Santos* 6\$400”, a pintura do navio “idem pelo que se pagou ao Pintor *Julião Jozé de pintar a ditta gallera justo pelo Cappitam como do recibo* 67\$200”, a alimentação “da equipagem neste mez até 27 pagas ao *Cappitam Jozé Joaquim Teixeira como do recibo* 79\$080”; o bota-fora “item ao *Pilotto da Barra que hoje a bottou fora como da carta que entregou do Cappitam* 6\$400”; pelos medicamentos “a *Jozé da Silva Pinheiro (Boticario) empontancia dos preparos de botica para a ditta galera na presente viagem para Macao* 309,” enfim, tudo era despesa que não tinha fim<sup>52</sup>.

Mas nem em chegando a Macau as despesas cessavam. Era preciso pagar pelos “mantimentos em *Anjer* 129:3 5 patacas”; pela “pilotagem do *Grande Leme a Macao* 40”; pelo “aluguel de *Feitoria em Macau* 600”; ao Patrão-Mor pela “entrada do navio 17:5 16”; aos “*Guardas da Alfandega a bordo* 7:½”, pela “medição do *Navio* 1.200”, pelos “emolumentos aos *officiaes da medição* 30”, pelas “soldadas aos *Officiaes e Marinheiros* 484”, pela “*vestoria á estiva do Navio* 18¾”, pela “*matricula e registo* 4”; ao Patrão-Mor “pela saída do navio 17.25 patacas”; à lancha “do navio *São Francisco pela espia que deu até Cahó*, 30”; pelos “mantimentos e refrescos para bordo 61.61 patacas.”<sup>53</sup>

Como bem o resumia o sobrecarga da *Nova Aliança* “o *costeamento total do navio são patacas 7.794.70 avos; eu estimaria bem o ter quanto mais resumido. Porem a menos se não pôde reduzir, pois a estada de 4 mezes do navio aqui concorre bastantemente para o aumento.*”<sup>54</sup>

#### 4. Os Homens

Como ficou anteriormente dito, uma análise demográfica das informações contidas nas matrículas de equipagens permite-nos obter algumas informações básicas sobre os marinheiros mercantes deste período. A título de exemplo, façamos o exercício relativamente aos 853 comandantes no activo entre 1810 e 1820<sup>55</sup>. A sua idade média era de 41 anos, tendo o mais novo 23 anos, e o mais velho 68. O número médio de anos que andavam embarcados era de 25, tendo, também em média, ingressado na vida do mar aos 16 anos.

<sup>52</sup> 4231 Res 5-C – caixa 23, caderno 1, 1814.

<sup>53</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 5, 6 a 9 de Fevereiro de 1816; caderno 5A, 8 de Setembro de 1815 a 5 de Fevereiro de 1816; cad. 16, 1815 -1816.

<sup>54</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 14, Macau, 30 de Janeiro de 1816.

<sup>55</sup> Relembrando, obviamente, que é possível replicar este mesmo exercício para todos os embarcações deste período.

Relativamente às suas naturalidades, a esmagadora maioria era da Grande Lisboa – da cidade propriamente dita e dos arredores, quer da margem norte do rio Tejo (Belém, Cascais, Carnaxide, Oeiras, Olivais), quer da margem sul (Caparica, Almada)<sup>56</sup>. Logo a seguir a Lisboa, seguia-se a cidade do Porto, os Açores (com o Faial a liderar, seguindo-se a Terceira, Santa Maria e São Miguel) e, depois do arcebispado de Braga, uma pulverização de cidades e de localidades<sup>57</sup>. Existe ainda uma muito pequena fracção de comandantes oriundos das possessões ultramarinas – Baía, Rio de Janeiro, Mazagão e São Tomé, por exemplo.

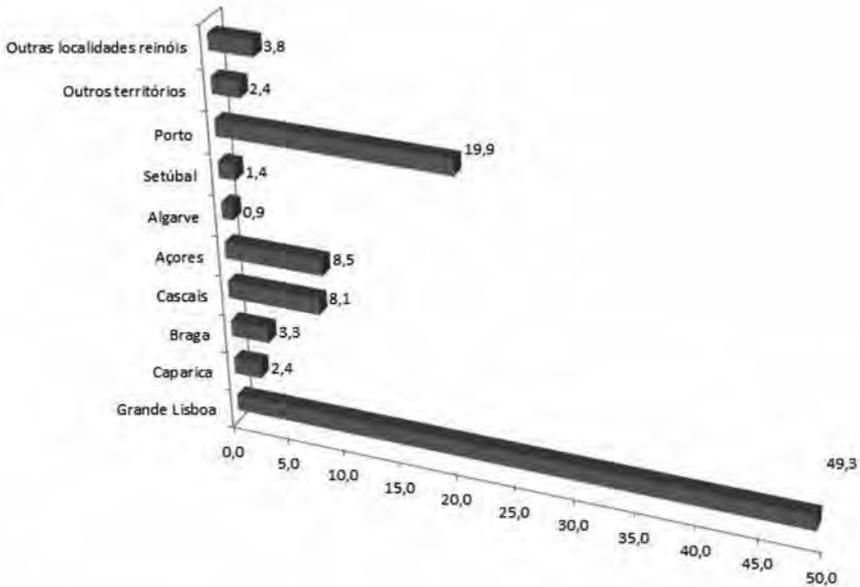


Fig. 7. Naturalidades dos comandantes no activo entre 1810 e 1820.

Fonte: Matrículas de Equipagens, ANTT.

Despachos, autorizações, requerimentos, licenças, passaportes, todos estes documentos mais não eram do que o controlo estatal sobre a actividade privada. Fonte não despendiendia de emolumentos, as matrículas serviam oficialmente “*para evitar enganos de pessoas, e nomes trocados*” pelo que “*a Real Junta do Commercio na qualificação da equipagem dos navios*” ordenava que se anotasse dos embarcados “*a idade, filiação, e signaes, remettendo-se relações de todos os qualificados para cada navio ao Inspector do Arsenal da Marinha, para que este*” passasse “*a bordo dos navios na vespera da sua viagem, e*” conferisse a gente que eles levavam “*com a relação, e achando alguém de mais, ou que não*” fosse “*o*

<sup>56</sup> De entre estas localidades, avultam Cascais e Caparica, pelo que optámos pelas singularizar no gráfico.

<sup>57</sup> Curiosamente nestas, existem algumas que, embora sendo litorâneas ou até importantes cidades portuárias, providenciam poucos capitães – é o caso de Lagos, Aveiro, Figueira da Foz, Setúbal ou Viana.

*próprio qualificado, o*” trouxesse “*prezo para terra*”<sup>58</sup>. Fora de Lisboa, a matrícula da equipagem era certificada in loco pelas autoridades locais:

*“Aos tres dias do mês de Janeiro de mil oito centos e desouto annos, por ordem do Senhor Conselheiro Ouvidor Geral Miguel de Arriaga Brum da Silveira vim eu Escrivão Ajudante do seu Cargo a bordo da Gallera Nova Alliança, surta no ancoradouro do porto desta Cidade do Nome de Deos de Macao na China, e ali fazendo a confrontação da matricula retro com as Praças existentes achei, que Tolentino Vandek, primeiro Caixa não vay; e que tambem não vay o Reverendo Capellão Frei Jose Maria da Silva, em cujo lugar vay o Reverendo Frei Mansilio Maria Starellim, Religiozo do Carmo, natural de Ferrara, de idade de quarenta annos: Que em lugar do marinheiro Antonio Ricardo, que não vay, hé Ignacio Dias Barboza, natural de Lisboa, cazado com Ludovina Roza, idade quarenta e cinco annos, embarca a trinta e cinco: os quaes ficão matriculados. Registado a paginas 166 do Livro desta Ouvidoria Geral de Macao Aggersborg Item de matricula mais hum escravo cafre por nome Domingos, escravo de Jozé Nunes da Silveira – Macau Dias Retros”*<sup>59</sup>

### Os homens da carreira de Macau

No caso das galeras e brigues da viagem para Macau, o número de tripulantes variava entre os 30 e os 38<sup>60</sup>. Em sentido hierárquico descendente, a equipagem era constituída por comandante (cargo que poderia acumular com o de 1º piloto), capelão, um sobre ou dois sobrecargas, 2º e 3º pilotos, cirurgião, escriturário, escrivão, contramestre, calafate, despenseiro, cozinheiro, copeiro, dez marinheiros, dez moços e, por vezes, um criado<sup>61</sup>. Este último, geralmente, era ou chinês ou um escravo – por vezes, forro<sup>62</sup>.

Os oficiais eram geralmente contratados para uma viagem redonda havendo, regra geral, uma grande mobilidade de navio para navio e de armador para armador.

<sup>58</sup> Em 1810, pela utilidade que havia em “*se criarem bons marinheiros sem prejuizo do recrutamento do Exercito*” permitiu-se “*que alem da competente marinragem de cada navio, possam estes levar os moços novos que lhes convierem sendo estes pela sua idade, e corpo incapazes de servir na tropa*”; ANTT, Junta do Comércio, mç. 64 (cx. 209), Avisos, consultas e decretos sobre matrícula de equipagens de navios 1758 a 1833, s/n, Lisboa, 19 de Maio de 1810.

<sup>59</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 25, 1817.

<sup>60</sup> SGL Res. 5-A – caixa 3, caderno 1, 1801, caderno 4, 1803; caixa 10, caderno 86 e 92, 1801; Res. 5-B – caixa 12, doc. 42, Lisboa, 10 de Maio de 1801; Res. 5-C – caixa 23, caderno 9, Lisboa, Abril de 1815; caderno 25, 1817; caixa 24, doc. 2, Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1814, caderno 45, 30 de Julho de 1819; Res. 5-D – caixa 32, caderno 137, 1832; doc. 140, Lisboa, 3 de Julho de 1821; Res. 6-A – caixa 35, caderno 61, 1806; caixa 36, caderno 155, 1812; caderno 165, 30 de Junho de 1812.

<sup>61</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 3, Macau, 28 de Novembro de 1815; cx 23, cad. 9, Lisboa, 29 de Abril de 1815.

<sup>62</sup> Os escravos surgem, muitas vezes, nestes termos de matrícula, mas mais amiúde nas viagens transatlânticas com destino a África ou Brasil. No caso de Macau, são menos frequentes, surgindo associados a antigos comandantes de navios negreiros. Era este, por exemplo, o caso de “*Carlos Maria, Preto Solteiro Escravo do Capitão do Navio Joaquim Lino da Costa, natural de Monsambique, idade 38 annos, embarca á 20 annos*”, SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 25, 1817.

Os contratos – embora pudessem ser negociados colectivamente, como aconteceu no caso da viagem a Macau da galera *Voadora*, em 1806, em que houve um ajuste de condições entre o proprietário do navio e Manuel Francisco de Oliveira, capitão, e todos os demais oficiais<sup>63</sup> – eram celebrados individualmente entre o armador e o capitão<sup>64</sup>, pilotos<sup>65</sup>, cirurgião, capelão<sup>66</sup>, escrivão<sup>67</sup>, escriturário<sup>68</sup>, contramestre<sup>69</sup>, calafate<sup>70</sup> e até marinheiros<sup>71</sup>. As soldadas eram pagas, ou a bordo<sup>72</sup>, ou aos familiares que permanecessem em Lisboa<sup>73</sup>.

Os comandantes, alguns deles (cerca de 3%) oficiais da Marinha Real, eram contratados para exercerem “o lugar de *cappitam* com todo o cuidado, e zello devido seguindo as ordens que lhe forem dadas pelos proprietarios, ou pelos seus constituintes.”<sup>74</sup>

Firmando os seus contractos, os comandantes obrigavam-se “a fazer viagem deste porto [de Lisboa] ao de Macau, e de voltar a recolher-se nesta cidade de Lisboa, com todas as escallas forçozas e veluntarias, tanto neste navio, como em outro qualquer que venha em lugar delle, obrigando-se mais a responder por toda a falta que houver na execução das ordens dos proprietarios, e de quem os representar, e a responder pelos frettes que deixar dezemcaminhar ao navio.” Pela boa execução dessa missão, o armador obrigava-se a pagar-lhe “pela sua viagem redonda, a quantia de hum conto, e seis centos mil réis de sua soldada”.

O armador entregava o navio ao capitão “para que com o necessario passaporte, e despachos competentes” que igualmente lhe entregava, pudesse “seguir a sua viagem com aquellas escalas que lhe forem percizas, tanto na hida, como na volta, athé se recolher neste Porto de Lisboa”.

Em “cazo de consequencia ou arribada” deveria consultar os sobrecargas e o escriturário. Tinha também a capacidade de despedir “todo aquelle marinheiro, e officiaes que não cumprissem com as suas obrigaçoens”<sup>75</sup>.

O capitão era também responsável pelos “vinte e dois serventes” que levava “para todo o serviço do navio a cujo numaro” não deveria exceder, já que “todo aquelle indevido

<sup>63</sup> SGL Res. 6-A – caixa 35, caderno 62, Lisboa, 24 de Março de 1806.

<sup>64</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 359, Lisboa, 30 de Março de 1832.

<sup>65</sup> SGL Res. 5-A – caixa 3, doc. 1, Lisboa, 25 de Abril de 1803; Res. 5-C – caixa 24, doc. 17, Lisboa, 26 de Abril de 1815; Res. 5-D – caixa 32, doc. 361, Lisboa, 3 de Maio de 1832, doc. 360, Lisboa, 24 de Fevereiro de 1832.

<sup>66</sup> SGL Res. 6-A – caixa 37, doc. 109, Lisboa, Março de 1806.

<sup>67</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 21, Lisboa, 26 de Abril de 1815.

<sup>68</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, docs. 18, 19 e 20, Lisboa, 26 de Abril de 1815.

<sup>69</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 362, Lisboa, 1 de Maio de 1832; Res. 6-A – caixa 37, doc. 322, Lisboa, 4 de Agosto de 1812.

<sup>70</sup> SGL Res. 6-A – caixa 37, doc. 323, Lisboa, 4 de Agosto de 1812.

<sup>71</sup> SGL Res. 6-A – caixa 37, doc. 237, Lisboa, 22 de Abril de 1811.

<sup>72</sup> SGL Res. 5-A – caixa 10, caderno 82, 24 de Outubro de 1800; Res. 6-A – caixa 34, códice 10, 1811-1812.

<sup>73</sup> Por exemplo, José António Veríssimo, calafate da galera *Voadora*, solicitou ao armador que este pagasse à sua mulher, Angélica Maria da Cruz, seis mil réis por mês, enquanto durasse a viagem entre Lisboa e Macau, SGL Res 6-A – caixa 37, doc. 236, Lisboa, 8 de Abril de 1811.

<sup>74</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 15, Lisboa, 26 de Abril de 1815.

<sup>75</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 167, Macau, 14 de Junho de 1822.

*que conduzir de mais da guarnição do navio,” ficaria “obrigado a pagar por elle em qualquer porto d’ Azia, ou Macau, quinhentos mil reis, somente pelo seu corpo, e de volta para Lisboa, hum conto de reis, sem lugar reservado” e isto sem “que tenha desculpa alguma que alegar, dizendo que lhe aparecerão dentro do navio, depois de ter dado a vella, que para este fim deve fazer antes os exames necessarios.”*<sup>76</sup>

Para além de se dever precaver contra os clandestinos, o comandante não deveria receber a *“bordo passageiros algum, tanto na hida, como na volta, a fim de não lhe serem pezados, quando”* encontrasse *“huma viagem prolongada, que”* obrigasse *“a fazer alguma arribada, cujas consequências se”* faziam *“funestas a todos.”* Contudo, no *“cazo de lhe quere-rem meter algum Passageiro a força procurara receber logo o dinheiro da passagem, como he pratica. Sendo prezo, protestará levalo sempre a ferros para a segurança do navio, attendendo a piquena Equipagem, e ser criminoso.”* Havia, obviamente, excepções: em 1815 *“por huma recomendação do Illustrissimo Senhor Francisco Antonio Ferreira, o capitão deveria conduzir de Macau para Lisboa o passageiro Manoel Joaquim Fernandes, exentos trastes;”*<sup>77</sup> em 1823, fretou-se a Faustino Coelho dos Santos um camarote do brigue *Temerário* para que este se deslocasse de Lisboa a Macau<sup>78</sup>.

Ao capitão competia também protestar na Justiça *“contra quem o obrigar, e mais direito tiver por todos os prejuízos que succederem ao navio e sua negociação cauzada por elle”*<sup>79</sup>, nomeadamente em casos avaria grossa causadas por tempestades arrostadas no mar<sup>80</sup>.

No caso de desertarem, ou morrerem, *“alguns marinheiros a ponto de fazerem falta, e que não possa conseguir outros Portuguezes, procurará marinheiros Manilhas, ou Chinas, e na falta destes, sendo grande a necessidade comprará alguns Prettos que possuão suprir o numero dos que faltarem”*. Havia, porém, que cumprir as formalidades da praxe: *“matricularlos por marinheiros, e esta matricula deve trazella autentica, encostando-se a ley, que nos favoreesse neste cazo, por falta de marinheiros.”*

Outro importante dever do capitão, era o de cuidar da salubridade do seu navio. Com efeito, *“para conservar a sua equipagem com saude e livre de algum contagio”* deveria *“huma vez cada semana”* mandar *“fazer limpeza geral no Rancho, fazendo puxar ao convéz todas as caixas, para receber novo ar, e burrifalo com vinagre, e defumalo com alcatrão, e para o tempo do calor fará usar dos funiz de brim, para lhe purificar o ar, dentro do Rancho.”*

Ao capitão deveria igualmente assistir o dever da probidade, já que deveria *“fazer toda a deligencia possivel para evictar dispezas superfulas, e desnecessarias, não faltando ao percizo com a economia devida, evictando experdiços, e descaminhos.”*

Estando o navio *“em caminho de ser prompto”* o capitão cuidaria *“tambem em apromptar, e meter a bordo os mantimentos competentes para a sua viagem, regulando-se pelo livro que”* levava *“para este fim Numero 3 no qual se”* achava *“o modo de os distribuir, como também o modo e calculo para se refazer delles, seguindo em tudo que o ditto livro contem”*<sup>81</sup>.

<sup>76</sup> SGL Res. 6-A – caixa 36, caderno 15, Lisboa, 10 de Agosto de 1812.

<sup>77</sup> SGL Res 5-C – cx 23, cad. 10, 18 de Abril de 1815.

<sup>78</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 187, 14 de Julho de 1823.

<sup>79</sup> SGL Res. 5-A – caixa 10, doc. 109, 3 de Março de 1800.

<sup>80</sup> ANTT FF, JIM, mç. 56, n.º 3, cx. 180.

<sup>81</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28. Lisboa, 3 de Março de 1817; cx 24, doc. 15, Lisboa, 26 de Abril de 1815.

Resumindo, ao capitão era seu dever “*comprir, e guardar as ordens que lhe forem dadas pelo proprietario, ou quem suas vezes fizer, ou os seus constituintes, comprindo-as como ellas são, sem lhes dar outra intreptração alguma. E de volta de Macau em direitura para Lisboa, trazendo toda a sua officialidade, e equipagem em boa harmonia, não lhe faltando com o percizo; e o Navio bem conservado de tudo, e a sua carga bem arrumada porão, e coberta bem abarrutadas, como fica recomendado*”<sup>82</sup>.

Chegado o navio a Macau, a autoridade do capitão era delegada no “*primeiro sobrecarga, e na sua auzencia, ao segundo sobrecarga de quem*” receberia “*as ordens, e seguira, o que elle lhe determinar, ao mesmo tempo*” que recorreria “*para todo o percizo, o qual hade assistir com o necessario.*”

Ao sobrecarga era-se pedido que desempenhasse várias tarefas, “*sendo a primeira que o navio aporte nos Estereitos para refrescar, devendo tomár, somente o percizo, e nada de superfluo, e sem perda de tempo, continuar a sua viagem*” e a segunda, detendo “*huma copia da Carta de Ordens dada ao Cappitam*” requerer-lhe “*o comprimento della na parte que lhe pertencer*”<sup>83</sup>.

Principalmente, exigia-se que, como primeiro sobrecarga, “*encarregado da negociação que quase toda lhe pertence, por ser o principal carregador*” que a exercesse como bem entendesse, tendo “*toda actividade em desembarassar o navio para se apromptar, e carregar com a brevidade possível, mandando logo pagar a medição do Apu, e depois pedir a lista dos mantimentos para os fazer apromptar*”, pelo que teria “*conhecimento, e ordem para que chegando a Macáu receber*” do representante do armador “*sinco mil Patacas para o costiamiento do navio*”, dinheiro que serviria igualmente para o sobrecarga mandar “*tomar caza para assestirem todos juntos, e por meza, aos seus Companheiros, e mais Officiaes, com toda a decência, e economia devida a hum Negociante: tractando-os, com o preciso, e nada de superfluo*”.

Embora o armador confiasse na sagacidade do sobrecarga a quem confiava a negociação do navio, haviam sempre recomendações de última hora, quer quanto à carga a carregar: “*caixas de louça, charão, e drogas, sabe Vossa Mercê que não convem ao navio, nem ao proprietario da fazenda pelos preços que se emnontrão, e quando seja percizo servir a algum bom carregador dos maiores, será metendo a louça em alguns caixotes piquenos; tem recomendação para tomár sentido não vão a bordo velumes que acuzem ser outros generos, como fogo, charão etcetera e tambem terá todo o cuidado não lhe pessão licença para boa fazenda, e metão depois caixas de drogas*”; quer quanto à probidade: “*quem tem fundos albeios he percizo todo o cuidado, e não ter discuído em apromptar documentos legaes para sua defesa.*”<sup>84</sup>

Quando se desse o caso do navio precisar, em Macau, “*de maior fabrico, por qualquer accidente, em que tenha sofrido alguns dannos, que puxe por obra grande, ou de consequencia no seu custado, neste cazo*” seria precisa “*huma conferencia dos sobrecargas, na presença*” dos representantes do armador, para que estes pudessem “*decedir a obra que deve fazer, sem a qual nada*” poria “*em execução*”.

<sup>82</sup> SGL Res 5-C – cx 23, cad. 10, 18 de Abril de 1815.

<sup>83</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 16, Lisboa, 27 de Abril de 1815.

<sup>84</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 303, Lisboa, 29 de Abril de 1826.

Tal como ao capitão, recomendava-se ao sobrecarga que se devia “*apromptar para saber o mais cedo que puder de Macáu a fim de que venha montar o Cabo da Boa Esperança antes da Invernada, enviando, sempre que possível, notícias*”<sup>85</sup>.

As longas viagens, as guerras, a importância pecuniária das cargas transportadas, a periculosidade das rotas e os particularismos dos seguradores – então como hoje, muito lesto a receber os prémios mas muito avessos a pagar as indemnizações aquando da ocorrência de sinistros – levavam a que a Justiça fosse amiúde chamada a regular quezílias e desentendimentos.

Mas, mais do que todos os outros factores juntos, o que realmente perturbava a harmonia a bordo era haver um outro oficial com uma palavra a dizer, para além do comandante. Atentemos no caso do sobrecarga Cláudio Adriano da Costa<sup>86</sup> que, em Anger, se travou de razões com o seu comandante, o terceirense José Joaquim Teixeira, literalmente por um punhado de arroz.

Ao que parece, o sobrecarga comprara arroz fresco naquela ilha, mas o comandante insistira em utilizar para o rancho o arroz que se trouxera de Lisboa. O sobrecarga dissera então “*ao Capitão que o arroz não estava em termos de vir a meza*” e que “*não prestava por ter bichos*”, tendo o capitão retorquido que não quisesse ele “*ser cabeça de motim, e se tinha alguma couza, que podia dizer em separado*”.

Esta não era contudo a razão primeira da zanga, no entender de Francisco Assis Vidigal, o escriturário, já que este tinha ouvido “*depois dizer que a desavença era nascida de huma desavença sobre pintura do navio, e sua estiva, ou que quer que seja*” confirmando depois “*que a bordo depois da passagem de Anjer, continuando a vir a meza o arroz trazido de Lisboa, o qual já tinha bichos pela distancia da viagem, disse o sobrecarga que era melhor usar do novo pela incapacidade daquele que então havia*” respondendo então o capitão “*que não fosse cabeça de motim; que elle sabia o que fazia, por que era quem a bordo governava; nascendo desde então certa reserva, e só hum trato de civilidade entre elles.*”

Com o caldo entornado entre os dois principais responsáveis pelo navio, era só uma questão de tempo até que as coisas piorassem. E assim aconteceu quando, já em Macau, “*em certo dia de manhã na Feitoria, estando o capitão em huma varanda defronte do quarto do Sobrecarga, e este na janella, falando ambos sobre o arranjo do navio, se formou huma mayor vozeria entre elles*”, alvoroçando-se toda a oficialidade com a grita, já que, no pitoresco dizer do segundo piloto, Bento José de Araujo, “*se tinham embrulhado os dois chefes da caza onde hera subdito*”.

Dissera então o capitão ao sobrecarga, de “*que não haveria de acabar a viagem a salvamento, que o havia de esmagar, e que se tivesse a lembrança de abrir a boca a bordo o*

<sup>85</sup> SGL Res 5-C, cx. 23, cad. 7, Lisboa 27 de Abril de 1815.

<sup>86</sup> Cláudio Adriano da Costa era natural de Lisboa, sendo filho de José Inácio da Costa, Ministro da Fazenda após a Revolução de 1820, e de Jacinta Cláudia Lima da Costa. Em 1815, tinha 19 anos, embarcando desde os 10. Três anos antes, em 1812, era já escriturário de bordo do navio *Emília*, também da carreira de Macau. Grande empreendedor, mais tarde viria a ser o responsável pela iluminação a gás de Lisboa, nos anos 40 do século XIX, sendo considerado o melhor economista português de então. Agradeço aqui ao Doutor António Alves-Caetano as informações que amavelmente me prestou relativamente a este homem.

*havia de levar prezo toda a viagem num camarote, e dar de comer por hum postigo,*” e que *“lá para o mar elle o ensinará”*, tudo *“com indícios de querer fazer violência, e rompendo nos maiores excessos acerca do character, e conducta”* do sobrecarga que, assim ameaçado, se recusou a partir para Lisboa.

Foi preciso intervir o Conselheiro Ouvidor Geral de Macau, Miguel de Arriaga Brum da Silveira, convocando tribunal *“a fim de terminarem as desinteligências havidas”* entre o capitão e o sobrecarga *“e de que se queixou o segundo, e porque a principal foi de hum tracto menos conforme com a representação em que este se considera, já como sobrecarga, e já como principal carregador, resultando declaraçoens mais escandalosas por serem no meyo de huma habitação onde o exemplo da quietação deve ser dado pelos primeiros da Caza”* acabando por se admoestar ambos, ao capitão para que não desse *“no futuro; e na progressão da viagem qualquer motivo de novas queixas; pois alem de ser isto o seu dever he mais de esperar da sua representação”*; e ao sobrecarga *“que fosse cumprida sem alteração a carta de ordens dada ao capitão”*<sup>87</sup>.

Ao lado do capitão, seguiam o 2º piloto, *“o qual na sua auzencia tomara conta do navio, e em todos os cazos o consultará, para hir de comum acordo”* e 3º piloto, o qual faria *“comprir com as suas obrigaçoens”* e a ambos deveria consultar o capitão *“na degreção da sua viagem, todas as vezes que se”* oferecesse *“ocazião para assim o fazer”*<sup>88</sup>.

Os pilotos dependiam também aleatoriedade dos contratos para exercerem a sua ciência, constituindo a carreira de Macau, exactamente por ser a mais longa e a mais infrequente, a que menos praticavam. Joaquim António do Couto, por exemplo, piloto costumeiro do Brasil – para onde navegara várias vezes; em 1805, como praticante no navio *Trajano*; como sota piloto, em 1806 e 1807, para a Baía de Todos os Santos no navio *Santo Estevão* e em 1811 e 1812 para o Maranhão, no navio *Sociedade Feliz* – só uma vez fora a Macau, em 1809, no navio *Santo António Brilhante*, do capitão Francisco Gonçalves Lima<sup>89</sup>.

Ao cirurgião, competia não só zelar pela saúde da tripulação, como também equipar a botica do navio<sup>90</sup>. Esta estava geralmente dotada de uma *“balança com seu gramatorio”*, três velinhas elásticas, uma algália, borrachinhas para seringatórios, uma *“chocolateira de cobre para corrimentos”*, dois *“lençoens de linho uzados”* e dois jogos de talas para fracturas<sup>91</sup>.

Estes navios mercantes andavam quase sempre armados, nomeadamente quando faziam viagens até Macau, fosse para se defenderem dos corsários insurgentes da América Latina, fosse dos piratas asiáticos. Geralmente, o despenseiro desempenhava papel de guardião e encarregado do armamento do navio<sup>92</sup>. Outras vezes, era preciso pessoal especializado – em 1814, José Nunes da Silveira, proprietário da galera *Correio da Ásia*, *“prompta a seguir viagem para os portos d’Azia, aonde se costumão encontrar embarçaçoens*

<sup>87</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 22, Macau, 18 de Janeiro de 1816; e caderno 19, Horta, 24 de Julho de 1816.

<sup>88</sup> SGL Res. 6-A – caixa 37, doc. 324 e 325 Lisboa, 23 de Julho e 8 de Agosto de 1812

<sup>89</sup> ANTT FF, JIM, JU, Brasil, mç. 256, n.º 12.

<sup>90</sup> SGL Res. 6-A – caixa 37, doc. 326, Lisboa, 1 de Julho de 1812.

<sup>91</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 11, Lisboa, 26 de Abril de 1815.

<sup>92</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 297, Lisboa, 22 de Maio de 1826.

*inimigas de Malayos*” pediu a dispensa do Corpo de Invalidos da Brigada Real da Marinha do soldado Domingos Rebocho para que este pudesse nela servir como condestável da artilharia<sup>93</sup>.

No entanto, por vezes, nem o pessoal, nem o armamento eram os suficientes para impedir que um navio fosse, ou capturado – como aconteceu, por exemplo, com a galera *Carolina*, apresada por corsários quando vinha da China, em 1820<sup>94</sup> – ou tivesse escalar inopinadamente um porto não previsto, como aconteceu em 1817 com a galera *Nossa Senhora da Luz* que, vinda de Macau para Lisboa, e sendo avisada pela tripulação da galera inglesa *Matilde* de que havia corsários insurgentes espanhóis na costa portuguesa arribara à ilha do Faial<sup>95</sup>.

A morte a bordo era relativamente comum. Em 1820, Clara Maria, interpôs um processo judicial para receber tudo o que pertencia a seu filho, Luís António, falecido “*por força de maus tratos*” a bordo do navio *São Domingos, Eneias*, quando vinha de Macau<sup>96</sup>. Mortos por mão criminosa, ou tão só causas naturais ou acidentais, havia que arrolar os bens do defunto e, se possível, entregá-los a quem ele deixara em testamento.

Atentemos no caso do “*marinheiro Francisco de Pontes falecido no dia 25 de Setembro de 1819 a bordo da Galera Nova Aliança Capitão Joaquim Lino da Costa hindo de Lisboa para a Costa de Malavar na Latitude Sul 22º17’ Longitude 28º 30’a Oeste de Greenwich*” e de cujos bens o escrivão do navio, José Maria da Costa, inventariou, e que se resumiam apenas a roupa:

*“Quatro Camizas brancas em bom uso; Quatro Ditas de Riscado; Duas Ditas de Canga azul novas; Trez Ditas de Ditas mais uzadas; Trez Seroulas de Linho uzadas; Hum pár de Meias de Algodão; Huma Calsa de Brim; Duas Ditas de Canga azul; Huma Dita de Ditas pretta; Huma Dita de panno azul Ordinario nova; 2 Duas Jaquetas de Canga huma azul outra preta nova; Huma Dita de panno escuro nova; Coletes de Canga em bom uso; Hum Dito de Seda azul novo; Dois Lenços de Seda preta novos; Trez Ditos de Côr uzados; Huma Sobrecazaca azul de panno Ordinario nova; Hum Chapeo de Seda de Macáo; Hum Dito de Palhinha uzado; Huma Japona de baitão uzada; Dois pares de Sapatos uzados; Hum pár de Botas uzados; Huma Caixa de Pinho uzada.”*

O capelão do navio “*Joze Athanzio de Jesus, Prebitero Secular*” certificou igualmente “*que depois de ter administrado os Sacramentos da Penitencia, e Extrema Unção ao falecido Francisco Pontes viuvo, achando-o ainda em seo juizo perfeito, e exhortando-o que fizesse apontamento do que possuía, e determinasse a sua ultima vontade para que morresse como verdadeiro Catholico*” este lhe respondera e declarara perante testemunhas “*que elle tinha huma filha por nome Maria na Ilha de São Miguel, e que essa era a sua herdeira, suposto que o que tinha nada era, mas que isso mesmo depois da sua morte podia o Contramestre seo*

<sup>93</sup> AHU ACL CU 062. Cx.37, doc. 1785. Lisboa, 27 de Setembro de 1814.

<sup>94</sup> ANTT FF, JIM, mç. 23, n.º 16, cx. 147.

<sup>95</sup> ANTT FF, JIM, mç. 42, n.º 10, cx. 166, e mç. 25, n.º 8, cx. 149.

<sup>96</sup> ANTT FF, JIM, mç. 23, n.º 4, cx. 147.

*Primo Miguel Francisco tomar conta para entregar a ditta sua filha, ou mandar entregar, e que tudo se achava em sua caixa, e que isso fazia porque sua filha se achava em São Miguel em caza de Manoel de Souza, pai do ditto Contramestre, e que essa era a sua ultima vontade: e isto mesmo, sendo necessario*”ajurou “*in Verbo sacerdotis a bordo da Nova Alliança era ut supra*”. O contramestre Miguel Francisco recebeu então “*do senhor Capitam Joaquim Lino da Costa o conteudo do Inventario Rectro, pertencente ao falecido meo Primo, Francisco de Pontes*” e obrigou-se “*a cumprir na forma declarada conforme a sua ultima vontade*”<sup>97</sup>.

O armador era também o responsável por pagar as soldadas a receber pelos falecidos. Umás vezes, esse dinheiro era efectivamente pago, como aconteceu a Antónia Marques, mãe de Joaquim Libano, falecido em 1800 a bordo da galera *Fénix e São José*, que recebeu 36.400 réis<sup>98</sup>; outras vezes os herdeiros viam-se obrigados a agir judicialmente contra os armadores para as receber. São exemplos disto a constituição de Francisco António de Aguiar em procurador de Antónia Vitória, negra, para que esta pudesse reaver a soldada devida a seu marido, Joaquim do Rosário, por José Nunes da Silveira<sup>99</sup>, ou o processo interposto por João Ferreira, para justificar ser herdeiro do seu filho, Manuel Ferreira, falecido em 1815 enquanto ao serviço da galera *Correio da Ásia*<sup>100</sup>, ou ainda o processo em que foram autoras Clara Maria Cordeiro e a sua filha Januária Joaquina, respectivamente viúva e orfã de Domingos da Cunha, “*todos pretos Costa de Papel, Bissau*” reclamando as soldadas do cozinheiro do navio *São Francisco Xavier*, a bordo do qual morrera, em 1819, quando vinha de Macau<sup>101</sup>.

## 5. As Cargas

Um estudo alargado dos manifestos de carga e dos livros dos pesos<sup>102</sup>, demonstra que de Lisboa para Macau se levava, em termos qualitativos, ou seja, do valor carre-

<sup>97</sup> SGL Res 5-C – caixa 24, doc. 167, 27 de Setembro de 1819.

<sup>98</sup> SGL Res. 5-A – caixa 12, doc. 48, Lisboa, 5 de Agosto de 1801.

<sup>99</sup> SGL Res. 5-B – caixa 12, doc. 51, Lisboa, 22 de Junho de 1801.

<sup>100</sup> ANTT FF, JIM, mç. 56, n.º 7, cx. 180.

<sup>101</sup> ANTT FF, JIM, mç. 9, n.º 4, cx. 133.

<sup>102</sup> Entre outros SGL Res. 5-A – caixa 10, cadernos 71, 73, 85, 85A e 85B, 1800; Res 5-C – caixa 17, doc. 271, Macau, 22 de Dezembro de 1821; doc. 313, Lisboa, 30 de Dezembro de 1822; doc. 315, 2 de Janeiro de 1822; doc. 304, Macau, 27 de Dezembro de 1821; doc. 344, Lisboa, 8 de Janeiro de 1823; caixa 24, docs. 118 e 119, Lisboa, 1 de Março de 1817 e 5 de Março de 1817; doc. 132, Lisboa, 28 de Fevereiro de 1817; caixa 23, caderno 3, 1815; Res. 5-B – caixa 16, caderno 45, 1822; caderno 40, Lisboa, 5 de Junho de 1820; Res. 6-A – caixa 37, doc. 343, Macau, 12 de Abril de 1813; doc. 358, Macau, 15 de Novembro de 1815; doc. 341, Macau, 31 de Outubro de 1813; doc. 344, Lisboa, 9 de Março de 1813 e doc. 211, 24 de Setembro de 1811; doc. 318, Lisboa, 3 de Março de 1812; doc. 317, Lisboa, 4 de Março de 1812 e doc. 297, 9 de Janeiro de 1812 e ainda ANTT FF, JIM, mç. 41, n.º 10, cx. 165; mç. 25, n.º 8, cx. 149; mç. 7, n.º 6, cx. 131; mç. 110, n.º 10, cx. 110; mç. 92, n.º 12, cx. 92, complementados com Ahmad, A. (1997) *Os Portugueses na Ásia. Relação do commercio em os diferentes portos da Azia (incluindo) breve e util idea de commercio, navegação e conquista d'Azia e d'Africa, escripto por meu pay, Dom Francisco Innocencio de Souza Coutinho, 1770. Códice do Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

gado, essencialmente prata amoadada – as famosas patacas de Espanha<sup>103</sup> – vinhos (tinto, branco, palhete, da Madeira e do Porto), tabaco, aguardente e ferro em lingote que, à ida, servia ainda como lastro.

Acessoriamente, transportavam-se ainda sal, peixe seco, alcatrão, livros, enchidos, queijos e azeite; ocasionalmente, e quando o navio ia ao Malabar, de Damão levava-se ópio.

Vejamus uma destas viagens: de acordo com o “*Livro da carga que conduz a galera Nova Aliança; cappitam Joze Joaquim Teixeira, para Macau, na prezente viagem, em que sabio de Lisboa, em 21 de Abril de 1815*”, sabe-se que esta era composta por 733 barris de vinho, 126 de aguardente, 1 pipa de azeite, 14 pipas de vinho e aguardente, 13 pipas de paios, 100 pipas e 14 caixotes de tabaco, 115 caixotes com garrafas com vinho, 73 volumes diversos com diversas fazendas, 1.111 barras em ferro e 31 “*caixotes com 78.763 pattacas de Hespanha*”<sup>104</sup>.

Chegados a Macau, os sobrecargas entregavam a mercadoria que traziam por conta da negociação aos representantes dos armadores e procuravam uma companhia que lhes disponibilizasse um anista<sup>105</sup>, estabelecendo para tal um contrato comercial para o fornecimento de mercadorias a partir do *hinterland* de Cantão. Nesse contrato, de que damos um exemplo de 1815, estipulavam-se os direitos e deveres de cada uma das partes:

*“1º Que os senhores Amuy e Companhia se obrigão a dar Anista ao navio Nova Alliança e que sera responsável por todos os embaraços e obstáculos que hajão sem que exijão indemnização alguma.*

*2º Que os Senhores Amuy e Companhia entregarão a bordo do ditto navio livre de todas as despezas athe ao dia 25 de Dezembro de 1815 pena de pagar trezentas patacas por cada hum dia de demora, os géneros seguintes todos de primeira qualidade a Saber: 600 caixas de chá Hisson a preço de 72 patacas o pico<sup>106</sup> 150 caixas de chá Uxim a preço de 56 patacas o pico. 80 caixas de chá Pérola a preço de 92 patacas o pico. Dez caixas de chá Aljofar a preço de 95 patacas o pico. 400 Caixas de chá Sequim a preço de 38 patacas o pico. 100 caixas de chá Tonkay a preço de 38 patacas o pico. 155 caixas de chá Confu a preço de 42 patacas o pico. 6.000 peças de cangas azuis de Nanquim toda sorte a 125 patacas o Cento. 4.000 peças de cangas azuis de Cantão a preço de 105 patacas o cento, 1.000 peças de Companhia a preço de 95 patacas o cento. 4.000 peças*

<sup>103</sup> A pataca espanhola era a moeda de 8 reales, em prata, com um peso médio de 27.5 grama. De todas as mercadorias, a prata era a mais valiosa. Aquando da sua perda, em naufrágio ocorrido na costa australiana em 1816, a galera *Correio da Ásia* transportava 106.500 patacas, distribuídas da seguinte maneira: o comandante com 16.000; o sobrecarga com 70.000; o escriturário com 11.500, e Pedro Joyce, com 9.000. Juntas, totalizavam 2.928 quilos em prata; AHU, Macau, Cx 42, doc 18, 6 de Fevereiro 1817.

<sup>104</sup> SGL, Res 5-C – caixa 23, caderno 3. Lisboa, 1815.

<sup>105</sup> Formação portuguesa do vocábulo chinês háng ou sháng, que significa mercador e adoptada pelos estrangeiros como significado de intermediário oficial.

<sup>106</sup> Unidade de medida chinesa, correspondente a cerca de 60.5 kg.

*de cangas piquenas toda sorte a preço de 54 patacas o cento. 100 picos de canella a preço de 20 patacas o pico.*

*3º Obrigão-se os Senhores Amuy e Companhia a tomar a carga do ditto navio pelos preços que forem convencionados entre elles Senhores Amuy e Companhia e donos da fazenda.*

*4º Nós Costa e Van Deck prometemos ao assignar deste ajuste entregar aos Senhores Amuy e Companhia a soma de vinte mil patacas de Hespanha e o saldo de contas na entrega total das fazendas a bordo.*

*5º Obrigão-se os senhores Amuy e Companhia por qualquer diferença que hajão nos géneros declarados em artigo 2º fazendo bom o preço corrente da praça ou de o género se achar sendo a diferença atestada pelas alfandegas, obrigão-se mais pellos fretes aos navios – estas indemnizaçoens se farão segundo a pratica e estillo praticado.”<sup>107</sup>*

De Macau trazia-se obviamente chá e gangas. Depois, também acessoriamente, carregava-se canela, seda, porcelana, tutanaga, leques, rotim, açúcar em pedra, sagu, bandejas de charão, toucas, painéis de vidro pintados, resina do dragoeiro, veludos, anil, pó de pedra, marfim, cobertores, esteiras e ladrilhos. Finalmente, havendo escala nas ilhas Maurícias, trazia-se a Lisboa cacau, café, cravo, pimenta, panos, açúcar, goma e zuartes.

Mas antes do transporte propriamente dito, era preciso estivar. Preparar o navio para receber carga era tarefa vital, pelo que ao comandante competia mandar “*recorrer o navio de calafate*” o mesmo fazendo “*com o seu aparelho, mastreação, e vergame*”. Após esta tarefa, havia que cuidar do lastro “*de pedra muida, e saborra*<sup>108</sup> *fazendo huma estiva de cestos, para poder regular o seu pezo a quatro centos quintaes*<sup>109</sup>, *ou aquelles mais que lhe são percizos*” sabendo já que se houvessem “*muitas caixas de cangas*<sup>110</sup> *para carregar, não lhe seria percizo hum tão grande lastro.*”

Com efeito, o tamanho do navio mandava na quantidade de carga e de lastro que seria necessário estivar, não só para uma navegação segura, mas também para que se maximizasse o lucro do armador. No caso da galera *Nova Aliança*, por exemplo, de acordo com a “*medição*” efectuada pelo comandante, esta levaria “*3.000 caixas de chá seguras*”, podendo este número variar para mais, ou para menos.

Conforme advertia o armador ao comandante “*bem arrumadas leva mais, e com a má arrumação leva menos*” pelo que lhe pedia que “*como era costume em outro tempo*” ele e os seus oficiais vigiassem “*sobre a boa arrumação*” das caixas de chá.

Esta atenção à carga continuava com o mandar “*indereitar a sua estiva com taboas em sima do lastro, para ella hir direita*”. A densidade da carga mandava igualmente sobre

<sup>107</sup> SGL Res 5-C – caixa 24, doc. 8, Macau, 28 de Outubro de 1815.

<sup>108</sup> Areia grossa utilizada no lastro dos navios.

<sup>109</sup> 23.500 quilos.

<sup>110</sup> Ou ganga. Tecido grosso de algodão, amarelo ou azulado, de confecção chinesa.

o lugar que ocuparia no navio – recomendava-se que a carga pesada fosse no porão “*e desta mesmo a mais pezada sempre para a poupa estivando logo todo o navio para o conservar sempre mais metido da poupa, que da proa*” devendo o comandante escolher “*sempre a carga mais pezada para o porão, e a mais leve para a coberta*”, sendo “*a mais pezada cangas chá Perola, e Bixim*” e a mais leve o chá Hisson.

Havendo dúvidas sobre a integridade do navio e da sua capacidade em levar as mercadorias no seu melhor estado de conservação,urgia convocar um auto de vistoria, de modo a desobrigar comandante e sobrecargas de responsabilidades futuras. A requerimento de um dos seus oficiais, era então convocada uma vistoria. Tal aconteceu, por exemplo, em Macau, em 1816, quando ao sobrecarga se queixou “*hum dos carregadores do ditto navio acerca da Estiva*” pelo que o sobrecarga, “*para se desonerar a si de responsabilidade, e satisfazer a todos os carregadores*” requereu ao ouvidor geral de Macau, Miguel de Arriaga Brum da Silveira, que nomeasse peritos capazes de não só de “*attestarem a boa condição da ditto estiva, pois o navio se acha em vésperas de meter carga*” como também de determinarem se “*se devem carregar gangas sobre a estiva, assim como se a cuberta se não acha em bom estado de receber chás*”.

Compareceram então a bordo da galera o Escrivão Ajudante da Ouvidoria Geral e o patrão-mor do porto de Macau, “*Miguel António de Sousa, Tenente da Real Marinha com os seus Mestres, Domingos Nunes, António Luís do Rozário e Manoel Vicente Vieira*” que, “*passando a revista precisa, disserão que achavão a estiva boa, visto ter o navio as cavernas todas forradas, e não fazer agoa, podendo-se carregar gangas sobre a estiva que está; e que a cuberta está em bom e suficiente estado para se carregar chás livres de avarias, visto dizerem o commandante e o contramestre, que não faz agua.*”<sup>111</sup>

Finalmente, deveria o comandante escolher “*sempre a carga de maior valor, e mais percozia para o meio do navio, desviando-a das amuradas*” nas quais poria “*a carga mais ordinaria fixando estas amuradas com caixinhas piquenas, e amarrados de canella, a qual serve para todos os buracos, e vão de latas, em amarrados de diversos tamanhos*”.

A estiva da carga era sempre actividade a vigiar de perto, especialmente pelo comandante, que teria que ter sempre “*todo o cuidado que as entreparas, e repartimentos do navio, se conservem sempre no mesmo estado, e sem mudança alguma, e que igualmente, não escaquem vão, ou lata, quando for na arrumação da carga, a fim de quererem arrumar mais algum volume*” já que, se tal acontecesse, ser-lhe-iam assacados os prejuízos<sup>112</sup>.

A carga só entraria a bordo mediante autorização passada pelo sobrecarga, transmitida numa lista ao comandante; sem essa ordem, o comandante não mandaria “*receber couza alguma*”. Para que essa lista fosse cumprida, o comandante deveria mandar tomar conta do portaló a alguém que conhecesse “*pelos volumes que fazenda poderá ser a que vai na caixa, se confere com as ordens, para que lhe não metão caixas de fogo, e de outras muitas drogas, e charoens, por fatto de ley.*”

Para evitar fraudes, não se deveria receber qualquer volume, e assinar o conhecimento respectivo, sem que este fosse “*examinado pelo primeiro sobrecarga, auzente o*

<sup>111</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 23, Macau, 26 de Janeiro de 1816.

<sup>112</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28, Lisboa, 3 de Março de 1817.

*segundo, e o carregador deve dar hum conhecimento assignado por elle (para receber os outros) no qual hade declarar os generos que traz em os volumes que embarca” e em todos estes “conhecimentos deve declarar, avarias e faltas, por conta da fazenda”.*

Do mesmo modo, não deveria consentir o comandante que se recebesse “*a bordo do navio fazendas de contrabando, ou sem despacho, nem que se*” desencaminhassem “*os Direitos Reais, nem a frettes do navio.*” Dever-se-ia igualmente tomar “*todo o cuidado que todos os volumes*” levassem “*a contra marca do navio.*”

Aos tripulantes dos navios era proibido receber carga a frete, a título de agasalhado, podendo apenas “*meter na sua caixa o que tiver da sua conta, e quando qualquer marinheiro, ou mosso não tenha que meter na sua caixa, mandará que recorra ao primeiro sobrecarga, ou quem suas vezes fizer, para o fornecer de alguma fazenda, ajustando com elle o que nesta lhe há-de pagar*”. Toda a mercadoria que entrasse por conta dos “*marinheiros e officiaes inferiores, ainda que não venha de escotilhas abaixo*” teria que constar num manifesto, anotado pelo contramestre numa “*notta particular a entrada*”.

Tudo o que se transportava pagava frete, sendo este calculado com base numa percentagem a aplicar ao preço obtido pela “*venda bruta em leilão na Caza da India*”:

As “*sedas, e tudo que he seda*”, a 10%;

As gangas “*e toda a fazenda de algodão*”, a 20%;

O chá, que pagaria 30%, se fosse do fino, “*Assofar, Perola, Hisson, Bixim, Cholan*”; ou 40%, caso fosse do ordinário, “*Seguim, Tankay, Preto, e outros*”.

Quanto à prata, todo e qualquer carregador que a embarcasse “*para os fundos do navio, ou carregação do mesmo*” assinaria os conhecimentos de forma gratuita. Se, pelo contrário, a remessa fosse de outra natureza, pagaria “*o frete do estillo*”<sup>113</sup>.

Estes conhecimentos eram passados aos carregadores, enumerando o carregado, o seu conteúdo, as marcas que ostentava, a quem deveria ser entregue e quanto pagaria de frete. Por exemplo, aquando da entrega dos caixões número 1 e 2, de um total de 83, o comandante do navio *Nova Aliança* confirma “*que ao prezente está ancorado no Porto desta Cidade para com o favor de Deos seguir viagem ao Porto de Lisboa onde he minha direita descarga e he verdade que recebi, e tenho carregado dentro no dito navio debaixo de cuberta enxuta e bem acondicionado de Claudio Adriano da Costa dois caixões com oito dúzias e meia de chicras e pires azuis, e cento e setenta e seis pires e chicras e dois pratos esmaltados com a firma P.G.M., com a marca de fora o qual me obrigo e prometo, levando me Deos a bom salvamento o dito navio ao dito porto, de entregar em nome do sobredito ao Senhor João Gonçalvez Marques ou ordem, pagando-me de frete 40 por cento da venda bruta em leilão, para assim cumprir, e guardar, obrigo minha pessoa, bens, e dito navio em certeza do qual dei conhecimentos de hum theor assignados por mim ou por meu escrivão hum cumprido os mais não valhão.*”<sup>114</sup>

<sup>113</sup> SGL Res 5-C – cx 23, cad. 10. Lisboa, 18 de Abril de 1815.

<sup>114</sup> SGL Res 5-C – caixa 24, doc. 38, Macau, 16 de Janeiro de 1816.

O armador esperava, obviamente, que os esforços do sobrecarga em carregar o navio não deixassem haver “vão algum que não venha cheio.”

Estes esforços eram, por vezes, demasiado entusiásticos, ficando o navio “a tal ponto abarrutado que forão-se metter ainda a alguns volumes no rancho da tripulação”<sup>115</sup>. Chegava-se até a pagar para que os oficiais e marinheiros cedessem as suas câmaras e beliches para se poder lá transportar mais carga. Em 1799, Maximiano Mendes de Araújo, sobrecarga da galera *Fénix e São José*, pagou ao capitão Manuel de Abreu Lima cem mil réis por este lhe ter cedido o seu beliche<sup>116</sup>.

Depois do “navio abarrutado”, o comandante deveria mandar “pregar, e fixar bem as suas escotilhas, e clafetallas” de modo a evitar que a mercadoria se estragasse aquando de tempestades no mar. Findas estas, o comandante ou “ainda mesmo que de tempos a tempos” deveria mandar “apalpar, examinar os trincanizes, não tenham alguma costura aberta, calefetando-a, e socorrendo-a com algum baturem”.

Por vezes, a máquina soluçava e a carga parava de entrar portaló a dentro. Na viagem de Janeiro de 1816, Cláudio Adriano da Costa, sobrecarga da galera *Nova Aliança*, contava ao armador como que o navio já tinha “a carga toda da negociação a bordo” consistindo a carga embarcada até então de “para cima 400 caixas de gangas, algumas 700 caixas de chá Hissan, o resto he Uxim, Sequim, Perola, Confú, Tonkay, e alguma canella em molhos, faltando ainda receber 600 caixas, que de Uxim hão ser quase 300”. Faltavam apenas “algumas pequenas couzas que ainda hade receber mais ou menos 600 Caixotes de partes, estas devem estar promptas em 2 ou 3 dias”.

Mas enganava-se. O problema era que as “negociações de China não se podem fazer sem prendas” e estas escasseavam, já que as que tinham vindo no navio exactamente para esse fim eram “desviadas para todo o lado” e havia ainda que pagar luvas aos anistas, como se queixava o sobrecarga “eu sey de certo que as Fazendas compradas fora da negociação devem ser mais baratas porem como hade deixar de ser assim se o mercador que affiança o navio tem que retirar pelo menos 7 a 8 por cento sobre as fazendas para encontrar as despesas que tem que fazer na Fiança do navio”. Havia, contudo, quem soubesse dar a volta ao assunto, como o fizeram os homens dos “navios Triunfo e Sam Francisco que constam que tem pago para ajuda do custo as dittas despesas do Porto 4.500 outro 3.500, desembolço este que Vossas Illustrissimas Senhorias infelizmente não têm feito”<sup>117</sup>. Adriano da Costa vingava-se, contudo, porque, não tendo ainda pago imposto relativo à medição, mandara tirar “o Mastro da Gata do Navio fóra a ver se assim pagava menos Medição.”<sup>118</sup>

Já em Lisboa, as condições em que se vendiam os géneros orientais eram previamente estabelecidas. Veja-se, ainda para a galera *Nova Aliança*, o caso da venda em leilão na Casa da Índia das mercadorias que trouxera de Macau em 1816. Chegado a Lisboa, ao navio era passada “certidão do que constar em descarga na Casa da Índia”, nela se declarando “a totalidade dos volumes, com as suas competentes marcas”. No caso da *Nova*

<sup>115</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 14, Macau, 30 de Janeiro de 1816.

<sup>116</sup> SGL Res. 5-A – caixa 12, doc. 49, Macau, 23 de Março de 1799.

<sup>117</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 14, Macau, 30 de Janeiro de 1816.

<sup>118</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 12, Macau, 30 de Outubro de 1815.

*Aliança*, esta descarregou em Lisboa “2.352 caixas com çhas de diversos tamanhos, e qualidades; 2 caixotes de leques, 1 caixote com sedas; 487 caixas com gangas; 18 caixotes com loiça; 2.322 pacotes com canella, 4 rollos de esteiras, 360 molhos de rotim e 10 caixotes com encomendas” particulares<sup>119</sup>.

Através de proclamação pública, os proprietários do navio, Francisco António Ferreira e José Nunes da Silveira “e mais consignatários da carga” faziam saber que “os gêneros serão vendidos no estado em que se acharem, e estarão á vista para cada hum os poder examinar, a bem de que depois de arrematados, não possa por titulo algum o comprador exigir abatimento, ou escusar-se de os receber dentro de trinta dias, assim como de pagar a sua importância no prazo declarado no acto do leilão, que será contado desde o dia da arrematação, aceitando letras á vontade dos vendedores” ficando “tanto os vendedores, como os compradores obrigados a cumprir com toda a boa fé as presentes condições.”<sup>120</sup>

Comprado em Cantão, vendido em Lisboa, por 10 vezes mais. Eis um verdadeiro negócio da China.

## 6. As Rotas

Quando, no início do século XVII, a *English East India Company* e a *Verenigde Oostindische Compagnie* (VOC) enviaram as suas primeiras frotas para as Índias, estas seguiram ainda as rotas que os Portugueses estabeleceram durante o século anterior.

Muito basicamente, após a passagem pelo cabo da Boa Esperança, os navios navegavam ao longo da costa leste de África, atravessando geralmente o canal de Moçambique – ou, mais tarde, a leste de Madagáscar – montando então o Oceano Índico em direcção ao subcontinente indiano ou ao Extremo Oriente. Contudo, para os Holandeses – que procuravam directamente as ilhas das especiarias e não tanto a Índia – rapidamente se tornaram evidentes os problemas de navegação encontrados nesta rota. Com efeito, para além de haver inúmeros bancos de areia, ilhas e recifes no Oceano Índico Central, os ventos alísios, predominantes de sudeste e a corrente Sul de Moçambique, tornavam árdua a tarefa de navegar para norte ao longo da costa leste de África. Por outro lado, nas quentes águas equatoriais ocorriam por vezes longos períodos de calma, dando-se o apodrecimento das provisões e a adoecimento da maioria dos tripulantes.

Quando, em 1610, o governador Hendrik Brouwer regressou do Oriente e retornou à Holanda, este sugeriu aos Heren XVII, a administração da VOC, que talvez fosse vantajosa a utilização dos ventos de oeste prevacentes nas latitudes compreendidas entre 35° e os 40° Sul. Esta sugestão foi bem acatada e, em Dezembro do mesmo ano, Brouwer, com instruções para investigar esta rota, armou uma frota de três navios. Após dobrar o cabo da Boa Esperança, navegou para sul até encontrar fortes ventos de oeste; daí, navegou para leste até que, estimando estar alinhado pelo meridiano do Estreito de Sunda, rumou a norte, chegando à Indonésia em pouco menos de seis meses – metade

<sup>119</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 20, Lisboa, 5 de Outubro de 1816.

<sup>120</sup> SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 15, Lisboa, 26 de Agosto de 1816.

da duração da rota habitual<sup>121</sup>. Em 1617, a VOC dá, nas suas instruções de navegação, ordem para que, a partir de então, esta nova rota fosse a seguida pelos seus navios<sup>122</sup>.

Aperfeiçoada pelas inúmeras travessias e consequentes observações e anotações, assinalada aqui e ali por naufrágios e encalhes, esta rota – a dos *Roaring Forties e dos Estreitos* – era a mais utilizada pelos navios mercantes portugueses no período em estudo. Olhemos para ela com maior pormenor, com os olhos e a a experiência dos pilotos de então<sup>123</sup>.

### De Lisboa ao cabo da Boa Esperança

Dada pela tripulação a esmola ao santuário de Santo António das Pedreiras, em Alcântara<sup>124</sup>, o navio que iria partir estava pronto para ser botado para fora da barra.

De Lisboa até ao cabo da Boa Esperança, as instruções dadas pelo armador ao comandante eram muito claras “*logo que sahir a barra de Lisboa, cuidará Vossa Mercê seguir a sua viagem em direitura a China, pelo caminho mais breve, e curto, conforme a estação do tempo, a fim de não perderem a muncção competente a sua viagem. Se por qualquer acazo, ou accidente lhe for percizo fazer alguma arribada, deve sempre procurar o porto portuguez mais vezinho ao lugar onde se achar, preferindo sempre o que vai adiante para a parte do seu destino. Qualquer navio, ou vella, que encontrem na degreção da sua viagem, esperamos que o não procurem, antes fará para fugir della podendo (...) e para segurança dos seus mastros, mandará logo que sahir passar as suas costaneiras, e luques, tendo-as promptas para na occazião em que lhe cahir algum tempo não tem mais que tezállas, evictando assim muitos dannos.*”<sup>125</sup>

<sup>121</sup> Entre 1612 e 1616, os Heren XVII enviaram outros navios nesta rota. Um dos comandantes, Pieter de Carpentier, reportou então que “*e se tivermos de navegar 100 vezes para as Índias não deveremos utilizar outra rota que não esta. Ela garante a boa condição das mercadorias para comércio, provisões e uma tripulação saudável.*”

<sup>122</sup> McCarthy, M. ed. (2012) *Shipwrecks of Australia's West Coast*. Welshpool: Western Australia Museum; Parthesius, R. (2010) *Dutch Ships in Tropical Waters: The Development of the Dutch East India Company (VOC) Shipping Network in Asia 1595-1660*. Amsterdam: Amsterdam University Press; e Pearson, M. (2003). *The Indian Ocean*. New York: Routledge.

<sup>123</sup> Na análise desta rota, utilizaram-se as informações combinadas dos seguintes roteiros: Almeida, A. (1844) *Roteiro geral dos mares, costas, ilhas, e baixos reconhecidos no Globo*. Parte 6ª, t. III. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa; Horsburgh, J. (1852) *The India Directory or, Directions for Sailing, to and from the East Indies, China, Australia, and the Interjacent Ports of Africa and South America*, v. 1, 6th edition. Londres: W.M. H. Allen & Co.; Pimentel, M. (1762) *Arte de navegar e roteiro das viagens a costas de Guiné, Angola, Brazil, Índias e islas occidentaes e orientais*. Lisboa: Miguel Manescal da Costa; e Peganino, J. (1783) *Roteiro do Neptuno Oriental para a Navegação da China, e Passagem dos Estreitos da Sonda, Banca, e Malaca, dirigido pelo Roteiro, e Cartas de Messieurs D'Aprés, e Dalrymple*. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno.

<sup>124</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 166, Lisboa, 6 de Dezembro de 1819.

<sup>125</sup> Para a análise das rotas seguidas consultou-se SGL Res. 5-A – caixa 10, doc. 4, plano de viagem de Lisboa a Macau do bergantim Diligente. s.d., s.l.; Res 5-C – cx. 23, cad. 28 Lisboa, 3 de Março de 1817; Res. 5-A – caixa 10, caderno 84, 27 de Março de 1801; Res. 5-C – caixa 17, doc. 93, Lisboa, Julho de 1800; doc. 96, Macau, 18 de Fevereiro de 1809; doc. 132, 12 de Março de 1802; caixa 23, caderno 7, Lisboa, 27 de Abril de 1815; caderno 10, 18 de Abril de 1815; caderno 12, Macau, 30 de

Em tempo de guerra, a Coroa organizava comboios navais, pelo que todos os navios que se destinassem “*a partir com brevidade para os portos do Brazil, ou Azia, e pretendem ter comboy até ao sul da Ilha da Madeira*” se deviam dirigir os “*seos commandantes á Secretaria do Quartel General da Marinha, para ali darem os seus nomes, e receberem as instruçoens necessárias*”<sup>126</sup>.

À falta de comboio, ou em situações de mau tempo, os navios navegavam por vezes em conserva de outro. Assim sucedeu, por exemplo, em Agosto de 1819, quando junto à ilha de Porto Santo, os comandantes da galera *Nova Aliança* e do brigue *Temerário* determinaram ambos dobrar juntos o Cabo da Boa Esperança<sup>127</sup>.

### **Do cabo da Boa Esperança à costa da Austrália**

Partindo-se do cabo, sondava-se o Parcel das Agulhas. Daí seguia-se para as latitudes 36° a 37° Sul, em demanda dos ventos ocidentais. Estes, embora principiassem a soprar em Abril e Maio, eram mais certos e fortes nos meses de Junho, Julho e Agosto.

Logo que se estivesse a 36° de latitude Sul, conservar-se-ia o rumo de leste durante 1.100 léguas<sup>128</sup>, até se alcançar um meridiano 70° a oriente do cabo de Boa Esperança.

Entretanto, havia que se estar alerta, quer para a ocorrência de “*muitos tufões, seguidos de chuvas, e trovoadas, que durão vários dias*” no trecho compreendido entre as 150 e as 300 léguas a partir do Cabo da Boa Esperança; quer para o avistamento das ilhas de São Paulo e Amsterdão, que demoravam a 56° a leste do cabo e pelas quais se poderia certificar a derrota.

Sendo a navegação tranquila, cabia ao comandante “*sempre que haja bom tempo ter todo o cuidado de mandar limpar o navio athé ao cobre, fazendo com piassa, bassoura para esse fim para evitar o bixo no taboado.*”<sup>129</sup>

Da longitude de 86° E de Paris, se iria então puxando para o Norte, passando o Trópico de Capricórnio à longitude de 99° (ou de 119° pelo meridiano da ilha do Ferro). Da latitude do Trópico de Capricórnio, far-se-ia rumo para passar a 30 léguas a oeste dos baixos do Trial, dando resguardo à ilha de Cloates, supostamente a 74° 30' a leste do cabo de Boa Esperança. Depois de montado o baixo do Trial, tomar-se-ia o rumo do N.N.E.

---

Outubro de 1815; caderno 13, Macau, 2 de Dezembro de 1815; caderno 14, Macau, 30 de Janeiro de 1816; caderno 28, Lisboa, 3 de Março de 1817; caixa 24, doc. 10, Macau, 2 de Dezembro de 1815; doc. 9, 6 de Setembro de 1815; doc. 96, 8 de Agosto de 1816; Res. 5-D – caixa 30, caderno 32, Macau, 13 de Julho de 1820; caixa 32, caderno 129; 22 de Fevereiro de 1827; caderno 114; 30 de Setembro de 1826; doc. 78, 24 de Agosto de 1819 e doc. 240, 8 de Novembro de 1824.

<sup>126</sup> ANTT, Junta do Comércio, mç. 64 (cx. 209), Avisos, consultas e decretos sobre matrícula de equipagens de navios 1758 a 1833, s/n, Carta de Miguel Forjaz a Cipriano Ribeiro Freire, sobre as formalidades a observar aquando da pretensão de obtenção de escolta naval para navios mercantes destinados ao Brasil e à Ásia, Lisboa, 13 de Junho de 1813.

<sup>127</sup> SGL Res. 5-C – caixa 24, doc. 165, 10 de Agosto de 1819.

<sup>128</sup> Entenda-se, léguas de 3 milhas.

<sup>129</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28, Lisboa, 3 de Março de 1817; SGL Res. 5-D – caixa 32, caderno 141, Lisboa, 11 de Maio de 1832.

3ºE. para haver vista da ilha de Java, tendo sempre o cuidado de não puxar demais para leste “*para não se arriscar o navio nas costas da Nova Hollanda*”.

Esta aproximação à Austrália, por mais inócua que parecesse, não era isenta de perigos. Com efeito, os navios que navegassem demasiado a leste antes de tomarem a direcção norte, inevitavelmente, embatiam na costa ocidental da Austrália<sup>130</sup>. Tal foi o caso da galera *Correio da Ásia*, comandada por João Joaquim de Freitas, Capitão-Tenente do Departamento de Marinha de Goa. O protesto lavrado aquando do naufrágio revela bem as dificuldades de navegação nesta área:

*(...) a 24 de Novembro de 1816 o comandante e demais oficiais e pilotos observaram o Sol no ao meio dia astronómico, achando-se a 24º 16' de latitude Sul (...) a 25 de Novembro, andando a galera a costear à distância de 7 ou 8 milhas o oeste da Nova Hollanda (...) às 19:21 avistaram a ilha de Barren, a qual perderam de vista às 21 horas. Desde a hora da observação do Sol até às 18:00 do dia seguinte, 25, a derrota feita foi apontada a Nordeste quarta do Norte 32 milhas sempre da distancia da carta 6 a 8 milhas demorando a dita hora a terra mais do Norte da mesma ao Nordeste quarta de Norte, e a mais do Sul, continuando o ditto comandante a navegar ao rumo de Norte quarta de Nordeste até Norte, 28 milhas até às 10 horas, que dando vista as vigias de proa, mais oficiais, que se achavam sobre a tolda de uma barreira branca alta na mesma costa na distância pouco mais ou menos de 8 a 9 milhas mandando o comandante imediatamente orçar ao Nor-noroeste, tendo sido sempre o vento de Oes-sudueste até a Oeste, e continuando com a dita proa até à meia noite, 5.5 milhas por hora, não se divisava a costa; e mandando o dito comandante fazer o caminho de Norte quarta de Noroeste até meia hora depois andando o navio seis milhas por hora, e desde a dita hora até a uma ao Norte as mesmas 6 milhas por hora sucedendo a mesma hora pegar fogo na bitacula, o qual durou por espaço de um quarto de hora, não podendo governar por a agulha o caminho determinado pelo commandante, e logo que se pode governar pela luz de uma lanterna ao caminho destinado no espaço de um quarto de hora se divisou de cima da tolda pelo escriturário José António Pinto e o contramestre Pedro Francisco uma arrebentação por sotavento da proa de estibordo, sem que as vigias que haviam à proa destinadas pelo comandante dessem fê de tal; e mandando-se orçar todo a bolina, quanto lhe dava o vento que era nesse mesmo tempo Oeste, e determinando ao mesmo tempo que pusesse a ancora a pronto, pois se achava com as unhas fora de bordo e hum cabo de vinte braças estendido de popa a proa, e vendo se que continuava a ditto arrebentação pela proa, e fazendo prompto para virar de bordo, bateo o navio duas culapadas continuando sempre com algum seguimento sem tocar, e querendo virar de bordo athe sentir o navio e tornando a tomar seguimento fazendo as manobras devidas, assim como arrear todas as velas com felicidade se marcou com amura por este bordo, principiando a ter algum seguimento, sem que se visse arrebentação alguma pela proa*

<sup>130</sup> Durante o século XVII, vários foram os navios que se perderam nesta etapa: o inglês *Tryal*, que deu o nome ao baixo, e os holandeses *Batavia*, *Vergulde Draeck*, *Zuytdorp* e *Zeewijk*; McCarthy, *op. cit.*

*tornou a bater e a segunda culapada lhe faltou o Leme; e immediatamente atravessou o navio ao mar, e adornou sobre o lado de bombordo e se encheo de agua (...) e por observaçoens de distancias e por dous cronometros, e a lattitude observada ao meio dia achou que o ditto baixo estava na Lattitude Sul de vinte e dous graos, e cincoenta minutos, e que todas as cartas em geral fazião a costa da Nova Hollanda mais a Norte quarenta minutos do que na realidade está, e mais Oeste tres graos vinte e cinco minutos pelo Meridiano de Londres, e que elle ditto capitão em huma de suas cartas para onde nesta prezente viagem, que dirigia assim rumo para Cantão tinha situado a ditta costa verdadeiramente segundo lhe mostrava as suas observaçoens de Lattitudes e Longitudes por Cronometros levando as suas derrotas traçadas por cima da terra que esta situada nas cartas.”<sup>131</sup>*

### **Da costa da Austrália ao estreito de Bangka**

Avistando-se Java pela parte do sul, costear-se-ia esta ilha para oeste, até se avistar a sua ponta mais ocidental. No extremo desta ponta avistar-se-ia então, no seu extremo, “*hum rochedo com huma grande arvore, a que os nauticos chamão Capuchinbo,*” principiando aí o Estreito de Sunda.

A uma légua a leste daquela rocha, havia então uma pequena enseada e a ilha de “*Cantaya, em que alguns navios fazem agoada, e lenha.*” Navegando dessa ilha para leste, seguir-se-ia ao longo ilha de Java até à sua segunda ponta, à qual se passaria à distância de meia légua ou de 3 quartos de légua. Montada esta ponta, navegar-se-ia ao N.E. 14 léguas até se chegar a uma quarta ponta, cruzando, às 9 léguas, “*huma ilha chamada do Meio, por se achar neste Estreito entre a Sumatra e Java*”.

Nessa ponta, demorando-se para sueste cerca de légua e meia, ficava “*a povoação de Anjer, na borda do mar, em que se pode comprar bufalos, porcos, e aves: ahi se pode ancorar por pouco tempo; visto o fundo não ser muito bom.*” Era também a partir de Anjer que os navios que seguiam para Timor ou para Manila – como aconteceu em 1824 e 1826 com o brigue *Temerário*<sup>132</sup> – se afastavam da rota para Macau, rumando a oriente.

Anjer era quase sempre ponto de escala para refresco e aguada, aproveitando o comandante e o sobrecarga qualquer navio que lá estivesse ancorado para enviar novas ao armador “*eu tive a honra imformar a Vossas Senhorias da chegada feliz do Navio Nova Aliança a Anjer a 6 de Setembro passado por huma Fragata Ingleza que lá se achava (quando fundeamos) a partir para Madras, e por 2 Vias que deixamos em Anjer para serem remetidas na primeira ocasião que houvesse*”<sup>133</sup> de acordo com as instruções que tinham “*de qualquer parte que tenha occasião não deixará de dar noticias suas, deixando cartas para serem remetidas com recomendação, por qualquer via que se ofereça. Sendo por via de Inglaterra, com capa*

<sup>131</sup> AHU, Macau, cx 42, doc 18, 6 de Fevereiro 1817.

<sup>132</sup> SGL Res. 5-D – caixa 31, caderno 97, 10 de Novembro de 1824; caixa 32, docs. 298 e 299 Manila, 4 e 21 de Dezembro de 1826.

<sup>133</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 12, Macau, 30 de Outubro de 1815.

a A. M. Pedra & Filho & Companhia, pelo Rio de Janeiro a Joaquim Pereira de Almeida & Companhia, Bengalla á José Barreto & Filho; esta por via de Bengalla em qualquer porto de Azia he porferida, porque o mesmo a fará remeter por Londres ou por qualquer Portuguez, e pelas Mauricias a Martin Moncamp”<sup>134</sup>.

Continuando o rumo, passava-se a ponta de Bantam, governando-se então ao N.N.E., para tomar conhecimento das ilhas Duas Irmãs, “*que ficão distantes a 7 léguas a este rumo, e situadas por 5º S.*”

Logo que se avistassem as Duas Irmãs, governava-se para se passar ao oeste delas, a 3 quartos de légua, rumando-se ao N.N.E., puxando depois mais para o N. ou para o N.O. Aqui, como em toda esta etapa, recomendava-se muito a utilização da “*sonda, principalmente de noite, nesta paragem.*”

Da ilha da Banca, que estava em 3º 9’ S., seguia-se para se passar por entre Luzupera e Samatra, navegando ao N.O. 4 N. até que se demorasse Luzupera a E.N.E., governando-se ao N.N.O., e ao N.O. 4N. para se chegar a Sumatra. Passada a segunda ponta desta ilha, rumava-se para a terceira ponta “*desviando-se o possível da costa da Banca, por ser muito suja*” e tentando-se descobrir “*a serra de Monopim, ao rumo de N.O.4º, a qual está na ponta occidental da ilha da Banca*” serra essa que servia “*de guia para a sabida, quando se vai para a China*”.

Governava-se então da terceira ponta para se ficar a N.N.O. S.S.E. da serra de Monopim, por fundo de 12 braças, descobrindo-se a ponta falsa de Batacarango. Apon-tava-se então para a “*verdadeira deste nome, que he a ultima do Estreito da Banca na costa de Samatra, indo para o N. A ponta de Batacarango fica defronte de Monopim, com distancia de 6 léguas*” tendo o cuidado de dar o devido resguardo à “*rocha de Federico Endrik, sobre a qual se perdeo hum navio hollandez, e outros tem tocado.*”

Montando-se esta pedra, far-se-ia rumo do N.4N.E. para passar por entre um grupo de sete ilhas e a ilha de Pullo-Taya que “*dizem que está 48’ ao Sul da Linha*”. À altura desta ilha e a cinco léguas para leste dela, rumava-se para N.E.4 N., até se ficar “*por fora de dois Bancos, que as cartas mostram nesta paragem*”.

### Do estreito de Bangka a Macau

Estando nos 30’ ao N., far-se-ia o rumo de N. 4 N. O., em demanda de Pulo Auor, passando a leste desta ilha, para Pulo Timão, distante 10 a 11 léguas, ao rumo de N.O. Passando a leste desta ilha, governava-se para Pulo Condor, distante de Pulo Timão cerca de 117 léguas ao N. 4 N.E. Estas 117 léguas far-se-iam andando 80 ao N.4 N.E. e o resto rumando ao N.N.E. De Pulo Condor, seguia-se então a rota mais recente, a de leste<sup>135</sup>,

<sup>134</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28, Lisboa, 3 de Março de 1817.

<sup>135</sup> Por oposição à antiga. Veja-se **Peganino**, *op. cit.*, quase todo ele baseado no roteiro francês do Neptune Oriental “*esta passagem bem merece alguma atenção marítima, para ser preferida da outra entre a Costa da Cochinchina, e o Parcel; porque os tufões, e também as calmas, e os muitos baixos, de que a costa he cercada, e o pouco socorro que se pode tirar dos seus portos; fazem esta paragem penosa, e arriscada,*

navegando-se em demanda “*de Pullo-Çapato que fica 55 léguas ao N.O.*”

Montado Pulo Sapato, a 2 léguas a leste dele, fazia-se então rumo de N.E. 4 N. 5° E., deixando a estibordo a rocha de Andrade, distante 19 léguas a leste de Pulo Sapato, para tomar conhecimento do banco do Inglês, situado entre 15° 40', e 16°, ponto onde se determinava então o rumo final para Macau. Reconheciam-se depois as ilhas de Sancião, ou Pullo Outhon, com a sua parte meridional a 21° 30' de latitude norte. Passando-se esta ilha, descobriam-se várias outras e um canal principal ao N.E, confrontando as ilhas dos Veados e de Mira. Finalmente, a leste desta última demoravam as ilhas dos Ladrões e do Leme, por onde se abria o canal que levava a Caó e a Macau e onde se tomava o práctico local.

Mas, mesmo chegado a Macau, tal não significava que se estava safo. Havia que fazer “*toda a deligencia para que o navio nem encalhe, nem fique em seco, ainda que seja em lodo; para o que não entre á Taipa sem o Patrão Mór, visto haver obrigação de lhe pagar. Mas recomendando-lhe que o não deixe ficar em secco. Para esse fim hé bom fazer a entrada com meia agoa de cheio, porque quando se afaste do canal alguma couza, logo safa; tambem logo deve mandar tirar parte da carga para aliviar o navio, a hir em menos agoa, cujas descargas deve ser a custa dos carregadores, ou da fazenda, visto que não paga frette.*”<sup>136</sup>

A viagem em direitura, de Lisboa a Macau, demorava em média, 150 dias<sup>137</sup>. Vejamos o exemplo da viagem da galera *Nova Aliança*, em 1815: “*fomos á Linha com 37 dias, da Linha ao Cabo da Boa Esperança aonde chegamos a 14 de Julho com 77, sobre o Parcel estivemos detidos com Ventos Sudoeste 8 dias: a 4 de Setembro avistamos a ponta de Mineron na Java depois de uma travessia ao principio calmosa porem depois terrivelmente tormentosa pelas Ilhas de São Paulo e Amsterdam (sem effeito algum sobre o Navio); 6 de Setembro da tarde fomos fundear em Anjer aonde estivemos hum dia fazendo Mantimento, Lanha e Aguada e aos 8 pelo Meio-Dia suspendemos e aqui vimos ter depois de 30 dias a 7 do Corrente sem novidade fazendo somma total de Viagem 162 dias. Logo que cheguei tomei caza e puz Meza para os officiais do Navio*”<sup>138</sup>.

Verifica-se então que, de Lisboa ao Equador, são 37 dias<sup>139</sup> (22,8%); do Equador ao cabo da Boa Esperança, 40 dias (24,7%), do cabo a Anjer, 54 dias (33%) e de Anjer a Macau, 30 dias (19,5%)<sup>140</sup>. Descontando os oitos dias em que a galera esteve detida no Parcel do Cabo, e o dia em que fez a aguada em Anjer, obtemos a seguinte tabela:

---

*além de ser privado o navio das vantagens, que acha na passagem de E., por onde tem os ventos da monção constantes, e frescos, a travessa mais curta, e menos perigos de baixos na passagem; e estes se podem evitar mais facilmente. Estes motivos são suficientes para os modernos abandonarem a carreira antiga, servindo-se da passagem de E.”*

<sup>136</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28, Lisboa, 3 de Março de 1817.

<sup>137</sup> Obviamente, dependendo das condições climáticas encontradas, as viagens podiam ter maior ou menor duração; por exemplo o navio americano *Osttag* saído de Lisboa a 9 de Julho de 1815, levava 141 dias de viagem, enquanto que o português *São Francisco* levava 202 dias, SGL Res 5-C, cx 23, cad. 13. Macau, 2 de Dezembro de 1815.

<sup>138</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 12, Macau, 30 de Outubro de 1815.

<sup>139</sup> O que coloca a partida por volta de 28 de Abril.

<sup>140</sup> Sobrando um dia em Anjer, o 7 de Setembro, para aguada, lenha e mantimentos.

Etapa	Distância (NM)	Dias	Nós
De Lisboa ao Equador	3.600	37	4,1
Do Equador ao Cabo	2.800	40	2,9
Do Cabo a Anjer	6.100	47	5,4
De Anjer a Macau	1.800	29	2,6

Ou seja, a galera percorreu cerca de 14.300 milhas, à velocidade média de 3,7 nós. Como era expectável, a etapa onde se singrava mais velozmente era a correspondente à travessia do Cabo da Boa Esperança e aquela onde se marchava mais vagarosamente era a etapa final, a dos Estreitos, onde muitas vezes o comandante se via forçado a fundear durante a noite.

É extremamente interessante cotejar-se o que acima ficou dito para esta rota com a que foi seguida pelo comandante José Luís Rego<sup>141</sup>. Rego – que nunca tinha ido à China e que advertia que todas as suas viagens tinham sido feitas “*da Europa para todos os Portos do Brasil, e alguns do Norte, e nunca da Boa Esperança para dentro*” – mas que tinha “*ouvido fazer hum mysterio tão grande, e contrario á minha opinião das derrotas de Cabos a dentro*” apoiou-se nos “*roteiros, mappas, modernos instrumentos etc;*” e fez-se à vela, achando que “*todo o homem piloto deve hir a qualquer paragem que se lhe ordenar*”.

Assim, de Lisboa passou a Pernambuco e daí saiu “*no dia 11 de Maio, e a 11 de Junho estava na Latt. 22º, 65’ Long. 36, 11.*” Conforme o costume, e estando já de sobreaviso pelo combate que travara à saída de Lisboa:

*(...) em todo este tempo avistei varias Embarcações das quaes fugi sem o dar a perceber a quem me avistava. Desta altura tomei a derrota do Cabo da Boa Esperança com ventos de E. até NE., e assim naveguei de escotas folgadas, porque tinha certeza de que em antes de chegar a 30º, de Latt. os ventos rondávão para o NO. (isto por insinuações que já tinha) e assim succedeo: em 27º, de Latt. S. e 31º, Long. O. de Londres, encontrei ventos de NO. até OSO: fortíssimos e continuados, até passar a Cabeça da Ilha de Madagascar; e logo que apanhei vento largo tratei de fazer toda a força de vella, tomando o rumo de SE4E. até ESE. da agulha; e assim naveguei algumas singraduras até ao parallélo de 34º: a minha Long. quando alli cheguei era de 7º, 30’ O. de Londres (...) e assim fui navegando com ventos fortíssimos até passar a Cabeça da Ilha de Madagascar, onde me abrandou mais o vento, de modo que me deo ocasião de puchar em Gaveas nos 2ºs, e Traquete nas passadeiras, o que até alli não tinha podido fazer, porque o Navio não consentia mais panno do que o Velaxo nos 3ºs sobre a pêga, e assim mesmo*

<sup>141</sup> José Luís Rego largou do porto de Lisboa a “*vinte e quatro de Janeiro de 1820, comandando o bergantim Trocador, de que são proprietarios os senhores contractadores, e caixas do Real Contracto do Tabaco e Saboarias, Domingos Ferreira Pinto, Filhos, e Teixeira, da Cidade do Porto*”. Apesar das ordens que tinha “*de seguir a sua derrota d’aquelle porto de Lisboa em direitura a Macão*” teve que escalar Pernambuco depois de ter ficado destroçado em combate com um corsário sul-americano; **Rego, J.** (1822) *Viagens do Capitão José Luiz do Rego à China, offerecidas ao illustrissimo e excellentissimo senhor Conde de Cêa.* Porto: Imprensa do Gândara.

a sua marcha era de 9'. por hora. Desta direcção fui passar pela das Ilhas de S. Paulo Amesterdão, onde avistei algum Sargaço em mantas que suppuz ser destas Ilhas (...) continuando a navegar fui sempre neste parallélo até á Long. de 95°, E. de Londres, e d'aqui fui sempre descarregando para o N. pouco a pouco (levando em vista as vigias que estão pintadas no Mappa por estes lugares) de modo que quando cheguei ao Trópico já me achava na Long. de 106°,00, e d'aqui fui navegando de modo que alcancei Java por 108°: neste caminho guardei todo o respeito á passagem da Latt. 21° até 19°, 00; onde existe o baixo do Trial, e outras pedras circumvesinhas, em que vários Authores fallão. Quando me fui aproximando á Nova Hollanda, avistei muitos pássaros com os rabos de junco, outros com eles de abrir e fechar á semelhança de huma tesoura (...) dobrei esta ponta, e podendo soltar o rumo à da Ilha de Clapes, não o fiz assim; costiei ao N. em distancia de 14 a 15 até que vi bem clara a continuação da terra que corre ao O. o que me foi muito útil, porque depois tudo se enevoou, e não a tornei a ver senão ao outro dia; deste lugar pareceo-me que estava em boa distancia para com o rumo de O. hir avistar a Ilha de Trovar, e della navegar para a de Clapes, onde tencionava surgir á noute: naveguei a este rumo, guinando hum pouco para o N. medindo o caminho pela linha da barca, e como suppuz ter navegado caminho sufficiente para estar com a Ilha de Trovar (...) Passei pelo O. da cabeça desta Ilha de Clapes ás 8h. da manhã, e querendo segurar bem a minha navegação, botei rumo de N. a pôr-me junto da terra de Java (...) naveguei até que cheguei a esta ponta de Palanbang, e a dobrei para dentro ao NNO. Em distancia da terra à légua: dentro em pouco tempo avistei a ponta do Capuchinho, e as terras dia Ilha do Principe (...) continuando a navegar cheguei á ponta do Capuchinho pouco antes do meio dia com vento SSE., e logo que dobrei esta ponta (...) onde estão as taes pedras a que chamão Carpinteiros, por cuja razão não me faltava cuidado (...) continuando a minha navegação, como já disse de ter montado a Cabeça da Ilha de Paulo Pucham com alguma aragem mais fresca, que me vinha chegando, montei a segunda ponta, e naveguei para a terra, a qual não pude tomar pelo pezo d'agoa, e pouco vento, por isso fundiei entre a segunda e a terceira ponta ás 11.h da noute (...) e ás 5.h mariei com vento pelo SSE. todo o panno largo, dalli a poucos minutos clariou o dia á vista da Ilha de Carcalóa, que me servio de ponto para conhecer a minha verdadeira situação (...) Continuando a navegar para a 4ª ponta, avistei na prôa a Ilha de Ranganger; (...) e no outro dia de manhã suspendi, e fui em Gaveas fundear em Anjer (...) No 2º dia de estada em Anjer ás 4h. da manhã mandei suspender ancora, e ás 5 já hia mariado com todo o panno largo, vento pelo S. ; tomei o caminho de NNE. Para passar entre a Ilha Cap, e a do Botom, guinando para hum e outro lado conforme a minha fantasia, a fim de procurar o meio do Canal, e ficando-me Botom á esquerda, e Cap á direita: ás 6h. estava E.O. com a Ilha de Cap (...) o Navio hia caminhando 6' por hora, ao meio dia estava N.S. com as Ilhas dos dois Irmãos: fui navegando a passar entre estas Ilhas, e a terra de Sumatra. Continuei o mesmo rumo até ás 2h. da noute, tempo a que fundiei por me faltar o vento, a formar-se hum agoaceiro (...) ao amanhecer mandei levantar ancora, e mariei com aragem do S. ao rumo de N. até 4º do NO. A procurar a Ilha de Lucipar: ás 11h. da manhã avistei-a na prôa por B.B.; ás 5h. da tarde estava ao pé da dita Ilha, naveguei ao NO., e a outros diferentes

rumos a pôr.me bem E.O. com esta Ilha: às 7h. da tarde estava E.O: distancia 2'; (...) puz o ponto na Carta, e dahi assentei que devia navegar ao rumo de N.O., a distancia de 7', e tendo assim navegado me deveria demorar esta Ilha ao SE4E (...) tomei o rumo do N. e daqui naveguei a meio canal da Banca, e Sumatra para a 2ª ponta da dita Sumatra, sempre pelo fundo de doze até dezasseis braças, passei a 2ª ponta, e naveguei para as Ilhas de Nank sempre governando-me pelos rumos que mostra o Mappa; e depois de estar emparelhado com estas Ilhas, naveguei a aproximar-me da 3ª ponta, a qual fica quasi E.O. com estas Ilhas, e depois de estar bem N.S. com esta dita 3ª. Ponta, e em distancia pouco mais ou menos de 4' naveguei para a 4ª. ponta ao rumo de O4NO: pelo fundo de 10 a 12 braças, até que me aconteceu entre a 3ª e 4ª ponta fundiei (...) ao amanhecer mandei suspender ancora; tomei o rumo de O. até á 4ªNO até á 4ª. ponta (...) às 11.h estava N.S. com ella; ao meio dia marquei a ponta de Manopim ao NNO; às 2h. da tarde tornei-me a marcar, estava N. S. em distancia de 11' a 12', e daqui fui tomando o rumo de NO4O. até dar no fundo de 8 a 9 braças (...) por cuja razão me supunha bem a meio Canal entre as pedras de Fredrique Andrique, e os baixos da vaza de Batancarang, por isso tomei o rumo de N4NE (...) às 10h. da noute pela distancia navegada, estava certo de ter passado as pedras de Fredrique Andrique, e todos os baixos, e perigos respectivos ao Estreito da Banca, e deste lugar tomei o meu ponto de partida pela marcação (...) continuei o mesmo rumo de N4NE, a passar entre as sete Ilhas de Pullo-Taia: no seguinte dia avistei as ditas 7 Ilhas, e ás 4.h da tarde tinha passado seu emparelhamento, tomei o rumo de NE4N. para dar resguardo a dois baixos que estão na Equinocial (...) (...) naveguei a este dito rumo de NE4N. até estar 3.º N.Latt., e daqui tomei o rumo de N4NO. para ir reconhecer Pulo-Aór: e como todos os quartos se tem sentido rulheiros d'agoa, o Chronometro me tem dado diferença para E., suppuz estar algum tanto a E. da linha da derrota, por isso tomei o rumo de NO; e a elle naveguei 10': como isto era de madrugada atravessei a esperar o dia: ao amanhecer avistei as duas Ilhas, as quaes me demorárão do N. para o NE.: tomei o rumo de ENE, e assim naveguei até que me demorávão ao NO., e daqui tomei o rumo de N4NE. (...) Depois de ter passado o emparelhamento desta Ilha de Pulo-Timão, tomei o rumo de N4NE. para hir passar á vista da Ilha de Pulo-Condór, que avistei ao fim de 48.h(...) he necessário todos os quartos aprumar para saber a qualidade de fundo, e as braças para providenciar como acima se tem dito: depois de ter passado pelo Condór, ou do fundo de 24 a 25 braças que então estava a E. delle, naveguei para Pulo-Sapato ao NE. (...) depois tomei o rumo de NE'N para ir sondar em cima do baixo do Inglez, daqui soltei o rumo a passar ao largo do baixo de St.º Espirito, e depois de o passar, soltei o rumo para o Grande-Ladrão o qual avistei, (...) Aproximei-me, e tomei hum Pratico ás 2h. da tarde: este depois de tomar conta do Navio, o mariou, e governou de modo que fomos passar por entre as Ilhas de E. do Grande-Ladrão, e desembocámos o Canal que finda na Ilha Luntam, onde atravessámos para Macáo, e fundiámos em Cáo ás 12.h da noute deste mesmo dia 18 de Setembro, e abi surgimos a noute. Ao amanhecer do dia seguinte fui em huma Loxa para a terra dar entrada, e fallar ao Patrão Mór, para este me trazer o Navio para cima."

## De Macau para a Europa

Deviam-se aprontar os navios para sair de Macau desde 15 de Novembro até 15 de Fevereiro<sup>142</sup>. Enviadas as cartas ao armador – “antes da sahida de qualquer porto, ou de Macáu praticará o mesmo deixando cartas, sendo o principal dar noticias da sua viagem, entradas, e sahidas, ou passagens, carga entrada, ou descarga e o mesmo de toda a sua equipagem, com mais alguma novidade que tenha acontecido”<sup>143</sup> – o comandante deveria “sahir o mais breve que poder de Macau, sem perda de tempo, seguindo a sua viagem em direitura para Lisboa, tendo em caminho Mauricias, Santa Elena, Ilha das Flores, e Fayal, para se refrescar, ou tomar agoa, conforme a percizão em que se achar”<sup>144</sup> embora “em cazo de extrema necessidade” pudesse “hir a Pernambuco, para se refrescar, ou tomar agoa, conforme a percisão em que se achar.”<sup>145</sup>

Mas querer sair e sair eram coisas bem diferentes. Entre cargas atrasadas e a azáfama do Patrão-mor, por vezes passavam-se dias antes que o navio fosse botado fora do porto – “felizmente já posso dizer que com certeza humana o navio vai para Caló amanhã e que de tarde ou na manha do seguinte dia se faz de vela para Lisboa”.<sup>146</sup>

A saída era feita passando a ilha do Meio do canal e navegando-se ao rumo S.4S.E. em demanda do banco do Inglês; reconhecido este, rumava-se a Sul, para ver Pulo Sapato. Daí, passava-se Pulo Condor e seguia-se rumo para Pulo Timão, “levando sentido nos Baixos de Andrade e de Medelburgo”.

Reconhecida Pulo Timão, devia-se navegar para passar a 5 ou 6 léguas a leste de Pulo Aor, “levando tento nas marés, principalmente de noite, que puxão para os Canaes das Ilhas.” Daqui, se o navio quisesse seguir para a Índia, ia-se pela rota tradicional pelo Estreito de Malaca.

Seguindo, contudo, para Batavia ou para a Europa, havia que se fazer no rumo do S.S.E. por 20 léguas, ao norte da Linha e, depois, ao S. 4 S.O. até à Linha e até passar 12, ou 13 léguas a leste de Pulo Lingem, “levando sentido nas Ilhas Dominis.” Avistando Pulo Lingem, navegava-se para Pulo Taya, e daí rumo S.4S.O. até à ponta de Batecarang, à entrada do estreito de Banca, e evitando a rocha de Frederico Endrik, um baixo perigosíssimo – em 1816, o navio *Emília* perdeu-se aí, quando seguia de Macau para Lisboa.<sup>147</sup>

<sup>142</sup> “Sendo fácil aos Navios, que vão da parte Occidental, o montarem o Cabo de Boa Esperança em todo o tempo do anno, para delle determinarem a navegação dos mares Orientaes, segundo as monções, e projectos das viagens, não succede assim á vinda para a Europa; porque reinando Ventos do S.O. até O.N.O. fortes, aos redores do Cabo, nos mezes de Junho, Julho, e Agosto, será expor-se o Navio a perigo, se o quiserem montar para fóra á força de bordejar, e na demora de tempo experimentar os efeitos das tormentas, que commummente acontecem neste sitio. Esta a causa porque todos os Nauticos, combinando a demora para chegar ao Cabo, determinão a sahida dos Portos da Asia de sorte que vehão passar pelo dito tomentoso Cabo antes do mez de Junho, na certeza do interdicto, que a pratica tem mostrado nos ditos três mezes”, **Peganino**, *op. cit.*

<sup>143</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28, Lisboa, 3 de Março de 1817.

<sup>144</sup> SGL Res 5-C – cx 24, doc. 15, Lisboa, 26 de Abril de 1815; SGL Res. 5-D – caixa 31, caderno 79; 15 de Julho de 1823.

<sup>145</sup> SGL Res 5-C – cx. 23, cad. 28. Lisboa, 3 de Março de 1817.

<sup>146</sup> SGL Res 5-C, cx 23, cad. 14, Macau, 30 de Janeiro de 1816.

<sup>147</sup> ANTT FE, JIM, mç. 43, n.º 10, cx. 167.

Estando dentro do Estreito e passada a rocha de Federico, navegava-se então para passar os baixos da ribeira de Palibam, até se chegar à terceira ponta, de onde se rumaria para a segunda, e desta para a primeira.

Depois, governava-se ao Sul para passar a oeste de Luzupera, em demanda das Duas Irmãs. Montava-se então a ilha do meio e, dependendo do vento e das correntes, ou se passava ao norte da ilha de Krakatoa, ou pelo canal sul da Ilha do Príncipe “*de perto até o Baixo dos Carpinteiros, perto do qual se pôde passar até estar fóra do Capuchinho, de donde se deve determinar a viagem para a Europa.*”

Logo que o navio se encontrasse fora do Estreito de Sunda, orçava-se no bordo de Sul, até se encontrarem os ventos gerais que o levariam até às Maurícias ou até ao cabo da Boa Esperança<sup>148</sup>, fazendo-se depois derrota para Angola, Santa Helena<sup>149</sup>, ou para qualquer porto do Brasil<sup>150</sup>.

Se se quisesse sair para o Reino, soltava-se rumo para as ilha de Santa Helena ou da Ascensão, de lá se fazendo novo rumo para passar a oeste das ilhas de Cabo Verde. Destas, navegava-se “*com a ajuda dos ventos até às Ilhas dos Açores, de donde se faria o rumo para Lisboa, conforme o costume.*”

Chegado finalmente à barra de Lisboa, se acontecia ser de noite, o sobrecarga escrevia de bordo uma carta aos proprietários – “*dou a Vossas Illustrissimas Senhorias a feliz noticia da chegada do seu Navio Nova Aliança á Barra hontem á noite, que se não accometeo por falta de Piloto de Barra que chegou esta manhã. Chegámos com (creio) 186 dias de viagem de Macao: estivemos na Ilha do Fayal há 14 dias; não temos precizão de nada: estão todos geralmente de soffrivel saude, officiaes e tripulação.*”<sup>151</sup>

Cotejemos novamente a rota do capitão José Luís Rego com as descrições anteriores:

*“Sahi de Macao no dia 7 de Fevereiro de 1821, pelas 2h. da tarde com vento NE. maré de enchente, todo o Panno largo: ás 3.h sahimos á ponta de Caó, ás 7.h estava E.O. com a Ilha do Grande Ladrão, em distancia 9’. Tomei o rumo de S., e de S4SE. a fim de hir sondar acima do baixo do Inglez (...) tomei o rumo de SO. huma singradura, e depois de SSO a pôr-me em boa direcção para passar á vista da Ilha de Pulo-Cecer de mar (...) verifiquei a mesma Longitude, acertei o Chronometro, e tomei o rumo de SO4O. até avistar a dita Ilha de Pulo-Cecer do mar, pela qual passei distante 12’a E. (...) depois de a a costear até que me demorava a ponta do Sul ao N. tomei o rumo de SO. para passar á vista da Ilha de Pullo-Condór, a qual avistei, e passei a E. della (...) tomei o rumo de SSO., e S4SO. a fim de passar á vista da Ilha de Pullo-Aór, conforme a insinuação dos Roteiros Francezes, e Portuguezes, e a minha experiencia na hida para Macáo: assim naveguei até que a avistei. Desta Ilha tomei o rumo que melhor*

<sup>148</sup> SGL Res. 5-A – caixa 10, caderno 78, Cabo da Boa Esperança, s.d.

<sup>149</sup> SGL Res. 5-D – caixa 32, doc. 352, 11 de Junho de 1827.

<sup>150</sup> SGL Res. 5-A – caixa 10, caderno 81, 1800.

<sup>151</sup> SGL Res 5-C – caixa 24, doc. 96, 8 de Agosto de 1816.

*me pareceo para hir passar 30' a 40' a E. dos baixos que se pintão no mappa na Latt. N.30', cujo rumo foi do SE. Até o Sul, e depois de os haver passado, tomei o rumo mais próximo a passar á vista da Ilha de Pulo-Taia, o qual foi do SO. até SSO. (...) deste lugar tomei o rumo de S4SO. a fim de hir avistar a ponta da Terra da Sumatra, a que dão o nome de Batacarang, neste caminho o fundo me foi diminuindo até 8 braças lama onde avistei a terra da Banca, a qual marquei e vi que a montanha de Manupim, me demorava ao S4SE. Distancia de 15':por conseguinte tomei o rumo de SO. para me hir aproximando á dita ponta de Batacarang (...) fui tomando o rumo de S. a costear aquella Costa, a dar resguardo ao baixo de Fedrik Handrik, e depois de o haver passado tomei o rumo de SE. a pôr-me bem ao meio do Estreito da Banca, até que me demorava o alto da montanha de Manupim, ao NNE distancia 10: deste lugar tomei o rumo de E. a aproximarme ás Ilhas de Nank, e como me anoiteceo fundiei (...) depois de as haver passado fui correndo ao longo da terra da Sumatra em pouca mais distancia de 1 légua, procurando a 2.<sup>a</sup> ponta a qual já se avistava; quando estava E.O. com esta da 2.<sup>a</sup> ponta, puxando já para a primeira, vi bem claramente arrebentar o mar no baixo que está E.O. com esta 2.<sup>a</sup> ponta a meio, Canal da Banca (...) fundiei até o outro dia que ao amanhecer suspendi com amarra de vazante, e fui navegando com toda a cautela a passar bem a meio Canal, governando-me pelos rumos que mostra o Mappa de Daniel Rosa, e passei felizmente sempre pelo fundo de 5 a 5½ braças lama, até que Lusipar me demorava a E., e daqui tomei o rumo de S4SE., e depois do S. a dar resguardo aos bancos de Vaza que deitão muito ao mar da Costa da Sumatra, e assim fui navegando pelo fundo de 10 a 12 braças até que avistei as Ilhas dos dous Irmãos: passei por ellas pela parte de O. em distancia de menos de meia légua, e daqui fui ao rumo de SO. e SSO. fundear ao pé da Ilha do N. entre as Ilhas 3 Irmãos, e alli estive dous dias a fazer agoada e lenha, e comprei algumas poucas galinhas que aparecerão. Ao amanhecer do 3.<sup>o</sup> dia suspendi com vento N. e mariei a passar para fóra do Estreito de Sonda (...) fui fundear ao pé da Ilha de Carcatóa em 24 braças lama, até que de noute me veio o vento a NE: suspendi, e mariei a passar entre esta Ilha, e a de Pulo Bessi, e no dia seguinte ao meio dia mal avistava a Ilha do Principe, demorando-me a E., por cuja razão já me suppuz escapo de todos os perigos dos Estreitos (...) tomei o rumo de SO., e assim naveguei com vento do SSE. a ESSE. até á Latt. 10º,30, Long. 97,30 'E. de Londres, e depois veio o vento para ENE. naveguei ao SO4O. e OSO. até á Latt. de 20º,00 e Long. 77º,00, e daqui fui ao rumo de OSO. E O4SO. até á Latt. 26º,90, e Long. 60,00 onde o vento me acalmou (...) passei o Cabo no dia 7 de Abril contando dias de viagem da sabida de Macáo 60, e daqui tomei o rumo de NNO, e assim naveguei até me aproximar á Ilha de Sr<sup>a</sup> Helena, a qual avistei, e passei pela parte do O. em distancia de 15' onde acertei a minha Longitude estimada.”*

No regresso, tal como na vinda, não há, afinal, grandes desvios ao preconizado.

## 7. Conclusões preliminares

A carreira de Macau – tal como a do Brasil e outras mais – é ainda relativamente desconhecida. Para este desconhecimento não encontramos justificação, dada a abundância e a riqueza documental do que ainda existe nos arquivos portugueses e do muito que se suspeita haver em outros, nomeadamente nos de Macau e do Brasil.

Neste trabalho identificámos e sondámos, muito, muito à superfície, três grandes fundos documentais, que, não só se complementam entre si como também, se trabalhados numericamente e estatisticamente, estamos em crer nos permitirão detectar linhas de força, linhas de ruptura e linhas de permanência na actividade náutico-comercial de finais do século XVIII, inícios do século XIX.

Questões como a propriedade e a origem da tonelagem mercante portuguesa, as dinâmicas comerciais e a actividade portuária, a demografia da população embarcadiça, o peso real dos armadores portugueses no comércio global delineado e tentado neste período poderão brevemente, se não ter respostas, pelo menos gerar outras, e ainda mais interessantes questões.

### Anexo. Navios idos a Macau (1800-1830)

Ano	Data	Navio	Ton.	Mestre	Escalas	Chegada/ Sucesso
1800	14-Mar	<i>Diligente</i>	176	Francisco António dos Santos	Rio de Janeiro	Perdido em Moçambique
1800	07-Jun	<i>Golfinho e São Felipe Néry</i>				
1800		<i>Flora</i>	199			
1801	06-Jan	<i>Nossa Senhora do Rosário</i>			Rio de Janeiro	
1801	10-Fev	<i>Constância</i>			Rio de Janeiro	
1801	12-Out	<i>Carolina</i>	298	António Goulart da Silveira	Faial e Moçambique	
1801	20-Dez	<i>Balsemão</i>				
1801		<i>Bom Sucesso</i>				
1802	07-Fev	<i>Santiago Maior</i>			Rio de Janeiro	Anterior a Dez. de 1802
1802	20-Fev	<i>Nossa Senhora do Carmo e Triunfo</i>				
1803	05-Abr	<i>Bom Jesus d'Além</i>	290			05/01/1804
1803	26-Abr	<i>Constância</i>			Rio de Janeiro	

1804	04-Fev	<i>Balsemão</i>			Malásia	
1804	25-Fev	<i>Dom José Primeiro</i>	641		Rio de Janeiro	
1804	15-Abr	<i>Nossa Senhora do Rosário, Modesta</i>		Francisco Tomás	Rio de Janeiro	
1804	17-Nov	<i>São Francisco Xavier Grande</i>			Bombaim	
1804		<i>Carolina</i>	298	António Goulart da Silveira		
1805	15-Abr	<i>Bom Jesus d'Além</i>	290			
1805	16-Abr	<i>Carolina</i>	298	Manuel José do Nascimento		
1806	15-Abr	<i>Voadora</i>	293			
1806		<i>São Miguel e Joana</i>			Callao, Lima	03/08/1807
1807	12-Jul	<i>Robusto</i>			Madeira, Rio de Janeiro, Goa	
1807	24-Jul	<i>Carolina</i>	298	José Inácio de Andrade	Rio de Janeiro	
1807	20-Set	<i>Bom Jesus d'Além</i>	290	João de Barros Andrade		
1808		<i>Bom Jesus d'Além</i>	290	José Maria Bernes	Baía	
1810	30-Jan	<i>Santo António Brillhante</i>	222	Francisco Gonçalves Lima	Rio de Janeiro	
1810	09-Abr	<i>Carolina</i>			Rio de Janeiro	24/11/1810
1810	30-Abr	<i>Fénix</i>			Rio de Janeiro, Goa	
1811		<i>Triunfo da Inveja</i>	282			
1811		<i>São Miguel</i>		Luís Carlos de Miranda		
1811		<i>Galgo</i>				
1812	14-Mar	<i>Carolina</i>		Simão Luís do Cabo		
1812	04-Abr	<i>Sr<sup>a</sup> do Carmo S<sup>a</sup> Tereza Triunfo</i>		Jacinto Lopes Cardoso		
1812	06-Abr	<i>Ulisses</i>	291	João Joaquim de Freitas	Rio de Janeiro	06/10/1814
1812	14-Mai	<i>Santa Cruz</i>	387	Manuel João Pereira		
1812	02-Ago	<i>Voadora</i>				
1812		<i>Luconia</i>				28/12/1811
1813	05-Mai	<i>Correio da Asia</i>	204	Joaquim Lino da Costa		
1813	04-Jun	<i>Emília</i>	366	José Inácio de Andrade	Rio de Janeiro	

1814	10-Fev	<i>São Tiago Maior</i>			Rio de Janeiro	22/10/1814
1814	26-Fev	<i>Senhora da Luz</i>	728	José Huet		
1814	24-Set	<i>Correio da Asia</i>	204	Joaquim Lino da Costa	Rio	06/06/1815
1814	23-Dez	<i>Carolina</i>		Inácio José Gomes		
1815	18-Jan	<i>Coral</i>				
1815	06-Abr	<i>Sete de Março</i>			Rio de Janeiro	28/07/1815
1815	07-Abr	<i>São Francisco Xavier</i>	496	Inácio de Rosális Centeno	Pernambuco	22/11/1815
1815	23-Abr	<i>Triunfo</i>		Simão Luís do Cabo		
1815	28-Abr	<i>Nova Aliança</i>	180	José Joaquim Teixeira	Faial	07/10/1815
1815	29-Abr	<i>Bragança</i>				
1815	01-Nov	<i>Sr<sup>a</sup> do Carmo</i> <i>Sr<sup>a</sup> Tereza Triunfo</i>		Luís Carlos de Miranda		02/02/1816
1815		<i>Emília</i>	366	Joaquim de Matos Costa	Calcutá	20/09/1815
1815		<i>Carolina</i>		Lourenço José dos Santos	Rio de Janeiro	
1816	26-Fev	<i>Temerário</i>				06/07/1818
1816	16-Mar	<i>Ulisses</i>	154	Manuel João Pereira		01/09/1816
1816	06-Jun	<i>Marquez de Angeja</i>				
1816	03-Jul	<i>Correio da Asia</i>	204	João Joaquim de Freitas		Perdeu-se no recife de Ningaloo, Austrália
1816	09-Set	<i>Luiza</i>		João de Santa Rita Cardoso	Rio de Janeiro	13/02/1817
1816		<i>Robusto</i>				
1816		<i>Nossa Senhora da Luz</i>			Bengala	15/05/1816
1816		<i>Leal Português</i>	207	Luís Carlos de Miranda	Rio de Janeiro	13/01/1817
1816		<i>Carolina</i>			Rio de Janeiro	
1816		<i>Luconia</i>				08/06/1817
1817	03-Mar	<i>Nova Aliança</i>	180			
1817	11-Mar	<i>Vasco da Gama</i>	525	José António Ramos	Pernambuco	
1817	15-Mar	<i>Triunfo</i>			Bengala	24/09/1817
1817	20-Nov	<i>Princesa Carlota</i>	312	Francisco Silveira de Bettencourt		

1817	15-Dez	<i>Lord Wellington</i>	366	Inácio Alberto de Oliveira	Rio de Janeiro	27/08/1818
1817		<i>Maria 1ª</i>				
1817		<i>Grão Pará</i>			Rio de Janeiro	
1817		<i>Grão Pará</i>	383	Bento de Oliveira Guedes		
1817		<i>Carolina</i>	273	Marcelino António José Rodrigues		
1818	29-Jan	<i>Nossa Senhora da Luz</i>				12/05/1819
1818	03-Mar	<i>Ulisses</i>	380	Joaquim Francisco de Almada	Rio de Janeiro	14/10/1818
1818	26-Mar	<i>Camões</i>				09/09/1818
1818	30-Mai	<i>Elisa de Jesus</i>			Rio de Janeiro	26/05/1819
1818	30-Jun	<i>São Domingos Eneias</i>	523	Bento José Cardoso	Bengala	
1818		<i>Viajante</i>			Goa	30/07/820
1819	28-Jul	<i>Triunfo Americano</i>			Rio, Bombaim	
1819	01-Dez	<i>Marques de Angêja</i>	333	Valentim José da Silveira	Pernambuco	
1819		<i>Trindade</i>				
1819		<i>Maria Primeira</i>	412	Sebastião Lopes Ramos	Rio de Janeiro	10/10/1820
1820	15-Jan	<i>Carolina</i>				
1820	24-Jan	<i>Trocador</i>		José Luís do Rego	Pernambuco	19/09/1820
1820	15-Fev	<i>Pombinha de Lisboa</i>	365	José Maurício dos Santos	Bombaim	15/09/1820
1820	31-Mai	<i>Triunfo da Inveja</i>	246	Januário Francisco Martins	Manila	
1820	05-Jul	<i>Golfinho</i>			Timor	13/03/1821
1820		<i>Xocalho</i>			Rio de Janeiro, Bombaim	20/08/1820
1820		<i>1º Rey de Reino Unido</i>			Rio e Bengala	19/06/1820
1820		<i>Santa Tereza Triunfo</i>				21/03/1821
1821	07-Mar	<i>Carolina</i>			Manila	13/02/1823
1821	02-Mai	<i>Vasco da Gama</i>			Rio, Manila	16/11/1822
1821	24-Jul	<i>Temerário</i>			Timor	05/01/1822
1821		<i>Viajante</i>			Rio de Janeiro	24/05/1822
1821		<i>Novo Paquete</i>			Rio	04/01/1823

1823	16-Jul	<i>Temerário</i>				24/04/1823
1824	08-Jun	<i>Delfim</i>			Moçambique, Timor	10/12/1825
1825	10-Fev	<i>Atrevido</i>				
1825	22-Mar	<i>Vasco da Gama</i>			Manila	10/12/1825
1825	14-Abr	<i>Trocador</i>				
1825	07-Jun	<i>Resolução</i>				
1825	18-Jul	<i>Concórdia</i>				
1826	22-Jan	<i>Carolina</i>			Manila	17/11/1826
1826	05-Fev	<i>Atrevido</i>			Bengala	02/11/1826
1826	16-Abr	<i>Novo Viajante</i>			Baía, Rio, Manila	09/11/1826
1826	26-Mai	<i>São Domingos Eneias</i>				
1826	26-Mai	<i>Temerário</i>			Manila	02/02/1827
1827	17-Abr	<i>Delfim</i>				12/02/1828
1828	06-Jan	<i>Resolução</i>				
1829	04-Jan	<i>Vasco da Gama</i>			Rio de Janeiro, Singapura	07/02/1830
1829	23-Fev	<i>Novo Viajante</i>			Manila	04/12/1829
1829	04-Mai	<i>Delfim</i>			Manila	15/12/1829
1829	04-Mai	<i>Temerário</i>				
1829	09-Mai	<i>Espírito Santo Especulador</i>				
1830	05-Abr	<i>Carolina</i>				
1830		<i>Portuguesa</i>			Manila	19/04/1831
1830		<i>Julio Cesar</i>				

Fontes: JC/ANTT; Frazão, L. (1999). "A Navegação para a China na Primeira Metade do Século XIX", in *Jornal de Filatelia*, Ano X, nº 57, Novembro de 1999. Porto: Clube Nacional de Filatelia.

## **Bibliografia**

### **Arquivo Histórico Ultramarino**

Conselho Ultramarino, CU 062; Macau cx.37 d.1784, cx.40 d.1949.

### **Arquivo Nacional Torre do Tombo**

#### **1) Junta do Comércio**

Maço 25 (cx. 83, 85 e 86); maço 26 (cx. 87 e 88); maço 27 (cx. 89, 90, 91 e 92); maço 36 (cx. 120, 121, 122 e 123); maço 37 (cx. 124, 125, 126 e 127), maço 64, (cx. 209), livros 63, 64, 65 e 66.

#### **2) Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina**

Maço 7, n.º 6, cx. 131; mç. 9, n.º 4, cx. 133; mç. 43, n.º 10, cx. 167; mç. 23, n.º 4, cx. 147; mç. 23, n.º 16, cx. 147; mç. 25, n.º 8, cx. 149; mç. 41, n.º 10, cx. 165; mç. 42, n.º 10, cx. 166; mç. 56, n.º 3, cx. 180; mç. 56, n.º 7, cx. 180; mç. 57, n.º 2, cx. 181; mç. 58, n.º 9, cx. 182; mç. 92, n.º 12, cx 92; mç. 110, n.º 10, cx 110.

#### **3) Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Justificações Ultramarinas, Brasil**

Maço 94, n.º 7; mç. 256, n.º 12.

#### **4) Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Justificações Ultramarinas, Oriente**

Maço 5, n.º 24; mç. 13, n.º 2.

### **Sociedade de Geografia de Lisboa – Reservados**

#### **1) Res 5-A**

Caixa 3 (cadernos 1, 1A, 2, 3A, 4, 6, 7, 8, 9; documentos 1, 3, 5 e 13), caixa 4 (códices 1, 2 e 3); caixa 10 (cadernos 71, 73, 75, 76, 77, 78, 81, 82, 84, 85, 85A, 85B, 86, 92, 96, 97; documentos 4 e 109); caixa 12 (documentos 48 e 49).

#### **2) Res 5-B**

Caixa 11 (cadernos 12, 14, 20 e 22); caixa 12 (cadernos 57; documentos 42, 45, 51 e 75); caixa 15 (cadernos 7, 8 e 12); caixa 16 (cadernos 39, 40 e 45).

#### **3) Res 5-C**

Caixa 17 (documentos 73, 74, 93, 96, 102, 129, 132, 149, 150, 158, 250, 257, 259, 263, 266, 271, 291, 292, 304, 313, 314, 315, 320, 344, 346, 347 e 348), caixa 23 (cadernos 1, 2, 3, 4, 5, 5A, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 22, 25 e 28); caixa 24 (cadernos 45, 46, 51, 58 e 59; documentos 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 29, 21, 22, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 96, 98, 118, 119, 132, 165, 166, 167, 170, 197, 198, 199, 200, 201, 203 e 204).

**4) Res 5-D**

Caixa 25 (documentos 12, 14 e 27); caixa 27 (códices 5 e 6); caixa 30 (cadernos 3, 20, 32, 59 e 73); caixa 31 (cadernos 79, 94, 97, 99 e 100); caixa 32 (cadernos 114, 115, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141; documentos 1, 2, 3, 78, 140, 167, 187, 189, 196, 222, 232, 238, 239, 240, 248, 282, 283, 285, 286, 287, 290, 292, 297, 298, 299, 302, 303, 352, 353, 356, 359, 360, 361 e 362).

**5) Res 6-A**

Caixa 33 (códices 7 e 8); caixa 34 (códices 10 e 11); caixa 35 (cadernos 53, 54, 58, 59, 61, 62, 80, 86, 87, 89 e 90); caixa 36 (cadernos 120, 122, 155, 156, 165 e 182); caixa 37 (código 1 e documentos 109, 128, 137, 143, 148, 199, 210, 211, 219, 236, 237, 252, 268, 280, 293, 294, 296, 297, 298, 309, 311, 312, 315, 316, 317, 318, 322, 323, 324, 325, 326, 330, 341, 343, 344 e 358).

**Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa**

SSSC MN, Marco dos Navios.

SR 02, Entradas dos Navios Portugueses dos Portos da América, Ásia e Ilhas no Porto de Lisboa.

Almeida, A. (1844). *Roteiro geral dos mares, costas, ilhas, e baixos reconhecidos no Globo*. Parte 6ª, t. III. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Ahmad, A. (1997). *Os Portugueses na Ásia. Relação do commercio em os diferentes portos da Azia (incluindo) breve e util idea de commercio, navegação e conquista d'Azia e d'Africa, escripto por meu pay, Dom Francisco Innocencio de Souza Coutinho, 1770. Códice do Arquivo Histórico Ultramarino*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Alves-Caetano, A. (2008a). “A Guerra Peninsular e a economia portuguesa”, in *A economia portuguesa no tempo de Napoleão: constantes e linhas de força* (pp. 11-50). Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Lda.

Alves-Caetano, A. (2008b). “O comércio da Ásia e as Invasões Francesas (encontros e desencontros com o Brasil: 1803-1821)”, in *A economia portuguesa no tempo de Napoleão: constantes e linhas de força* (pp. 51-88). Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Lda.

Alves, J. S. (1998). “O triângulo Madeira/Achém/Macau. Um projecto transoceânico de comércio de ópio (1808-1816)”, in *Archipel. Volume 56, 1998, L'horizon nousantarien. Mélanges en hommage à Denys Lombard* (vol.I), pp. 43-70.

Alves, J. S. (1999). “Diplomacia e Comércio de Macau na Ásia do Sueste, em inícios do século XIX”, in *Revista Camões*, nº 7, 129:138.

Carreira, A. (1979). “O tráfico português de escravos na costa oriental africana nos começos do século XIX (estudo de um caso)”, in *Estudos de Antropologia Cultural nº 12*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar/Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

- Carreira, E. (2005). “Navegação comercial entre o Brasil e a Ásia Portuguesa durante a estadia da Corte no Brasil 1808-1821”, in *Actas do Congresso Internacional «Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades»*, 2 a 5 de Novembro de 2005: Lisboa: FCSH/UNL.
- Dalgado, S. R. (1919). *Glossário Luso-Asiático*, vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Frazão, L. (1999). “A Navegação para a China na Primeira Metade do Século XIX”, in *Jornal de Filatelia*, Ano X, nº 57, Novembro de 1999. Porto: Clube Nacional de Filatelia.
- Esparteiro, A. (1962). *Dicionário Ilustrado de Marinha*. Lisboa: Clássica Editora.
- Frutuoso, E.; Guinote, P. & Lopes, A. (2001). *O movimento do Porto de Lisboa e o comércio Luso-Brasileiro (1769-1863)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Horsburgh, J. (1852). *The India Directory or, Directions for Sailing, to and from the East Indies, China, Australia, and the Interjacent Ports of Africa and South America*, v. 1, 6th edition. Londres: WM. H. Allen & Co.
- Leitão, H. & Lopes, J. (1990). *Dicionário da linguagem de Marinha antiga e actual*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos e Cartografia Antiga, Edições Culturais da Marinha, 3ª edição.
- Machado, M. M. (2005). *Uma fortuna do Antigo Regime: a casa comercial de Nicolau Maria Raposo de Amaral*. Cascais: Patrimonia Historica.
- McCarthy, M. ed. (2012). *Shipwrecks of Australia's West Coast*. Welshpool: Western Australia Museum.
- Monteiro, A. (2011). “José Nunes da Silveira, negociante de grosso trato, capitão de longo curso, armador do Correio d'Ázia”, in *Actas do V Congresso “O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX”*, 2010. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 239-264.
- Parthesius, R. (2010). *Dutch Ships in Tropical Waters: The Development of the Dutch East India Company (VOC) Shipping Network in Asia 1595-1660*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Pearson, M. (2003). *The Indian Ocean*. New York: Routledge.
- Peganino, J. (1783). *Roteiro do Neptuno Oriental para a Navegação da China, e Passagem dos Estreitos da Sonda, Banca, e Malaca, dirigido pelo Roteiro, e Cartas de Messieurs D'Aprés, e Dalrymple*. Lisboa: Oficina de Francisco Luiz Ameno.
- Pimentel, M. (1762). *Arte de navegar e roteiro das viagens a costas de Guiné, Angola, Brazil, Indias e islas occidentaes e orientaes*. Lisboa: Miguel Manescal da Costa.
- Pires, B. (1993). *A vida marítima de Macau no século XVIII*. Documentos e ensaios 7. Macau: Instituto Cultural de Macau, Museu Marítimo de Macau.
- Rego, J. (1822). *Viagens do Capitão José Luiz do Rego à China, oferecidas ao illustrissimo e excellen-tissimo senhor Conde de Cêa*. Porto: Imprensa do Gândara.
- Serrão, J. coord.; Leal, M. J. S. & Pereira, M. H. dir. (1984). *Roteiro de Fontes da História Portuguesa Contemporânea. Arquivos de Lisboa, vols I e II, Arquivo Nacional da Torre do Tombo I*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

## Apêndice documental

Os documentos que se seguem são aqui inseridos apenas como exemplo do enorme acervo documental associado à marinha mercante de finais do século XVIII e inícios do século XIX existente nos arquivos portugueses, acervo esse praticamente inédito.

Na sua transcrição adoptaram-se os seguintes critérios:

- Identificaram-se as quebras de linha por um traço oblíquo e a mudança de fólio por dois traços oblíquos;
- O uso das maiúsculas e minúsculas, bem como o da pontuação, foi respeitado;
- Separaram-se as palavras juntas e uniram-se as várias sílabas da mesma palavra;
- Mantiveram-se as letras duplas;
- Mudou-se o til para a primeira letra do ditongo;
- Desenvolveram-se todas as abreviaturas, assinalando a itálico os caracteres em falta ou subentendidos, mas manteve-se a forma original dos numerais;
- O til nasalado foi substituído pela sua forma actual, assinalando-se a itálico o *m* ou *n*, conforme o caso;
- O *u* foi substituído pelo *v*, sempre que se julgou correcto e de acordo com a moderna grafia, embora o *j* não fosse substituído pelo *i*;
- Foi colocado entre [] tudo o que foi por nós interpretado ou acrescentado ao texto original;
- Foi colocada a palavra [sic] a seguir aos erros do próprio texto original;
- Foram esclarecidas, através de notas de rodapé, as inserções posteriores, os rasurados e os aditamentos aos documentos originais.

## Abreviaturas

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

ANTT – Arquivos Nacionais da Torre do Tombo.

SGL – Sociedade de Geografia de Lisboa.

**Documento 1. SGL Res 5-C, cx. 24, doc. 5, Pagamentos a carpinteiros e a calafates por tarefas desempenhadas na galera *Nova Aliança*. Macau, 11 de Dezembro de 1815. 1 fl**

[f1]

Folha dos officiaes que trabalharão/ A bordo do Navio Nova Aliança de quem/ he Comandante Senhor Joze Joaquim Teixeira – Calafate/ Teodoro Pereira – A saber/

Carpinteiro/

Manoel Maia 7 dias meio ganhando por dia / oito centos reis são

*Patacas* 7½

Calafates

Antonio Joaquim seis dias a pataca são

*Patacas* 6

Joao Jose sinco dias

*Patacas* 5

Miguel Roio sinco dias

*Patacas* 5

Jose Antonio sinco dias

*Patacas* 5

João Antonio sinco dias

*Patacas* 5

Soma *Patacas* 33½

Bordo em 11 de Novembro 1815/

Joze Joaquim Teixeira

[no verso]: Numero7/ Macáo 11 de Novembro 1815/ Bordo Nova Aliança/ Folha de Calafates/ \$33½ Em a folha 100 do Diario

**Documento 2. SGL Res 5-C, cx 24, doc. 6, Despesas da galera *Nova Aliança* em fornecimentos de madeira. Macau, 22 de Novembro de 1815. 1 fl.**

Custas da Madeira que foy do Estaleiro/ para Bordo do Navio Nova Aliança de que/ he Comandante Senhor Joze Joaquim Teixeira/ A saber/

Huma Duzia de Taboas	patacas	2 Patacas/
Cinco Duzias de Ditas para Estiva a 2 Patacas		são 10 Patacas/
Nove Curvetoens para amuras		6½/
huma taboa para as menzas		5½
huma Dita para A meia Laranja		3/
		Soma = <u>27/</u>

Macau 22 de Novembro 1815/

Joze Joaquim Teixeira

[1]

[no verso]: Numero 8/ Macáo 22 de Novembro 1815/ Conta de Madeira/ Para bordo Nova Aliança/ \$27 Em a folha 100 do Diario

[1] Em caracteres chineses: recebi de renda 27 yuan de prata no ano 20 Jia Quing (sendo 1815 o 20º ano do reinado da Dinastia JiaQuing).

**Documento 3. SGL Res 5-C, cx 24, doc. 10, Carta de Cláudio Adriano da Costa, sobrecarga da galera *Nova Aliança* a José Nunes da Silveira. Macau, 1 de Janeiro de 1816. 1 fl.**

2ª Via

Macáo 2 de Dezembro de 1815

Illustrissimos Senhores Francisco Antonio Ferreira/& / Joze Nunes da Silveira/  
Lisboa

Desde que dirigi a referida a Vossas Illustrissimas Senhorias por via/ de Bengala nada de maior importancia tem ocorrido a respeito/ da Negociaçam./ Não tenho por ora recebido senão 3 mil e tanta peças/ de Gangas Azuis e os outros Navio que aqui estão retardados ha/ mezes ha mezes [sic] não se achão em muito melhores circumstan/cias, exceptuando o Sete de Março que deve ser o Portador desta./ Ainda não pude pagar a Medição porque os números/ todos estão cheios. Aqui chegou o São Francisco com 202/ dias Viagem. Aqui nos/ vierão noticias da Derrota de/ Buonaparte em Berne por hum Navio Americano (o Stag)/ chegado a 27 de Novembro que diz sahira a 9 de Julho de Lisboa: que/ credito lhe devemos dar não pudemos decidir./

Não tenho mais que participar a Vossas Illustrissimas Senhorias/ senão que brevemente espero me irão dando carga e que conjeturo/ não obstante todas as diligencias que a sahida será por todo o/ mez de Janeiro, esta demora he causada pelos muitos navios// [f1v.] que se achão aqui e em Cantão, no entretanto os mantimentos/ e mais couzas relativas ao Navio se vão pondo promptas para/ não haver demora alguma logo que tenhamos a carga./

Tenho a honra de me considerar/ De Vossas Illustrissimas Senhorias/ criado muito Obrigado & Venerador attento /

1ª Via

Macáo 31 de Dezembro 1815/

Illustrissimas Senhorias/

Finalmente a 22 do corrente pude obter que medissem o/ Navio e assim mesmo não foi senão a 27 que afinal declararão a Mediaçam/ que deveria pagar. Tem sido este anno os Negocios da China de tal fórma/ complicados e retardados pelo numero de navios que se achão huns/ de Invernada já, outros vindos antes do Navio de Vossas Illustrissimas Senhorias que a carga/ de este navio tem sido de tal fórma demorada que eu não duvido que/ Vossas Illustrissimas Senhorias attribuão á minha incapacidade o que he efeito de causas/ imprevistas. Deos sabe a inquietação que tenho sofrido por este e muitos/ outros motivos. Mil vezes melhor seria que nunca me propuzesse/ a tomar conta da Negociaçam deste navio. Tem sido de tal fórma/ o Numero de desgostos que tem querido accumular sobre mim huns/ forçados outros voluntários. O Capitão deste Navio de tal maneira/ julgou que me deveria tratar que emfim obrigou-me a proceder// [f2] judicialmente

contra elle. Eu me abstenho de reflexões e apresentarei/ a Vossas Illustrissimas Senhorias os documentos sobre os quais fundei o meu processo, se/ Deus com effeito me guardar até esse dia./

Temos recebido quasi o computo das Gangas Estreitas/ com caixas de cha, e as gangas azuis que já mencionei. Prin/cipiei a carga do Navio antes de hontem e a maior couza que me/ impede prontamente de sahir de Macáo he a demora das Fazendas./

*Post Scriptum* 1 de Janeiro de 1816. Hoje acabo de receber 6 mil peças de/ Gangas de Namquim. O resto dizem-me que está por dias e que/ tem havido embaraço em sahir de Cantão porque se não podia/ tirar chapa grande em quanto o Navio não tinha numero logo/ que chegue farei por não perder hum momento em na pôr/ a bordo.//

**Documento 4. SGL Res 5-C – caixa 24, doc. 14 - Despesas da galera *Nova Aliança* em fornecimentos de ferragens e de madeira. Lisboa, 2 de Fevereiro a 31 de Março de 1815. 2 fls.**

[f1]

1815 Janeiro/ Relação do que tem hido Deste Estaleiro de que he Dono o Illustrissimo/ Senhor Francisco Antonio Ferreira para o Fabrico da Galera Nova-aliança/ des o Dia 2 de Janeiro de 1815 athe o Dia 31 do dito Mês/

1815

Janeiro

Em 2 do dito Mes	7 Cabeços de Sabino para a hobra da Poupa com 64 Palmos a 120	7:680
Em dito Dia	1 Taboa de Vinhatico para fazer Almeida a 160 o palmo com 35 Palmos	5:600
Em dito dia	2 Paos paos Para As voltas a 1600	3:200
Em 3 do dito	Hum Barril de Alcatrao de Suecia	8:500
Em dito dia	2 Pãos para Emcher As cambotas a 100 o palmo	1:400
Em dito dia	4 arrobas ½ de Cabilha a 200 arroba	4:050
Em 4 do dito	1 Lata para Sintas Com 41 palmos a 240	9:840
Em o dito dia	2 Moios de Vaqueta	2:500
Em o dito Dia	4 arrobas de Pregos de 2 pulgadas Para as Sintas	9:000
Em o dito Dia	1 Caverna Para Sintas digo da Nau Russa	4:800
Em 5 do dito	1 Quintal de Estopa	4:800
Em 7 do dito	1 Taboa Sarrada para Formas	:300
Em o dito Dia	1 Lata Para Sintas com 40 Palmos a 240	9:600
Em o dito Dia	1 arroba de Pregos de 17 pulgadas para Chamar o Sintado	2:250
Em 9 do dito Dia	1 arroba de Pregos Velhos	1:600
Em dito Dia	9 Barricas de Madeira de Brazil Arquiadas de Ferro a 8000	72:000
Em o dito Dia	4 ditas Mais piquenas a 6000	24:000
Em o dito Dia	1 Boçarda de Sabino para a Boxarda de Proa	4:800
Em o dito Dia	2 Brassos de Sabino para o Purão 24 palmos a 100	2:400
Em 10 do dito	2 arrobas de Pregos Uzados a 1600 a arroba	3:200
Em dito Dia	3 Taboas de 4 polgadas Largas para forro de Purão 101 palmos a 100// [f1v.]	10:100
		191:620
191:620		
Em dito Dia	2 arrobas de Estopa	2:400
Em dito Dia	20 palmos de Vinhatico para aCabar Almeida a 160 o palmo	3:200
Em dito Dia	5 Cabesos para Brasos do Purão a 100 o palmo 68 ditos	6:800

Em 11 do dito	1 arroba de Pregos de 9 pulgadas uzados	1:600
Em dito Dia	1 arroba de Pregos de 18 pulgadas	2:250
Em dito Dia	6 Cabesos de Sabino para Brasos do Purão com 76 palmos a 100	7:600
Em dito Dia	1 Pau do Volta para o Sintado	3:200
Em 12 do dito	1 Pau de 25 palmos a 360 para ttaboas de Costado	9:000
Em dito Dia	3 ttaboas para aBrir Volta para forro de Dentro Estreitas 96 palmos a 60	5:760
Em 13 do dito	1 arroba de Prego Uzado	1:600
Em dito Dia	2 ttaboas de Volta para abrir para Forro do Purão 45 palmos a 60	2:700
Em dito Dia	5 arrobas de Cabilha a 900	4:500
Em 14 do dito	100 Pregos de Forro Grande Uzados	:400
Em dito Dia	1 arroba de Pregos de 2 Pulgadas Novo	2:250
Em 16 do dito	4 Brasos de Sabino para Bras com 44 palmos a 100	4:400
Em 17 do dito	4 arrobas de Pregos Uzados a 1600 a arroba	6:400
Em dito Dia	2 ttaboas a fio-omeio para Forro de Purão 100 palmos a 60	6:000
Em dito Dia	1 Quintal deEstopa	4.800
Em dito Dia	2 Paus de Sabino para Brasos 24 palmos a 100	2:400
Em 18 do dito	2 arrobas de Pregos Uzados	3:200
Em dito Dia	1 Pau para Caximbo da Poupa 12 palmos a 120	1:440
Em dito Dia	500 Pregos de Forro Piqueno	2:750
Em dito Dia	200 Pregos de 4 Reis	:800
Em dito Dia	200 Pregos Uzados de 6 e 7 pulgadas a 1600	3:200
Em dito Dia	1 Braso de 10 palmos a 100	1:000
Em dito Dia	1 Volta de Carvalho de 14 palmos a 120	1:680
Em dito Dia	2 Curvas para Fechar a Buarda do Purão a Proa a 800	1:600
	// [f2]	284:550
284:550		
Em 20 do dito	1 Pau para as Forras das Busardas 10 palmos a 120	1:200
Em dito Dia	2 arrobas de Pregos uzados de 7 e 9 pulgadas a 1600	3:200
Em dito Dia	1 Pele para Escupeiros	:360
Em dito Dia	1 Vau Para Taboas de Costado com 30 palmos a 300	9:000
Em 23 do dito	2 arrobas de Pregos uzados a 1600 a arroba	3:200
Em dito Dia	500 Pregos de Forro Pequeno	2:750
Em 24 do dito	2 Voltas Para a Proa 22 a 100	2:200
Em dito Dia	1 Taboa de Vinhatico Larga para o Caxão de Leme 35 palmos a 200	7:000
Em 25 do dito	3 arrobas de Estopa do Reino a 1200	3:600

Em dito Dia	2 arrobas de Pregos Uzados a 1600	3:200
Em dito Dia	4 Taboas de Volta para a Proa Costado 42 palmos a 100	4:200
Em dito Dia	4 Taboas de Volta para Forro de Pinho Manso	2:200
Em 28 do dito [1]	3 arrobas ½ de Cabilha a 200 [2]	4:050
Em dito Dia	1 Pau para a Outra eMenda da Chave da Proa 10 palmos a 160 o palmo	1:160
		332:310
	Cabos Novos Emtregues o Capitam por Ordem do Senhor Joze Nunes da Silveira Em 4 de Janeiro de 1815 Os Seguintes	
	1 Pessa de Cabo de 4 polegadas Pezo 16 arrobas e 6 arráteis a 1400 o arrátel	56:654
	1 dita de 1 polegada Pezo 2 arrobas e 7 arráteis	7:763
	1 Fardinho de Merlim Pezo 3 arrobas a 220 o arrátel	21:120
	14 arráteis de Merlim de Cozer a 220 o arrátel	3:080
	Emtregue o Contra Mestre por Ordem do dito Senhor	
[3]	1 Pessa de Cabo de 2 polegadas e 3 quartos Pezo 8 arrobas e 12 arráteis [4]	29:224
	1 Amarra Nova hida para Bordo Em 26 de Novembro de 1814 120 Brassas 14 polegadas de Lembrete Pezo 41 quintais 3 arrobas 28 arráteis a 14000	
		587:562
		1037:713
	[5] Pelos dois reparos supra á margem soma esta conta	1:036\$901

[1]: à esquerda, Reis 3\$150

[2]: a lápis: 3150

[3]: à esquerda, Reis 29\$312

[4]: a lápis: 29312

[5]: acrescentado infra

**Documento 5. AHU ACL CU 062. Cx.37, doc. 1785. Pedido de embarque do soldado Domingos Rebocho na galera *Correio da Ásia*. Lisboa, 27 de Setembro de 1814.**

[f1]

Senhor  
Número 111

Diz Jozé Nunes da Silveira, pro/prietario da Galera Correyo d' Azia prompta á se/guir Viagem para os Portos d'Azia, á onde se cos/tumão encontrar Embarçaõens Inimigas de Mala/yos, que se lhe faz preciso, por tam Justificado motivo,/ em beneficio dos Reais Direitos, que rezultão á Vossa Alteza Real,/ e Interessados na Carga do ditto Navio, levar por Con/destavel o Soldado do Corpo de Invalidos da Brigada Real da Marinha, Domingos Reboxo, o qual Jul/ga apto, e suficiente para o serviço do dito Navio em/ sua defeza, e mais ponderado; e porque se não póde/ receber o ditto Condestavel, sem precedente licença

Pede á Vossa Real Alteza se digne mandár/ expedir Seu Real Aviso á respectiva/ Brigada, para o ditto Soldado em/barcar na forma requerida

E.R.M<sup>a</sup>

José Nunes da Silveira

[ao alto: Pede Aviso ao Conselho da Brigada/ Real da Marinha, em 27 de Setembro/ de 1814]

**Documento 6. AHU ACL CU 062,cx.37 d.1784, Passaporte da galera *Correio da Ásia*. Lisboa, 24 de Setembro de 1814.**

[f1]

Dom Miguel Pereira Forjás Coutinho, do Conselho do Principe Regente Nosso Senhor, Senhor dos Coutos de Freiriz e Penagate, Commendador na Ordem de Christo,/ Grão Cruz na de São Tiago da Espada, Tenente General dos Reaes Exercitos, Inspector/ Geral das Milicias, Secretario dos Negocios da Marinha, Estrangeiros, e da Guerra, &c./ Faço saber aos que este Passaporte virem que do Porto da Cidade de Lisboa faz viagem/ para os Portos da Asia, donde hade voltar para a mesma Cidade de Lisboa, a Galera deno/ minada Correio d' Azia, de que Mestre Francisco de Borja Antunes e Silva, senhorio Jo/ zé Nunes da Silveira, como se fez certo nesta Secretaria da Marinha pelo Juramento do mes/ mo Proprietario, e Documentos por elle apresentados; sendo todos os sobreditos, Portuguezes, e Vassallos destes Reinos, sem que na dita Galera tenha parte pessoa alguma/ Estrangeira. E porque na hida, ou volta póde ser encontrada em quaesquer Mares, ou Portos/ pelos Cabos, e Officiaes das Náos, e mais Embarcações do mesmo Reino: Ordena o Principe/ Regente Nosso Senhor lhe não ponhão impedimento algum. E recomenda aos das Armadas,/Esquadras, e mais Embarcações dos Reis, Principes, Républicas, Potentados, Amigos e Alliados/ desta Corôa, lhe não embarcem seguir sua viagem; antes para a fazer lhe dem a ajuda, e favor/ de que necessitar, na certeza de que aos recommendados pelos seus Principes se fará o mesmo,/ e igual tratamento. Em fé do que lhe mandou dar este Passaporte por Mim assignado, e sellado/ com o Sello grande das Armas Reaes. Dado em Lisboa aos vinte e quatro dias do Mez de Setembro/ do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1814./

Dom Miguel Pereira Forjaz/

Por Ordem de Sua Excellencia/ José Pedro Thomaz/

Pagou Quarenta Reis de Sello/ Lisboa Era ut Supra/ Oliveira//

**Documento 7. ANTT, Junta do Comércio, Termos de Qualificações de Navios, mç. 26, cx 87, s/n. Termo da galera *Correio da Ásia*. Lisboa, 21 de Abril de 1813.**

[f1]

Senhor/

Diz Jozé Nunes da Silveira Senhorio/ da Galera Correio da Azia, de que he Mestre/ Francisco de Borja Antunes Silva, que elle precisa que nesta Real Jun/ta Se lhe tome o termo de Juramento/ na Comformidade das Reais ordens./

Peço a Vossa Alteza Real Seja/ servido mandar Se lhe/ tome o dito termo/  
E.R.M<sup>a</sup>/

Feita em 21 de/ Abril de 1813

Aos vinte e hum de Abril de mil oito/ centos e treze Nesta Secretaria Real/ Junta do Commercio compareceo Jose Nunes/ da Silveira; declarando ser Senhorio da Galera = Correio d' Azia = pela ter Arremetado//[f1v.] arrematado na praça desta Cidade denominando-/se então = Correio de Londres = de construção Espa/nhola, ser della Mestre Francisco de Borja An/tunes e Silva, e não ter nelle interesse pessoa/ alguma Estrangeira, apresentando o ultimo Passa/porte e huma Certidão de ter pago os compe/ tentes Direitos do Passo da Madeira, cujos/ documentos tornou a receber. e de como assim/ o disse e jurou assignou este termo João Ferraz de Macedo, o escrevi/

José Nunes da Silveira/

**Documento 8. SGL Res 5-C, cx 23, cad. 9, Matrícula da tripulação da galera Nova Aliança. Lisboa, Abril de 1815. 3 fls.**

[f1]

Matricula

Da Equipagen da Galera Nova Alliança que segue via/gem para Macáu, de que são proprietários, Francisco An/tonio Ferreira, e Joze Nunes da Silveira Vassallos de Portu/gal Lisboa[1] de Abril de 1815

Joze Joaquim Teixeira Filho de João Teixeira e de Maria Victoria/  
Nactural da Ilha 3ª Viuvo Idade, 45 annos Embarcado 32 annos.

Cappitam

Gaspar Antonio d' Sá Peixoto, Filho de Francisco de Sá Pei/xoto e de Izabel Peres e  
Natural da Villa de Rebordaos, Bis/pado de Bragança, Idade 32 annos

Padre Capelão

Claudio Adrianno da Costa Filho de Joze Ignacio da Cos/ta e de Jacinta Claudia Lima da  
Costa, Nactural de/Lisboa, Solteiro, Idade 19 annos Embarcado a 9 annos

1º Sobre Carga

Tolentino Van Deck, Filho de Joze Rollen Van Deck e de An/ na Margarida e Nactural  
do Rio de Janeiro, Solteiro, Ida/de 28 annos, Embarcado a 8 annos.

2º Sobre Carga

Bento Joze de Araujo Filho de Caetano Joze de Araujo e/de Felipa d' Araujo Nactural de  
Lisboa, Solteiro Idade/29 annos Embarcado a 16 annos

2º Piloto[2]

Bernardo Joaquim de Maçedo – Filho de Pedro de Maçedo/e de Roza Maria Nactural da  
Ilha de Santa Maria Ca/zado Idade 55 annos Embarcado 40 annos (Foy em Lugar des/  
te João António Morim)

3º Piloto[3]

Francisco Acenço – Filho de Joze Acenço da Silva e de/Maria Ignacia de Souza Nactural  
da Villa de Alpedris/Solteiro Idade 38 annos Embarcado a 2 annos//[f1v]

Serurgião

Francisco d' Assis[4] Vedigal Filho de Agosti/nho Joze Assis Vidigal e de Dona Margarida  
Leonor da Silva/Vedigal Nactural d' Lisboa Solteiro Idade 16 annos Embarcado a 3

Escripurário

Francisco Valentim Marques Filho de Manoel Marques e/de Maria Izidora Nactural de Lisboa, Cazado, Idade/27 annos Embarcado 12 annos

Escrivão

Estanislao Manoel de Sequeira Filho de João Manoel e de Ange/lica Roza Nactural de Lisboa, Cazado Idade 40 annos/Embarcado a 25 annos[5]

Contramestre

Nicolao Ferreira Filho de Verissimo Joze e de Ignacia Joaqui/na Nactural de Caparica Solteiro Idade 26 annos/Embarcado a 11 annos

Calafate[6]

Manoel Joaquim Fernandes Filho de Joaquim Fernandes e de Maria Joa/quina

Despenseiro

Joze Feleçiano Pereira Filho de Antonio Pereira e de Francisca/Roza Nactural d' Lisboa Solteiro Idade 19 annos Embarcado a 5 annos

Cupeiro

João Manoel Pereira Filho de Bento Pereira e de Manoella/Roiz Nactural de Galiza Solteiro Idade 30 annos Embarcado a 6 annos

Cuzinheiro

Miguel Francisco Filho de Manoel d' Souza e de Anastacia/do Nascimento Nactural de São Miguel Solteiro Idade 34/annos Embarcado a 18 annos

Francisco Carvalho Filho de João Carvalho e de Maria Fran/cisca Nactural de São Miguel Solteiro Idade 29 annos Embarcado a 11 annos

Marinheiros

Joaquim dos Santos Filho de Luiz dos Santos e de Prepetua da Silva/Nactural do Porto Solteiro Idade 28 annos Embarcado a 14 annos

Joze Bento e Alves Filho de Antonio Pinto e Alves e de Francis/Thereza Nactural do Porto Solteiro Idade 25 annos Embarcado a 9 annos//[f2]

Antonio Joaquim Dutra Filho de Antonio Dutra e/de Thomazia Caetana Nactural da Ilha 3ª Solteiro/Idade 23 annos Embarcado a 10 annos

Marinheiros

Manoel da Silveira Filho de Manoel da Silveira e de Ma/ria Francisca Nactural da Ilha 3ª Solteiro Idade 24 annos/Embarcado a 8 annos

Marinheiros

Joze Ferreira Filho de João Ferreira e de Maria Joaquina/Natural d' Lisboa Solteiro Idade 44 annos Embarcado a 28 annos

Joaquim da Silva Neves Filho de Manoel da Silva Neves e de Anna/dos Santos Natural do Porto Solteiro Idade 20 annos Embarcado a 5 annos

Dittos

Antonio d' Almeida Filho de Joze da Silva de Almeida e de/Joanna Maria Francisca Natural do Arcebispado/de Braga Solteiro Idade 22 annos Embarcado a 5 annos

Ditto

João Joze Filho de Jorge Joze e de Martha Joaquina Natural da Ilha 3ª Solteiro Idade 18 annos Embarcado a 3 annos

Ditto

Francisco Vieira Filho de Manoel Vieira e de Luiza de Jezus/Natural da Ilha 3ª Cazado Idade 46 annos Embarcado a 16 annos

Pedro Bento Filho de Thiago Vasco e de Izabel Vasco Natural de Galiza Solteiro Idade 27 annos Embarcado a 3 annos

João dos Santos Filho de Domingos dos Santos e de Anna Joaquina Natural de Leiria Solteiro Idade 20 annos Embarcado a 4 annos

Moços

João Mendes Filho de Joze Mendes e de Thereza de Jezus/Natural de Coimbra Solteiro Idade 20 annos Embarcado a 6 annos

Joze Nicolao Filho de Nicolao João e de Maria Correia/Natural de Culares Solteiro Idade 27 annos Embarcado a 11 annos

Dittos

João Aires, Filho de Antonio Aires e de Maria Luiza/Natural de Braga, Solteiro Idade 18 annos Embarcado a 4 annos

Domingos Pinto Filho de Antonio Pinto e de Francisca/Thereza Natural do Porto, Solteiro Idade 23 annos Embarcado a 5 annos// [f2v]

Antonio João Filho de Manoel João e de Maria do Carmo Natural de São Miguel Solteiro Idade 28 annos/Embarcado a 5 annos

Dittos

Custodio Gomes Filho de Joze Gomes e de Jacinta Roza/Natural de Lisboa Solteiro  
Idade 30 annos Embarcado a 5 annos

Miguel Francisco Filho de Manoel d' Souza e de Anas/tacia do Nascimento Natural de  
São Miguel Sol/teiro Idade 34 annos Embarcado a 8 annos

Moços

Joze Antonio Filho de Antonio Joze e de Ignacia Ma/ria Natural de Lisboa Idade 20  
annos Embarcado a 6 annos

Ditto

Nesta Intendencia Geral da Pulçia fica matricula/dos a tripulação da Galera ivocada (sic)  
Nova Allian/ça cujo Cappitam declarou em conformidade das Reais ordens pertencerem  
na realidade a mesma tri/pulação os endividuos mencionados na respectiva or/iginal  
matricula. Lisboa sete de Abril de mil/ oito sentos e quinze. Eu Antonio Cristovão da/  
Silva Escrivão da matricula da Policia a so/besvi (sic) / Assignado O Indente (sic) Geral  
da Policia/ João de Matos[7] Barboza de Magalhaens

[f3, folha solta]

Relação da Equipagem da Galera Nova Alliança de que/ he Commandante Joze Joaquim  
Teixeira (que segue viagem de/ Lisboa para Macâu) em 29 de Abril de 1815

Cappitam	Joze Joaquim Teixeira
Capelão	Gaspar Antonio de Sá
Primeiro Sobre Carga	Cláudio Adriano da Costa
Segundo Sobre Carga	Tolentino Van Deck
Segundo Piloto	Bento Joze d'Araujo
Terceiro Pilloto	João Antonio Morim
Serurgião	Francisco Ascenço
Escripturario	Francisco Valentim Marques
Contramestre	Estanislao Manoel de Sequeira
Calafate	Theodoro Pereira
Despenceiro	Manoel Joaquim Fernandes
Cupeiro	Joze Feleciano Pereira
Cuzinheiro	João Manoel Pereira

Marinheiros

Miguel Francisco, Francisco Carvalho, Joaquim dos Santos, Joze Pedro Alves,  
Antonio Joaquim Dutra, Manoel da Silveira, Joze Ferreira, Joaquim da Silva Neves  
Continua// [f3v]

Marinheiros

Antonio Joze Ferreira Vianna, Joaquim Antunes da Lus

Moços

Francisco Vieira, Pedro Bento, Joze dos Santos, Francisco do Carmo, Domingos dos Santos, Antonio de Almeida, Domingos Pinto, Joze da Silva, Diogo Joze, João Joze

Criado

Joze Francisco da Luz (China)[8]

35 Pessoas ao todo – A Saber

3 Capittam 2º e 3º Piloto

2 Capelão e Serurgião

2 1º e 2º Sobre carga

2 Escripturario e Escrivão

2 Contramestre e Calafate

2 Despenseiro e Cuzinheiro

2 Cupeiro e Criado

15

10 Marinheiros

10 Moços

35

Joze Joaquim Teixeira

[Exterior] 1ª Viagem Galera Nova Aliança/ Copia da Matricula e mais documentos,/  
que pertencem a dita Galera//

[1] espaço deixado em branco

[2] Riscado, na margem esquerda: Não vai no Navio

[3] Na margem esquerda: Não vai no Navio

[4] Riscado: Venceslao Assis

[5] Supra: Antonio Pereira/ foi em Lugar de Nicolao Ferreira

[6] Na margem esquerda: Calafate / Não foi no Navio

[7] supra: Vasconcellos

[8] inserido posteriormente

**Documento 9. SGL Res 5-C, cx 24, doc. 9, Carta de Cláudio Adriano da Costa, sobrecarga da galera *Nova Aliança* aos proprietários. Anger, 6 de Setembro de 1815. 1 fl.**

[f1]

Illustrissimos Senhores Francisco Antonio Ferreira & Jozé Nunes da Silveira/ Lisboa

Anger 6 de Setembro 1815/

Aqui chegou felizmente navio de Vossas Illustrissimas Senhorias Nova Ali/ança com todos os Officiaes e equipagem em boa saude/ depois de 130 dias de viagem em que os ventos pou/co favoráveis tem sido a cauza de tanta demora/ pois á linha gastamos 37 dias e dahi ao Cabo 40 dias/ onde os ventos SudEste nos perseguirão por 8 dias e da/hi a este Porto 45 dias aonde fundiamos esta/ tarde. Não achamos navio algum na terra/ e tratamos de fazer imediatamente os mantimentos/ agoada e lenha que nos demorará hum ou dous/ dias para continuarmos ao Porto do nosso des/tino.

O navio está no melhor estado possi/vel, e não obstante varias Capas e temporaes/ que temos encontrado principalmente pelas Ilhas/ de São Paulo & Amsterdam tem-se sem/pre conservado estanque.

Quanto á/ passagem de navios Portuguezes para Chi/na por este estreito só dão noticia o Correyo// [flv.] d' Azia e Sette de Março. Por huma fragata In/gleza que aqui aportou e que parte para Madras/ aproveitamos a occasião de remetermos a Vossas/ Illustrissimas Senhorias duas vias desta para lhes serem reme/tidas huma por Londres, e outra para por qualquer/ um Navio que esteja a partir de Bengalla/ ser igualmente remetida, ficando neste Porto/ huma 3<sup>a</sup> Via, para também na 1<sup>a</sup> occasião/ ser dirigida a Vossas Illustrissimas Senhorias de quem temos a honra/ de ser/

Illustrissimos Senhores/ Claudio Adriano da Costa/ Tolentino Van Deck/

He tanta a vida e trabalho do Senhor Cappitam, que elle/ espera que Vossas Senhorias hajão de o desculpar em conse/quência. Porem como não tem cousa alguma/ notável a participar elle espera a benignidade de Vossas Illustrissimas Senhorias que hajão tanta indulg/encia para com ele/

Claudio Adriano da Costa//

[no exterior: Illustrissimos Senhores Francisco Antonio/ Ferreira & Jozé Nunes da/ Silveira/ Lisboa]

**Documento 10. SGL Res 5-C – caixa 23, caderno 11, Inventário da botica da galera *Nova Aliança*. Lisboa, 26 de Abril de 1815. 3 fls.**

Relação dos Medicamentos necessarios para for/necer a Botica do Navio Nova aliança

[f1]

Assafetidos	libra meia
Alkali volátil diluído	onças desaseis
Acido vitriólico diluído	arrateis hum e meio
Agoa de ortelã	libra duas
Acido nítrico puro	oitavas quatorze
Alcaçuz	arrateis dois
Alum	arrateis hum e meio
Agoardente	canadas huma e meia
Alkool	canada hum
Almeirão	arrateis quatro
Arrobe de amores solido	arrateis hum
Aloes	onças duas
Alvaiade fino	arrateis dois
Agoa Ingleza	garrafas quatro
Borax	arrateis hum
Balsamo Catholico	libra huma
Alfazema	arrateis dois
Calomelanos	arrateis meio[1]
Canfora	arrateis hum
Cimarruba	arrateis dois
Calto	arrateis dois
Cremor tartaro	arrateis hum e meio//[f1v.]
Calumba	onças dez
Cantabridas em pó	arratel meio
Digitalis	arrateis hum
Euforbio em pó	onças seis
Ether sulfúrico	arrateis hum
Extracto de Marrocos	onças duas
Extracto de opio gomoso	onças meia[2]
Extracto de Saturno	arrateis dois
Eletuario lenitivo	arrateis hum
Eletuario de Calto	arrateis hum
Emplastro adesivo	arrateis dois
Deaquilao (?) gomado	arrateis dois
Diram com mercurio	arrateis meio

Estomativo	arrateis hum
Especies peitorais	arrateis três
Aromáticas	arrateis quatro
Atilicas	arrateis dois
Amargas	arrateis dois
Flor de sabugueiro	arrateis cinco[3]
Farinha de linhaça	arrateis quatro
Goma arabia	arrateis dois
Goma quina	onças quatro
Goma guaiano	onças quatro
Guaiano em varunas	arrateis dois
Ipecacuanha em pó	arrateis meio
Jalapa em pó	onças oito e meia
Linhaça	arrateis hum
Linimento de sabão com opio	arrateis hum e meio
Loina	arrateis dois//[f2]
Luar anadino mineral de Offman	arrateis hum
Magnesia branca	onças duas
Mustarda em pó	arrateis seis
Mel	arrateis dois e seis onças
Mel rosado	arrateis dois
Malvas	arrateis quatro
Malvais com raiz	arrateis três
Musgo Islandico	arrateis dois
Mareilla (?)	arrateis dois
Manná	arrateis quatro
Mercurio nitrado Rubro	onças duas
Mercurio doce	onças seis
Marroios	arrateis dois
Nitrato de Prata	onça meia
Nitro de putaça	arrateis dois são dois
Ópio em sorte	onça meia
Oxumel (?) seilitiro (?)	arrateis dois e cinco onças
Óleo de amêndoas	arrateis hum e meio
Óleo essencial d'ortelá pimenta	onça meia
Oxumel (?) ditto	arrateis dois e quatro onças
Oleo de mamona	arrateis hum e tres quartos
Pós para fazer Agoa de Sada (?)	tres caixas
Pos de Borgonha	arrateis hum
Parietaria	arrateis tres
Pós de Dover	onças seis
Pedra hume calcinada	onças duas
Tamarindos em sorte	arrateis quatro

Puligula (?)	arrateis dois
Pilulas de Vinagre (?)	Numero 72
Alterantes de Phimer (?)	Numero 72// [f2v]
Pilulas antidyspressivas de Smith	Numero 82
Quafia (?) em varunas	arrateis hum e meio
Quina da melhor em pó	arrateis quatro e meio
Quina em pó grosso	arrateis sete[4]
Rabano rasteiro, conserva de,	arrateis quatro
Rozas rubras	arrateis hum e meio
Raspar de viado	arrateis dois
Ruibarbo em pó	arrateis meio
Sulphureto alcalino de putaça	huma onça e meia
Sumo de limão	arrateis quatro
Sublimado ditto	onças meia[5]
Sevada da terra	meio alqueire
Sal de Glauber	arrateis quatro
Sal de Epsom	arrateis quatro
Sal de tartaro	onças oito
Dunne (?)	arrateis dois
Serpentario virginiano	arrateis tres
Sal amoniaco	arrateis dois
Sal de chumbo	arrateis hum e meio
Sulphato duzimo (?)	arrátel hum
Salsaparrilha	arrateis dois
Salsa da orta, raiz,	arrateis dois
Sasafrás	arrateis dois
Spirito de canella	libras quatro
Salepo	arrateis hum
Tartaro emético	onças quatro
Tintura antiseptica de Hux (?)	libras duas
Tintura de cantharidas	libras duas[6]
Tintura de Kirror (?)	onças seis // [f3]
Tintura de genciana composta	libras duas
Tintura Thebaica (?) da L.	onças seis
Terebenthina	onças seis
Terra foliada de Tartaro	onças oito
Tintura de valenciana volátil	onças seis
Dita de Digitalis	onças quatro
Uva ursina (?)	libras huma
Vinho alleqq (?)	garrafas quatro
Vinho antimonial	arrateis hum
Unguento amarello	libras seis e duas onças
Unguento rosado Composto	onças oito

Unguento de Cera	arrateis quatro
Dito de goma elem (?)	arrateis dois
Pumada mercurial de partes iguais	arrateis dois
Emplastro de cantharidas	arrateis cinco
Unguento de enxofre	arrateis quatro
Violas (?)	arrateis quatro
Valerianna silvestre	arrateis hum e meio
Vitriolo canforado	onças quatro
Xarope Diacodio (?)	arrateis dois
Xarope Balsamico	arrateis dois e duas onças

#### Utensilios

- 1 Balança boa {com seu gramatorio
- 3 velinhas elásticas
- 1 Algalia dita
- 4 Borrachinhas para seringatórios// [f3v]
- 1 Chocolateira de cobre[7] para Corimentos; de libra duas
- 1 Dita de folha de meia Canada
- Medidas de libra, meia libra onça e meia onça
- 2 lençoes de linho uzados
- 2 Jogos de Tallas para fracturas
- 1 Pera de Nastro largo
- 1 Dita menos Largo
- 2 Peças dito Estreito
- ¼ de estopa

Recebi todos os Medicamentos incluídos/ nesta relação tudo a minha satisfação/  
tanto em qualidade como bem manipulados/

Lixboa. 26 de Abril de 1815/

O Cyrurgião do dito Navio  
Francisco Afonso de Souza//

- [1] rasurado: hum e meio
- [2] rasurado: huma e meia
- [3] rasurado: três
- [4] rasurado no final: meio
- [5] rasurado: três
- [6] rasurado no final: e meia
- [7] supra: de canada

**SGL Res 5-C – caixa 24, doc. 204 - Carta de José Nunes da Silveira a A. M. Pedra & Filhos, companhia de seguros, sobre a indemnização que lhe deveria ser paga. Lisboa, 31 de Janeiro de 1824. 1 fl.**

[f1]

Senhor A. M. Pedra & Filhos & Companhia Lisboa 31 de Janeiro de 1824/

Amigos Senhores Tendo presente a sua carta oficiada de 26 de Novembro próximo passado passo a exporlhes a Vossas mercês o que/ me parese se deve ter em consideração em resposta ao que Vossas mercês na ditta carta me expõem respeito ao/ seguro da Nova Aliança, que espero crendo Vossas mercês tomar o incomodo de bem o ponderarem não lhes será/ mais defícil poder ajustar esta perda com o menor prejuizo possível empregando para isso a sua/ boa deligençia, e Zello que costumão, e que eu espero merecer-lhes. Respondendo ao parecer que a Vossas mercês/ deu o Arbitro pelo que respeita á Condenação do Navio, que não parecia preferia produzir-se nos Tribu/naes (para evictar as discussoens, e argumentos que a Galera concertada pudera empreender a viagem/ de Monsambique) isto ofreçe uma bem fundada consideração que o fabrico paliativo, e suficiente/ para a piquena viagem a Monsambique, e numa estação benigna não se podia nem devia jul/gar suficiente nem seguro para a trabalhosa navegação da Parage do Cabo da Boa Esperança, a ser arriscada como he notório, e seguir o longo curso athé á Europa. E o mesmo fabrico que se inten/tasse suficiente (quando fose posivel para a torna viagem) sahiria do Arbitrio que tem os segura/dores ou seu proposto de entreprender essa despeza com maior prejuizo dos seguradores, pois não/ he prometido gastar mais em remendos do que valle o principal: e se tal se tivesse feito teria/mos questão visa verssa, por que depois de prompta toda a Galera não valeria tanto quanto se gas/taria nella. Não respondo ao entendimento desse Louvado Therman de se não atender ás/ soldadas e gastos dizendo que isto devia sahir do frete que se devia perceber pelo dinheiro que o Navio leva/va para a negociação pois hera o que fazia a sua carga com os seus mantimentos, e o necessario/ lastro de pedra, e admirome que Vossas mercês não desviassem esta proposição sabendo como eu sei/ pelo uzo e pratica geral que os fundos para as negociacoens nunca pagão frete. Quanto ao va/lor do Xarafim são fantezias desse louvado pela pouca pratica que tem do Cambio das moedas/ da Azia, por que bastava recorrer ao Dicionario das moedas para melhor conhecimento do seu valor/ e he percizo saber que he huma moeda imaginaria que poder ter maior ou menor valor, segundo/ a abundância ou falta de Pessas Portuguezas, ou Patacas Hespanholas, e que o próprio Sobre//[f1v.] Carga nesta mesma viagem vendeo as Pessas de 6400 a 40 Xarafins cada huma e as/ Patacas Hespanholas a 5 Xarafins como das Contas de Compras e gastos não só delle mas/ de todos que lá estavão naquele tempo: nesta Praça as pessoas entendidas, e que tem tido negociações/ para Gôa ninguém calcula o Xarafim em menos de 160 reis nem em mais de 200 reis como do/ calculo que já lhe mandei feito por Loureiro, e do outro parecer de Jozé Lopes de Abreu que aqui junto por ser tambem pessoa entendida, e que consultou com outras neste particular./

Quanto ao dizer que o Navio pelo uzo inavistável que devia ter no Casco, e aparelho desmeresse de 10 por cento/ isto não he nenhuma novidade, mas he claro que se não pode aplicar a este cazo por que eu/ não mandei segurar o Navio no valor em que ficaria depois deste uzo mas sim no vallor em/ que me importou quando o aprontei. He certo que se o Navio me tivesse voltado ficavame/ valer menos, mas esse menos teriame sido compensado pelo lucro que me produzisse;/ como porem eu o perdi, os seguradores que devem tomar o meu lugar nesta perda me devem/ indenizar do que eu perco realmente que he o valor da expedição. Arbitrar este valor ao Navio/ de 10 por cento menos só pode ter lugar quando o objecto existe, e se deve calcular na sua enti/dade inalterável para o cazo e não neste que he de perda total: e mais tendosse já abatido/ do valor segurado aquilo que produzio a venda do Navio, e seus pertences. A vista do exposto/ que he o que o Senhor Comendador Ferreira, e eu tomamos a liberdade de lhe ponderar/ confiamos tudo do seu zello e intelligência, e sendo preciso algum documento mais/ para comprovar qualquer das mencionadas observaçoens com seu avizo lhe serão reme/tidos. Continuo a ser com a costumada attenção e Estima/

Conforme o original/

Jozé Nunes da Silveira//

## MACAU E A MARINHA NO TRATADO LUSO-JAPONÊS DE 1860

Fernando David e Silva

*“[...] O Japão não quer nem precisa cousa alguma dos países estrangeiros: se tem feito tratados de commercio com as nações que modernamente o tem perseguido para isso, é sem duvida só com o fim politico de afastar ou evitar os flagellos da guerra, roubos e invasões que ultimamente têm assolado o império da China; que nada precisava tambem do resto do mundo, mas a quem as nações christãs querem civilisar á força [...]”<sup>1</sup>*

Os desejos de lucro e de salvação das almas levaram os portugueses ao Japão, onde chegaram em 1543, trazendo aquele país ao conhecimento do mundo. Os primeiros tempos destes contactos foram dos aventureiros e privados que preencheram os vazios deixados pelo enfraquecimento do comércio tributário sino-japonês e poucos anos mais tarde, pela proibição chinesa de comerciar com (referiu Boxer<sup>2</sup> parafraseando documentos chineses), os “*ladroes enfezados*”<sup>3</sup>.

A carreira do Japão, institucionalizada e concessionada pelo vice-rei em Goa logo em 1550, tinha Macau como entreposto, proporcionando-lhe uma prosperidade que se estendia à alfândega de Malaca e às ribeiras de Goa e Lisboa. Macau era, cito Luís Filipe Barreto, “*...toda uma nova idade no comércio China-Japão, novos desafios e fronteiras para as parcerias luso-nipónicas*”.

O “*século cristão*” terminou em 1639, ano em que o Japão impôs a retirada definitiva dos portugueses, abrindo um período de dificuldades para a economia e o tesouro de Macau.

O Japão permaneceu encerrado aos estrangeiros (com excepção dos holandeses<sup>4</sup>) até 1854, ano em que os Estados Unidos impuseram a sua abertura ao exterior, por via de uma diplomacia muito apoiada no poder naval. Seguiram-se-lhe os grandes e depois os pequenos poderes europeus, entre os quais Portugal.

Este estudo aborda o tratado luso-japonês de 1860 pondo ênfase no papel desempenhado na sua negociação e assinatura por três personagens da Armada Real então em serviço em Macau: a corveta *D. João I*, o seu comandante (capitão-de-fragata Feliciano

<sup>1</sup> Feliciano António Marques Pereira, *Viagem da Corveta D. João I á Capital do Japão no anno de 1860*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1863, p. 79.

<sup>2</sup> C. R. Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, Lisboa, Edições 70, 2001, p. 74.

<sup>3</sup> O padre Luís Fróis, S.J., escreveu, em 1 de Dezembro de 1555 aos jesuítas em Goa “[...] *esta discórdia de entre os chinas e japões é grande meio para os portugueses que quiserem ir ao Japão, porque como os chinas não vão lá tratar com suas fazendas, têm grande meio os mercadores portugueses para lá fazerem seus proveitos temporais [...]*”. Apud Luís Filipe Barreto, *Macau: Poder e Saber – séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006, p. 23.

<sup>4</sup> Todavia confinados à pequena ilha artificial de Dejima, no porto de Nagasaki. A ilha tinha sido começada a construir 1634 para albergar os portugueses Quando estes foram expulsos, a ilha foi usada para receber os holandeses, transferidos da feitoria de Hirado por decisão japonesa.

António Marques Pereira) e o enviado do reino, o governador de Macau (capitão-de-mar-e-guerra Isidoro Francisco Guimarães Júnior). A minha atenção será centrada nos menos conhecidos: a *D. João I* e o seu comandante. O estudo da sua intervenção pretende contribuir para um melhor conhecimento da Marinha do séc. XIX quanto ao seu papel na governação, economia e defesa dos domínios ultramarinos e das suas rotas comerciais.

Macau chegou ao início do séc. XIX convivendo com as usuais oscilações da sua actividade mercantil, resultado das crónicas imposições do vice-rei de Cantão e dos seus mandarins<sup>5</sup>, e tendo então que enfrentar a ameaça da Inglaterra que, desde a década final de setecentos procurava um salto em frente para a sua presença na China.

Com a ocupação inglesa da ilha de Hong-Kong, em 1841, Macau passou a enfrentar uma nova realidade. Até então preocupara-se apenas com um interlocutor, relativamente ao qual tinha a certeza de um diálogo desigual, coreografado numa espécie de teatro de sombras cuja ambiguidade convinha a ambas as partes. A partir da I Guerra do Ópio (1839-1842), durante a qual permaneceu neutral, Macau viu-se relegado para a condição de mero parceiro local. No caso, e como sempre, a neutralidade sem força resultou em prejuízo.

A morte violenta do governador Ferreira do Amaral, a mãos chinesas em 1849, deu lugar a um período politicamente perturbado. Seguiram-se um governador prematuramente falecido (o capitão-de-mar-e-guerra Pedro Alexandrino da Cunha), outro extemporaneamente substituído (o capitão-de-mar-e-guerra Francisco António Gonçalves Cardoso<sup>6</sup>), e a interina governação de dois Conselhos de Governo, até que foi alcançada a estabilidade com a posse do capitão-de-fragata Isidoro Francisco Guimarães<sup>7</sup>, que já se encontrava em Macau desde Maio de 1850, no comando da corveta *D. João I*.

<sup>5</sup> E também de más administrações e do relacionamento raramente harmonioso entre o governador e o Senado da cidade.

<sup>6</sup> Tinha sido nomeado pelo 18º governo constitucional, chefiado pelo conde de Tomar. Esta circunstância pode ter estado na raiz da sua substituição no cargo, decidida pelo primeiro governo “regenerador”, presidido por Saldanha. O facto de ter sido nomeado pelo último governo cabralista não interferiu com a sua carreira futura, já que viria ainda a ser Intendente da Marinha de Lisboa e (por inerência) Inspector do Arsenal de Marinha (1854-1865) e governador-geral de Angola (1865-1869). Seria ainda comandante do Corpo de Marinheiros e Ajudante de Campo do rei D. Luís. Morreu contra-almirante em 1875. Ver Arquivo Histórico de Marinha (AHM), *Livro Mestre do Corpo da Armada Real nº 1 e nº 3* e também *Documentação Avulsa*, Cx. 728, 788 e 832.

<sup>7</sup> Filho do homónimo oficial da Armada, nasceu em 1908 e assentou praça como voluntário no Batalhão Académico de Coimbra, participando nas campanhas das Beiras entre 1826 e 1827 e na revolta liberal do Porto em 1828. Neste ano, era guarda-marinha, juntou-se ao grupo de liberais que emigraram para a Galiza e depois para Inglaterra. Regressou a Portugal em 1832, participando no desembarque do Mindelo (8 de Julho) e, no ano seguinte, na batalha naval do cabo de S. Vicente (5 de Julho de 1833), decisiva para o desfecho da Guerra Civil. Continuou a cumprir comissões de embarque e, em Maio de 1848, assumiu o comando da corveta *D. João I*, situação em que chegou a Macau em 26 de Maio de 1850, destinada a reforçar o dispositivo militar do Estabelecimento, tendo em vista a agitação subsequente à morte do governador Ferreira do Amaral. Ver AHM, *Livro Mestre dos Oficiais da Armada A*, folhas 6, 206-208. A sua exoneração provocou algumas reacções por parte das elites de Macau, que ansiavam por um clima de tranquilidade que favorecesse a retoma comercial e financeira do Estabelecimento. Ver Maria Teresa Lopes da Silva, *Transição de Macau para a Modernidade – 1841-1853. Ferreira do Amaral e a Construção da Soberania Portuguesa*, Lisboa, Fundação Oriente, 2002., p 323.



Capitão-de-mar-e-guerra Isidoro Francisco Guimarães (1808-1883)

Guimarães desempenhou o cargo de governador entre Setembro de 1851 e Janeiro de 1863<sup>8</sup>. A sua prática governativa revelou uma linha de continuidade com a do seu antecessor que, no seu curto consulado, tinha conseguido amenizar o ambiente de Macau, procurando regularizar o relacionamento com o vice-rei e tomar medidas para a recuperação da economia e dos cofres da cidade.

Após a assinatura do primeiro conjunto de “*tratados desiguais*” que a China tinha sido forçada a aceitar, a edificação do novo quadro geopolítico do Extremo-Oriente passava pela integração do Japão na sua esfera de controlo. Neste caso, como já referimos, foram os EUA os precursores.

As motivações americanas não assentavam tanto no desejo de abrir o comércio entre ambos os países, pois o Japão era relativamente pobre, mas sim no de garantir uma plataforma de apoio para os seus baleeiros e para os navios que comerciavam com a China e o sudoeste asiático.

Um tratado entre os EUA e o Japão foi assinado em Kanagawa (no golfo de Tóquio) em Março de 1854. Pelos EUA assinou o comodoro Matthew Perry<sup>9</sup> que, em viagem

<sup>8</sup> O comandante Isidoro Guimarães manteve-se em funções durante mais tempo do que qualquer outro governador ou capitão-geral. Em 1862 foi feito visconde da Praia Grande de Macau pelo rei D. Luís, por decreto de 10 de Dezembro de 1862, “[...] *pele importante serviço prestado na conclusão do tratado com o imperador da China* [...]” assinado naquele ano (“Visconde da Praia Grande de Macau”, Afonso Eduardo Martins Zúquete ( direcção, coordenação e compilação), *Nobreza de Portugal*, Vol. III, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961, pp. 178-179). Regressado a Portugal, foi Intendente da Marinha de Lisboa e Inspector do Arsenal de Marinha até 1865. Foi ministro da Marinha e do Ultramar no governo “fusionista” de Joaquim António de Aguiar (1865-1868). Foi ainda Ajudante de Campo do rei, morrendo em 1883 no posto de vice-almirante.

<sup>9</sup> Filho de um oficial da Marinha americana, o futuro comodoro Matthew Perry nasceu em 1794 e iniciou a sua primeira comissão de embarque com quinze anos de idade. Depois de várias comissões no mar e de ter recebido o seu primeiro comando em 1821, Perry foi colocado no “New York Navy Yard”, onde foi encarregado de supervisionar a construção do USS *Fulton*, uma das primeiras fragatas de propulsão mista da Marinha americana, que entrou ao serviço em 1837. A contribuição de Perry para a adopção da máquina a vapor na Marinha dos EUA valeu-lhe o epíteto de “pai da máquina a vapor”.

anterior, chegou à baía de Edo em Julho de 1853 no comando de uma força de quatro navios, dois deles fragatas de propulsão mista, com cerca de mil homens e 65 peças de artilharia. Alguns dos seus navios tinham os cascos pintados de preto<sup>10</sup> e, na memória dos japoneses decerto surgiram como uma representação dos navios portugueses do séc. XVI. Perry entregou as suas credenciais num cenário de ruidosos navios a vapor e de uma artilharia que não podia deixar de intimidar os seus interlocutores. Depois de algumas negociações e da troca de presentes (entre os quais se contaram, do lado americano, 60 litros de vinho da Madeira) deixou uma carta do presidente americano para ao imperador<sup>11</sup> e regressou aos EUA.

Regressou nos princípios de 1854, desta vez comandando uma esquadra de dez navios, que ajudaram a vencer as últimas resistências que os japoneses opunham à assinatura do tratado. O tratado foi assinado, estabelecendo a abertura aos EUA de duas cidades-porto<sup>12</sup>, o acolhimento dos náufragos, o futuro fornecimento de madeira, víveres e carvão, bem como a obtenção do estatuto de nação mais favorecida.



Comodoro Matthew C. Perry (1794-1858)

vapor<sup>9</sup>. Na segunda metade da década de 1840 envolveu-se, com outros oficiais da US Navy e com políticos e empreendedores, numa iniciativa para conseguir que o presidente promovesse acções no sentido de garantir a abertura dos portos japoneses ao comércio com os EUA. As diligências em que Perry se envolveu não foram as primeiras levadas a cabo pelos EUA com o mesmo objectivo. Na realidade, entre outros contactos relativamente pouco expressivos, tinham-se realizado três expedições anteriores: em 1846 (capitão-de-fragata James Biddle), 1849 (capitão-de-mar-e-guerra James Glynn) e 1851 (comodoro John Aulick). As de Biddle e Aulick terminaram de forma pouco honrosa para os americanos: a primeira por inabilidade do primeiro na forma como se apresentou no Japão (a bordo do USS *Columbia*, de 90 peças; a de Aulick por razões ligadas à sua personalidade e estado de saúde, que levaram à sua substituição no comando da expedição.

<sup>10</sup> As representações disponíveis para alguns dos navios mostram que, antes da Guerra Civil (1861-1865) não existia uma norma aplicável à pintura das obras vivas dos navios da Marinha americana, que eram pintados inteiramente de preto ou com uma faixa branca, normalmente no convés da bateria.

<sup>11</sup> Ver a carta do presidente dos EUA Millard Fillmore ao imperador do Japão, datada de 7 de Julho de 1853, em Francis L. Hawks (Compilador), *Commodore Perry and the Opening of Japan. Narrative of the Expedition of an American Squadron to the China Seas and Japan, 1852-1854. The Official Report of the Expedition to Japan*, Gloucestershire, Nonsuch Publishing, 2005 [1ª edição: 1856], pp. 253-254.

<sup>12</sup> Simoda e Hakodate, respectivamente a cerca de 100 km a sudeste de Tóquio, e no sul da ilha de Hokkaido.

O comodoro regressou em triunfo ao seu país, ao ponto de o Congresso o premiar com vinte mil dólares que usou para financiar o livro com a narrativa de ambas as viagens ao Japão, confiando a compilação do texto a Francis Hawks (1798-1866), pastor protestante, político e historiador com obra publicada. O resultado foi um circunstanciado relato das duas viagens e suas principais escalas, bem como de todas as negociações prévias à assinatura do tratado, publicado em 1856 com o título *Narrative of the Expedition of an American Squadron to the China Seas and Japan, 1852-1854*. Acompanharam-no dois volumes adicionais, nos quais ficaram registados as actividades da missão científica que acompanhava a força militar.

No relato da viagem e das diligências diplomáticas, Perry incluiu as impressões que lhe deixaram a Madeira e Macau, portos que escalou. As que colheu em Macau foram já objecto de, pelo menos, uma publicação de alguns extratos anotados pelo padre Manuel Teixeira<sup>13</sup> (*Revista de Cultura*, 1988-89). A título ilustrativo, reproduzimos duas pequenas passagens das impressões que Perry reteve sobre nas suas duas visitas ao Estabelecimento. A propósito da sua primeira estada em Macau, em 1853, escreveu:

*“[...] There is not much at present to interest the visitor at Macao, as it is but a ghost of its former self. There is almost a complete absence of trade or commerce. The harbor is deserted, and the sumptuous dwellings and storehouses of the old merchants are comparatively empty, while the Portuguese who inhabit the place are but rarely seen, and seem listless and unoccupied. [...]”*<sup>14</sup>

Quando em 1854 escalou de novo Macau, na sua segunda viagem ao Japão, procurou alargar o seu juízo sobre a cidade: ainda que reconhecendo que o relato que fizera no ano anterior 1853 tinha sido superficial, deixou-nos de novo uma impressão pouco lisonjeira:

*“[...] Macao, once so famed for its extensive and profitable commerce and for its wealth, is now entirely divested of them, and seems to be sustained only by a small coating trade, the expenditures of a limited garrison, and those of the families of the English and American merchant who make it a summer resort [...]”*<sup>15</sup>

Não me alongo sobre elas, recordando apenas que foram em geral pouco lisonjeiras, designadamente quando se referiu ao estado de estagnação económico e social em que encontrou Macau, que contrastava, escreveu, com as *“habitações e armazéns sumptuosos dos antigos comerciantes”*.

Não quero ainda deixar sem referência a breve passagem que o comodoro americano dedica ao governador português:

<sup>13</sup> Manuel Teixeira, “Macau visto pelo Comodoro Perry em 1854”, *Revista de Cultura* nº 7 e 8 – Outubro a Março 1988-1989, Macau, 1989, pp. 17-28.

<sup>14</sup> Francis Hawks, *ob. cit.*, p. 138.

<sup>15</sup> *id.*, *ibid.*, pp. 290-291.

“[...] *With Governor Guimaraës, an officer of the Portuguese navy, whom the Commodore had met before on the coast of Africa*<sup>16</sup>, *there were the most friendly and intimate relations, as well as with captain Loreiro*<sup>17</sup> *(sic) of the same service; and it is due to both these officers to acknowledge their courteous deportment in the course of all the official transactions with them. [...]*”

O tratado entre os EUA e o Japão foi seguido por acordos semelhantes com países europeus, entre 1854 e 1858 (Inglaterra – 1854, Rússia – 1855, França e Holanda – 1858 e Portugal em 1860. Estes tratados, em particular os referentes aos quatro grandes poderes da época<sup>18</sup>, inscreveram-se na estratégia imperialista das potências ocidentais, impulsionada pela procura de matérias-primas e de mercados, tendo sido precedidos pela assinatura imposta de idênticos instrumentos com a China e com o Sião, os chamados “*tratados desiguais*”<sup>19</sup>. Pelo seu lado, os três grandes impérios orientais foram adquirindo a percepção de que as imposições ocidentais ameaçavam as suas independências pelo que, cada um a seu modo, reagiram, ainda que com uma certa moderação, antes e depois das suas assinaturas. No entanto, o poder militar, o poder naval em particular, foi argumento decisivo na imposição da abertura daqueles impérios ao Ocidente.

Importa, em consequência, fazer uma revisão, ainda que sumaríssima, da sua evolução ao longo da primeira metade do séc. XIX.

Com as pazes em Viena em 1815, muitos dos navios e do pessoal então ao serviço (as marinhas dos países europeus tinham antes alcançado uma dimensão sem precedentes) tornaram-se excedentários, conduzindo a uma contracção nas forças navais mais importantes. Em termos relativos, a Inglaterra conservou a primeira posição, adoptando o princípio de manter a supremacia europeia quanto a navios de linha. A fase de contracção terminou na década de 1840, em especial no que respeita a Inglaterra e França, mutuamente vigilantes, cada qual com aspirações à hegemonia na Europa.

Quanto aos EUA, o pós-guerra de 1812 deu lugar a um impulso de reforço da sua marinha, com base em fragatas capazes de lhes conferir capacidade de projecção na América do Sul, Mediterrâneo e Pacífico.

<sup>16</sup> É muito provável que o encontro em África tenha ocorrido em Cabo Verde, entre 6 e 25 de Julho de 1844, quando Guimarães comandava o Brigue *Douro*, em Cabo Verde, com instruções para proceder à repressão do tráfico de escravos. Perry esteve em África, com missão semelhante à de Guimarães, entre 1842 e 1845, primeiro no comando do USS *Missisipi* e depois da esquadilha americana que ali se ocupava daquela missão. O curto período atrás referido foi o encontramos para uma presença simultânea dos dois oficiais em África, empenhados em missões idênticas. Ver António Marques Esparteiro, *Três Séculos no Mar (1640-1910). V Parte – Bergantins e Brigues. 2º Volume*, Lisboa, Ministério da Marinha, 1986, pp. 103-104 e [www.history.navy.mil/bios/perry\\_mc.htm](http://www.history.navy.mil/bios/perry_mc.htm) (consultado em 10 de Agosto de 2013).

<sup>17</sup> Trata-se do primeiro-tenente Pedro da Silva Loureiro (1792-1855), capitão do Porto de Macau. Não figura nos Livros Mestres dos Oficiais da Armada (AHM). Admite-se que tenha sido alistado em Goa, aqui frequentando a Aula de Marinha criada em 1780. O governador Isidoro Francisco Guimarães casou em 1860, em Macau, com a sua filha Genoveva de Almeida Loureiro (1827-1888).

<sup>18</sup> Inglaterra, França, EUA e Rússia.

<sup>19</sup> A China assinou tratados com Inglaterra (1842), EUA e França (1844), Reino Unido da Suécia e Noruega (1847), Rússia e Prússia (1861). O Sião, com a Inglaterra (1855, revendo o de 1826), os EUA (1856, revendo o de 1833) e França (1856).

A Marinha portuguesa, por seu lado, encontrava-se, nos meados da década de 1850, no auge do declínio em que a tinham mergulhado os sucessivos abalos que marcaram a vida do País desde o princípio do século. As invasões francesas, a independência do Brasil, as Guerras Liberais, a persistente instabilidade político-militar, que conduziu a nova guerra civil – a Maria da Fonte, tudo acompanhado pela fragilidade do tesouro público, debilitaram a Armada Real em navios e gentes. A tutela inglesa, vigente desde a primeira década do século, traduziu-se também na menorização da Marinha, assim atraindo as águas de interesse português para o seu cuidado e proveito. Só com a “Regeração” a Armada Real iniciou a sua recuperação.

Até aos finais do séc. XVIII Macau não contava, por regra, com a presença prolongada de navios da Marinha, se bem que fosse escalado, em diversas ocasiões e por diferentes razões mas sem carácter periódico, por fragatas idas de Goa. A viagem mais regular entre Goa e o Estabelecimento, quando as ameaças assim aconselhavam e os meios o permitiam (o “*Navio de Macau*”) beneficiava da escolta, normalmente à chegada à Índia, de navios em estação em Goa ou de navios estrangeiros pagos para o efeito. Os navios privados eram algumas vezes armados com artilharia de pequeno ou médio calibre destinada à sua própria protecção.

Durante as Guerras Napoleónicas, perante as intromissões inglesas, que desagradavam ao governador, à elite local e ao vice-rei chinês, e por iniciativa do Senado, com o incentivo dos mandarins de Cantão foram, a partir de 1807, mandados armar ou construir localmente alguns navios. O Estabelecimento passou assim a dispor de uma pequena força naval que, em 1809, contava com 1 brigue e 5 navios mercantes armados, num total de quase 130 peças de artilharia.

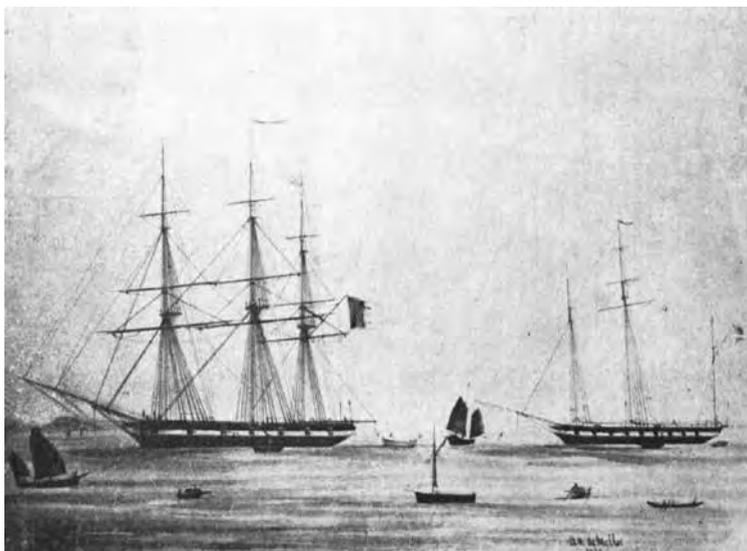
No entanto, só na década de 1840 passaram a estacionar em Macau com alguma regularidade, navios destacados do reino. No entanto, a presença de navios da Armada em estação, com carácter de continuidade, apenas se verificou a partir da década de 1870. Os primeiros que permaneceram mais do que um ano no Estabelecimento<sup>20</sup> foram para lá enviados em razão de desenvolvimentos políticos locais ou regionais que representavam uma ameaça próxima aos interesses de Macau, como foram os relativos à I Guerra do Ópio e ao assassinato do governador Ferreira do Amaral (1849).

Em termos geopolíticos Portugal era, na época, um país periférico. Com reduzida dimensão geográfica e demográfica, com Marinha e Exército dilacerados pelos acontecimentos da primeira metade do século, e tendo passado ao largo das transformações económicas e sociais da Revolução Industrial, Portugal era um actor secundário na política europeia.

Quanto ao Extremo-Oriente, distinguindo-se das grandes potências pela sua primazia no relacionamento com os três impérios orientais, era incapaz agora de competir no mesmo plano. Convinha pois a Portugal alinhar-se com a estratégia ocidental, para reafirmar a sua presença no Oriente através de Macau e reforçar a individualidade do Estabelecimento.

<sup>20</sup> Brigue *Tejo* (1843-1845), corveta *D. João I* (1850-1851 e 1859-1862), corveta *Iris* (1850-1851) e brigue *Mondego* (1855-1858).

Com este propósito o governador de Macau recebeu, em Novembro de 1858, plenos poderes do governo de Lisboa para negociar e assinar um tratado com o Japão. Tendo, por razões da dignidade da função de que ia investido, que se apresentar em Edo a bordo de um navio da Marinha, fê-lo a bordo do que se encontrava em Macau, a corveta *D. João I*. Construída em Damão em 1828, tinha 45 metros de comprimento e propulsão à vela. Quando foi chamada para a missão ao Japão, tinha já trinta e dois anos de idade<sup>21</sup>, uma guarnição de 140 homens, e armava com 12 peças cujo tipo, na altura, é incerto, mas entre as quais se deviam contar peças bronze de calibre 18 e caronadas em ferro de 32. O seu costado tinha uma alcaxa<sup>22</sup> branca, pelo que dificilmente remetia para o temido imaginário do “*barco negro*” quinhentista.



Corveta *D. João I* (1828-1874) num desenho do barão do Cercal  
(à direita, a lorcha *Amazona*)

Comandava a *D. João I* o capitão-de-fragata Feliciano António Marques Pereira.

Filho de um oficial da Armada Real, nasceu em 1803 e assentou praça aos 18 anos. Fez comissões a bordo, primeiro na Marinha de D. Miguel passando, em 1833, ao serviço dos liberais. Em 1859 assumiu o comando da corveta *D. João I*, recebendo ordens para seguir para Macau. A bordo, como passageiro, ia o seu filho António Feliciano, que haveria de inscrever o seu nome na memória histórica de Macau: secretário da missão que assinou o (malogrado) tratado luso-chinês de 1862, titular de cargos públicos, fundador e redactor da 1ª série do *Tá-Ssi-Yang-Kuo* (“*Grande Reino do Mar do Oeste*”), que se publicou em Macau entre 1864 e 1866, defensor da sua identidade e autonomia, mais tarde

<sup>21</sup> Acabou abatida em Luanda, em 1874, com cinquenta e seis anos de serviço.

<sup>22</sup> No contexto, a cinta pintada de branco na altura de cada bateria, apenas uma no caso da *D. João I*.

cônsul de Portugal no Sião e nos Estabelecimentos dos Estreitos. Feliciano António era maçom, tal como Isidoro Francisco Guimarães<sup>23</sup>.

A corveta chegou a Macau em Março de 1860 e, dois meses depois largou para Shanghai com a missão de, a partir dali, transportar o plenipotenciário e apoiar a embaixada que ia ao Japão assinar o tratado. Desta viagem, para além da correspondência diplomática, ficaram-nos três relatos: um do segundo-tenente Gregório José Ribeiro<sup>24</sup>, secretário da missão e dois do comandante do navio: o relatório oficial dirigido ao ministro, e o relato que intitulou *Viagem da corveta Dom João I á capital do Japão*, publicados em 1863 num mesmo volume<sup>25</sup>.

Um misto de relatório e de livro de viagens, o texto de Marques Pereira é primeiro relato português sobre o Japão no período da sua reabertura ao exterior, combinando a descrição da viagem da *D. João I* e das diligências diplomáticas, com as impressões geográficas, políticas, sociais e dos costumes locais.



Capitão-tenente Feliciano António Marques Pereira (1839-1881)

As primeiras linhas do texto são dedicadas ao seu navio, uma passagem que combina um certo romantismo com a apelação à revolução tecnológica que então decorria:

*[...] De todas as machinas ou invenções humanas, aquella que mais se assimilha a um ente animal, é sem duvida o navio de alto bordo; animal que anda e vôa através dos oceanos; que tendo o cerebro n'aquelle que o dirige e os nervos nos outros tripulantes, move-se em todo o sentido e para as partes onde o quer conduzir o seu livre arbitrio; e, ainda melhor que o camello atravessando os desertos, leva no seu ventre os alimentos*

<sup>23</sup> Foi iniciado entre 1838 e 1842 na Grande Loja Provincial do Grande Oriente Irlandês, com o nome simbólico de “Sólon”. António Ventura, *A Marinha de Guerra Portuguesa e a Maçonaria*, Lisboa, Editorial Vega, 2013, pp. 115-116.

<sup>24</sup> Biblioteca do CCCM, microfilme.

<sup>25</sup> Feliciano António Marques Pereira, *Viagem [...]*, 1863.

*que vae ruminando por largo tempo surcando os mares [...] considerada como um navio de guerra do seu genero ao par das construcções contemporaneas de Inglaterra e França; [...] com o rapido e progressivo movimento que têm tido as construcções navaes [...] a referida corveta não pôde hoje ser considerada senão como um navio antigo, participando em todos os defeitos a elles innerentes [...] E em 1860, todos sabem que marinha ou navios de guerra movidos sómente por meio de vélas, de construcção moderna que fossem, era já um perfeito anachronismo [...]*

A D. João I fundeu em Edo em 12 de Julho e Feliciano Marques Pereira descreveu assim a quinzena que decorreu até à assinatura do tratado:

*“[...] S. ex<sup>a</sup> o ministro plenipotenciário desembarcou n’esse dia e foi habitar junto com mr. Alcock, ministro inglês ali residente<sup>26</sup>. As favoraveis disposições em que se achava o governo do Japão a respeito do tratado com Portugal e as activas diligencias do sr. Ministro Guimarães, fizeram com que corressem com brevidade as conferencias para o mesmo trato, o qual no dia 3 de Agosto foi assignado solememente, a cujo acto assisti com os meus officiaes fazendo corpo com a embaixada, o que já tinha feito na audiencia de apresentação das credenciaes, e que igualmente pratiquei no dia seguinte, 4 de agosto, á entrega da carta de Sua Majestade, desembarcando tambem para este ultimo acto uma guarda de honra de sessenta bayonetas que acompanhou a mesma carta. Em todas estas occasiões tive sempre a honra de ser considerado como a segunda pessoa da embaixada. [...]”*

O tratado contemplou a abertura ao comércio de cinco portos, a extra-territorialidade para os súbditos de ambos os reinos, a livre prática da religião pelos portugueses e a concessão do estatuto de nação mais favorecida.

Mais do que procurar recuperar as antigas riquezas da carreira do Japão, o acordo inscrevia-se nos benefícios que adviriam para Portugal e para Macau no plano da sua afirmação no novo quadro estratégico do Extremo-Oriente. Era também uma questão de honra, ligada ao facto de ter sido Portugal a primeira nação ocidental a relacionar-se com o Japão. Tratou-se, finalmente, do aproveitamento de uma conjuntura que era desfavorável ao Japão, mas propícia a que um pequeno poder como Portugal se collocasse, no plano diplomático, num patamar próximo das nações mais fortes.

<sup>26</sup> Trata-se de Rutherford Alcock (1809-1897). Formou-se como cirurgião e, nesta condição, serviu em Portugal numa brigada de fuzileiros que apoiou a causa liberal entre 1832 e 1834, tendo sido condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada. Depois de uma passagem na guerra em Espanha, abandonou o serviço militar em 1837. Optou pelo serviço diplomático, servindo no Extremo-Oriente entre 1844 e 1869. Foi o primeiro cônsul inglês no Japão, nomeado em 1858, logo depois nomeado ministro no mesmo posto. A amizade entre Alcock e Guimarães deve ter sido forjada com o serviço de ambos na China, não sendo de excluir que possam ter-se cruzado em Portugal durante a Guerra Civil.

A vida a bordo da *D. João I* durante a sua estada em Edo ficou marcada pelos contactos com os pequenos mercadores que, com a presença atenta das autoridades japonesas, exerciam o seu mester a bordo do navio português:

*“[...] Todos os dias às 9 da manhã vinham atracar com a corveta muitos barcos japonezes, carregados de refrescos; outros traziam preciosos charões, porcelanas e outras raridades do Japão para vender; e em razão das poucas comunicações que havia com a terra, consentimos que a bordo se estabelecesse um vistoso bazar, que ordinariamente durava só até ao meio dia, hora em que os vendedores se retiravam para terra, sempre acompanhados, na ida e na volta, por officiaes de policia e espiões do governo, acompanhamento ordinario de todo o funcionario publico do Japão [...]”*

O comandante Marques Pereira dedicou também dois capítulos da sua obra a uma recensão histórica do Japão, da sua estrutura política e do estado do seu comércio, indústria e navegação. A sua impressão sobre a população local é largamente favorável:

*“[...] Em geral o povo do Japão é docil, e parece disposto ao trato com os estrangeiros [...] não é cioso das mulheres, as quaes entre o mesmo povo gosam de uma plena liberdade [...] não sendo o pudor qualidade ou virtude que lhe mereça consideração, pois não é raro que appareçam á porta de suas casas com o mesmo vestuario que tinha a nossa mãe Eva quando appareceu pela primeira vez ao pae Adão [...]”<sup>27</sup>*

A terminar, quanto ao lugar que sentiu que os portugueses preenchiam na memória colectiva dos japoneses registou ainda:

*“[...] Paguemos ao findar este capitulo o divido tributo á gratidão e á verdade, declarando que encontrámos nos grandes e no povo do Japão verdadeiros signaes e provas de simpathia por nós os portuguezes; talvez resultado de reminiscencias historicas [...]”*

Cumprida a missão que representou o regresso dos portugueses ao Japão depois de 220 anos de ausência, a *D. João I* regressou a Macau.

O capitão-de-fragata Feliciano António Marques Pereira manteve-se no comando da *D. João I* até 19 de Novembro de 1861. Nesta última data, quando estava com o navio em Shanghai, em escala para o Japão onde se iria proceder à ratificação do tratado viu-se obrigado, por razões de saúde, a entregar o comando da corveta ao seu Imediato e a regressar a Macau.

A corveta, maltratada pela invernia no mar do Japão, foi forçada a interromper a viagem ao Japão, regressando a Macau, onde aportou no dia 26 de Dezembro de 1861. Entretanto a saúde do comandante Marques Pereira tinha melhorado. Retomou o comando e recebeu instruções para regressar ao reino<sup>28</sup>, partindo de Macau em 19 de

<sup>27</sup> Feliciano António Marques Pereira, *Viagem [...]*, p. 42.

<sup>28</sup> Id., *ibid.*, p. 209.

Fevereiro. As suas ordens incluíam uma passagem por Timor para apoiar o governador no combate a uma rebelião mas, quando em 13 de Março chegou à ilha “[...] *Os regulos insurgidos já havia muito tempo que tinham sido domados [...]*”<sup>29</sup>. Prosseguiu então a viagem para Lisboa, passando por Moçâmedes, Benguela e Luanda, de acordo com as ordens que levava.

A *D. João I* entrou a barra de Lisboa no dia 22 de Setembro de 1962, data em que o comandante Feliciano Marques Pereira entregou seu relatório de comissão ao ministro. Encerrava o seu texto com uma apreciação ao navio e à guarnição, que podemos considerar como uma boa representação do que era a Armada Real dos meados do séc. XIX antes de, em finais da década de 1860, começarem a ser aplicadas as reformas da Esquadra e de reorganização da Marinha:

*[...] Resta-me dizer a v. ex<sup>a</sup> alguma cousa a respeito d’este navio e da sua guarnição. Navios de guerra sem terem ao menos uma machina auxiliar de vapor é hoje cousa completamente estranha [...] esta corveta passou pois todos os inconvenientes do velho systema, e foi talvez por isso que o sr. Governador de Macau a despediu da estação sem ser substituida; todavia [...] é um navio que serve há mais de trinta annos o paiz, e que no fim de uma campanha de tres annos não faz uma pollegada de agua. Quanto A guarnição, se exceptuarmos os officiaes que cumpriram sempre com as suas obrigações [...] a marinagem porem era, e ainda hoje é, muito inferior e desigual; a terça parte pelo menos era inutil, por ser composta de creanças mal conformadas ou de homens já avançados em idade e não creados na vida maritima [...]*”

Em 30 de Julho de 1863 foi nomeado para o comando da nau *Vasco da Gama* que, fundeada no mar da Palha, albergava a recém-criada Escola de Artilharia Naval. Nesse mesmo ano a Imprensa Nacional deu à estampa o seu relato da viagem ao Japão. O comandante Marques Pereira morreu em 12 de Junho de 1864, quando comandava a que foi a última nau da Armada Real.

Em síntese, a Marinha, por intermédio de dois dos seus oficiais e do navio então em comissão em Macau desempenhou um papel instrumental de relevo na assinatura do tratado luso-nipónico de 1860. Sem dispor dos recursos das potências que davam corpo a uma nova ordem no Extremo-Oriente, a ordem dos “*tratados desiguais*” (na formulação feliz de Nuno Santiago Magalhães<sup>30</sup>) Portugal, através de Macau e da sua Marinha, não procurou o inalcançável objectivo de se igualar aos grandes poderes. Logrou sim, navegando a favor dos ventos que então sopravam no Extremo-Oriente, dar um novo impulso para a sobrevivência da identidade própria de Macau na complexa dinâmica regional então em desenvolvimento.

<sup>29</sup> Id., *ibid.*, p.218.

<sup>30</sup> Nuno Santiago Magalhães, *Portugal e o Extremo-Oriente 1859-1862. Realismo Ofensivo e a Ordem dos Tratados Desiguais*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à FCSH/ UNL, Lisboa, 2005 (não publicado), pp. 150-157.

## Fontes

*Collecção Official da Legislação Portuguesa redigida por José Máximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos, do Conselho de Sua Magestade e Juiz da Relação de Lisboa, Anno de 1861, Suplemento*, Imprensa Nacional, Lisboa 1862.

*Livro Mestre do Corpo da Armada Real nº 1 e nº 3*, Arquivo Histórico de Marinha.

*Documentação Avulsa*, Cx. 728, 788 e 832, Arquivo Histórico de Marinha.

HAWKES, Francis L. (Compilador), *Commodore Perry and the Opening of Japan. Narrative of the Expedition of an American Squadron to the China Seas and Japan, 1852-1854. The Official Report of the Expedition to Japan*, Gloucestershire, Nonsuch Publishing, 2005 [1ª edição: 1856].

*Inquérito Acerca das Repartições de Marinha ou os Trabalhos da Comissão Nomeada pela Câmara dos Senhores Deputados para Examinar o Estado das Diversas Repartições de Marinha*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1856.

PEREIRA, Feliciano António Marques, *Viagem da Corveta D. João I á Capital do Japão no anno de 1860*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1863.

RIBEIRO, Gregório José, *Relatório*, Macau, 26 de Setembro de 1860, Centro Científico e Cultural de Macau (microfilme).

## Bibliografia Principal

ALVES, Jorge Santos e SALDANHA, António Vasconcelos de (Coordenação), *Governadores de Macau*, Lisboa, Livros do Oriente, 2013.

BARRETO, Luís Filipe, *Macau: Poder e Saber – séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006.

BEASLEY, William G., *Great Britain and the Opening of Japan 1834-1868*, Londres, Luzac and Co., 1951.

CORTAZZI, Sir Hugh, *The Revision of Japan's Early Commercial Treaties*, "The First Treaties with Japan, 1853-68", Discussion Paper no. IS/99/377, The Suntory Centre, London School of Economics and Political Science, Novembro 199, pp. 1-12.

DIAS, Alfredo Gomes, "Macau, Portugal e o Japão no século XIX. O tratado de 1860", Macau, *Revista de Cultura* nº 30 – IIIª série – 2º trimestre de 2009, pp. 104-119.

ESPARTEIRO, António Marques, *Três Séculos no Mar (1640-1910). V Parte – Bergantins e Brigues. 2º Volume*, Lisboa, Ministério da Marinha, 1986, pp. 103-104.

FORJAZ, Jorge e NORONHA, José Francisco de, *Os Luso-Descendentes da Índia Portuguesa*, 3 vols., Vol. II, Lisboa, Fundação Oriente, 2003.

BOXER, C. R., *O Império Marítimo Português 1415-1825*, Lisboa, Edições 70, 2001.

MAGALHÃES, Nuno Santiago, *Portugal e o Extremo-Oriente 1859-1862. Realismo Ofensivo e a Ordem dos Tratados Desiguais*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à FCSH/ UNL, Lisboa, 2005 (não publicado).

MARQUES, A. H. de Oliveira Marques, *História da Maçonaria em Portugal. Política e Maçonaria 1820-1869 (1ª parte)*, Vol. II, Lisboa Editorial Presença, 1996.

SILVA, Maria Teresa Lopes da, *Transição de Macau para a Modernidade – 1841-1853. Ferreira do Amaral e a Construção da Soberania Portuguesa*, Lisboa, Fundação Oriente, 2002.

STUART, Charles B., *The Naval and Mail Steamers of the United States 1814-1881*, Nova Iorque, Irving House, 1853.

TEIXEIRA, Manuel, “Macau visto pelo Comodoro Perry em 1854”, *Revista de Cultura* nº 7 e 8 – Outubro a Março 1988-1989, Macau, 1989, pp. 17-28.

Id., *Galeria de Macaenses Ilustres do século XIX*, Macau, Imprensa Nacional, 1942.

[www.history.navy.mil/bios/perry\\_mc.htm](http://www.history.navy.mil/bios/perry_mc.htm) (consultado em 10 de Agosto de 2013).

VENTURA, António, *A Marinha de Guerra Portuguesa e a Maçonaria*, Lisboa, Editorial Vega, 2013.

ZÛQUETE, Afonso Eduardo Martins “Visconde da Praia Grande de Macau”, (direcção, coordenação e compilação), *Nobreza de Portugal*, Vol. III, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961, pp. 178-179.

### **Créditos das Imagens**

Secção Fotográfica do Arquivo Histórico da Marinha e Rhoda Blumberg, *Commodore Perry in the Land of the Shogun*, Lothrop, Lee & Shepard, New York, 1985.

## MACAU E A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

António José Chrystêllo Tavares<sup>1</sup>

Em Abril de 1908, consequência de um certo desconforto em que assentavam as relações bilaterais entre Lisboa e Pequim, as autoridades sínicas estabeleceram postos militares nas ilhas da Lapa e da Montanha, vizinhas da Cidade do Santo Nome de Deus, a que se seguiram diversos incidentes, principalmente com lorchas, juncos e tancares, nas tranquilas e ainda azulinas águas do Porto Interior.

A conferência de limites há muito prevista, para delimitar o espaço sujeito à Coroa, não mostrava quaisquer sinais de avançar e Lisboa, sob proposta britânica, que a todo o transe procurava valorizar a sua presença na vizinha Hong Kong, em detrimento da ancestralidade lusa na região, desistiu de instar na retirada das forças chinesas acantonadas nessas duas ilhas. No entanto, o executivo do almirante Francisco Ferreira do Amaral, tendo o almirante Augusto de Castilho na pasta da Marinha e Ultramar, e Wenceslau de Lima nos Negócios Estrangeiros, exigia que se encontrasse uma solução, cujo desfecho não pusesse em causa os direitos históricos lusos na margem direita do rio das Pérolas, para Macau.

Em Janeiro de 1909, sendo chefe do Executivo Artur de Campos Henriques, um magistrado que abraçara a política e procurava, não obstante regenerador, presidir a um executivo suprapartidário, tendente a serenar os ânimos saídos das eleições municipais de 1 de Novembro, os dois países chegaram a um acordo em quatro pontos. Por este ajuste Pequim retiraria os postos militares alçados nas ínsulas da Taipa e da Montanha mas não abdicaria da soberania que, sobre as mesmas, afirmava ter. Em face do mesmo pressuposto, seria criada uma comissão de delimitação, de imediato, que se debruçaria, mais do que sobre o traçado das Portas do Cerco, fronteira oficial luso-chinesa, sobre o rendilhado das águas territoriais.

As conferências de Hong Kong, como então se designaram as reuniões bilaterais, iniciadas em Julho de 1909, prolongadas por quatro infrutíferos meses, pouco espaço de manobra deixaram antever. Portugal não podia arvorar quaisquer direitos sobre as águas de Macau e ilhas adjacentes, segundo os plenipotenciários chineses, posição que contrariava em absoluto as pretensões lusas, pelo que o processo negocial entrou num impasse.

---

<sup>1</sup>Doutor em História Institucional e Política Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em Estudos Africanos pela Universidade Técnica de Lisboa, mestre em Relações Internacionais pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em Guerra de Informação pela Academia Militar, pós-graduado em Estudos Estratégicos e de Segurança pela Universidade Nova de Lisboa, pós-graduado em Direito de Defesa Nacional pela Universidade de Lisboa, pós-graduado em China Moderna (Estudos Chineses Modernos) pela Universidade Técnica de Lisboa, licenciado em História pela Universidade Lusíada, auditor de Defesa Nacional, diplomata (cônsul-geral designado na Beira, Moçambique).

Se para Lisboa o espaço vital macaense era imprescindível para que o território pudesse manter-se subordinado à Coroa, não obstante existissem excepções passíveis de permitir a pequenos espaços conservarem o vínculo à herança ultramarina, como o forte de São João Baptista de Ajudá ou a praça de Diu, para Pequim, que fora profundamente ofendida na questão de Hong Kong, tal concessão revelava-se tão injuriosa quanto provocadora.

Com a implantação da República as negociações luso-chinesas foram interrompidas, para gáudio de ambas as partes, não obstante em 1911 governo, que procurava a todo o transe salvar os territórios de Além-Mar da cobiça externa, tivesse procedido à nomeação de uma novel comissão de limites. Contudo, a mesma nunca chegou a funcionar, mercê de uma série de obstáculos, alguns fortuitos, outros provocados, e, apenas em 1919, transcorrido um octénio, na Conferência de Versalhes, o diálogo bilateral pôde ser retomado.

Vejam os acontecimentos ocorridos no território aquando da implantação da República e no período que se lhe seguiu: a 6 de Outubro de 1910 foi expedido para Macau um telegrama que noticiava a alteração de regime em Portugal. O território, o segundo mais pequeno da Nação (como referia o artigo 1º da Constituição de 24 de Abril de 1838), tinha 70 000 chins, segundo a revista *“Ilustração Portuguesa”*, e algumas centenas de metropolitanos (na sua grande parte comissionados). Dois dias volvidos, a 8, um Boletim Oficial da província, ainda monárquico na forma e no conteúdo, ignorava a queda da Casa de Bragança e a assunção, por contraposição, do novel regime.

Apenas a 11, num Suplemento ao referido Boletim, já de cariz republicano, dava conta da queda dos dinastas brigantinos (um outro Suplemento, datado do dia anterior, que dava conta da implantação da República, com o concurso do Exército, Marinha e povo, fora distribuído também a 11). Nesse mesmo Suplemento notificavam-se as instituições e as autoridades que, por estilo ou dever, tinham que concorrer ao cerimonial que, no Leal Senado, consagrava a República: Conselho do Governo e da Província, Leal Senado, Corpo Consular, Oficialidade da Estação Naval, Oficialidade dos corpos da guarnição, Funcionalismo militar, civil e eclesiástico. Da mesma forma, dava-se conhecimento que a bandeira nacional passaria a ser *“encarnada e verde com trabalha encarnada”*.

Se a notícia chegou a Macau no dia seguinte à declaração proferida por José Relvas no edifício dos Paços do Concelho, onde se assinou o auto da Proclamação da República, por que motivo apenas a 11 se tornou público oficialmente, sendo sabido que a distribuição do Suplemento teve lugar ao longo do dia e, como tal, muitas pessoas foram apanhadas de surpresa?

A explicação que alguns historiadores dão e que se afigura mais correcta, não obstante as interpretações sejam múltiplas, refere-se ao facto de que informes avulsos, contraditórios, iam chegando ao território, mormente a partir da vizinha Hong Kong. A verdade de um dia poderia ser a mentira de outro dia e o governador, monárquico convicto, mantinha a secreta esperança de que o país rural, intimamente ligado à Casa de Bragança, ao contrário dos centros urbanos, profundamente republicanos, soubesse reagir em tempo e, assim, devolver à pátria o jovem monarca nascido sob o signo do infausto.

Nesse dia 11 de Outubro, pelas 12 horas, quatro da madrugada em Lisboa, realizou-se o acto protocolar que, naquela ínsula lusitana em chá sínica, assinalou a implantação a República. Uma guarda de honra, constituída por uma força da Companhia do Corpo de Polícia, comandada pelo capitão Neves, com banda de música que executou “*A Portuguesa*”, segundo o semanário local “*A Verdade*”, saudou o governador e abrilhantou uma cerimónia que não teve grande adesão popular.

Uma pergunta ainda sem resposta definitiva, não obstante circulem algumas hipóteses sobre o assunto, refere-se à forma como, num curtíssimo compasso de tempo, o hino de Henrique Lopes de Mendonça e Alfredo Keil veio substituir aquele que fora escrito e composto por D. Pedro IV (e que vigorara entre Maio de 1834 e a queda da Monarquia). Além do mais, não teria havido tempo para o ensaiar, facto pela banda ser dura de ouvido e de possuir limitados, para não referir escassíssimos, conhecimentos musicais. Estando “*A Portuguesa*” proibida pelo regime monárquico, tanto mais que identificava o pronunciamiento portuense de 31 de Janeiro de 1891, certamente terá viajado para Macau nos pertences de um qualquer marinheiro ou soldado. É bem provável que alguns de entre estes já a cantassem ou assobiassem, contando para isso com a cumplicidade de uma oficialidade predominantemente hostil aos dinastas brigantinos, na amurada dos vasos de guerra fundeados no território ou nas paradas dos aquartelamentos.

O “*Auto da Proclamação da República*”, elaborado pelo escrivão do Leal Senado, Patrício José da Luz, assinado por 44 individualidades, fechou um ciclo nos anais macaenses. De entre os subscritores do documento destacaram-se o governador, capitão de Engenharia com o curso do Estado-Maior Eduardo Augusto Marques (que viria a ser alçado ao generalato, com o Estado Novo, e nomeado ministro das Colónias e presidente da Câmara Corporativa), os futuros governadores interinos, Dr. João Marques Vidal e segundo-tenente Álvaro Cardoso de Melo Machado, para além de Camilo Pessanha, expoente máximo do simbolismo (que só publicaria a sua “*Clepsidra*”, por pressão de João de Castro Osório, transcorrida uma década).

Curiosamente, a primeira bandeira republicana, numa versão tosca, foi hasteada na Praça Tap Seac, Torre de Pedra em cantonense, a 15 de Outubro. Uma outra, já enquadrada nos cânones legais, seria desfraldada, ainda que de forma algo modesta, a 10 de Dezembro (a controvérsia surgida em redor deste símbolo nacional seria oficialmente dada por extinta a 19 de Junho de 1911, data em que a Assembleia Constituinte definiu, sem que o Estado Novo achasse, mais tarde, por útil e necessário proceder a qualquer alteração, os termos simbólicos de ornamentação).

Dois jornais de pendor republicano, “*A Verdade*” e a “*Vida Nova*”, que o governador Eduardo Marques tentou em vão encerrar, dirigidos respectivamente por Constâncio José da Silva e Luís Nolasco da Silva, atacavam fortemente a instituição monárquica, a 13 e a 16 desse mês de Outubro, ainda que pudessem condicionar as suas investidas à sorte da Família Real, à cobiça estrangeira face ao Ultramar (que não apenas às provinciais orientais) e, ainda, ao anticlericalismo medrançoso.

As artérias com nomes ligados ao regime monárquico receberam novas designações. Assim, a Rua Nova d'El Rei, coração do bairro china, passou a Rua 5 de Outubro (Si Mang Kai, Rua do Simão, em cantonense), e uma outra via, a mais comprida da cidade, recentemente concluída e sem nome oficial, a Avenida da República. A província procurava adaptar-se aos novos ventos e não destoar, no concerto dos demais territórios ultramarinos nacionais, face às mudanças revolucionárias. No entanto, no contexto das oito entidades de Além-Mar, Macau não terá sido das mais exuberantes. Efectivamente, não tivesse sido a dúplice perseguição movida ao governador, nomeado por vontade de D. Manuel II, e ao prelado diocesano, D. João Paulino de Azevedo e Castro, e a mudança de regime ter-se-ia circunscrito mais à mudança de bandeira e subtracção da coroa realenga do património histórico que a qualquer outro factor.

Face ao relativo alheamento da população no que concerne ao novo regime, o governo viu-se obrigado a tomar uma medida que agradou àquela. Com efeito, dando seguimento a uma velha reivindicação local, que sempre esbarrara nas finanças públicas, o executivo central fixou o câmbio da pataca em 450 réis. Registe-se que a moeda local entrara em circulação em 27 de Janeiro de 1906, por decisão oficial, pondo termo ao uso de numerário estrangeiro, mormente o que circulava em Cantão e, também, os dólares mexicanos, de Hong Kong e dos Estabelecimentos (britânicos) dos Estreitos (Malaca, Penangue, Dindingue, Singapura e, desde 1907, também Labuá).

Um telegrama de 29 de Novembro determinava que o governador Eduardo Marques, alvo das invectivas republicanas, não obstante já tivesse solicitado a sua exoneração, entregasse a governança interinamente ao juiz da comarca, Dr. João Marques Vidal. Entretanto, forças do Exército e da Marinha marcharam para a sede governamental e, ali, exigiram a Eduardo Marques que desse cumprimento imediato aos Decretos emanados de Lisboa.

Marques Vidal, porém, estava longe de querer o poder e, a 10 de Dezembro, já depois de ter manifestado as suas inclinações monárquicas ao director do jornal "*A Verdade*", Constâncio José da Silva, viu serem publicados em folha oficial os Decretos da sua destituição (da governação e, malgrado a República arvorasse valores democráticos, por contraposição com os ditatoriais que reflectiam, na sua opinião, os que eram apanágio da Monarquia, também da magistratura), e da nomeação, ainda a título interino, do seu sucessor: o segundo-tenente Álvaro Melo Machado (filho de um antigo governador do Estado da Índia e de Moçambique, general Joaquim José Machado).

Da mesma maneira que perseguiu quantos defendiam a instituição real, demitindo-os dos seus cargos e, em muitos casos, exonerando-os do serviço público, a República protegeu aqueles que a secundaram desde o primeiro momento. Compreender-se-á que Macau não tenha sido, assim, um caso isolado na administração superior de Além-Mar. Com efeito, em Cabo Verde o governo provincial foi entregue ao primeiro-tenente Artur Marinha de Campos, na Guiné ao segundo-tenente Carlos de Almeida Pereira, em São Tomé e Príncipe ao major Nicolau Reis e, de seguida, ao capitão Henrique Alberto de Oliveira, em Angola ao Dr. Francisco Couceiro da Costa, em Moçambique ao segundo-tenente José de Freitas Ribeiro, no Estado da Índia ao Dr. Francisco Couceiro da Costa,

e, em Timor ao primeiro-tenente Filomeno da Câmara de Melo Cabral. O poder régio, extremamente cerceado no século XIX, deixara aos monarcas pouco espaço para exercerem o seu magistério. Porém, um dos que mantiveram até ao fim da Monarquia consistiu, precisamente, em nomear os governadores de Além-Mar. Com a substituição dos oito administradores coloniais o governo republicano mostrava à sociedade que todo o funcionalismo de Além-Mar deveria, sob pena de ser imediatamente exonerado, prestar vassalagem ao pendão verde-rubro.

O caso dos secretários-gerais foi mais tumultuoso, em Macau, pois Melo Machado exercia já, a 5 de Outubro, ainda que interinamente, funções oficiais. A 14 o Dr. Alfredo Pinto Lelo (pai do então cadete Luís Lelo, mais tarde general e alto comando militar do Estado Novo) reassumiria tais funções mas, no mesmo dia, o ministro da Marinha e Colónias, capitão-de-mar-e-guerra Amaro de Azevedo Gomes, demiti-lo-ia e nomearia Melo Machado para o substituir. Recordemos que Melo Machado, republicano deste a mocidade, foi nomeado governador interino, em 17 de Dezembro desse mesmo ano, tendo-se conservado no cargo, à custa de hábil diplomacia, até 14 de Julho do ano seguinte. O seu magistério, votado às obras públicas, já que necessitava de veicular a mensagem de entrega à causa pública, saldou-se pela dragagem do porto, pela celebração do contrato entre o Leal Senado e Charles de Ricou para a concessão de iluminação eléctrica a Macau, pela esquematização de um museu histórico, etnográfico, fisiográfico, industrial e comercial, sob a evocação de Vasco da Gama (que só se efectivaria, consequência da burocracia, em 1926, no governo do almirante Hugo de Lacerda de Castelo Branco) e, por último, aventou a possibilidade de se alçar o traçado ferroviário entre Macau e Cantão (desejo acalentado pelos comerciantes locais que, assim, acabaram por se pôr ao lado do governador e, desta forma, caucionar a República naquela província asiática). Coube-lhe inaugurar uma estátua, nos jardins a Flora, em Abril de 1911, em honra do descobridor do caminho marítimo para a Índia. Ainda que o projecto recuasse ao reinado de D. Carlos, monarca a quem a História tarda em fazer justiça, coube-lhe colher os louros e, assim, propagandear as propriedades de um regime tido por igualitário. Da mesma forma, coube-lhe reforçar a ideia, junto do governo central, de renegociar o estatuto de Macau.

Bernardino Machado, responsável pela pasta dos Estrangeiros, sensível às palavras de Melo Machado, nomeou, a 3 de Abril de 1911, uma comissão destinada a estudar os interesses locais. Estes, sobejamente amplos, abarcando áreas tão diversas quanto a questão do ópio ou da nacionalidade, juntavam em redor de uma mesma tábola o major Alfredo Freire de Andrade, que fora governador de Moçambique entre 1906 e 1910 (e que participaria na Conferência de Paz de Versalhes, em 1919, tornando-se, em 1929, o delegado português na primeira assembleia da então criada Sociedade das Nações), o comandante Ernesto de Vasconcelos, presidente da Sociedade de Geografia, o capitão Eduardo Augusto Marques, antigo governador de Macau, e o major Aníbal Sanches de Miranda, futuro governador macaense.

Com efeito, a Melo Machado, detentor de inatas qualidades de chefia, empreendedorismo e gestão, sucederia Sanches de Miranda, antigo companheiro de armas de

Joaquim Mouzinho nas campanhas de pacificação de 1895-1897, em Moçambique. Este oficial deu corpo, por sua vez, a algo até então impensável. Feito daquela fibra dos heróis de Chaimite, para quem a Pátria valia mais do que a vida, deu sentido a um projecto antigo que pretendia ligar a Praia Grande, onde aferravam os cruzadores nacionais, e a Praia Pequena, ou Porto Interior, onde fundeava toda a sorte de embarcações: juncos, tancares, lorchas e ferries que faziam a carreira de Hong Kong, Cantão e demais cidades do delta do rio das Pérolas. Esta decisão audaciosa, que poderia ter degenerado em confrontações violentas, ignorou por completo o bazar chinês e, sobre ele, começou a rasgar, em 1913, a avenida que porta o nome do ministro das Colónias que sancionou a verba para a expropriação dos imóveis a serem destruídos. Os chins ignoraram tal nome, porém, e baptizaram a artéria, ainda hoje uma das mais dinâmicas de Macau, com o singular nome de San Má Lou, ou seja, Rua Nova dos Cavalos ou Caminho Novo para os Cavalos.

A Constituição de 21 de Agosto de 1911 (duas semanas antes, a 5 de Julho, falecera no castelo piemontês de Stupinigi, situado a cerca de dez quilómetros de Turim, a rainha D. Maria Pia, viúva de D. Luís), no seu artigo 2º estabelecia que a Nação não renunciava aos direitos que tinha ou que poderia vir a ter sobre qualquer outro território. Ou seja, Macau, com as vizinhas ilhas de Taipa e de Coloane, na Ásia Oriental, integrava o território nacional em mesmo pé de igualdade com a Madeira, Açores, Guiné ou Timor. Ainda que não o fosse, ou pudesse ser, pois a mentalidade do tempo não permitia acalentar outros desideratos, Portugal esboçava uma comunidade multiétnica espalhada muito para além da sua chá fundadora. Ou seja, dava corpo a um projecto que, sob uma mesma bandeira, englobava cidadãos de diferentes etnias, religiões e mundovisões.

O espaço de Além-Mar, indissociável do metropolitano e insular, constituía um ponto de honra para os republicanos que tanto insultaram os dinastas brigantinos por, segundo referiam, se terem vergado aos interesses britânicos e, assim, ofendido os legítimos direitos lusos ao espaço compreendido entre Angola e Moçambique (não obstante o major Alexandre de Serpa Pinto ter hasteado o pendão azul e branco apenas no Chire e no regulado dos macololos e machonas, território hoje malauiano).

O artigo 67º da mesma Constituição previa o regime de descentralização ultramarina, facto que, no caso de Macau, apenas teve efeitos a 5 de Novembro de 1917. Ostensivamente anticlerical, herança oitocentista de tão nefastas consequências a todos os níveis, responsável não apenas pela delapidação de um vasto património arquitectónico como, também, cultural, o novel regime publicou um diploma, logo a 8 de Outubro de 1910, através do qual decretou a expulsão das ordens religiosas do Portugal continental, insular e ultramarino (mantendo em vigor a lei pombalina, de 3 de Setembro de 1759, *“pela qual os jesuítas foram havidos por desnaturalizados e proscritos”* e *“expulsos de todo o país e seus domínios para neles mais não poderem entrar”*, a lei de 28 de Agosto de 1787, que reiterava a determinação da expulsão imediata da Companhia de Jesus, e o decreto de 28 de Maio de 1834, que extinguiu os cenóbios, colégios, hospícios e demais casas de religiosos de todas as ordens monásticas). Além-Mar tal decisão revelou-se assassina, pois cortou quer a assistência e o ensino em muitas regiões onde as antenas administrativa e

militar não chegavam quer, ainda, reduziu significativamente o espaço de actuação da missionação na área do Semi-Padroado do Oriente, com especial incidência na China e Índia (abrangendo nesta o Ceilão).

Macau, albergue de diversas congregações, que dali faziam a sua porta de entrada para o Império do Meio, tornado república a 12 de Fevereiro de 1912, aquando da forçada abdicação do último imperador, Pu Yi, viu os missionários de tão antiga presença afastarem-se. Apenas o clero secular, que por força do Semi-Padroado estendia a sua acção ao interior da China, numa extensão de cerca de quatro centenas de quilómetros, logrou permanecer no território não obstante se tivesse sentido, igualmente, hostilizado. Só a muito custo D. João Paulino de Azevedo de Castro, 19º prelado macaense, com jurisdição sobre Malaca, Singapura, Timor e Hainão, na Ásia desde 1903, que se havia refugiado em Cantão para escapar à sanha republicana, acompanhado pelo comendador António Bastos, fervoroso monárquico, logrou manter a presença religiosa no território. O golpe foi rude, na verdade, pois Macau funcionava como um centro irradiador quer para a China quer, ainda, para a península malaia (onde dispunha das paróquias isentas de São Pedro de Malaca e de São José de Singapura). A sua acção missionária era vasta e, com ela, arrastava sempre consigo traços da Portugalidade.

O governador Eduardo Marques tentou aqui, também, revogar o decreto da expulsão das ordens religiosas, mormente dos jesuítas, que tinham grande preponderância no território ao nível cultural e do diálogo com as elites macaenses de matriz confucionista. Aliás, os laços de amizade que o uniam aos inacianos, de tão profundos que eram, inviabilizavam que tomasse qualquer atitude sem que, com isso, se sentisse profundamente ferido.

Com a alteração de regime, sancionado pela força das baionetas na Metrópole e pela simples presença do uniforme Além-Mar, oficiais republicanos distribuíram entre si o comando dos efectivos locais. Uma nova força, constituída por cerca de 200 landins, soldados africanos oriundos de Moçambique, foi destacada para Macau, por períodos bienais, e tornou-se, pela disparidade étnica e porte diferenciado, emblemática da estrutura castrense naquele rincão luso (já Joaquim Mouzinho escrevera no seu livro *“Moçambique”*, datado de 1899, serem os landins as que, de entre todas as tropas de negros ao serviço de Portugal, revelavam maior instinto guerreiro). Estes, que inicialmente guardavam as Portas do Cerco e patrulhavam a cidade, chegaram a Macau nos primeiros dias de 1912, incorporados na 8ª Companhia Indígena, acompanhada de uma secção de Bateria Mista, e ali permaneceram até ao dealbar da década de 60.

As emissões filatélicas com a efigie de D. Luís e de D. Carlos circularam até Outubro de 1914, ainda que com o dístico *“República”* aposto.

Os navios surtos em águas macaenses, o cruzador *“Rainha D. Amélia”* e a lancha-canhoneira *“Macau”*, esta última envolvida no combate dos piratas que assentaram arraiais em Coloane, defenderam desde o primeiro momento a causa republicana.

O Grande Oriente de Portugal criou em Macau, em 1909, uma loja maçónica chamada *“Luís de Camões”* que mais não era, segundo os estudiosos da matéria, do que

a recuperação de uma outra estrutura, com o mesmo nome, que existira no território no início do século XIX e que fora constituída com o patrocínio da loja “*Lusitana*” (formada em Londres com o concurso de exilados que se opunham às políticas absolutistas de D. Miguel), por nacionais ali residentes. Esta loja não escondia as suas afinidades republicanas e, como tal, desde que a notícia da mudança de regime chegou ao território, pôs-se ao lado do poder emergente. Ainda que a sua influência fosse combatida pela estrutura eclesiástica, mormente os sacerdotes ligados à Companhia de Jesus, solidamente instalados no campo educacional, o arrimo dado pela legalidade institucional fazia pender a balança para as hostes republicanas. O clero diocesano, metropolitano, rural, recrutado em parte nas Beiras e nos Açores, ainda que não escondendo a sua afeição por D. Manuel II e pela Casa de Bragança, viu-se constrangido a aceitar o novo poder.

A comunidade macaense, tão orgulhosa da sua especificidade, chinesa de complexão física, portuguesa de alma, ainda que dividida entre a fidelidade ao jovem monarca e à nascente República, acatou pacificamente as instruções oriundas de Lisboa. Nunca fora factor de destabilização e não seria naquele momento que iria tomar partido por uma causa perdida. Note-se que se os líderes procuravam ostensivamente exaltar os valores republicanos, ao ponto de os deificar, os demais tomavam como sua a dor da Casa de Bragança.

A comunidade china, por seu lado, mostrava-se totalmente alheada desta contenda. Tal como sucedeu nos demais territórios de Além-Mar, em que as populações autóctones se mantiveram à margem dos diferendos surgidos na longínqua Metrópole, por não lhes interessarem directamente, ou não o compreenderem, Macau não fugiu à regra.

Da vizinha colónia de Hong Kong, ao tempo governada por Frederico Lugard – um oficial formado pelo Real Colégio Militar de Sundhurst, que se distinguira nas campanhas afegã, sudanesa e terceira guerra birmanesa, tendo sido gravemente ferido numa outra, travada junto ao lago Niassa contra escravocratas árabes –, não se verificaram quaisquer reacções hostis. A política britânica, cónscia de que a fraqueza portuguesa lhe seria vantajosa, recebeu com uma mão D. Manuel II (em Fulwell Park, Twickenham, onde sua mãe, a rainha D. Amélia, bisneta do último rei de França, Luís Filipe, nascera) e, com a outra, procurou apoiar a República. Em breve concertar-se-ia com a Alemanha para, aproveitando a debilidade de um regime que aparentava uma multiplicidade de fraquezas, dividirem entre si parte do Ultramar português. O jovem mas sagaz príncipe Carlos Max Lichnowsky fora enviado para Londres, em 1912, na qualidade de embaixador imperial, com o objectivo de negociar um acordo que sustentasse tal partilha e que só o deflagrar da I Guerra Mundial acabaria por inviabilizar.

Lugard propusera ao Império do Meio, em 1909, sem qualquer sucesso, a transferência de Weihaiwei (Porto Elisabete), na península de Chandongue, para o domínio chinês em troca dos Novos Territórios de Hong Kong (cuja cedência a Londres teve efeitos entre 1 de Julho de 1898 e 1 de Outubro de 1930). Por seu lado, Londres tentara em vão, em 1862, tornar Xangai numa cidade-Estado apartada de Pequim. Macau bem poderia, caso forças monárquicas procurassem devolver o trono a D. Manuel II, ser arras-

tado para a anarquia e, assim, permitir que o Reino Unido, insinuando-se localmente, se substituísse a Portugal (aliás, há muito que o vinha fazendo, minando para isso os alicerces da administração lusa, em relação a Goa). A Alemanha desejava Timor e se Macau surgisse disponível na linha do horizonte certamente que não demonstraria quaisquer princípios altruístas (posicionar-se junto a Hong Kong seria um trunfo digno de monta). Em suma, a instabilidade portuguesa, que seria não apenas uma constante até à assunção do Estado Novo mas, também, em tudo responsável pelo nascimento deste, com tão forte e expressivo apoio popular, serviria plenamente os interesses alheios. Não se conhecem opiniões ou tomadas de posição, por parte do futuro barão Lugard, sobre a questão macaense. Contudo, nada exclui que, em privado, pudesse ter acalentado o desiderato de oferecer a Jorge V as duas margens do rio das Pérolas.

A Sanches de Miranda sucedeu, em Junho de 1914, o capitão-tenente José Carlos da Maia, afamado por ter sido um dos operacionais do 5 de Outubro e deputado às Constituintes de 1911 (fora este oficial o responsável, então segundo-tenente, a 4 de Outubro, pelo bombardeamento, a partir dos navios *Adamastor* e *S. Raphael*, surtos no Tejo, do Palácio das Necessidades, residência oficial de D. Manuel II). A sua escolha obedeceu ao facto do governo recear que a guerra se pudesse estender ao Extremo Oriente, consequência da já tradicional hostilidade entre Moscovo e Tóquio e, assim, atingir Macau. O seu ministério saldou-se por uma melhoria das infra-estruturas e da consequente qualidade de vida da população. O desgaste motivado por três anos de intenso labor, extensivo mesmo à vizinha ilha de D. João, acabou por gerar ressentimentos e, neste contexto, determinar a sua exoneração em Junho de 1917.

A Cidade do Santo Nome de Deus logrou manter uma tranquilidade, em todo este compasso de tempo, que Lisboa esteve longe de conhecer. Efectivamente, se na capital portuguesa o clima de medo e de ódio eram uma constante, resvalando a economia para um patamar nunca imaginado, em Macau a tranquilidade imperava e o saldo financeiro era positivo. Foi esse espírito de concórdia e de harmonia que lhe permitiu continuar a acolher-se, até 20 de Dezembro de 1999, sob o brasão das Quinas. A divisa que lhe foi concedida em 1654 por D. João IV, *o Restaurador*, como recompensa pela lealdade da população da cidade a Portugal, no decurso da ocupação filipina, já que durante as seis décadas da monarquia dual nunca hasteou a bandeira de Espanha, fez jus ao pundonor ancestral. Da vasta Armada recebida como herança dos avoengos, cujo sangue adubou século após século o solo de Além-Mar, a nave macaense foi, como no-la recorda o verso intemporal do saudoso bardo António Manuel Couto Viana, a derradeira a afundar-se.



## CONTRA-ALMIRANTE ALFREDO MOTTA: MEMÓRIAS DE UM MARINHEIRO EM MACAU (1926-28 e 1937-38)

Manuel de Melo e Mota



### 1. Breve esboço biográfico

Alfredo Motta nasceu na Rua de Entre-Quintas, Massarelos, Porto, em 19 de Setembro de 1894. Filho de um conhecido professor do Instituto Industrial e físico, pioneiro da electricidade em Portugal (Miguel Motta), cresceu e viveu na Invicta até aos 22 anos, tendo assentado praça em 10 de Julho de 1914 no Regimento de Infantaria 18, no Porto. Em 15 de Agosto de 1916, e na sequência de um concurso, alista-se na Escola Naval como Aspirante de 2ª classe, tendo concluído o curso na classe de Administração Naval em 1917, sendo então promovido a Aspirante de 1ª classe. Nesse mesmo ano embarca no cruzador auxiliar *Pedro Nunes* (o famoso “navio fantasma”, comandado pelo Capitão-tenente Carlos Alberto Aprá) que funciona como transporte de tropas para França. Portugal, como é sabido, tinha oficialmente entrado na I Grande Guerra em 1916. Em Abril de 1918, recém-promovido a Guarda-marinha, é nomeado para integrar o Batalhão Expedicionário da Marinha em Moçambique, formado por iniciativa do Ministro da Marinha, Capitão-de-fragata Carlos da Maia, e resultado da revolta contra Sidónio Pais, tendo embarcado em Junho desse ano no vapor *Lourenço Marques*. O Comandante do Batalhão era o Capitão-de-fragata Júdice Bicker, sendo o segundo

comandante o Capitão-de-fragata Henrique Quirino da Fonseca. Em Moçambique o Batalhão intervém essencialmente na região de Quelimane, regressando a Lisboa em Abril de 1919, igualmente no *Lourenço Marques*.



Entre 1919 e 1926 assume diversos cargos, no Centro de Aviação Marítima dos Açores, no cruzador *Adamastor* no Depósito de Fardamento da Armada (onde foi chefe de contabilidade, já como Segundo-tenente), Repartição de Fiscalização Naval, Comando Geral da Armada/ Intendência do Pessoal, e em 1924, como Segundo-tenente, assume o cargo de Secretário da Escola Naval. Em Abril de 1926 é destacado para prestar serviço no cruzador *República*. Em 1931 é promovido a Primeiro-tenente e em 1942 a Capitão-tenente. Nesse período, e para além da comissão a Macau (1937-1938) assumiu diversos cargos como o de secretário da Escola Naval (1931-1936) tendo em 1948 sido nomeado para o cargo de Chefe da 1ª Secção da Repartição da Administração Naval. Em 1951 é promovido a Capitão-de-fragata e em 1953 a Capitão-de-mar-e-guerra. Tendo já tido uma significativa actividade cultural (em 1914 havia fundado no Porto a revista literária *A Boémia*), com publicações diversas relacionadas com a História, é nomeado em 1956 vogal da comissão destinada a reorganizar o Museu de Marinha. Nesse mesmo ano é promovido, por escolha, a Comodoro, tornando-se o terceiro oficial de Administração Naval a atingir o generalato, passando assim a dirigir a Repartição da Administração Naval. De 1959 a 1969 exerce as funções de Director da Biblioteca Central de Marinha, tendo sido o período 1964-1969 uma extensão a pedido do ministro Manuel Pereira Crespo, uma vez que tinha completado os 70 anos em 1964.

## 2. Primeira comissão em Macau (1926-28)



O cruzador *República*, sob o comando do Capitão-de-mar-e guerra Guilherme Ivens Ferraz, encontrava-se em Macau desde 1925, em resultado das convulsões geradas pela segunda guerra civil chinesa. Temia-se que as lutas entre os diferentes grupos políticos que se digladiavam desde o tempo da implantação da república de Sun-Yat-Sen, pudessem repercutir-se de forma negativa nos *settlements* ocidentais, especialmente em Shanghai. Foi assim acordada entre as potências ocidentais a constituição de uma força militar internacional (*Shanghai Defence Forces*) que se estabeleceria nesta cidade chinesa com a finalidade de proteger as populações estrangeiras residentes. Portugal contribuiu com uma divisão naval constituída pelo cruzador *República* (o antigo navio de guerra



inglês HMS *Gladiolus*, um *sloop* construído em 1915, comprado por Portugal em 1920, e que serviu a Marinha até 1943) bem como a canhoneira *Pátria* e mais um conjunto de pequenas lanchas. O relato desta missão encontra-se detalhadamente descrito pelo VALM Ivens Ferraz no seu livro *O cruzador 'República' na China, em 1925, 1926 e 1927*, edição da Imprensa da Armada, 1932, com Prefácio do governador de Macau Artur Tamagnini Barbosa. Era imediato do navio o Capitão-tenente Eduardo Cândido Lopes Vilarinho, pai do CALM Manuel Eduardo Vilarinho.

O Segundo-tenente Alfredo Motta parte assim de Lisboa em Abril de 1926 (em vésperas do movimento do 28 de Maio) rumo a Macau, mas através de transporte marítimo civil uma vez que ia render o oficial de Administração Naval do *República* (não sabemos se seria por motivo de falecimento ou outra questão). Na primeira parte da viagem, o paquete *Ville de Verdun* leva-o de Lisboa a Marselha, e na segunda parte, de Marselha a Hong-Kong, será transportado pelo paquete *D'Artagnan*, ambos sendo da companhia francesa *Messageries Maritimes*. O longo trajecto inclui passagem pelo canal de Suez, Aden, Djibouti, Colombo, Saigão e finalmente Hong-Kong.

A situação na China, e em particular no Sul do país, é complicada com confrontos sangrentos entre as facções comunistas e as não-comunistas do General Chiang Kai-shek. A intervenção estrangeira é criticada em vários *forums* e por várias personalidades famosas como Mahatma Ghandi. A força militar internacional, comandada pelo MGEN John Duncan (*Shanghai Defence Forces*) e pelo VALM Sir Reginald Thirwitt, integra navios dos Estados Unidos da América, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Japão e Portugal. O cruzador *República*, embora baseado em Macau, desloca-se rapidamente para Shanghai onde os tumultos causavam uma ameaça mais directa às comunidades estrangeiras ocidentais. Nesta cidade, diversas patrulhas de fuzileiros portugueses tomam posições de defesa e contribuem decisivamente para uma maior tranquilidade.



O batalhão de Marinha era comandado pelo Comandante Eduardo Vilarinho. Cantão (actual Guangzhou) é outra cidade onde a guerra civil chinesa se faz sentir. Em determinado momento, e por impedimento do comandante naval britânico, é o Comandante Ivens Ferraz que assume o comando da força naval internacional, sendo para tal graduado em Comodoro.



A certa altura, o médico de bordo, Primeiro-tenente Serrasqueiro Rossa, é solicitado para prestar assistência médica à mulher de um famoso pirata de uma das ilhas próximas de Macau, (conhecida como Pakchiu). O auxílio é prestado e a esposa do pirata Lei-Lam é curada e recupera bem. O pirata, grato pelo tratamento dado pelo médico português, convida-o a uma caçada na ilha. De regresso a Macau, e tomando conhecimento do sucedido, Ivens Ferraz, grande apreciador de caça, pergunta ao Dr. Serrasqueiro Rossa: *“pergunte lá ao seu amigo pirata se um destes dias também poderei deslocar-me à ilha para uma caçada”*. A resposta foi positiva, tendo o comandante português (já na altura com responsabilidade de comando da força internacional) e comitiva passado um magnífico dia de caçada na ilha de Pakchiu, seguida de um opulento almoço à chinesa, com os pratos típicos da região, mas acompanhado de bons vinhos portugueses. No final, e após insistência do anfitrião chinês, seguiu-se uma sessão de fumo de ópio. Aproveito para transcrever o testemunho do Comandante Ivens Ferraz: *“Ora eu que nem tabaco fumo, lá acedi às instâncias do meu hospedeiro, ficando a dormir na cama apropriada à complicada operação. A certa altura senti que alguém me tocava. Entre-abri um olho desconfiado. Era o velho pirata que carinhosamente me cobria com um edredão de seda, porque fazia muito frio. Ficámos depois a conversar, e Lei-lam, um dos mais temidos piratas nesta região, explicou-me que era muito amigo dos portugueses, tendo por isso dado ordens terminantes para que os seus homens não praticassem qualquer atentado contra gente de Macau. E era verdade”*. Naturalmente que passados dias o episódio já era conhecido das autoridades britânicas em Hong-Kong que não perderam tempo, na primeira oportunidade, de criticar o oficial português, atendendo à sua posição e ao enorme perigo de raptos, frequentes nesta região. Mas Ivens Ferraz com um sorriso respondeu que isso poderia ser um problema para os britânicos, mas não para os portugueses.

Após se considerar que o conflito na China já não constituía uma ameaça a Macau e aos interesses portugueses na região, o *República* regressa Lisboa em 1927, atravessando uma região assolada por um perigoso tufão, e cuja saída com sucesso se deveu à habi-

lidade e experiência do Comandante Ivens Ferraz. Permanece em Macau a canhoneira *Pátria*.

### 3. Segunda comissão em Macau (1937-38)

Tendo sido exonerado do cargo de Secretário da Escola Naval em 1936, cargo que exercera por duas vezes, agora como Primeiro-tenente, Alfredo Motta é destacado para o aviso de 1ª classe *Bartolomeu Dias*, navio que integra a comitiva portuguesa que em Maio de 1937 irá representar o nosso país nas cerimónias de coroação do rei Jorge VI de Inglaterra. O navio português fica estacionado na base naval de Spithead. Em Setembro de 1937, e na sequência do conflito sino-japonês (invasão da região da Manchúria), Portugal envia de novo um navio de guerra para Macau, o *Bartolomeu Dias*, sob comando do Capitão de mar-e-guerra, e também diplomata, Francisco Luiz Rebelo (e cujo imediato era o Comandante Eduardo Vilarinho).



Já se encontrava no Oriente o aviso de 2ª classe *Gonçalo Velho*, comandado pelo Capitão-de-fragata Owen Pinto. Esta missão foi bastante diferente da primeira, de 1926/27, dado não ter havido conflitos de relevo, à excepção de um incidente que envolveu um dos aviões *Osprey* do *Bartolomeu Dias*, com alguns hidroaviões japoneses, mas nada de muito grave.



Nesta ocasião, Alfredo Motta conhece o Padre Manuel Teixeira, figura incontornável da história cultural de Macau, e com quem irá manter correspondência durante longos anos. É curioso notar que Manuel Teixeira chega a Macau em 1924, no mesmo paquete em que o Segundo-tenente Alfredo Motta viajara em 1926, o *D'Artagnan*. O final da missão do *Bartolomeu Dias*, termina em Lisboa em Maio de 1938.

A NOSSA MARINHA NO EXTREMO-ORIENTE

# REGRESSOU ONTEM O «BARTOLOMEU DIAS» que esteve na colonia de Macau NUMA IMPORTANTE MISSÃO DE SOBERANIA



O comandante e oficiais do «Bartolomeu Dias» com pessoas de suas famílias a bordo, após a chegada

O avião de 1.ª classe «Bartolomeu Dias» regressou em Setembro do ano findo para Macau em missão de soberania, devido ao agravamento da guerra sino-japonesa. A situação era, então, bastante séria. Portugal precisava de estar constantemente representado nos mares da China. Meses antes seguira já para ali o avião «Gonzalo Velhos», que ainda se encontra em Macau.

O «Bartolomeu Dias», comandado por um oficial distintíssimo, personalidade excecional de marinheiro e de diplomata — o sr. capitão de mar e guerra Francisco Luiz Rebelo — desempenhou-se brilhantemente da comissão que lhe foi confiada.

O navio, que era esperado no Arsenal por centenas de pessoas das famílias dos seus tripulantes, entrou no Tejo de madrugada e fundeou, pelas 7 horas, em frente do Centro de Aviação Naval, a fim de desembarcar as urnas às quais em outro local nos referimos.

A seguir o «Bartolomeu Dias» descrevou um dos hidrovoos que levava para Macau e que, depois de montado, passará para bordo do «Alcornoque de Albuquerque», ao qual pertence.

Cerca das 11 horas o navio suspendeu e foi logo depois, adrestando a boca que lhe estava destinada, cingido das 11.45. Entrou em imediatamente a bordo numerosas pes-

soas da família dos oficiais e praças que aguardavam no Arsenal a chegada do navio.

Em nome do comandante das forças navais do Tejo, o sr. 1.º tenente Brito Palma foi a bordo apresentar cumprimentos.

O sr. comandante Francisco Luiz Rebelo recebeu os jornalistas com a sua amabilidade de sempre e manifestou-lhes que tinha plenamente satisfeito com a comissão do seu navio e com a admirável conduta e dedicação manifestadas por todos os seus tripulantes.

Mais tarde o sr. comandante Rebelo desembarcou, fez a sua apresentação ao Ministério da Marinha e foi, com o mesmo fim, a bordo da fragata «D. Fernando», navio-chefe no Tejo.

O distinto oficial vai deixar o comando do «Bartolomeu Dias» por ter terminado o tirocinio de embarque de que necessitava.

Com a saída do «Bartolomeu Dias» de Macau o sr. capitão de mar e guerra Francisco Luiz Rebelo deixou de exercer as funções de comandante das forças navais portuguesas do Extremo-Oriente, cargo que passou a ser desempenhado pelo comandante do avião «Gonzalo Velhos», sr. capitão de fragata Owen Pinto.

«CONTINUA NA 4.ª PAGINA»

*Diário de Notícias*  
*31.10.1938*



## **Apresentação do 3º subtema**

### **CAMINHOS DO PRESENTE E DO FUTURO**

Fernando David e Silva

Vamos dar início aos trabalhos da 11ª mesa, a última deste XII Simpósio de História Marítima.

Começo por cumprimentar o senhor. Presidente da Academia de Marinha, o senhor Presidente da Comissão Científica, a senhora e os senhores presidentes das Instituições Científicas aqui presentes, os senhores Académicos e restantes participantes e, por último, que não em último, os ilustres membros deste painel, senhora Professora doutora Carmen Amado Mendes, senhor Tenente-General José Garcia Leandro e senhor Professor doutor Carlos Gaspar.

Cabendo-me apresentar este Subtema “Caminhos do Presente e do Futuro”, começarei por Vos propor uma reflexão sobre a circunstância de não podemos deixar de nos interrogarmos sobre o sentido de discorrer sobre o presente e o futuro num Simpósio sobre História, História que, segundo Marc Bloch no seu texto póstumo *Apologie pour l’Histoire ou le métier de l’historien* é, não apenas “a Ciência dos Homens” mas, é “preciso acrescentar” dizia, “a Ciência dos Homens no Tempo”.

Para propor uma resposta a esta questão, invoco Fernando Catroga quando escreve, a abrir as “Palavras prévias” ao seu livro *Os passos do Homem como restolho do tempo*:

“O passo que o homem dá para a frente tem na pegada anterior a sua condição de possibilidade. Trespasado de tempo, o seu caminhar vai deixando traços no ecrã branco de Cronos que, ou serão sugados pelo Letes (o esquecimento) que é pior que a morte, ou, como no recalado de cada existência, perdurarão – mesmo quando esquecidos ou não encontrados – como reserva de memória e de história”.

O presente e o futuro são portanto, também campo da História, não no anacrónico sentido da História-providência, da História-finalista, mas no sentido que lhe deu Santo Agostinho quando, nas *Confissões* (Livro XI), reflectia sobre a natureza do tempo, escrevendo (cito com alguma liberdade):

“Não podemos propriamente dizer que existam três tempos, o passado, o presente e o futuro; mas seria talvez mais acertado dizer: existem três tempos, o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras. Estas três coisas existem de facto na alma, e não as vejo de outra forma: o presente das coisas passadas é a sua memória, o presente das coisas presentes é a sua percepção actual e o presente das coisas futuras é a sua esperança” (espera ou expectativa, atrevo-me a acrescentar, num sentido mais secular do pensamento do Santo).

Esta é a minha proposta introdutória para a última sessão regular deste Simpósio, que vai ser objecto de 3 comunicações, nas quais vamos encontrar justamente estes três tempos da existência, o passado, o presente e o futuro.

Os seus autores, que tenho o privilégio de acompanhar nesta Mesa, são personalidades por demais conhecidas, pelo que peço licença para me abster da injustiça que seria abreviar tão valiosos curricula (sínteses dos próprios, que podem, aliás, encontrar no livro de Resumos).

Antes de dar a palavra ao primeiro orador, em cumprimento do Regimento que recebi, peço aos oradores que se conttenham dentro dos 20 minutos previstos, até porque teremos que terminar, irrevogavelmente às 17:45, para conceder o tempo indispensável à preparação da mesa de encerramento.

Finalmente, no uso da (moderada) discricionariedade que é sempre concedida às presidências, mesmo a uma tão precária como esta, iremos agregar o período de debate – tão longo quanto o tempo disponível o permita – no final das intervenções.

Dito isto, tem a palavra o sr. Tenente-General Garcia Leandro para a sua comunicação intitulada “O passado e a construção de uma relação sólida com a China no século XXI”.

## O PASSADO E A CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO SÓLIDA COM A CHINA DO SÉCULO XXI

José Garcia Leandro

### I – A PRESENÇA HISTÓRICA DE PORTUGAL NO ORIENTE E SUAS RELAÇÕES COM OS PODERES LOCAIS

Sobre a expansão portuguesa está quase tudo escrito, não me cabendo aqui detalhar ou repetir o que por historiadores tem sido dito.

Gostaria apenas de salientar alguns pontos essenciais relacionados com a presença de Portugal no Oriente, nos mares da China e no Japão.

O aspeto mais impressionante nessa grande região foi a velocidade com que tudo se processou para a época, após a nossa chegada à Índia em 1498; depois a ligação permanente entre a expansão (por conquista ou acordos), a divulgação da fé cristã e o comércio.

Ao lado da guerra, Afonso de Albuquerque (basta lembrar que Albuquerque, Vice Rei da Índia entre 1509 e 1515, nunca deixou de combater) foi delegando muito poder nas autoridades locais (Goa e Malaca) para gestão dos seus próprios assuntos em tudo quanto não se chocasse com os interesses de Portugal, além da procura e do transporte de mercadorias para Goa e depois para Lisboa.

Mas a ampliação da expansão e a sua rapidez, ligadas à pouca massa crítica nacional, também levaram a um erro geopolítico muito repetido pelas potências expansionistas; acontece sempre que os meios disponíveis não correspondem à grandeza do espaço de interesse criando dificuldades (ou impedindo mesmo) ao seu controlo, pelo que ocorre um pico no espaço controlado e no poder existente seguido de uma quebra e da necessidade de uma retração para adaptar o espaço sob controlo aos meios existentes.

No caso de Portugal, no mundo e no oriente há dois momentos chave.

Com uma presença que ia do Brasil até ao Japão, no reinado de D. João III, na década de 1530, chegou-se à conclusão que o mundo era demasiado grande para as nossas capacidades pelo que era necessário tomar grandes decisões estratégicas, o que foi feito com a alteração do esforço estratégico do Oriente para o Brasil (ainda se tendo pensado em voltar ao Norte de África); foi uma decisão de rara importância, tomada com plena liberdade de ação, embora a sua concretização fosse naturalmente lenta e nunca tenha sido levada às últimas consequências.

O segundo momento tem a ver com a nossa expulsão do Japão em 1639, ligada a questões religiosas e de poder, onde a Holanda jogou um importante papel e com a perda de Malaca em confronto direto com os holandeses em 1641, o que retirou muita importância à influência portuguesa no Oriente.

Ainda assim, mantiveram-se no Índico possessões e controlo (embora com mais dificuldades) e, no Pacífico, ficaram para sempre a fé, a língua veicular (até ao século

XIX) e os nossos antepassados que comerciando se misturaram com os locais e deixaram os genes. Os poderes que nos substituíram na região (Países Baixos e Reino Unido) tiveram que utilizar o “*papiá cristão*” (português local) para se relacionarem com os natu-rais. E até à ocupação de Hong Kong pelos ingleses em 1841, qualquer estrangeiro que quisesse visitar a China teria de o fazer passando obrigatoriamente por Macau, como é claramente explicado no grande épico de Alain Peyrefitte *L'Empire Immobile où le Choc des Mondes* passado nos finais do século XVIII até à Guerra do Ópio que termina com aquela ocupação.

Neste enquadramento que tem como ponto focal Macau, como local da chegada à China, irei citar parte do que escrevi no meu livro *Macau nos Anos da Revolução Portuguesa – 1974/1979*:

*“Na expansão portuguesa no Oriente, Macau teve poucos períodos de real importância. Foi quase sempre, e na sua época florescente, um ponto de passagem e de comércio do Império Português do Oriente que se desenvolvia no quadrilátero Goa, Malaca, Cantão e o Japão. Viveu-se, então, uma fantástica aventura de um poder que tinha objetivos e que foi capaz de os atingir.*

*Enquanto o comércio e a expansão missionária no Japão correram bem, Macau viveu a sua época dourada, entre 1557 e 1639, mas, a partir daí, a sua importância foi decaindo”*,... (embora não perdendo a importância de entreposto obrigatório atrás citado).

*“Em 1509 deu-se a célebre batalha naval de Diu – paradigma da guerra no mar –, em 1510 foi conquista de Goa e, em 1511, ocorreu a tomada de Malaca, tudo na época de Afonso de Albuquerque.*

*Por ali, os mares eram já há muito navegados, conhecimento que foi por nós bem aproveitado com pilotos locais, permitindo que a expansão neste enorme espaço marítimo, ocorresse com uma celeridade rara para a época.*

*Em 1513 Jorge Álvares aporta a Macau e em 1543 os portugueses chegam ao Japão, onde a nossa influência e a dos jesuítas veio a ser muito grande. De acordo com Austin Coates, em 1582 já ali havia 150 mil católicos, com a força de uma ideia nova, num país sem poder central, o que significou uma grande influência política. São números impressionantes, mas históricos, sobre os quais vale a pena reflectir.*

*A morte de Albuquerque (que nunca deixou de combater) em 1515, vai provocar o declínio deste Império do Oriente, onde facilmente se enriquecia e a corrupção era enorme. A nomeação de Vasco da Gama (que morre três meses depois de chegar à Índia pela terceira vez) como Vice-rei, em 1524, não resolve o problema. Nem mais tarde, D. João de Castro vem a tempo de inverter o processo de decadência.*

*Esta situação veio a confirmar-se, oficialmente, quando no reinado de D. João III foi feita a transferência do esforço estratégico do Oriente para o Brasil.*

*A corte concluiu, e bem, que o mundo era demasiado grande para as nossas capacidades. A partir de 1616 começaram os problemas no Japão com o Édito contra os Cristãos e em 1639 a sua presença terminou definitivamente depois de grandes perseguições e massacres. Em 1641 perdemos Malaca para os Holandeses.”*



Depois da ocupação de Hong Kong (HK) pelo Reino Unido em pleno período vitoriano, Macau perdeu importância e não foi, durante muito tempo, prioridade do Governo Português. Mas foi um local onde se desenvolveu um processo de miscigenação muito alargado, não só entre portugueses e chineses, mas incluindo também todos aqueles, de diferentes etnias, que com origem em diversas crises da Ásia Pacífico foram, ao longo dos anos, demandando Macau.

Relativamente à China tinham-se criado importantes comunidades portuguesas em Cantão, Xangai e Pequim para as quais o ano de 1949 (final da Guerra Civil Chinesa) foi particularmente difícil tendo de fugir para Macau e HK, onde recomeçaram as suas vidas.

Os anos seguintes não foram fáceis em Macau tendo como vizinhança a China maoista, a situação existente após o início da guerra em África (1961) e as dúvidas criadas após o “25 de Abril” em Portugal; mas foi precisamente o modo como se encarou o futuro depois daquela rotura política de 1974 que permitiu a Macau reganhar uma importância que, de há muito, tinha perdido.

Sobre Macau em 1974, e no mesmo livro, escrevi:

*“Na sua vida social, Macau era o casamento quase perfeito do Oriente com o Ocidente, algo desorganizado, mas que nunca deveria ser destruído. Eram manifestamente necessárias algumas mudanças para que tudo pudesse ‘entrar nos carris’ e chegassem, definitivamente, o desenvolvimento e a estabilidade.”...“Os mecanismos sociais eram muito específicos e complexos, porque Macau tinha sido, ao longo dos séculos, o local*

*de encontro entre duas comunidades culturalmente diferentes que souberam criar uma nova sociedade de entendimento com as naturais consequências em tudo quanto à vida humana diz respeito. Residia aqui o seu encanto e raridade.”*

Com o processo de governação existente até finais de 1999, também pude concluir:

*“Assim, em 1999, a China recebeu como herança uma jóia – em termos de infra-estruturas e de capacidade de prestação de serviços – bem como uma desafogada situação económica e financeira, com prestígio acrescido para Portugal” ... “Tal foi possível devido à conjugação de cinco fatores:*

*- A promulgação do Estatuto Orgânico de Macau (Lei Constitucional nº 1/76 de 17 de Fevereiro, integrado posteriormente na Constituição da República de 25 de Abril de 1976) que deu aos órgãos de Governo próprio do Território verdadeira autonomia legislativa, administrativa, económica e financeira;*

*- O elevado fluxo de capitais que se geram naquela região do globo;*

*- A grande iniciativa privada ali existente, com propostas a que o Governo, com o novo Estatuto, passou a poder responder com rapidez;*

*- As consequências programáticas da Declaração Conjunta Portugal-China, assinada a 13 de Abril de 1987 em Pequim, que permitiu uma nova fase histórica e política, enquadrando o futuro até finais de 1999 e obrigando a um permanente envolvimento da China;*

*- A continuidade e coerência de objectivos e orientação governativa que existiram entre os seis Governadores que estiveram em funções de 1974 a 1999, independentemente da sua origem profissional, da conjuntura política nacional e internacional (que se foi alterando) e das dificuldades porque cada um passou.”*

Esta situação concreta permitiu que depois da transferência da Administração para a China e a criação de RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) as relações entre os dois países tivessem mantido uma rara qualidade permitindo que Macau tenha sido eleito em 2006 Património da Humanidade pela UNESCO por proposta da China, o que tem um muito raro valor. Ao mesmo tempo, Macau iniciou uma nova fase do seu desenvolvimento e o número de novos emigrantes portugueses tem vindo a aumentar; curiosamente a influência da presença portuguesa e a manutenção do sistema político legado e mantido têm sido também uma experiência que a China tem acompanhado e, mesmo, acarinhado. A experiência de Macau, entre as várias que estão a ser feitas, tem sido algo que Pequim nunca deixou de acompanhar.

## II – A CHINA: DE GRANDE PODER CONTINENTAL À DECADÊNCIA E À SUA REAPARIÇÃO COMO GRANDE PODER GLOBAL

A China é das civilizações mais antigas da História, tendo sido marcante ao longo de séculos em todas as áreas de atividade e do pensamento, dominando a Ásia Oriental e olhando os seus vizinhos como vassalos. Porém, fechou-se sobre si própria sendo ultrapassada quando do grande avanço cultural e científico do Renascimento e, mais tarde, com a Revolução Industrial.

Durante o Renascimento são os missionários jesuítas que acompanharam a expansão portuguesa que ali vêm a ter grande influência científica e política, o que também ocorreu no Japão. Mais tarde, com as consequências da Revolução Francesa e da Revolução Industrial e com o seu poder político enfraquecido foi ocupada e explorada pelos poderes mundiais da época (como a França, o Reino Unido, a Rússia, os EUA, a Itália, a Alemanha, a Dinamarca, não se podendo esquecer a histórica rivalidade com o Japão, única potência oriental que acompanhou a Revolução Industrial). Este processo terminou com a Guerra do Ópio e a ocupação de Hong Kong em 1842; quando se estudam os mapas geopolíticos do final do século XIX e princípio do século XX (Dinastia Manchú e República em 1911), constata-se como a China estava retalhada pelo poderes imperiais e o seu poder central era frágil, dominando então os “*senhores da guerra*”. Era uma China fraca e humilhada!

O século XX foi um período de confrontação entre o Kuomintang (Chang Kai Chek) e o Partido Comunista Chinês (PCC), da invasão japonesa nos anos 30 e da II Grande Guerra, continuando a China a ser humilhada. Com o final da Guerra Civil (1949), a vitória do PCC e a implantação do Maoísmo, a China começa um processo de recuperação do orgulho nacional, embora com grande pobreza, com um regime muito autoritário, mas sendo uma referência para os países do terceiro mundo e para as colónias europeias que lutavam pela sua independência. Foi já importante no apoio dado à Coreia do Norte quando da Guerra da Coreia (1950/1953) e no apoio dado ao Vietcong quando da Guerra do Vietnam (1962/1975).

Com Mao e todos os seus excessos, a China procura recuperar a sua honra e recomençar a sua reconstrução com uma economia centralizada e planificada, além de sucessivas purgas internas que têm o seu zénite na Revolução Cultural (1966/1976) e que termina com a morte de Mao em 1976.

Depois de uma dura luta interna pelo poder, Deng Xiaoping assume definitivamente a liderança em 1979, iniciando-se então um período de modernização económica com a introdução progressiva da iniciativa privada (“*1 País/2 Sistemas*” e “*a economia socialista de mercado*”) e a abertura do país ao mundo.

Este processo, continuado pelos sucessivos líderes políticos, foi um grande sucesso e a China é já o segundo poder económico mundial, mas agora com a necessidade de novas e grandes reformas para encarar os novos problemas internos e externos com que se confronta.

### III – A EVOLUÇÃO DA CHINA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XXI

#### A – As três gerações de líderes

Atualmente procura-se na China um novo caminho para a Terceira Geração de Líderes. É a “*China 3.0*”.

A primeira geração tinha como figura de referência e orientação dominante Mao e o Maoísmo que vai desde 1949 até 1976 (Mao morreu em 1976 e a luta de facções para a sua substituição durou até 1979).

Em 1979 emergiu definitivamente Deng Xiaoping e com ele surgem as quatro novas linhas orientadoras para a modernização da China (na agricultura, indústria, ciência, e Defesa Nacional) e a sua abertura política ao mundo. Entrou-se numa fase em que surgiu o conceito de “*Um País, Dois Sistemas*”, ou seja fazer experiências regionais de economia de mercado, mantendo no resto do país a economia planificada. Surgiram as Regiões Administrativas Especiais de que Macau é um exemplo e também a ideia de que “enriquecer é glorioso”, incentivando a iniciativa privada. Estas orientações de Deng Xiaoping foram seguidas e bem cumpridas.

Conseguiu-se o “*quase milagre*” de introduzir uma economia de mercado dentro do quadro político rígido de Partido único, o Partido Comunista Chinês (PCC), o que tem sido feito com grande sucesso. Tal experiência foi então designada como “*economia socialista de mercado*”.

Enquanto que com Mao a referência era o comunismo puro e duro (adaptado à China e indo, por várias razões, até à rotura com a URSS em 1961), com Deng entrou-se na economia de mercado sob o controlo do PCC e do Estado; o colapso financeiro global de 2008 reforçou a ideia de que o Regime (como em 1989, com os incidentes de Tien A Men) não poderia perder o controlo da situação e que a economia de mercado não se auto-regulava (o que tem sido comprovado), podendo dar origem a grandes desastres.

Assim com a concretização do pensamento de Deng, de 1979 a 2008, tinham sido alcançados grandes sucessos em três áreas: abundância, estabilidade e poder.

Mas há quem lhe chame a “*crise do êxito*”, pois tais resultados são agora vistos como eventuais limitações para o futuro, com o risco de auto destruição para a China, o que os seus defensores procuram justificar. Receia-se que quem está ligado a estes grandes sucessos (e acomodado no poder) não queira dar o passo em frente para as grandes reformas estruturais que são necessárias. Crêem que sem essas grandes reformas o País corre grandes riscos.

Perderam-se os modelos de Mao (1949) e de Deng (1979) baseados noutras experiências mundiais e agora não há qualquer referência teórica ou externa em que se possa confiar, qualquer base que apoie solidamente a evolução.

Isto lançou o PCC num profundo debate interno sobre o futuro para a economia, política interna e política externa, com diferentes Escolas de Pensamento em confronto, mas com a consciência que o debate não pode ser alargado a toda a população, pois

poder-se-ia perder o controlo, mesmo social, o que poderia ocorrer se apenas se extrapolasse o que é feito habitualmente nas Democracias Ocidentais. E a China atual, no seu discurso oficial, diz que quer encontrar um rumo para uma maior democracia interna, mas sem seguir o modelo ocidental pelas suas fragilidades, o que aplicado a um país com a sua área e a sua população poderia levar a resultados desastrosos.

Assim, tudo tem sido discutido com modelos teóricos e outros já aplicados regionalmente que, muitas vezes, se chocam entre si, mas que permitem tentar encontrar as soluções que mais adequadas são para a China; e não nos podemos esquecer de que tudo o que provoque grandes alterações na China poderá ter consequências no resto do mundo, além de que se grandes reformas não vierem a ser feitas o futuro da segunda maior economia do mundo que detêm a maior população nacional pode ser preocupante.

Antes de continuar com as diferentes soluções preconizadas, creio ser vantajoso apresentar alguns dados sobre a situação económica e social da China e que justificam a necessidade de grandes reformas:

- Reservas de divisas estrangeiras, em 1º lugar (com mais de 50% da dívida pública americana);
- Consumo de petróleo em 2º lugar mundial;
- Comércio Externo no 3º lugar mundial;
- PIB com o 4º lugar mundial;
- A velocidade de desenvolvimento urbanístico é tal que em algumas cidades o plano de ordenamento territorial tem de ser atualizado trimestralmente;
- Nos últimos 15 anos a China construiu 800.000 km de estradas (o equivalente a 19 vezes o périplo do globo terrestre);
- O movimento do porto de contentores de Yangshan é já o maior do mundo, superando Singapura e Hong Kong;
- Em cinco anos foi construído o mais alto caminho de ferro do mundo (a 5.000 metros e em terreno gelado) com o comprimento de 1.118 Km;
- Em 10 anos duplicou o número de Universidades, havendo atualmente 20 milhões de estudantes universitários.

<b>Escolas de Pensamento da Elite Chinesa</b>		
<b>ECONOMIA</b>	<b>Nova Esquerda (3)</b>	<b>Nova Direita (3)</b>
<b>Fugir da armadilha da abundância</b>	<b>Igualitários do mercado livre (1)</b>	
<b>POLÍTICA</b>	<b>FONTE POLÍTICA DE ESTABILIDADE</b>	<b>GOVERNO LIMITADO</b>
<b>Fugir da armadilha da estabilidade</b>	<b>Neoconservadores (1)</b>	<b>Liberais (4)</b>
	<b>Neomaoístas (2)</b>	
<b>POLÍTICA EXTERNA</b>	<b>INTERNACIONALISTAS</b>	<b>NACIONALISTAS</b>
<b>Fugir da armadilha do poder</b>	<b>Globalistas (1)</b>	<b>Neocomunistas (1)</b>
	<b>Realistas defensivos (1)</b>	

## B – Os Modelos

### 1 – Cui Zhiyuan

Representa a Nova Esquerda, elabora sobre a Economia Socialista de Mercado, procura criar alternativas ao capitalismo neoliberal, tendo como exemplo prático a cidade de Chonqing (com 33 milhões de habitantes e localizada no interior ocidental do país).

Tem conceitos orientados para a resolução de situações concretas procurando a conciliação das questões rurais e urbanas que se têm posto com as migrações de populações rurais para áreas urbanas.

Assim e face a situações concretas procura resolver as seguintes questões:

- O Mercado dos Certificados de Propriedade, tendo criado em 2008 a primeira e única “*bolsa de propriedades*” da China;
- A reforma do registo familiar, procurando resolver os problemas das famílias de agricultores que se deslocaram para a cidade até 2010, procurando fazer de Chonqing uma “área experimental nacional”; é de lembrar que as migrações internas são dos grandes problemas que a China atualmente enfrenta;
- O sistema de locação de terrenos públicos, procurando beneficiar tanto o setor público como o privado, o que permitiu a ambos terem avançado rapidamente na última década.

Estas propostas não correspondendo a um visão global dos problemas podem ser vistas “*como sugestões parciais para o futuro*” e, eventualmente, aplicadas a toda a China.

## 2 – Xiao Bin

Defensor do modelo de Guandong (Cantão) tem-se confrontado fortemente com Cui Zhiyuan (modelo de Chongqing), aceitando, porém, que o modelo está em transição. A geografia e a história ajudaram ao surgimento deste modelo que integra três elementos básicos: um sistema político que combina rigidez e estabilidade, uma economia orientada pelo governo e um sistema social desequilibrado. Em consequência, o modelo está em transição.

Durante as últimas três décadas, aproveitando a abertura de Deng e sem pôr em causa o PCC, Guandong fez três reformas (a descentralização do centro para a província e destas para as diferentes localidades, significando mais autonomia para os governos subprovinciais; a descentralização horizontal para fortalecer a economia devolvendo o poder aos negócios, apoiando-se em duas experiências anteriores dos anos 80; a própria autoridade do governo provincial foi limitada reduzindo o número de matérias que exigem aprovação administrativa, criando-se uma transição para um governo limitado em que vigora o primado da lei.

## C – A Economia – “*Fugir da armadilha da abundância*”

Na economia o pensamento conceptual é “*Fugir da armadilha da abundância*”, tendo como principais pensadores:

### 1 – Da Nova Esquerda

**Cui Zhiyuan** (já citado anteriormente)

É contra o neoliberalismo, sendo um admirador do “*socialismo liberal*” de James Meade; tem como referência a cidade de Chongqing (com 33 milhões de habitantes, localizada no interior ocidental da China). Nial Ferguson, historiador económico de Harvard, afirmou em 2008 que “*Chongqing é, hoje em dia, a cidade que cresce mais rapidamente no mundo*”, ultrapassando mesmo Xangai e Shenzhen.

Cui “*descreve Chongqing como um modelo de desenvolvimento que pode acabar com a dependência chinesa das exportações e das poupanças, minimizar o fosso crescente entre desenvolvimento rural e urbano, e utilizar a propriedade pública e o planeamento estatal para estimular as empresas privadas*”.

### **Wang Shaoguang**

Segundo ele o socialismo chinês 2.0 (Deng Xiaoping) também teve os seus reveses. Assim, “*para alcançar a taxa mais alta possível de crescimento económico, a China ignorou, em grande medida, a justiça social, os direitos dos trabalhadores, a saúde pública, os cuidados médicos, o meio ambiente, a defesa nacional, etc. Tudo isso originou consequências graves, assim como uma sensação generalizada de insegurança, desigualdade e desconforto entre a população.*”

### **Como fazer, nesta fase do socialismo 3.0?**

Seguindo a argumentação de J.K. Galbraith, pensada para os EUA em 1958 e confirmada em 1998, deve ser feito um esforço na melhoria do bem estar das pessoas (habitação pública social, segurança pública, proteção ecológica, saúde pública, educação pública, infraestruturas, cultura e arte, ciência e tecnologia).

Depois das necessidades básicas em alimentação, vestuário, habitação e transporte terem sido alcançadas dever-se-á resolver matérias de consumo público (segurança, ecologia e saúde), segurança humana e igualdade social. Reconhece este teórico que muito já foi feito em termos de pensões e saúde, afirmando também que hoje ganha forma um Estado Providência chinês.

Citando também sondagens feitas no mundo ocidental, não acredita que o “*capitalismo de mercado livre*” seja o “*ponto final da evolução ideológica da humanidade*” como Francis Fukuyama afirmou em 1989 no seu livro *O Fim da História*, pois apresenta falhas irremediáveis tendo de ser substituído por um sistema económico novo. Há a necessidade de grandes reformas e mais regulação devendo os Governos serem mais ativos na propriedade ou controlo direto das maiores indústrias dos seus países, na redistribuição da riqueza e na regulação dos negócios.

E é neste enquadramento global que a China 3.0 irá atualizar o “*socialismo com características chinesas*” devendo “*aumentar substancialmente o investimento nos bens e serviços públicos e continuar a melhorar o nível de bem estar da sociedade como um todo*”.

## **2 – Igualitários mercado livre**

### **Yu Yongding**

É considerado um dos maiores macroeconomistas da China, caracterizando-se o seu pensamento por uma combinação de economia liberal com uma ênfase forte na justiça social, sendo muito crítico da opção chinesa em ter investido grande parte do seu excedente comercial na dívida pública dos EUA, expressa em dólares americanos.

Considera que o padrão de crescimento da China é insustentável e, em consequência, propõe algumas medidas.

Diz que o grande desenvolvimento da China no período 2.0 tem sido feito à base do investimento (construção de infraestruturas e imobiliário) e das exportações, provocando grandes distorções sociais e provando os limites do modelo. Assim a China passou de um país extremamente pobre para um país com rendimentos baixos-médios; porém a taxa de investimento está a atingir os 50% do PIB (sendo 10% atribuíveis ao setor imobiliário) e em consequência a eficiência do capital na China caiu significativamente nos últimos anos; afirma ele que “*haja ou não uma bolha, não se pode criar um crescimento sustentado com base em betão e cimento*”. Considerando que o setor das exportações foi muito prejudicado depois de 2008, para tornar o seu crescimento sustentável a China tem de adoptar um padrão de crescimento novo que assente mais na procura interna do que na externa, e no consumo em vez de no investimento (especialmente no imobiliário).

Com base nestes conceitos a China decidiu desde 2005 fazer avançar o reajustamento interno (reestruturação das indústrias com encorajamento da concorrência, fusões e aquisições, modernização industrial, realocização das instalações de produção, etc), assumindo uma quebra no crescimento do PIB e evitando dar mais incentivos para a exportação.

Para ele este é o caminho correto com um processo de ajustamento de cerca de 5 anos em que a taxa de crescimento do PIB ficará pelos 7% anuais; se assim não fizer, e se se lançar outro pacote de incentivos, a China estará em apuros no espaço de 3 a 5 anos.

### 3 – Nova Direita

Todos os pensadores que seguem têm teorias reformadoras e corretivas, mas que se baseiam em medidas para um melhor funcionamento da economia (procuram modelos económicos concretos para problemas concretos), sem que as opções ideológicas tradicionais da China tenham grande influência

#### Zhan Weiying

Considera que a China está a 200 ou 300 anos de ser uma economia de mercado; diz que *“a nossa economia ainda se baseia nos privilégios, em vez de nos direitos, e faltam-lhe os três elementos de uma economia de mercado: liberdade, direitos de propriedade e empreendedorismo.”*

Defensor da economia de mercado, afirma que *“é incoerente apoiarmos o mercado e, ao mesmo tempo, opormo-nos à liberdade, ou apoiarmos a liberdade e, ao mesmo tempo, opormo-nos ao mercado”*, declarando ainda que *“não existe nenhuma economia de mercado efetiva numa sociedade dominada pelo privilégio”*.

O seu segundo elemento corresponde aos direitos de propriedade, afirmando que estes são também *“a base da moralidade social”*, indo ainda mais longe quando escreve *“o declínio e a crise de moralidade na China são em parte causados pela ausência do respeito pelo direitos individuais e por as autoridades não protegerem os direitos da propriedade privada”*; ao mesmo tempo, afirma que estes direitos são também a base motivadora da inovação.

O Governo tem tido liberdade para a *“tributação desenfreada”* ao que Cen Ke, investigador do Instituto do Forum de Empreendedores da China chamou claramente *“roubo”*. O sistema europeu, iniciado com a Magna Carta de 1215 em Inglaterra cujo objetivo principal era limitar os direitos de tributação do Rei, não existe na China; e acrescenta ainda que *“os privilégios das empresas públicas também são uma grave violação dos direitos de propriedade”* e também que *“nas áreas do carvão, ferro, aço e petróleo, a aquisição forçada de empresas privadas por empresas públicas é um roubo efetivo”*.

Em terceiro lugar apresenta o *“empreendedorismo”* como a alma da economia de mercado, sendo absolutamente o contrário da economia planificada, mas ainda existe uma situação não clarificada na China levantando-se muitos problemas aos verdadeiros empreendedores; afirma ainda que *“numa sociedade estragada pelo privilégio os empreendedores-saqueadores roubam riqueza”*.

Diz que nos últimos 30 anos a China fez “*uma transição da lógica do roubo para a lógica do mercado*”, mas que a visão de Deng Xiaoping sobre a iniciativa privada, os direitos de propriedade e a importância dos empreendedores individuais ainda está longe de ter sido alcançada na totalidade, “*porque a economia da China ainda se baseia nos privilégios em vez de nos direitos*” o que tem sido um revés daquela reforma.

### **Hu Shuli**

Este autor tem como tese a necessidade de estudar a História, tal como foi preconizado pelo Presidente Jiang Zemin, para com ela aprender, evitando os seus erros (mesmo os de outras potências históricas) e continuando com as reformas necessárias. Diz que a “*Revolução Cultural de dez anos trouxe catástrofe ao partido, ao país e ao povo*”; esse período foi de tumulto interno, “*erradamente iniciado pelo líder supremo e explorado por grupos anti-revolucionários*”.

Depois, tal foi corrigido e a China chegou ao progresso ao longo dos seus mais de 30 anos de experiências com a reforma e a abertura. O governo abandonou o seu foco erróneo da luta de classes e fez do desenvolvimento económico a prioridade, na terceira sessão plenária do 11º Comité Central em 1978.

Desde então houve dois temas principais na sua agenda reformista: a transição de uma economia centralizada para uma economia de mercado e a abertura gradual da sociedade.

Diz ele que embora com sucessos permanentes a longo de 30 anos com os vários líderes que se foram sucedendo e encontrando-se atualmente a China uma encruzilhada, é necessário que se mantenha a linha e a vontade de continuar as reformas, não nos esquecendo que “*durante mais de 30 anos assistimos a tentativas infundáveis para desacreditar e atacar as reformas, principalmente da extrema esquerda*”. Recorda o aviso de Deng Xiaoping na década de 1980 quando lembrou os fanáticos revolucionários que, cépticos quanto às reformas, declaravam “*vemo-nos daqui a 20 anos*”; os resultados conseguidos não lhes deram razão e será de relembrar a dolorosa lição histórica da Revolução Cultural, reconhecendo que a China teve de lutar arduamente até encontrar o seu caminho. Agora, com o abrandamento do crescimento económico, agravam-se os conflitos sociais, a corrupção, a distribuição injusta de recursos e o ambiente deteriora-se.

Ainda “*não se chegou a nenhum consenso sobre a resolução desses problemas*” e enquanto o Governo enfrenta esses desafios há quem questione o esforço da construção de uma sociedade socialista “*com características chinesas*”, na famosa expressão de Deng, querendo, por vezes, voltar para trás. “*Esta teoria foi adoptada nos títulos dos relatórios dos cinco congressos do partido desde 1987 e o desenvolvimento rápido das últimas décadas beneficiou profundamente deste dividendo da reforma*”. Atualmente, os novos líderes devem aprofundar o estudo da História, não devendo esquecer as razões porque a China escolheu o caminho das reformas e porque é que deve prosseguir-lo agora encarando os novos problemas existentes.

### Justin Yufu Lin

Reconhecendo alguns dos grandes sucessos económicos da China nos últimos 30 anos (tais como, o aumento anual médio do PIB em 9,9%, o crescimento do PIB per capita para 5.400,00\$ em 2011, mais de 600 milhões de pessoas terem saído da pobreza, o seu rácio de dependência comercial (50%) ser o maior do mundo, em 2009 ter destronado o Japão como segunda maior economia mundial, já ter substituído a Alemanha como maior exportador de mercadorias do planeta, o seu mercado automóvel ser já o maior do mundo, desde 2005 que Xangai é o porto mais movimentado do mundo em toneladas de carga, etc).

Sobre o futuro há opiniões contraditórias, desde a hipótese que em 2030 a China ultrapassará os EUA como a maior economia do mundo, até ao seu contrário, receando que a economia da China se pode desmoronar a qualquer momento.

O seu modo de análise tem uma forte base conceptual lembrando que o crescimento económico é determinado por:

- Os Fatores de Produção, que são os recursos naturais, a mão de obra e o capital. Se os fatores de produção aumentarem em proporção o rendimento também aumenta, só que os recursos naturais são relativamente fixos e o aumento da mão de obra está relacionado com a demografia do país, pelo que o capital é o mais variável dos três fatores. Neste caso a China aparece muito favorecida mundialmente já que desde o início da reforma e a abertura da China que as poupanças e os investimentos excederam anualmente os 40% do PIB;
- A Estrutura Industrial é também significativa, pois se os fatores de produção estiverem atribuídos a indústrias com maior valor acrescentado o rendimento também aumentará;
- A Tecnologia é talvez o mais importante dos fatores para grandes alterações qualitativas de produção. Mesmo se a estrutura industrial e os fatores de produção se mantiverem iguais, a introdução de uma tecnologia melhor e mais atualizada criará mais rendimento e crescimento económico;
- As Instituições (normalmente) da responsabilidade do Estado são essenciais para maximizar os resultados, ou seja o rendimento máximo que se pode obter num Estado ideal. Isto depende de *“instituições que podem ajudar a melhorar a mão de obra, a utilizar eficazmente os recursos e a adoptar a tecnologia mais adequada”*.

Esta abordagem é de grande clareza e apresentada de um modo muito simples, detalhando o autor os modos da modernização tecnológica (do produto e do processo) e também sobre a necessidade reformar as instituições.

Nunca nenhum país senão a China manteve um crescimento de 9% durante mais de três décadas; poderá a China continuar com este ritmo durante mais duas décadas ou mais?

Na perspectiva do autor, se a China tomar as medidas mais adequadas, nomeadamente na modernização tecnológica, tem potencial para conseguir mais 20 anos de crescimento de 8% ao ano, o que lhe permitirá “*que medida em paridade do poder de compra, a economia da China poderá ser em 2030 duas vezes maior que a dos EUA*” e o “*rendimento per capita, também medido em paridade do poder de compra, poderá chegar aos 50% do rendimento per capita os EUA*”.

## **D – A política interna – “Fugir da armadilha da estabilidade”**

Há um grande debate interno sobre as soluções para a política interna no país mais populoso do mundo que fez uma transição de grande sucesso do maoísmo para uma “*economia socialista de mercado*”, mas que hoje tem numerosos problemas sociais com várias origens.

Será útil citar Mark Leonard, coordenador do livro *China 3.0*, quando afirma: “*Um grupo de intelectuais chineses considera que a saída da armadilha da estabilidade está em encontrar maneiras de institucionalizar a política chinesa. A Nova Direita, que não é favorável à eliminação das fontes de desigualdade, pretende servir-se da política para a tornar mais legítima. O movimento tem consciência de que a China está a tornar-se mais complexa e mais inquieta, uma vez que há uma epidemia de revoltas a espalhar-se pelo país. Em 1995, as pessoas ficaram chocadas quando as Agências de Segurança Pública (o serviço nacional de informações secretas da China) revelaram que havia quase 9.000 ‘incidentes de grande dimensão’ (definidos como manifestações violentas) por ano. Porém, desde então, o número de revoltas cresceu ainda mais depressa do que a economia chinesa: os estudos estatais calculam que o número aumentou para 180.000 em 2011. Isso significa que, actualmente, há mais de uma revolta de grande dimensão a cada dois minutos. Como é que o sistema pode canalizar essa raiva de maneira que ela não ameace derrubá-lo?*”.

É sobre esta questão vital que se pronunciam vários pensadores.

A China viveu historicamente sob regime autoritários, mas havia o poder das comunidades locais ditas “*naturais*” para encarar questões menores e locais. Com a China 1.0 esse poder foi destruído tudo tendo sido centralizado pelo maoísmo, com a China 2.0 foi aberto caminho para a iniciativa privada e para a “*economia socialista de mercado*” que se trouxe forte desenvolvimento arrastou mais injustiças, estando a população cada vez mais aberta para apresentar as suas reivindicações e queixas, por vezes de modo violento.

Independentemente de cada proposta para a Política Interna, tudo anda à volta de encontrar soluções para uma maior participação da população sem destabilizar a sociedade e de ter poderes locais que resolvam com justiça e rapidez as questões menores evitando que tudo passe para o poder central e para uma máquina burocrática centralizada e lenta. Assim, aparecem propostas mais gerais, algumas sobre questões específicas e outras sobre a resolução de questões locais.

## Fonte Política de Estabilidade

### Neoconservadores

#### Pan Wei

Este autor chefia desde 2007 um grande projeto sobre a definição de “*um modelo para a China*” que procura rejeitar as maneiras ocidentais de encontrar dicotomias entre o Estado e a sociedade civil, a democracia e a autocracia, e os Estados e os mercados.

A questão central relaciona-se com o regresso das “*comunidades naturais*” para resolver os “*problemas triviais*”, mas que foram destruídas juntamente com a moralidade que nelas assentava e o sentido de identidade comunitária, existindo assim, atualmente, uma crise de valores.

Para além das explicações tentadas pelos ocidentais, a verdadeira razão para esta situação encontra-se na dissociação e até antagonismo entre o *yin* (sistema burocrático que resolve as grandes questões) e o *yang* (organizações comunitárias que resolvem as questões “*triviais*”); os problemas de *weiwen* (preservação da estabilidade) nunca serão resolvidos se não ajudarmos as pessoas a organizar-se.

A experiência da Comunidade de Wuxi é um bom exemplo do sucesso desta tese, tendo produzido quatro resultados concretos: tem sido mais fácil às pessoas resolver os “*assuntos triviais*”, o “*estilo de trabalho*” no nível básico melhorou, a moralidade foi revitalizada e o Partido e o Governo voltaram a conquistar a confiança pública o que torna as “*grandes questões*” mais fáceis de resolver.

### Neomaoistas

**Wang Shaoguang** (já apresentado anteriormente em ECONOMIA)

#### Wang Hui

Este autor tem uma tese que começa em 1997 quando publicou um relato “*revisio-nista*” das manifestações de Tianamen em 1989, em Pequim. Diz ele que o movimento reformista juntou dois campos separados na praça – um conduzido por estudantes que queriam acolher as liberdades políticas e económicas do Ocidente e outro conduzido por trabalhadores que se opunham à desigualdade económica que as reformas de mercado de inspiração tinham acarretado. Segundo ele, depois dos tanques terem feito o seu trabalho na rua, o movimento reformista dividiu-se e os reformadores neoliberais fizeram um acordo com o Partido Comunista, trocando o apoio à repressão política pela liberalização económica.

Para ele, o incidente de Chongqing de 2012 (14 de Março) foi o fim de uma experiência política e o segundo ato de um drama começado em 1989 com Tianamen.

Os atuais dirigentes põem causa a Revolução Cultural (e ameaçam com o medo do seu retorno); há uma despolitização da política em benefício da lógica comercial que substitui o raciocínio político, o discurso desenvolvimentista está a substituir a participação política, e a reestruturação de relações de interesse do capital está a substituir o debate sobre os valores políticos.

Sendo o autor um neomaquista, apresenta todos os argumentos contra a liberalização da economia e contra a falta da participação popular nas grandes decisões que interessam ao futuro do país; pondo em causa o neoliberalismo do atual Governo, defende também uma reforma do sistema político, tanto no modo opaco como os assuntos são conduzidos, como na necessidade de “*uma reforma do sistema de liderança*”.

Diz ele que “*Só numa democracia com participação igualitária da população se pode defender a democracia contra a manipulação dos interesses monopolistas e dos poucos que ocupam o poder*”.

## **Governo Limitado**

### **Liberais**

#### **Sun Liping**

Desde há muito que avisa os responsáveis políticos que “*a maior ameaça à sociedade chinesa é a decadência social e não a agitação social*”. Diz que os interesses instalados ficaram reféns das reformas feitas no período China 2.0, estando convencido que se pode criar estabilidade social, se se permitir que as pessoas expressem as suas opiniões e defendam os seus direitos.

Foca-se no exemplo do “*incidente de Wukan*” que pretende utilizar como um modelo para a China; o processo teve origem num protesto contra a corrupção e a apropriação ilegal de terras começado em Setembro de 2011 que se agravou em Dezembro devido a um impasse entre os aldeões e as forças de polícia local. Depois de grande tensão, o problema foi resolvido por negociações que levaram à eleição dos representantes da aldeia, aparentemente sem intromissão do PCC. O caso foi saudado como modelo de melhoria da autonomia das povoações e da resolução de conflitos sociais através de conversações em vez da violência repressiva.

Em termos provinciais, Guandong, no sul, é um caso onde a descentralização tem acontecido e a participação das populações na defesa dos seus interesses tem aumentado.

Dentro desta concepção teoricamente inatacável, apresenta uma dificuldade concreta com o dilema da correção ou a “*armadilha da transição*”, ou seja existindo tantos problemas acumulados ao longo dos anos, enquanto se podem resolver casos individuais com correções e pagamento de indemnizações (no caso da propriedade), não é possível resolver tudo por falta de recursos financeiros e pela necessidade de tempo. Ainda assim, crê que não existe outro caminho possível; os problemas têm de ser encarados de frente e com determinação pelos detentores do poder político, devendo as populações mostrar compreensão pelas dificuldades do processo a fim de que se atinja o consenso social e a reconciliação.

#### **Ma Jun**

Este autor aborda o tema de como responsabilizar os responsáveis políticos num sistema que não tem eleições, o que é muito original, quer no tema, como na solução apresentada.

Embora não veja alternativa, a longo prazo, à democracia eleitoral de estilo ocidental, considera que tal, para já, não é possível na China, pelo que aponta atualmente a solução pela via da responsabilização orçamental.

Trata-se de dois problemas separados: em primeiro lugar, como se escolhe quem vai governar e depois como controlar o uso do poder; diz ele que são precisos dois conjuntos de instituições para os resolver.

Baseia-se na História para explicar como a escolha de quem governa evoluiu ao longo dos últimos 2.000 anos e se a democracia eleitoral é a tendência geral, tal não resolve a segunda questão e os casos de corrupção acumulam-se nos países ocidentais; é preciso criar e reforçar instituições com esse fim.

Assim, no contexto não-eleitoral da China, há atualmente cada vez mais ênfase na chamada democracia orçamental (incluindo a evolução da supervisão orçamental dos Congressos Populares a nível local e a prática do orçamento participativo popular).

O sistema tem apresentado resultados positivos na China; temos então dois caminhos diferentes entre o Ocidente e a China. No primeiro caso a sequência foi responsabilização eleitoral/responsabilização orçamental, enquanto que na China o Estado está a tentar criar sistema orçamental moderno sem antes ter um sistema eleitoral moderno.

Algumas reformas eleitorais têm sido tentadas na China, mas a nível local, não sendo formalmente parte do regime e de modo muito lento. Acresce que a responsabilização social começou também a emergir.

Durante muitos anos não houve controlo orçamental centralizado e não havia uma conta única do Tesouro; isto começou a mudar em 1999 com a sua centralização e a verificação de como os dinheiros públicos são gastos. Mas, para além do controlo oficial, a partir da década de 1990 algumas cidades começaram a envolver a população nas decisões com modelos como a “*orçamentação participativa dos cidadãos*” ou a “*deliberação democrática do orçamento*”. Em termos de controlo emergiram duas formas de responsabilização social: por iniciativa do Estado e por iniciativa da sociedade; no último caso trata-se de uma tendência que se está a intensificar como reação aos excessos do mercado, mas também aos abusos governamentais.

O autor crê que no atual ambiente nacional este é um processo de responsabilização social e horizontal que, a seu tempo poderá abrir caminho a eleições democráticas o que, havendo muitas resistências, não se sabe quando tal reforma política poderá ocorrer.

**Xiao Bin** (já explicado nos MODELOS iniciais)

**Michael Anti**

Este é o pseudónimo de Zhao Jing que se tornou famoso quando a Microsoft lhe fechou o seu blogue em finais de 2005, a pedido das autoridades chinesas.

Este processo desencadeou um debate sobre a cumplicidade entre as empresas ocidentais e o sistema de censura do governo chinês.

A sua tese “*A Chinanet e a censura inteligente*” tem como base a importância que as redes sociais têm na política chinesa contemporânea e das tentativas que o PCC fez para

controlar a *internet*. Michael Anti considera que a *internet* fortalece o governo central contra os governos locais, indo ao ponto de evocar os métodos da Revolução Cultural nos ciberataques que são feitos a determinadas entidades o que faz uma ponte entre a China 1.0 e a China 3.0, mas agora com a utilização das novas tecnologias. É o mais moderno e inteligente modelo de censura.

A China dividiu a *internet* em dois grupos: a *internet* global e a “*Chinanet*”, tendo sido desenvolvido um jogo (de gato e rato) com os 500 milhões de cibernautas do país. A China bloqueou todos os sítios da *Web 2.0* e, ao mesmo tempo, permitiu a criação de uma série de sítios sucedâneos. A abordagem chinesa à *internet* é simplesmente “*bloquear e clonar*”.

Enquanto todos os regimes autoritários procuram proibir ou censurar a *internet* desencadeando movimentos de rua, por vezes violentos, a China criou a “*Chinanet*” que satisfaz as necessidades das pessoas participarem nas redes sociais, mantém os servidores em Pequim e acede aos dados sempre que quer.

Ainda assim, não se conseguiu impedir que a “*Chinanet*” se transformasse num “*campo de batalha*” para a opinião pública e uma dor de cabeça para os funcionários governamentais.

A situação criada permitiu que a “*Chinanet*” seja controlada pelo governo e que haja temas, palavras e entidades que ali não são permitidos. Mesmo com este controlo o sistema criado permite que as redes sociais internas funcionem, muitos temas e reclamações são apresentados, as pessoas falem e debatam entre si mesmo que, por vezes, tenham de inventar códigos para o contacto.

Também existem os microblogues (há 300 milhões de microbloguistas) que têm tornado os governos locais mais transparentes; o Governo central também os utiliza como base de apoio social quando quer afastar algum dirigente local que se tornou incómodo ou demasiado popular. Diz ele que o governo central nem precisa de conduzir a opinião pública: – basta-lhe travar seletivamente a censura. E concluindo:

*“As redes sociais mudaram a forma como os chineses pensam. Cada vez mais chineses adoptam a liberdade de expressão, não como um privilégio importado dos países ocidentais, mas com um seu direito natural. As redes sociais deram, pela primeira vez, ao povo chinês uma esfera pública nacional que está a treiná-los para a cidadania e a prepará-los para a futura democracia. Porém, o que elas não fizeram foi mudar o sistema político chinês. O governo central tem-se servido da centralização da estrutura do servidor para fortalecer o seu poder de combater os governos locais e as diferentes facções.”*

## **E – A política externa – “*Fugir da armadilha do poder*”**

Independentemente do debate em curso sobre as opções teóricas para a política externa chinesa, a evolução global (com consequências completamente novas desde 2008), o crescimento da China a dois dígitos nas duas últimas décadas, a forte presença da China na economia mundial, as consequências na Segurança dos seus cidadãos no

mundo, os problemas de águas territoriais no Pacífico, fazem parte de uma grande alteração geopolítica onde a China terá um lugar cimeiro e em que a sua política externa tem de ser obrigatoriamente repensada.

A orientação de Deng Xiaoping para a política externa quando assumiu as rédeas do poder foi “*esconder o brilho e alimentar a escuridão*”.

Segundo os especialistas tal significava que “*a China como país pobre e fraco, devia ser discreta, evitar conflitos e concentrar-se no desenvolvimento económico*”. Assim “*o país aceitou a ordem internacional dominada pelos EUA e tentou extrair dela tanto benefício quanto possível, parasitando a proteção americana dos seus investimentos, assim como os mercados livres que o Ocidente garantia*”.

Hoje a situação alterou-se, pois vieram a “*abundância, a estabilidade e o poder*” com novos desafios e a política da discrição começa a não ser possível.

A política externa da China 3.0 será muito mais ativa e interveniente que a da China 2.0, aproximando-se em ativismo, embora por razões e com ações diferentes, da política externa da China 1.0 (garantir a segurança do Estado revolucionário e promover a revolução algures); não é mais possível continuar a orientação de Deng (passar despercebido) quando se tem a segunda maior economia do mundo, quando os seus gastos militares crescem a taxas de dois dígitos anuais e tem presença física visível em todos os continentes. Estes factos obrigarão a nova orientação política.

Alguns dados mostrarão como será necessária tal alteração.

A China já é o quarto maior produtor de petróleo bruto mundial, mas atendendo às suas necessidades energéticas tem de importar 57% do petróleo que consome, o que faz dela o maior importador de energia do mundo; a China produz quase metade da produção de aço bruto do mundo, mas cerca de dois terços das suas necessidades de ferro são importadas, tudo significando grandes movimentos marítimos.

Nos princípios dos anos 80 do século passado saíam do país anualmente cerca de 9.000 cidadãos; hoje em dia mais de 70 milhões de pessoas saem do país todos os anos, entre estudantes, trabalhadores migrantes, turistas e homens de negócios. Mas a estes números, há que acrescentar os 50 milhões de cidadãos que vivem no estrangeiro e os 80 milhões de chineses do ultramar o que perfaz 130 milhões, total superior à população do Japão.

Simultaneamente, os investimentos da China no estrangeiro são já um importante motor da economia global, envolvendo cada vez mais empresas numa ampla gama de áreas, o que obriga também a preocupações com a segurança dos seus nacionais

Quando foi da crise da Líbia (revolta, intervenção ocidental e morte de Kadhafi), a China organizou uma ponte aérea para evacuar (rapidamente e sem publicidade) 38.000 cidadãos seus que ali trabalhavam. Mas, há muitos milhares (ou milhões) de chineses a trabalhar em regiões tão instáveis como o Sudão, o Irão, o Afeganistão, Angola, etc.

Os exemplos são quase inesgotáveis, obrigando a uma nova estratégia integrada dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Defesa e do Comércio. Há que garantir os interesses e a segurança da China, mas também os dos chineses espalhados pelo mundo, tal como é feito pelos EUA ou por qualquer potência global.

## 1 – Wang Yizhou – Globalista

É dos mais influentes pensadores da nova política externa da China; situa-se no extremo liberal destes teóricos, classificando-se a si próprio como “*meio internacionalista liberal, meio realista*”. É mais crente que outros nas instituições internacionais, sendo a sua conceção intitulada como “*Envolvimento Criativo*”; desvia-se da estratégia de Deng Xiaoping pedindo a transformação da diplomacia da China para que corresponda ao estatuto de grande potência do país.

Considera que é do interesse chinês manter a estabilidade nacional, a paz e a coordenação com outros países. Defende que a comunidade internacional precisa que a China desempenhe um papel mais ativo, nomeadamente em áreas como as alterações climáticas, proliferação nuclear, protecionismo anti comércio, investimento em regiões subdesenvolvidas e fortalecimento das competências das organizações internacionais, mas que entre os vários atores internacionais os direitos e as obrigações devem ser recíprocos.

Para que o mundo avance a China tem de ser mais ouvida, apresentando necessidades de correção em áreas como o comércio mundial (a China é a maior economia emergente do mundo, mas ainda não lhe foi concedido o estatuto pleno de economia de mercado), direito internacional marítimo (a China tem uma das maiores frotas e capacidades de transporte do mundo, mas é pouco ouvida na elaboração ou retificação da respetiva legislação e regulamentação), finança internacional (a China possui as maiores reservas de divisas do mundo, mas não é tratada com o devido respeito na arena da finança internacional, nomeadamente em tudo quanto diz respeito ao FMI).

São apenas alguns pontos cruciais em que defende uma maior intervenção da China e o correspondente respeito internacional, não esquecendo que com o aumento sempre crescente dos seus interesses no mundo deve garantir a sua proteção, especialmente o bom funcionamento das linhas de abastecimento de energia e das rotas de comércio internacional. Diz ele que, para concretizar os seus novos objetivos de desenvolvimento, a China deve dar prioridade à expansão das suas forças navais e à segurança das vias de comunicação marítimas; admite mesmo que, num certo sentido, a China se pode transformar gradualmente de potência terrestre em potência marítima (ou, podemos nós dizer, acumulando os dois tipos de poder como grande potência global).

## 2 – Wang Jsi – Realista defensivo

Foi o principal Conselheiro do Presidente Hu Jintao para a política externa. É considerado um realista empenhado e preocupado em evitar um conflito direto sino-americano.

Em 2012 escreveu um artigo que é considerado como uma resposta a debates internos recentes, defendendo alguns que a China deve adoptar uma política mais agressiva que possa refletir a mudança estrutural do poder dos EUA para a China desde o começo da crise financeira mundial em 2008.

Analisando todos os fatores existentes, pontos fortes e fracos, Wang pensa que ainda existe um ambiente internacional sombrio para a China.

A sua tese é que depois de 2008 e a crise financeira desencadeada nos EUA e na Europa, depois do terramoto e do acidente nuclear em Fukushima em 2011, as grandes economias mundiais estão com grandes dificuldades, havendo a acrescentar que a chamada Primavera Árabe iniciada em 2011 não trouxe mais estabilidade e o Grande Médio Oriente (GMO) continua em grande tensão e conflitos.

Entretanto, a força económica e o poder militar da China continuam a crescer, esperando-se que os BRIC se tornem ainda mais fortes na próxima década, a integração económica da América Latina entrou numa fase nova e há vários países, nomeadamente a Indonésia, a Turquia, o Vietname, entre outros, que estão a passar por um período de grande expansão económica. A sua conclusão é óbvia; estes dois movimentos em sentidos contrários resultarão em maiores conflitos com a ordem económica e política internacional dominante, criando um desafio enorme à liderança do Ocidente.

Muitas pessoas falam já de um mundo multipolar pós-americano, como se a neblina de um mundo unipolar já se tivesse dissipado por completo. Fala-se na “*ascensão do Oriente*” e no “*declínio do Ocidente*”. Esta abordagem existe em muitos politólogos, não sendo especialmente original. Mas a sua conclusão é que tudo parecendo agora favorecer a China, o “*sentimento generalizado entre o povo chinês é de que a China enfrenta um ambiente internacional sombrio*”. Porque é que a ascensão contínua do poder da China não resultou num ambiente externo melhor?

Wang indica problemas, dá justificações e aponta caminhos.

Problemas:

- 1- A crise financeira mundial também prejudicou as potências emergentes; a própria China tem sentido problemas em exportar (com a retração dos mercados ocidentais) e manter os seus níveis de investimento;
- 2- Há desequilíbrios no crescimento da população mundial, ocorrendo que o envelhecimento das sociedades é mais sentido nos países desenvolvidos e na China, contrariamente ao que se passa nas regiões menos desenvolvidas, indo intensificar-se os conflitos entre os novos migrantes globais e os povos indígenas;
- 3- Todos os problemas postos pela urbanização maciça do globo, nomeadamente o aumento da clivagem entre ricos e pobres e a contínua deterioração do ambiente ecológico global;
- 4- Com a ajuda de novas tecnologias e, em particular, de meios de comunicação *on-line*, há indivíduos e pequenos grupos de pessoas a desafiar Estados e a sociedade internacional (o que preocupa claramente o Autor). Afirma também que, independentemente de diferentes modelos de desenvolvimento entre as sociedades, os conceitos de liberdade individual, igualdade, direitos humanos e democracia estão a espalhar-se por todo o mundo e que tais desafios não podem ser ignorados pela China (o que é notável e raramente apresentado de modo tão claro por um politólogo chinês);

- 5- O poder emergente dos BRIC e de outros países emergentes não tem beneficiado especialmente a China, pois há diferenças enormes (interesses e ideologia nacional), conflitos vários e desconfiança mútuos que não têm ajudado na melhoria da sua (China) imagem e ambiente político externos;
- 6- O “*dilema da segurança*” é uma grande preocupação; enquanto a China desenvolve as suas capacidades militares em nome da segurança interna, os EUA e alguns países vizinhos duvidam das suas intenções pacíficas e estão a tomar medidas preventivas contra a China e até mesmo a coordenar uma estratégia comum contra ela. Em consequência, o povo chinês não compreende como o país pode ser mais poderoso e sentir-se mais inseguro; em conclusão especialistas nacionais consideram que as políticas face ao exterior (EUA e países vizinhos) foram demasiado fracas, crendo o Autor que, a curto prazo, a força efectiva, os instrumentos políticos e o planeamento estratégico continuarão a gorar as expectativas da população.

Reconhecendo que a política externa da China nunca foi tão assertiva e pro-ativa como nos últimos anos, muito devido ao investimento no estrangeiro e ao comércio externo, ao desenvolvimento do seu “*soft power*” e à sua diplomacia, considera que a imagem da China no exterior ainda é insatisfatória muito devido a vários problemas internos (incidentes violentos graves no Tibete e em Xinjiang desde 2008, incidentes de grande dimensão desencadeados por conflitos sociais internos, preocupações relacionadas com a qualidade dos produtos, segurança alimentar, moral pública e ambiente ecológico, corrupção generalizada e a indisciplina recorrente de funcionários públicos, bem como o efeito negativo de cidadãos chineses procurarem asilo em embaixadas ou consulados estrangeiros).

Conclui o Autor que estes problemas demoram muitos anos e obrigam a muitos meios para serem resolvidos e que se a linha do fortalecimento externo deve ser prosseguida, a chave do êxito da China perante os desafios globais depende muito de o país conseguir acelerar o ritmo das reformas nacionais e lidar devidamente com os problemas políticos, económicos e sociais internos, reconhecendo uma relação incontornável entre as questões internas e externas.

Trata-se de uma notável e muito séria análise.

Curiosamente, verifica-se a grande preocupação do recentemente eleito Presidente da RPC, Xi Jinping, com a resolução dos problemas internos, nomeadamente a corrupção ao mais alto nível, ao mesmo tempo que na frente externa procura reforçar alianças com a Rússia, a União Indiana e Angola.

### **3 – Yan Xuetong – Neocomunista**

Dos três teorizadores de política externa apresentados, este é o mais radical, defendendo uma abordagem mais frontal com Taiwan, o Japão e os EUA. Sendo professor da Universidade de Tsinghua, a importância do seu pensamento levou a que alguns académicos falassem de uma “*Escola de Relações Internacionais de Tsinghua*”.

Yan é um nacionalista assertivo e Mark Leonard considera que o seu trabalho é a resposta chinesa aos neoconservadores americanos, sugerindo que o melhor modo de o classificar é a designação de “*neocomunista*”.

Yan defende alterações substanciais na política externa chinesa, nomeadamente na primazia que o crescimento económico tem tido sobre a política, a ideia de alternativa de “*responsabilidade*” no contexto de uma bipolaridade emergente nas relações internacionais, e exigências crescentes de equidade e justiça social que desafiam neste momento as normas de ingerência em vigor.

É muito crítico em relação aos EUA, às organizações internacionais (que muito falam e pouco decidem) e relativamente ao comércio internacional em que os países ocidentais mudaram a sua posição quando perderam vantagens comerciais. Diz que após a Guerra Fria, o liberalismo tornou-se a escola dominante do pensamento político em todo o mundo, mas, depois de perderem a sua vantagem comercial, a UE e os EUA começaram a promover o “*comércio justo*”, ao mesmo tempo que esqueciam a superioridade do “*comércio livre*” que advogaram durante décadas; o mesmo racional defende na área ambiental, devendo as economias recém emergentes ter responsabilidades comuns, mas diferenciadas nas diminuições de emissão de carbono. Esta abordagem acolhe o princípio da diminuição justa, de modo a que sejam os países desenvolvidos a arcar com a parcela de maior responsabilidade (nos últimos 60 anos, os países mais desenvolvidos que representam apenas 17% da população mundial foram responsáveis por 70% das emissões de carbono, enquanto que os países em vias de desenvolvimento que representam 83% da população apenas contribuíram com 30% das emissões). Assim, defende que é justo dar aos países em vias de desenvolvimento mais margem de manobra para produzir emissões de carbono, propondo que a verdadeira equidade devia refletir-se num sistema de responsabilidades diferenciado.

Defende que a globalização acelerou o desenvolvimento, mas ao mesmo tempo exacerbou a polarização entre ricos e pobres; é por isso que todos os povos do mundo (dos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento) exigem mais equidade e justiça social do que desenvolvimento económico.

Mas o seu conceito mais revolucionário refere-se à “*normalização da diplomacia de ingerência*”.

Baseado em casos históricos e nas soluções atuais de Associações Regionais de países e da ONU (para certas situações), lembra que a assinatura de certos acordos de associação multilateral tem vindo progressivamente a abrir as portas ao direito de ingerência. Prevê que num futuro próximo o mundo poderá assistir a uma competição entre os princípios de ingerência e de não ingerência. Lembra que só a partir de 1648, com o Tratado de Westefália (final da Guerra dos Trinta Anos) o conceito de soberania e o da não-ingerência se tornou norma; norma internacional moderna que a Carta das Nações Unidas, em 1945, legitimou e que tem sido consolidada pela prática dos seus membros.

Mas, crê que irá ocorrer uma mudança para uma estrutura bipolar, sendo possível assistir a um enfraquecimento do princípio da não ingerência. Conforme o papel do poder global declina, as potências regionais procurarão obter o domínio regional e exercerão naturalmente a sua influência sobre a política interna de outros Estados da região.

É de recordar que em meados os anos 90, foi dos primeiros pensadores a exortar a China para que apoiasse a integração regional da Ásia.

Acredita que só uma reforma contínua é virtuosa e que a evolução do sistema internacional ocorre lentamente, mas com súbitas explosões de mudança. Assim, crê que a atual tendência para a bipolarização, a emergente norma de ingerência e as ineficazes organizações internacionais indicam mudanças no sistema internacional; mudanças que podem ser impulsionadas pela exigência crescente de equidade e de justiça social exigidos pelas populações.

#### **IV – AS GRANDES ALTERAÇÕES GEOPOLÍTICAS DO SÉCULO XXI, SUAS CONSEQUÊNCIAS PROFUNDAS NA BALANÇA DO PODER E A PROJEÇÃO DA CHINA**

Embora a estrutura formal da organização da sociedade internacional ainda se mantenha com aquela que foi herdada depois do final da II Grande Guerra, o mundo atual já pouco tem a ver com esse sistema.

Grandes mudanças ocorreram que alteraram a balança do Poder, nomeadamente a descolonização das Potências Europeias, o final da Guerra Fria e a implosão da URSS, o “11 de Setembro” e a II Guerra do Golfo (2003), e a grande crise financeira de 2008 (que só tem comparação com a grande queda da Bolsa de Nova Iorque de 1930, embora hoje haja mais mecanismos reguladores e mais interdependência entre todos os actores nacionais) iniciada nos EUA e rapidamente propagada à Europa, região que ainda não recuperou.

No mesmo período aumentou o poder e o número das organizações internacionais e transnacionais, a evolução das comunicações e dos transportes tem sido imparável em qualidade e velocidade e surgiram novas Potências (ditas Emergentes) que têm vindo a aumentar o seu poder na competição com os Poderes tradicionais (onde sobressaem os BRICS).

O mundo passou de bipolar (Guerra Fria), a unipolar (pós 1991, com a implosão da URSS) com tendência a multipolar (já no século XXI), para atualmente caminhar para novo bipolarismo (EUA e RPC). Pode ser dito que após o final da Guerra Fria ainda não se encontrou um sistema internacional definitivo, estando-se ainda numa fase de transição entre a Guerra Fria e um Sistema Estável que há-de chegar (?).

Economicamente passou-se do confronto entre a economia de mercado e a economia planificada (dominadas pelos EUA e URSS) para (entre 1989/1991) ter surgido a convicção que com o domínio completo da economia de mercado (não regulada) se teria chegado ao “*Fim da História*”, como foi escrito por Francis Fukuyama. O “*capitalismo selvagem*” como lhe chamou João Paulo II ou o “*capitalismo financeiro desregulado*” como foi designado por Bento XVI provou as suas limitações e falta de ética humana, profissional e social, tendo cometido graves crimes em todo o mundo e aumentado o fosso entre ricos e pobres no globo e em cada país.

Neste momento, este capitalismo especulativo perdeu credibilidade, as Instituições financeiras e económicas perderam confiança generalizada, ao mesmo tempo que a UE parece desaparecer da carta do poder e os EUA, ainda os mais poderosos, estão a ficar enfraquecidos, tendo dado recentemente provas de grandes dificuldades de entendimento interno, o que foi frontalmente reconhecido por Barack Obama.

Ainda assim, parece não existir melhor solução política e económica que a democracia com as suas liberdades garantidas e a economia de mercado, mas devendo esta ser cuidadosamente regulada e acompanhada, com os seus atores sob vigilância permanente e atuação judicial rápida quando necessário.

Os povos, hoje com mais poder e conhecimento, já não aguentam mais a ditadura dos regimes autoritários, nem a ditadura dos mercados, nem o poder não controlado das instituições financeiras e de seguros, que, com a fraqueza do poder político dos regimes democráticos, têm vindo a dominar tudo e todos. Verdadeiramente, nesses moldes, o Poder não tem face. O sistema financeiro, para o bem de todos e para a paz social e internacional tem de ser profundamente melhorado e corrigido.

Este tipo de situação foi previsto, tendo eu escrito em 2006 um ensaio para a Associação Portuguesa de Ciência Política (APCP) com o título de *Vinte sinais premonitórios de uma mudança histórica*, já várias vezes publicado e apresentado oralmente.

Nesse texto, eu afirmava que se acumulavam sinais que, se bem interpretados, nos diziam que uma grande mudança histórica estava a acontecer; mudança que só seria comparável às consequências da Revolução Francesa e da I Revolução Industrial, pelo que os responsáveis políticos à escala mundial e nacional deveriam tomar as medidas mais adequadas para se precaverem e adaptarem. Tudo tem vindo a ser confirmado, havendo a acrescentar a velocidade sempre crescente com que a mudança está a ocorrer e que eu não inclui.

Vale a pena voltar a citá-los, como segue:

- 1- Um Mundo em rede;
- 2- Sacralização do Mercado;
- 3- Drásticas alterações climatéricas;
- 4- Falta de recursos hídricos e energéticos;
- 5- Terrorismo transnacional e armas de destruição massiva;
- 6- Emergência brusca de novas grandes potências;
- 7- A crença que não há limite para a expansão da Ciência;
- 8- Tecnologia, informação e comércio global tendem a igualar o poder entre os Estados;
- 9- O Poder das Igrejas e os diferentes modos como são encarados;
- 10- Manipulação das Massas pelos vários Poderes;
- 11- A demografia e as novas correntes migratórias;
- 12- Aumento da concentração urbana;
- 13- Dificuldade dos Poderes tradicionais com o aumento dos problemas sociais internos;
- 14- Alargamento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres;

- 15- Os Extremismos do Desespero,
- 16- Os Estados Falhados;
- 17- Confronto entre as Grandes Potências;
- 18- Guerras Assimétricas;
- 19- Enfraquecimento das Regras de Relacionamento Internacional;
- 20- Grandes alterações no comportamento individual.

Neste mundo convulso e quase sem regras respeitadas, além dos esforços lentos da ONU sobressaem, hoje, pela sua visão (por vezes não compreendida) e capacidade de influência global três leaders, o Papa Francisco, Barack Obama e Xi Jinping (o Presidente da RPC) que perceberam as limitações dos poderes nacionais e a necessidade de serem construídos entendimentos sólidos sobre os grandes temas que interessam à Humanidade, como um todo.

Xi Jinping está a fazer um grande esforço reformista e desenvolvendo uma dura luta conta a corrupção, mas lutando com grandes dificuldades e resistências internas.

## V – VANTAGENS MÚTUAS DO HISTÓRICO RELACIONAMENTO BILATERAL NO NOVO MUNDO DO SÉCULO XXI

Com o processo histórico explicado e as possibilidades e os problemas que o mundo atual apresenta, a internacionalização de todas as atividades é indispensável, havendo que construir novos relacionamentos saltando por cima de tudo quanto é tradicional.

As relações entre Portugal e China são uma das áreas a ser aprofundadas, como de há muito venho dizendo, o que tem vindo a ter uma construção sólida desde 2000, depois da transferência da Administração de Macau, antecedida por uma Administração Portuguesa pós-1974 que soube enriquecer o Território e desenvolver uma relação de confiança e construtiva com a China.

Portugal tem um Conceito Estratégico sólido, com prioridades bem definidas na União Europeia, Aliança Atlântica e CPLP, mas nesta fase de grandes mudanças históricas deve fazer novas opções, não só nos investimentos, tecnologia e comércio externo, mas também em termos de estratégia pura optando por uma ligação forte à China, o que independentemente de dimensões diferentes será benéfico para ambos os países.

A longa e forte presença, cinco vezes centenária, de Portugal em Macau criou laços e mecanismos de ligação, entendimento e confiança num país como a China que durante muitos anos viveu isolado, mesmo ostracizado e connosco sempre encontrou rumos e portas de compreensão.

Nesta fase da História Mundial tais dividendos devem ser maximizados e extrapolados para benefício de ambos, o que a China já compreendeu e tem vindo a concretizar.

**Nota Final:** Texto correspondente à Conferência apresentada em 30/10/2013, em *power point*, na Academia de Marinha quando do XIII Congresso de História Marítima; embora o texto só seja publicado pela Academia de Marinha em 2015 não o atualizei face a novos acontecimentos e conceitos, por ética que quero respeitar, correspondendo ao que foi apresentado em 2013.

## Bibliografia

- Boxer, Charles, *O Império Marítimo Português (1415/1825)*, Lisboa, Edições70, 1977;
- Coates, Austin, *A Macao Narrative*, Hong Kong, Heinemann, 1978;
- Cortesão, Jaime, *História dos Descobrimentos Portugueses* (3 volumes), Lisboa, Círculo de Leitores, 1979; Leandro, Garcia, “A Nova Ordem Internacional: Vinte sinais premonitórios de uma mudança histórica”, in *Revista Negócios Estrangeiros* nº10, Lisboa, Instituto Diplomático/MNE, 2007;
- Leandro, Garcia, *Macau nos Anos da Revolução Portuguesa – 1974/1979*, Lisboa, Gradiva, 2011;
- Leonard, Mark (coordenador), *China 3.0*, Lisboa, Gradiva, 2012, integrando os seguintes autores chineses:
- Michael Anti, nascido em 1975, jornalista, ativista e bloguista;
  - Cui Zhiyuan, nascido em 1963, Professor de Política e Gestão Pública na Universidade de Tsinghua em Pequim;
  - Hu Shuli, nascido em 1953, é editora da revista de negócios e finanças *Caixin*;
  - Mark Leonard, é co-fundador e diretor do Conselho Europeu para as Relações Externas;
  - Justin Yufu Lin, nascido em 1952, foi economista-chefe e vice-presidente do Banco Mundial entre 2008 e 2012;
  - Sun Liping, nascido em 1955, é professor de Sociologia na Universidade de Tsinghua em Pequim;
  - Ma Jun, nascido em 1969, é diretor do Centro para Investigação da Administração Pública Chinesa, na Faculdade de Governação da Universidade Sun Yat-sen em Guangzhou;
  - Pan Wei, nascido em 1969, é professor na Faculdade de Estudos Internacionais e diretor do Centro para Assuntos Chineses e Globais da Universidade de Pequim;
  - Wang Jisi, nascido em 1948, é reitor da Faculdade de Estudos Internacionais da Universidade de Pequim;
- Wang Hui, nascido em 1959, é professor-investigador na Universidade de Tsinghua em Pequim;
- Wang Shaoguang, nascido em 1954, é professor e presidente do Departamento de Governação e Administração Pública na Universidade Chinesa de Hong Kong;
  - Wang Yizhou, nascido em 1957, é professor e reitor associado na Faculdade de Estudos Internacionais na Universidade de Pequim;
  - Xiao Bin, nascido em 1961, é professor na Faculdade de Governação da Universidade Sun Yat-sen em Guangzhou;
  - Yan Xuetong, nascido em 1952, é presidente do Conselho de Administração da Carnegie-Tsinghua e reitor do Instituto de Relações Internacionais Modernas da Universidade de Tsinghua;
  - Yang Chan, nascida em 1987, formou-se em Gestão na Universidade Fudan e fez um mestrado em Política Económica Internacional nas Sciences Po, em Paris;
  - Yu Yongding, nascido em 1948, foi presidente da Sociedade Chinesa de Economia Mundial e diretor do Instituto de Economia e Política Mundiais da Academia Chinesa de Ciências Sociais.
- Peyrefitte, Alain, *L'Empire Immobile où le choc des mondes*, Paris, Fayard, 1989;



# NOS CAMINHOS DA LUSOFONIA: MACAU E O FUTURO DAS RELAÇÕES SINO-PORTUGUESAS<sup>1</sup>

Carmen Amado Mendes\*

## Abstract:

Depois da transferência da administração portuguesa para a China em 1999, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) manteve o seu papel de ponte entre o Oriente e o Ocidente, inspirado pela chegada dos portugueses há 500 anos atrás. O legado arquitectónico, cultural e linguístico testemunhado em Macau tem sido acarinhado depois da transição, como ilustram as várias iniciativas governamentais e da sociedade civil, conscientes dos benefícios que o conceito de lusofonia pode trazer à Região. O aspecto mais visível foi a criação em 2003 de um Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, com o seu Secretariado Permanente baseado em Macau. O interesse do Governo Central na utilização das especificidades desta Região Administrativa Especial como símbolo da aproximação da China a países com os quais, à partida, tinha poucas afinidades, reavivando o estatuto da língua e cultura portuguesas no seu próprio território, revela o pragmatismo de Pequim. A herança histórica que Portugal deixou na RAEM, única característica que a China partilha com o mundo lusófono, contribui para criar entre continentes, que são geográfica, política e culturalmente distantes, uma inovadora forma de cooperação.

*After the transfer of the Portuguese administration to China in 1999, the Macau Special Administrative Region (MSAR) kept its role as a bridge between East and West, inspired in the Portuguese settlement 500 years ago. The architectural, cultural and linguistic legacy*

---

\* Carmen Amado Mendes é Professora Auxiliar do Núcleo de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; membro da direcção da *European Association for Chinese Studies*; Doutorada em estudos políticos pela *School of Oriental and African Studies*, Universidade de Londres, Mestre pelo *Institut des Hautes Études Européennes*, Universidade de Estrasburgo, e Licenciada pelo Instituto de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa. Foi Presidente da Secção de Relações Internacionais e vogal da direcção da Associação Portuguesa de Ciência Política; professora visitante na Universidade de Macau; investigadora de pós-doutoramento do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa; Auditora do Instituto de Defesa Nacional e co-fundadora da empresa ChinaLink Consultores Lda e do Observatório da China em Portugal. É coordenadora de um projecto sobre Macau no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e autora de várias publicações, disponíveis para consulta em: <http://www.uc.pt/feuc/carmen>

<sup>1</sup> A pesquisa subjacente à realização deste artigo foi desenvolvida no âmbito do projecto “*Uma Análise da Fórmula ‘Um País, Dois Sistemas’: O Papel de Macau nas Relações da China com a UE e os Países de Língua Portuguesa*”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCOMP-01-0124-FEDER-009198). O extenso período de trabalho de campo não teria sido possível sem o generoso apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, da Fundação Macau (em Macau) e da Fundação Oriente (em Macau e em Timor).

*witnessed in Macau has been promoted through various initiatives of the local government and civil society, showing the belief in the benefits that the concept of lusophony may bring to the Region. In 2003 the Forum for Economic and Trade Cooperation between China and the Portuguese-speaking Countries was created with a Permanent Secretariat based in Macau. The support of the central government in using the specificities of this Special Administrative Region as a symbol of the trans-regional integration of China with countries with who it has little affinities, reviving the statute of the Portuguese language and culture in its own territory, proves great pragmatism. The historical patrimony that Portugal left in the MSAR, the only characteristic that China shares with the lusophone world, contributes to create an innovative way of cooperation between continents that are geographically, politically and culturally apart.*

## Introdução

A identidade multi-cultural de Macau, moldada com a chegada dos portugueses em meados do século XVI, inspirou o enclave chinês para encarnar o ideal de ponte Oriente-Occidente. 500 anos depois, o território retornou à mãe-pátria mas manteve as suas especificidades lusófonas, um peão embrenhado num jogo de sombras chinesas para alcançar interesses além-mar. Oficialmente designado como plataforma de ligação da China ao mundo lusófono, Macau refugia-se no papel de intermediário que os seus contornos únicos lhe permitem desempenhar.

Não sendo uma colónia no sentido formal, mas antes um caso de soberania partilhada, facto sobretudo evidente com os incidentes aí ocorridos durante a Revolução Cultural, o “*território sob administração portuguesa*”<sup>2</sup> não foi contemplado pela vaga de descolonização, sendo antes sujeito a um processo de retrocessão<sup>3</sup> resolvido pela via negocial. A Acta das conversações sobre a questão de Macau, assinada em 1979 aquando do estabelecimento de relações diplomáticas luso-chinesas, já dizia que o território sob administração portuguesa seria “*restituído à China... , no momento julgado oportuno, pelos governos dos dois países e por meio de negociações*”<sup>4</sup>. Tal viria a acontecer no rescaldo das negociações sino-britânicas sobre Hong Kong, resultando na assinatura da Declaração Conjunta de Macau em 1987<sup>5</sup>, que estipulou a transferência da administração portuguesa para a República Popular da China (RPC) em 1999.

<sup>2</sup> Denominação incluída na *Constituição da República Portuguesa*, Coimbra, Atlântida Editora, 1976, Artigos 5 e 306.

<sup>3</sup> Esta teorização decorre de uma lacuna existente no Direito Internacional que permita enquadrar, do ponto de vista formal, processos de retirada da potência administrante em que os habitantes do território administrado não tenham o direito à auto-determinação. Assim, denominamos “retrocessão” processos em que um enclave é absorvido, de forma pacífica ou violenta, por uma entidade contígua de maior dimensão à qual pertencia antes de ter sido administrado pela potência colonial. Foi este o caso de Goa, que retrocedeu pela força à Índia em 1961, e poderia ser o caso de Gibraltar e das Malvinas, se as posições da Espanha e da Argentina prevalecessem sobre a do Reino Unido.

<sup>4</sup> “Acta das conversações sobre a questão de Macau” e “Comunicado conjunto sobre o estabelecimento de relações diplomáticas formais entre a China e Portugal”, Paris, 8 de Fevereiro de 1979.

<sup>5</sup> “Declaração Conjunta do Governo da República Portuguesa e do Governo da República Popular da China sobre a Questão de Macau”, Pequim, 13 de Abril de 1987.

Quer a Declaração Conjunta quer a Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM)<sup>6</sup>, uma espécie de “mini-constituição” do território que entrou em vigor no momento da sua passagem para a China, definiram que, durante cinquenta anos, Macau “gozará de um alto grau de autonomia, excepto nas relações externas e na defesa, que são da competência do Governo Popular Central”. No entanto, a nível das relações externas a questão da autonomia é tratada de forma algo híbrida nos dois documentos, que assumem que a RAEM pode:

*com a denominação de “Macau, China”, manter e desenvolver, por si própria, relações, celebrar e executar acordos com os países, regiões e organizações internacionais ou regionais interessadas nos domínios apropriados, designadamente os da economia, comércio, finanças, transportes marítimos, comunicações, turismo, cultura, ciência, tecnologia e desporto*<sup>7</sup>.

Esta abertura, conjugada com a manutenção do português como uma das línguas oficiais a par do chinês, tem dado à RAEM a autonomia externa necessária para desenvolver um intenso relacionamento, inclusivamente de alto nível, com as ex-colónias portuguesas. O bom relacionamento entre Lisboa e Pequim, resultante do clima amigável das negociações luso-chinesas, e entre Lisboa e as suas ex-colónias, facilitaram o processo. Em 2003, a preservação das suas características lusófonas garantiu-lhe a sede do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, por isso conhecido como Fórum Macau. Terá a promoção deste papel de plataforma resultados concretos na aproximação de Pequim aos países em questão ou será um refúgio do simbolismo latente ao burilar da identidade de Macau?

## 1. Lusofonia em Macau

A carga simbólica que envolve o Fórum Macau só é decifrável se observarmos o posicionamento da RAEM como ponto de encontro da cultura lusófona, resultado não só da preservação da traça arquitectónica colonial e do português como língua oficial, aspectos negociados nos últimos anos da administração portuguesa, mas também da própria dinamização do ensino da língua e do apoio a eventos lusófonos que se tem vindo a intensificar progressivamente por parte da administração chinesa. A procura de cursos de português tem vindo a aumentar de forma exponencial neste local privilegiado para formação linguística e cultural de diplomatas, empresários e tradutores chineses, alguns originários de Macau e outros provenientes da China continental, antes de iniciarem funções nos países de língua portuguesa.

<sup>6</sup> “Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China”, adoptada em 31 de Março de 1993, pela Primeira Sessão da Oitava Legislatura da Assembleia Popular Nacional da RPC e promulgada pelo Decreto N.º 3 do Presidente da RPC para entrar em vigor no dia 20 de Dezembro de 1999.

<sup>7</sup> Declaração Conjunta de Macau, Anexo I, Cap. VIII; Lei Básica da RAEM, Cap. VII – Assuntos externos, Art. 136.

Em relação aos eventos, os primeiros Jogos da Lusofonia foram realizados em 2006 em Macau, um local considerado “singular” pelos organizadores, cuja ideia era criar:

[u]ma plataforma comum para o desporto estabelecida em conjunto pelos países e regiões de Língua Oficial Portuguesa. [...] Dos quatro cantos do mundo, os intervenientes juntam-se em torno de um elemento único – uma língua, a Língua Portuguesa. [...] É a primeira vez que um evento desportivo deste género tem a língua como elemento comum<sup>8</sup>.



Fig. 1 – Logótipo, Cartaz e Hino dos Jogos da Lusofonia, Macau, 2006

Já o Festival da Lusofonia, criado em 1998, continuou a realizar-se anualmente no mês de Outubro, para promover a cultura dos países de língua portuguesa e “*homenagear as comunidades lusófonas residentes em Macau, pelo seu contributo no desenvolvimento do*

<sup>8</sup> Instituto do Desporto, “Os Jogos da Lusofonia”, *Desporto de Macau*, Governo da Região Administrativa Especial de Macau, N.º 2, 2006, in <http://www.sport.gov.mo/pt>, página consultada a 24 de Setembro de 2010.

*território*.”<sup>9</sup> Esta festa tradicional, organizada pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais e pelos Serviços de Turismo de Macau, inclui diversas actividades culturais, como mostras gastronómicas, artesanato, exposições e concertos. O evento, que habitualmente tinha a duração de um fim-de-semana, ganhou outra dimensão com o envolvimento do Fórum Macau na organização da “Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa.”<sup>10</sup> O mesmo se verificou com a presença dos países de língua portuguesa na Feira Internacional de Macau (MIF) organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), que passaram a ter mais visibilidade, organizados num *stand* conjunto<sup>11</sup>.



Fig. 2 – Cartazes do Festival da Lusofonia e da Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa

<sup>9</sup> Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, “15º Festival da Lusofonia, 4ª Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa,” Governo da Região Administrativa Especial de Macau, in <http://www.iacm.gov.mo>, página consultada a 24 de Setembro de 2010.

<sup>10</sup> Ver “Notícias Recentes” no site Fórum Macau, in <http://www.forumchinapl.org.mo/pt>, página consultada a 24 de Setembro de 2010.

<sup>11</sup> Ver “Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa”, 17ª Feira Internacional de Macau, Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, 18-21 de Outubro de 2012, in <http://www.mif.com.mo>, página consultada a 24 de Setembro de 2012.



Fig. 3 – O *stand* dos países lusófonos na 16ª Feira Internacional de Macau, Outubro de 2011

Vários eventos têm sido organizados na RAEM, muitas vezes com o apoio do Fórum Macau, com o objectivo oficial de “*reforçar a cooperação entre a lusofonia e a China*” nomeadamente conferências internacionais que reúnem profissionais de todos os países de língua portuguesa, provenientes dos mais variados sectores de actividade: médicos, jornalistas, advogados e até funcionários dos bancos centrais, dos aeroportos ou dos laboratórios de engenharia civil. Aproveitando este factor de atractividade que tem ligado a Região à lusofonia, a Universidade de Macau acolheu já vários encontros da Associação das Universidades de Língua Portuguesa: o XIII sobre “*Espaço Lusófono do Ensino Superior e Investigação*” em 2003; o XVI subordinado à “*Organização do Espaço de Ensino Superior e Investigação dos Países de Língua Portuguesa*” em 2006, na altura da última Conferência Ministerial do Fórum Macau; e o XX dedicado ao tema “*A China, Macau e os Países de Língua Portuguesa*” em 2010<sup>12</sup>. O Departamento de Português da Universidade de Macau também acolheu o Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, em 2011 e tem organizado anualmente o Dia da Língua Portuguesa e o Curso de Verão de Língua e Cultura Portuguesas que, ao incluir visitas e reuniões com responsáveis da região, contribui para divulgar aos participantes o papel de Macau “como ponto de encontro entre culturas e como plataforma para um relacionamento entre a China e os países lusófonos”<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Associação das Universidades de Língua Portuguesa, “Publicações – Actas”, in <http://aulp.org>, página consultada a 24 de Setembro de 2012.

<sup>13</sup> Dias, Aldino, Professor do Departamento de Português da Universidade de Macau e membro da comissão organizadora dos referidos eventos, *Jornal Tribuna de Macau*, “UM Celebra ‘Dia da Língua Portuguesa’”, 23 de Fevereiro de 2012.



Fig. 4 – Livros de Actas dos Encontros da Associação das Universidades de Língua Portuguesa em Macau

Da mesma forma, em 2011, a Universidade de São José organizou uma conferência internacional sobre “*A Lusofonia entre Encruzilhadas Culturais*”<sup>14</sup> e o Instituto Politécnico de Macau acolheu o encontro da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que, na sua declaração de princípios e objectivos, assume que:

*Etimologicamente, Lusofonia significa fala dos lusos, mas na nossa definição cabem todos quantos falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Nela incluiremos todos os que têm o português como língua materna ou oficial. Lusófonos seremos, portanto, todos nós quantos, falando a língua de Camões, sentimos que algo temos em comum, de idêntico mas também de diferente de todos os outros que habitualmente falam outra língua e com ela se identificam. A nossa definição de Lusofonia será sempre um diálogo nessa secular língua, incluindo os oito países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais, bem como todas as Regiões em que a língua portuguesa é também utilizada como língua materna ou de património...*<sup>15</sup>

<sup>14</sup> “USJ esmiúça a lusofonia”, *Ponto Final*, 22 de Fevereiro de 2011.

<sup>15</sup> Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, “Declaração de Princípios e Objectivos,” in <http://www.lusofonias.net>, página consultada a 24 de Setembro de 2012.



Fig. 5 – Logótipo e Cartaz do XV Colóquio da Lusofonia,  
11 a 15 de Abril de 2011

A referência à “*fala dos lusos*,” feita no início da citação, evoca as críticas recorrentes à “*sustentabilidade teórica e metodológica da comparação dos países lusófonos*” e ao erro “*da análise arbitrariamente delimitada desses países como se eles constituíssem um campo ‘lusófono’ e não identidades políticas plurais, moldadas pela relação com os contextos mais próximos, pela sua acção diplomática e política e pela sua interacção económica, social e cultural com o mundo*”<sup>16</sup>. Aparentemente imunes a estas críticas “*de instrumentalização do discurso científico para validar a ‘lusofonia’*,”<sup>17</sup> o Governo da RAEM e organismos que com ele colaboram na divulgação de estratégias e promoção de imagem têm explorado o conceito ao máximo, evidenciando o espaço que este foi conquistando na administração chinesa. A *Revista Macau*, publicação trimestral do Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau, dedica uma secção à lusofonia, conforme atesta a nota do editor aquando do lançamento de um formato renovado da Revista em 2005:

*Outra vertente realçada é o papel da RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) como plataforma para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa. [...] Diga-se a propósito que a Revista passará a ser distribuída em todos os países de língua oficial portuguesa, de forma tão sistemática e ampla quanto possível, sem esquecer, é*

<sup>16</sup> Nascimento, Augusto, “A Lusofonia para além dos afectos e dos adornos: as premissas de um (possível) saber partilhado”, *Relações Internacionais*, N°15, Setembro de 2007, p. 127.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 126.

claro, os seus leitores da RAEM. Estando a Revista tão ligada à lusofonia, ganha sentido especial uma outra temática que igualmente destacamos nesta edição e serve de tema para a capa da edição: a língua portuguesa. [...] É desejo da “Macau” aprofundar o relacionamento com [...] a generalidade dos leitores de língua portuguesa, desde Macau ao Brasil, sem esquecer Timor-Leste, Portugal e os países lusófonos de África<sup>18</sup>.



Fig. 6 – Capa da Revista Macau dedicada à Lusofonia, Dezembro de 2005

No mesmo sentido, o Instituto Internacional de Macau (IIM), no editorial de um dos vários números da revista *OrienteOcidente* dedicados ao tema, defende “a vocação de Macau como ponto de intercâmbios com o grande espaço da lusofonia” e vai mais longe afirmando: “Fomos, aliás, os primeiros que acreditaram nesta abertura estratégica, tendo desde o início inscrito o reforço da lusófona componente sócio-cultural de Macau nos nossos objetivos axiais.”<sup>19</sup> Este interesse é atestado pela quantidade e diversidade de eventos dedicados ao debate da lusofonia, organizados não só em Macau mas também em Portugal e no Brasil, e dois livros editados sobre as relações da China com os países de língua portuguesa<sup>20</sup>, para além da já referida cobertura assegurada pela *OrienteOcidente*.

<sup>18</sup> Ortet, Luís, “Editorial”, *Revista Macau*, Nº 1, Dezembro de 2005, p.1. A secção “lusofonia” das várias revistas pode ser consultada em: <http://www.revistamacau.com>

<sup>19</sup> *OrienteOcidente*, Instituto Internacional de Macau, Nº15, Julho de 2005, p. 4. As publicações do IIM podem ser consultadas em: <http://iimacau.org.mo/>

<sup>20</sup> César, Gonçalo (coord.), *Macau e as Relações Económicas China / Países de Língua Portuguesa – dez anos de crescimento 1999-2009*, Instituto Internacional de Macau, 2009; César, Gonçalo (coord.), *À descoberta da China e dos países lusófonos: Macau: potencialidades turísticas e estratégias promocionais*, Instituto Internacional de Macau, 2011.



Fig. 7 – Capas dos Livros e de uma das Revistas do Instituto Internacional de Macau dedicados à Lusofonia

A Associação de Macau para a Promoção e Intercâmbio entre Ásia-Pacífico e América Latina (*Macau Association for the Promotion of Exchange between Asia-Pacific and Latin America – MAPEAL*) também considera que, “*ao contrário de Hong Kong e de outras cidades da China, Macau, através do seu próprio processo histórico de mais de quatro séculos, criou a sua identidade cultural única, que pode ser formulada como sino-latina*”, tornando-se uma base ideal para reforçar as relações e “*reduzir a distância entre a China e o mundo lusófono em termos económicos e culturais.*”<sup>21</sup> O presidente desta associação tem defendido, por um lado, que “*a língua portuguesa é indispensável para manter a cultura*

<sup>21</sup> Ngai, Gary, “Macau an ideal base to develop Sino-Latin ties”, *OrienteOccidente*, 13 de Maio de 2004, p. 5.

*política e jurídica de Macau*” e, por outro, a necessidade de se apostar na investigação e debate sobre a identidade e o modelo de Macau, nomeadamente através da coordenação entre vários institutos de pesquisa dentro e fora do território. No seu entender, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre China e Países de Língua Portuguesa, que abordaremos em detalhe adiante, “é o primeiro passo para reforçar o papel de Macau como uma ponte especial entre a China e a comunidade latina do mundo”<sup>22</sup> mas “*não é suficiente. É uma instituição governamental com recursos muito limitados. Precisamos de ter mais pessoas a trabalhar nestes aspectos, não apenas na área de negócios mas também na cultura.*”<sup>23</sup>

Saltando então da dimensão cultural para a comercial, importa referir a Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos (ACIML) que tem organizado actividades para a aproximação dos empresários chineses aos dos países de língua Portuguesa, contando com a participação de empresários e entidades governamentais relevantes. A ACIML dedica uma das secções da sua revista *Novidades da Plataforma* à lusofonia e dá destaque ao tema no seu *website*<sup>24</sup>.



Fig. 8 – Capas da Revista *Novidades da Plataforma*, que tem uma secção dedicada à Lusofonia

Esta descrição, não pretendendo ser exaustiva, procurou ilustrar a percepção da lusofonia como um meio para reforçar o modelo cultural de Macau, contribuindo assim

<sup>22</sup> *Ibidem*, pp. 10-11 e 14.

<sup>23</sup> Ngai, Gary, “O Fórum não é suficiente”, entrevistado por Hélder Beja, *Ponto Final*, 7 de Setembro de 2012.

<sup>24</sup> Ver: *Novidades da Plataforma*, Associação Económica e Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos, in <http://www.aciml.org.mo/por/plataforma.htm>

para a sua construção identitária. Ao contrário do que seria previsível nos últimos anos da administração portuguesa, a preservação desta memória lusófona é incentivada por Pequim: o sistema cultural e linguístico da RAEM, semelhante ao dos países de expressão portuguesa, reforçou o seu papel de ponte para o mundo lusófono<sup>25</sup>. Se, nos dois ou três anos imediatamente após a transição para a administração chinesa, os “resquícios coloniais” não eram bem vistos, o apoio do governo central na utilização de Macau como símbolo da integração trans-regional da China e dos países de língua portuguesa reavivou o estatuto da língua e cultura portuguesas.

Esta instrumentalização chinesa da lusofonia é ainda mais interessante se tivermos em conta que actualmente o conceito em Portugal é usado com alguma prudência e, nalguns círculos intelectuais e políticos dos países de língua portuguesa, está conotado com o colonialismo. No entanto, esta críspação terminológica não se reflecte na rejeição da cultura lusófona nas ex-colónias, mesmo naquelas que estiveram durante treze anos em guerra com Portugal, talvez por duas razões principais: o atraso nos processos de auto-determinação é associado ao regime ditatorial então vigente e não ao povo português em geral; e os cidadãos provenientes das ex-colónias são bem acolhidos e integrados na sociedade portuguesa.

O sentimento de pertença à cultura lusófona reflecte-se na facilidade de integração que cidadãos provenientes de países de língua portuguesa têm em Macau. Prova disto é a existência de Casas ou Associações de Amizade de todos os países de língua portuguesa, incluindo São Tomé e Príncipe, que tem relações diplomáticas com Taiwan. Estas associações organizam exposições e eventos, como a celebração dos seus dias nacionais, e participam activamente no Festival da Lusofonia. Macau é a única região da China onde os “lusófonos” podem, se frequentarem determinados círculos, passar o dia todo “em português”: há televisão, rádio, jornais, livraria, tertúlias, restaurantes e cafés portugueses e até o nome das ruas e os mapas são bilingues. A seguir veremos como é que estas especificidades linguísticas e culturais reivindicam em Macau um papel crucial na promoção das trocas económicas e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa.

---

<sup>25</sup> Cardoso, Daniel e Mendes, Carmen Amado, “Lusofonia em Macau: Que Contributos para o reforço das relações Sino-Brasileiras?” in Pretov, Petar *et al.* (eds.), *Avanços em Comparatismos nas Lusofonias*, Associação Internacional de Lusitanistas, Através Editora, Santiago de Compostela-Faro, pp. 137-138.



Fig. 9 – Logótipos e fotografia de algumas casas/associações lusófonas em Macau

## 2. O Fórum Macau

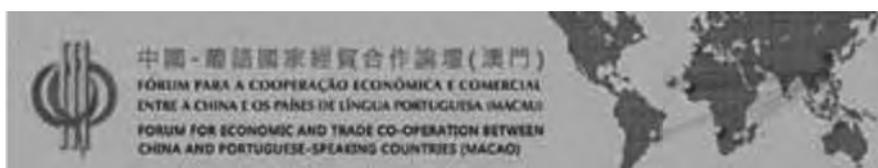


Fig. 10 – Página oficial do Fórum Macau

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foi criado em 2003. “*O Fórum integra como membros os Países de Língua Portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste, etc) e a República Popular da China.*”<sup>26</sup> Na página oficial do Fórum aparece

<sup>26</sup> Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), “Apresentação do Fórum”, in <http://www.forumchinapl.org.mo/pt/aboutus.php>, página consultada a 23 de Setembro de 2012.

“etc” e a ausência de São Tomé e Príncipe é notória. Isto poderá dever-se ao facto de São Tomé não ter relações diplomáticas com Pequim; no entanto, é convidado a participar como observador. Enquadrado no Ministério do Comércio da China, o Fórum Macau tem especificidades relativamente aos outros fóruns que são criados/dinamizados por Pequim<sup>27</sup>, nomeadamente o relacionamento institucionalizado e com carácter de permanência dos seus Estados-membros, através de um “*mecanismo de acompanhamento*”:

*Os Ministros concordaram com o estabelecimento de um mecanismo de acompanhamento, através da constituição de um Secretariado permanente em Macau que garantirá o apoio logístico e financeiro necessário, bem como a ligação indispensável para a concretização das iniciativas e dos projectos a implementar*<sup>28</sup>.

O Secretariado Permanente está baseado em Macau, que não é membro do Fórum mas é uma Região de um dos membros (China) e partilha com os restantes países a herança da administração colonial portuguesa, a língua e alguns aspectos culturais e administrativos. Assim, de acordo com o Instituto Internacional de Macau, o Fórum:

*veio devolver a Macau a dimensão pluri-continental que teve durante séculos, nas relações com África, América Latina e Sudeste Asiático. Macau desempenha novamente um papel único nas ligações da China com os países de língua portuguesa. Este instrumento consubstancia-se como um complemento importante e enquadramento através do qual a China materializa as relações num plano multilateral e que complementa o relacionamento inter-governamental bilateral. Confere assim uma identidade internacional a Macau, como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa, cumprindo assim quer a vontade do governo central, que lançou esta iniciativa, quer o desejo da população e das autoridades locais*<sup>29</sup>.

A estrutura do Secretariado Permanente do Fórum incluiu: um Secretário-Geral, líder formal do Fórum, nomeado por Pequim; três Secretários-Gerais Adjuntos, um da China (este lugar não foi preenchido devido ao facto do Secretário-Geral já ser chinês), outro de Macau e um terceiro escolhido por ordem alfabética de forma rotativa entre os países de língua portuguesa durante um mandato de três anos; um delegado de cada Estado membro do Fórum e os seus Embaixadores em Pequim. Cada um dos Secretários-Gerais Adjuntos tutela um dos gabinetes do Secretariado Permanente que foram sendo sucessivamente criados, embora estes sejam coordenados por funcionários do próprio gabinete: Gabinete de Administração (China), encarregue do trabalho diário do Secreta-

<sup>27</sup> Cf. *Forum of China-Africa Cooperation* (FOCAC), 2000; *Boao Forum for Asia* (BFA), 2002; *Shanghai Cooperation Organization* (SCO), 2001; *Sino-Arab Cooperation Forum* (SACF), 2004; *China Arab States Trade and Economic Cooperation Forum* (CASCF), 2010; *China-Pacific Island Countries Economic Development and Cooperation Forum* (CPICEDCF), 2006.

<sup>28</sup> Fórum Macau, “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial”, Macau, 13 de Outubro de 2003.

<sup>29</sup> *Oriente Ocidente*, Instituto Internacional de Macau, Nº23, Janeiro de 2010, p. 25.

riado; Gabinete de Apoio (Macau), que providencia recursos financeiros, administrativos e logísticos para as actividades do Secretariado; Gabinete de Ligação (países de língua portuguesa), que gere os contactos entre o Fórum e os seus Estados membros<sup>30</sup>.

Os delegados que representam os Estados-membros neste mecanismo coordenam-se com os “pontos focais” dos seus países, funcionários incumbidos de receber e divulgar informação do Fórum em coordenação com a Embaixada acreditada em Pequim, com o Secretariado Permanente e com alguns Sectores a nível Nacional. No caso de Angola, Brasil e Moçambique, os pontos focais são funcionários das Direcções da Ásia e Oceânia dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros ou Relações Exteriores. Em Portugal, Timor Leste e Guiné-Bissau, os pontos focais pertencem ao Ministério da Economia (no caso da Guiné, pertenceu anteriormente ao Ministério dos Negócios Estrangeiros). Em Cabo Verde, o ponto focal está na Cabo Verde Investimentos, a agência de promoção de investimento, turismo e exportações. A abordagem que os Estados-membros fazem do Fórum Macau é, assim, bastante diversificada.

Como o regulamento do Fórum não impõe um modo de conduta uniforme, a forma de actuação dos delegados também varia de país para país. Por um lado, Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e Timor têm delegados permanentes, embora o delegado de Angola partilhe as suas funções entre o Secretariado Permanente e o Consulado de Angola em Macau e a delegada de Moçambique vá frequentemente a Pequim tratar de assuntos do plano bilateral. Por outro lado, o Brasil limita-se a enviar a Macau o seu Cônsul em Hong Kong para as reuniões que considera relevantes, e Portugal envia a delegada da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) em Macau às reuniões semanais do Fórum.

O Fórum Macau é uma forma muito específica de cooperação trans-regional. Por um lado, não é uma Organização Internacional, pois a única estrutura permanente é o Secretariado, e o Fórum só se constitui formalmente nas Conferências Ministeriais, momento de reunião dos altos representantes dos países membros. Por outro lado, é mais do que um mero fórum, pois o facto de ter um secretariado em permanência permite a organização de iniciativas regulares, revestindo-o de um dinamismo que não teria se estivesse reduzido aos encontros promovidos pelas Conferências Ministeriais. Esta indefinição tem sido reforçada pelo facto do Secretariado Permanente não ter estatuto jurídico na RAEM, o que também impede os delegados de usufruir de estatuto diplomático. Na última Conferência Ministerial, como resultado da grande pressão exercida por parte dos países de língua portuguesa, decidiu-se alterar esta situação, embora a decisão ainda não tenha entrado em vigor:

*Os Ministros reiteraram que, com vista a uma implementação eficaz das acções adoptadas pela 3ª Conferência Ministerial, torna-se necessário continuar a aperfeiçoar a estrutura orgânica e as funções do Secretariado Permanente e, neste sentido, apelaram*

<sup>30</sup> Fórum Macau, “Regulamento de Funcionamento do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa,” 10 de Março de 2008.

*à intensificação da comunicação deste com o Grupo dos Chefes de Missão dos Países de Língua Portuguesa em Pequim enquanto mecanismo privilegiado de concertação, bem como recomendaram dotar o Secretariado Permanente do Fórum de Macau de um estatuto legal na Região Administrativa Especial de Macau*<sup>31</sup>.

Várias razões podem ser apontadas para esta resistência da China e de Macau em dotar o Secretariado de existência legal. Por um lado, esta formalização poderia elevar o Fórum ao estatuto de uma Organização Internacional com conotação política, dando à RAEM um papel formal em termos de política externa, desafiando os pressupostos da Declaração Conjunta e da Lei Básica no sentido de limitar a sua autonomia a esse nível. Em segundo lugar, é mais fácil permitir a presença de São Tomé e Príncipe como observador num Fórum com as características actuais do que se houver evolução para uma estrutura mais formal. A presença de representantes de São Tomé nas Conferências Ministeriais do Fórum interessa a Pequim, funcionando como forma de atracção conducente a um possível rompimento de relações diplomáticas com Taipei, mas tal presença seria bem mais complicada do ponto de vista político se o Fórum evoluísse em termos jurídicos.

Na verdade, houve sempre uma tentativa de ofuscar as intenções políticas do Fórum e, talvez por isso, tenha sido enquadrado no Ministério do Comércio da China e não no Ministério dos Negócios Estrangeiros, ao contrário do Fórum sino-africano<sup>32</sup>, por exemplo. O Fórum Macau foi criado como:

*um mecanismo de cooperação de iniciativa oficial sem carácter político, que tem como tema chave a cooperação e o desenvolvimento económico e tem por objectivo reforçar a cooperação e o intercâmbio económico entre a República Popular da China e os Países de Língua Portuguesa, dinamizar o papel de Macau como plataforma de ligação a esses países e promover o desenvolvimento dos laços entre a República Popular da China, Macau e os Países de Língua Portuguesa.*<sup>33</sup>

No entanto, mesmo não sendo assumida, a dimensão política deste Fórum “económico e comercial” é particularmente evidente durante as Conferências Ministeriais, encontros de alto nível que se realizam em Macau no Outono, de três em três anos: 2003, 2006 e 2010<sup>34</sup>. A 3ª Conferência Ministerial contou com a presença do Presidente José Ramos Horta de Timor Leste e dos Primeiros-Ministros Carlos Gomes Júnior da Guiné-Bissau,

<sup>31</sup> Fórum Macau, “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial da 3ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (2010-2013)”, Macau, 14 de Novembro de 2010.

<sup>32</sup> O *Forum on China-Africa Cooperation* (FOCAC) foi criado em 2000, sob tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC.

<sup>33</sup> Fórum Macau, “Apresentação do Fórum”, in <http://www.forumchinapl.org.mo/pt/aboutus.php>, página consultada a 23 de Setembro de 2012.

<sup>34</sup> A última Conferência Ministerial foi adiada de 2009 para 2010 aparentemente por dois motivos: devido ao atraso na substituição do falecido Secretário-Geral do Fórum Macau e para não coincidir com as celebrações dos 10 anos da transferência da administração portuguesa para a chinesa.

Aires Bonifácio Ali de Moçambique, José Sócrates de Portugal e Wen Jiabao da China<sup>35</sup>. Visivelmente interessado em projectar a imagem e elevar o nível do Fórum, o Primeiro-Ministro chinês evidenciou o apoio político do Governo central, anunciando a criação de um Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa. A explicação do funcionamento deste fundo, tão aguardada pelos empresários dos países lusófonos, foi feita pelo Secretário para a Economia e Finanças de Macau Francis em Março de 2012, durante a reunião ordinária do Secretariado Permanente:

*Destinado à cooperação multilateral, o Fundo, constituído por iniciativa do Governo da China, tem recebido o apoio e o reconhecimento dos Governos dos Países participantes do Fórum de Macau. É de mil milhões de USD o valor total do Fundo, cujo capital inicial será compartilhado pelo Banco de Desenvolvimento da China e pelo Fundo de Desenvolvimento Industrial e de Comercialização de Macau, ambos na qualidade dos investidores-pilar (corner stone investor) do Fundo. O Fundo destina-se exclusivamente aos pedidos de investimentos e financiamento apresentados por empresas da China (incluindo a Região Administrativa Especial de Macau) e pelos Países de Língua Portuguesa, utilizando o capital como eixo de ligação para promover o desenvolvimento das empresas, o avanço da globalização e o crescimento económico dos países envolvidos, concretizando uma importante medida adoptada pelo Governo Chinês para estimular e aprofundar a cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa<sup>36</sup>.*



Fig. 11 – 3ª Conferência Ministerial do Fórum Macau, Novembro de 2010

<sup>35</sup> Cabo Verde esteve representado por Humberto Brito, Secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro; Angola pelo Ministro da Economia Abrahão Gourgel; e o Brasil pelo Vice-Ministro das Relações Exteriores Carneiro de Mendonça. Fórum Macau, *Boletim Trimestral*, Secretariado Permanente do Fórum, Nº16-17, 2011, p. 4.

<sup>36</sup> Fórum Macau, “Apresentação do Fundo de Desenvolvimento para a Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa – Casos de Estudo”, in <http://www.forumchinapl.org.mo/pt/subjectResearch.php>, página consultada a 28 de Setembro de 2012.



Fig. 12 – Anúncio do Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Março de 2012

Uma das funções das Conferências Ministeriais em Macau é a aprovação do Plano de Acção para os três anos seguintes, previamente negociado em termos puramente diplomáticos em Pequim, entre o Comité de Embaixadores dos países de língua portuguesa e funcionários do Ministério do Comércio chinês. A tradução do Plano de Acção em actividades concretas é decidida anualmente, no mês de Março, nas reuniões ordinárias com representação dos três Gabinetes do Secretariado Permanente, contando com a presença dos pontos focais dos vários Estados-membros e dos seus Embaixadores em Pequim. Cabe, depois ao Secretariado, enquanto órgão permanente que funciona diariamente em Macau, implementar todas as decisões.

O papel de plataforma “*no reforço da cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa*” que é atribuído a Macau abrange três dimensões principais:

*[...] cooperação entre as empresas de Macau, do interior da China e dos Países de Língua Portuguesa, no desenvolvimento conjunto de múltiplas formas de cooperação nas áreas de comércio, logística, investimento, agricultura e pescas, exploração de recursos naturais, construção de infra-estruturas, saúde e telecomunicações.*

*[...] formação de recursos humanos para os Países de Língua Portuguesa [...], em particular nas áreas de línguas, comércio, turismo, finanças e gestão empresarial e administrativa.*

*[...] criação de oportunidades de estágio nos Países de Língua Portuguesa para os graduados e profissionais formados em Macau com o objectivo de fomentar a formação e aperfeiçoamento no domínio da língua portuguesa<sup>37</sup>.*

<sup>37</sup> Fórum Macau, “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial”, Macau, 14 de Novembro de 2010, Art. 14 (Papel de Macau como plataforma).

Destas três dimensões destaca-se a da formação de recursos humanos, ao ponto do Secretariado Permanente ter criado, em 2011, um Centro de Formação do Fórum de Macau. A RAEM tem dado um contributo inestimável neste sentido, não só através do apoio financeiro dos quadros que se deslocam a Macau para receber formação mas também pela própria organização das acções, o que tem sido feito na Universidade de Macau. Têm-se deslocado com grande regularidade técnicos das mais variadas áreas provenientes dos países de língua portuguesa, áreas essas que são propostas pelos seus países consoante os interesses. A propósito de um dos últimos cursos de formação, o “*Colóquio sobre o Ensino das Línguas Chinesa e Portuguesa na China e nos Países de Língua Portuguesa*” dirigido a professores, o Secretário-Geral do Fórum, Chang Hexi afirmou que a vocação fundamental de Macau é servir de canal sem ser protagonista: “*Através da organização deste tipo de colóquios, todos os países de língua portuguesa podem concentrar-se aqui em Macau e aproveitar esta plataforma para trocar impressões, para melhorar este ensino. [...] É esse o papel que uma plataforma como Macau está a desempenhar.*”<sup>38</sup>



Fig. 13 – Hall de Entrada do Secretariado Permanente do Fórum Macau

Na área empresarial, a cooperação tem passado pela “*organização, de forma rotativa, do Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa*” para “*divulgar informações sobre investimento e oportunidades de negócios, incentivar visitas empresariais recíprocas e a participação de empresas nas exposições, feiras e encontros empresariais para a cooperação económica e comercial realizados nos Países Participantes do Fórum de Macau.*”<sup>39</sup> As bolsas de negócios, organizadas pelas agências de investimentos do país anfitrião e instituições de promoção de investimento

<sup>38</sup> Chang Hexi, “Ensino de português e chinês deve ter mais qualidade,” entrevistado por a Maria Caetano, *Ponto Final*, 14 de Agosto de 2012.

<sup>39</sup> Fórum Macau, “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial”, Macau, 14 de Novembro de 2010, Art. 3 (Investimento e Cooperação Empresarial).

da China e de Macau, facilitam as negociações bilaterais para realização de transacções comerciais e constituição de parcerias para investimento<sup>40</sup>.

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) tem tido um papel que vai muito além deste apoio no âmbito do Encontro de Empresários, não só através da informação e publicações que disponibiliza na sua página de internet, tendo um papel importante na divulgação das iniciativas do Fórum Macau<sup>41</sup>, mas também da organização de missões empresariais em conjunto com o Secretariado Permanente. Estas viagens, apoiadas financeiramente pelo Governo da RAEM, são apresentadas em pacotes muito atractivos para empresários, advogados e outros profissionais de Macau e da China continental com interesses no mundo lusófono. Assim, com o apoio do IPIM, o Fórum parece ambicionar posicionar-se como uma grande câmara de comércio entre a China e os países de língua portuguesa para apoiar Pequenas e Médias Empresas (as grandes empresas estatais entram em negociações directas, não precisam de passar por Macau). O Fórum recebe pedidos crescentes de empresários, nomeadamente da zona de Cantão, para participar nas visitas e obter apoio administrativo e jurídico para entrar nesses países.

Os próprios cursos de formação direccionados para os países de língua portuguesa, complementados com visitas organizadas em Macau e na China, contribuem para criar um ambiente de confiança entre os dois lados, agilizando o estabelecimento de laços comerciais. Muitos dos participantes lusófonos, depois de dias de palestras, banquetes e visitas turísticas e empresariais, regressam aos seus países atraídos pelo modelo de desenvolvimento chinês e com um sentimento de familiaridade com Macau. A herança histórica da administração portuguesa da RAEM, única característica que a China partilha com o mundo lusófono, aliada ao tradicional papel de ponte entre Oriente e Ocidente de Macau, contribuem para criar um ambiente familiar onde os líderes e empresários de continentes distantes, se sentam confortáveis para negociar, numa inovadora forma de cooperação regional entre países que, à partida, tinham poucas afinidades.

## **Conclusão: Que Plataforma?**

Não temos espaço, neste curto ensaio, para analisar em profundidade o impacto real da consolidação de Macau como plataforma na aproximação da China ao mundo lusófono. Gostaríamos, no entanto, de deixar umas breves notas para futura reflexão. Os países de língua portuguesa, como já foi afluído quando dissertámos acerca da lusofonia, não são uma massa cultural, política e económica homogénea com as mesmas características e visões idênticas do mundo. Pelo contrário, trata-se de um grupo heterogéneo até

---

<sup>40</sup> Gama, Joaquim, Delegado de Angola no Secretariado Permanente do Fórum de Macau, Apresentação sobre “O Fórum de Macau”, Colóquio Internacional sobre o Português nas Organizações Internacionais, Luanda, 4 de Julho de 2012.

<sup>41</sup> Ver publicações do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, in <http://www.ipim.gov.mo>, nomeadamente a *Macau Image*, Nº53, Janeiro de 2011, dedicada à 3ª Conferência Ministerial do Fórum Macau.

em termos geográficos, paisagísticos, comportamentais e no próprio domínio da língua, o único traço comum que os empurra para a mesma categoria de mundo lusófono, não é homogéneo. Assim, é natural que Pequim cultive com eles relações bilaterais muito diversificadas e que as suas percepções da relevância de Macau enquanto plataforma de ligação à China sejam, igualmente, variadas.

Vimos que o papel da RAEM enquanto ponte da China para a lusofonia é fomentado por várias instituições e iniciativas governamentais e da sociedade civil, sendo o Fórum de Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa a mais visível. Este Fórum tem características únicas que não lhe permitem evoluir para uma Organização Internacional, desde logo porque em termos formais se esgota nas Conferências Ministeriais, organizadas de três em três anos, não tendo outra estrutura permanente para além do seu Secretariado que, não só não tem estatuto legal, como está sediado numa região sem autonomia em relações internacionais e que nem sequer é membro do Fórum (a não ser de forma indirecta por ser uma Região Administrativa Especial da China).

Além disso, basta uma leitura atenta da estrutura deste Secretariado Permanente, em que o cargo de Secretário-Geral é vitaliciamente assumido por Pequim, para concluirmos que atenta contra os princípios básicos do multilateralismo em termos de igualdade e rotatividade na liderança. O Fórum Macau não é uma verdadeira instituição multilateral mas sim a institucionalização das relações bilaterais entre a China e cada um dos restantes membros. Nos Planos de Acção, na secção dedicada à cooperação inter-governamental, a referência à dimensão multilateral aparece sempre paralelamente à bilateral sem nunca se sobrepor. Refere-se o desenvolvimento das relações económicas e comerciais “*quer a nível bilateral, quer a nível multilateral*”, assumindo que o objectivo é o reforço da interacção bilateral e não a criação de uma forma alternativa de cooperação multilateral:

*Os Ministros acordaram na intensificação e aperfeiçoamento do mecanismo de consultas bilaterais entre a China e os Países de Língua Portuguesa...*

*Os Ministros concordaram que os mecanismos a estabelecer no quadro do Fórum serão complementares aos já existentes nas consultas bilaterais...*

*Os Ministros reafirmaram o seu empenho no desenvolvimento das relações bilaterais na área económica...*<sup>42</sup>

Isto dá legitimidade a que os Estados membros do Fórum Macau o coloquem num plano secundário relativamente aos canais bilaterais e que a importância que os países lhe atribuem varie consoante a solidez do relacionamento que têm com a China. Assim, o empenho nas actividades do Fórum e a avaliação que fazem do apoio financeiro da RAEM também é muito variável. Por exemplo, em relação aos representantes dos países de língua portuguesa no Secretariado Permanente, podemos identificar delegados muito empenhados e pontos focais muito activos nos ministérios a que eles pertencem; mas também encontramos o inverso. O facto de o Fórum não ser prioritário, combinado

<sup>42</sup> Ver Planos de Acção resultantes das Conferências Ministeriais, Macau, 13 de Outubro de 2003; 25 de Setembro de 2006; 14 de Novembro de 2010.

com alguns constrangimentos<sup>43</sup> e com a forma algo aleatória como estes funcionários são seleccionados, resulta nalgumas escolhas de perfis com menos sensibilidade para o trabalho em causa. Uma outra questão é a do financiamento que é dado aos delegados pelo Gabinete de Apoio do Secretariado Permanente. Este apoio é bem-vindo por alguns países mas é mal visto por outros, a quem não agrada esta posição de dependência (em relação a este Gabinete, a Macau e a Pequim), levando-os a abdicar de um representante em permanência no Fórum. Outros países optam por usar a proximidade de Pequim para incumbir o seu representante em Macau de dar andamento a assuntos bilaterais. A falta de rigidez e uniformidade no *modus operandi* garante a coexistência das diferentes perspectivas, também ilustrada pelo facto dos pontos focais pertencerem a diferentes ministérios nos vários Estados membros.

O processo de tomada de decisão no Fórum também é único, embrenhado numa grande indefinição sobre onde acaba a cooperação económica e comercial e onde começa a política externa. O Plano de Acção é discutido pelo Ministério do Comércio da China – ao ser um fórum económico e comercial não pertence ao Ministério dos Negócios Estrangeiros – e pelos Embaixadores dos países de língua portuguesa em Pequim. No entanto, o Plano de Acção é assinado na Conferência Ministerial em Macau pelos Ministros que têm a pasta do Fórum que, como vimos, nem sempre pertencem aos Ministérios dos Negócios Estrangeiros dos quais dependem os Embaixadores que o negociaram. Por fim, o Plano de Acção traduz-se em planos de actividades anuais negociados no Secretariado Permanente pelos Embaixadores, Ministros, pontos focais e delegados, e é executado pelos delegados. Como os delegados são geralmente funcionários dos ministérios que tutelam a pasta do Fórum Macau, onde estão baseados os pontos focais<sup>44</sup>, nem sempre são diplomatas, por isso não têm canais de comunicação agilizados com as embaixadas em Pequim. Com um organigrama tão complexo, envolvendo vários ministérios e funcionários, a pasta do Fórum exigiria coordenação entre vários Ministros e uma decisão estratégica de topo sobre a melhor forma de o usar para complementar o canal bilateral no relacionamento com a China. A dificuldade em fazer isto resulta em informação muito difusa (até em relação às acções de formação) e numa incapacidade de identificar e capitalizar as mais-valias do Fórum.

Um Fórum com estas especificidades provavelmente só poderia existir na Região Administrativa Especial de Macau, um espaço único no mundo, ponto de encontro de culturas lusófonas dentro da própria China, com definições jurídicas difusas no campo das suas relações externas. Ao assumir e promover a RAEM como uma plataforma única nas suas relações com o mundo lusófono, capitalizando a sua herança cultural e linguística e suavizando a conotação negativa das memórias coloniais, a China acarinha a estra-

---

<sup>43</sup> Um dos constrangimentos é o facto de não ser fácil encontrar funcionários com o perfil adequado e que dominem a língua portuguesa em todos os Estados-membros do Fórum; isto é particularmente evidente em Timor-Leste. Este constrangimento extravasa a escolha dos delegados e dos pontos focais e afecta de forma visível a selecção de candidatos para os cursos de formação do Fórum em Macau.

<sup>44</sup> No caso de Moçambique isto não acontece: o ponto focal está no Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação mas a delegada no Secretariado Permanente pertence ao Ministério da Indústria e Comércio.

tégia definida por Portugal há 500 anos. No cruzamento do Oriente com o Ocidente, Macau transitou da administração portuguesa para a chinesa mas a importância do seu papel de intermediário teima em subsistir.

## Fontes

“Acta das conversações sobre a questão de Macau” e “Comunicado conjunto sobre o estabelecimento de relações diplomáticas formais entre a China e Portugal”, Paris, 8 de Fevereiro de 1979.

Associação das Universidades de Língua Portuguesa, *in* <http://aulp.org>.

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, *in* <http://www.lusofonias.net>.

Cardoso, Daniel e Mendes, Carmen Amado, “Lusofonia em Macau: Que Contributos para o reforço das relações Sino-Brasileiras?” *in* Pretov, Petar *et al.* (eds.), *Avanços em Comparatismos nas Lusofonias*, Associação Internacional de Lusitanistas, Através Editora, Santiago de Compostela-Faro, 2012, pp. 133-150.

*Constituição da República Portuguesa*, Coimbra, Atlântida Editora, 1976.

“Declaração Conjunta do Governo da República Portuguesa e do Governo da República Popular da China sobre a Questão de Macau”, Pequim, 13 de Abril de 1987.

Feira Internacional de Macau, Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, *in* <http://www.mif.com.mo>.

Fórum Macau (Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa), *in* <http://www.forumchinaplp.org.mo/pt>.

Fórum Macau, *Boletim Trimestral*, Secretariado Permanente do Fórum (vários anos).

Fórum Macau, “Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial”, Macau, 13 de Outubro de 2003; 25 de Setembro de 2006; e 14 de Novembro de 2010.

Fórum Macau, “Regulamento de Funcionamento do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa,” 10 de Março de 2008.

Gama, Joaquim, “O Fórum de Macau”, Colóquio Internacional sobre o Português nas Organizações Internacionais, Luanda, 4 de Julho de 2012.

Instituto do Desporto, “Os Jogos da Lusofonia”, *Desporto de Macau*, Governo da Região Administrativa Especial de Macau, N° 2, 2006.

Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, “15º Festival da Lusofonia, 4ª Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa,” Governo da Região Administrativa Especial de Macau, *in* <http://www.iacm.gov.mo>.

*Jornal Tribuna de Macau*, 23 de Fevereiro de 2012.

“Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China”, Pequim, 31 de Março de 1993.

*Macau Image*, Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, N°53, Janeiro de 2011.

Nascimento, Augusto, “A Lusofonia para além dos afectos e dos adornos: as premissas de um (possível) saber partilhado”, *Relações Internacionais*, N°15, Setembro de 2007, pp.125-132.

*Ponto Final*, 22 de Fevereiro de 2011, 14 de Agosto de 2012 e 7 de Setembro de 2012.

*Novidades da Plataforma*, Associação Económica e Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos.

*OrienteOcidente*, Instituto Internacional de Macau.

*Revista Macau*, Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau.

Sá, Gonçalo César (coord.), *Macau e as Relações Económicas China / Países de Língua Portuguesa – dez anos de crescimento 1999-2009*, Instituto Internacional de Macau, Macau, 2009.

Sá, Gonçalo César (coord.), *À descoberta da China e dos países lusófonos: Macau: potencialidades turísticas e estratégias promocionais*, Instituto Internacional de Macau, Macau, 2011.

## A CHINA E A TRANSFORMAÇÃO DA ÁSIA

Carlos Gaspar

A China define a forma da Ásia. O seu nome – o Império do Meio – confirma a sua posição histórica no centro da Ásia, tentativamente protegida dos bárbaros pela Grande Muralha e rodeada de tributários, desde a Mongólia e a Manchúria até à Coreia, desde o Vietnam e Malaca até ao Turquestão.

No século XIX, a decadência do Império chinês foi sinónima do declínio da Ásia, que passou a ser designada como o “Extremo Oriente”, a denominação geográfica com que os europeus estipulavam a sua posição remota em relação ao Ocidente. Na política internacional, a “Questão do Extremo Oriente” referia-se à partilha da China entre as potências europeias, uma prioridade estratégica para o Império czarista na sua competição com o Império britânico. Em 1900, o cerco às Legações estrangeiras em Pequim foi levantado pela intervenção directa de destacamentos militares da Rússia, do Japão, da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França e mesmo da Alemanha, da Áustria e da Itália, que ocuparam a capital da China.

O fim do Império chinês marcou o princípio da ascensão do Japão, o único país asiático que soube acompanhar o ciclo da modernização industrial. Em 1905, a armada japonesa afundou a esquadra russa nos Estreitos de Tsushima e, no fim da Grande Guerra, o Império japonês foi o único Estado não-ocidental reconhecido como uma potência vencedora nas Conferências de Paz de Paris. A fragmentação da China pós-imperial abriu caminho à sua invasão pelo Japão, que concluiu uma aliança com a Alemanha – o “Eixo Roma-Berlim-Tóquio” – contra as potências ocidentais. O Império japonês queria criar uma “Esfera de Co-Prosperidade da Grande Ásia Oriental” e, em 1942, dominava a Ásia marítima desde a Coreia e o Vietnam até à Birmânia, desde a Sakalina e as Filipinas até Timor. Mas a China resistiu na frente interior continental e, depois da rendição da Alemanha, os Estados Unidos derrotaram e ocuparam o Japão.

### A China e a Ásia Oriental

Em 1945, a República da China foi reconhecida como parte da coligação dos vencedores da II Guerra Mundial. Nas cimeiras dos “Três Grandes”, os Estados Unidos garantiram que o seu aliado seria a única potência asiática entre os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Nesse quadro, passaram a existir as condições internacionais indispensáveis para a China reconstruir a Ásia Oriental. Porém, o reconhecimento externo não chegou para

ultrapassar as divisões internas entre as duas alas do movimento nacionalista chinês. A guerra civil entre o Guomindang, relutantemente sustentado pelos Estados Unidos, e o Partido Comunista, vagamente apoiado pela União Soviética, só terminou depois da proclamação da República Popular da China, em 1949, que abriu caminho para a aliança entre as duas principais potências comunistas. No ano seguinte, a intervenção dos “voluntários” do Exército Popular de Libertação chinês na Guerra da Coreia consolidou o bloco sino-soviético, mas a República Popular não pôde ocupar o lugar da China no Conselho de Segurança até 1971.

Durante a Guerra Fria, a China, como todos os outros Estados e, por maioria de razão, os membros dos dois campos inimigos, ficou refém da competição estratégica entre os Estados Unidos e a União Soviética. A projecção asiática da disputa bipolar provocou não só a divisão entre as duas Coreias e entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul como, sobretudo, impôs a separação permanente entre o regime comunista na China continental e o regime nacionalista entrincheirado na Formosa, onde pôde sobreviver sob protecção norte-americana. A China foi a única potência relevante que conseguiu romper com o bloco soviético, mas ficou presa numa segunda Guerra Fria que opôs as duas grandes potências comunistas até às vésperas da dissolução da União Soviética.

Sem a China no seu centro, a Ásia não se pôde reconstituir: o espaço asiático desintegrou-se em função das linhas de demarcação políticas, ideológicas e estratégicas impostas pela dupla guerra fria que opunha o campo comunista aos países anti-comunistas, assim como as duas principais potências comunistas entre si.

A clivagem ideológica entre os países comunistas e os aliados asiáticos dos Estados Unidos dividiu o espaço regional e separou a Coreia do Norte, a China continental e o Vietnã do Norte da Coreia do Sul, do Japão, de Taiwan e do Vietnã do Sul. Depois, a cisão sino-soviética aproximou a China do Japão e do Paquistão, ao mesmo tempo que acentuava as tensões entre a maior potência asiática e os aliados asiáticos da União Soviética, como a Índia e o Vietnã. Por outro lado, a fragmentação regional autonomizou a Ásia do Sudeste, incluindo a Indonésia e a Malásia, as Filipinas, a Tailândia, Singapura, o Bornéu e a Birmânia, bem como a Ásia do Nordeste, incluindo o Japão e as duas Coreias. Paralelamente, a Índia e o Paquistão, o Ceilão, o Nepal, o Butão e, mais tarde, o Bangladesh, formaram uma nova entidade regional na Ásia do Sul. O Japão e os Estados Unidos tornaram-se aliados na Ásia-Pacífico, um espaço regional onde se inseriram também a Austrália, a Nova Zelândia e as ilhas do Pacífico Sul. Por último, a Ásia Central tinha deixado de existir no século XIX com a expansão do Império russo, cujo legado foi consolidado pelo seu herdeiro soviético, que se arriscou mesmo a invadir o Afeganistão.

Nesse contexto, continuou a não ser possível identificar a Ásia nem como uma entidade política, nem como um espaço autónomo no sistema internacional.

O fim da Guerra Fria trouxe consigo não só uma nova estrutura de distribuição do poder, mas também uma nova dinâmica internacional, em que as tendências de regio-

nalização substituíram o impasse bipolar e a divisão Leste-Oeste. A força crescente da regionalização transformou a Ásia nos últimos vinte e cinco anos.

Numa primeira fase, a China regressou ao centro da região e a sua rápida ascensão, marcada pelo crescimento acelerado da economia, tornou possível a reconstituição da Ásia Oriental como um espaço estratégico, político e económico autónomo. A principal potência continental conseguiu reunir o conjunto dos Estados da Ásia marítima que o Japão tinha tentado unificar, sem sucesso, cinquenta anos antes. A “asianização” da China restaurou a Ásia Oriental e reuniu à sua volta tanto a Ásia do Nordeste, como a Ásia do Sudeste, incluindo os dez Estados da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), bem como Timor-Leste, que se tornou independente em 2002.

A ressurgência da Ásia Oriental resultou de uma conjugação de factores. Desde logo, o retraimento assimétrico da Rússia e dos Estados Unidos no fim da Guerra Fria criou as condições externas indispensáveis para uma crescente autonomia regional. Por outro lado, liberta da ameaça soviética, a China pôde transferir o seu centro de gravidade estratégica do Norte para o Sul e do interior para a orla marítima. A abertura asiática da China foi crucial para o sucesso da grande transformação económica e social que está na origem da sua restauração. Finalmente, a China e o Japão substituíram os Estados Unidos como os principais parceiros comerciais de todos os países da região e consolidaram a integração económica da Ásia Oriental.

No fim do século XX, a China voltou a ser uma grande potência e a Ásia Oriental voltou a existir como uma entidade autónoma na política internacional.

## **A China e a Grande Ásia**

Numa segunda fase, o reconhecimento da China pelos Estados Unidos como a única potência que podia pôr em causa a sua preponderância unipolar, a ascensão paralela da China e da Índia e a competição cada vez mais intensa entre a China, a Índia e o Japão criaram as condições para a emergência de uma Grande Ásia.

A história desse processo está por fazer. Na viragem do século, tanto a transformação acelerada da China e da Índia, como a dinâmica regional asiática começaram a ser reconhecidas internacionalmente. A China tornou-se o principal parceiro comercial dos Estados Unidos e da União Europeia e a sua economia cresceu a uma média de dez pontos percentuais durante vinte anos. A Índia seguiu um trajecto paralelo a um ritmo mais lento na economia - seis ou sete pontos percentuais de crescimento anual do produto interno bruto – mas igualmente profundo na transformação social. Em ambos os países, um terço da população – entre trezentos e quatrocentos milhões de Chineses e outros tantos Indianos – passou a ter as condições de vida e as expectativas típicas das classes médias urbanas. Na China, o processo de urbanização mais rápido registado na história fez com que metade da população passasse a viver em cidades.

Neste momento, duas das três principais economias mundiais – a China e o Japão – são asiáticas, enquanto a China e a Índia se tornaram responsáveis pela maior parte do crescimento do produto global desde a crise financeira de 2008. A intensidade crescente da competição estratégica regional fez com que os países asiáticos ultrapassassem os países europeus em gastos militares a partir de 2012. As marinhas de guerra da China, da Índia e da Tailândia passaram a ter porta-aviões. Três dos cinco exércitos com mais de um milhão de soldados são asiáticos – a China, a Índia e o Vietnã – bem como quatro das nove potências nucleares – a China, a Índia, o Paquistão e a Coreia do Norte. A Grande Ásia é a única região onde persistem disputas territoriais entre as três potências principais – entre a China e a Índia e entre a China e o Japão - e entre três potências nucleares – entre a China e a Índia e também entre a Índia e o Paquistão.

O reconhecimento da Grande Ásia como o novo centro de gravidade estratégica da política internacional ficou mais próximo depois da queda do Lehman Brothers, em 15 de Setembro de 2008, que tornou mais credível a percepção de um declínio relativo da Europa Ocidental.

Dois meses depois, os Estados Unidos deram um sinal inequívoco do reconhecimento da mudança na balança económica internacional, quando o Presidente norte-americano desistiu de convocar o G7-G8 e decidiu realizar a primeira cimeira de Chefes de Estado e de Governo do G20, onde têm assento o mesmo número de países europeus e asiáticos. O G20 foi investido como o centro de resposta à crise financeira internacional e, na cimeira de Washington, o protocolo norte-americano sentou Hu Jintao à direita de George W. Bush: nem Zbigniew Brzezinski, nem Henry Kissinger resistiram a anunciar o advento do “G2” – a “parceria estratégica” sino-americana que devia criar uma nova “Comunidade do Pacífico” para substituir a velha comunidade transatlântica.

Porém, na China prevaleceu a tese sobre a irreversibilidade do declínio ocidental, que evoca, sem a referir, a fórmula canónica de Mao Tsetung: o “Vento de Leste” vai substituir o “Vento de Oeste”. Para os estrategas chineses, a decadência dos Estados Unidos e do Ocidente é o corolário natural da ascensão da China e do Oriente: as posições respectivas inverteram-se e, quinhentos anos depois da tomada de Malaca por Afonso de Albuquerque, a história voltou a estar do lado da Ásia.

Os Estados Unidos reconheceram formalmente a China como o seu *challenger*. Em 2011, a Secretária de Estado Hillary Clinton anunciou o “*pivot*” asiático e, no ano seguinte, o documento oficial do Departamento da Defesa sobre as *Defense Guidelines* confirmou essa viragem referindo-se a uma nova Ásia, incluindo a China e a Índia, enquadrada por dois oceanos, o Índico e o Pacífico, como a região prioritária para a segurança internacional. Paralelamente, os analistas chineses antecipam uma nova bipolaridade dominada pela República Popular e pelos Estados Unidos, bem como a Grande Ásia em que a China fica situada entre duas grandes potências, a Índia e o Japão, no centro de quatro regiões – a Ásia do Norte, a Ásia do Sudeste, a Ásia do Sul e a Ásia

Central. A harmonia está restaurada e a China voltou a ser a potência do meio no centro de uma nova Ásia.

## A competição estratégica na Grande Ásia

A ascensão da China foi o factor determinante tanto para a reconstituição da Ásia Oriental, como para a emergência de uma Grande Ásia com uma configuração inédita e sem precedentes históricos. Mas a principal potência asiática pode não ter condições para assegurar a estabilidade desse espaço emergente.

A Grande Ásia tem uma estrutura de distribuição do poder com fortes afinidades com a da Europa Ocidental e uma dinâmica de competição estratégica próxima da que dominou a constelação europeia nas vésperas da Grande Guerra. Tanto na Ásia, como na Europa, existem três grandes potências e os Estados Unidos, desde a Guerra Fria, são tanto uma “potência asiática”, como uma “potência europeia”. A Ásia e a Europa representam ambas sistemas tripolares imperfeitos cujos equilíbrios internos podem ser determinados, ou “sobre-determinados” pela penetração da principal potência internacional: a presença estratégica dos Estados Unidos é a principal diferença que pode separar a Ásia de 2015 da Europa de 1913.

As três grandes potências asiáticas passaram a ser a China, a Índia e o Japão. Tal como na Europa, na Ásia duas das três potências são Estados nucleares (a China e a Índia) e a terceira (o Japão) é uma “potência civil” e um Estado não-nuclear, cuja segurança estratégica depende da aliança bilateral com os Estados Unidos. Tal como na Europa, na Ásia a maior potência continental quer impor, se possível pacificamente, o seu reconhecimento como a principal potência regional. A Ásia não duvida da vocação hegemónica de Pequim e tenta resistir ao “momento unipolar” chinês, enquanto a Europa permanece incrédula perante o “momento unipolar” alemão sem se opor verdadeiramente à “semi-hegemonia”, ou à “hegemonia relutante” de Berlim. Na Europa, o *primus inter pares* é uma democracia exemplar, uma “potência civil” e um Estado não-nuclear, enquanto na Ásia essa posição está ocupada por um regime autoritário, uma potência revisionista e um Estado nuclear.

Na Europa, o fim da Guerra Fria marcou o advento da “paz kantiana”, mas a Ásia não conseguiu sair do pântano hegeliano e chegar ao fim da história. Com efeito, os perigos de escalada entre as principais potências asiáticas são reais e os riscos de guerra na Grande Ásia não podem ser negados.

A nova balança do poder asiática tem três dimensões principais. A primeira é o equilíbrio bipolar entre os Estados Unidos e a China, a segunda é o triângulo asiático formado pela China, pela Índia e pelo Japão e a terceira o quadrilátero formado pelos Estados Unidos, pela Índia, pelo Japão e pela Austrália.

Os Estados Unidos e a China estão imersos numa competição permanente, que não os impede de serem parceiros económicos e financeiros relevantes, nem de concertar posições em crises regionais tão importantes como a deriva nuclear do sultanato comunista em Pyongyang.

No essencial, os Estados Unidos querem manter o status quo asiático e a China quer passar a ser a principal potência na Grande Ásia. A sua rivalidade estratégica domina a política asiática e concentra-se em múltiplas questões diferentes. No passado, Taiwan foi o centro da competição bilateral, mas, ultimamente, as ilhas dos mares da China do Sul e as questões territoriais entre a China e o Japão, incluindo as ilhas Senkaku, ou Diaoyutai, têm estado na primeira linha das tensões sino-americanas, a par da negociação do Tratado de Parceria do Pacífico (TPP), do qual os Estados Unidos querem excluir a maior economia asiática.

A China, a Índia e o Japão são as três potências que definem o essencial dos equilíbrios regionais. As condições de estabilidade nas suas relações são prejudicadas quer por questões territoriais clássicas, quer pela natureza dos regimes políticos, quer ainda pela lógica conflitual da estrutura tripolar.

As relações sino-indianas não têm uma fronteira reconhecida nem no Arunachal Pradesh, nem no Aksai Chin, a demarcação marítima e aérea dos espaços contíguos representa um factor de tensão permanente nas relações sino-japonesas. As elites comunistas chinesas temem o contágio democrático e as estratégias de “transição pacífica” que desfizem o regime soviético, enquanto as democracias indiana e japonesa, apesar da ausência de partidos comunistas pró-chineses relevantes, têm uma desconfiança profunda da autocracia chinesa. Na lógica da balança tripolar, a China quer impedir uma aliança entre a Índia e o Japão, sobretudo se esse pacto for tutelado pelos Estados Unidos. O Japão não pode continuar a depender só da aliança norte-americana e, perante a ascensão da China, precisa de se aliar com a outra grande potência asiática e de preparar a sua transformação num Estado com armas nucleares. A Índia, tal como a China, tem uma posição de princípio contra as alianças formais, que limitam a soberania nacional dos Estados. Porém, a força da ascensão da China torna a convergência com o Japão a escolha racional numa lógica de equilíbrio, mesmo quando as autoridades Indianas preferem evitar uma relação formal de aliança. No mesmo sentido, a permanência dos Estados Unidos na Ásia pode justificar uma evolução paralela da “parceria estratégica” entre a China e a Rússia, cuja aliança precipitaria, por sua vez, a convergência entre a Índia e o Japão.

Paralelamente, os Estados Unidos esboçaram um “*Quad*” asiático – um quadro informal de segurança naval entre os Estados Unidos, a Índia, o Japão e a Austrália, concentrado no arco marítimo que une o Índico e o Pacífico e assegura as linhas de comunicação cruciais entre o Golfo Pérsico e o mar do Japão. Os Estados Unidos começaram a alargar o seu modelo de alianças na Ásia: a estratégia norte-americana parece admitir novos quadros multilaterais, como o “*Quad*” e o TPP, ao mesmo tempo que se

aproxima dos antigos aliados asiáticos da União Soviética, como a Índia, o Vietnã ou a Mongólia, e tenta estimular alianças entre os seus parceiros regionais, nomeadamente entre o Japão e a Índia, entre a Austrália e o Japão, entre a Austrália e a Índia e entre a Índia e o Vietnã.

A estabilidade da balança do poder na Ásia depende, no essencial, de três condições. Em primeiro lugar, pressupõe a capacidade dos Estados Unidos para integrar a China e a Índia como “parceiros responsáveis” na ordem internacional e impedir que as duas principais potências continentais da Ásia se transformem ambas em potências revisionistas. Em segundo lugar, reclama a continuidade da estratégia pragmática chinesa, expressa na teoria da “ascensão pacífica”, mais concentrada no desenvolvimento da economia e da sociedade do que na expansão e na hegemonia regional, implícitas na teoria oficial de restauração, ou do “rejuvenescimento” da China. Em terceiro lugar, exige a estabilidade política da Índia e da evolução da democracia indiana, assente numa linha realista e moderada da sua política externa, sem ceder às tentações do radicalismo e do revisionismo.

Nenhuma dessas condições está assegurada e a fragilidade dos equilíbrios não permite excluir a possibilidade de uma escalada das tensões entre as potências asiáticas. O futuro da Ásia tanto pode ser o passado da Europa, que se destruiu a si própria nas guerras do século XX, como a restauração da sua antiga glória.



## PALAVRAS DO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE MARINHA

Senhores Académicos, Senhores Conferencistas, Senhores Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Chegou ao fim o nosso XIII Simpósio de História Marítima e o fim coroou a obra. *Finis coronat opus*. É que, a intervenção final do nosso convidado, Senhor Dr. Jorge Alberto Hagedorn Rangel, foi excelente e merecedora do nosso reconhecido agradecimento.

O Simpósio encerrou e, lembrando o que aqui referi no início acerca destes eventos na antiga Grécia, foi como se o ramo de mirto entregue ao primeiro orador tivesse agora chegado à minha mão, depois de, sucessivamente, ter passado pelas quase quatro dezenas de oradores.

A sequência das intervenções foi magnífica, sempre interessante, ao longo das três manhãs e três tardes, motivando permanentemente a numerosa e atenta assistência.

Na minha apreciação, o evento constituiu um êxito assinalável e sobre ele gostaria de fazer apenas três breves referências:

- A primeira para justificar a disciplina, talvez rigorosa, a que todos nos submetemos na gestão do tempo. Faz parte dos hábitos desta casa a qual, talvez por ser de marinheiros, usa essa regra. É que, no mar, estamos habituados a ver os astros a deslocarem-se pontualmente no firmamento, qual organizado conjunto de ponteiros de relógio e se medirmos a posição de qualquer um, por exemplo apenas com o erro mínimo de 4 segundos, isso nos pode fazer errar a longitude de uma milha (quase 2 quilómetros). Mas a navegação do nosso Simpósio decorreu bem, com presidentes de mesa e oradores a esforçarem-se, e muito, para terem *tempo para serem breves*. Muito obrigado pela vossa compreensão e esforço intelectual, tão bem conseguido. Parabéns.

- O segundo ponto gostaria eu que fosse conclusivo sobre aquilo que aqui se debateu. Mas sou incapaz de tentar, sequer, fazer qualquer súmula. Esse é um esforço que remeto, que atribuo, a todos nós que acompanhámos sempre os trabalhos. Terá de ser um esforço individual de cada intelecto, que vale a pena ser feito, tendo em conta que todo o conhecimento resulta de uma análise entre duas sínteses. A primeira destas tivemos-la à partida com o tema do Simpósio, com os seus subtemas e com os títulos das comunicações. A análise longa de três dias que se lhe seguiu permitirá, agora, a cada simposiasta fazer a sua síntese final. Peço-vos que a consigam.

Por mim, tenciono ponderá-la em torno de dois aspectos, sendo um passado e outro presente e futuro.

O primeiro procurarei que traduza a visão ampla que nós, os Portugueses, tivemos no estabelecimento, na implantação na China e no vasto Oriente e na ambição de desenvolver os interesses nacionais nessa imensa área do mundo onde, com muito e

inteligente saber técnico e humano, fomos grandes como nenhum povo até essa altura. Conhecimento, tecnologia, tenacidade, espírito de sacrifício, orgulho nacional e bom relacionamento humano foram a chave do êxito.

Que brilhante exemplo isso constituiu para o presente e para o futuro. E esse é o segundo aspecto da minha brevíssima síntese final. Isto é, há que valorizar o exemplo do passado com a sua enorme mais-valia que soubemos ir acumulando, ao longo do relacionamento multiseular com o grande e promissor país que é a China.

Por fim uma referência que é de elogio e agradecimento aos Senhores membros das comissões Científica e Organizadora, pelo êxito do planeamento e da execução, extensiva aos senhores oradores e demais participantes.

Por dever de justiça, lavro também o meu louvor aos militares e civis em serviço na Academia, pelo dedicado esforço que levaram a cabo.

Em suma, dirijo a todos as minhas agradecidas felicitações.

Foi um excelente Simpósio!

Nuno Vieira Matias  
Almirante



